

Migração dos Cisnes

romance

Ricardo Daunt

Parte 1

Capítulo 0

Quelque part

Apenas os barcos na marina de Deauville, em frente ao grande mar. Os cabos retiniam como guizos quando se chocavam contra os mastros. Lembravam algo como uma festa finda -- ou uma presença humana, provavelmente infantil, clamando para que o cais vazio se enchesse de aventura.

Na esquina entre as duas grandes avenidas, um homem de meia-idade, vestindo uma gabardine de tamanho menor do que o dele, mas em muito bom estado, uma calça de sarja escura e um chapéu castanho, parou em frente à lixeira, revolvendo seu conteúdo, provavelmente em busca de comida. The evening air was pale and chilly. O homem nada encontrou ali que o satisfizesse e seguiu em frente, sempre revolvendo outras latas encontradas pelo caminho.

Capítulo 1

Le Havre: um porto de névoa,
Flanco cinzento, rosto triste.
Porto-ave.

No Parque Mont Souris o jardineiro explicou a Lucien que o marronnier é originário do Cáucaso. Generosamente a árvore projetava seus galhos sobre o passeio, galhos repletos de folhas e flores alvas com um desenvolvido pistilo. Secundava-a um freixo seco, ainda imerso em sua existência invernal.

Vislumbrou através da copa do castanheiro o prédio da Maison des États Unis, do outro lado do Boulevard Jourdan, que formava um *u* que se dissolvia e tornava a reaparecer por entre os galhos. Abaixando a vista, Lucien deparava o alambrado da Cité Universitaire que se interrompia para dar lugar às escadarias sob o pórtico da entrada principal do campus.

Lucien procurou novamente a presença do jardineiro, mas não o encontrou mais. Deu as costas para a avenida e tomou uma aléia lateral do parque. Pensou nas estações interiores de cada espécie e observou como cada uma reagia de modo diverso ao fim do inverno; como os plátanos, quase nus, sua seiva acordando lentamente do letargo.

Deixou a aléia e cortou o parque em diagonal, na direção da Rue de L'Amiral Mouchez. No meio do caminho, encontrou dois exemplares de cerejeira japonesa, já carregados com suas enormes flores rosicler, num esbanjamento de vida e de alegria que contrastava com a severidade dos olmos que, próximos ao pequeno e quase delicado coreto do parque, espreitavam seu telhado em forma de cone. Castanheiros, freixos, plátanos, cerejeiras japonesas, olmos. Cinco diversas manifestações sobre a passagem do

tempo.

Lucien contornou o lago, onde galinhas d'água e patos incursionavam pela lâmina de água tecendo rastros prateados e retornou na direção do Boulevard Jourdan. Chegou novamente ao pé do castanheiro. Postando-se abaixo da copa, podia agora perceber que uma intensa luminosidade se projetava sobre a árvore, que decompunha, afiava e direcionava os raios de sol; era como se suas folhas estivessem mergulhadas em uma borbulhante substância leitosa com tons amarelos e vermelhos, formando espirais, redemoinhos e crispações alaranjadas que pareciam saltar na direção de seus olhos.

Tomou a direção da porta de saída mais próxima e alcançou a calçada, dando-se conta, agora sim, de que dera uma longa volta ao redor do parque, e que voltara àquele mesmo ponto de partida como se estivesse fadado a cumprir alguma espécie de ritual inadiável que nem sequer figurava em seu consciente.

À sua frente, outra vez, o prédio da Maison des États Unis, formando um u, agora nítido, que abrigava bicicletas, um pequeno pátio e as escadarias frontais. Mais acima, os arcos da entrada principal do campus internacional, que deixavam entrever, ao fundo, erguendo-se do piso de cerâmica, canteiros de buchinhos talhados a pique. Assemelhavam-se a ziguezagueantes muralhas anãs, quando vistos a uma certa distância.

Como se precisasse ganhar tempo para se decidir, Lucien retirou do bolso um caderno de notas, no interior do qual encontrou uma folha solta, dobrada, quadriculada, que dizia: dia 15 de abril: 10h30 -- Paris/Lisieux; chegada às 12h36. 12h46 -- Lisieux/Deauville, chegada às 13h13; dia seguinte,

16 de abril: 8h24 -- Deauville/Lisieux, chegada às 8h49. 8h57 -- Lisieux/Paris, chegada às 10h50. 12h34, saída de Paris a Le Havre, chegada às 14h40.

A princípio, esse roteiro parecia mais seguro que o outro, que aventara, e que passaria por Deauville/Lisieux; Lisieux/ Rouen e finalmente Rouen/Le Havre. É que este último, embora não o obrigasse a voltar a Paris, fazendo-o se desviar apenas até Rouen, forçaria Lucien a correr para alcançar sua última conexão. Além do mais, Lucien nunca estivera na Estação de Rouen, e agastava-o ter de correr por uma gare que não conhecia.

De todas as alternativas de que dispunha, e já que Lucien pretendia de qualquer maneira permanecer algumas horas que fosse em Deauville, o mais confortável e inteligente roteiro era mesmo seguir para lá por Lisieux, no dia 15 de abril, continuando o trajeto, no dia seguinte, a partir dali, de ônibus até Le Havre, passando por Honfleur. Além da comodidade, o percurso de ônibus pelas estradas vicinais entre Deauville e o porto Le Havre era mais convidativo do que o trajeto pela via férrea -- e Lucien não teria que voltar a Paris, nem mesmo retroceder até Rouen.

Mais tarde, Lucien descobriria que estavam corretas suas suposições -- e quando passasse por Honfleur, com suas pequenas casas e albergues sólidos e convidativos, à beira dos penhascos, sentir-se-ia ao mesmo tempo enternecido e exultante, lembrando-se de que aquele vilarejo, com sua orla construída a pique e entalhada pela força persistente do vento, abrigara os pincéis de Monet, Pissarro, Seurat.

Lucien dobrou novamente o papel quadriculado, fazendo a folha deslizar para o interior do caderno de notas. Seus dedos finos e sua palma da mão esbranquiçada se

fecharam sobre o pequeno caderno, que desapareceu no bolso externo do paletó.

Atravessou o Boulevard Jourdan, sentindo nas narinas um odor pesado de gases que furgões, camionetas e automóveis despejavam no ar. Caminhou em direção ao edifício de convivência internacional, entrou pela porta lateral direita, que leva aos refeitórios, e tomou um lugar na fila que leva ao guichê.

À sua frente, a volumosa cabeça de um marroquino fincada sobre uns ombros caídos. Impaciente, o jovem estudante vibrava o tacão da bota sobre o piso. O ruído percutia nos ouvidos de Lucien, que girou o corpo para a esquerda, procurando, na distância em que se encontrava, decifrar o cardápio do dia, pregado à direita e à esquerda dos refeitórios contíguos.

Subitamente o marroquino encara Lucien nos olhos e pára de repicar o chão.

-- Tem cigarro? ele pergunta com viva naturalidade.

A atitude do estudante interrompeu a concentração de Lucien, que buscava refazer uma antiga sintonia com aquele lugar, o qual freqüentara anos atrás. A franca espontaneidade do marroquino pareceu-lhe uma espécie de variante do comportamento agressivo demonstrado instantes atrás ao repinicar o chão do hall. Uma infantil necessidade de reafirmação social, ao lado de uma até certo ponto ingênua imprevidência, refletiu Lucien, poderiam sem dúvida explicar aquele gesto do marroquino.

Ele pensou ainda muitas outras coisas, ocupando sua mente de modo a evitar que a pergunta do jovem provocasse nele uma atitude explosiva.

Não obstante, o jovem voltou à carga, falando um francês

que sem grande sucesso parecia querer perseguir o sotaque parisiense e o dialeto de sua faixa etária, e recolocou a pergunta, lamentando que se esquecera de comprar cigarros quando passou pela cafeteria.

-- Não, não tenho nenhum, Lucien respondeu, sem tirar os olhos do cardápio. Às suas costas, dois alemães conversavam com os ombros colados um ao outro, as mãos esquecidas nos bolsos.

A fila alongava-se e engrossava rapidamente, Lucien sentiu-se comprimido e estrangeiro em meio a tipos aparentemente desempregados, vadios, estudantes e gente da própria Cité Universitaire.

Havia uma enorme distância entre eles e Lucien, a começar pela idade, e a terminar pela higiene pessoal, que em Lucien era uma marca quase obsessiva desde os tempos em que, também estudante, trabalhara por alguns meses naquele imundo bistrô da Rue Mabillon. E, embora se sentisse atraído pelo viver sem compromissos ou horários, acreditava que não seria capaz de abandonar inteiramente a rotina.

A fila avançava e Lucien ainda não conseguira decifrar o menu. O vulto policialesco e agigantado da mulher que vendia os vales do refeitório crescia atrás das barras douradas do guichê, com seu ar desconfiado e rude, e Lucien ainda não se decidira se almoçaria no refeitório da esquerda ou da direita.

Seria, provavelmente, a última vez em que comprava uma refeição ali, já que tudo o que o fizera visitar o campus com regularidade outrora, já não estava mais lá.

Toda aquela manhã luminosa, de fato, não passara de um nostálgico e dolorido estratagema de visita ao passado

através da recuperação de velhos hábitos, muito embora Lucien facilmente percebesse que de nada lhe adiantavam os antigos lugares quando um enorme fosso se havia formado entre sua vida de agora e aquela dos tempos de Su Ian.

Lucien recebeu o bilhete *passager*, modalidade utilizada por freqüentadores não residentes no campus universitário. A mulher do guichê entregou-lhe o troco como se Lucien tivesse acabado de assaltá-la e aquele fosse o último dinheiro de que ela dispunha. Com o troco e o bilhete entre os dedos, Lucien se afastou da fila, dirigindo-se para o local onde estava exposto o cardápio dos refeitórios.

O refeitório cujas janelas davam para o gramado do centro de convivência internacional oferecia uma entrada de salada verde, canard avec purée, além de outros acepipes mutuamente excludentes, como couscous, andouille ou choucroute garni. O eclético e multinacional cardápio terminava com queijos (Munster ou Chèvre), ou ainda gateau vanille.

O outro salão, cujas janelas davam para o jardim dos arcos, oferecia uma miserável salade de concombre de entrada, e a escolher: thon sauce américaine ou pavé de rumsteack avec de ris, finalizando com um medíocre ananas melba, que poderia ser inteligentemente preterido, imediatamente pensou Lucien, em nome de uma cascate au citron.

Era enorme o risco de provar um pato enjoativo e passado demais, mas Lucien resolveu arriscar, assim optando pelo refeitório que descortinava o verde gramado do campus.

Deslizou a bandeja ao longo do balcão de serviço. Com afetado pudor alcançou com a ponta dos dedos o prato de canard e afetadamente, ainda, impediu que a servente

despejasse sobre a temível escolha uma nova colherada de um purê moribundamente alvar.

Serviu-se de uma pequena porção de salada verde e se decidiu francamente por uma generosa fatia de Pont L'Evêque, queijo que lhe pareceu uma miragem gastronômica uma vez que não constava do cardápio fixado à entrada.

Arrematou sem pestanejar uma garrafa de Gamais, haja vista que as outras duas alternativas: um Gaillac e um Côte du Rhône ordinário, não o seduziam de modo algum, o primeiro por sua evidente impropriedade; o segundo por sua áspera palatabilidade. Sob tais condições, o rótulo daquela bebida ligeira, esportiva e descompromissada chegava a ser quase atraente.

Lucien pagou a garrafa de Gamais e alçou a bandeja, dirigindo-se até onde sarcofagicamente se amontavam, em cestas de vime, pães cortados em pedaços desiguais. A pesquisa arqueológica próxima da superfície era lamentável e Lucien somente encontrou pães com o miolo cinzento, a casca ressecada e sem o saudável brilho do pão fresco. Enfiou o antebraço até o fundo do cesto, revirando seu conteúdo, até que a metade de uma bisnaga é finalmente desenterrada. Escolheu um lugar em uma das mesas, próximo à janela, sentou-se e alçou até a altura dos olhos o arqueológico pedaço de pão, examinando-o com semblante desabonador. Em seguida serviu-se de vinho, prelibando o inocente toque de veludo do Gamais; sorveu o primeiro gole e notou seu aroma quase inconsistente e seu retrogosto juvenil.

Observa agora o copo e através da mortiça refração da luminosidade que perpassa o vidro percebe uma coloração

indefinida, levemente arroxeada, que ganha brilho e uma profundidade ligeiramente alucinatória quando Lucien inclina a borda do copo em sua direção, de modo a examinar a textura e o corpo da bebida, sem a interferência do recipiente.

Lucien enche novamente seu copo, dando agora uma forte tragada no líquido, em busca de uma resposta mais ativa da bebida. Com falsa segurança, deixa o copo de vinho sobre a bandeja e gira a cabeça em movimento panorâmico. Dezenas de rostos ao seu redor crispam-se à medida que braços nervosos executam a tarefa de levar a comida do prato à boca. Manoplas atacam os bocados de pão; facas, garfos e copos orquestram magistralmente uma espécie de ópera de desterrados comensais.

Enquanto tangem, retinem e esgrimam com metais e vidros, com variado nível de impetuosidade e destreza, Lucien passeia os olhos pelo salão. Depara rostos, esgares, olhos tristes, imobilizados por longínqua memória, por longínquos e saudosos afagos familiares.

Não o agrada o que pressente no ar, muito menos o que vê. Paris assoma quase impiedosa com seus estrangeiros mais modestos. Nisso ela mudou muito pouco, pensa Lucien. A cidade do gosto, do fausto e da beleza mostra sua impaciência de mundana. Para os desprivilegiados, o céu da cidade é mais baixo, as vitrines ardem nos olhos, ofuscam, intimidam.

Ele deixa tais considerações de lado, e pela primeira vez analisa a composição de formas e cores que tem sobre a bandeja. O contraste entre o panorâmico e o detalhe sempre o entusiasmou, e Lucien se sente por vezes como um cineasta sem sua câmera, andando pelas ruas, em busca de

atores e cenários ao acaso; filtrando e capturando aqui e ali um enquadramento, uma surpresa da luz. Nesse sentido, a bandeja inebria-o.

Antes de experimentar o pato, porém, Lucien se ergue e se encaminha até a mesa de temperos. Apóia o prato sobre o tampo e se serve de mostarda.

Um campo dourado e perfumado brota de sua memória. De uma janela de um trem imaginário descortina os campos floridos de mostarda de Dijon. Os pequenos capítulos das flores vibram sob os revérberos da luz, enlouquecem à passagem do trem, como se a locomotiva abrisse à força um caminho por entre os pedúnculos delicados da mostarda. Suas hastes infletem para trás e para frente, para trás e para frente, sob o deslocamento da massa de ar.

Já de volta a seu posto, Lucien come sem pressa, examina o grande gramado interno, àquela hora vazio. O lugar lembra a Lucien um campo de golfe inglês, não o peripatético reduto de suas incursões no debate filosófico e político que ali tiveram lugar outrora. Mirando esse panorama imóvel, Lucien não consegue nem mesmo extrair sua solitária figura sob a neve daquele Natal em que Su Ian estivera ausente.

Lucien passa uma generosa porção de mostarda sobre o pão e leva-a à boca. Em seguida bebe mais um gole de vinho, que alivia a ardência sensual da mostarda e confunde as papilas, fundindo o intenso aroma da mostarda ao despojado bouquet do discreto Gamais.

Estala a língua e sorri, deslizando a seguir a polpa áspera superior da língua entre as gengivas e o lábio inferior. Ergue depois a ponta avermelhada da língua, deslizando-a pelo céu da boca, como se buscasse aspirar algum recôndito sabor mal-explorado.

Na parte superior da boca repete a operação que realizara na arcada inferior.

Volta a passar uma generosa porção de mostarda sobre o bocado de pão, segurando-o com a extremidade dos dedos de modo que o miolo embebido de mostarda toque de leve a superfície castanho-clara do molho do canard. Laivos de mostarda marcam agora a cremosa e brilhante gelatina que se forma ao redor da ilha de purê. Lucien leva o pão tingido de castanho e ouro à boca, alcança a faca com a mão direita e retém com o garfo inclinado e pressionado pelo indicador esquerdo uma fatia de carne, abordando-a pelo flanco com a faca serrilhada.

Separa o pedaço cortado com o garfo, acomodando entre o naco e o cabo uma parede de purê. Cuidadosamente o garfo ascende até sua boca, enquanto o antebraço e o pulso de Lucien fazem o garfo girar 45o. graus, e encontrar os lábios semi-abertos.

Enquanto mastiga demoradamente o alimento, Lucien examina o purê que restara sobre o prato. Paisagem lunar movente, estranho Mont-Blanc em trágico degelo, dissolvendo-se em planura lacustre alaranjada e castanha, como um iceberg plantado sobre lavas fumegantes.

A carne do pato sugere areias de uma praia, tendo à frente um mar de sargaços e óleo densos. Lucien traga mais um gole do Gamais e seus olhos mergulham na inconsciência súbita daquela paisagem gastronômica que se formou em seu prato, e que invadiu sua imaginação.

A paisagem evoca cores outonais solapando volumes glaciais antes estáticos e eternos, estimulando em Lucien um incômodo e opressivo sentimento de solitude.

Ele ataca mais uma porção da praia de acastanhada

mousse, em que se transformou o canard. Incontinenti reduz o volume glacial da paisagem sobre a bandeja, cavando com a ponta do garfo uma pequena cova no purê, que logo é escamoteada quando então a estrutura finalmente parece querer ceder, afundar e se fundir ao magma que cerca o iceberg.

Lucien tira os olhos de seu exercício cenográfico e se apercebe de que à frente se encontra uma jovem oriental, provavelmente coreana, sentada ao lado do que parece ser seu companheiro, que por seu turno gesticula muito. A jovem tem a cabeça apoiada de leve sobre o ombro esquerdo do rapaz, de forma que a cada impetuosa contração de seu expressivo bíceps sua cabeça feminina perde por instantes o ponto de apoio.

Sem se incomodar aparentemente com os modos do rapaz, a coreana mantém o pescoço dobrado, a cabeça inclinada, aguardando até que um novo espasmo muscular do namorado viesse favorecer o contato entre o ombro dele e o queixo e o meio-rosto dela. Tal fato não ocorreu, e a vibrante gesticulação do coreano, contrastada com a ilimitada solicitude de sua companheira, ou ambas as coisas em separado, acabaram por exasperar Lucien.

Era inevitável que a jovem coreana sentada à frente, no amplo restaurante universitário, lembrasse a Lucien, de pronto, o rosto oval e neutro de Su Ian. Era também inevitável que a paisagem gastronômica em seu prato, que há pouco o fizera recordar-se do Mont-Blanc, evocasse agora aqueles dias em St. Gervais-les-Bains, estação de esqui plantada numa das faldas do maciço do qual o Mont-Blanc se projeta em seus majestosos 4807 metros de imensos paredões de neve.

Ali, há dois anos atrás, o etéreo branco da neve da Savoie recortara o rosto marmóreo e impassível de Su, um pouco encoberto por um capuz forrado de lã, por sinal castanha, que formava uma crespa moldura penugenta e adolescente ao redor do esfíngico rosto de olhos rasgados e incisivos, de narinas minúsculas e pomos salientes, estupendamente harmonizados com a linha da testa, do nariz e do queixo. E para além daquele rosto um pescoço afilado e despudoradamente alvo, plantado ereto como um aspargo, envolto por uma gola alta e de cor vulcânica. E para além dele o corpo delgado de Su Ian, envolto em lãs e depositado no branco leito de um patamar em Le Betex; e, para além de tudo aquilo, o bovino e desarmado olhar de Lucien. E para além de Lucien, e de sua bovina felicidade, novamente a montanha de neve, franqueando sua mais íngreme escarpa gelada ao olhar do francês. E mais adiante, ainda, para além da notável engenharia dos Alpes, novamente Su Ian, planta pronta para ser tocada entre flocos de neve, agora com seus braços abertos:

Lucien, m'embrasse, alors!" dizia, como uma miragem.

E ao fundo, e em todos os lugares, o Mont-Blanc, e dentro e fora e em todos os lugares, Su Ian. Su Ian e a coreana à frente, o purê e o Mont-Blanc, o refeitório e suas colunas e suas janelas até o alto, paredões íngremes, por onde entra a luz.

A coreana acompanhada do namorado se levanta e com os braços arqueados empunha a bandeja para fora da mesa. O purê no prato de Lucien funde-se ao molho, a neve desaparece, toma seu lugar um sopro de vozes, um tilintar de copos, uma orquestração de metais, enquanto vapores da cozinha espiralam e um cheiro de repolho, creolina e um

ranço de ave e de carnes cozidas toma conta do ar, impregnando tudo, infiltrando-se corrosivamente na memória, sob as mesas e nas passagens.

Lucien solta o garfo na bandeja e a seguir move lentamente a base do copo, girando-a como se buscasse a sintonia de uma emissora de rádio.

Afunda o polegar da mão esquerda no miolo de um bocado de pão, e a seguir comprime fortemente a casca enrijecida do pedaço de baguette com o indicador, segurando com a outra mão o restante da fatia, em busca de apoio. Um movimento horizontal do pulso esquerdo completa a tarefa.

Depois, corta com a mão direita uma fatia de Pont L'Evêque. E com o auxílio do polegar e da lâmina transporta o pedaço de queijo por sobre a bandeja, em um movimento atento e firme como o de uma grua deslizando, acomodando-o em seguida sobre o pedaço de pão que sustinha na ponta dos dedos da outra mão.

Após se servir da sobremesa, Lucien dispara seu ataque na direção do Gamais, que neutraliza a textura emoliente e pouco refinada do queijo. Gira a cabeça na direção dos janelões do refeitório e encontra o gramado vazio como antes. Pronuncia o nome de Su Ian com o sotaque que lhe pareceu apropriado para fazer com que aquele nome, dito em voz alta, tivesse o poder evocativo que Lucien buscava.

A luz mortiça sobre o gramado, recalcitrante realidade de agora, resiste à evocação de Su Ian. Ela continua deitada sobre a neve, em um patamar do Le Betex, pedindo a Lucien que a abrace. Contudo agora, suas feições não são nítidas, e a voz de Su Ian vibra não mais colada aos ouvidos de Lucien, mas teatralmente distante.

Ele fixa o olhar sobre o pano verde do campus, e

finalmente consegue plantar sobre o gramado a figura da oriental em uma tarde ensolarada, quando se despediram um do outro, aparentemente como sempre o faziam. Algo sucedera, no entanto, que tornava aquele despedida especial. O que teria havido ali, que não se repetiria mais? Lucien não sabia, pois em seu convívio com Su Ian, era freqüente a impressão, ao se despedirem, de que o liame que os unia se esgarçara e se fendera.

Sente agora dificuldade de abandonar a geografia da Cité Universitaire e alcançar novamente o inverno nos Alpes, rever o rosto de Su Ian, ouvir bem de perto sua voz.

O verde do gramado é uma cortina que esconde o passado e o futuro, e que caprichosamente consente em revelar a Lucien imagens pouco significativas ou confusas, que Lucien preferiria ver substituídas por outras que desafiassem sua sensibilidade.

Lucien se serve de mais uma fatia de queijo e sorve nova golada de vinho. Definitivamente não se sente capaz de erguer o tapete verde que recobre tudo, e extrair da memória, debaixo das raízes da grama pujante, a razão secreta que movia Su Ian, sempre, para fora do eixo de sua vida, e que naquela vez quase se manifestara por intermédio de palavras.

Estudantes atravessam o gramado, em busca de seus alojamentos. Apesar da primavera, algumas folhas cruzam o ar, vítimas de uma nevasca tardia de abril. Abaixando o tronco, Lucien consegue ver, através do requadro da janela, uma nesga de céu pérola.

Ao descer os olhos, subitamente Lucien vislumbra Su Ian, sentada sobre o parapeito da janela, as pernas cruzadas contra os seios. Um novo esforço de Lucien e a pérola de céu é a pérola da neve ao redor da face de Su, que pede a ele que

a abrace, mas para tanto Lucien deve deixar de ser um mero espectador. Deve sair de si, projetar-se sobre a miragem da neve, debruçar-se sobre aquele corpo oriental, colocar seus braços ao redor.

Lucien no entanto se mantém onde está e o corpo de Su Ian, com os braços abertos, deitado sobre o campo de neve, está estático e imóvel, quase artificial como em uma fotografia.

Novamente Lucien vê sobre o céu pérola um retábulo de janela e nele, sentada, pernas recolhidas contra o seio, Su Ian, e ao fundo, ainda, o Mont-Blanc. Pérola. Abaixo o vilarejo de St. Gervais-les-Bains, e em um ponto dele o balcão da taberna do barbudo Wolf e da linfática Adèle e sobre o balcão uma flute de vin pétillant e, ao redor da taberna de Wolf e Adèle, casas e lojas e ruas com marcas castanho-escuras, como o molho que restou sobre o prato de canard, e ao longe pinheiros, castanheiros, faux ébéniers, e sobre a vila o platô de Le Betex, e um pequeno hotel com janelas para o Mont-Blanc, e um retábulo da janela do hotel de poucos quartos. Sobre o parapeito, Su Ian se encontra enquistada no silêncio, suas mãos cruzadas sobre os joelhos, os joelhos cruzados contra o peito, os cabelos atirados para o lado de fora da janela, de modo que seu rosto se constrói na mente de Lucien ampliado e próximo. Um rosto maior que o maciço do Mont-Blanc e seu majestoso cenário. E ela não encara a montanha, tampouco Lucien. Seu olhar é um projétil que não ultrapassa o enquadramento da diminuta janela em que se alojou. Lança-se contra os batentes, vai e vem, estanca neutralmente sobre a película gasta da madeira do velho hotel, estiola no mistério.

Su Ian está sentada sobre a borda da janela no pequeno

hotel em Le Betex, suas pernas recolhidas contra o peito, tamborilando com as unhas pintadas de vermelho o vidro da janela-guilhotina. Lucien recorda-se de que os pés de Su Ian eram feios, moldados à pressa por um pasteleiro aprendiz e desengonçado, que depreciava a aparência, embora valorizasse o sabor e a consistência da massa. A carne do corpo inteiro de Su Ian, a exemplo de seus pés, cedia à pressão dos dedos até um passo aquém da flacidez. Uma tensão convidativa se impunha ao dedo invasor, estabelecendo uma alquímica correlação entre a suavidade da pele, a compressão dos dedos e a resposta física; agentes magnéticos entravam em ação para que todo o corpo, inclusive o olhar de Su Ian, se mantivesse sobre a linha divisória entre o estranhamento frígido e inabalável e o acolhimento dócil e demoníaco; uma espécie de inércia de combatente, que sabe explorar o ímpeto do opositor e transformar o impulso do atacante em arma de defesa.

Logo em seguida, eles estavam abraçados na neve, no Mont Joli, e Su Ian acolhera Lucien em seu burnous branco, de modo que os dois quase que desapareciam, confundidos com o branco da neve ao redor.

-- "É o final dos tempos", lembra Lucien de haver ouvido Su Ian dizer-lhe; e desta vez ela sorria sem um enigma.

-- "Você acha possível que tudo isto em volta de nós possa acabar de uma hora para outra?" recordara Lucien de haver objetado em tom teatral.

Sua pergunta ecoara no espaço desabitado em volta. Lucien segurara as abas do burnous de Su Ian, sacudindo-a, como se tivesse tomado de pânico. Depois, ainda experimentando o frágil script que imaginara, Lucien se lembra de haver acrescentado:

-- "Veja, Su, os pinheiros imóveis e o fumo que sai das chaminés das casas ao longe, ouça o ruído das águas lavando o cascalho e as pedras dos rios. Como é concebível agora, neste exato momento, admitir que tudo o que aqui se encontra termine? Não parece que tudo está em seu mais exato lugar?"

Lucien abrira os braços, num gesto que açambarcava tudo e Su Ian sorrira sem conviccão. A seguir, recolheu os braços.

Lucien repetiu a indagação que fizera, agora mais diretamente, o dedo em riste sob a luva:

-- "Como você pode crer que tudo isso termine, Su? É preciso estar repleto de pessimismo".

O corpo esguio de Su então se ergueu sobre os cotovelos. Su Ian deteve o olhar na ponteira de suas botas. Depois, displicentemente, sem se preocupar com aquela débil arma apontada contra ela como salvação de um argumento, voltou-se na direção de um grande galpão de madeira com freixos e pinheiros ao redor, com aparência de absoluto abandono. Depois ainda, moveu o queixo para a esquerda, até deparar um telhado avermelhado, de onde subia uma fumaça branca. Lucien retraiu o dedo e o antebraço, percebendo que Su Ian não estava mais no jogo, e que seu teatral dedo em riste apontava para o vazio.

Lucien cedeu o corpo, atirou-se de costas sobre a neve, colocou as mãos atrás da nuca, fechou os olhos e ouviu nitidamente o gorgolejo de água que detectara há pouco.

Transcorreu algum tempo até que Lucien se pusesse de pé. Su Ian cruzara as abas do casaco sobre o ventre, permanecendo imóvel sobre a cobertura de neve.

Adiante de Su Ian, algumas dezenas de metros encosta abaixo, pinheiros volteavam uma tulha agregada a uma

cocheira. Um filete de água escura abrira uma canaleta na espessa neve e escavava o gelo pela borda, correndo celeremente sobre o leito. As águas, pensara Lucien, pareciam ser o único elemento vivo na estação hibernal. Lembra-se também de que baixou os olhos na direção de Su Ian, e os olhos dela não estavam voltados para o mundo imediato.

Encontrou a bandeja de comida, o último bocado de queijo, a garrafa quase no fim. O imenso salão do refeitório estava praticamente vazio. Da cozinha e da copa vinham frases incompreensíveis, bater de bandejas, ruído de pratos; uma serviçal erguia as cadeiras sobre o tampo das mesas, avançando metodicamente na direção de Lucien.

Concentrou sua mente naquele quadrilátero de madeira no qual o corpo inteiro de Su Ian se desenhara. À frente, o Mont-Blanc. A leste o túnel do Grand St. Bernard. Ao sul, Curmayeur, mas antes dele, Entrèves. A oeste, St. Gervais e, mais adiante, Megève. A sudoeste, Notre Dame de Bellecombe, Beaufort; Albertville e Chambéry; e, subindo sempre, Annecy, Genève e o lago Léman.

Ele via agora, implantado sobre o quadrilátero de madeira da janela do pequeno hotel de Le Betex, um mapa regional que, no entanto, não encobria o vulto de Su Ian com os olhos fixos nos batentes da janela.

Assim é que os olhos de Su Ian estavam à altura do lago Léman; seus ombros à altura de Megève; seus quadris plantavam-se em Grenoble, de modo que suas longas pernas cruzavam Albertville e os joelhos infletiam em Beaufort. As canelas de Su Ian passavam pelo burgo de St. Maurice, Val D'Isère e o monte Cenis -- e seus calcanhares em algum ponto antes de alcançar Almese, talvez no caminho de Viù.

Su Ian volta-se para Lucien e diz:

-- "Está próximo. O Japão será a nova Atlântida. Você e eu seremos pássaros, voando sobre os Alpes, será o encontro entre Ocidente e Oriente, você e eu. O Japão mergulhará sob as águas. Veremos as ondas enormes que se formarão quando estivermos voando bem alto".

Um filete dourado saía da ponta dos dedos de Su Ian, executava uma parábola sobre o cume de um plátano e desaparecia atrás daqueles galhos de nudez absoluta.

Por um curtíssimo instante, o cepo da árvore ganha uma película dourada, crepitante e macia. Su Ian volta-se para Lucien e no centro da palma de sua mão esquerda, que ergue aberta até a altura dos olhos, Lucien visualiza uma esfera luminosa, às vezes branca, às vezes dourada, às vezes vermelha, às vezes azulada. A esfera na mão esquerda de Su Ian parece querer dizer alguma coisa, comunicando-se através das cores que cambiam em uma escala de cromos com intervalos desiguais e que se repetem a um ritmo constante.

Lucien fecha os olhos no canto da mesa do restaurante universitário, e os olhos de Lucien se fecham no quarto do pequeno hotel em Le Betex. Su Ian está dizendo algo com aquela esfera luminosa, mas ele não consegue entender. Agora está ouvindo a voz de Su Ian, uma voz moldada de acordo com o compasso ditado pela esfera colorida: vermelho, ao sol; azul, sob o sonho; branco, amanhã; ouro, viagem.

Deitado sobre o édredon da precária cama do albergue, ele abre novamente os olhos. A esfera luminosa pisca a espaços: vermelho, azul, branco, dourado: Su Ian diz sol, sonho, amanhã, viagem. Vermelho, ao sol; azul, sob o sonho;

branco, amanhã; ouro, viagem e muito mais.

Lucien vê o rosto de Lucien comprimido entre os cotovelos. As mãos se escondem atrás da nuca. Lucien tem as pernas esticadas e calça uma botina de couro preta, de cujo salto desponta uma estalactite cinzenta. Encostando o queixo no peito semi-encoberto por um cachecol castanho e vermelho, Lucien pode ver os pés, a biqueira de couro das botas. Mas não se dá conta da estalactite cinzenta.

-- "Estou com fome", diz Su Ian, ainda sentada sobre o parapeito da janela, agora com um cálice de Calvados entre os dedos.

-- Nada de Atlântida, Su. Nada de bancarmos os pássaros, diz Lucien em sua cadeira no refeitório agora inteiramente vazio.

Interpondo-se à sua voz de agora, Lucien rememora sua própria voz com a empostação de dois anos atrás:

-- "Vamos telefonar para Andrés e dizer que não vamos encontrá-lo na Suíça", dizia a voz de Lucien como um eco na cabeça de Lucien. O companheiro de Su Ian, depois de haver pronunciado a frase, inclinara sua cabeça para o lado esquerdo, na direção do pequeno lavabo do quarto.

Recorda-se ainda de que antes de formular o desejo de não mais ir ao encontro de Andrés, preferindo a solidão do albergue em Le Betex, entremeada por uma ou outra eventual descida até St. Gervais para um brandy com Wolf e Adèle, Lucien experimentara como era penoso, muitas vezes, o ter de ingerir o discurso frio de Su, com seu verbo escasso e pouco elucidativo, em meio ao contraste da embriaguez branca e lunar daquela região.

Após alguns instantes em que a idéia de uma catástrofe a oriente chegou a minar seu ocasional envolvimento com as

coisas da natureza, Lucien voltou-se para Su, com o objetivo de encerrar o assunto:

-- "Nada de mortes, Su, nada de Atlântidas, de pássaros apocalípticos, ou sei lá mais o quê. É a humanidade que imola seu futuro, não um destino impermeável à ação humana. Se quisermos, todos, evitar a catástrofe, evitaremos".

Lucien havia gostado da frase que construíra, até porque conseguira imitar quase perfeitamente um oriental falando, lentamente, inexpressivamente, quase como se tudo fosse sucumbir sob um lento borbulhar de sílabas, e isso desconcertava Su Ian.

Depois então, e já que Su fizera um grande esforço para fingir que não escutara absolutamente nada do que Lucien dissera, ele emendou, ainda fazendo uso da modulação oriental:

-- "Preciso de mais tempo aqui. Vamos telefonar para Andrés e dizer que não vamos mais encontrá-lo. Perdi inteiramente a vontade de esquiar".

Não satisfeito com a forma como definira sua posição, voltou à carga:

-- "A neve dos Alpes foi feita para a contemplação, mesmo que mórbida. Apenas para isso. Decididamente não quero mais esquiar".

-- "Andrés nos espera, Lucien", lembrou Su.

-- "Para esquiar. Apenas para esquiar, e isso é muito pouco", retrucou ele.

-- "Você era um bom esquiador", respondeu Su Ian, retirando a perna direita do esquadro da janela e apoiando a sola do pé no chão, enquanto massageava a coxa.

Ele recorda-se de que a entonação da amante lhe parecera

agradável, quase escolar. Antes porém que Lucien pudesse cartersianamente verificar como Su Ian pudera fazer aquela afirmação sem jamais tê-lo visto com um par de esquis nos pés, ela espontaneamente aduziu:

-- "Andrés me disse".

Su Ian está sentada no interior do esquadro da janela, imóvel, sem luz. Sobre seu corpo plasmam-se estradas e nomes de cidades. Fronteiras cruzam seu copo. Os bicos dos seios, sob a roupa, róseos e perfumados, não coincidem perfeitamente com nenhuma expressiva cidade no mapa que de memória Lucien desenha agora, sobre uma das colunas que sustentam o teto em arcos do restaurante universitário.

Sobre a coluna surgem agora os rostos de Wolf, de Adèle, de Andrès, que se juntam ao rosto de Su Ian, como numa fotografia em que cada um se esforçou para ostentar o mais lúbrico e debochado desenho labial, sendo que o restante do rosto não acompanhou a mímica, de modo que os lábios de cada um deles parecem um estranho e caricato implante facial, uma colagem mal realizada ou imprópria.

Lucien concentra-se em Su Ian. Ela aparece agora de corpo inteiro, recostada na pilastra central do refeitório. O braço esquerdo apoiado sobre o direito, ambos sobre o ventre; a perna direita cruzada sobre a perna esquerda. Su Ian veste uma calça de lã grossa afunilada nos tornozelos e com amplos bolsos laterais. Traz os cabelos sobre os ombros e tem uma fita branca acima da testa. Seu pai, que era chinês, de Santai, além de dar a ela o nome, deu-lhe aquele porte e, muito provavelmente ainda, aquele olhar, que sempre afrontava o horizonte. O resto, porém, como o modo ambíguo de enfrentar a dor, ou o gestual minimalista e preciso, pensa Lucien sem muita convicção, viera talvez da

mãe japonesa.

A pilastra sobre a qual a imaginação de Lucien imprimira a imagem de Su, agora traz um Mont-Blanc, só que compactado, reduzido ao geometrismo da pilastra, como se a montanha tivesse sido concebida por um deus criador monótono, com a espiritualidade rasa de um pedreiro.

-- "Andrés me disse que você esquia bem", diz uma vez mais a voz de Su, agora emitida do interior da pilastra.

Era desconcertante a maneira como Su repisava seu ponto de vista, recorda-se ainda Lucien. Sem dúvida contributo do lado chinês, que realçava a independência e cultuava a personalidade.

Su ressurge parcialmente à flor da cantaria, Lucien não enxerga seus ombros, nem seus cabelos. Apenas uma parte de seu nariz curto e arredondado aflora diminuto, empoado como o de uma cortesã oriental.

Aquela visão cambiante de Su parecia a Lucien mais um jogo da amante, que mesmo não estando a seu lado, conseguia armar arapucas em sua mente e imprimir seu temperamento, mesmo no território da mais armada vontade de Lu- cien.

Só não era uma exímia jogadora, porque jogava sem consciência de que o fazia. Assim mesmo, parecia aplicar-se nessa tarefa ininterruptamente e sem trégua. Com esse notável predicado, submeteu Lucien, sem dificuldades, forçando-o a jogar como eterno perdedor. E Lucien deixava-se conduzir pelo mundo congestionado de indagações ao vazio, declarações obscuras, quase pérfidas, e que o francês tragava como tragava seus gauloises em disputados cafés ao redor do Carrefour Odéon.

Assim, sem se dar conta, era envolvido pelas preleções

escatológicas de Su sobre a vida, sobre o furor do destino, sobre o refrigério da morte oriental, sobre a decomposição do planeta para um novo nascimento -- e quando Lucien finalmente sucumbia, fustigado pelos acordes dissonantes dessa música sem fugata, Su dava a Lucien a oportunidade de escapar daquele beco sem saída. Franqueava-lhe uma janela de onde se descortinava um oásis. Ou simplesmente fazia desaparecer o muro que interrompia o curso das coisas, como ao insistir em lembrar a Lucien que ele esquiava bem, para assim fazê-lo recobrar a lembrança do encantamento e da magia dos momentos de seu passado que lhe foram gratos.

Com tais procedimentos, Lucien tornava-se presa fácil para Su Ian, que o retirava do cotidiano parisiense e sem piedade o acorrentava a seu mundo.

Ali, a estudada e sufocante prosopopéia de Su, temperada de ímpetos ocidentais, que também formulava em benefício de salvaguardar o carisma do gen chinês, dava lugar a um vernáculo econômico, árido, erigido sobre a pedra do silêncio, haicai jamais escrito.

Desde essa nova perspectiva, o corpo de Su, ao mesmo tempo anatomicamente oriental, esguio, quase esquálido, mas firme e dengoso, se tornava então o eixo momentâneo em redor do qual a energia de Lucien gravitava e se dissipava.

Nesses encontros, muitas vezes Su Ian retinha o corpo de Lucien junto ao seu -- e ambos naufragavam, paralisados durante horas em uma absoluta inércia física. A mente de Su assemelhava-se a uma bateria sendo carregada sem pressa. Seu cenho se contraía, e se o pensamento de Lucien fosse uma mosca, esta não atravessaria incólume o território de

força que a jovem oriental soubera edificar para tornar ainda mais grave sua soberania.

A imagem da companheira do passado mergulha novamente na cantaria da pilastra do restaurante universitário. Restam as coisas sólidas, presentes: o ruído de copos e louça triscada, a luminosidade quente, opressora e imobilizante que torna o panorama do campus, visto através das janelas do refeitório universitário, tão definitivo e monumental; resta o chamamento das ruas, convocação do mundo.

Lucien sente-se pesado, abandona sua vista em uma coluna mais ao fundo, sobre a qual cresce uma sombra violácea. Subitamente se lembra de que no auge do inverno aquela coluna, a essa hora, estaria já inteiramente mergulhada numa tintura acinzentada. Agora, entretanto, nesses dias de abril, prenunciadores da primavera, a luz impregna mais longamente os esmaltes, e mais lentamente escorre para a noite.

À sua frente, o gramado vazio, uma realidade em suspensão, inconstruída, impessoal. Volta a pensar em Su Ian. Misturado ao gosto adocicado deixado pelo vinho, Lucien filtra com esforço o olor denso das narinas da oriental, recolhe a textura porosa e réptil da língua da amante rolando no interior de sua boca, contorcendo-se ágil num dueto com sua própria língua, recuando estrategicamente para logo depois voltar a pulsar, projetanto-se para depois retroceder e se aninhar no centro da boca, agora à espera de que o pas-de-deux recomece.

É inútil; advém um sabor amargo, deliqüescente e estéril -- e Lucien por instantes reconhece que escapar de Su Ian fora também extirpar o risco de perder sua identidade e seus

objetivos mais íntimos. E que persistir no isolamento, no afastamento dela -- embora minado por contundentes imagens de uma convivência quase improvável agora --, era afastar do centro de sua vida um fator de desequilíbrio. Ademais seu traço francês fustigava-o, acicatava-o como um avozinho impaciente, ansioso por encontrar no neto as marcas do ancião; e essa vertente de seu caráter, quase sempre dominante, não tinha qualquer piedade para com semelhante miscigenação; e tanto isso era verdade que, sabedora disso, Su Ian, com tato e empenho obstinado; delicadamente mas com certa ousadia e atrevimento, vinha procurando minar, abalar as certezas civilizatórias que ornamentaram o berço de Lucien Sorel, com seu sobrenome stendhaliano, mas tradicionalmente anticlerical e materialista.

Tanto era assim que a contrapelo de seu caráter oriental, zeloso, pudico e reservado, a companheira oriental por vezes ostentava, dir-se-ia para desconcertá-lo mais, ares parisienses, brandindo uma quase cômica indiferença para com o que se movimentava imediatamente à sua volta, e demonstrando uma ingênua e quase infantil preocupação com o que não lhe dizia de modo algum respeito. Quando assumia a primeira postura, a pele de Su Ian ganhava a textura de uma máscara de porcelana, e sua expressão corporal refletia a contento o novo papel. Com o tórax imóvel, dando mostras de que o espírito se cansara da mesmice daquela vida; a região lombar afundada na cadeira do café, à maneira da rive gauche, as pernas cruzadas e o joelho despontando irreverentemente do mantô, Su parecia uma francesinha adolescente, cansada de ser protegida.

Nesses momentos, Su Ian cuidava com esmero que o

mármore dos olhos permecessem sempre indefinidos; a retina, insensível para o mundo, enquanto o café, sorvido no máximo até a metade, esfriava inapelavelmente na xícara. Quando, todavia, entretinha-se com aspectos exóticos, distantes da vida parisiense, como amiúde faziam suas colegas, tratava deles como se integrassem seu cotidiano e postulava, como convinha ao modelo, bizarros proselitismos e sectarismos descabidos. Era contudo de raro em raro que Su assumia essa última atitude, preferindo, na maior parte das vezes, o primeiro papel.

Lucien exasperava-se todo o tempo com os alentados silêncios de Su, com sua caricata encenação da decepcionante fragilidade dos franceses, que quando ousavam não se pronunciar, simulavam reter entre os lábios um conceito definitivo e espirituoso sobre a existência, conceito esse que seria emitido em momento mais oportuno, quando ouvidos tarimbados e atentos dele pudessem verdadeiramente se beneficiar. Tal fragilidade caíra como uma luva na arrogância chinesa de Su Ian, e ela sem esforço a incorporara como estratégia de defesa, de modo que Lucien não sabia mais se deveria ouvir a voz avoenga da raça ou fazer coro para o desempenho da amante -- ou, ainda, largar todos os conflitos debaixo do pires do garçom e escapulir para o studio sem móveis, onde habitou antes de se mudar para a Rue Berthollet.

A vontade de escapulir da mise en scène dos cafés se manifestava nele. Lucien recolhia o maço de cigarros e o isqueiro, empurrava o pires com o dinheiro para o centro da mesa, passava em revista a cadeira onde sentara e num arranco atabalhoado, como alguém que tivesse se libertado de um escafandro, punha-se de pé, acenava na direção de Su

Ian, dando adeus a tudo aquilo, e avançava para a calçada. Su, incontinenti, saltava por sobre o álgido muro que ela própria erguera em sua planificada impassividade e se punha também de pé, sem consultar se Lucien queria tê-la a seu lado.

Com tantos atributos, não era difícil para Su Ian municiar os cordéis da trama amorosa, apesar de não haver jamais previsto que o relacionamento entre eles, ao qual talvez desse um nome mais sólido e mineral, tivesse um fim.

Há sempre um outro lado da questão, e, a seu modo, Su Ian dependia intensamente de Lucien para poder sobreviver em território inimigo e, ao mesmo tempo, cultivar alguns princípios de raiz, que destilava com perícia, sem ser molestada por isso.

Inegavelmente, Lucien concedera-lhe um espaço de manobra generoso, e a oriental alargara suas fronteiras e se instalara sem ruído, sem violência, sem causar alarme.

Numa manhã em que descera no metrô Trocadéro, e caminhara na direção do apartamento dos pais, na Avenue Georges Mandel, Lucien chegou a se comprazer com a súbita constatação de que Su Ian também dependia dele; de que ela não era tão independente como seus modos davam a entender, mas essa descoberta era tardia e inútil.

A despeito de diversas constatações acerca de ambos, a ausência de Su Ian era por vezes opressora, ainda mais porque Lucien admitia que havia falhado com Su Ian, ou, melhor, que havia falhado pour cause de Su Ian; e que sobretudo havia falhado com ele mesmo.

O refeitório da Cidade Universitária Internacional estava prestes a fechar. Lucien abandonou novamente o olhar sobre

o gramado do campus, onde agora, aqui e ali, surgem, aos pares, jovens que iniciam suas tarefas do período da tarde.

Esses sintomas de atividade lembram a Lucien que é o momento de sair dali. A garrafa de Gamais está quase vazia sobre a bandeja. As cadeiras vão sendo erguidas e emborcadas sobre as mesas.

A primavera subitamente parece-lhe sufocante e Lucien sente-se confundido em seu próprio estratagema de embaralhar vozes, diálogos, tempos, no intuito de manter acordada a percepção sobre o fluir dinâmico da vida. De qualquer modo, o resultado de seu pequeno esforço é medíocre. Findo o repasto, iniciada a digestão dos alimentos ingeridos, uma sonolência sem virtude dilui as imagens mentais e toma conta de Lucien Sorel, que se ergue da mesa e se afasta com a bandeja na direção do balcão de serviço, não sem antes inspecionar, como de hábito, a cadeira onde se acomodora há pouco.

São onze horas da manhã. Antes de alcançar a esquina da Rua Almeida e Souza com a Praça da Quarta Parada, Manoel vê passar, quase ao alcance das mãos, o autocarro que o levaria ao Largo do Rato, onde tomaria outro, para Entrecampos.

São onze horas da manhã e justamente quando seu coração se agita ao ver seu transporte seguir em frente, sem sequer parar no ponto, encontra-o, vindo em direção oposta, o Sr. Albano Aires, seu pai, que se posta à frente, de forma tão decidida e grave que parecia, com efeito, pretender a

qualquer custo barrar-lhe a passagem.

-- Perdi o autocarro, diz Manoel, como se pensasse em voz alta e estivesse desamparadamente sozinho em Lisboa.

Seu pai não lhe dá ouvidos, e não demonstra interesse pelo fato. Com as gordas mãos enfiadas no jaleco do bar, interpela-o:

-- Não me faltes à tarde. Vossa mãe ausenta-se algumas horas após o almoço. Quero-te de mãos limpas a atender ao balcão dentro de duas horas.

-- Sim, sempre afirmei-te que sim, respondeu o ex-jogador do Benfica, em um tom de quem se sentira melindrado.

-- Se tu me faltas, é que são elas, acrescenta o Sr. Albano antes de continuar em seu passo afogado, de pernadas curtas e nervosas, como se estivesse a ponto de correr e uma força estranha, uma espécie de pudor, o obrigasse a apenas andar.

Manoel não retrucou, nem acompanhou com os olhos o tronco socado daquele homem, tão parecido com o seu, afastar-se na direção do Bar e Tabacaria da Quarta Parada, estabelecimento do outro lado da rua, onde Dona Maria Luíza Carvalho Souza, naquele exato instante, passava um pano úmido sobre um tampo de mármore de uma das mesas do salão.

Ele estava melhor quando por sua conta e risco se acomodara no 1o. andar daquele residencial próximo ao Jardim da Estrela, pouco acima do parque, em um cômodo com janelas voltadas para o oitão de cima, de onde aos finais de semana ouvia o rilhar de ferros do 28, que tomando embalo na Saraiva de Carvalho trazia visitantes do Cemitério dos Prazeres, ou que, saindo da Graça, passava por São Vicente, Santa Luzia, Chiado, São Bento, recolhendo e

redistribuindo, com parcimônia e pouca pressa, ociosos em apertados trajes domingueiros.

Ao menos ali, na Pensão Estrela, não era forçado a enfrentar a curiosidade maledicente dos velhos conhecidos seus e de sua família, que volta e meia o obrigavam a relembrar sua última e desastrosa apresentação como goleiro do Benfica, quando o país inteiro, exceto seus pais e o oculista, que já o sabiam, tomou conhecimento de que Manoel tinha uma deficiência visual grave.

De fato, as paredes encardidas, o roto cortinado das janelas, o ranger do piso ao mais leve movimento, numa sinfonia intérmina que povoava o casarão em todas as horas, sinfonia essa executada com um acompanhamento de tosses catarrentas e vozes a meio-tom, pareciam-lhe, agora que por conveniência voltara à casa paterna, algo muito mais suportável do que a rotina familiar dos Souza Aires.

Sabia, contudo, que regressara por pouco tempo, e o fizera não pela necessidade de aliviar as despesas, e mais, muito mais, porque sentia que era preciso regressar e arrancar com as próprias mãos as raízes plantadas no solo paterno. E era melhor fazer com força, de uma vez, como estava fazendo, do que deixar que apodrecessem lentamente.

De outra parte, sua resolução de regressar à casa paterna fazia-o por algum tempo mais jovem, como se jamais tivesse passado pelo amargor que o futebol lhe trouxera.

Residindo por alguns dias com os pais no andar da Almeida e Souza, trabalhando a poucos metros dali, no café paterno; fazendo suas refeições ao pé do balcão, beliscando um rissol, furtando discretamente uma e outra cerveja do frigorífico, iria experimentando a vida que quase teve quando muito mais jovem; quando ainda não se

profissionalizara no futebol. E Manoel se sentia quase como um colegial, como esses que se empregam temporariamente para fazer uma pequena economia, ou poupar parte do dinheiro para alguma aventura secreta. Para completar a encenação, os proventos de seu trabalho chegavam-lhe com dissimulada má vontade pelas mãos de Seu Albano, todos os domingos, pontualmente, em um envelope pardo. Era um pagamento modesto, que Manoel muitas vezes recebia sem conferir, abandonando o envelope sem abrir na gaveta do criado-mudo de seu quarto.

Já estava nisso há dois meses, mas parecia muito mais. No jaleco que habitualmente vestia, e que o tornava, diga-se de passagem, mais parecido com o pai, Manoel mantinha, por zelo e sigilo, certa correspondência, da qual não se apartava. Vez por outra, quando o balcão ficava vazio e não havia ninguém por perto, extraía, de um envelope guardado no bolso esquerdo superior, uma folha de papel muito amassada e que já principiara a se rasgar na dobra central.

Furtivamente lia um e outro parágrafo, relia e treslia certas passagens. Ali, em um inglês quase literário, o autor, que apenas assinara J. B. H., dizia-lhe como e porque concebera o jogo de Dublin e também lhe explicava que a ficha com seu nome fora selecionada dentre muitas outras, e fazia parte de um acervo da empresa Irish Ferries que continha o nome de consulentes em busca de informações turísticas sobre a Irlanda.

Na ficha da companhia, Manoel declarara compreender e falar o inglês, por força de haver jogado na Liga Inglesa. Isso chamara a atenção do missivista, uma vez que o domínio do inglês era imprescindível em seu plano. Só assim cada participante iniciaria o jogo com as mesmas chances de

sucesso. O fato de Manoel ter 31 anos completos, observou ainda o missivista sem maiores explicações, era fator decisivo, e favoreceu grandemente a escolha de seu nome e o posterior convite de participação. Mas o autor da carta alertava: o jogo de Dublin não seria fácil, não bastaria resolver com sucesso todas as charadas, decifrar as armadilhas, interpretar os múltiplos enigmas propostos. Seria imprescindível, para que o jogador tivesse direito à recompensa, demonstrar especiais talentos.

O ex-jogador arrasta-se até o ponto de autocarros. De onde se encontra enxerga um pedaço da praça, os táxis verde-pretos estacionados no ponto, defronte justamente do estabelecimento da família. Daquele ponto, mas mais próximo do centro da praça, alguém gesticula, apontando em sua direção. Será alguém que o conhece e de longe o está saudando, ou o gesto é para outrem?

O Autocarro 18, que vai para Chelas, pára no ponto. Àquela altura do trajeto, ainda se encontra vazio de passageiros. Manoel sobe os degraus do ônibus. Mostra seu bilhete de assinatura mensal ao motorista e atravessa o corredor até um assento próximo à última janela, na parte traseira do autocarro. Com certa relutância, ergue os olhos à procura do passante que acenara em sua direção, mas não o encontra mais.

Quando o ônibus recomeçou a circular, Manoel retirou os óculos de grau do rosto, esfregou os olhos com a ponta dos dedos, massageou o nariz e voltou a colocar as lentes em seu lugar. Ainda uma vez refletiu sobre o aceno do meio da praça. O homem que gesticulara tinha estatura média, era obeso e vestia um chapéu negro enfiado na cabeça. Apesar

da distância, pareceu a Manoel que o transeunte trazia o chapéu inclinado para o lado, como o fazia Mário de Sá-Carneiro.

No Largo do Rato, há uma confusão à porta de uma papelaria. Ao redor de dois homens, atracados numa dupla chave de pescoço, curiosos em cerco instigam os contendores.

Manoel avança até a escada do autocarro. De qualquer modo, o ex-jogador deve descer ali e fazer uma baldeação. Quando está prestes a descer o primeiro degrau, vislumbra o rosto avermelhado de um dos contendores. Parece o Bombarda, diz para si, sem saber se o socorre, ou se ignora a porfia.

O mostrador do relógio de pulso do ex-jogador marca 11h20. Tem um encontro às 12h45, no portão principal do Estádio da Luz, com um jornalista do Diário de Notícias; um almoço, em troca de uma entrevista, provavelmente com fotos. A idéia da entrevista incomodava-o um pouco, e Manoel relutou alguns dias até assentir em se encontrar com o Paiva, mas deixar-se fotografar decididamente não o agradava; preferia manter seu rosto fora das páginas esportivas.

Com ou sem fotos, a questão estava posta. O que fazer agora? Ser pontual em seu compromisso, deixando o amigo para trás, em apuros, ou ficar e se atrasar? Se fosse apartar a briga, perderia com certeza a hora. Além do mais, detestava apupos; temia ser reconhecido por algum torcedor de boa memória.

No entanto, Bombarda estava ali, não poderia haver dúvida, se alguma dúvida ainda persistisse na mente de Manoel; um dos brigões, justamente o que parecia estar em

desvantagem, era o seu colega do liceu, com quem conversava sobre poesia e de quem se afastou quando supôs que o relvado do futebol era mais macio e promissor que a estrada marginal, sem asfalto ou sinalizações de percurso, reservada aos poetas. Bombarda também não persistiu na poesia, embora continuasse a fazer versos até hoje, mais como higiene espiritual do que por profissão de fé. Ao invés da penosa obra de construção e lapidação do verso, engajou-se na indústria de ferragens de seu pai, e lá ficou, como uma edição nova, mas falsificada, de Cesário Verde. Por acaso, o departamento comercial da empresa do Sr. Bombarda, pai, era na Rua dos Fanqueiros, justamente onde aquele outro pai, o de Cesário, tivera um dia seu negócio de ferragens.

Mas agora não estava em jogo o mal aproveitado vezo poético de Bombarda, e sim a dignidade que a custo, difusamente, em seu rosto os que estavam no anel interior do tumulto mal podiam vislumbrar agora.

Com a vista esquerda intumescida, e com sangue escorrendo do nariz e da junção do lóbulo da orelha com a face, o colega de liceu de Manoel parecia entregue à fúria do oponente, que não obstante continuava a acertar-lhe murros ora no estômago, ora no rosto.

Do instante em que Manoel pisou o primeiro degrau da escada do ônibus, até o momento em que decidiu intervir diretamente na batalha, o rosto de Bombarda havia se transformado em uma posta de sangue. Não haveria muito mais tempo para salvá-lo embora de onde estava agora, já no plano da rua, Manoel não pudesse mais enxergar o amigo, cuja visão se escondia atrás de uma valorosa barricada humana. Por esse motivo, deixou de presenciar, estampado no rosto de Bombarda, o sentimento de humilhação e

vergonha que com suas últimas forças conseguiu por instantes deixar transparecer, antes de perder os sentidos.

Com determinação, dando-se conta de que algo muito grave estava para acontecer, enfiou os óculos no bolso do paletó, e avançou como um desbravador para o centro do tumulto. No caminho, aos repelões, foi extraindo e atirando longe ombros e braços daquele estranho corpo vivo em agitação, como alguém que arrancasse, com ímpeto e precisão, coxas e asas de um frango assado, de forma que logo chegou ao coração, ao epicentro do embate.

Quando finalmente acercou-se dos lutadores, encontrou o amigo desfalecido, sem reação, à mercê do rival, que o mantinha ainda preso na chave de braço. Manoel não vacilou, e com o punho esquerdo desferiu um golpe cruzado contra a lateral direita do rosto do oponente. Em seguida, quando o rival, surpreso com o golpe, afrouxou o laço fatal que prendia a cabeça de Bombarda, buscando aprumar o tronco, Manoel prontamente acertou um direto em seu queixo, que o levou à lona, onde o amigo despencara um segundo antes.

Todavia os apupos, que em sua maioria revelavam um sentimento de júbilo pela demonstração convincente de animalidade dos competidores, ao invés de diminuir após a intervenção decisiva de Manoel cresceram enormemente.

O que acontecia era que o organismo vivo, que se desenvolvera até ali alimentando-se do sangue dos desavindos, não recebia bem o invasor. O cerco parecia se fechar sobre ele, para assim expurgá-lo, como célula doente de um organismo que queria voltar ao estado dinâmico imediatamente anterior.

Um tipo raquítico, barba branca por fazer, cabelo espesso

nas ventas e um pano vermelho no pescoço, espalmou-lhe as costas.

-- Vai-te daqui, homem!

Em seguida, desferiu um murro à traição, embora sem resultado prático.

Quando Manoel se voltou, o sujeito não estava mais ali, havia escapulido na direção da Rua de São Bento.

-- Baderneiro, gritou-lhe alguém perdido em um dos anéis humanos que o circundavam.

-- Covarde, ouviu de um rosto bexiguento, plantado sob um chapéu de feltro de abas caídas, que despontou um palmo acima de sua cabeça. Tal opinião a maioria dos presentes, de uma forma ou de outra, compartilhava, convencidos estavam de que Manoel estragara a festa, roubando-lhes o entretenimento.

Sem tempo para pensar, Manoel desferiu uma direita contra a testa do porta-voz, que foi despencar sobre duas senhoras que engrossavam o anel intermediário de cabeças. No deslocamento do tronco, o porta-voz atingiu com o cotovelo o rosto do condutor de um eléctrico que, movido pelos mesmos nobres instintos dos que ali se encontravam, havia largado seu posto e atravessado todo o largo, posto que se dirigia aos Prazeres, deixando em imobilidade desesperadora o bonde com seus passageiros e compromissos vários, já agora adiados, e se enfiara no meio do tumulto, com seu espírito dividido entre dois sentimentos ambíguos: o de engrossar a assistência, e o de apaziguar os ânimos.

Do eléctrico sem o condutor ouviam-se vozes exaltadas, de pessoas para as quais o tempo tinha alguma importância. Outras ameaçavam descer, tomadas pela curiosidade, que era

mais premente que o futuro. No entanto, acicatadas pelo receio de perder o direito já adquirido de transporte, hesitavam entre saltar à rua e permanecer espojadas sobre os bancos.

Assim mesmo, alguns passageiros desceram, ofegantes e comovidos; foram os primeiros. Logo em seguida o mesmo se deu em outros pontos de paragem do largo, de tal sorte que os transportes coletivos foram sendo esvaziados de seu conteúdo, e quase todo ele era vertido sobre o foco de interesse maior, defronte da papelaria.

Os automóveis, que normalmente cruzam o Rato com certo vagar, uma vez que em meio a autocarros estacionados, eléctricos em lenta manobra e gente comprimida às portas dos coletivos, agora não avançam mais. No Rato, já são vistos alguns motoristas com seus engenhos desligados; outros, agastados, parecem não acreditar no que vêem e mordem o cigarro aceso entre os dentes, estapeando a direção em sinal de protesto. Os mais atrevidos já abandonaram seus automóveis e se dirigem ao centro do conflito. Engrossam os anéis humanos, ao redor dos pelejadores, representantes de praticamente todos os andares do edifício social.

O congestionamento alcança as artérias que costumeiramente alimentam o fluxo através da praça; na Braancamp, na Álvares Cabral, na Rua de São Bento e na da Escola Politécnica, o trânsito está totalmente paralisado na mão de direção de quem se dirige ao Rato.

Ao longe, sirenas ouvem-se, perdidas no engarrafamento, emulando com a orquestração de buzinas dos arredores, sem que contudo surgisse um só representante da lei e da ordem.

No núcleo difusor de tudo, os contendores são sacudidos

pela assistência, que não se conforma com o aparente encerramento do espetáculo. O oponente de Bombarda, após os murros de Manoel, desmontou-se de seus propósitos, e agora jaz combalido ao colo de uma conhecida freqüentadora do largo, que ganha ali sua vida apregoando cautelas e revistas velhas, envolta em surrobecos gastos.

Bombarda começa a acordar agora e, embora ainda estirado sobre chão frio, consegue aos poucos se recobrar, em seguida aprumar o tronco e abrir um dos olhos, sob as vistas do condutor do eléctrico que recebera a cotovelada involuntária no rosto, aplicada pelo homem grande de rosto bexiguento.

O contendor derrotado procura decifrar o que está acontecendo a seu redor. Quando vislumbra com dificuldade o corpanzil do marido traído por Leocádia, no colo da cauteleira Floripes, se anima e diz com voz abafada:

-- Cabrão.

A turba se agita com essa palavra mágica.

-- Olhem o safado, ainda está vivo, diz um sujeito que tomou o partido do marido chifrudo, contra o amante.

Antes, porém, que as coisas piorassem ainda mais, Manoel agarrou com as duas mãos as abas do paletó do amigo e num golpe, como se este não passasse de um saco de farinha, atirou-o sobre suas costas e, forçando aos trancos e barrancos sua passagem, conseguiu romper um a um os anéis humanos de curiosos.

Tomou a Rua de São Bento e, vertiginosamente, sempre a descer, foi carregando o Bombarda sobre os ombros por dois quarteirões, até que, não suportando mais o esforço, entrou na primeira porta aberta que encontrou.

Era uma tasca. Ali, numa cadeira a um canto, pousou o

antigo colega de liceu, que só agora o reconhecia, encarando-o com aquele único olho viável.

-- Mas és tu, ó Manoelzinho!

-- Não me chames assim, sabes que não gosto, repeliu o ex-jogador, tentando retomar o fôlego.

Manoel retirou seu par de óculos do bolso e firmou-os sobre o nariz. Agora via bem o estrago que o marido de Leocádia fizera no rosto de Bombarda.

Confere o mostrador do relógio de pulso. Tinha apenas alguns minutos para ir ao encontro de Paiva

-- Estou muito mal? perguntou-lhe o outro, agora procurando um lenço no bolso do paletó, para passar em seu rosto.

E sem aguardar a resposta, aduziu:

-- Pedes água, para que possa umedecer um lenço, faz favor.

-- Está bem, disse-lhe Manoel, vendo-o extrair o quadrado de alva cambraia do casaco.

-- E eu? insistiu o amigo, comprimindo com a palma da mão o antebraço de seu defensor, estou muito mal? Dize francamente, Manoel.

-- Estás. Estás deveras mal, responde-lhe Manoel, já arrependido de se haver envolvido na briga.

Contudo, ao invés de sair e largar o amigo ali, cuidando de seus ferimentos e de seu orgulho, deixa-se ficar e pede um copo de água e duas cervejas ao encarregado da tasca.

-- Espero que o moço traga rápido. Tenho uma entrevista em instantes, diz Manoel. Mas o que é que fizeste para merecer tantos carinhos? acrescentou, tentando sorrir.

-- Tu te feriste? indaga Bombarda, como se não tivesse ouvido uma só palavra do amigo, enquanto enfiava a ponta

da cambraia no copo que o garçom lhe trouxera.

-- Estou bem, apenas os nós dos dedos incomodam-me um pouco. Mas vamos aos fatos: em que enrascadela te meteste?

-- Tive um caso com a mulher daquele cabrão. Ele ficou sabendo. É só isso. Mas valeu a pena.

Manoel avalia as palavras do amigo, depois coloca as mãos em paralelo, sobre o tampo da mesa. Deixa os dedos esticados e abertos e abaixa os olhos como se os fosse examinar clinicamente.

Bombarda retira de sobre o olho esquerdo o emplastro improvisado que fizera com o lenço e imita o gesto do amigo, projetando o corpo sobre a mesa e encarando com consternação as falanges do outro.

Seu defensor sente a respiração irregular e sobretudo desagradável de Bombarda, com as narinas tão próximas assim do dorso de suas mãos.

Manoel recolhe o braço e recua o tronco, comprimindo-o contra o encosto da cadeira.

Entorna o líquido da garrafa no seu copo, e no de Bombarda.

-- Não te preocupes. Estou bem. Tu é que deves te consultar com algum médico. Nunca se sabe, diz Manoel.

-- Claro, naturalmente, mas antes de mais nada apetece-me brindar e agradecer a presença tão prestante do amigo, que salvou a vida daquele cabrão do marido de Leocádia.

Dizendo isso, Bombarda segurou o copo de Sagres e ergue-o à meia-altura, sorvendo-o de um trago, não sem simultaneamente gemer baixinho, enquanto bebia, acusando os ferimentos nos lábios. Manoel imitou o gesto.

-- Efetivamente não posso ficar mais, diz Manoel,

jogando sobre a mesa uma nota de cem escudos.

-- Ao menos deixe que eu pague, apressa-se em dizer Bombarda, devolvendo a nota ao amigo.

Em seguida, disse-lhe:

-- Dás-me a direção de tua morada. Sempre estás em Saldanha?

-- Não, isso foi há muito tempo. Morei em outros lugares depois, responde Manoel, recolhendo o dinheiro e enfiando-o no bolso. Agora resido com meus pais, no Campo de Ourique, mas é por poucos dias mais. A bem da verdade, horas.

-- Na velha morada, do tempo em que estudávamos juntos?

-- Sim. Essa mesma. Aparece para uma visita. Meus pais gostam muito de ti.

-- Está bem, lá ir-vos-ei ver. Mas deixa que me entenda com o moço sobre a conta, insistiu Bombarda ao ver que o amigo fizera novamente menção de pagar.

Ao ver o ex-jogador se distanciar da mesa, Bombarda disse ainda:

-- Sabes de uma coisa? Apesar de tudo, tinha piada ver-te jogar, e soltou uma risada com a parte da boca menos danificada, servindo-se em seguida da outra garrafa de cerveja que ficara intacta sobre a mesa.

Manoel não falou mais nada. Acenou apenas, ganhado a calçada e a luz do dia. Naquele exato instante, descia um dos integrantes da malta que assistira à briga. Por estar ainda engasgado com as últimas palavras que o Bombarda dissera, Manoel não reconheceu o outro, com quem cruzara logo que desceu do autocarro no Largo do Rato. Por sua vez, o tipo, embora tivesse assistido a toda a cena, também não

reconheceu o protetor de Bombarda, quiçá por conveniência, quiçá por causa das lunetas que Manoel agora estava usando, e que davam ao ex-jogador do Benfica um ar de conciliadora gravidade.

Suas têmporas latejavam após o desforço físico de há pouco. Olhou novamente no relógio. 12h35. Se fosse de autocarro à entrevista com Paiva, teria que tomar dois. Mas para fazê-lo, teria que subir ao Rato, novamente. De lá, tomaria o primeiro deles, que o deixaria em Entrecampos, e ali tomaria outro para o Estádio da Luz. No entanto, refletiu, voltar ao Rato não era aconselhável.

A poucos metros da tasca, no sentido da Calçada da Estrela, Manoel decidiu parar um táxi e entrou nele.

Um sol de primavera infletia sobre as vidraças e os metais. As pessoas, mais despidas, caminhavam atirando braços e pernas para o ar, diferentemente do úmido inverno lisboeta, quando todos sentem nos ossos a frialdade e o povo andava pelas ruas com o queixo enfiado no tórax.

Do assento traseiro do veículo, Manoel se dá conta da intensa luminosidade daquele dia. Começa já a fazer calor em Lisboa, embora mal tivesse começado oficialmente a primavera. Os olmos e os cedros da Praça Real já ensaiam as roupagens da nova estação. Alguns tímidos beberrões sentam-se já nas mesas ao ar livre da praça.

Quando cruzou a Faculdade de Ciências, a luz parecia reverberar com mais força sobre os muros e paredes brancas do casario, ofuscando seus olhos e seu pensamento. O vento ligeiro e álgido da manhã se diluíra numa brisa suave e quase morna, que trazia a reboque o olor ácido da maresia.

Manoel procurou organizar suas idéias, concluir apressadamente um balanço do encontro estapafúrdio que

tivera com Bombarda, e ao mesmo tempo entender seu próprio ato de violência, disfarçado em gesto de compaixão para com um colega de infância. Sobretudo porque nesse incidente de há pouco, havia muito mais do que um ato de legítima defesa do mais fraco; havia talvez uma espécie de resposta contra a opinião pública, contra os que escarneceram dele sem piedade, e que se esqueceram de todos os anos em que defendeu as traves do Benfica; em que honrou a camisa jogando no exterior, para condená-lo por um único lance de um jogo.

Além do mais, como se não bastasse tudo isso a mente de Manoel agitava-se no sentido de desvendar quais eram as intenções de Paiva. Qual o porquê de tão repentino interesse por ele, passados três anos de ostracismo completo, em que sobre o Manoelzinho do Benfica não se escreveu uma só linha, nem se formulou, na imprensa televisiva, um só comentário, mesmo que breve?

Foi um período em que sequer teve como consolo o suporte, mesmo que discreto, dos colegas de profissão. Nem mesmo sua família importou-se com seu afastamento definitivo do futebol, exceto na medida em que Manoel, sem as expressivas rendas do futebol, acabasse se tornando dependente do dinheiro familiar, o que era improvável, mas nem por isso menos preocupante.

O táxi contornou vagarosamente a Marquês de Pombal, mas ao invés de subir a Antônio Augusto de Aguiar, em direção à Praça de Espanha, matreiramente tomou a Avenida Fontes Pereira de Melo, engrossando o congestionamento da Praça Saldanha. Ali, arrastou-se metro a metro, competindo por espaço com outros veículos, até alcançar a Avenida da República, onde finalmente trafegou sem esforço, logo

atingindo o cruzamento desta com a Avenida Estados Unidos da América.

Enquanto o táxi passeava por Lisboa, seguindo um itinerário nada recomendável para quem tinha pressa e respeito pelo próprio dinheiro, dançavam na cabeça de Manoel dois distintos estratos da realidade vivida. O primeiro devolvia a lembrança de seu passado estudantil, e de seus débeis projetos literários. E remetia Manoel para os anos da adolescência, anos em que não soube urdir com os fios de ouro da vida seu melhor sonho; anos esses que, de maneira repentina, retornaram com nitidez, saindo da dimensão do tempo pretérito para uma dimensão de quase existência presente, no momento em que Manoel ergueu o corpo desfalecido de Bombarda do chão. Sim, porque o corpo do ex-colega de liceu, que Manoel protegera, e ao qual, de certo modo, devolvera a vida, era simbolicamente a própria palavra poetizável, quase revolucionária, de tão intempestiva e dominadora, instrumento primordial de gozo e prazer daqueles tempos, e que havendo ficado submersa, desde então, voltava a marcar presença; a se fazer, embora quase moribunda como o próprio Bombarda, estirado no Largo do Rato, plenamente audível.

O segundo estrato de realidade vivida era justamente a memória de seu passado mais recente, em que fracassara, ou, talvez melhor, em que a vida e a sorte fizeram-no fracassar, porque arriscara-se demais e perdera; porque não pesara as conseqüências de sua farsa; porque criara um modelo na arte de representar que fugia aos parâmetros estabelecidos. Um deficiente visual não poderia jamais assumir a responsabilidade de adivinhar a rota da bola e a esta se antecipar, de modo a interromper-lhe a fatal trajetória.

Quando a voz desafinada e quase feminina de Paiva ecoara em seus ouvidos dias atrás, e o convocara para aquela entrevista, todo o pesadíssimo silêncio à sua volta, silêncio que envolvera sua existência e sua carreira profissional nos últimos três anos, parecera ter ficado ainda maior, mais pleno e mais insuportável. Esse silêncio agora ganhava forma, expandia-se, ocupando o peito de Manoel, e dificultando o respirar.

O táxi avança, mantendo um quase evidente propósito de retardar a viagem.

Após Entrecampos, o ar se torna mais leve e perfumado. O largo passeio público entre as duas mãos de tráfego expõe uma vegetação que se torna espessa aqui e ali, com árvores e arbustos espalhados em canteiros, de forma que a custo se vislumbra o edifício da Biblioteca Nacional, na outra mão de direção, com seu gramado frontal, onde já se podem ver minúsculas papoulas eclodindo.

Se Manoel estivesse a pé, e caminhasse pela aléia central da avenida, veria também o baixo casario na mesma margem da biblioteca. Aquelas eram edificações modestas, que já nasceram acanhadas, geminadas à beira da estreita calçada, e hoje corroídas pelo tempo e pelo esquecimento; algumas com as portas cerradas há anos, à espera de serem demolidas; mas a primeira do renque de casotas traz uma pequena porta sempre aberta àquela hora; é uma minúscula tasca, com um balcão gasto de fórmica verde sem lustro, e uma televisão pendurada sobre uma alta prateleira; o prato do dia está gizado numa lousa à entrada. Adiante, em uma esquina, a Livraria Lácio, do falante e solitário Antônio André, rodeada de pequenas tascas e concorrentes. Ao meio-dia, as crianças atiram-se pelo portão do estabelecimento de ensino,

localizado ao fundo da rua, e ganham as calçadas, em seus costumes azul-marinhos, espalhando sons álacres. As mais crescidas agarram-se e deslizam pela rua fazendo confidências. Seus olhos cintilam à luz solar; de seus rostos brotam ruges; trazem, em incansável movimento, os lábios trincados pelo frio matinal. É como se quisessem compensar, naqueles instantes de liberdade recobrada, o silêncio imposto pela disciplina escolar durante toda a manhã. Seus dentes alvos despontam, estrelas embarcadas realçando a boca.

Manoel, contudo, não pensa em nada disso, nem nos tempos em que mantinha conta corrente com o proprietário da livraria, nem mesmo nas tascas em que à saída do Liceu comia uma sande e um copo de cerveja, enquanto entretinha colóquios exaltados numa mesa de alunos. Compassivo, procura controlar o desabamento silencioso de seu espírito.

Nesses momentos que antecedem seu encontro com Paiva, dissipam-se de sua mente os pormenores do incidente matinal, agora existem apenas seu peito em surda sufocação, seu estômago intumescido, e um sentimento de comiseração, como se acarinhasse a si próprio e a seu destino. E seu destino e sua vida eram agora dois gatos siameses afofados sobre o colo. Um pouco doentes, um pouco cansados, um pouco apreensivos.

-- Já se está quase ao pé do estádio, assegurou o motorista.

Manoel saiu do letargo.

-- Pedi-lhe que fosse ao Estádio da Luz, mas vejo agora que o Senhor preferiu um passeio turístico pela capital, disse Manoel decepcionado, logo que percebeu onde estava.

-- Às vezes o trajeto mais longo não é o pior. Quando chegar ao estádio, pode pagar-me o que quiser, que não estou

aqui para querer enganar ninguém.

Manoel limitou-se a concordar.

Instantes depois, olhando com suas grossas sobrancelhas através do retrovisor do Mercedes-Benz, o motorista indagou:

-- Não vos conheço?

Os olhos de Manoel encontraram os do homem ao volante.

-- Já fui ao estádio de táxi várias vezes, respondeu o ex-jogador, buscando demonstrar uma cortês naturalidade.

O motorista pareceu satisfazer-se com a resposta. Desinteressou-se por instantes de seu passageiro e pressionou o acelerador. Ao ouvir um incomum rugido do habitualmente silencioso motor de sua jóia verde e preta, o motorista lembrou-se de que deveria fazer reparos no escapamento. Nem bem ocupava-se com tais comezinhas considerações, o senhor ao volante ouviu a voz um pouco abafada de seu passageiro, que repetia a instrução que dera ao tomar o táxi..

-- Vou descer no portão principal, faz favor.

O condutor do táxi voltou a exibir no retrovisor suas grossas sobrancelhas ao passageiro do carro. Estas contudo desapareceram das vistas de Manoel quando o motorista, empurrando o espelho levemente para a direita e para baixo, enquadrou quase todo o rosto do jovem senhor de lunetas.

É muito pouco provável, quase impossível, que o motorista, mesmo que torcedor do Benfica, guardasse em sua memória registros da voz daquele que envergara a camisola número um de sua esquadra preferida. O mais certo e provável é que o itinerário ao estádio de futebol, associado ao ronco nervoso de sua Mercedes-Benz, fê-lo lembrar-se da

desgraciosa e febril engrenagem vocal das torcidas, em domingo de grande jogo. Somando todo o intenso clima futebolístico, propiciado pela simples compressão dos artelhos, no à-vontade das chinelas gastas, sobre o aceleredor, às feições de seu passageiro, agora estampadas quase por inteiro no espelho, como uma rara estampilha de colecionador, só havia um resultado possível: Manoelzinho do Benfica.

-- Manoel, Manoelzinho, não é verdade? disse o motorista, fazendo surgir as lascas de ouro de sua boca

-- Isto foi há muito tempo, defendeu-se Manoel.

-- Pretende voltar a jogar? perguntou ingenuamente o homem ao volante. Acho que devia, se permite a indiscrição.

Manoel já ouvira isso antes. Mas já ouvira também torcedores fanáticos, que jamais perdoaram sua farsa, dizendo-lhe desaforos nem bem o reconheciam. Por isso, respondia com prudência, buscando encerrar rapidamente o assunto.

-- Não, aquilo acabou. Agora só assisto aos jogos pela televisão.

-- Mas hoje você vai ao estádio, disse o homem, mudando a forma de tratamento.

-- Apenas para encontrar uma pessoa. Nada mais.

Chegaram finalmente ao estádio.

-- Aqui estamos, diz o motorista, virando-se e colocando o braço direito sobre o encosto do banco a seu lado. Chamo-me Oliveira. E tive muito prazer em transportar você. E acrescentou:

-- A corrida não é nada. O Manoelzinho já a pagou.

O ex-jogador do Benfica agradeceu e desceu do carro. Alguns ademanes desgraciosos se perderam no ar.

Encostado em uma árvore, está Paiva, apoiando o pé direito no tronco. O cigarro entre os dedos tesos, como os de uma lady. Ao seu lado, um tipo que Manoel não distingue de imediato.

-- Vais desculpar-me pelo atraso, Paiva. É que tive que dar assistência a um amigo. Dizendo-lhe isso, Manoel estica o braço quase militarmente, e aperta os dedos moles e suados do repórter.

-- Não faz mal. Chegaste a tempo, diz Paiva, que desde que vira o ex-jogador descer do táxi fixara seu olhar na pesada armação de tartaruga dos óculos de Manoel, como se esta fosse um objeto incomum, ou uma ferida não cicatrizada. E acrescentou:

-- Este é Nuno, lembras-te dele?

Manoel conhecia superficialmente o fotógrafo que acompanhava Paiva; era um homem silencioso e esquivo, com um rosto enrugado e sempre crestado de sol, que trabalhava sem paixão, obedecendo maquinalmente às ordens do repórter. Desde quando o conheceu, tempos atrás, no meio da imprensa futebolística, Nuno dera-lhe a impressão de alguém que estava sempre realizando seu trabalho pela última vez, e que logo em seguida deporia para sempre sua máquina fotográfica e demais petrechos, abandonando-os sem remorso.

-- Já nos vimos, não é certo? perguntou Manoel, enquanto esperava, com seu braço esticado, que o sujeito libertasse uma das mãos do equipamento e o cumprimentasse.

Nuno inclinou a testa para frente em um movimento lento, mas não emitiu qualquer som audível. Seu aperto de mão foi rápido como um furto.

-- Claro está que já se conhecem. Nuno está no jornal há

mais de dez anos, disse Paiva, atirando longe o toco do cigarro.

Manoel reparou no paletó de veludo justo e levemente empinado nas ombreiras, que Paiva está usando, e que davam a ele um ar ainda mais afetado que o habitual. Essa vestimenta realçava a baixa estatura e a compleição frágil do repórter, que parecia se mover em um apertado atelier de costura.

-- Muito agradecido por teres vindo, disse ele. Vou dizer-te qual é minha proposta. Primeiramente, faremos algumas fotos no centro do relvado, depois começamos a entrevista, propriamente dita. Parte dela no relvado, ainda em meio a fotos, parte dela no restaurante. Concordas?

-- Não vejo problema, respondeu Manoel, constrangido, deixando-se levar pelo repórter. O fato é que logo que vira Nuno em companhia de Paiva, Manoel pensara em recusar a sessão de fotos, peremptoriamente, mas nada fez, além de um aflito esgar facial, que o entrevistador não percebeu ou dissimulou não haver notado.

Paiva uniu os calcanhares, alçou-os do solo, ergueu teatralmente os dois antebraços e uniu o polegar e o indicador de cada uma das mãos, como se estivesse esticando um fio invisível à altura do peito.

-- O administrador do estádio já nos autorizou a fazer as fotos. Podemos ir? perguntou ele.

Paiva desfez o gesto; Nuno ergueu a sacola que depusera no chão e rumou na direção de um acesso lateral, à entrada do portão maior. Manoel caminhava lado a lado com Paiva.

-- Sem parar, até o centro do relvado, avisou o repórter.

O fotógrafo atravessou o centro do campo, virou-se na direção de Manoel e disparou as primeiras fotos, sem que o

ex-jogador tivesse tempo de retirar os óculos.

-- Já começamos? lamenta Manoel, sentindo-se surpreendido pela lente de Nuno.

-- Sim, já começamos, diz Paiva. É tudo muito natural, acrescentou, com as duas mãos nos quadris, buscando a direção da luz do sol.

Paiva voltou-se para Nuno.

-- Quero algumas fotos escuras, sombreadas, para dar idéia de isolamento e tristeza. Talvez daquele outro lado, com Manoelzinho nas arquibancadas.

-- Para quê tudo isso? perguntou o ex-goleiro, retirando discretamente os óculos.

-- Sou eu quem faz as perguntas, advertiu amistosamente a voz de falsete sempre desafinada de Paiva.

Manoel enfiou as mãos nos bolsos largos das calças e se deixou fotografar, como alguém que acabasse de acatar o conselho médico e permitisse que lhe aplicassem a injeção salvadora.

-- Agora, sentas-te bem ali, disse Paiva.

Manoel enfiou novamente os óculos para localizar o lugar apontado pelo repórter.

-- Queres que me sente naquele sítio?

-- Sim, na faixa em que não bate sol, mas podes ficar com os óculos, não faz mal, diz Paiva. Não, espera, vamos fazer uma seqüência sob as traves, antes. Vamos, Nuno, vamos.

Manoel se afastou do repórter e caminhou na direção apontada. O fotógrafo foi atrás, sem pressa, resistindo aos estímulos de uma mão invisível que o empurrava para diante.

Feitas as fotos sob os arcos, ambos voltaram.

-- Agora, sim, Manoel, faz favor de sentares ali. Muito bem. Agora dobra o tronco para frente, coloque as mãos no

queixo, como se estivesses pensativo, acrescentou o repórter, elevando a voz para se fazer ouvir pelo ex-jogador.

Nuno seguiu maquinalmente o movimento do entrevistado.

-- É essa a idéia de naturalidade que tu tens? perguntou maliciosamente Manoel, enfiando as lunetas no nariz.

-- Vamos, vamos, é só por um segundo.

Depois de bater algumas fotos, Nuno aproximou-se lentamente das arquibancadas, sentou-se alguns degraus abaixo de Manoel, permanecendo ali, no aguardo de novas instruções.

Paiva retirou um pequeno gravador do bolso e se dirigiu também até onde se sentara Manoel.

-- Quantos anos jogaste no Benfica?

-- Dois anos e meio.

-- E antes?

-- Sheffield Wednesday. Três anos.

-- E antes?

-- Oh, pá, tu não sabes já tudo isso? repeliu Manoel.

-- É só para testar o gravador.

-- Se é só para testar, respondo-te que não sei em que clube joguei antes, porque não conseguia perceber o escudo na camisola.

-- Tem paciência, aí está, diz Paiva, voltando a gravação e verificando o volume. Pronto, está bem assim, começamos de verdade, aduziu o repórter. O que representou para si o afastamento do futebol, na altura em que eras reconhecido em todo o país?

-- O futebol era o que melhor sabia fazer; com ele conquistei respeito; e com o dinheiro ganho, conquistei independência. E acrescenta: era, em suma, tudo, ou quase

tudo o que eu tinha.

-- Tu te arrependeste de haver iludido os que confiaram em ti? perguntou Paiva, indo direto ao ponto.

Manoel retirou os óculos do rosto e os apertou discretamente entre as mãos.

-- No último clube em que joguei, o Benfica, defendi seis penalidades máximas em menos de um ano, algumas dezenas de bolas dificílimas e uma centena de outras. Fiz o que qualquer bom guarda-redes faria pelo seu clube. Não traí ninguém.

-- Não quis dizer isso, retrucou Paiva. Mas não podes negar, permitas-me a franqueza, que tu escondeste o fato de seres cego como uma topeira.

O tom de voz de Paiva não escondia um de seus graves defeitos: a incapacidade de se controlar quando o momento o exigia. E, junto com esse defeito, um outro, que era o de antagonizar todo aquele que se encontrava próximo dele, e de exagerar o peso do braço, em situações em que para obter o que pretendia seriam necessárias justamente doçura e lhaneza.

O entrevistado recolocou os óculos, olhou ao redor do estádio vazio, acusou o golpe, mas reagiu.

-- Com ou sem o problema visual, vesti a camisola com profissionalismo. Se não fosse aquela partida contra o Sporting, talvez estivesse fazendo um papel melhor do que os sucessores do meu posto têm feito desde então.

-- Sem dúvida, não contesto. Achas então que a diretoria do clube não te deveria multar e afastar?

-- Francamente creio que não. Pois não era minha responsabilidade avaliar minhas próprias condições físicas, mas do departamento médico, que, se não sabia que eu

enxergava mal, ao menos desconfiava.

-- Achas realmente que deveriam dar-te novamente a camisola de arqueiro no jogo seguinte? É isso o que tu pensas? insiste o entrevistador, levando a conversa por uma vereda perigosa.

-- Há corredores de carros de corrida sem visão perfeita. Há mesmo alguns com deficiência de visão, como o Bob Rahal, e que terminam na dianteira.

-- Corredores de carros trabalham sentados, não têm contato físico com os outros competidores, argumentou Paiva.

-- Joguei aproximadamente 90 partidas pelo Benfica, mais de 100 pelo Sheffield Wednesday. E não sei mais quantas por outros clubes. Apenas uma vez, uma única vez, em centenas, cheguei a perder a lente de contato em um jogo.

-- E foi fatal! acrescentou Paiva, exaltado. O pequeno gravador com microfone embutido tremia em suas mãos.

-- Era para dares tua opinião que me chamaste aqui? Se soubesse disso, não teria vindo! Pois a tua opinião e a de teu jornal pouco me importam! rebateu Manoel arrancando os óculos do nariz.

Paiva bateu com a palma da mão direita na própria perna.

-- Façamos o seguinte: mudemos de assunto. O motivo desta entrevista não é tua deficiência visual.

-- E qual é então o motivo? perguntou Manoel.

-- Dir-te-ei ao almoço. Tu almoças comigo? perguntou Paiva. É um convite do jornal, disse, finalmente conciliador.

Agradava a Manoel impor sua existência, desiderato que imaginava alcançar enfrentando o lado perverso do mundo com as armas da sua verdade. E, naqueles instantes, esse mundo maligno estampava-se por inteiro na cara ictérica de

Paiva.

Contudo, ao mesmo tempo em que as palavras do entrevistador afrontaram-no, como uma espécie de simulacro da opinião pública, e em que, ao ouvi-las, sentira-se motivado para o embate, instigado para lutar -- a quase intimidade com o oponente e o jogo melífluo e intrigante, que parecia começar agora, excitavam sua imaginação. Era como ter o atrevimento de esfregar as mãos na focinheira de um leão faminto. Por essa razão, a resposta de Manoel não poderia ser outra.

-- Pode ser, por que não?

-- E o que tu tens feito para sobreviver? perguntou Paiva, segurando o braço do ex-jogador, ao mesmo tempo em que se levantava do degrau em que se encontrava. O fotógrafo guardou seu equipamento e seguiu o jornalista.

-- Vivo das minhas magras rendas, respondeu evasivamente Manoel.

-- Podes ser mais explícito?

-- Na ocasião em que parei de jogar, era sócio de uma pequena pensão no Gerês, e ainda sou; possuía, além disso, uma casota no Algarve e dois andares em Lisboa.

-- Tinhas seguro para a eventualidade de não poderes jogar mais?

-- Sim, tinha, respondeu Manoel, enquanto caminhava ao lado do repórter para fora do estádio.

-- Então vives bem, apesar de não trabalhares mais? pergunta conclusivamente o entrevistador.

-- Não vivo como vivia antes, nem tenho mais os dois imóveis aqui em Lisboa, que comprei com o dinheiro de minha transferência para o Sheffield. Mas não estou mal.

-- Portanto, vives de renda, insistiu Paiva.

-- Não vivo inteiramente no ócio. Algumas vezes auxilio meus pais no negócio da família. Mas a bem da verdade não preciso disso.

-- E que negócio é esse, exatamente?

-- Um estabelecimento comercial, um café com sala de almoço, ao pé da Quarta Parada, no Campo de Ourique.

Os três atravessam a ampla calçada em frente ao estádio. O carro do jornal os aguarda.

-- E de onde és? perguntou Manoel, já no carro do jornal, a caminho do restaurante.

-- Nasci em Amarante, em uma morada humilde, quase ao pé do Zé da Calçada, na 31 de janeiro. Conheces?

-- Penso que cheguei a entrar na cidade, mas não me recordo se cheguei a permanecer lá por mais do que alguns minutos.

O repórter continuou:

-- Aos quinze anos, mudei-me com a família para Viseu, antiqua et nobilissima cidade.

-- Essa eu conheço bem, disse Manoel, acomodando-se no fundo do assento do automóvel. E conheço não só porque lá joguei, mas porque lá voltei inúmeras vezes. Hospedava-me no Hotel Avenida, de onde, a pé, saía ao encalço de uma Lídia que não era a do Ricardo Reis.

E a voz do ex-jogador se tornou mais branda:

-- Vem sentar-te comigo, Lídia, à beira do rio, sossegadamente fitemos o seu curso e aprendamos que a vida passa, e não estamos de mãos enlaçadas.

Manoel olhou para fora do carro, como se a observação da paisagem pudesse prolongar as sensações que o poema de Reis evocara.

-- Então, gostas de poesia! exclamou Paiva

desconcertado, acentuando as sílabas com afetação.

-- A poesia veio antes do que o interesse pelo futebol. Ficou todavia abandonada, esquecida em benefício de coisas mais práticas, mas não nego que aprecio muitíssimo.

-- E eu também, acrescentou Paiva. Quando recitavas o verso falando do rio, lembrei-me novamente de Amarante, e de seu rio, que como tu sabes é o Tâmega; rio que passava defronte de minha casa, e lá ainda passa, com seus carvalhos e plátanos nas margens; com seus salgueiros beijando a água, numa mansuetude que não era a dos meus quinze anos.

Paiva interrompe-se por um instante e prossegue:

-- A casa defronte do rio é que não é mais minha, infelizmente.

-- Sim, balbuciou Manoel, ainda fitando as ruas através da janela do carro.

Voltou-se em seguida para o repórter: para onde me levas?

Paiva, que por distração nada dissera ao motorista do carro, curvou-se sobre o encosto do banco dianteiro.

-- Seu Moraes, vamos a uma marisqueira na Praça do Chile. Ao chegar nas proximidades, mostro-lhe o sítio. O motorista balançou a cabeça afirmativamente. Não é o restaurante do Castelo de São Jorge, nem tem seu luxo, mas come-se bem, e isto é o que importa, disse, dirigindo-se a Manoel.

Sem saber ao certo se foi a menção que Paiva acabara de fazer do restaurante ou se foi pelo fato de este haver mencionado seus pais, ou, ainda, por causa das duas coisas combinadas, o fato é que a lembrança do compromisso de substituir a mãe nos afazeres do bar, enquanto esta se ausentasse, veio à mente de Manoel como um soco na testa.

-- Paiva, ao chegarmos à marisqueira, dar-me-ás licença de telefonar, pois não? E acrescentou, como se estivesse endereçando ao repórter as desculpas devidas à mãe:

-- É que não vejo como estar em dois sítios ao mesmo tempo. Vou avisar que atraso-me. Razões profissionais.

-- É assim que se fala, disse Paiva, estimulante, sem contudo compreender exatamente a que se referia Manoel ao dizer da impossibilidade de se encontrar em dois lugares diferentes.

O carro contornou a Saldanha e virou na direção da Avenida Casal Ribeiro. Manoel calou-se, nutrindo uma idéia fixa: telefonar, telefonar assim que puser o pé na calçada. Uma hora deve bastar para o as palrações de Paiva, considerou. Depois, é tomar um táxi e desabalar para o Campo de Ourique. Mais uns trinta minutos. Não mais do que isto.

-- Já estamos na Almirante Reis, avisou Paiva, compelido pela necessidade de preencher o silêncio que se instalara dentro do carro.

Ao lado do motorista, Nuno olhava absorto à frente, segurando, como se embalasse um cesto de bebê, a sacola com seus petrechos de trabalho. O carro afastou-se da Alameda Afonso Henriques.

-- Moraes, deixa-nos mesmo ao pé da Praça do Chile. Depois procuras uma vaga em uma travessa da Morais Soares ou da Pascoal de Melo, e nos encontre no restaurante.

-- Qual o nome? pergunta Moraes.

-- Olhe, é bem ali. Podes parar. Podes parar, homem de Deus! Estás vendo? bradou Paiva, gesticulando energicamente.

-- Marisqueira Chimarrão?

-- Pronto. Aí tens, disse o repórter, ainda arrebatado. Desçamos, antes que o Senhor Moraes nos leve de volta ao Estádio da Luz.

A iluminação é débil e tons vermelhos predominam na marisqueira que, diferentemente das outras, exala um intencional ar afrancesado de bistrô. Quando a porta da rua se cerrou atrás de Manoel, também ficaram do lado de fora a orquestração de ruídos da Praça do Chile -- com seus bondes, seus comerciantes à soleira das portas, sua clientela simples, de modos apressados e fala ácida -- e o dia de luminosidade incandescente.

Paiva avançou na semi-penumbra e escolheu uma mesa redonda e ampla, no centro do salão, de modo que todos se acomodaram perfeitamente ao redor dela.

Quando o garçom ameaçou tirar os talheres em frente à única cadeira vazia, Paiva advertiu:

-- Aguardamos mais alguém, podes deixar como está.

Em seguida dirigiu-se a Nuno:

-- Quero ver quanto tempo levará para o Moraes estacionar o veículo. Esta cidade está a entupir-se de latas.

Manoel, nem bem se sentara, saltou como uma mola de sua poltrona e se pôs de pé, aflito.

-- Vou telefonar à casa. Já volto.

Enquanto o ex-jogador despachava-se marisqueira adentro, no intuito de localizar um telefone, Paiva e Nuno manuseavam o cardápio.

O garçom traz três buchas em um cesto. Os dedos de Nuno pinçam uma delas, nem bem tocam a mesa. Paiva olha desinteressadamente os modos do fotógrafo.

Do outro lado do restaurante, ao canto de um balcão cheio de pratos e copos sujos, Manoel ouve seu pai atender ao

telefone, e diz:

-- Aqui é Manoel.

Seu pai não responde de imediato, como se esperasse a construção do sentido da frase. Manoel continuou:

-- Infelizmente vou atrasar-me deveras. Quero pedir desculpa à mãe.

-- Tua mãe já saiu, diz o Sr. Albano Aires. E tu me fizeste mais esta! Não posso mais confiar em ti.

-- Eu irei, prometo que irei. É só mais uma hora, talvez menos, defende-se Manoel.

-- Tu vais me obrigar a fechar em pleno dia o bar, coisa que jamais me aconteceu antes!

-- E se eu não estivesse aqui, como o senhor se arranjaria?

-- Não me faças rir. Tu sabes bem que não empreguei o Fonsequinha porque tu me deste tua palavra que ficarias algumas semanas a atender o balcão. E arrematou: o bar é nosso sustento, não nosso passatempo!

-- Eu já vou. Tem paciência, sim?

Quando Manoel chegou à mesa, já lá estava o motorista, abocanhando a última bucha que sobrara. Os comensais faziam seus pedidos e Paiva encomendava o vinho.

-- O que vai ser? perguntou o repórter a Manoel.

-- Qualquer coisa, disse o ex-jogador.

-- Queres uma sugestão?

-- Sim, faço gosto que me escolhas o prato, respondeu Manoel.

-- Pedes umas ameijoas a Bulhões Pato e uma posta de cherne com grelos, sugeriu Paiva.

-- Estou sem apetite, ademais não posso demorar-me demais. Só o peixe, está bem?

-- Como quiseres.

O repórter em seguida dirigiu-se ao garçom e encomendou um vinho branco do Douro.

O serviço avançava com lentidão. A impaciência de Manoel aumentava e o ex-jogador exibe-a agora arrancando os óculos do nariz e recolocando-os entre uma e outra mirada no mostrador do relógio de pulso. Paiva apercebe-se disso.

-- Antes que teu descompassado coração pare de bater, vamos ao que interessa. Em primeiro lugar, quero que o Nuno deixe de lado a sopinha e faça-me o favor de trabalhar. E tu, quero que me ouças, está bem?

Manoel assentiu.

Incontinenti, o fotógrafo limpou os beiços e abriu o zíper da maleta, dali extraindo a câmera fotográfica.

-- De que se trata então? perguntou o ex-goleiro.

-- É simples. Queremos-te novamente em circulação. É por isso que a editoria de esportes incluiu-te na pauta.

-- E para quê?

-- O jornal acha que uma matéria favorável sobre ti bastaria para que o país inteiro voltasse a ver-te com simpatia, e até com saudade.

-- Sim, mas repito: ainda não percebi qual a finalidade.

-- Queres um pouco de vinho? pergunta Paiva, sentindo-se sutil.

-- Basta, assim está bem, diz Manoel, levantando o copo da mesa, mas não escondendo sua ansiedade para que o repórter pusesse de uma vez as cartas sobre a mesa.

-- O que o jornal pretende é oferecer-te uma crônica esportiva semanal. Uma coluna, para escreveres sobre o que tu conheces. E com inteira liberdade de opinião, como convém a uma coluna assinada. Mas antes de mais nada,

como te disse, precisamos devolver-te ao mundo, fazer teu nome ouvido aqui e ali, compreendes?

O ex-jogador recolocou os óculos que havia retirado segundos antes. À sua frente, o rosto de Paiva, com seus olhinhos de rato, seus modos de pequeno roedor, endereçando-lhe uma proposta salvadora e inteiramente inesperada.

-- Quer dizer que o convite está condicionado à receptividade de meu nome?

O flash da máquina de Nuno espocou na retina de Manoel.

-- Não é bem assim. Achamos que uma matéria jornalística simpática sobre ti daria maior segurança a teu regresso; prepararia, por assim dizer, teu caminho de futuro cronista.

-- Garantiria o empreendimento do jornal, isto é o que queres dizer.

-- Se entendes assim, respondeu Paiva, reticentemente.

-- Estão por acaso os senhores imaginando que em benefício do bom nome do jornal e sucesso da seção eu consentirei em fazer publicamente um mea culpa relativo a um incidente ocorrido há três anos atrás, e do qual não tenho qualquer remorso?

-- De modo algum, tu estás sendo precipitado e leviano, se me permites a franqueza, atalhou o repórter.

-- Não admito que me dirijas a palavra desta maneira! contra-atacou Manoel.

-- Tu pensas, ao que parece, que o mundo inteiro gasta seu tempo a preparar-te uma peça?

O pequeno roedor defendia seu patrão com as armas da ironia, pensou Manoel.

-- Todo ele, não, redargüiu o ex-jogador.

O repórter serviu-se de mais vinho, atacou uma lasca da batata cozida que acompanhava as lulas, deixou sabiamente escoar alguns segundos e respirou fundo. Manoel tinha os cotovelos abertos como se fosse voar; os dedos contraídos, os punhos sobre a mesa.

-- Independentemente de tua opinião e de tua má vontade, penso que é uma oferta tentadora que o jornal te faz. Basta seres prático e desarmares-te. Lucrarás muito com tudo isso, profetizou.

-- E a parte financeira?

-- Agora, sim, falas bem. Ora, a parte financeira não deixa a desejar. Garanto-te, diz Paiva. Se teu nome repercutir bem, com certeza não precisarás vender mais nada daquilo que é teu, para pagares tuas contas. E ainda reconquistarás a celebridade.

-- E para quando é isso, quero dizer, qual é o próximo passo?

-- Breve tu serás chamado, afiançou o repórter. Deixas tudo comigo, está bem? Tua matéria sairá com grande destaque, verás. Mas acalma-te. Não tenho raiva de ti.

Eram 14h45 quando o ex-goleiro entrou num táxi rumo a seus relegados afazeres no Bar e Tabacaria da Quarta Parada.

Capítulo 2

Lucien Sorel alcança a grade giratória de saída e empurra uma das barras. O mecanismo cede lentamente, como a pôr freio ao desejo de alcançar os amplos espaços circunjacentes.

Pouco depois se encontra em frente aos arcos do pórtico principal do edifício do centro de convivência internacional. Atravessa-o pelo arco da direita e atinge o Boulevard Jourdan. São 14h15 daquela quarta-feira.

Um bafio quente o alcança; folhas secas sobre um canteiro de obras se erguem do solo e rodopiam.

Lucien reencontra o marronnier sobre o qual conversara com o jardineiro do Parque Montsouris momentos atrás. Repentinamente uma árvore tão vulgar e comum destacava-se sobre as outras. Era como se ela integrasse um cotidiano pretérito, emoldurado pela cidade universitária, cotidiano esse que jamais se repetiria outra vez, por mais que Lucien quisesse. Era, enfim, como se Lucien se despedisse dela para sempre, depois de a haver catalogado com o auxílio do jardineiro.

Lucien deu as costas para o marronier, e nesse instante lembrou-se novamente do aristocrático quarto andar do número 40 da Rue Georges Mandel, onde seus pais ofereciam um almoço familiar todo primeiro domingo do mês.

Certa vez, sobre uma poltrona do escritório, encontrava-se encarapitada em um dos braços almofadados sua irmã Corinne, dois anos mais moça que ele. A seu lado, contrafeito, instalado no que sobrara da poltrona, um sujeito desconhecido de Lucien, e que se apresentou como Antoine Poirier.

Lucien tinha pouco mais de 27 anos e ficara enciumado com a nova amizade de sua irmã, que tinha, em sua opinião, o péssimo hábito de colocar dentro de casa, sem cerimônia, qualquer gaulês que como ela defendesse a absoluta erradicação do país dos estrangeiros, dos pieds noirs e demais rebentos da aventura colonialista.

-- "Lucien, te apresento meu último romance, Antoine, estudante de arquitetura, socialista, mas nacionalista", disse a irmã, praticamente obrigando Antoine a se levantar para a apresentação. E com vivacidade, quando Lucien e o visitante apertaram as mãos sem convicção, Corinne acrescentou, lembra-se ainda muito bem Lucien:

-- "Lucien, este é Antoine. Antoine Poirier. Monsieur Poirier, este é meu famoso irmão mais velho. Tenha cuidado com ele".

Lucien sentou-se em uma cadeira próxima a uma parede forrada de livros, dando tempo ao amigo de Corinne de se acomodar novamente na poltrona e perder o rubor. Finalmente disse:

-- "Então o senhor é arquiteto".

-- "Ainda não. Devo terminar a École des Beaux-Arts no próximo ano", respondeu Antoine, emplumando-se e aduzindo:

-- "O senhor é engenheiro, não é verdade?"

-- "Sim, respondeu Lucien. "Acabo de me formar. Mas trabalho na profissão há já algum tempo, apressou-se Lucien em salientar".

-- "Na GDF Services, Corinne me contou".

-- "Desenho projetos de tubulações e circuitos para que o gigot chegue à mesa das boas famílias", respondeu Lucien sem apetite.

-- "Não gosta do que faz?" perguntou Antoine, simulando certo interesse.

-- "Gosto de minha independência absoluta, e sobretudo de minha privacidade respeitada", respondeu Lucien, cravando os olhos na irmã, que ouvia o que diziam, para que assim ela se apercebesse de que mais uma vez falara demais.

-- "E o patrão?" replicou metalicamente Antoine.

-- "Dos males o menor", disse Lucien, ainda com as feições endurecidas, como se desta forma pudesse tornar mais convincente seu desagrado.

Era confortável o escritório do apartamento da Georges Mandel, com amplas janelas dando para a avenida, poltronas modernas, com generosos e macios encostos, contrastando com as duas salas de estar vetustas, em que os *Louis,* alguns autênticos, outros cópias bem realizadas, davam prazer apenas ao olhar.

A decoração das salas de estar era de inteira responsabilidade do pai de Lucien, "un petit vieux avec la Légion d'Honneur", como assinalava Lucien, citando Camus. O escritório, ao contrário, era um território feminino, onde

pontuavam o gosto despojado da mãe de Lucien e o apetite normando e conquistador de Corinne, ambos contaminados por objetos de decoração, que esta espalhava, como atestados de que se mantinha ao corrente dos modismos sobre a matéria.

Todo revestido de madeira, com dispendioso travejamento cruzando o forro de gesso baixo, o escritório em que Lucien conheceu Antoine era acolhedor, fazendo às vezes pensar que as pessoas da casa realizaram ali um grande esforço para parecerem menos hostis do que na realidade eram. Mas este era um pensamento equivocado: não havia no lar dos Sorel nada além de uma saborosa, apesar de arrogante, disputa familiar, na qual, aliás, Lucien manteve-se sempre à distância.

No centro da peça, dois sofás de couro, que eram extremamente disputados pelos que apreciavam o conforto, e algumas poltronas também convidativas. Sob a única janela, plantada na parede lateral, do lado direito de quem está em frente à porta, uma mesa de carvalho de carpintaria simples, com pés roliços e sem ornatos, e uma cadeira inglesa, de palhinha, com braços e pés torneados, também de carvalho. Arandelas inglesas projetavam uma luz amarela sobre a madeira brilhante das paredes, que compensavam a pouca luminosidade natural do aposento. Ao fundo, na parede oposta à janela, uma estante de livros, que a cobria inteiramente. Aquele era o nicho de Corinne.

O escritório da casa paterna se esfuma da memória, surge o rosto de Antoine, que se tornaria mais tarde seu amigo, e um pouco ao fundo, mas com grande nitidez, o rosto espantosamente delicado de Corinne.

-- "E o patrão?" pergunta novamente Antoine.

Lucien olha o marronnier, escuta a voz de Corinne:

-- "Il faut tuer les patrons!" ela exclama provocativamente, fixando a ponteira do cigarro na ridícula piteira dourada que adquirira no marché aux puces da Porte de Clignancourt.

-- "Dos males, o menor", recorda-se novamente Lucien de haver dito a Antoine naquela ocasião. Em seguida, desferira:

-- "Viver ilicitamente me parece pior do que suportar o chefe".

-- "O que o senhor quer dizer com 'viver ilicitamente?'" pergunta Antoine acusando, no tremor da voz, o que imaginou ser um golpe desferido contra o fato de viver à custa da família -- o que não era verdade, haja vista que Corinne não havia dito nada a esse respeito ao irmão.

-- "Há muitas formas de viver ilícito", repõe Lucien, desviando os olhos na direção da porta do escritório, por onde a copeira acabava de passar com uma bandeja de petits-beurre e alguns copos vazios.

Apesar de o primeiro encontro ter sido desastroso, Lucien e Antoine foram paulatinamente se aproximando, sobretudo depois que Antoine passou a viver na Rue de Tolbiac, em um minúsculo studio, já como arquiteto formado. Mantiveram-se amigos até que Antoine fosse rebocado por um patrão astuto e convincente, e saísse de Paris sem planos de regresso.

Há alguns meses, sem notícias do amigo, Lucien se dirigiu a um agência de correios e consultou a lista telefônica computadorizada de Paris, para se certificar de que Antoine não voltara.

O nome Antoine Poirier aparecera nada menos do que

cinco vezes. Lucien registrou em uma folha de papel o telefone de um homônimo, que residia no n. 46 da Rue Boissonade, discando logo a seguir. Uma voz feminina e gentil veio ao aparelho e assegurou-lhe que "seu Antoine" não era arquiteto, mas comerciante.

Havia um segundo Antoine Poirier, que residia na Rue Marcadet, no n. 436. Um homem de idade informou a Lucien que o chamavam por aquele nome há 74 anos, o que o levou a tentar um terceiro número.

Lucien discou 46362118, aparelho instalado no n. 4 da Place Belleville, no vigésimo distrito; e a seguir o que se encontrava instalado no n. 222 do Boulevard Voltaire, ambos sem sucesso. Neste último, uma gravação identificava o único morador da casa. A voz daquele Antoine Poirier nada tinha em comum com a voz do amigo desaparecido.

Restara a Lucien a Rue de Tolbiac, que de fato abrigou um dia *seu* Antoine, mas para onde seria inútil telefonar, uma vez que ele próprio auxiliara o amigo a embarcar no táxi a última caixa de desenhos e plantas, que ali restara sobre o carpete do cômodo inteiramente vazio.

Naquela tarde, há aproximadamente dois anos, eles se despediram na calçada, defronte ao número 86 da Tolbiac. Antoine prometeu-lhe escrever logo que chegasse a Perpignan, para assinar o contrato de trabalho com uma construtora que o manteria ocupado, em princípio, por oito meses, e fora da órbita de Lucien.

Quando Antoine chegou a Perpignan, o novo meio de trabalho lhe reservaria uma adaptação extremamente penosa, devido a várias razões, na maioria esperadas, todas traduzindo o conflito inevitável entre o estudante parisiense Antoine Poirier, artista com dons anárquicos, ou anarquista

com dons artísticos -- e o encarregado Antoine Poirier, fiscal do projeto sanitário da Compagnie Hotelière de Languedoc.

Antoine imaginara, ademais, que a permanência nos Pirineus Orientais seria questão de semanas, apesar dos termos inflexíveis do protocolo assinado com a empresa -- e que sem dificuldade convenceria a companhia, com negócios também na Espanha, de que ele seria de maior utilidade nos empreendimentos da Costa do Sol. Reforçava essa convicção o conceito que fazia de seus conhecimentos da língua, na verdade parcos e insuficientes para o posto que cobiçava, mas dos quais fazia alarde.

Contudo, em sua primeira visita ao escritório da empresa em Perpignan, Antoine teve frustradas suas expectativas. Baseada no fato de que o contrato de trabalho de Antoine dizia respeito à filial que o indicara, leia-se Paris, a administração de Perpignan lavou as mãos, embora, por mera e hipócrita cortesia, o autorizasse a se entender diretamente com o bureau de Montpellier, matriz da empresa.

Na saída desse encontro de apresentação, um dos presentes puxou Antoine pelo braço, levou-o a um canto e lhe disse, num gesto pouco esperado de franqueza:

-- Sobre a Costa do Sol e Montpellier, esqueça. É um conselho útil. E se afastou dali.

Sob o impacto da realidade, Antoine se retraiu, canalizando de um lado todas as suas energias para o trabalho, como se agindo assim pudesse livrar-se mais cedo da carga -- e de outro lado evitando comunicar-se com o passado, que deixara para trás, dessa forma neutralizando os filamentos de sua sensibilidade de modo que não acusassem, como seria natural, a separação física da Île de France.

Evidentemente Lucien, embora desconhecedor dos detalhes e contratempos da contratação de Antoine, em alguns momentos, nos meses seguintes, chegou a cogitar que Antoine se refugiava em sua solidão para não sofrer -- e que como amigo cabia a ele, Lucien, tentar entender e aceitar isso, aguardando passivamente um comunicado.

Claro está que para Lucien as coisas não eram assim tão simples: remordia-o pensar repetidamente que Antoine não pensara um instante sequer quanto ele sofreria com seu isolamento (que de fato se caracterizava quase como um desaparecimento, uma vez que Lucien não sabia se o amigo continuava na empresa, ou mesmo se havia de fato se instalado em Perpignan), e alimentava um sentimento desconfortável que oscilava entre um rancor furioso e quase pueril, e uma surda, dolorosa e profética resignação.

Agora, no momento em que Lucien caminhava pelo Boulevard Jourdan sentia uma espécie de orgulho ferido pela forma como Antoine se afastou dele. Sabe que poderia localizar o amigo. Bastaria escrever para a empresa em Perpignan, atrás de seu paradeiro. Muito provavelmente Antoine ainda estaria lá.

Lucien também sabia, no entanto, que jamais procuraria a Compagnie Hotelière de Languedoc em busca de informações sobre Antoine, pois seu orgulho e seu sentimento de decepção imobilizavam-no; e, não obstante esse mesmo sentimento não o tivesse impedido de buscar anonimamente no catálogo eletrônico de Paris o paradeiro do amigo, jamais seu orgulho o autorizaria a se identificar junto aos escritórios da empresa hoteleira.

Na altura da esquina do Boulevard Jourdan com a Rue

D'Arcueil, indiferente ao pesadelo ininterrupto de sons, motores, guinchos e buzinas, parece fazer a siesta o vazio Café Fleurus.

Na outra margem da avenida, Lucien pára, à espera do sinal verde.

Finalmente o sinal abre, e a cor verde, ao invés de lembrar impiedosamente ao pedestre Lucien a absoluta necessidade de correr para atravessar o boulevard, de modo a não ser colhido no meio do caminho por alguma furgoneta ou motocicleta mais afoita, fez com que o engenheiro pensasse em águas subterrâneas. Não aquelas que fluem livres pelas entranhas da terra, ou por arroios escondidos, mas as que obedientes são canalizadas até a residência do consumidor, que paga por elas toda vez que abre uma torneira.

Sua mente saboreia a hipótese de captar em hipotético vôo, através da áspera cortina de ruídos, primeiramente uma visão aérea do parque, adiante o talude gramado do reservatório de Montsouris e depois, descendo em vôo perpendicular na direção das comportas, o rumorejar das águas do Vanne, do Lunain e do Loing alcançando Paris e sendo canalizadas para a rede de abastecimento doméstica. Por trás dessa imagem, mais do que a necessidade de evasão mental de um ambiente urbano hostil, o vezo do engenheiro em busca quer da racionalização dos meios, quer da presença do traço disciplinador.

Alguém roça com os ombros o braço esquerdo de Lucien, quando ele ainda se aplicava em perseguir o rumor das águas. Logo a seguir uma voz feminina manifesta suas desculpas, e é como se aquela voz viesse do fundo das águas verdes.

Lucien atravessa a avenida. Sente-se subitamente feliz ao

pensar que Antoine não estava mais ali, como seu jovem escudeiro, e que sua partida para Deauville -- e depois para o Havre -- como que selara uma espécie de acerto de contas com Antoine. Além do mais, a ausência do amigo tornava sua partida para Paris eventualmente mais fácil, embora, também, mais pobre.

O café Fleurus estava aberto, e não se encontrava vazio, como pensara. Através da vidraçaria muito escura, do estabelecimento, Lucien lobrigou alguns homens em camisa, encostados ao longo balcão de serviço, e jovens pelos cantos, em mesinhas atulhadas de cadernos escolares e taças de sorvete vazias.

Pensou em entrar e tomar um café, mas desistiu, seguindo pela Rue D'Arcueil. À altura do número 18, deparou um prédio moderno, gasto já prematuramente em seus poucos anos de vida, pela combinação fatal de um desolador senso arquitetônico, com a utilização de materiais de má qualidade técnica. Outra vez o vezo do engenheiro se manifestava nele.

Por um instante, Lucien se apercebeu de que a engenharia e sua vida profissional haviam impregnado excessivamente sua vida. Seria preciso desbastar aqui e ali, atirar longe regras de cálculo e pranchetas, para que sua sensibilidade pudesse respirar em liberdade. Talvez, e disso Lucien não parecia ter-se dado conta ainda, mais do que se libertar dos instrumentos de seu trabalho, e dos postulados e preceitos que regiam sua atividade mental, fosse preciso buscar outros olhos para enxergar a vida. Agregar novos mundos, ao invés de reduzir e desalinhar simplesmente o seu.

Lucien acelera o passo na direção do cruzamento da Rue D'Arcueil com a Rue Roli. Vê, ao fundo, entre as edificações que ladeiam a estreita rua, uma nesga verde e pujante do

parque, lembrando em sua quase irrealidade bucólica os devaneios florais de Fragonard.

Chega ao cruzamento da Rue de L'Amiral Mouchez. Olha ao redor, nenhum automóvel passa. Ergue os olhos e depara a pequena e acolhedora Vila Corot -- construção recente, com seus apartamentos de pequenos terraços.

Havia alguém que conhecera e morara ali, nos fundos, e que perturbara por algum tempo a tranqüilidade provinciana e pacata dos moradores da vila. De seu nome Lucien não se lembra, mas ressurge nítida a feição corsa, a barba cerrada de dias, o bigode espesso, manchado de nicotina, os braços longos, os ombros arqueados e estreitos.

O corso reunia estudantes mais jovens em seu apartamento, normalmente estrangeiros, africanos negros muitas vezes, com os quais organizava sessões noturnas de música e de debate étnico, este último seu prato predileto.

Lucien nunca se interessara por tais assuntos, embora também fizessem parte do cardápio das reuniões na casa de seus pais. Admirava no entanto a rebeldia do corso, seu perene ar revolucionário, fustigantemente rebelde e anacrônico -- e que contrastava com os modos afetados e sibilinos de seus mais chegados amigos parisienses, para os quais era impossível dizer singelamente "gostei da exposição" ou "gostei do filme", sem que essa opinião não viesse escortada por uma fieira cacarejante de citações vazias, indigestivas e no mais das vezes inoportunas -- ou ainda com seu sentido irresponsavelmente distorcido.

O sinal fecha e um táxi imobiliza-se à frente de Lucien, como uma presa encurralada. Lucien move o braço direito, deixando o cotovelo rente à cintura, enquanto agita para cima e para baixo sua mão em que dedos distendidos

marcialmente vibram como uma só lâmina no ar.

O táxi pára e Lucien fornece ao motorista o endereço de Abdail:

-- 46, Rue Lépic, em frente à Place Blanche: Pigalle.

Segundos depois, nem bem o táxi partiu, Lucien saltou do assento, tocou de leve o encosto do motorista, desculpou-se e forneceu outro endereço:

-- 7, Rue Berthollet.

O carro parece libertar-se de algo que arrefecia os giros do motor e a rolagem. Arranca agora com ímpeto, estimulado pela apocalíptica e curva figura do motorista agarrado à direção, empurrando a massa de ferros para frente.

Com velocidade o carro percorre a L'Amiral Mouchez, cruzando a Rue D'Alésia.

No fundo do assento, comprimido pela aceleração, Lucien retrai-se. Seu corpo todo se contrai ao redor da idéia de que invadia mais uma vez, naquele momento, uma rota familiar que ligava quatro pontos cardeais de sua existência: primeiro, a École Polytechnique, pouco acima das muralhas de Philippe Auguste, nos cumes de Ste. Geneviève, entre a Rue Clovis e a Place Paul Langevin (nascida por seu turno da confluência da Rue Monge com a Rue des Écoles); nessa instituição, Lucien se graduou engenheiro.

O segundo ponto cardeal são os escritórios da GDF na Place D'Italie, onde estagiou durante dois anos decisivos profissionalmente.

O terceiro ponto é a sede da empresa, em que agora trabalha, nas proximidades da Gare D'Austerlitz. Em sua sala, no quinto andar, Lucien vislumbra a aléia central do Jardin des Plantes e a ponte, que tem o mesmo nome da

estação, sobre o Seine.

O último ponto cardeal é seu próprio endereço, 7, Rue Berthollet, terceiro andar, poucos metros acima de um restaurante indiano que regularmente dá mostras de desprezo pelas narinas mais delicadas da vizinhança. A Cité Universitaire, nesse contexto, é até certo ponto uma referência secundária para Lucien, não fosse pelo fato de haver alojado, durante alguns anos, Su Ian.

Lucien lê mecanicamente, movimentando a cabeça de uma janela do táxi para outra:

Canon.
Le souldre.
Nouvelle Escort.
Boucherie.
Crédit.
Le Portier de Serviette.
Café L'Ariel.
Faire signe au machiniste.
Emincer.
La Tournelle.
Printemps.

Em que recanto da memória essas palavras, lidas assim ao acaso, se alojam? Provavelmente em nenhum. Somos fadados, condenados a uma escravidão ilustrada que nos força a ler tudo o que pode ser lido, mesmo que saibamos que se trata de nomenclatura sem serventia?

O táxi toma o lado esquerdo da rua, desviando-se do ônibus 21, parado no ponto Daviel.

Deuils.

Hippohagique.
Esso.
Mairie.

O automóvel cruza o Boulevard Auguste Blanqui.

Glacière.
Lingerie.
Glacière-Nordmann.
Felix Potin.
Stationnement.
Cordonnerie.
Glacière-Arago.
Port Royal-Berthollet.

Antes que o táxi pare do lado oposto ao hotel des Alliés, em frente ao prédio em que reside Lucien, ele salta novamente do assento, desculpa-se com transbordante afetação e fornece o endereço do Bar l'X, que freqüenta não com a assiduidade dos tempos da Politécnica, quando ali realizava algumas despesas que não eram compatíveis com seu reduzido orçamento de estudante.

O Bar L'X fica em frente à École Polytechnique, e parece enfrentar impassivelmente a fúria turística que há anos tomou conta do quartier, usando alguns expedientes atípicos, que em nada contribuem para seu sucesso. Um deles é abrir e fechar ao acaso, o que faz com que freqüentemente se presencie, à porta e ao longo das janelas repletas de cartazes, casais frustrados, fumegando de ódio, alguns; outros perplexos, tentando vislumbrar naquele ambiente de trevas um sinal de vida que denuncie que o bistrô está para abrir.

Outro expediente é a carta de vinhos dispendiosa, em um bairro de gastronomia duvidosa e relativamente barata. Por último, o Bar L'X mantém uma cozinha cuja qualidade flutua ao sabor dos acertos e desacertos entre seus donos, que têm na vida do bistrô um prolongamento amador e doméstico da vida familiar, mas que persiste na tradição de cobrar muito acima da média. Apesar de tudo isso, que não é pouco, o local se mantém de pé, milagrosamente, contribuindo para o sustento e bem-estar da família Raynal.

Jacques Raynal e Janinne de Proly são o casal de proprietários. Bernard, o filho. Cineasta, péssimo cozinheiro nas horas em que se vê à frente da casserole, razoável apreciador de vinhos, matéria sobre a qual exibe um entendimento intuitivo e radical.

Quando Janinne não está na cozinha, nem Jacques atendendo às mesas -- nem Bernard muito longe dali --, o L'X não é merecedor da única estrela que o Guide Millaud vem concedendo ao estabelecimento todos os anos.

Sendo, no entanto, o Bar L'X uma espécie de hobby de seus patrões, o prejuízo pelos altos e baixos do serviço não é contabilizado, e o bistrô se mantém porque é tipicamente francês reclamar da comida e do preço quando os donos e os fregueses são velhos amigos -- e prudente voltar para constatar mudanças.

O táxi de Lucien pára na subida para a Place Paul Langevin, e vem à sua mente a última discussão que tivera poucas semanas atrás com Bernard, sobre um Cahors 1986, de nome Château Quattre. Lucien apreciara o vinho, descrevera-o com a meticulosidade enervante de um conhecedor profundo, que decididididamente não era. O Cahors que Bernard lhe servira tinha um bouquet dissipante

e suave, de sabor expansivo e ao mesmo tempo neutralizador; era, sem sombra de dúvidas, um vinho de fixação insinuante e curta, com retrogosto residual atenuado, cor sensual e vibrante. No entanto, Bernard, na opinião de Lucien, excedera-se quanto aos méritos do vinho, ressaltando nele aquelas características comuns a todo bom Cahors, e atribuindo qualidades à marca que eram meras características da espécie.

Lucien, defensor e apreciador de bons Bourgognes, como o Givry, o Bourgueil, o Gevrey-Chambertin; ou de um Pommard ou de um Puligny produzidos em Beaune -- ou mesmo dos Beaujolais Fleurie e Morgon, achava que Bernard estava falando mais como um mercador do que como um verdadeiro apreciador de vinhos.

Em contrapartida, Bernard alegava que não se podia exigir de um Cahors a mesma resposta de um Margaux, de um Pauillac, de um St. Estèphe, de um Cantenac, de um St. Julien. Médocs e Cahors não podem ser postos lado a lado e comparados, já que seus atributos são muito distintos. Era como comparar batatas e cenouras.

Lucien se enfureceu com o amigo, que evidentemente o estava colocando no plano dos que têm como único parâmetro de qualidade as preferências pessoais, indiretamente subestimando seus conhecimentos. Protestou que de modo algum pretendia cotejar cepagens tão diversas -- e, para encerrar o assunto, devolveu afrontosamente a garrafa premiada do Château Quattre, que Bernard lhe oferecera, pedindo um Latour 1986, ao qual, em outra oportunidade, Bernard fizera justiça, e tecera rasgados elogios.

Lucien sente-se mais desanuviado, ao descer do táxi, recordando-se do quase cômico embate com Bernard. Hoje certamente, embora pouco tempo tenha se passado, essas coisas não teriam a mesma importância, embora ainda apreciasse vinhos com entusiasmo e gostasse de falar a respeito deles.

Pensa também no ambiente do L'X, favorecido pelo clima acolhedor de Janinne e Jacques, com seu humor despretensioso e sadio. Não se esquece jamais das charges sobre o consumo alcóolico, espalhadas pelo bistrô em pequenos quadros, nem das estampas das caixas de madeira de vinhos de renome, que Jacques espalhava em todos os locais visíveis, como troféus, de modo a aguçar a memória e acordar o desejo mais exigente.

Junto à porta envidraçada, Lucien vê seu rosto refletido no vidro. Está com 31 anos, pensou, mas parece mais. Sua pele muito alva já traz algumas rugas, seu cabelo castanho-claro perdeu o viço; e seus olhos não possuem mais certa centelha vingativa que em tantas oportunidades serviu como aparato eficiente de defesa.

Ergue as sobrancelhas e encontra do outro lado da vidraça Jacques, com um copo entre os dedos, envolto por um guardanapo alvo. Lucien avança porta adentro, mas Jacques não percebe sua chegada, embora a sineta da porta tivesse soado com nitidez à sua passagem.

-- Um trago de qualquer vinho, diz Lucien com ênfase, para que Jacques possa ouvir da primeira vez.

O velho patron ergue os olhos, focalizando Lucien por sobre os aros dos óculos de meia-lente.

-- Aqui não servimos jamais bebida para estranhos, responde Jacques sorridente.

Para ele, qualquer conversação despretensiosa é mais interessante do que permanecer solitariamente no balcão. Sente-se feliz ao rever Lucien.

-- Onde está minha concorrente, pergunta Jacques, fazendo alusão a Linda, irmã de Abdail, que trabalha em um bar de cerveja próximo dali.

-- É a mulher mais bela de Rabat, diz Lucien.

-- Por isso mesmo é que quero saber onde é que ela está, retruca Jacques, maliciosamente.

-- Vou vê-la hoje à noite, ao menos espero, diz Lucien confiante, retirando a gabardine e pendurando no cabideiro, ao lado da porta.

-- Vamos beber, Jacques, diz Lucien solenemente, esfregando as mãos.

-- Tenho algo para você, diz Jacques, com sua gravidade de gourmand.

Jacques junta em feixe as pontas dos dedos da mão direita e executa um movimento rápido no ar que passa rente de seus lábios, enquando mantém o semblante febrilmente carregado e os olhos fixos no rosto de Lucien. Tira os cotovelos do balcão e dá as costas para Lucien.

Quando Jacques se volta, tem nas mãos um Château--Châlon 1940.

-- Estou reservando cinco garrafas para esta noite. Você vem, Lucien? pergunta Jacques como se o amigo já estivesse inteiramente a par de tudo.

-- O que teremos aqui? indaga Lucien, paralisado pela preciosidade que Jacques tem nas mãos.

-- Uma pequena reunião, responde Jacques, examinando o estado da garrafa. Conversaremos sobre Le Pen e acerca do muro de Berlim. Vou preparar umas salsichas defumadas da

Savoie para Bernard. Ele adora.

Jacques retira o selo da rolha, expondo a cortiça.

-- Esperei cinqüenta anos para abri-lo, suspira Jacques. Janinne oferecerá um rodovalho especialíssimo. Eu vou oferecer alguns queijos que aprecio muito, como o Cancoillotte e o Tommes. E, ainda para acompanhar, vamos atacar com o máximo de elegância possível uma caixinha de Meursault.

Jacques deixa a garrafa de Château-Châlon sobre o tampo do balcão e se volta para Lucien, interpelando-o provocativamente:

-- Conhece-o, mon fils?

-- Quem? pergunta Lucien. O Front National de Le Pen, o rodovalho ou o Meursault, do *L'étranger* de Camus?

-- O Meursault, naturalmente. E acrescenta:

-- O Meursault que vou servir não foi condenado à morte, mas à vida. Aposto que você não conhece esse vinho.

Lucien sorri discretamente, gira a garrafa com delicadeza sobre o balcão de modo que seu rótulo fique ao alcance de sua visão.

-- Tomei há tempos, com aquele gordo cavaleiro da confraria do Tastevin, dono da Taverne Henri IV, na entrada da Place Dauphine.

-- Aqui se come melhor do que lá, você sabe, diz Jacques, com seu ar matreiro.

-- Não discuto. Lá não há cozinha. Apenas um e outro acepipe para favorecer a degustação.

-- Esta noite, em vez de comer o rodovalho, vou reservar uma daquelas mesinhas apertadas do Henri IV, para você se empanturrar do pâté. Sobrará mais vinho para mim, diz Jacques, sorrindo com bonomia.

-- Vamos beber, diz Lucien, tocando o pulso direito de Jacques.

-- Um Beaujolais Graves? pergunta Jacques.

Sem esperar resposta, Jacques deixa o balcão, dirigindo-se até a adega. Volta com duas garrafas na mão: um Château-Grillet 1949, cepagem do Rhône, e um Beujolais Graves 1989.

Lucien sorri e pergunta:

-- Quer que eu faça a escolha?

-- Você vai beber o Graves, diz Jacques, peremptório. O Château-Grillet é para você levar para seu pai.

-- Prefiro levar o Beaujolais de presente e beber o Côte du Rhône agora, responde o amigo.

Lucien examina o relógio de pulso e se recorda de que ficara de telefonar para Linda.

Volta-se para Jacques e pergunta:

-- Posso trazer Linda esta noite?

-- E Corinne, também, responde Jacques, extraindo a rolha da garrafa.

Lucien estica o braço sobre o balcão, alcançando o telefone. Começa a chover levemente sobre a Place Paul Langevin. Um homem baixo e de capa reluzente salta sobre uma moto estacionada e a coloca em movimento. Um Austin Mini encosta as rodas dianteiras na guia do calçamento da praça e dele brota uma mulher de capa vermelha e capuz da mesma cor. Ela entra no bar de Jacques em busca de cigarros.

-- Há uma tabacaria mais acima, diz Jacques polidamente. A jovem se retira apressada, rodopiando sobre os calcanhares e batendo a porta. Uma rajada de vento corta o bistrô, enquanto Lucien disca o número de Linda. Jacques olha

distraidamente o rosto de Lucien. De repente exclama, gesticulando:

-- O traje da noite deverá ser decotado, bem vaporoso, diz ele, tocando o braço de Lucien.

-- Recomendo a exposição máxima daquela exuberância morena incomum, acrescenta Jacques.

-- Vou dizer-lhe isso, não se preocupe. Mas direi que a idéia é inteiramente sua. Está bem assim? pergunta Lucien, enquanto ouve o telefone de Linda tocar, sem que ninguém atenda.

Lucien desliga e tenta o número do bar em que ela trabalha.

Ela própria é quem responde.

-- Linda, estou com Jacques, no L'X, tomando um vinho. Ele nos convida para jantar com ele esta noite. Em companhia de Bernard, Corinne, Janinne e não sei mais quem.

-- Marcel e Claudette, sussurra Jacques.

-- E mais Marcel e uma tal de Claudette, e não sei mais quem, acrescenta Lucien.

-- E eu, naturalmente, diz o patron, dedilhando os suspensórios de sua calça. E mais ninguém, diz ele, novamente interrompendo a conversação de Lucien com Linda.

-- E Jacques, que espera ansiosamente por você, e mais ninguém, transmite Lucien.

-- Por favor procure Corinne no trabalho e diga-lhe para aparecer aqui esta noite, pede Lucien.

-- A que horas?

-- A que horas, Jacques, ela está perguntando.

-- Antes das nove, responde Jacques arrancando o

telefone das mãos de Lucien. Linda solta uma risada do outro lado do aparelho.

-- Jacques devolve o fone e sai do balcão indo até a porta, enquanto Lucien acerta os detalhes com Linda.

Chove mais forte, agora. Um céu enfarruscado cobre toda a cidade; pessoas com guarda-chuvas abertos passam na calçada em frente, nos costados da mureta em semicírculo, plantada sobre o passeio. O estranho monumento ostenta em cada uma de suas duas extremidades, como um sortilégio, duas caravelas de ferro fundido em relevo. Elas parecem oscilar sob o aguaceiro que desaba agora sobre Paris.

Ao longo da ladeira da Rue Mouffetard alguns luminosos se acendem. As vitrines dos restaurantes gregos, espalhados ao longo da rua, estão sendo preparadas; menus em tripés esperam, colados às paredes dos bistrôs, que a chuva cesse para que a caça corpo-a-corpo aos incautos turistas tenha início. A culinária francesa ali também comparece, com seus improvisados cardápios regionais, mas todos sabem que a guerra local é uma guerra de preços, não uma guerra gastronômica. O calor humano dos redutos gregos da Mouffetard, com seu faz-de-conta de cozinheiro à porta, vigiando a fotogenia dos espetos da vitrine, é apelo decisivo, e acaba concedendo-lhes relativa vantagem.

Jacques ainda está com os olhos presos à rua, imaginando que a essa hora, e com toda essa chuva, a feira da Rue Mouffetard há muito foi desmontada.

Pensa nas cores, no ar levemente provinciano e domingueiro desse comércio de rua, em que todas as classes e raças se misturam. Recorda que foi por causa do ar festivo do bairro que um dia resolveu abrir seu bistrô, contando em deixá-lo depois para Bernard, que, todavia, não demonstrou

qualquer vocação para o ofício.

Lembra-se também de Mirelle, a nova namorada de Bernard, figura pouco comum em festividades como as daquela noite; avessa às grandes libações, com seu ar pacato e frugal. Jacques considera uma grande trapaça do destino estar prestes a ganhar uma nora que detesta o álcool em todas as suas versões -- e que se satisfaz com uma maçã verde e um pires de nabo ralado com cenoura.

Jacques enfia as mãos nos bolsos e retira de um deles um lenço, com o qual limpa os óculos. Fundos sulcos surgem em seu rosto, fabricados pela armação metálica das lentes.

Entretido com o vinho e uma fatia de pain de mie com queijo Bleu d'Auvergne, Lucien aguarda pacientemente o retorno de Jacques ao balcão. Por um minuto passa por sua cabeça a idéia de contar a Jacques seu aventureiro projeto de viagem, mas não se sente em condições de falar sobre isso. Nem com ele, nem com mais ninguém, ao menos por ora.

Uma única coisa lhe parecia certa: em dois dias sairia de Paris, aproveitando a licença de um mês, sem direito a vencimentos, que a GDF lhe concedeu após haver exercido uma persistente e eficaz pressão sobre a diretoria, que cedeu, não querendo arriscar a perder o talento de Lucien para resolver situações não rotineiras, e que demandavam capacidade de improvisação.

Como se adivinhasse os pensamentos de Lucien, Jacques se aproximou do balcão, roubou um naco de pão com queijo do prato de Lucien e perguntou:

-- E o trabalho, não me diga que deu um chute nos fundilhos de Sébastien.

-- Não, ainda não. Sébastien está sob controle; me concedeu uma licença especial. Devo passar lá na hora do

almoço, amanhã, para assinar alguns papéis.

Lucien toca com a ponta dos dedos a haste do copo de vinho.

-- Enfim, estou de férias, disse, sem aparentar muito ânimo ou ousadia.

-- Aconteceu algo entre você e Sébastien? pergunta novamente Jacques, enquanto se serve de vinho.

-- Nada, absolutamente nada aconteceu, Jacques. Apenas quero parar um pouco e pensar, afiançou Lucien. Eu não tinha condições de esperar as férias de agosto. Veremos no que vai dar tudo isso.

-- Qual é o mistério, então? insiste apreensivo Jacques.

-- Estou antecipando meu verão. É apenas isso.

Lucien se serve de mais queijo, e acrescenta:

-- E tem mais: acabo de receber um aumento extracontratual. Quer melhor prova de que seus temores são infundados? diz Lucien mirando com o olho direito o fundo da taça e tampando infantilmente o outro com a mão esquerda.

Jacques se afasta novamente do balcão e desce até a adega. Lucien alcança o telefone, que estava de volta ao aparador interno do balcão, e disca o número de Abdail.

Ninguém atende no último andar do 46 da Rue Lépic. Lucien deposita o fone no gancho, enche o copo com o Beaujolais Graves, cruza os braços, apóia os cotovelos sobre o balcão e fica imóvel, aguardando o regresso de Jacques.

Lucien conhecera Abdail em uma casa de couscous da Rue des Martyres, em Pigalle, quando ali esteve, ainda estagiário da GDF, para inspecionar uma instalação de gás. Abdail trabalhava ali e foi quem atendeu Lucien.

Dias depois, ao acaso, cruzou com Abdail no Bistro de la

Grille, na Rue Mabillon, ambos em busca de uma mesa. Abdail acabou convencendo Lucien a jantar com ele em *sua* mesa.

-- *Nossa* mesa, corrigiu Lucien. Afinal, ao menos respeite o fato de que já trabalhei aqui.

Não muito tempo depois, voltaram a se encontrar. Foi em um vagão do metrô e desceram por coincidência na mesma estação: Saint Paul, no Marais. Para discutir sobre a irresistível força do destino e o inapelável jogo do acaso, tomaram um café, beberam um Calvados e finalmente trocaram cartões. Não eram mais desconhecidos.

Na noite anterior ao jantar no L'X, antes de Linda fechar o caixa do bar de cerveja para ir ter com Lucien, Abdail, primo mais velho de Linda, havia estado com ela para um assunto delicado.

Agitado, nervoso e sem muito tato, Abdail conseguiu uma banqueta, a única disponível, e se aboletou ao redor de um mostruário de rótulos. Leu-os e pronunciou o nome de cada um deles baixinho, como numa espécie de mantra, para se acalmar: Mort Subite, Leffe, Chimay, Duvel, Westmall, Gold, Kanterbrau, Rodenbach, Bécasse, Pelforth, Adelscott, La Trappe, Royal Brand e pelo menos uma centena de outros. Consumiu aleatoriamente, antes de dirigir qualquer palavra a Linda, um intempestivo mar de lúpulo e espuma em tons diversos de amarelo.

Em silêncio, afrontando com sua gravidade o estilo punk ligeiro do lugar, esperou que o bar se esvaziasse.

Atemorizada com a cena, Linda sentiu-se repentinamente tragada pela tristeza do primo; via-o afundar lentamente pelo efeito da bebida e da melancolia crescente. Sentiu também, pela primeira vez em sua vida, que era agora ele, Abdail,

quem precisava de sua ajuda: não era mais ela, a prima protegida, a solicitar sua proteção e sua presença paternal.

Abdail continuou a beber, e uma verdade martelava em sua cabeça: a de que a partir daquele dia não trabalhava mais na boca quente de Pigalle. Sim, após duas décadas de um cotidiano semi-selvagem, em meio ao bas-fond, entre proxenetas, traficantes de ópio, músicos desesperados e marinheiros alemães, australianos e ingleses, Abdail se despedia enfim da Rue des Martyres, onde fizera a vida, e descia até o Quartier Latin sem nada nos bolsos para oferecer à menina Linda, sem um mimo para lhe dar, sem ao menos um pouco de paz e de sabedoria para partilhar com ela, sem nem mesmo um conselho útil -- que sempre tinha na ponta da língua.

Essa era sua nova e estranha realidade. Abdail encolhe-se, à espera de que sua prima atenda os últimos fregueses e lhe dê atenção. Mas, sobretudo, Abdail espera que os próximos e longos minutos que antecedem sua conversa com Linda transcorram de forma que ele possa se acomodar interiormente às novas circunstâncias, controlar a ansiedade, a falta de ar que o acomete quando debaixo de grande tensão. Só assim poderá expor seu coração para a menina Linda, sem que sua voz, normalmente áspera, venha a perder sua saliente e perturbadora firmeza.

Abdail tem a cabeça turva; o tique nervoso de esfregar com o polegar o lóbulo da orelha mais que nunca está presente. Reconsidera os fatos e se convence -- ou procura se convencer -- de que não deveria ter ido ao bar de Linda. Ao contrário, deveria ter sido paciente; deveria ter deixado o tempo passar, talvez alguns dias, para só então começar a agir. Sobrecarregá-la com seus problemas deveria ser a

derradeira alternativa. Agora já é tarde para voltar atrás. Ela já sabe de tudo, e está inteiramente envolvida.

Com um copo de Westmall nas mãos, ele relê novamente os rótulos de cerveja que estão à frente. Recomeça o mantra. Subitamente pára de balbuciar e diz para si mesmo, em sinal de advertência, que estava fazendo um belo estrago com sua vida e sua saúde. Isso contudo não o impediu de continuar a beber.

Ao ler o nome Mort Subite, estampado no rótulo de uma das cervejas que emborcara, Abdail não reteve o riso, um riso de autocomiseração, ao pensar que bem poderia ter ingerido sua morte súbita, e então tudo estaria resolvido. Sim, bastaria ter ingerido o veneno certo, depois era só esperar que a química da morte começasse a agir, e logo nada mais faria sentido, nada mais existiria, nem seu emprego perdido, nem suas escassas chances de consertar seu presente, nada. Mas não. O que fez, ao invés? Sentou-se em um bar de bichas, alunos da Sorbonne e lésbicas de classe média e se embebedou na frente de sua prima.

O rosto de Abdail se contrai em um esgar, logo seguido de uma contração abrupta das omoplatas e de um jato de ar reprimido, que explode nas bochechas e que vagamente lembra o prenúncio de outro riso, só que com mais empenho muscular.

Um grupo de jovens com casacos de couro, pulseiras de prata, cintos tacheados e coletes negros sem camisa deixa o balcão. Abdail olha em volta e se dá conta de que o local está vazio. Estão apenas ele e Linda, e um garçom recolhendo os copos vazios das mesas e empilhando os cinzeiros.

Mort Subite, Leffe, Chimay, Duvel, Westmall. Abdail volta ao mantra. Ao mesmo tempo, os rótulos das cervejas e

os tipos que freqüentam o bar de Linda lembram ao experiente Abdail que o lugar decididamente não foi feito para ele. Mas nada disso importa agora.

Mort Subite, Leffe, Chimay, Duvel. Mort Subite, Leffe. Abdail reassume por instantes um ar paciente. Sua cabeça gira, embalada pela bebida. Sua garganta está seca, apesar de haver ingerido várias cervejas. Seu espírito acomoda-se sem grandes indagações, como se quisesse esconder-se, também ele, atrás de um copo, sem mais outra resistência.

O marroquino fixa os olhos paternais em Linda, que percebe a atenção de Abdail sobre ela.

Linda cruza o balcão de um lado a outro, recolocando nas prateleiras pratos e copos retirados da máquina de lavar. Trabalha como se fugisse do olhar de Abdail. Guarda depois, em uma gaveta, uma pilha de guardanapos vermelhos de papel, e em frente à máquina registradora reúne as notas da noite.

Mort Subite, Gold, Kanterbrau, Rodenbach. Abdail pensa que agora tem todo o tempo que deseja, que não precisa mais correr. Do centro de sua ilha de cervejas de variada procedência, estica o pescoço e como uma palmeira balança para um lado e para outro sua imensa cabeça, enquanto vê a custo o pequeno mundo de garrafas verdes, castanhas, transparentes, pretas, amarelas e azuis à sua volta. Parecem vidrilhos colados ao redor de uma bola que gira sem parar, uma bola que às vezes parece iluminada, às vezes inteiramente apagada. Adiante, como um satélite, Linda.

Ela se aproxima de Abdail; seus olhos de ameixa negra e seu rosto oval são os mesmos de quando desceu do colo do primo, após receber um beijo de adeus, e sem entender muita coisa o viu ir-se embora. Naquele dia, em Tânger, Abdail

tomou o barco para Cádis. Em um dia chegou a Barcelona; em dois a Paris, seu destino final.

O primo passa novamente o polegar esquerdo sobre a parte posterior do lóbulo da orelha e suspira. Linda percebe o tique de Abdail, encontra seu olhar enevoado pelo álcool, balança a cabeça em secreta desaprovação, como se preferisse não ter de testemunhar o estado de ânimo daquele homem que tinha para ela a dimensão de um pai, cuja figura real ela jamais chegou a conhecer.

Ademais, fora ele, Abdail, o responsável indireto pela vinda da filha de Celeste para a Europa. Se o primo mais velho não tivesse ido embora, ela talvez não estivesse em Paris hoje. Abdail lembra-se de que ao se despedir dela, no porto de Tânger, prometera que voltaria para buscá-la para ir com ele à Europa e passear com ele pelos jardins de Paris.

Não cumpriu a promessa que fizera. Quando reencontrou Linda, dois anos depois, já estava trabalhando em Pigalle. Linda, já uma moça, aparecera com um enorme cofre de madeira apoiado sobre um carrinho, à porta do estabelecimento em que ele trabalhava, em Pigalle.

Linda lembra-se perfeitamente desse dia, quando Abdail, a despeito de sua inesperada chegada, não demonstrou qualquer desaprovação, exalando uma enorme confiança na raça e na vida, e alcançando assim um lugar especial e definitivo no coração da adolescente, talvez até maior do que o lugar que ocupava no coração da menina.

O marroquino mexe-se sobre a banqueta. Seu corpanzil cresce aos olhos de Linda, que agora tem seu rosto perto do dele. Subitamente os olhos dela se tornam aquáticos e quase infantis. As rugas do rosto de Abdail parecem mais profundas do que de costume. Linda desvia o olhar e abaixa

os olhos, pois vê-lo naquele estado de semi-embriaguez era penoso e de certo modo borrava a imagem que Linda tinha acerca daquele homem que abandonou tudo, pais, irmãos, profissão, em nome de uma aventura, de um vôo às cegas, arrebatado por um sonho europeu.

Sem dizer nada, e ainda mantendo os olhos abaixados, Linda estende a Abdail um pequeno pedaço de papel contendo um nome, um endereço e uma observação: "começar sem falta amanhã, às 15h00. Tudo arranjado".

Abdail recebe o papel das mãos da prima e busca decifrá-lo uma, duas, três vezes. Seu corpo sofre um breve estremecimento sobre a banqueta e sua mente percebe tudo: sim, Linda poupara-o, entregando sem palavra uma nova cópia da chave do seu sonho europeu, que o destino arrancara dele. E assim fazendo, preservava, em um escrínio imaginário, a figura de Abdail.

Linda necessitava mais do que nunca que Abdail compreendesse rápido o que ela fizera por ele, e que desaparecesse com a prova, sem fazer perguntas, guardando com todo o segredo aquele pequeno pedaço de papel, tão comprometedor, no bolso do paletó. Para sua felicidade, isso foi justamente o que Abdail fez. No entanto, não foi embora logo em seguida, para desespero de Linda.

Instantes depois, segurou as mãos da jovem mulher que um dia viu nascer e lhe pediu mais uma cerveja.

Ela se desvencilhou de Abdail, serviu-lhe mais uma Westmall, e foi em seguida até a caixa registradora, apoiando as duas mãos sobre ela de forma a sufocar a emoção. Àquela altura, Linda já havia perdido seu autocontrole sobre as rédeas da emoção. Suas mãos tremiam, sua testa porejava e Linda tinha um repentino desejo de chorar.

Um milhão de coisas agitam a cabeça de Abdail. Pensa confusamente que gostaria de haver retido um pouco mais as mãos da pequena Linda entre as suas, e que deveria ter sido menos comedido e mais franco e amoroso com ela. Onde fora parar sua habitual eloqüência?

Contudo, tanto um quanto o outro permaneceram mudos em seus postos, até que o marroquino resolveu ir para casa.

Deixou sobre o balcão o copo de cerveja pela metade, e abandonou o bar da Rue St. André-des-Arts sem beijar a prima, como costumava fazer.

Uma rajada de vento frio cortou seu caminho ao chegar à calçada. Abdail passou os dedos em seu rosto e em suas pálpebras. Não devia chorar, pensou. Ainda mais ali, no meio do Quartier Latin.

Ela está sozinha, ainda segurando com as duas mãos a caixa registradora. Desliga a chave geral de luz e olha a rua deserta através do vidro. Uma tênue luminosidade se projeta contra o rosto molhado de Linda. Seus dedos de unhas pintadas, que na semipenumbra ganham uma coloração prateada, deslocam-se sobre a máquina registradora e aracnideamente pousam sobre o balcão.

Linda pega o telefone, e com o auxílio de um isqueiro disca. Do outro lado do aparelho, Lucien, em seu quarto, aturdido de sono, escuta uma voz sufocada pelo choro. Linda informa que está fechando o bar e que irá em seguida para o apartamento dele.

Jacques está de regresso da cave. Lucien sente-se feliz com o fato de Abdail rapidamente reencontrar seu caminho profissional; sente-se sobretudo feliz com o fato de haver sido justamente Linda quem estendeu a mão a Abdail, no

momento em que este mais precisava.

-- Algo me diz que você tem um segredo, diz Jacques interrompendo o fluxo do pensamento de Lucien.

-- Jacques, meu Deus! Pare de me investigar, exclama Lucien, enchendo o copo do amigo.

-- Pas mal, quoi? diz Jacques, erguendo o copo.

-- Preciso ir, adverte Lucien, ponderando consigo mesmo que fora uma falta de habilidade não ter sabido se esquivar do convite de Jacques.

Lucien olha para o Côte du Rhône que Jacques presenteara seu pai e diz polidamente:

-- Quanto ao vinho, guarde-o muito bem, por favor. Corinne será guardiã dele no trajeto para casa, esta noite.

-- Já sabia que você não se disporia a levar a garrafa a Monsieur Sorel, disse Jacques com uma nuvem sobre os olhos.

-- O vinho pode muito bem esperar até mais tarde, e papai também, Jacques. Amanhã cedo, sem falta, Monsieur Sorel receberá seu presente logo ao acordar. Está bem, assim?

-- Sim, está bem. Pode ir, mas não se atrase hoje. O jantar será às 9h00.

Lucien despede-se de Jacques com um aperto de mão, levanta-se e se dirige para a porta. Ainda chove quando alcança a calçada.

Sobre a lâmina de aço do carro em que ia Manoel, um sol pleno, escaldante, estagnado. Acima do macadame e dos lajedos, a morrinha de Lisboa cozinhava lentamente. Um

bafio azedo e cálido invadia o espaço interior do táxi, e sufocava, se misturando aos odores antigos dos estofados. Todo o ambiente, de súbito, parecia a Manoel enjoativo e insalubre. A visão do movimento dos passantes nas ruas era filtrada por uma grossa camada de gordura aderente aos vidros, que agora brilhava como se estivesse a ponto de se diluir e escorrer sobre o estofamento e por dentro das engrenagens e frinchas das portas.

Esse mal-estar repentino, mesclado aos odores e sabores que Manoel experimentara no restaurante, somados ambos ao inesperado rumo que sua vida estava prestes a tomar dali para frente, caso a proposta do jornal viesse a se concretizar; tudo isso reunido, e temperado ainda com a crescente expectativa da viagem, tornava o trajeto pelas ruas ensolaradas de Lisboa naquela tarde uma verdadeira tortura física e mental.

A cabeça aureolada do motorista, chacoalhando na buraqueira, à qual Manoel, em meio a confusas conjecturas, vez ou outra se sentia inexplicavelmente atraído a examinar, lembrava-lhe um fruto doente que se desfazia de dentro para fora debaixo de uma irresistível compressão, deixando escorrer pelos poros dilatados uma espécie de visgo. Do soalho e dos cantos escuros e recônditos do velho Ford Galaxie, com um movimento auxiliar e acessório, subiam, em combustão lenta, miasmas acres em ondas, que sustinham no ar uma poalha amarelenta. Através dessa camada flutuante de partículas em suspensão, o ronronar monocórdio do motor; o repinicar do anel de casamento do homem ao volante, numa emulação com o tempo e o velocímetro e, vez por outra, um suspiro longo e dorido do motorista, toda vez que era contido por algum sinal vermelho

-- esses sons todos -- eram filtrados e chegavam à consciência de Manoel de forma opressiva e desalentadora.

Alternando com essa orquestração de ruídos, tornavam-se também audíveis, em um ou outro ponto do percurso, breves comentários do sujeito ao volante a respeito da difícil locomoção na cidade, e da falta de habilidade dos que ao seu lado dirigiam, comentários esses entremeados por desconcertantes hiatos no discurso, como se na verdade o homem estivesse falando consigo mesmo, testando seu aparelho sonoro-auditivo, mais do que buscando convencer o passageiro de sua abalizada opinião.

Manoel, contudo, em vista da opressão que sentia, não acompanhava a exposição desalinhavada do motorista. Se era fato que começara a se sentir mal nem bem abrira a porta do carro e curvara o tronco para seu interior, era verdade também que todo seu estado geral piorava quanto mais evidente se tornava o fato de que no ponto final daquela corrida aguardavam-no momentos difíceis e que não lhe reservavam quaisquer amenidades, bem ao contrário.

Ao chegar, sabia ele, teria que se acertar com o pai; e Seu Albano não era tido como alguém de temperamento afável, cordato, não. Especialmente agora, quando Manoel descumprira o combinado, o comerciante agiria com vigor, assestando sua artilharia pesada contra o filho desertor.

De fato, do outro lado da cidade, já estava ele, Seu Albano, já friccionando as mãos, num ritual de guerra familiar, prelibando, com um prazer verdadeiramente humano, o sucesso da saraivada verbal que aplicaria impiedosamente contra o filho faltoso, e que somente aguardava um sinal para ser disparada.

Junto com sentimentos tão paradoxais, é também verdade,

Albano enchia-se de remorso, um remorso antigo e grave, que carregava desde sempre, como um traço de caráter, e que o fazia culpar-se por tudo o que suas mãos não podiam consertar. E, como se tudo isso não bastasse, para tornar ainda mais complexo o entendimento do que Albano carregava no coração, o pai de Manoel sabia acender como poucos o lume do ódio em suas entranhas. Soprava então esse ódio lentamente, o fogo crepitava e se expandia em volutas e labaredas, consumindo palavras torpes e desprovidas de senso ou verdade. Quanto mais o fogo consumia, gravando um hiato entre ele e seu oponente eventual, mais o remorso o comiserava, mais o comerciante se sentia penalizado e fracassado, mais ódio nutria, e mais a vontade de combater, associada ao prazer decorrente, o alimentava.

Manoel abriu mais a janela a seu lado, de modo a permitir que uma corrente de ar circulasse dentro do carro. O expediente, contudo, não surtiu o efeito desejado. O ar pesado e cálido que às lufadas invadira o assento de trás, empurrado pelo movimento do carro, parecia intensificar os odores internos. O filho de Albano teve ímpetos de vomitar; retirou os óculos e os estreitou firmemente entre as mãos, até que a armação de tartaruga, embora pesada, se quebrou entre seus dedos. É o segundo par de óculos que se vai nas últimas semanas, lamenta-se Manoel, constatando desapontado que a grossura da armação não fora capaz de evitar o dano; ao chegar ao bar, irá socorrer-se das lunetas sobressalentes, de molduras negras e mais finas, deixadas providencialmente em um gaveteiro sob a caixa registradora.

Sem os óculos, a realidade se esfumava, as figuras distorcidas dos passantes, coadas pelos vidros gordurosos do

carro americano, se tornavam indistintas sob a canícula das ruas. O mundo era agora uma tela abstrata em movimento, da qual emanavam amargos gases em redemoinho e palavras sem nexo contra motoristas e contra o trânsito caótico circundante. Em algum ponto desse emaranhado de sentidos se encontra a extremidade de um novelo que levaria Manoel até Paiva e o fotógrafo.

Da extremidade desse fio tênue o ex-jogador imaginou ecoarem vozes; elas falam a respeito do ex-jogador; fazem um balanço da entrevista; o fotógrafo, de poucas palavras, deixa que o repórter exponha mais uma vez seus planos, suas considerações e o resumo da mensagem que fará chegar à editoria do jornal; em algum lugar de Lisboa se encontra também Bombarda, convalescendo, sopesando os prós e contras de sua aventura amorosa, talvez recordando algum sarau estudantil em que os versos de Manoel foram lidos. O punho fechado de um outro Manoel que não ele golpeia um rosto; sua força é enorme e ele avança dando repelões na turba que rodeia Bombarda. Pedaços descosidos da entrevista com Paiva afloram de um amálgama confuso de lembranças. Saíra-se bem? pergunta-se. De fato não, conclui a custo, sem entretanto diagnosticar a raiz do problema. De fato, por pouco não colocava tudo a perder, com seu caráter irresoluto e inconseqüente; se não fosse Paiva ter tido o tirocínio de se conter e de redirecionar a negociação rumo ao desfecho apaziguador, tudo estaria perdido: a entrevista, a proposta, talvez mesmo a remissão de seu nome.

Seu Albano, nem bem o táxi em que estava o filho iniciou o contorno da Praça da Quarta Parada, firmou os antolhos naquela direção. O comerciante se havia postado quase em frente ao estabelecimento e estava em mangas de camisa,

cujo tecido estampava grossas listras azuis que o tornavam mais encorpado e forte. Como todos em Lisboa, àquela hora, Seu Albano transpirava; transpirava e olhava o céu, em busca de alguma nuvem que pudesse refrescar o calor; transpirava e se certificava mais uma vez das horas que o relógio da praça exibiam; seus ponteiros, naquela longa espera pelo filho, escreveram e reescreveram amargas previsões acerca do destino de Manoel. Qual delas seria a verdadeira?

Manoel tateou a carteira em busca do dinheiro para pagar o táxi. Enquanto isso, Seu Albano se aproximava do carro. Trazia as duas mãos enfiadas nas calças de fundos bolsos, que escondiam os punhos cerrados do comerciante. Logo que saiu do carro, nem bem aprumou-se sobre a calçada, o pai dirigiu-lhe a palavra.

-- Que figura tu me fizeste, menino? E tu sabias que tua mãe e eu tínhamos compromissos. Como tu me faltas ao respeito dessa forma? fala exaltado Albano, prosseguindo: e olha que ainda antes do almoço tu me prometeste que não faltarias! Como pode ser, ó Manoel! O que é que tu tens aí dentro da cabeça?

-- A senhora mãezinha já saiu? indaga Manoel desconcertado.

-- É claro que sim, eu é que tive que me ver com os meus assuntos comerciais. Ou tu pensavas que eu iria fechar o bar em pleno dia de trabalho?

Dona Maria Luíza Carvalho Souza já há muito partira para seu compromisso da tarde. Talvez até já estivesse de volta, pensou Manoel, recolhida ao andar da Rua Almeida e Souza, para não assistir à discussão entre os dois.

-- Não, é claro que não. Mas é preciso entender que

também tive eu os meus assuntos urgentes.

-- Eu e tua mãe podemos imaginar que assuntos são esses, disse o pai com deslealdade, no momento em que Alípio, farmacêutico e seu vizinho de comércio, passou por eles mais apressado que de costume, talvez para não testemunhar a rusga entre Albano e Manoel, e entrou na botica.

Albano, com efeito, não poderia sequer supor que o filho estivesse envolvido em coisas escusas ou criminosas, pois sempre soube no íntimo que Manoel não era dado a falcatruas; desse modo, o que o comerciante vagamente sugeria tinha como exclusivo objetivo desequilibrar o adversário, deixando-o em momentânea inferioridade.

Manoel ainda assim se defendeu:

-- Avisei-vos que não poderia chegar no horário combinado.

-- Como assim, "avisei-vos"? E lá tu és coisa que valha para avisar-nos de alguma coisa? arremeteu o pai, mostrando-lhe o punho fechado.

-- O que quer que eu faça, no final das contas? perguntou Manoel, buscando abreviar ao máximo a discussão.

Seu Albano, ao contrário, torcia para que o filho se enchesse de brios, perdesse a cabeça, ripostasse com violência, para que pudesse descarregar sua insopitável ira.

-- O que eu queria que tu fizesses, corrigiu Albano, era que tu fosses homem e não o tratante que verdadeiramente és! Tens tu a noção do prejuízo que me deste?

Ao comerciante agradava colocar tudo em contabilidade, pois era um expediente que permitia reduzir os feitos e desfeitos da vida a uma feição definida, numérica e irremediável.

-- De quanto foi? indagou Manoel, não sem uma dose de

malícia.

-- Tu pensas que não? Pensas que não? O negócio que cancelei hoje, para me pôr a teu serviço, pode ser desfeito. Aí é que são elas. E se tu não sabes, era justamente o bar em Cacilhas, do João da Beira.

O filho tinha o rosto do pai bem próximo ao seu. Sua acuidade visual, entretanto, permitia a ele apenas ver uma face ovalada, indefinida.

A certa altura, Albano, que vez por outra erguia o punho ameaçadoramente, mudou de estratégia: trouxe-o próximo ao rosto e pressionou-o contra o próprio queixo. Sua voz saía espremida e congestionada, como se a pressão da mão fechada impedisse a livre emissão da voz.

-- Anos, pelo menos dois, fiquei eu à espera de uma resposta daquele saloio. E continuou: seria hoje, justamente hoje, que iríamos ter uma conversa definitiva. Ele me prometera isso. E tu me estragas tudo, disse o comerciante.

-- Mas de que se tratava? perguntou Manoel, por polidez.

-- E tu não desconfias? retrucou o comerciante, novamente mostrando o punho para o oponente. Disse-te mil vezes, tu me ouviste ainda dizer à mesa, para tua mãe, outro milhar de vezes.

-- Disseste-me o quê? insistiu o filho.

-- Ora, não te faças de rogado; tu sabias que estava de olho no bar, que o queria adquirir, e que o João não se decidia nunca.

-- E justamente hoje tudo se resolveria, se eu não estivesse estragado todo o negócio! E tudo por causa de um almocinho na Praça do Chile! atalhou Manoel.

-- Se era um almocinho, por que é que tu não o cancelaste para estar em casa no horário combinado?

-- Porque o almocinho era importante para mim; e também porque não imaginava que a entrevista levasse tanto tempo. Além do mais, não poderia adivinhar que vosso compromisso era de tamanha envergadura, rebateu Manoel.

-- Mas é fato!

-- E não há como marcar novo encontro? É difícil de se acreditar!

-- Vamos sair da calçada, disse Albano, dando as costas para o filho.

Manoel seguiu-o até o interior do bar. Quem estava ao balcão, servindo tostas e café, era justamente Fonsequinha. Ao vê-lo, o filho de Albano não se conteve:

-- Mas se aí tínheis o Fonsequinha, por que é que não fostes ao vosso negócio?

-- Não lhe devo explicações, retrucou o pai.

-- Sei que não. Mas um é suficiente para cuidar do bar. O Senhor pai estava portanto livre para seus afazeres; o que é que vos impediu de ir?

-- Tu não me venhas com essa! protestou Albano. Eras tu quem tinha afazeres aqui, não o Fonsequinha.

-- Estou em serviço, como o senhor pediu, interpôs Fonseca, colocando dois torrões de açúcar na borda de um pires de café.

-- Não é contigo a conversa, ó Fonsequinha, que estou a ensinar boas maneiras ao Senhor Manoel, retrucou o comerciante, enfiando as mãos gordas na gaveta de dinheiro da caixa registradora. Disfarçadamente examinou o solitário cliente que se encontrava ao balcão, sorvendo e soprando, alternadamente, a xícara de café.

-- Já que Manoel regressou, o senhor quer que eu saia? perguntou Fonsequinha.

-- Não, Fonsequinha, tu sempre ficas. E acrescentou: doravante, quero-te aqui do meio-dia às oito.

-- Quer dizer que o senhor me empregou em definitivo? Passei pelo vosso exame?

-- Pois é claro que sim, arrematou o comerciante. Só ainda não sei se ponho na rua o outro.

O ex-jogador, que se encostara ao balcão, em atitude de cliente, endireitou o corpo e se aproximou da caixa registradora, dirigindo-se ao pai.

-- Preciso dos óculos sobressalentes que estão na gaveta.

Albano, vendo que Manoel trazia numa das mãos o que restara de suas lunetas destroçadas, não se conteve.

-- Este aqui troca de óculos como se fossem calções. Basta se enervar um bocado, e pronto. E acrescentou: quer dizer que depois de tudo, tu ainda te desentendeste com os vadios que te cantaram fados à sesta?

-- Não, de modo algum, redargüiu Manoel. E além do mais, as pessoas que estavam comigo não eram vadias. Estavam ali a trabalho.

Albano construiu uma carantonha de mofa.

-- Oh, tens novos interesses. Então como tu explicas os óculos partidos?

-- Aconteceu justamente porque enervei-me no táxi, ao regressar, em meio a um congestionamento, respondeu pateticamente o filho do comerciante.

-- Pois sim, tu nunca mudas. És sempre o mesmo desequilibrado, a partir lunetas, um par a cada semana. E ouves: depois continuamos. Agora vou à casa, ver se tua mãe já regressou. Despacha-te pois, há fregueses a atender. E apontou para a rua.

Naquele instante, justamente, aproximavam-se dois

clientes habituais do bar. Fonsequinha conhecia-os de vista. Pediram brandy e café. Um deles trazia na mão direita uma luva de crochê gasta e encardida, cortada na altura da segunda articulação. Ele a usava, fizesse sol ou não, fosse inverno ou verão. Fonsequinha sempre desejou saber qual a razão da luva. Tinha agora a chance de matar sua curiosiosidade, indagando diretamente ao homem. E ele a aproveitou.

-- Se o senhor não se aborrece, gostaria de lhe fazer uma pergunta, ensaiou o serviçal.

-- Pois anda lá, pode fazer, respondeu o cliente, que se chamava Porfírio.

Manoel, já com as lunetas à cavalo no nariz, vestiu um jaleco e foi atender a um solitário freguês, que se acomodara no salão.

-- É sobre a luva, senhor, sondou Fonsequinha.

-- E o que é que há com ela, replicou o homem, mexendo os dedos, enquanto puxava com a outra mão a aba da luva, para melhor vesti-la.

-- É que o senhor sempre a usa, em qualquer circunstância. Eu já havia percebido isso, embora trabalhe aqui há pouco tempo. E eu queria saber qual o motivo.

-- Não tem motivo, mentiu ele, sorvendo um longo trago do brandy, depois de erguer um brinde justamente com a mão enluvada. Seu colega devolveu-lhe o brinde, entornando a tacinha.

-- Não tem motivo? ainda insistiu o serviçal, decepcionado.

Ao ver o desconsolo do rapaz, Porfírio não resistiu.

-- Bem, vou lhe dizer a verdade, disse ele por fim: é só para lembrar-me de que ainda tenho os dedos da mão direita.

Vês? e mexeu vigorosamente os dedos, fazendo cócegas no ar.

-- Não percebi, disse-lhe o rapaz.

-- Certa feita, estava a trabalhar com uma gigantesca prensa hidráulica e, por descuido, premi o botão errado, quando ainda estava a preparar a operação; logo que me dei conta, procurei arrancar o braço, mas a prensa foi mais rápida, travando-me a ponta dos dedos.

-- Mas o senhor não os perdeu, atalhou Fonsequinha.

-- De fato, por um triz, a ponta dos dedos desta mão, e Porfírio mexe novamente as extremidades, acarinhando o ar, não foram prensadas. Por pouco ficaram finas como uma folha de celofane.

Vendo agora o olhar de surpresa de Fonsequinha, Porfírio resumiu aliviado:

-- Foi justamente nesse instante que a máquina estancou por falta de eletricidade; e foi exclusivamente por causa disso que me salvei, ou, por outra, salvei estes dedos.

-- Mas não estavam já presos? perguntou Fonsequinha hipnotizado pela história, almejando detalhes e pormenores.

-- Estavam travados fortemente, quase a ponto de se desfazerem. E Porfírio aproximou a mão enluvada dos olhos do Fonsequinha. Se olhares bem, verás que estes dedos não são como os teus, embora funcionem normalmente.

Fonsequinha não tinha um especial poder de observação, mas não foi difícil perceber que os dedos que escapavam da luva eram mais achatados que o habitual. Para facilitar-lhe o entendimento, Porfírio colocou lado a lado as duas mãos com os dedos estirados em paralelo, sobre a superfície plana do balcão. Fonsequinha mediu com os olhos e concluiu com gravidade:

-- São diferentes. São diferentes, é fato.

Contudo, havia ainda um ponto sobre o qual Fonsequinha queria esclarecimento.

-- Mas como foi que o Sr. Porfírio fez escaparem-se vossos dedos, se o maquinário se havia imobilizado por força da eletricidade faltosa?

-- Bem, aí é que está a chave, disse Porfírio. Como eu já havia premido o botão vermelho logo que a prensa parou, não haveria mais o perigo de o movimento prosseguir, caso a eletricidade voltasse. No entanto, meus dedos estavam lá, a se acabar; a dor era imensa e eu estava prestes a perder os sentidos. Ocorre que imediatamente, ou um segundo depois, já não sei, porque de nada mais me dava conta, alguns camaradas me rodearam. Um deles, que fiquei depois sabendo ser o Astolfo, meu cunhado, com uma ferramenta abriu a válvula de segurança do pistão compressor da prensa, fazendo escapar por ali o ar.

-- Oh, isso é possível! considerou Fonsequinha.

-- Pois. Sem o compressor, a prensa só tem em seu benefício a gravidade. Esta foi neutralizada pela ação de uma dezena de braços e outro tanto de calços.

-- E fizeram-na subir, apressou-se o serviçal.

-- Não, apenas mantiveram-na onde estava. Para erguê-la, trouxeram um macaco hidráulico manual.

-- Porque um que fosse elétrico não funcionaria, acrescentou Fonsequinha.

-- Pois, pois, é claro, a eletricidade ainda não voltara. Mas ouça: eu já estava há muito fora de mim, ouvindo sinos e trombetas, enquanto resvalava por uma cova gélida, sem fundo. E serviu-se do café. Quando regressei ao mundo, encontrava-me sobre um catre, com minha mão enfaixada,

mas felizmente com todos os meus dedos.

-- Mas ainda não percebi o porquê da luva.

-- É para lembrar-me sempre de que o ser humano é estúpido e falho; e de que já gastei minha cota de sorte. Agora é abrir os olhos e ficar atento. Compreendeste?

-- Sim, por certo que sim, afiançou Fonsequinha, um pouco decepcionado com a humanidade em geral.

Manoel permanecera no salão, entretendo um infrutífero colóquio com o cliente solitário, buscando convencê-lo de que o horário das refeições terminara, e que só poderia servir petiscos e sandes.

O outro, todavia, não se conformava, contra-argumentando que há menos de um mês, naquela mesma hora, sentara-se naquele mesmo lugar e ordenara a uma senhora um bife com fritas, sendo prontamente atendido.

-- O fato, senhor, é que não é mais possível. A cozinha está fechada; para que se certifique disto, basta que veja aquela portinhola logo ali, cerrada. Ali é a cozinha, informou-lhe Manoel, didaticamente. É ali que se cozem os alimentos.

O sujeito negava-se a acompanhar com os olhos a direção para a qual Manoel apontava. Buscando encerrar o impasse, o ex-jogador propôs uma omelete. O cliente retrucou que se era possível fazer uma omelete, também seria possível fazer um bife com fritas. Manoel explicou-lhe que a omelete poderia ser feita na chapa do bar, ao passo que as frituras só o eram na cozinha, que se encontrava fechada. O sujeito repicou que o bife poderia ser feito na mesma chapa em que se faziam as omeletes; Manoel explicou-lhe que os bifes eram feitos na frigideira ou na grelha da cozinha; e que aquela chapa não era suficientemente quente para cozê-los;

acrescentou ainda que a chapa em questão destinava-se exclusivamente a preparações que não exigissem altas temperaturas de cozimento, como ovos, crepes e omeletes; e que a clientela não sairia satisfeita, caso o estabelecimento oferecesse bifes elaborados naquela chapa; o cliente atalhou que satisfação era um problema dele, não do bar, e que ele autorizava o bife feito na chapa; ademais, objetou o solitário cliente, em muitos sítios, mesmo fora de Portugal, os bifes na chapa eram muito apreciados. Manoel replicou que estava ciente disso, mas que o cliente enganava-se ao imaginar que a chapa do Bar e Tabacaria da Quarta Parada tivesse as mesmas características daquela a que se referia, e que de todo modo não poderia abrir exceções, pois o estabelecimento tinha suas regras, e que ele, também ele, era obrigado a obedecê-las; o cliente solicitou a presença do patrão; Manoel explicou-lhe que naquele momento ele era o patrão; o cliente olhou para o ex-jogador, e lhe disse, com os olhos fixos nos seus, que o conhecia de algum lugar; Manoel dissuadiu-o sem dificuldade, argumentando que isso não era provável, uma vez que estava ali há poucos dias; o cliente então acrescentou que se ele, Manoel, só se encontrava ali há poucos dias, é porque não era de modo algum o patrão, sobretudo tendo em vista que o Bar e Tabacaria da Quarta Parada existia há décadas, e que ele, em suma, estava mentindo; Manoel explicou-lhe que era filho dos donos, e que estes não se encontravam no local, nem voltariam tão cedo, acrescentando, ainda, já muito exaltado, que não tinha motivo algum para inventar coisas, que só estava querendo servir bem, de acordo com os padrões da casa; ao que o outro respondeu que isso era um despautério, porque a casa não possuía padrões, e que deveria fechar, ou ser vendida a

pessoas que respeitassem a clientela e zelassem pelo serviço, e que Lisboa ia de mal a pior, e que ele provavelmente era um estrangeiro, como sua família, mas que ainda assim o conhecia de algum lugar, sua memória era infalível; Manoel disse-lhe que não admitia insultos, e que o homem fosse se queixar ao governo, ao primeiro-ministro, ao presidente da república, e que ali ele não entrava mais.

Dizendo isso, Manoel levantou pelos ombros o cliente solitário, arrancando-o da mesa, e arrastou-o até a calçada. Fonsequinha quase perdeu o fôlego quando viu o sujeito voar sobre um Opel azul-marinho, de duas portas, estacionado defronte.

Ao homem, por incrível que pareça, nada aconteceu; assim que caiu, pôs-se de pé e se foi, como um boneco de pano atirado de um estilingue. Nada felizmente aconteceu ao carro que pertencia à Maria de Fátima, estudante de medicina e filha do Alípio da farmácia.

Com o rosto em brasa, os olhos soltando labaredas de ódio que fumegavam as lunetas, Manoel contornou o balcão e abanquetou-se junto à caixa registradora. Doíam-lhe novamente as articulações dos dedos. Duas brigas em um só dia era demais.

Os dois clientes remanescentes ainda ali estavam. Como já houvessem bebido o brandy, e o pouco de café que não haviam tomado já esfriara nas respectivas xícaras, resolveram pagar e sair.

Fonsequinha recolheu os trezentos escudos que deixaram sobre o balcão e os entregou a Manoel.

O ex-jogador, ainda ofegante, recolheu as notas e as enfiou no escaninho próprio da gaveta. Enquanto isso, meneava a cabeça, numa conversa consigo mesmo que tinha

por assunto aquele absurdo dia 13 de abril, dia sui generis, que todavia mal começara. Sim, porque após o titânico salvamento do Bombarda, que estava a pique em pleno Largo do Rato, Manoel minou os andaimes imaginativos erguidos a custo no interior da cabeça do Paiva, quase cerrando-lhes a base da estrutura com algumas palavras inconvenientemente empregadas. Por sorte, no derradeiro momento, depôs armas e intenções malévolas e acabou por se deixar levar, em crescente embora discreto excitamento, pelas promessas que lhe fazia o porta-voz do Diário de Notícias. Em seguida, nem bem se refizera da entrevista e havendo tão somente principiado a digerir os planos do almoço, teve o esperado mas nem por isso menos desagradável desentendimento com o pai, desavença de base, também, que não se resolveria simplesmente por intemédio de uma mágica que materializasse um recuo temporal nos ponteiros do tempo, transportando Manoel mais cedo para suas responsabilidades e compromissos, assumidos naquela manhã com Seu Albano. Era evidente que não. O atraso de Manoel fora um simples pretexto para que o pai vituperasse e tripudiasse. Se tivesse chegado em tempo e assumido suas funções sob a batuta do comerciante, dando assim provas de que não rejeitava o cabresto que a hierarquia familiar lhe impunha, Albano na certa teria inventado outro motivo para molestar e humilhar o ex-jogador. Manoel desconfiava de tudo isso, mas se achava pérfido demais, ou talvez leviano, por pensar assim, de modo que resistia às evidências, preferindo classificar seu relacionamento com o pai como um jogo de confiança e desconfiança, de cobranças e abonos, originado na rarefeita empatia entre ambos. Esse desentendimento familiar, latente desde que Manoel nascera,

ganhou força logo nas primeiras vezes em que o filho demonstrou contrariedade em ceder ao mando paterno.

Contudo, e apesar das aparências, amava-o Albano, e o comerciante tinha noção disso quando no embate entre a razão e a emoção a primeira lembrava à segunda que apesar de diferentes, um era filho e o outro era pai; e que eram as semelhanças entre eles o que mais incomodava Albano, porque o reconhecimento delas implicava quase sempre na descoberta de suas próprias limitações pessoais, que eram muitas. Mas, na maioria das ocasiões, o pai de Manoel cedia às paixões desenfreadas, aos sentimentos de baixa extração, deixando-se inteiramente dominar por seu instinto violento.

Em contrapartida, não o amava Manoel, embora considerasse que devesse acalentar esse sentimento, como uma espécie de gentileza à mãe e a si mesmo. Razões havia de sobra, mas o ex-jogador imaginara que talvez sofresse de uma deficiência mais grave do que aquela que acometia sua visão. Às vezes entendia ele que essa misteriosa e irremediável deficiência o levava a desapegar-se das pessoas, de todas elas. No entanto, por comodismo, não avançava nesse ter- reno de investigação, satisfazendo-se com experimentar a idéia da impossibilidade de amar, cuja inutilidade conceitual e prática não levava seu raciocínio a desembocar em parte alguma.

-- Tu ficas até fechar? perguntou-lhe Fonsequinha, fazendo um teste de sintonia com o patrãozinho.

-- Não sei de nada, ó Fonsequinha. Deixa-me pensar cá um segundo, está bem?

-- Mas o que é que houve com aquele sujeito ao salão? insistiu o serviçal. É fato que ele queria a todo custo um bife com fritas?

-- Sim, se tu ouviste, mas o mais grave foi que o tipo disse que tu eras metido, e que tu gostavas era de se pôr a ouvir as conversas alheias, respondeu Manoel, à cata de um pouco de relaxamento.

Fonsequinha defendeu-se, não se dando conta de que Manoel troçava dele.

-- Como poderia eu deixar de ouvir tudo, se estavam ambos a falar alto. Mas isto no começo, pois ao cabo de algumas trocas de palavras, já tu, se me permites dizê-lo, te exaltavas em demasia, e o cliente te acompanhava no mesmo tom?

-- E tu agora vais dar razão ao outro? Não vês que estou a brincar contigo?

O rapaz desarmou-se, pegou uma vassoura e foi até o salão.

Fonsequinha era de boa paz, talvez porque o mundo, para ele, não era coisa muito simples de entender, como parecia aos outros. Por causa disso, detestava uma discussão, porque sabia que toda vez em que se metia em uma, seu conhecimento do mundo parecia estar sendo posto à prova.

Manoel ficou a olhá-lo pensativo, vendo-se a si mesmo, muitos anos antes, quando certa vez, em um feriado em que não havia aulas no liceu, pegou a vassoura do pai e empunhou-a, deslizando com ela pelo salão, por pura vontade de imitar. Limpar o chão não limpou, porque não sabia como fazê-lo, mas levantou o pó, fez rolar de um lado a outro as folhas amarfanhadas dos guardanapos usados de papel, trazendo consigo restos grudentos de comida dos comensais descuidados; arrastando a vassoura pelo chão, traçou caminhos de gordura e de molhos diversos pelas passagens entre as mesas, amontoou febras de frangos, lascas

de buchas, restos de sanduíches e outras coisas mais.

Deu tantas voltas pelas mesas e cadeiras vazias que acabou por se chocar contra uma delas, vindo a cair e quebrando os óculos. Quando tocou com o tórax o encardido linóleo, ali ficou, despenhado sobre um montículo de sujeira de variada procedência, que se acumulara e se aglutinara ao redor das pontas fibrosas da vassoura. Deixou-a e a si mesmo em um estado deplorável; com a queda, ademais, machucou-se, vindo a ferir a cabeça na quina de um móvel; ao sentir e depois tocar o filete de sangue que escorria por sua testa e descia pelo nariz, Manoel entrou em pânico e começou a chorar. Logo em seguida, chorou mais ainda, ao perceber que ficaria de castigo por haver quebrado as lunetas novas.

Nesse estado foi alçado do chão pelo Afonso, empregado da casa já falecido, e que desde moço ostentava uma cabeleira branca que lhe dava uns ares de fiscal de rendas. Afonso limpou às pressas o salão, e desapareceu com a vassoura para os lados da adega, para que Manoelzinho não fosse punido pelo estrago. O menino ele cuidou como pôde: tirou-lhe os excessos de sujeira do rosto, passou-lhe em seguida um guarda-pó umedecido pela face; deu-lhe água com açúcar enquanto, com uma pedra de gelo, envolta em um guardanapo, procurava fazer estancar o sangue. Depois, recorrendo a uma caixa de medicamentos, cortou uma tira de esparadrapo e envolveu a haste quebrada entre as lentes, emendando os óculos partidos e cuidadosamente devolvendo-os ao rosto molhado de Manoelzinho.

Nunca seus pais ficaram sabendo sobre a estrepolia do filho no salão de refeições. Sobre os óculos quebrados, Afonso jogou toda a culpa sobre seus ombros. Fora brincar com o menino, e quando o ergueu no ar os óculos foram

parar longe.

Afonso salvara-o duas vezes, e Manoelzinho jamais esqueceu o que ele lhe fizera. Quando este morreu, o menino, que já era jogador de futebol, chorou outra vez, chorou como nunca chorara antes, mas nessa ocasião estava só, muito só, em sua casa em Sheffield.

O salão não mudara grande coisa desde aquela época do tombo, exceto pelo novo frigorífico ao fundo, com portas de vidro e iluminação indireta, que seu Albano comprara com enorme relutância, para satisfazer por uma vez na vida o gosto de Dona Maria Luíza. Ali dentro guardam-se as frutas e os doces que não podem ficar à temperatura ambiente. Ali também se armazenam os rissóis e os pastéis a serem fritos; a manteiga e os iogurtes, de tal sorte que em certas horas do dia, quando o sol já se foi e as luzes do salão vazio estão apagadas, aquele nicho colorido e luminoso, com seus tons de vermelho provenientes das maçãs e dos morangos; com seus tons de amarelo, provenientes das bananas, da manteiga e do pudim de leite, parece não pertencer a este mundo, tal a aura de religiosidade que inspira. Ao redor de sua refulgência concentrada, o mundo cinzento, as paredes encardidas, o linóleo gasto do piso, a superfície riscada das mesas, as mais novas com os pés de alumínio e tampo de fórmica; as mais velhas, encostadas ao fundo, metidas nos cantos, nas brechas, com tampo de mármore e pés de ferro, e que eram utilizadas para o serviço mais ligeiro, porque menores; tudo em volta, enfim, parecia ainda mais escuro e soturno.

Manoel respira fundo, sente-se repentinamente cansado. Ainda demoraria a anoitecer, reflete, mas já a luz do sol não

se atreve mais a banhar os fundos do estabelecimento comercial, contentando-se com lamber uma faixa do piso fronteiriço, junto ao passeio. Ele deixa sua vista vaguear pelo tapete de luz lambendo molemente a calçada. É justamente nessa faixa de chão, sobre o pequeno degrau de granito abaixo da fachada, que aparece a biqueira do sapato de salto alto da dona do pequeno Opel azul-marinho.

-- Como estás? pergunta Maria de Fátima, surpreendendo o olhar do ex-jogador detido em algum ponto abaixo dos seus tornozelos.

Manoel não se dá conta imediatamente de que alguém pronunciava seu nome à entrada do bar. Seu olhar escala sem pressa os delgados membros inferiores da transeunte.

-- Olá, insiste a filha do farmacêutico Alípio, que sente um arrepio subindo pelas longas pernas, vindo morrer nos quadris, por causa do olhar persistente de Manoel.

-- Em que mundo andas, afinal? insiste ela.

Seu par de olhos, escondido atrás das grossas lentes, percorrera já um roteiro sinuoso que tivera início em um calcanhar bem almofadado e calçado de mulher, na seqüência deslizara pelo náilon da respectiva perna, que não escondia a musculatura da panturrilha; aconchegara-se, depois, em um joelho redondo e bem desenhado, que inegavelmente coroava e conferia distinção àquele subconjunto de atributos femininos, perfeitamente ajustados (reparara ele) aos padrões masculinos mais exigentes; continuara subindo, alcançando um palmo, talvez menos, de uma coxa parcialmente exposta, alva e aparentemente dura, a que já agora inspeciona com inegável interesse, e inconfundível e desabusada detença; e por último cisca ao redor da barra tesa da saia branca e justa daquela que a custo

reconhece ser Maria de Fátima.

-- Há quanto tempo! exclamou Manoel acertando, com uma das mãos, a posição do óculos sobre o nariz, e estendendo a outra, à espera de que a menina Maria de Fátima, que pode agora ser chamada de tudo, menos de menina, atravesse a distância que vai do umbral do estabelecimento até o balcão de serviço, e o cumprimente.

-- Tu estás à montra? Queres dizer que estás também à venda, Manoelzinho? disse ela, que não ouvia notícias do conhecido desde que ele deixara o futebol, época em que justamente Maria de Fátima mudara-se para o Porto, com a finalidade, em primeiro lugar, de abalar a família, que se dividira ante os propósitos da filha, e, em segundo lugar, de realizar seus estudos de medicina.

Explica-se melhor: Maria de Fátima poderia estudar medicina perfeitamente em Lisboa. Mas a idéia de se ver livre da família por uns tempos e de conquistar sua independência fê-la pleitear a vaga no norte. O farmacêutico, mais intolerante que a mãe, reprovou a idéia. Dona Eurídice, talvez por ter nascido no Porto, talvez por ser mais condescendente que o marido, após relutar algumas semanas aceitou a mudança da filha. É fato que o casal deixou de se falar por alguns meses, mas o mutismo doméstico cansou-os; ademais, as notícias de que a filha saía-se bem e que era das melhores de sua classe, acabou por debilitar a tensão geral, de modo que Dona Eurídice e Seu Alípio fizeram finalmente as pazes.

Nos primeiros minutos de conversação entre Manoel e Maria de Fátima, ele ficou sabendo que a estudante de medicina se encontrava de passagem por Lisboa, onde chegara há pouco mais de 24 horas. Viera para o aniversário

da mãe, que seria justamente no dia seguinte, no 14 de abril, e logo regressaria a seus afazeres universitários.

Ela, por seu turno, ouviu de Manoel que o *Diário de Notícias* queria tê-lo como comentarista de futebol, e que sua estada na casa dos pais era provisória, pois logo viajaria para a Irlanda, projeto que acalentava há anos, mas que se realizaria naquela primavera de 1990. Quando voltaria? Não saberia dizer. Talvez permanecesse lá alguns meses, talvez poucas semanas. Tudo iria depender do que encontrasse por lá.

-- Mas tu estás feminina, afrancesada, mesmo. O que é que ensinam-te no Porto?

Maria de Fátima sorri. Quando conversara com Manoel pela última vez, há pouco mais de três anos atrás, ele não notara que a filha do farmacêutico por fim fizera-se mulher.

-- As aulas de anatomia são o que há de melhor na faculdade de medicina, respondeu ela, com um saboroso atrevimento.

-- Pelo que vejo, tu gostas do que fazes, disse Manoel, buscando um caminho mais sólido para pisar.

-- Muito, deveras. Mas penso em voltar a Lisboa algum dia.

-- Pensas em largar os estudos?

-- De modo algum. Apenas estou considerando a hipótese de estagiar ou mesmo de clinicar aqui. Não sei ainda. Minha bússola é o mercado de trabalho.

-- Imagino que não terás dificuldade de encontrar um bom emprego quando tu te formares. Tu sempre foste dedicada aos estudos, verdade?

-- Ah, tu te lembras um pouco de mim! disse ela efusiva.

-- Claro que sim. Recordo-me de ti em diversas

oportunidades. Uma delas foi quando encontrei-te debaixo da mesa da sala de jantar na casa de meus pais. Era domingo, eu havia saído de uma partida e viera visitar os velhos. Naquele dia, fiz uso, como sempre, da minha antiga chave; com ela, entrei no apartamento sem ser avisado e rumei direto para os aposentos dos meus pais, porque era ali que costumavam ficar àquela hora aos domingos. Não havia ninguém no quarto; então fui até a sala; também não estavam lá. Quando dei as costas, já em retirada, ouvi uns guizos estranhos sob a mesa. Era a pequena Maria de Fátima. Sim, eras tu, a chacoalhar compenetradamente um cilindro de pano cor de rosa. Tu me deste um susto imenso, disse Manoel. Quando te vi, lembras-te? recostada no pé da mesa, tu também te assustaste e começaste a gritar. Teus gritos atraíram todos os que se encontravam na casa, e todos, sem exceção se precipitaram espavoridos da cozinha, e de sei lá mais onde, até ali. Foi meu segundo susto, já que havia imaginado que todos saíram. Tu te lembras? Claro que não, tu eras muito pequena, apressou-se ele em concluir.

-- Quem estava lá naquele dia?

-- Meus pais e os teus, e mais meu primo Eliseu. Lembras-te dele? perguntou Manoel.

-- Não, não me lembro.

-- Não te lembras mesmo dele, um sujeito muito alvo e pele com sardas, sempre com uma boina vermelha na cabeça, que estudava engenharia e era um pouco mais velho que tu?

-- De fato, não consigo lembrar-me dele. Mas dize: além do emprego do jornal, em que mais tu estás metido?

-- Vivo um dia após o outro. Agora por exemplo, por motivos não muito alheios à minha vontade escravizei-me à família novamente. Atendo a freguesia ao balcão, faço-lhes

sandes; ganhei um ajudante, que tu não conheces, que se chama Fonsequinha. Quando me aborrecer, dou ordens a ele, coloco-o contra a parede, faço com ele o que fazem comigo.

Manoel se interrompe um instante, e continua:

-- Ei-lo quem vem entregar a vassoura. Mas como eu dizia, doravante, sob qualquer pretexto, desabo sobre o Fonsequinha aqui. Não satisfeito, fiscalizo o dinheiro, que meu não é, mas que sempre apetece fiscalizar; e ainda escuto as conversas e as lamúrias dos clientes, o que é muito ilustrativo.

Fonsequinha, quando ouviu seu nome, se aproximou mais, mas não entendeu muita coisa.

-- Sem piada, digo-te que deve mesmo ser interessante esse trabalho; ao menos tu te ocupas e fazes coisas novas. É melhor do que te torturares com o passado, disse ela.

Maria de Fátima tinha os cabelos castanhos em um tom mais claro do que quando adolescente, talvez porque os pintasse agora. Mas de qualquer modo seus cabelos ondulados pareciam mais sedosos do que sempre foram; e ficavam-lhe bem, pensou Manoel, que sentia um odor de colônia que a estudante de medicina exalava à sua volta discretamente e que se intensificava quando ela balançava a cabeça, pondo ordem na cabeleira e abrindo ora um flanco, ora outro do rosto, numa encenação minimal.

-- Quem foi que te disse que me torturo? Isto são coisas da minha mãe, aposto, coisas que ela andou a soprar aos ouvidos da tua. De qualquer modo, não sei até que ponto possa ser agradável ficar em pé, junto à caixa registradora de um bar, metade do dia, mas de qualquer modo será por pouco tempo. Logo embarco.

-- Sim, sempre para a Irlanda, já me disseste. Mas é

misterioso, ao menos para mim, advertiu ela.

-- Só porque não conheces. É um país como qualquer outro, talvez um pouco mais bonito, onde se bebe cerveja em pubs o dia todo, se conversa muito amistosamente e os escritores não pagam imposto de renda porque são considerados vacas sagradas.

-- Só isso já faz desse país um lugar diferente dos outros, não faz? acrescenta ela como a segunda voz de um coro.

Manoel não tencionava prolongar o assunto sobre sua viagem. É como se ao guardar o projeto como uma espécie de segredo, conservasse junto de si, também, um precioso amuleto da sorte.

-- Queres beber ou comer algo?

-- Esta é uma pergunta profissional ou social? Maria de Fátima sorri.

-- Ora, por quem sois, princesa. Apraz-me oferecer-te algo, se eu não estivesse a serviço, perguntar-te-ia do mesmo modo. Está bem assim?

-- Muito bem. Muito. Mas ouça: não quero mesmo nada, ou por outra, uma xávena de chá, e pronto. Tens chá, não?

-- Claro, de que tipo tu queres?

-- De camomila, mas se não tiver esse, pode ser chá preto.

Ato contínuo, Manoel recuou até uma cômoda e abriu uma das gavetas, retirando dali um envelope de chá.

Em seguida, voltou-se para o serviçal.

-- Ó Fonsequinha, corre à casa e pergunta se posso ser dispensado à hora do jantar, sim. É que tenho uma visita; tu podes dizer que é a filha do Alípio.

-- Eu tenho nome, interpõe Maria de Fátima, lembrando-lhe que já não é mais apenas a filha do dono da farmácia. E acrescentou: mas o que é que tu estás a imaginar? Tu não

precisas mudar teus planos. Só vim mesmo para cumprimentar-te. Além disso, não avisei os pais.

-- Então corre tu também, e avisa-os de que hoje tu sais com um esportista aposentado. Vou levar-te a jantar fora. Agora, ao menos, não tenho horário para dormir e posso comer de tudo.

-- E se teus pais não te dispensarem? provocou ela.

-- Esperemos Fonsequinha voltar.

Ao cabo de alguns minutos, o empregado regressou.

-- O Manoelzinho não pode largar antes das nove, dizia o recado transmitido pelo Fonsequinha. Dona Maria Luíza virá vistoriar o bar a essa hora, e depois fechar.

-- Nada feito, disse Manoel. As vistorias de Dona Maria Luíza gastam tempo, e tenho que acompanhá-la nisso. De qualquer modo, telefono-te mais tarde, se não for inconveniente, para saber se ainda queres fazer um passeio. Está bem?

Maria de Fátima concordou, agradeceu pelo chá e foi para sua casa.

A saída da estudante de medicina coincidiu com um instante de silêncio e de imobilidade em frente ao bar. Na praça, nenhuma alma viva, apenas os choupos e as olaias despontando o verdor da folhagem e prenunciando a primavera. O ponto de táxi defronte encontrava-se vazio, e nenhum carro cruzava a praça em qualquer direção. Ao longe as buzinas estavam silentes, como à espera de um aviso, e o ar mais fresco do que antes. Contudo não havia vento; o ar parecia imóvel, hipnotizado pelos amplos espaços, à falta de um sopro suave que o agitasse e que viesse aliviar o peso do dia escaldante sobre a cidade.

O silêncio e a falta de movimento eram um instante raro

no veranico que tomara Lisboa de assalto naquele dia. Parecia a Manoel que a morte atravessara a Praça da Quarta Parada e realizara um corte na sucessão intérmina de eventos. O tempo parecia haver parado de escoar; suspendera-se, talvez, para depois se abater sobre as pessoas e as vidas de modo ainda mais terrível. Seria Manoel o único habitante da cidade a dar-se conta do que estava acontecendo naquele longo minuto?

O silêncio estira-se mais, mais ainda, ficando nos ouvidos um som como o de um balão de ar esvaziando-se lentamente. Em seu interior um sopro diferenciado e cardíaco desponta, comprimindo os tímpanos como uma longa noite sem música, até que um gato liberta um gemido de algum andar superior e, em seguida, como no verso de Cesário Verde, um parafuso cai nas lajes. Seu som metálico, mais do que o lamento do gato, acorda a vida urbana, afastando dela o domínio da morte e devolvendo a ela seus contrastes sonoros e sua dimensão. Já dois carros passam pela rua em frente, com os motores em giro crescente; outros dois avançam pela rua de cima, espremendo-se e enfrentando-se no limiar da praça; a camioneta dos correios pára no coletor automático, ao fundo e à direita; um ônibus, seguido de outro, atravessa também defronte do Bar e Tabacaria da Quarta Parada; um homem com uma sacola de barbante contendo um frasco de azeite e outros enlatados caminha arquejante, talvez maldizendo também o veranico, talvez maldizendo sua vida; Alípio vai à porta da farmácia e caminha pelo lajedo, como é seu hábito, tropeçando com a clientela local que subitamente trafega pelo calçamento; Dona Eurídice chama pelo marido dos fundos da loja; clama por ele também Maria de Fátima, talvez para auxiliar a mãe. Por alguém mais outra voz

feminina chama também, aflita, urgente; um menino com fardamento escolar é arrastado por uma provável mãe, enquanto com os dedos graxos empunha um brioche semi-desfeito; outros carros surgem, brotando do nada; multiplicam-se numa miríade de cores e avançam como uma centopéia metálica que se agiganta e extravasa, assinalando a presença estrídula do homem urbano; um eléctrico range sobre os trilhos e sua sineta insistente convoca passageiros distraídos; a orquestração de buzinas recomeça. A princípio são notadas apenas notas tímidas e dispersas, aqui e ali, como se cada executor testasse isoladamente o seu instrumento, para assim verificar se as notas estavam afinadas, a embocadura correta e o volume da massa sonora adequado aos nobres propósitos de sua arte. Depois, naipes de sopro de vária ordem discutem entre si, para em seguida, já sob a batuta de um maestro invisível, passarem aos primórdios do concerto. Então, um naipe de metais convoca outro, até que uma orquestra enfurecida despeja, em espessas ondas, a pauta musical que a impulsividade humana havia selecionado para a ocasião. As ondas sonoras avançam, se alastram e se entrechocam nas ruelas, alamedas, praças, largos, aléias e miradouros de Lisboa, chegam aos pés do Castelo de São Jorge e ecoam sob os arcos do Aqueduto das Águas Livres, são ouvidas no Cais do Sodré e no Campo Pequeno; vibram por sobre a cabeça dos passantes; retinem em seus ouvidos, e se introduzem nos vãos das janelas dos carros, ônibus, bondes (autocarros, eléctricos, não importa como se chamem), bares, casas, igrejas, mosteiros, fortes; sobre o parlamento e demais logradouros administrativos.

Agora, sim, é o típico final da jornada de trabalho em Lisboa. As imprecações e as blasfêmias estão no ar. A cidade

não comporta tamanha ansiedade. Seus mortos acordam do sono eterno, quer estejam no Cemitério dos Prazeres, quer do outro lado da cidade, no Cemitério do Alto de São José, e verificam seus relógios interiores: são 18h00. É todo dia o mesmo dia, afirmariam os defuntos se pudessem ainda afirmar alguma coisa. Em duas horas, talvez um pouco mais, poder-se-á novamente viver a plenitude da morte. Mas por ora, não, por ora é o inferno da vida palpitante.

O sol já se recolhera. Manoel dirige-se até o comutador do salão e acende as luzes.

-- O Manoelzinho quer que acenda o luminoso?

-- Sim, claro que sim. De fato já deveria tê-lo acendido. Mas faça-me o favor de não me chamar de Manoelzinho, está bem?

-- Está, desculpe. Mas onde é que fica a chave? pergunta Fonsequinha.

-- Ao lado do guarda-comida do salão, respondeu Manoel. Podes deixar que faço isso; estou mesmo ao pé dele, acrescentou, desviando-se da rota de regresso à caixa registradora, ao lembrar-se de que aquele era o primeiro dia oficial de Fonsequinha como empregado, e que seria preciso tempo, muita calma e paciência para ensinar-lhe todo o ofício; todas as coisas que não aprendera como ajudante eventual; tempo, calma e paciência de que Manoel não dispunha.

Enquanto Fonsequinha se debruçava sobre a pia para lavar a louça remanescente, um cliente apareceu, em busca de cigarros e jornais.

-- Jornais não os tenho mais, respondeu-lhe Fonsequinha, entregando o maço vermelho e branco de Boule D'Or ao cliente, que empilhou sobre o vidro do balcão,

meticulosamente, a quantidade exata de escudos em moedas e saiu.

Manoel aproximou-se, recolheu o dinheiro e abriu a caixa registradora. Repentinamente começara a ventar forte. O pó da rua e das calçadas em reforma rolou, rodopiou e se ergueu no ar. Em seguida, sem sobreaviso, a chuva chegou. Bátegas de água se abatiam em jorros diagonais sobre a cidade.

Capítulo 3

Uma família de coreanos desliza sob o aguaceiro, com seus impermeáveis coloridos. Parecem atados uns aos outros, prosseguindo sempre segundo a ação de um invisível engonço.

Ao vê-los caminhar daquele modo, como se o fato de pisarem o solo com firmeza fosse penoso para eles, restando-lhes flutuar sobre um colchão de ar imaginário, Lucien lembrou-se de Su Ian.

Volta-se ainda uma vez antes de partir, encontrando o vulto de Jacques atrás do balcão. Seus braços se

movimentam com agilidade, embora Lucien não possa distinguir com nitidez o que ocupa o patron.

Resolve seguir pela Mouffetard.

Na altura da Place de la Contrescarpe Lucien toma a Lacépède e a seguir a Monge. Seus cabelos estão encharcados, mas Lucien não se intimida e prossegue sua caminhada. Por um instante seu pensamento fixou-se na idéia absurda de que a chuva poderia também lavar as palavras que acabaram de ser trocadas entre ele e Jacques. Por que razão a chuva em Paris causava sempre um sentimento de profundo esgotamento nele?

A chuva parece agora querer cessar, embora o céu dê mostras do contrário.

Lucien toma à direita ao longo das Arènes de Lutèce e seguindo alguns metros pela Rue de Navarre chega a uma passagem por entre a vegetação que circunda a arena. Galgando alguns lanços do estreito caminho, Lucien alcança a órbita do monumento galo-romano, em parte arruinado pelos bárbaros há 17 séculos atrás -- e que fora restaurado neste século, depois de haver adormecido sob a terra quase todo esse tempo.

Avista o centro da arena, o semicírculo de degraus debruçados sobre o chão batido, onde desocupados jogam a pétanque, distribuídos em vários grupos.

Sob a chuva, os degraus do estádio ganham uma coloração acinzentada. Algumas poucas pessoas estão sentadas sobre jornais, com a aba dos casacos erguida cobrindo as orelhas. Um homem com uma barba de dias olha fixamente um dos grupos de jogadores de bolinha.

O ambiente circense e teatral do lugar confere aos jogadores um ar de figurantes de uma peça de poucas

palavras, monótona e de difícil simbologia. Lucien examina o grupo localizado no centro da arena. Uma e outra palavra escapam e chegam aos ouvidos dos espectadores distraídos. Lucien avança alguns passos e procura um lugar seco para se acomodar.

-- Quelle malheur! diz um jogador afastando-se um pouco do grupo.

-- Je gagne! diz um outro, estreitando com um forte abraço um concorrente que, com as mãos enfiadas nos bolsos e um cigarro mordido entre os dentes, mantém o corpo inflexível, ainda surpreso com a jogada, ou com sua derrota.

-- Philippe! brada alguém, em um ponto do semicírculo. É uma jovem mulher repreendendo um menino de uns sete anos que é provavelmente seu filho.

O homem que olhava fixamente para os jogadores do centro gira os ombros para um dos lados, recolhe a perna direita e apóia a sola do sapato no mesmo degrau em que se sentara. Seus modos lembram os de um treinador em missão de espionagem.

Disfarçadamente, como se temesse ser pilhado, o tipo com jeito de espião enfia a mão direita sob a bainha da calça, fazendo desaparecer os dedos sob a meia de cano alto; em seguida coça a canela cautelosamente, como se pretendesse evitar que as ondulações do tecido da calça, provenientes de seu movimento, delatassem o gesto.

Outro grupo de pétanque permanece a um canto da arena, mais próximo de Lucien e mais distante do homem que discretamente se coça satisfazendo sua necessidade animal de se coçar.

Philippe finalmente se aproxima da mãe. Ela puxa-o brutalmente pela manga do paletó e o menino começa a

chorar. O grupo de bolinha que encerrara naquele momento a partida, se prepara para nova porfia. O jogador que dissera há pouco "je gagne" dá três passos confiantes e arremessa seu projétil.

Lucien repara agora, bem a um canto, no anel superior, uma mulher com um chapéu antigo e um xale turquesa. Ela parece vir com freqüência ao lugar, pois examina tudo com o olhar condescendente de quem conhece todo o repertório de jogadas e de movimentos dos que estão na arena.

Começa a ventar, diluindo ligeiramente o tom cinzento do céu. Uma folha molhada de plátano se projeta sobre o colo de Lucien. Ele retém a folha, levemente acastanhada pela nevasca da semana passada. Faias e teixos são sacudidos pela forte lufada. Arbustos e a baixa vegetação ornamental, ao redor do monumento, se agitam e um olor de pinho e terra, combinado a um aroma floral adocicado, impregna o ar.

O céu cinzento permanece ainda indecifrável, e os jogadores do grupo lateral perscrutam-no nesse momento, provavelmente para aliviar a tensão da partida.

Os jogadores do centro estão agora prestes a terminar uma partida. Nesses momentos decisivos, pouco se lhes dá se o tempo piorar novamente, ou não. Enquanto isso, os jogadores do canto se aproximam uns dos outros, como se estivessem ensaiando para adentrar rapidamente a estreita porta de um diminuto veículo. A seguir espalham-se, para mais adiante se reencontrarem no que parece ser o ponto de arremesso da pista sem linhas.

Um enxame de folhas passa por cima das cabeças e sacode a aba do chapéu da mulher de xale turquesa. Tendo o semicírculo como fundo, o chapéu da freqüentadora parece

uma negra nau com movimentos para cima e para baixo que sugerem um mar agitado; um barco de gauleses, da tribo dos Parisii, cogitou Lucien; ou talvez mesmo a nau com os primeiros colonizadores do burgo de Lutèce, nome que em celta significa habitação no meio das águas.

Lucien fecha os olhos e a arena, o céu cinza e os jogadores desaparecem. Sem sucesso, busca se lembrar do nome do conquistador romano que transformou o lugar em vila de navegadores.

Labiénus é o nome que não vem à cabeça de Lucien. Em 52 a.C., este romano domina o burgo. Em vista disso, tudo, agora, que circunda Lucien, absolutamente tudo, advém desse ato caprichoso do destino, que conduziu Labiénus à vitória contra os gauleses, o que fez com que anos mais tarde a primeira pedra da arena fosse plantada no solo de Lutèce, que depois, já sob o jugo de Juliano, mudou de nome para Paris, por causa justamente daqueles pescadores gauleses da tribo dos Parisii, que vieram em um barco negro, que bóia agora sobre a cabeça de uma senhora de xale, que por seu turno examina tudo com um olhar condescendente.

Lucien abre os olhos, a nau dos gauleses da cabeça da mulher cresce, aderna, sobe: a imensa flor amarela que tem impressa sobre a vela bujarrona crispa-se, dilata-se, perde a cor. Um cheiro mais intenso de flores maceradas invade as narinas de Lucien.

Pensa que se os habitantes da tribo dos Parisii fossem mais pacatos e acomodados, teriam ficado em seu território e daí então o imperador Juliano não teria o nome de Paris para batizar a Cidade Luz. Talvez nesse caso Juliano chamasse tudo isso de Julienne, apenas, o que seria feminino, singelo e bonito, mas desconcertante.

-- Mais non! exclama um jogador de pétanque do grupo lateral.

Surge então, por detrás de um corpulento bretão, um franzino e espevitado jogador, que após haver conferido seu jogo, retira uma boina branca que tem sobre a cabeça, deixando à mostra uma casca doentia e amarela, entrecortada por uma malha de veias roxas que ganham tons avermelhados nas proximidades das têmporas.

O pequeno homenzinho está quase esperneando ao lado do corpulento companheiro. Diz algo ininteligível que irrita o colega, que por seu turno lhe volta as costas, enquanto o baixinho, não mais se contendo, atira a boina contra o chão da arena.

Os demais não dão muita importância ao acontecimento. Estão mais preocupados com a seqüência do jogo.

O dia enfarruscado esconde a primavera ascendente, mas a luminosidade duradoura do dia faz Lucien lembrar-se novamente de que o inverno está prestes a desaparecer -- e de que agora os dias serão longos e por vezes úmidos, e de que a cidade ganhará os olores pesados e a murrinha da estação quente. Os turistas invadirão a cidade, subirão nervosos até Montmartre, dando sempre a impressão de que deixaram algo melhor para fazer lá embaixo; beberão cerveja e descerão as escadarias defronte da basílica. Se forem atentos, depararão o carrossel veneziano da Place St. Pierre, com seus corcéis brancos encilhados de ouro e veludos; com suas caleches ágeis atiradas para frente ao som de uma música italiana renascentista. Crianças louras esperarão sua vez de cavalgar os animais truculentos e de crinas espessas. A música do carrossel tomará toda a Place St. Pierre, subirá

confusamente até o pórtico de entrada da basílica, já aí inteiramente contaminada pelos sons arrepanhados no caminho; invadirá a Église St. Pierre; volteará suas colunas de mármore romano, e sobrevoará o cemitério de Montmartre, as vinhas, a Rue du Chevalier-de-la-Barre, a Rue St. Rustique, a Mont Cenis, a Place Pigalle, onde há muito silenciou Aristide Bruant e onde está vago o cavelete de Caran D'Ache.

A música sobrevoará a Place St. Michel, com seu comércio de ninfetas e droga; a fonte luminosa dissipará as notas já débeis da música do carrossel veneziano, enquanto aguardará colher em suas águas os nenúfares da noite, extraídos em seu frescor da paleta de Monet, exposta no número 2 da Rue Louis Boilly, aprisionada em um caixa de vidro à prova de bala. A música deixará a Place St. Michel, subirá até o Panthéon e descerá até as ruínas da defesa de Philippe Auguste, onde se fenderá em centenas de notas musicais que rolarão isoladas como pedras e por fim silenciará.

Por ora, contudo, nada fornece indícios de que isso irá um dia acontecer. Na vizinhança, apenas frenéticas buzinas, atestando que o dia de trabalho está findando, e que a ordem é cada um se desembaraçar do trânsito e da chuva, que agora volta a cair em alguns pontos da cidade.

Nas Arènes de Lutèce os jogadores estão ainda ao abrigo provisório da chuva. O anel verde que circunda a edificação coa os sons confusos da cidade, que chegam débeis ao ouvido de Lucien.

Alguns figurantes desse espetáculo espontâneo, do qual os que estão na arena também tomam parte, deixam a grande cena. Pessoas talvez solitárias, encolhidas em seus

pensamentos, considerando desapontada seu presente e seu futuro. Pessoas parecidas com Lucien, que aguardam em um cotidiano sem mistérios a hora prescrita para executarem um movimento previamente programado, mas que se dão conta de que há uma lacuna em suas vidas a ser preenchida; um vazio a ser povoado. São enfim pessoas semelhantes entre si, que como Lucien nunca conseguiram fazer parte de agremiações, nunca aderiram a nenhum partido político, não se interessaram jamais por passatempos e não leram jamais a seção de esportes dos jornais, porque desconhecem o querer coletivo; pessoas que nutrem uma enorme descrença em si mesmas e na vida, e que apenas desejam que o mundo as deixe em paz, e que o governo não faça nenhum movimento afoito no sentido de mexer em suas acanhadas economias, impondo-lhes mais impostos.

A única diferença, talvez fundamental, entre essas pessoas e Lucien, é que ele agora possui, ou imagina possuir, o que dá no mesmo, uma espécie de senha para a aventura, uma espécie de janela que surpreendentemente brota de uma parede espessa, deixando entrar ventilação e luz no recinto. Em outras palavras, suas férias antecipadas para responder a um desafio excêntrico.

Lucien levanta a cabeça e examina o céu, ainda indeciso, que cobre a arena como uma lucarna gigantesca, dando a impressão, falsa, de que o lugar em que se encontra o monumento galo-romano fica no topo da cidade, e não nos baixios da Rue Monge.

Os jogadores do centro da arena recolhem seus casacos e pertences, que deixaram amontoados no primeiro degrau do semicírculo, abandonando o palco de areia. O outro grupo

comanda agora o espetáculo.

A mulher de chapéu está imóvel em seu posto. A nave dos parisii cruza neste instante um mar calmo, onde o espelho d'água é uma superfície de aparência sólida e inerte, sobre a qual a nave flutua como se estivesse estagnada. A flor amarela sobre o chapéu da mulher de xale turquesa feneceu à ausência de vento, as velas todas descambaram. Tudo cessa sobre o chapéu da senhora: a tribo dos gauleses adormece em seus projetos heróicos, o timão permanece estático e a carranca à proa da embarcação tem os olhos cerrados, como se dormitasse, ao invés de tê-los abertos e guardiães do mar ignorado.

Em vista disso, em vista de o barco gaulês haver perdido a força protetora da carranca, o oceano se abriu e a nau, que antes parecia brilhar em negras fulgurações sobre um mar de almirante, quase veio a pique, engolfada por uma sucessão gigantesca de ondas. Lucien lembrou-se de Corbière:

Tout s'en va... tout! La mer... elle n'est plus marin!
De leur temps, elle était plus salée et sauvage.
Mais à présent, rien n'a plus de pucelage!...
La mer... La mer n'est plus qu'une fille à soldats!...

Coincidindo com a alucinatória visão da nau do chapéu da mulher, a lucarna cinzenta sobre a cabeça de Lucien escureceu repentinamente.

Pesadas nuvens se aglomeraram agitadas, parecidas com as que no campo de sua infância Lucien via galopando no céu, como ovelhas cinzentas desgarrando-se furtivamente do pastor.

Em seguida, rajadas de vento empurraram as nuvens

escuras para o canto do céu, que começava a mudar de tom também na outra extremidade.

Uma coloração castanho-escura com laivos alaranjados e veias vermelhas vai tomando o centro da arena, e a lucarna parece agora um prato de sopa de fundo transparente, através do qual escorre um creme de castanhas com fios de licor de cereja e mel.

As nuvens cinzentas que se encontravam no canto do céu se fundem agora às nuvens castanhas, e os raios de sol escapam pelo contorno das duas imensas figuras celestes, alcançando a arena e tocam de leve a cabeça dos jogadores de pétanque, os degraus brancos da assistência, a mulher de xale turquesa, a vegetação que circunda a arena.

Aqui e ali os raios filtrados sobre a lucarna imaginária destacam formas, em um trabalho de iluminação cenográfica de raro efeito.

O barco gaulês sobre a cabeça da mulher recebe uma iluminação especial, nota Lucien, que constata também que a mulher de xale turquesa está levemente inclinada a boreste, parecendo agora que está dormindo sentada.

O grande bretão que joga pétanque no grupo lateral e o pequeno e espevitado colega estão se desentendendo para valer. Um jovem com cabelos negros e longos planta suas mãos de boxer no meio da barriga do bretão, enquanto outro pacifista puxa a manga do casaco do pequenote.

-- Ele moveu minha bola, diz o jogador pequeno, sendo puxado pelo outro.

-- Pare com isso, diz o colega conciliador.

-- Ele está louco, afirma ainda o bretão, menos enfurecido que magoado.

-- E não foi a primeira vez. É sempre assim, reclama o

pequeno, agora se dirigindo ao jogador com mãos de pugilista.

Um quinto jogador apenas admira a cena, mordendo um toco de cigarrilha e desentranhando do piso algo que parece ser um pedaço de vidro de garrafa.

Clisson, o conciliador, é na verdade um tipo estourado. Que exige a paz a qualquer preço, mesmo que tenha que descer o braço. Sua fama é o melhor antídoto para demover o pequeno Hugo de sua sanha de vingança.

-- O que mais você quer, grita Clisson, que acabara de arrancar a manga do casaco de Hugo.

Bizot, o quinto jogador, tem agora entre os dedos o caco de vidro que acabara de desenterrar.

-- Largue Hugo, grita o enfurecido Bizot, que com a arma cortante envolta em um lenço avança contra Clisson.

Clisson larga Hugo, passa à frente de Baptiste, o bretão, e arremessa seus dois punhos e sua valentia contra Bizot, que recua.

Colmart, o jovem de longos cabelos pretos, se aproxima de Bizot, empurra-o para o lado e solta um murro no queixo de Clisson, que cai sobre o pequenino Hugo, que por seu turno vai ao chão.

-- Merde! berra Hugo, erguendo-se do chão com a ajuda de Baptiste.

Bizot, enfurecido, ataca agora Colmart, que retira do bolso um canivete e deixa à mostra uma estreita lâmina de aço. Os demais recuam, exceto Baptiste, que se interpôs entre os dois contendores armados.

Lucien se levanta e aguarda fascinado o desfecho da briga. O sol começa a brilhar, expondo as faces dos contendores mais cruamente.

-- Sai daí, diz Colmart a Baptiste, enquanto Bizot executa rápidos movimentos laterais de modo a ter novamente o primeiro em seu raio de ação.

Clisson avança contra Colmart, tentando revidar o murro que levara. Colmart está cercado por Bizot e Clisson. Baptiste não sabe mais o que fazer para cobrir os vários flancos de luta, e Hugo está em dúvida se ataca Bizot ou se tenta segurar Clisson, o pacifista. Vendo o caco de vidro cintilando nas mãos de Bizot, Hugo não tem mais dúvida do que fazer: salta sobre Clisson, mordendo-lhe o braço e a orelha. Surpreendido, Clisson tenta se desvencilhar do pequeno Hugo, enquanto Bizot, em um momento de sensatez, atira sua arma de vidro longe e se projeta sobre Hugo para tentar arrancar seus dentes da orelha esquerda de Clisson. Colmart, ainda com o canivete nas mãos, não tendo mais como atacar Bizot ou Clisson, ambos de um modo ou de outro ocupados com Hugo, avança contra o grandalhão Baptiste, que recebe uma primeira e bem aplicada estocada da lâmina à altura do umbigo, e uma segunda na coxa esquerda, pouco penetrante, mas devastadora. Fulminado, Baptiste desmorona sobre o solo da arena, soltando um grito de dor.

O grito de Baptiste indo ao solo, o sangue escorrendo na arena e um novo grito, de uma jovem nas arquibancadas, fazem com que Hugo largue Clisson, Bizot largue Hugo -- e Colmart largue o canivete ensangüentado, abrindo os braços, depois colocando as mãos no rosto e caindo de joelhos logo a seguir, numa demonstração de pânico.

Hugo, Bizot e Clisson se agrupam ao redor de Baptiste que, curvado sobre o abdômen, pressiona com a mão esquerda o ferimento da barriga, e com a outra aperta a coxa,

procurando inutilmente diminuir o fluxo de sangue.

Enquanto a audiência, composta por uma dúzia de pessoas espalhadas pelo semicírculo e ao longo do caminho junto ao cinturão verde da arena, cai em uma espécie de torpor catatônico, embriagada pelo cheiro de sangue do ar e pela tensão extrema que imaniza os gladiadores e é transmitida em ondas de vibração até o anel superior, Baptiste solta imprecações contra Colmart, jurando vingança.

Hugo se curva sobre o grandalhão Baptiste, puxa-o pelos ombros e o obriga a apoiar sua cabeça sobre seu colo, tentando reconfortá-lo.

-- O que faremos agora? pergunta Clisson, que retira um lenço quadriculado do pescoço e busca amarrá-lo na coxa de Baptiste, no intuito de reter a hemorragia. Impossível: o lenço de Clisson é pequeno demais para isso. Ele olha desolado o trapo ensangüentado e desfere socos no chão.

-- Vamos levá-lo daqui, sugere Bizot.

-- Mas para onde? pergunta Hugo, que abre com um pouco de nojo a camisa de Baptiste para examinar o estrago que a lâmina de Colmart produziu.

-- Tire suas mãos daí, diz Baptiste, gemendo.

-- Vamos carregá-lo daqui, sugere Colmart, ainda por precaução afastado dos demais, colocando-se de pé, lívido.

-- É melhor chamarmos logo a polícia, intervém Hugo.

-- Você ficou louco? interpõe Bizot. O melhor é carregarmos Baptiste até meu carro, estacionado na Monge. De lá vamos a uma farmácia comprar ataduras, acrescenta, senhor de si.

-- Levem-me daqui, ordena Baptiste, com receio dos flics.

O grupo chega a um consenso. Todos se erguem e se

distribuem ao redor da carcaça de Baptiste. O pequeno Hugo segura sua cabeça. Bizot um dos braços. Clisson enfia os dedos sob a axila direita do bretão. O criminoso Colmart segura os pés do oponente, evitando olhar em seus olhos.

-- Vou pegar você, diz Baptiste a Colmart, dando um pequeno tranco com os pés e desequilibrando o rival. Colmart, todavia, não responde.

O grupo de jogadores de pétanque se afasta da cena solenemente, enquanto a audiência sai do seu conivente imobilismo e troca olhares e caretas de desaprovação. Nádegas anônimas deixam a fria argamassa dos degraus; espectadores batem em retirada, recolhem seus objetos; dobram o jornal ou a revista que servira de isolante entre a pedra helvética e seus traseiros franceses e marcham como gansos rumo a seus lares.

Às costas dos lutadores vai surgindo sem pressa um fio de sangue, que divide a arena em duas meias-luas, proveniente do ferimento na perna do bretão. Baptiste é pesado, e os carregadores avançam em ziguezague, arquejando, de modo que as meias-luas oferecem um contorno caprichoso, como o de uma roda dentada gasta, que à distância chega a lembrar um longo beijo de duas figuras esquálidas e queixudas.

Placas de sangue aparecem a espaços, acompanhando o ritmo acelerado da respiração de Baptiste, que parece uma bomba controlando a vazão do ferimento da barriga.

Os gladiadores desaparecem finalmente do cenário da luta, embarafustando-se através do portão principal e deixando atrás de si um constrangedor silêncio. A audiência já abandonou o cenário, com exceção de Lucien e da mulher de chapéu.

Lucien volta a se sentar, buscando reordenar seus

pensamentos e entender o que se passara com ele naqueles instantes em que um homem era praticamente sacrificado debaixo de suas vistas, e em que ele sequer esboçara qualquer reação, limitando-se a demonstrar que ficara chocado com o que presenciara.

Repara novamente na mulher de xale turquesa e olha em sua direção como se buscasse sua cumplicidade a ao mesmo tempo seu perdão. A senhora de xale turquesa, no entanto, se mantém na mesma posição de antes, inclinada a boreste uns 20 graus.

Recomeça a ventar forte e Lucien escuta o farfallhar das tílias e dos teixos, lembrando um froufrou de seda. Um aroma de amêndoa impregna o ar e Lucien se sente enjoado. Acabara de testemunhar em silêncio mais um episódio que só faria alimentar seu descrédito na espécie humana; sua omissão face ao que assistira não tornava as coisas mais fáceis para ele.

Fisgado pelo pessimismo e ferido pelo nefasto sortilégio do lugar, Lucien não pôde deixar de lembrar de certas atitudes de indiferença, permeadas por um certo sádico negativismo, que ele e Antoine nutriam com zelo incomum; e das longas discussões em que cada um se empenhava mais do que o outro, para assim conquistar o cetro reservado ao que mais se destacava em seu extremado desamor pelo próximo. Freqüentemente Antoine ganhava.

Examinando naquele momento sua conduta, Lucien se dava conta, sem dificuldade, mas com uma ponta de amargor, de seu paralisante egoísmo de instantes atrás, que o fizera agir tal como todos os demais espectadores que ali estiveram.

Essas pessoas, reflete Lucien, partiam do princípio de que

era preciso evitar qualquer envolvimento com assuntos que pudessem trazer dissabores, quaisquer que fossem eles, não importando suas conseqüências. E ele, era inegável, agira da mesma forma. Evitara alterar seu cotidiano com todas as forças que a indiferença é capaz de arrepanhar, já que o sangue que jorrara na areia não fora evidência suficiente para fazê-lo sentir-se obrigado a tomar um atitude; mesmo levando em conta que sua consciência, sob o ponto de vista humanitário, dissesse vagamente o contrário.

À distância, Lucien buscou os olhos da mulher de xale turquesa, procurou ver em seu rosto distante a confirmação de sua culpa e almejou o beneplácito.

Como ela ainda se mantivesse aparentemente alheia a tudo e indiferente aos olhares de Lucien, este se levantou e agitou os braços pateticamente, como se descarregasse o excesso de energia aprisionada, talvez no intuito de aliviar seu crescente remorso. Lucien parecia naquele momento um náufrago, gesticulando para uma nave distante.

Seu gesto foi inteiramente inútil.

Tomado pela curiosidade, sentindo-se perverso e debochado, Lucien caminhou na direção da arena, atravessou o território de luta -- o ponto de confluência entre o tempo arcaico e o tempo de agora --, assinalado no chão pelas marcas da contenda revivescida.

Lucien atravessou o campo de guerra em diagonal e alcançou o primeiro degrau da escadaria que dava acesso às arquibancadas.

A alguns metros da mulher, Lucien parou e repetiu o mesmo gesto de desamparo que fizera do outro lado da arena, até que minado pelo despudor bateu palmas, como se estas tivessem o condão de arrancar do letargo a figura

imóvel sob o chapéu.

Aproximou-se mais, com o intuito de abordá-la. Sentiu-se afrontado pela absoluta indiferença da mulher que de perto revelava uma juventude que seu traje parecia querer esconder.

Buscando ainda encontrar os olhos da moça imóvel, Lucien se aproximou de seu rosto, que era muito alvo, e reparou nos detalhes de seu chapéu, que era vetusto e definitivamente ridículo, mas que ao longe lembrava uma nau corcoveando um mar bravio. Observou indisfarçadamente seus tornozelos à mostra, que eram robustos e fortes.

A mulher era bem menor do que imaginara antes. Tinha no entanto ombros amplos e retos, um pescoço fino e sua mão esquerda, entreaberta, empunhava um pequeno objeto dourado, que a princípio se parecia com um broche, mas que era na verdade uma pequena caixa sobre a qual estava incrustrado um camafeu que, por coincidência, tinha em relevo uma embarcação à vela.

Lucien se aproximou mais, curvou-se na direção do rosto da jovem; seus olhos encontravam-se cerrados. Tocou em seu ombro como se pretendesse acordá-la e o corpo da mulher descambou totalmente, emborcando contra o degrau da arquibancada, produzindo um som surdo e terrível, proveniente do choque do maxilar contra o piso.

-- Está morta, disse Lucien em voz baixa, enquanto buscava erguer o tronco desfalecido.

Nesse momento, o camafeu com a embarcação gravada escapou por entre os dedos da jovem e caiu ao lado dos pés de Lucien.

Após haver reclinado o corpo da morta sobre o degrau,

Lucien abaixou-se e alcançou o objeto que caíra. Ia abrir a pequena tampa para examinar seu conteúdo quando um som de sirene soou forte e se expandiu nas Arènes de Lutèce.

Instantes depois, os flics chegavam como um bando de abutres, atravessando o mesmo portão através do qual o moribundo Baptiste fora levado. O que vem à frente dos demais ordena que revistem o lugar, e se dirige para o ponto onde presume que tudo aconteceu, postando-se bem próximo às marcas de sangue coagulado na areia, que ficaram após a luta.

Um dos guardas sobe com uma pistola na mão os degraus da arquibancada e se aproxima da mulher de xale turquesa. Dois deles apontam para Lucien que, com o intuito de dissimular, discretamente se afastou da mulher, dando ares de alheamento.

Dois outros apontaram para Lucien e foram em sua direção.

-- O que houve aqui? perguntou um deles.

Lucien ergueu as duas mãos espalmadas e abriu um pouco os braços, fazendo uma mímica.

-- Acabei de chegar, respondeu, considerando intimamente a resposta oportuníssima.

-- O senhor não viu a briga? insistiu o flic.

-- Estou lhe dizendo que acabo de chegar, respondeu Lucien, emprestando à sua voz uma afetada entonação profes- soral.

O guarda que fez as perguntas a Lucien ordenou ao colega que corresse até o grupo que estava junto da mulher de chapéu e confirmasse o fato.

Ao chegar ali, o policial se deu conta de que a mulher não passava bem. Estava desmaiada. Talvez mesmo estivesse

morta, tal era sua cor facial.

Ele tocou em seu pescoço, depois em seus pulsos. Finalmente agarrou seus ombros, depois enfiou os dedos da mão sob as axilas, enquanto o outro flic levantava os joelhos.

A mulher foi então estendida sobre o anel da arquibancada em que estivera sentada há poucos instantes, de modo que um paramédico pudesse examiná-la.

-- O que houve? perguntou o enviado da outra banda.

-- Está desacordada ou morta. Não se consegue perceber seu pulso, respondeu o flic

-- Morta. Talvez esteja morta. Uma parada cardíaca, não lhe parece? perguntou o enviado, a plenos pulmões, de modo que seu diagnóstico atravessasse a arena e alcançasse os ouvidos profissionais do colega que abordava Lucien do outro lado da arena.

Ele voltou à carga, aproximando-se mais do rosto de Lucien e fazendo dos dedos uma espécie de argola que introduz ao redor do cinto branco.

-- Tem certeza de que não viu nada?

Lucien, que reparara no detalhe da farda do entrevistador, levantou-se quase tocando o queixo do flic, que recuou, enquanto ele disparava um projétil verbal à queima-roupa:

-- Absoluta!

-- Nome, por favor, solicitou o guarda, retirando do bolso da jaqueta um caderno preto.

-- Lucien Sorel, como Julien Sorel, de Stendhal.

-- Julien Sorel de onde? perguntou o flic com a lapiseira a alguns milímetros da língua.

-- Lucien Sorel, apenas Lucien Sorel, ele respondeu com rispidez e impaciência.

-- O senhor falou outro nome. Preciso dos dados corretos.

-- Foi apenas para auxiliá-lo a escrever corretamente o sobrenome.

-- Então seu nome todo é...

-- Lucien Sorel, senhor.

-- Endereço.

-- 7, Rue Berthollet.

Após anotar esses dados, o flic encarou-o detidamente. Lucien, embora mais alto do que o guarda, se sentiu um pouco intimidado com o comportamento incisivo do outro.

-- Temos o testemunho de uma mulher que viu tudo, diz o flic. Se ela confirmar que o senhor estava aqui quando tudo aconteceu, estará em apuros, posso lhe garantir.

-- Os senhores já têm meu depoimento, meu nome e endereço.

-- O senhor conhece aquela mulher? pergunta o guarda pateticamente, apontando para o outro lado da arena, onde ela jaz cercada por dois flics e um paramédico.

-- Sem dúvida, responde Lucien, dando um meio sorriso nervoso. É minha tia Nicole.

-- O senhor está dificultando as coisas, diz o flic, que muda a pergunta.

-- O senhor não reparou que havia algo de estranho com aquela mulher ali?

-- Como poderia saber? Além disso, o senhor principia dizendo que a mulher testemunhou alguma coisa, sem se dar conta de que a mulher está estirada sem sentidos, esperando que a levem, provavelmente morta ou inconsciente. Como então ela iria testemunhar contra mim? indaga Lucien vitorioso, e acrescenta:

-- Digo-lhe mais: acabei de chegar, não sou testemunha de coisa nenhuma, senhor.

-- O senhor está fazendo pouco caso do nosso trabalho, monsieur Sorel, diz o flic, enquanto relê os dados de Lucien que acabara de anotar no caderninho.

O sujeito que parece ser o chefe dos policiais chama o flic que está interrogando Lucien.

-- Aguarde mais um instante. O senhor não está liberado ainda, diz o flic enquanto se afasta de Lucien, indo na direção do centro da arena onde se encontra o superior.

-- E então, o que foi que ele lhe disse? indaga o chefe.

-- Não viu nada. Não sabe de nada. Não conhece a mulher.

-- Não estará escondendo algo? insiste o superior

-- Quer que eu o traga até o senhor?

-- Dispense-o, diz o chefe, dando as costas para o subordinado e caminhando na direção dos anéis do estádio, para conversar com o paramédico que acabara de chegar.

-- Está morta, não está? pergunta o chefe.

-- O paramédico volta-se para o policial e sem dizer nada mostra o pequeno frasco de insulina encontrado em sua bolsa.

-- Seu nome é Kathleen Hayes, diz um dos flics, apresentando ao superior o passaporte da jovem. 26 anos, irlandesa.

O chefe afasta sem olhar o passaporte que estava sendo interposto entre sua mão e o vidro de insulina e agarra o frasco.

-- Que vidro é este? pergunta ao paramédico.

-- Insulina. Ela é provavelmente diabética. Não se encontrou até agora a seringa hipodérmica.

-- O produto pode não ser para seu consumo próprio, sugeriu o superior sentindo-se muito astuto. Pode até mesmo

ser outra droga injetável em um vidro com esse rótulo.

-- Ela deve ter tido um coma diabético, diz o paramédico, não dando atenção à hipótese que o encarregado das investigações acabara de levantar.

Lucien assiste de longe a toda a movimentação. A um dado momento, o guarda que o interrogara faz um sinal a Lucien, chamando-o ao centro da arena.

-- Monsieur Sorel, pode vir até aqui um instante?

Lucien, sem pressa, avançou na direção do flic.

Ele não gostaria de rever a mulher que encontrou desfalecida e teme que o policial o faça atravessar o campo de batalha e subir até o anel em que ela ainda está, para testar seu sangue frio. No entanto, não foi isso o que aconteceu.

-- O encarregado decidiu liberá-lo. Talvez seja intimado a depor.

E arrematou:

-- Se for de interesse do juízo.

-- Como assim? pergunta Lucien.

-- O senhor poderá ser notificado e convocado a depor. Ou não. Tudo dependerá das investigações.

-- Posso ir-me, então?

-- Sim, naturalmente, responde o flic.

Lucien girou sobre os calcanhares, evitando olhar para a mulher de xale turquesa que nesse momento passa por ele em uma maca e é retirada do estádio.

Abalado pelos incidentes do dia, em que presenciou, reflete, duas mortes em um curto espaço de tempo, Lucien sobe a Rue de Navarre, depois toma a Lacépède até a Cuvier, que margeia o Jardin des Plantes. A paisagem é sua velha conhecida. Através das janelas de sua sala na GDF, Lucien avista esse cenário do alto todos os dias.

De repente se dá conta de que sua mão esquerda, enfiada no bolso do paletó, apalpa um pequeno objeto de metal, altamente comprometedor.

Sem retirar a caixinha com o camafeu do bolso, Lucien reconstrói o desenho da embarcação em relevo sobre a tampa, com seu velame complexo, vigoroso e ao mesmo tempo delicado, lembrando um clipper. A seguir recorda o rosto da mulher, oval e rijo como o de uma camponesa, o queixo suave e curto, a boca de lábios grossos. Lembra ainda da flor no chapéu, amarela e levemente dobrada para diante. A jovem possuía tornozelos firmes, que uma meia soquete real- çava.

Estava morta, agora, pensou Lucien, como se este pensamento pudesse apagar de sua memória as feições daquela mulher que por alguns momentos foi uma espécie de secreta companheira em sua estada no monumento que é, a despeito da pouca importância atribuída a ele, a pedra fundamental da cidade.

A imagem feminina, no entanto, parece se tornar a cada momento mais nítida. Lucien lembra agora, melhor do que antes, dos ombros fortes da mulher; lembra também de seu pescoço afilado e agradável ao olhar, e na alvura daquela pele que surgia, desde a memória, extraordinariamente repousante e com a magia de um Ticiano. Imaginou um sorriso franco em seu rosto, ao mesmo tempo rural e malicioso.

Não chegara a saber que a jovem era irlandesa, mas imaginou sua voz, cantorolando enquanto colocava em frente ao espelho o chapéu negro que exibira. Estaria ela morta de fato?

Enquanto conjecturava, Lucien percorreu toda a Rue

Cuvier e agora alcançava o Quai Saint Bernard, sem nem mesmo fazer sua costumeira visita à árvore mais antiga de Paris, uma acácia que há mais de 350 anos habita o Jardin des Plantes, na aléia des Becquerel.

No cais, sente o odor de salitre do rio. Os costados da Notre Dame surgem à esquerda como se emergissem do Seine. As abas do paletó de Lucien são erguidas pela força do vento que sopra a montante e seu punho se fecha ao redor do camafeu.

Lucien prossegue junto ao rio. Avista ao longe, depois da Ponte de la Tournelle, a fileira de sebos que se distribui sobre o parapeito da murada do rio, com seus caixotes verdes e suas edições defeituosas.

Lembra-se do Simenon que adquiriu ali anos atrás, depois de um curto e piedoso acesso de diletantismo literário. Ao chegar em seu apartamento, logo que rasgou o invólucro protetor, deu-se conta de que faltavam capítulos inteiros da novela policial -- e que mesmo em se tratando de Georges Simenon isso fazia uma grande diferença. Além do mais, páginas em branco, uma meia centena delas, haviam sido coladas caprichosamente no caderno central do livro, o que fazia da obra, escrita a galope, em duas semanas ou um pouco mais, como era o hábito do novelista, um caderno de notas ou de rascunho bastante incomum e sem dúvida raro.

Lucien toca o objeto de metal; manipula-o de modo que este se torna aquecido pelo contato de sua mão. É quase como se tocasse as mãos dela, ainda viva.

Considerou em seguida a hipótese de atirá-lo no rio, bem à altura da Ponte de la Tournelle. Seria uma irônica homenagem à Santa Geneviève, que um dia Landwski criou, para vigiar as barcaças do rio. Contudo, Lucien descarta a

alternativa de fazer submergir o camafeu nas águas pútridas do rio, por achá-la drástica demais. Se se livrasse do objeto, perderia quase que inteiramente sua ligação com o episódio.

A alternativa restante: restituir o objeto ao comissariado, era o mesmo que se declarar culpado de homicídio, tamanhas as implicações do ato, e estava fora de questão.

Decidiu por fim manter o camafeu em seu poder, até que uma solução melhor fosse encontrada.

Lucien avançou pela Ponte de la Tournelle e parou poucos metros adiante. Debruçou-se sobre o parapeito, apoiando-se sobre os cotovelos e viu sob seus pés o caudal sem brilho, de um castanho acinzentado, das águas do rio, empurrando de um lado para outro vários destroços da contemplação turística.

Bóiam garrafas de plástico azuis e copos transparentes; uma caixa de filme fotográfico acaba de passar sob as pernas de Santa Geneviève, provavelmente atirada do convés de um bateau mouche instantes atrás; um caixote de frutas flutua semimergulhado nas águas; garrafas esverdeadas de vinho rodopiam na corrente antes de irem ao fundo. Seu precioso rótulo se desfaz rapidamente pelo turbilhonamento da corrente.

Lucien contempla a superfície agitada da água, inclinando-se sobre a mureta da ponte, como se cogitasse em se atirar por sobre ela. Longe disso. Sua mente se encontra nesse momento subitamente indiferente a tudo. A morte não é o assunto. Mas nem tampouco a vida. Apenas a lenta transformação das coisas, a mudança inexorável. Suspenso pela dupla negação -- de pensar na vida e de pensar na morte -- Lucien sente-se como que flutuando sobre o tempo, como as águas do rio. E por um instante a ansiedade da viagem e o

impacto das recordações mais dolorosas ficam amortecidos.

No lugar em que se encontra, curvado sobre um parapeito, parece ainda mais intenso o odor de salitre do rio, pois o vento repica a água, rodopia pelos paredões dos atracadouros, pelos arcos das pontes, e carrega consigo o mau cheiro ao longo do cais, de forma que um miasma indefinível se junta ao odor de salitre, tornando o ar quase insu- portável.

Indiferente a isso, um casal de estrangeiros acaba de alcançar a mureta em que Lucien se encontra, aparentemente para usufruir da visão estratégica que a Ponte de la Tournelle oferece aos turistas, especialmente ao entardecer.

-- I don't wanna go to that church again, diz o senhor grisalho, enquanto retira do bolso um plano das ruas de Paris, abrindo-o sobre a murada.

Com impaciência, seu dedo indicador percorre o emaranhado de ruas do plano urbano, até que se dando por satisfeito, dobra o papel, guardando-o no bolso do mantô como se tivesse acabado de solucionar um grande enigma.

-- You said this morning you wouldn't mind to visit Notre Dame again, fala a mulher, muito mais jovem que o cavalheiro, e trajada de maneira desaconselhável, sobretudo se considerando que para admirar sua figura vulgar e fescenina o espectador se vê obrigado a fazer uso de um par de lentes escuras, de modo a não ser totalmente ofuscado pelo falso brilho de sua roupa.

-- It is just for a minute, darling, acrescenta, puxando o companheiro pelo braço.

-- What do you think you gonna get in a minute inside that cathedral? No, positively not. I won't go there once again, reitera o homem, extravasando sua impaciência e

arrancando com força seu braço das unhas psicodélicas da mulher.

Lucien se volta discretamente para o casal, e observa agora que o homem retira do bolso do cardigan cinza-chumbo que tem sob o mantô um cachimbo curto. Acaricia a base do queimador, examinando-o como se olhasse para um escuro poço abandonado. Solta um suspiro e gira o corpo na direção onde está Lucien, que desvia os olhos, depositando sua atenção no horizonte de pontes que dali se avistam e que, à exceção da graciosa Ponte St. Louis, ligam as ilhas aos bairros das margens direita e esquerda.

-- Você deu sua palavra que trocaria uma visita à galeria Lafayette pela ida à Notre Dame, argumenta a esfuziante americana.

-- Não dei palavra alguma, retruca o homem, que tem agora entre as mãos uma bolsinha de couro, cujo zíper resiste antes de abrir para abastecer o cachimbo. Levanta o queixo e por cima dos ombros de Lucien o americano enxerga o Cais de Montbello.

Lucien encontra subitamente o olhar do estrangeiro e nota seus olhos verde-claros e seu rosto germânico. Nesse momento, o homem ergue uma das sobrancelhas e se volta para a companheira, como se alguma força inesperada tivesse concedido a ele novo alento para a discussão.

Engano: ele nada diz, olha apenas a mulher de modo desafiante e depois, parecendo acalmar o ritmo dos batimentos cardíacos, informa em tom cansado, quase neutro:

-- Vou para o hotel. Vá sozinha se quiser.

O homem de cachimbo afasta-se arrastadamente da cena, tomando a direção da margem esquerda. Ao passar por

Lucien, deixa um perfume agridoce de fumo e cognac.

A mulher, contudo, permanece na ponte, indecisa quanto ao que fazer agora. Tem as mãos apoiadas nos quadris, o que torna sua cintura ainda mais estreita. Dois cinturões de lantejoulas e pedrarias cruzam seu tórax, presos a um terceiro e larguíssimo cinto também cravejado de pedras, ao redor da cintura. A americana despeja cintilações malignas, que todavia não parecem alcançar o homem de mantô.

Transcorreram alguns segundos, até que a mulher cintilante decidisse o que fazer.

Por fim, desperta e alicerçada sobre os finos e elevadíssimos saltos de seus sapatos amarelos, apontou na direção do companheiro.

-- Wait for me, willia? bradou disparando na direção do senhor grisalho. Ao cruzar com Lucien, a americana se demorou alguns instantes, encarando-o debochadamente.

Lucien, que intimamente aplaudira o gesto do estrangeiro, não teve dúvidas em deixar transparecer sua antipatia pela frívola figura lapidada que tinha à frente, devolvendo-lhe a mais intimidadora expressão que se sentia capaz de afetar naquelas circunstâncias

Com uma expressão desolada, acompanhou com os olhos a americana, que se distanciava; seus saltos produzindo um toc-toroc, enquanto o vulto se perdia na direção do Cais de Montebello.

Adiante dela, sua presa caminhava arrastada e pensativa: braços para trás e o cachimbo soltando elaborados novelos de fumo no ar de Paris.

Inclinado sobre o parapeito da Ponte de la Tournelle, Lucien desviou sua atenção do casal de americanos, que agora caminhavam lado a lado, e se interessou pelo desenho

das ilhas de St. Louis e de la Cité.

Imaginou os dois pedaços de terra unidos um dia, e encaixou-os mentalmente da melhor maneira, suprimindo a Ponte St. Louis e transformando o Cais d'Orléans em uma rua que passasse defronte do square de L'Île de France.

Depois, imaginou todo esse punhado de terra se fendendo em linhas retas, como uma barra de chocolate, até se tornar o que é hoje.

Um jato corta à grande altura o céu cinzento e Lucien volta a cogitar na viagem que irá realizar dentro de dois dias e em seu significado mais recluso.

Um outro pensamento atravessa o espaço de seu pensar e Lucien se lembra de que dentro de algumas poucas horas irá voltar ao L'X e que até lá deverá decidir se Linda deve tomar conhecimento dos motivos secretos de sua viagem. Se revelar a ela o jogo que o espera durante aquelas férias inesperadas, terá automaticamente eliminado o caráter fortuito e casual da relação, transformando-a em algo mais profundo. Pensa que isto talvez não seja exatamente o mais apropriado agora.

Lucien abaixa novamente os olhos. Enquanto isso os americanos se distanciam, até não se distinguirem mais dos demais passantes que transitam entre o Boulevard St. Michel e a catedral.

Lucien abandona a amurada. Caminha agora com as mãos enfiadas nos bolsos. Apalpa o pequeno cofre dourado com o camafeu. Apartar aquele relicário da morta terá sido um crime ou uma imprudência? Como lidar com o fato de se haver tornado, a partir daquele instante, o secreto depositário de um objeto que fora a última coisa que seu dono tocara em vida?

Após ultrapassar a Ponte de L'Archevêché, Lucien toma a decisão de pegar o metrô na Estação St. Michel-Notre Dame, até o Luxembourg. Decide também que fará o restante do caminho até sua casa, na Rue Berthollet, a pé. E que guardará o pequeno cofre com o camafeu atrás da estante de livros, de modo que a peça dourada deixe de queimar seus dedos a todo momento.

No Square Jean XXIII, pombos anafados caminham discutindo consigo mesmos, por vezes, se é conveniente e seguro saciar a gula, ciscando frenéticos na calçada e competindo por espaço com os pés dos turistas, ou se seria melhor deixar de comer as migalhas largadas no chão, evitando assim o risco de serem pisoteados afoitamente pelos concorrentes de sapato de couro. A fome e provavelmente uma convicção animal no seu próprio instinto fazem com que os pombos deambulem bailarinos pelas calçadas de Paris, engordando mais a cada dia e, a cada dia, desprezando mais intensamente a falta de sentido do caminhar turístico.

No amplo passeio defronte da catedral, acima do estacionamento subterrâneo, uma imensa e quase compacta turba se agita como bando de escolares à saída das aulas.

A Notre Dame brota das águas com suas cinzentas nervuras apontadas para o alto, triste como todas as igrejas góticas; triste como a de Rouen, pensa Lucien, que Monet pintou, fascinado pela luta entre a luz solar e a noite e seus reflexos sobre a cantaria da edificação. Triste, ainda, como a de Chartres, com seus vitrais de pesadelo esfacelado.

Uma chuva minimal de flashes tenta em vão subjugar a mole fantasmagórica da Notre Dame, com seus séculos incontáveis de terror religioso e submissão mental; elementos do culto que são percebidos com a máxima

intensidade quando se está só, no centro da cruz gótica, na nave principal. Ali, em um dado ponto todo o peso formidável da catedral parece cobrar submissão e reverência do homem, ferindo a tal ponto sua natureza religiosa, que ele se entrega para não se anular por inteiro.

Mas esse ponto de perigosa e nefasta magia agora é praticamente impossível de ser atingido como se deve, em total isolamento, pois o interior da catedral, que há anos Lucien se recusa revisitar, parece sempre um campo de guerra, com cordas impedindo o livre fluxo, com avisos, desvios, e sobretudo com muita gente ostentando patéticos queixos caídos.

Não bastasse o grande número de visitantes casuais, levas de turistas são ininterruptamente empurradas para dentro do mausoléu por cinzentos cicerones que mais lembram seres das trevas e cuja cor das faces se parece, com o passar do tempo, com a cor das paredes, das ogivas ossudas, dos arcobotantes.

Lucien atravessa o Petit Pont, a menor ponte da cidade, que fora inundada e incendiada mais de uma dezena de vezes no passado, e ruma para a boca do metrô.

Caminha mais alguns metros até o Boulevard St. Michel. Antes porém de tomar as escadas, Lucien se sente impulsionado a rever a Place St. Michel.

Em frente à fonte, um sujeito vestido de escocês toca uma gaita de fole, e à sua volta se forma um aglomerado de curiosos pouco cativos. Jovens com ar de secretárias decididas suspendem o passo, ouvem o músico executar alguns acordes, e prosseguem em seu caminho. Balconistas, clochards, executivos, comerciários, ambulantes, alunos da Sorbonne e das demais escolas, todos lutam por espaço na

região mais apinhada e congestionada do Quartier Latin. Turistas maltrapilhos se aproximam do escocês, afetando uma curiosidade infantil e certo desapego ao tempo. Lucien não pode evitar de pensar que os turistas fazem de Paris uma cidade ainda mais doente, dividida entre os que não têm tempo algum, mas precisam de tempo para perdê-lo e os que têm mais tempo do que precisam e não sabem como dispor dele.

Lucien deixa a praça e se encaminha para a Estação St. Michel-Notre Dame.

Desce as escadarias mal iluminadas e procura habituar-se à pouca luz. Esta ganha intensidade quando alcança os corredores de acesso às plataformas.

Há um ar de greve pairando pelas passagens, e o metrô atesta um movimento mais intenso do que o normal. Após cruzar a borboleta, Lucien toma o corredor com a indicação Robinson e St. Rémy-les-Chevreuses. Logo adiante, encostado nos ladrilhos encardidos, com uma das pernas apoiadas contra um cartaz da Samaritaine colado na parede, um saxofonista toca These foolish things. A caixa de seu instrumento está escancarada, mostrando seu forro de camurça vermelha e seu premente apetite monetário.

Lucien aproxima-se do músico e permanece também junto à parede, os braços cruzados, até que a execução termine. Atira dois magros francos no interior do estojo. O saxofonista curva o tronco afetadamente, a título de agradecimento.

A plataforma, embora longa, haja vista que serve os trens do subúrbio, não deixa dúvidas. O sistema opera com lentidão, provavelmente exercitando-se para uma paralisação geral.

Os passageiros agitam-se, examinando indignados seus relógios de pulso. Olhares turbados e coniventes são trocados entre os usuários. Alguns rompem a fria cordialidade habitual e se dirigem a seus vizinhos, expressando sua afrontada opinião sobre os grevistas; outros transformam seu jornal dobrado em bastões improvisados, que utilizam vibrando-o contra a palma da mão, em sinal de dignidade afrontada.

Finalmente um trem com destino a Robinson encosta na plataforma, mantendo entretanto as portas cerradas. Um metroviário fardado se aproxima.

-- Il ne roule plus, diz o homem agitando os braços sobre a cabeça.

-- O que houve? pergunta-lhe um passageiro, barrando sua passagem.

-- C'est la grève, vous savez, responde o funcionário, desviando-se e prosseguindo ao longo da linha.

Alguns usuários abandonam incontinenti a plataforma em busca das escadarias que dão acesso aos corredores de circulação. Lucien retira novamente o caderno de notas com as anotações que fizera para sua viagem, pois o clima da gare o deixava ligeiramente excitado e Lucien não podia evitar a prolongada e delgada comoção que o afligia nesses lugares. E o simples fato de rever o pequeno quadro que preparara, com as cidades de passagem e seus respectivos horários de partida, já era o suficiente para acelerar sensivelmente seu batimento cardíaco e fazer com que suas mãos se tornassem frias e úmidas.

Lucien ainda se encontra na plataforma, e mais passageiros afluem das escadas, trazendo uma expressão de desagrado em seus rostos.

Sem qualquer explicação, as portas dos vagões são destravadas e o comboio para Robinson é rapidamente invadido pelos passageiros, que se acomodam sobre os assentos azul-marinhos. As luzes do interior dos vagões são apagadas, permanecendo apenas a iluminação de segurança.

Os passageiros respiram fundo, detectando o sinal fatídico da paralisação em qualquer acontecimento fortuito. As luzes no entanto voltam a se acender, o comboio dá o sinal de partida e as portas são fechadas e travadas. O trem para Robinson parte da Estação St. Michel-Notre Dame com velocidade reduzida.

Algumas dezenas de metros adiante o trem pára, freando as rodas com alguma violência. Por todo o vagão ouvem-se exclamações e suspiros.

Lucien lê mecanicamente os nomes das estações das linhas B2 e B4, ambas partindo de Châtelet-Les Halles. Considera que fora um capricho tolo ter tomado o metrô, quando poderia perfeitamente ter feito o percurso a pé; e que fora contrasenso entrar naquele carro, em meio a uma movimentação de greve.

O calor aumenta dentro do vagão; imóvel, numa curva em algum lugar nas proximidades do cruzamento da Rue St. Jacques com o Boulevard St. Germain-des-Prés, a vários metros de profundidade, o trem repousa imóvel, contestador, obedecendo a um comando invisível.

As luzes internas voltam a se apagar, permanecendo as de segurança. Os usuários começam a falar alto e um senegalês ou coisa parecida força a porta do carro, sem êxito. Trancados em uma caixa de aço e vidro os passageiros passam a agir como amotinados. Alguns batem com a palma da mão contra os vidros. Um passageiro com feições eqüinas

desloca-se pelo corredor distribuindo cotoveladas, até alcançar, sob apupos, a porta mais próxima. Em frente dela, debate-se em vão, forçando a trava automática.

Agora as luzes começam a piscar para logo em seguida voltarem ao normal.

Com a iluminação funcionando, alguns passageiros demonstram alívio. Ajeitam-se como aves espremidas em suas poltronas, jogando quadris e ombros para cima e para baixo, até encontrarem a posição mais confortável, que nem sempre favorece o vizinho, que por seu turno se vê obrigado, também ele, a empurrar quadris e ombros para cima e para baixo, até encontrar a posição de que se acha merecedor, o que faz com que seu vizinho se veja compelido a fazer o mesmo, e assim sucessivamente, numa cadeia de eventos que se repete de tempos em tempos.

-- Voilà, sussurra uma mulher magrinha para o poodle que ilegalmente viaja com ela, aninhado no centro arfante de seus minúsculos seios.

Contudo, ainda não foi dessa vez. O trem continua estacionado e a mulher, arre fecendo seu otimismo, deixa de sufocar o peludo animal, que mesmo assim mantém sua rósea e desenvolvida língua debruçada fora da boca, quase tocando um dos mamilos da presumível dona.

Lucien avança o tronco de modo a tirar a mulher e o cachorro de seu raio de visão. Olhando através da escuridão que novamente envolve o comboio, ele encontra o reflexo de sua própria imagem no vidro, e no plano de fundo, o reflexo das fisionomias e perfis daqueles passageiros que estão em pé no corredor, imediatamente atrás dele.

Um pouco abaixo de seu ombro direito, Lucien repara na patética imagem da mulher com o cãozinho, e não pode

deixar de considerar no mínimo ridícula a cena.

Mais à esquerda da janela, Lucien percebe o reflexo de um facho de luz vibrando e saltando, parecendo nitidamente que alguém em algum ponto fora do trem faz sinais com uma lanterna, ou simplesmente caminha com ela, utilizando-a para se orientar na escuridão do túnel.

Um passageiro que está de pé atrás de Lucien também percebeu a movimentação do lado de fora, e transmite a notícia com algum humor:

-- Finalmente vem alguém em nossa direção. Façamos bastante fumaça, ele diz, com uma entonação estudada.

-- Há uma luz logo ali, diz um garoto com uma mochila de plástico transparente pendurada em um de seus ombros, e que não ouviu uma só palavra do que dissera o humorista.

O menino aponta na direção das estrias douradas que, como num desenho animado, saltam e se movimentam na janela em sua frente. Seu acompanhante ordena-lhe que fique quieto.

Quando finalmente o trem começa a se movimentar, o passageiro que há instantes invocara a fumaça não se conteve.

-- Para onde nos levam agora? ele diz em alto e bom tom, ganhando desta feita alguns tímidos aplausos.

Os vagões deslizam mansamente sob a terra, debaixo da Rue St. Jacques. Afastam-se dela segundos antes de encostar na plataforma da Estação Luxembourg.

Com alegria e uma fúria quase infantil alguns passageiros esgueiram-se pelo interior dos carros, sacudindo seus membros superiores, como aves ensaiando seu vôo. Na plataforma, não se dão ao trabalho de voltar para trás e testemunhar os rostos tensos e preocupados dos que, apesar

de tudo, ambicionam seguir viagem.

Os que ficam nos carros exibem uma espécie de aura tenaz, parecida com a de certos heróis profissionais que jamais refugam quando convocados para uma aventura de risco. Lembram ainda uma tropa de combatentes, indo para o front porque assim lhes determinou o destino.

Lucien desce do vagão, atinge as borboletas de controle de saída e alcança a Rue Gay Lussac. Os acontecimentos insólitos que tiveram lugar nas Arènes de Lutèce não saem de sua cabeça. Misturam-se com recordações que tivera há algumas poucas horas com Jacques.

Ao tomar a Rue Claude Bernard, Lucien novamente se põe a relembrar do encontro que tivera com o restaurateur, no Bar L'X; da conversação picante e um pouco misteriosa que mantinha com aquele homem mais velho, que revelava sua tristeza com despudor, sua auto-estima com desnorteante deboche e que ao mesmo tempo brindava a vida a todo instante, ofuscando as insignificâncias do mundo com seus olhos claros e brilhantes, que às vezes pareciam cavalgar a borda das meias-lentes de seus óculos de aros de metal.

Por certo, Jacques seria capaz de entender o que se passara com Lucien naquele dia absolutamente incomum, em que fora arrancado de seu cotidiano e como que atirado numa espécie de espetáculo onde a proto-história da cidade, o pre- sente e a vida íntima de Lucien se mesclavam. Contudo, ele não estava disposto a contar ao restaurateur, ao menos até que compreendesse, ele próprio, o sentido recôndito do que lhe acontecera.

-- "O Mersault que vou servir não foi condenado à morte, mas à vida", repete Lucien mentalmente, reproduzindo o que Jacques lhe dissera à tarde, de modo vivaz, e exibindo como

sempre um de seus mais destacados atributos, e que Corinne, proverbial e amante da boa ordem, qualificara 'como a mais extravagante e excepcional sagacidade de interlocutor que tivera o prazer de registrar'.

Lucien atravessa a Claude Bernard pouco antes da esquina com a Berthollet. Com o molho de chaves nas mãos, dá alguns passos até a altura do edifício em que reside. Insere então uma larga chave dourada na fechadura do portal de entrada, fazendo-a girar, enquanto pressiona a campainha de abertura instalada na parede lateral, assim disparando o relé que comanda a abertura da porta.

A poalha sobre a calçada virara barro, e ao barro se misturara o monturo e detritos das obras públicas ao redor da Praça da Quarta Parada; o pó e a sujeira das ruas circunjacentes se transformaram em lama, que escorreu pelas calçadas e logradouros.

Os que regressavam a suas casas ou que, após o trabalho, pretendiam tomar um copo em alguma cervejaria acolhedora no trajeto de casa eram obrigados a saltar por sobre os efluentes da chuva. Grossas cordas de água desciam das calhas, estiravam-se sobre o calçamento; se espalhavam sobre o chão de pedrisco, encardido pelo uso e pelo tempo; tomavam as sarjetas e ganhavam as ruas.

Galhos e lixo doméstico de variada ordem e procedência deslizavam ladeira abaixo sob a força da água da chuva. Carros imobilizavam-se aqui e ali à espera de que a enxurrada passasse.

Manoel ordenou a Fonsequinha que descesse uma das portas de ferro, para quebrar a forte ventania que trazia uma esteira de água para dentro do estabelecimento. Alguns passantes desprevenidos não se intimidaram ao ver uma das portas cerrada e entraram no bar com a finalidade precípua de se abrigar da chuva. Um deles, que Manoel nunca vira, balbuciou algo em sua direção, enquanto sorria com sua boca de dentes defeituosos. O patrãozinho não mexeu um só músculo do rosto, mesmo entendendo perfeitamente que o transeunte tentara desculpar-se pela invasão e ao mesmo tempo agradecer a acolhida. Outro, abordou-o frontalmente, pedindo-lhe o obséquio de desculpá-lo pelas roupas molhadas; mas o que haveria de se fazer; a chuva chegara tão repentinamente, e as calçadas intransitáveis eram um convite para um acidente.

-- Soube de um, ainda semana passada, que pisou em falso à beira de um buraco e despencou em uma vala da estatura de um homem, disse ele.

-- E onde foi isso? perguntou-lhe Fonsequinha, que movendo um rodo fazia minúsculas ondas, empurrando a água empoçada na direção da calçada.

O outro empolgou-se:

-- Foi mesmo na Ferreira Borges, parece que ao pé de uma casa de chá. Dizem que o buraco ainda lá está, da mesma forma, mas com uma singela diferença.

-- Qual? perguntou Fonsequinha, que não suportava retórica, sobretudo a protelatória.

-- A de que agora há um aviso: cuidado buraco destapado.

E acrescentou:

-- É ou não é um absurdo sem tamanho?

A pergunta, que era mais um recurso retórico, foi

formulada com a devida afetação, para atrair a simpatia dos ouvintes.

Fonsequinha não se deu por achado; endireitou o casquete de flanela azul, que enfiara na cabeça assim que começara a chover, passou por cima da política, voltou ao buraco malfeitor, refletiu e ponderou:

-- Se colocaram o aviso, por que é que não taparam o buraco de uma vez?

-- Aí está, disse o homem. Na época do Salazar isso não aconteceria.

-- Nessa época que o senhor fala não havia buracos? perguntou Fonsequinha, com absoluta sinceridade de propósitos.

O sujeito defronte segurou com as mãos à Churchill as abas do paletó e disse:

-- Lastimo que o senhor seja jovem demais para ter vivido o que vivemos todos em Portugal à época do Salazar. Nesse tempo, Lisboa era uma pérola.

-- E as pessoas não caíam em buracos, acrescentou rapidamente o serviçal, que aprendia com ligeireza.

-- Não caíam, pois. Mas eram empurradas, que bem sei eu, interpelou outro sujeito que também entrara em busca de proteção contra o mau tempo, embora carregasse um guarda-chuva.

-- O que é que o ilustre cavalheiro insinua? indagou o homem retórico, voltando-se para a direção de onde proviera a voz, enquanto os olhos do Fonsequinha se arregalavam maliciosamente, com a hipótese de os dois sujeitos se engalfi- nharem.

-- Quero dizer que se agora anda-se mal com o Cavaco a entregar as rédeas do país aos estrangeiros, em troca de umas

migalhas do Mercado Comum Europeu, à época de Salazar não se tinha o que de mais precioso existe, que é a liberdade de opinião. Ou se era a favor, ou não se era coisa alguma. Em suma, vai-se mal, foi-se pior.

-- Protesto! disse o salazarista. O tempo que o senhor condena era um tempo em que havia mais dignidade, e em que Portugal era mais português.

-- Ora, tenha piedade, o cavalheiro não conhece os fatos da história. Portugal só foi Portugal quando menos Portugal foi, retrucou o homem de guarda-chuva, bolinando com as palavras.

-- O senhor é que não quer admitir a verdade, protestou ainda uma vez o outro. E que baboseira é essa que o senhor está a insinuar? Valha-me Deus. Quer por acaso dizer que submeter Portugal à vontade do Parlamento Europeu como estão a fazer; submeter os produtores portugueses às diretrizes ditadas pelos produtores dos países do bloco europeu é o que fará Portugal prosperar?

-- Engano o vosso. De modo algum concordo com a atual política externa do primeiro-ministro. Estou a me referir ao tempo heróico de Portugal, em que metade do mundo estava na mão do lusitano. Daí eu acabar de dizer que o português mais português foi justamente quando viveu a idade heróica de Portugal; ou seja, quando Portugal era, por assim dizer, o mundo.

-- Mas que é o salazarismo, se não justamente um projeto de transformação de Portugal para torná-lo a grande nação que foi? pergunta ainda outra vez o homem retórico.

-- Convenhamos que Portugal viveu as várias décadas de ditadura salazarista como uma nação menor, temerosa do intercâmbio internacional, contra-arrazoou o homem de

guarda-chuva e, além disso, a falta de liberdade era um fato inegável no regime, insistiu mais uma vez, dirigindo olhares desafiantes ao redor. Não há como refutar isso. Quem aprova Salazar, aprova a censura, a estreiteza de mentalidade, e daí por diante.

-- Quer dizer que o cavalheiro prefere a política de nação neocolonizada, como é a atual, em que tudo o que se decide na capital do país deve obedecer aos princípios e leis que as cinco nações mais ricas da Europa determinaram, sob a democrática fachada de Mercado Comum?

O homem do guarda-chuva olhou novamente em volta, buscando adivinhar a vocação política da pequena audiência, mas não descobriu grande coisa. Fonsequinha servia um café a uma senhora de capa e capuz de gabardine; Manoel impacientava-se com a discussão e estava a ponto de colocar os dois debatedores debaixo do aguaceiro, para esfriar seus ânimos, mas ainda não se decidira; naquele instante, recolhia os trocados que justamente a mulher de gabardine depositara sobre o balcão. O sujeito de maus dentes já se fora sob a chuva que parecia mais intensa, logo que as primeiras farpas foram trocadas entre os dois debatedores.

Em vista de tudo isso, refletiu o homem de guarda-chuva, não parecia haver chance de entusiásticas adesões. De qualquer forma, concluiu, o partidário de Salazar não merecia ficar com a última palavra.

-- Vosso entendimento é de fato mais acanhado do que vossas aspirações de liberdade, ironizou ele.

E acrescentou, um segundo depois:

-- Desde quando, por não aceitar o salazarismo, estou a apoiar sem reservas a política de hoje? Ora, meu senhor, tem paciência!

Dizendo isso, o oponente do salazarista, sem dar tempo de o outro retrucar, escapuliu para a rua, enfunando nervosamente, no curto trajeto entre o tampo do balcão e a calçada, seu guarda-chuva.

Fonsequinha, que estava atiçado com a possibilidade de presenciar uma briga, ficou decepcionado, sobretudo porque logo depois que o sujeito foi embora o salazarista emudeceu, como se tivesse acabado de cumprir o dever cívico de toda uma vida. Restou à mente do balconista desentranhar-se rapidamente da argüição política que presenciara há pouco, e cogitar sobre o grande buraco da Rua Ferreira Borges, agora muito provavelmente coberto de água até a boca, como uma piscina plantada em plena via pública.

-- Está mesmo a chover, disse Dona Maria Luíza, dirigindo-se a ninguém especialmente, contornando o balcão e se postando ao lado do filho.

Manoel, cuja mente pervagava pelo elenco de possibilidades que aquela noite de chuva muito timidamente insinuava, assustou-se com a súbita chegada da mãe. Em seguida, cumprimentou-a e cedeu-lhe o lugar em frente à caixa registradora, dirigindo-se à cozinha com um caderno de capa verde, em que constavam diversos registros, como o estoque de alimentos e o de produtos de limpeza do estabelecimento. A um gesto seu, Fonsequinha acompanhou-o.

A conferência, enfadonha e monótona, abrangia também, naturalmente, os produtos conservados na geladeira da cozinha. Em frente ao freezer havia um quadro de anotações, em que ficavam registrados cada produto retirado ou reposto diariamente, de modo que não carecia ao conferencista manusear os produtos congelados, correndo o risco de

estragá-los, bastando apenas transpor os apontamentos do quadro de anotações para o caderno de controle.

Fonsequinha colaborava como podia, buscando familiarizar-se com os nomes dos produtos e com o sistema de controle de estoque. O serviçal fazia poucas perguntas, com receio de errar e de atrasar o serviço, mas ouvia o que Manoel, com rarefeita boa vontade, lhe transmitia.

-- Agora vê lá quantas garrafas de Canadian Dry estão vazias. Vá, anda, dizia-lhe Manoel.

-- Foram exatas cinco dúzias, trouxe-lhe a notícia Fonsequinha, num piscar de olhos.

-- Então vês (e Manoel aproximou-se do empregado, metendo-lhe o caderno a um palmo do nariz): o estoque de garrafas vazias de Canadian até ontem à noite era de três dúzias e mais cinco garrafas. Hoje, subiu para cinco dúzias, tu me disseste há pouco. Logo o consumo de hoje foi de duas dúzias menos cinco garrafas. O que dá dezenove garrafas. Compreendeste? Mas olha que a coisa não termina aí. Nesta coluna eu tenho a freqüência de reposição das garrafas, que no caso é a cada dez dias; e nesta outra coluna aqui, tenho o consumo médio diário da semana passada. Multiplicando-se esse último número pelo intervalo de dias entre uma reposição e outra, acrescido de um, tenho o número exato de garrafas do próximo pedido, de forma que no dia da entrega o estabelecimento ainda terá um estoque de segurança para as próximas 24 horas. Queres ver como é novamente?

Fonsequinha fez que sim com a cabeça. Manoel explicou toda a operação outra vez.

-- E quando é que o pedido é feito?

-- Três a quatro dias antes da data da escala de entrega.

Fonsequinha balançou com sisudez a cabeça, como se

tivesse escutado a confissão de um bispo.

-- E as garrafinhas que estão no frigorífico do balcão?

-- As que lá estão, lá ficam, porque estão cheias.

-- Não se conta, pois?

-- Sim, mas ao cabo de tudo. Agora, podes ir verificar o estoque das outras garrafas. Pronto, aí tens. E entregou-lhe o caderno.

Quando passou novamente pelo salão, encontrou Seu Albano ao lado da mulher. O pai fingiu que não o viu, entretendo-se com os cheques da clientela.

Enquanto isso, Dona Maria Luíza examinava as comandas engorduradas que a cozinheira entregara horas antes a Seu Albano, antes de sair.

O salazarista convicto, logo que percebeu que a chuva amainara, curvou a espinha numa mesura de agradecimento e ganhou a rua. O bar ficou vazio de fregueses.

-- Esse senhor que lá vai não consumiu nada? pergunta Albano à mulher.

-- Como posso saber? Penso que não.

A resposta de Dona Maria Luíza era uma deixa que Albano agarraria com prazer.

-- E essa, agora? Isto aqui virou abrigo de enlameados! Ó Fonsequinha, onde estavas tu que permitiste este vagabundo ficar cá dentro sem consumir?

Dona Maria Luíza logo veio em socorro do rapaz:

-- Estou a afirmar que não sei. Antes de tu te informares devidamente, tu não podes acusar o Fonseca. Além do mais é seu primeiro dia de verdade; ele ainda não conhece os hábitos da casa.

O novo funcionário despencou da cozinha nem bem ouviu seu nome pronunciado entre dentes.

-- Fui eu quem permitiu a permanência daquele senhor, e de outros mais, que entraram hoje à tarde apenas para se proteger da chuva, interveio Manoel em defesa do Fonsequinha.

-- Não te estou a perguntar nada, ainda, respondeu-lhe o pai, ainda sem encará-lo.

-- O que é que tu queres fazer quando um freguês ocasionalmente aqui entrar para escapar da água. Se tu expulsares todos os que fazem isso, acabaremos bem mal, ponderou Dona Maria Luíza.

-- O Seu Albano quer alguma coisa? perguntou Fonsequinha na primeira brecha.

O comerciante, ciente de que não poderia abater os oponentes todos de uma vez, concentrou-se na mulher.

-- Então tu resolves me enfrentar, também. Com que direito tu proteges os parasitas e aproveitadores? indaga o comerciante.

Dona Maria Luíza, que tinha metade do maço de comandas entre os dedos, já se encontrava a ponto de atirá-las contra a cara de Albano.

-- Tu sabes que não tens a menor razão. Tu estás a brigar por nada. Onde já se viu quereres impedir alguém de entrar no bar? E acrescentou, com a voz bastante alterada pela emoção: o que queres, afinal, além de escandalizar o rapazinho, e de mostrares a teu filho que tu és quem manda? Se queres uma rinha, procura uma.

-- A Senhora Dona Maria Luíza quer mesmo me afrontar. O que foi que o médico disse-te hoje para estares assim tão atrevida? E sem dar tempo a uma resposta, emendou: na certa o médico disse-te que estás velha e acabada; e que tu tens de ter paciência, que agora é sempre a descer. Ora, para

dizer-te isso, dir-te-ia eu, sem precisares gastar nada, retrucou Albano, buscando ferir a mulher no flanco mais melindroso: a vaidade feminina.

-- Então posso ir para casa, Seu Albano? interpôs o serviçal, à primeira oportunidade.

-- Vai, vai de uma vez, homem. O que é que tu estás esperando? E não me chegues atrasado amanhã, senão despeço-te!

-- Sim, senhor; então adeuzinho. E foi se retirando, enquanto arrumava o boné na cabeça, enfiando-o com as duas mãos, no seu natural apalhaçado, até as orelhas.

Já na rua, Fonsequinha voltou-se para Manoel e gritou:

-- Até amanhã; obrigado pelas explicações, Manoelzinho. E ia esquecendo: o caderno deixei-o sobre a mesa da cozinha.

Manoel acenou para o funcionário. Agora, a discussão era exclusivamente em família.

Dona Maria Luíza deu as costas para a rua, de modo a melhor encarar o marido. Seu rosto e seus cabelos grisalhos ficaram emoldurados pelo escuro da noite lá fora, o que realçava seus tristes olhos castanhos.

A chuva contudo não cessara de vez, e riscas prateadas diminutas cortavam o negrume, contaminando o fundo da tela sobre a qual se projetava o rosto da mulher.

Albano não se apercebera disso, nem de como os cabelos crespos da mulher haviam perdido o viço e esbranquiçado, mas Manoel, sim. Postado agora às costas de Albano, podia ver sobre os ombros do pai o rosto de Dona Maria Luíza estampado na noite chuvosa.

Ela envelhecera celeremente nos últimos tempos. Seus cabelos estavam, não havia dúvida, mais ralos; e sua testa

enrugada parecia maior e mais saliente agora. Mesmo sua voz mudara, pousando tibiamente sobre as vogais abertas, fazendo-as como que oscilar, e pronunciando as oclusivas como se tivesse dificuldade de acabar de engolir um miolo de pão.

O pai de Manoel, talvez porque a visse a todo momento, talvez porque também chegara naquela época da vida em que se envelhecia mais rapidamente, não se dera conta de nada. Porfiava com a mulher por dá cá aquela palha, e o fazia com a mesma destemperança de quando jovem, acrescida de um azedume que o ácido do tempo curtira e fermentara. Isso ocorria em parte porque ela de antemão sabia as ásperas veredas do discurso de Albano, e desenvolvera fórmulas de resposta, antídotos verbais mais eficazes, exigindo dele novas manobras e efeitos, em parte porque a vida a dois, ao invés de aplainar o terreno e consolidar os pontos concordantes, obrou no sentido de acentuar as divergências.

Entre eles, poder-se-ia dizer, não havia atalho que fizesse esmorecer a animosidade, ou instância em que a palavra era renunciada. Competiam no desamor cotidiano; ela mais combalida do que ele, porque eventualmente mais sábia; ele, por sua vez, mais desatinado do que ela, talvez porque mais tolo, e o faziam diuturnamente.

A presença de Manoel agravava tudo, porque a energia de Albano se intensificava quando uma platéia tão importante se encontrava presente.

-- Tu pensas que estou a me divertir com este negócio! disse-lhe ele naquela noite. Como se pode pensar em administrar um restaurante em que as pessoas entram não para consumir o que o cardápio se lhes oferece, mas apenas para se abrigarem do mau tempo?

-- Aí tens, Albano. Teu problema é que tu te esqueces de que o negócio de que tu falas não te pertence sozinho; nem foi feito exclusivamente com tuas mãos. Aqui há esforço meu, que não é menor do que o teu.

Sem estocar diretamente o flanco do adversário, Dona Maria Luíza ia direto ao ponto; sem pronunciar com todas as letras a verdade, a mulher, quando necessário, fazia o marido se lembrar de que os alicerces do bar foram erguidos graças ao dinheiro que lhe pertencera, proveniente da herança paterna.

A resposta de Albano vinha rápido, como um tiro de fuzil:

-- Se tu queres de volta o dinheiro que colocaste, é só dizer, que amanhã vou ao Borges e trago-te teus escudos. Se tu queres, é só dizer, mas aqui quem manda não é a clientela, mas o patrão!

Ao mesmo tempo, a mãe de Manoel, por atilada conveniência, não explorava até o fim o trunfo de que dispunha, talvez porque era seu intuito tê-lo sempre à mão, e utilizá-lo em nova oportunidade, como se o fizesse pela primeira vez. Para tanto, a insinuação de sua posse era melhor estratégia do que gastá-lo ostensivamente. Assim, Dona Maria Luíza dizia tudo, mas sem dizer, lembrando a Albano, por vias indiretas, que tudo começara por causa dela.

-- De que estás a falar, homem de Deus? replicou ela. Será que não reconheces que sem mim o senhor e este miserável restaurante estariam perdidos? Ó Manoel, o que dizes de tudo isso?

Dona Maria Luíza continuava a atirar na cara de Albano a verdade que ele mais detestava recordar, com a agravante de haver convocado o testemunho do filho. Para o comerciante

isso era quase insuportável.

-- A discussão que fique entre nós, ó Malu, advertiu Albano. E já está além da conta.

Chamá-la pelo apelido que empregava nas raras vezes em que se desarmava defronte dela era evidência de inferioridade. Dona Maria Luíza se apercebera disso. A melhor estratégia era insistir.

-- Diga, Manoel, tu concordas com teu pai que tua mãe leva uma boa vida, e que tudo quem faz é o Senhor Albano?

-- Não, não concordo, respondeu Manoel, cuja mente um átimo de tempo antes evadira-se da discussão familiar e se fixara na lembrança do que combinara horas atrás com Maria de Fátima.

-- Como então tu não concordas, Manoel, bradou o pai, que agora ficara de lado, de modo a poder, com o canto dos olhos, encarar a mulher e o filho.

-- Olhe, não concordo. E dás-me licença que tenho que partir.

-- Agora tu ficas e escuta! gritou Albano. Ou demito-te.

-- Não fico, absolutamente. Estou indo embora, demitido ou não, retrucou Manoel.

-- Deixa-o ir, ele já fez seu trabalho, e pelo que vi está muito bem feito, defendeu Dona Maria Luíza, recompensando o filho pelo apoio.

-- Está bem, tu podes ir, mas estás demitido de qualquer maneira, aduziu o pai.

Manoel atirou o avental sobre o mostruário de doces e salgados e se retirou sem dizer mais nada, rumando diretamente para casa. Albano fixou o olhar na nuca do filho distanciando-se e desaparecendo na noite.

A visão de Manoel indo-se embora fê-lo sentir-se

desgraçado, mesmo sabendo que mais à noite reencontraria o filho e a discussão, após a curta trégua, recomeçaria. Voltou-se para a esposa, que ostentava um ar pensativo. Talvez ela também estivesse se sentindo mal, pensou Albano, ao ver o filho ser demitido pelo próprio pai, injustamente.

-- Jamais pretendi dizer que tu nada fazias pelo restaurante. Mas temos que nos entender quanto à questão da freguesia, insistiu ele. Aqui fica quem aqui gasta.

-- É melhor fechar e vender, retrucou Dona Maria Luíza, sem ceder um milímetro.

-- Fechamos. Fechamos e pronto! Tu pegas teu rico dinheiro e partes para o estrangeiro! replicou Albano, com a coloração do rosto alterada pelo nervosismo e num tom de voz que, apesar do ruído da chuva, se ouvia até no ponto de táxi, junto ao calçamento da praça.

A vida parecia para Albano ter chegado a um limite, a que ele, contudo, sofregamente, torpemente, procurava ultrapassar, arrastando todos consigo.

No entanto, ele também sofria e se exasperava, e naquele início de noite o ar em seu peito acusava isso, parecendo querer faltar, e o impossibilitando de continuar a insistir com a mulher sobre a lida com a freguesia do bar. Albano declinou, então, da porfia, recuou, abaixou a cabeça e fê-la balançar para um e outro lado, como se naquele movimento fundisse toda a discórdia e toda a possibilidade de contemporização em um só gesto. Estava exausto.

Então, Albano se calou.

Ambos se calaram, e o comerciante fletiu ainda mais o tronco para diante, respirando irregularmente e se apoiando sobre o balcão. A esposa mirava-o com tristeza.

Em certo instante, Dona Maria Luíza chegou a perceber

que Albano colocara a mão no peito, como se doesse, mas ela nada disse, nem foi em seu socorro, apenas se via em sua face que seus olhos castanhos haviam-se tornado mais sombrios ainda; sombrios, baços e quase negros, como a noite que se fizera por inteiro lá fora.

Manoel subia agora pelo estreito e titubeante elevador, até o quarto andar da Rua Almeida e Souza, 33. Em seguida, empurrava a porta pantográfica e alcançava o hall.

O apartamento dos pais estava mergulhado na escuridão, e as tábuas largas e sem verniz do chão pareciam crepitar à medida que seus passos avançavam casa adentro.

O quarto que Manoel ocupava era justamente aquele em que habitara por longos anos, bem no meio do longo corredor que levava ao banheiro e à cozinha.

Dona Maria Luíza utilizara o cômodo como sala de costura, apesar de ter outro para essa finalidade, e o fizera talvez para se sentir mais próxima do filho. Quando Manoel voltou à casa paterna, a mãe em três tempos desalojou seus pertences e devolveu ao quarto de Manoel os antigos ares de quando ele ali morava.

-- Está lá? És tu, Maria de Fátima? perguntou Manoel ao telefone.

-- Aguardava teu chamado, respondeu ela.

O que dizer-lhe agora? Manoel pensava e não alcançava uma resposta. Sentia que se havia precipitado duas vezes. Primeiro ao convidar a filha do farmacêutico a sair com ele, sem saber ao certo se desejava tê-la por companhia; em segundo lugar porque discara o número de sua casa, sem ter qualquer projeto de conversação em mente.

Desde o instante em que fora demitido do bar, desde que se libertara do compromisso com o pai, se pusera de

imediato a pensar na viagem, nos rumos de sua aventura e não esboçara nenhum plano a não ser contar as horas que faltavam para partir de Lisboa. Nesse sentido, Maria de Fátima era um obstáculo a mais a ser transposto antes de partir.

Agora, em seu quarto provisório, impregnado de silêncio, sentia mais debilmente que a realidade exterior o embaraçava. De outra parte a realidade imediata, o mundo ao seu redor, o afogava lentamente, embora ainda assim com doçura.

O velho mobiliário de laca branca, a cama com a cabeceira alta e reta, os dois criados-mudos com minúsculas gavetas; em um deles, um porta-retratos com uma foto muito posada e estudada, de sua mãe quando conhecera seu pai. Não fora ele que deixara aquela foto ali, como peça esquecida de um santuário. Fora a própria Dona Maria Luíza, por uma ponta de vaidade, que deixara ali o porta-retrato, como se o tivesse distraidamente abandonado em uma de suas arrumações domésticas; esse, embora distante das vistas do marido, que nunca ali entrava, ainda assim estava solitariamente exposto, como um capricho, como um discreto atrevimento de Dona Maria Luíza.

Junto à janela, a mesa redonda, também de laca, com um tampo de vidro; disposto longitudinalmente à cama, o armário de duas portas com o interior revestido de um papel congestionado de pequeninas folhas amarelas, vermelhas e azuis. Esse motivo se repetia no tampo dos criados-mudos, no tecido sob o vidro da mesa redonda, na colcha que engalanava a cama banca. Tudo parecia agora acanhado e incongruente, naquele quarto cuja mobília e toda a decoração, ao gosto de Dona Maria Luíza, tinham sido

insconscientemente projetados para hospedar uma menina, que a bem da verdade nunca viera ao mundo, embora já existisse de há muito no espaço daquela família um varão que, à época em que o quarto fora decorado pela última vez, ganhando as características atuais, acabava de entrar na adolescência.

Era no interior daquele quarto, que sendo seu um dia parecera sempre ter sido de outro, na verdade de outra, jamais seu, que Manoel, estirado sobre a cama de mola, falava ao telefone.

-- Eu também queria ouvir tua voz, mas só pude demitir-me há pouco.

-- Tu te demitiste?

-- Sim, para sair contigo esta noite. Espero que consintas, respondeu ele, após ter-se decidido pela estratégia que deveria seguir.

-- Deixas-me preocupada ao falar assim. É mesmo verdade que tu foste embora do emprego no bar de teu pai por minha causa? perguntou Maria de Fátima, preocupada, mas não menos convencida da força de seus encantos.

-- Para ser franco, minha demissão nada tem a ver contigo. São contingências e desavenças familiares, disse Manoel, com uma súbita vontade de ter um copo de aguardente entre as mãos.

O ex-jogador ajeitou o travesseiro sob a nuca, retirou os óculos e preparou sua cartada. Mas foi Maria de Fátima quem falou em seguida.

-- Como foi que te demististe? Quero dizer, já entendi que tiveste uma desavença. Estás aborrecido? Preferes ficar em casa?

-- Qual das perguntas queres que responda em primeiro

lugar? perguntou Manoel, virando-se de lado.

Maria de Fátima, que se despira sem pressa enquanto conversava, acabou de retirar as meias e examinava agora seus pés.

-- Responde-me na ordem em que formulei.

-- Pois bem: à primeira questão, digo-te que me demiti como resposta a uma ameaça de demissão; à segunda pergunta digo que sim; e à última digo que não.

Maria de Fátima ergueu um pequeno espelho oval. Seus olhos verdes se refletiram no vidro, emoldurados pela espessa cabeleira castanha.

-- O que fazemos? Vamos comer umas tostas na esquina? pergunta ela no intuito de fazer Manoel se decidir rapidamente. Ou preferes uns pregos?

Manoel sentou-se na cama e calçou a armação dos óculos sobre o nariz. Já descobrira aonde levar Maria de Fátima.

-- Vamos jantar no Bairro Alto, sentenciou. Levo-te a comer um bacalhau com natas. Está bem assim?

-- Está, disse ela, sem esconder sua aprovação. Em quanto tempo nos encontramos na porta da minha casa?

-- Preciso de uma ducha.

-- Quanto tempo levas para enfeitar-te? indagou ela, com uma pontada de humor.

-- Em vinte minutos estarei em frente de tua casa, está bem?

-- Em quarenta, propôs ela.

-- Está bem. Adeuzinho.

Capítulo 4

O apartamento de Lucien no terceiro andar tem logo após um escuro vestíbulo uma sala com duas janelas dando para a rua. À esquerda de quem entra, se encontra uma mesa redonda de quatro lugares, com tampo de vidro sobre um tripé de aço escovado, comprada num desolador domingo no mercado das pulgas. Entre as janelas, encostado à parede, encontra-se um sofá-cama de gorgorão pérola, que fora de seu antigo quarto na Georges Mandel. Sobre ele, duas almofadas marroquinas costuradas por Linda.

No outro lado da sala, no canto próximo à rua, há uma bicicleta Peugeot 1920, presa ao teto por cabos de aço. Lucien conquistou-a de Andrés, em Courchevel, após uma estúpida aposta envolvendo seus estômagos adolescentes e uma garrafa de licor italiano.

Debaixo da Peugeot, uma cadeira de balanço russa, de dois lugares demarcados, toda trabalhada, com encosto e assento de palhinha, que Lucien adquirira em uma loja do setor judeu do Marais. E, ainda, debaixo dela, via-se um tapete Gashqa'i, persa, congestionado de pequenas figuras irregulares, distribuídas ao redor de uma série de três losangos centrais, também repletos de pequenas figuras. O vermelho predominava na proximidade das bordas e das laterais, enquanto o azul estava presente no centro da tapeçaria, que fora de sua tia Millie, irmã de sua mãe.

Na outra ponta do tapete retangular, ao longo da parede que fazia a divisa do apartamento, uma estante projetada por Lucien e pintada de branco por Abdail, com mesa embutida, e onde a televisão, o aparelho de som, os discos, o bar e os livros travavam um contencioso de fronteiras que resiste ao tempo e às súbitas investidas de Corinne, no intuito de fazer emergir, como ela diz, 'a luz do caos'.

No meio da sala, um balcão e uma cozinha americana dividem o ambiente. O quarto de Lucien, a lavanderia e o banheiro formam um bloco que vai da parede do vestíbulo de entrada até a que está parcialmente encoberta pela estante branca.

Debaixo dos móveis, estendendo-se pela sala, pelo vestíbulo e pelo quarto de Lucien, um carpete com o mesmo tom de azul presente no tapete persa da tia Millie, coincidência que muito provavelmente deliciaria os espíritos decoradores, mas a que Lucien não atribuía qualquer importância.

Lucien retira seu casaco à entrada do apartamento, deixando-o no cabideiro do vestíbulo. Retira do bolso da camisa seu caderno de notas mas, ao invés de abandoná-lo sobre o tampo da mesa embutida no móvel da estante branca, larga-o sobre a mesa de jantar redonda. Faz o mesmo com a carteira de dinheiro. Dá um passo atrás, na direção do cabideiro, e extrai do bolso de seu casaco a caixa com o camafeu na tampa. Seu pequeno crime.

Deposita o objeto sobre a superfície lisa da mesa, no centro da qual repousa um castiçal decô de latão com sete bocas florais formando um triângulo. Na parede esquerda, próximo à mesa, há um alto abajur inglês, que Lucien acende. A luz projetada contra as hastes do castiçal lança sobre o tampo da mesa de vidro uma figura que lembra as barras de um cárcere.

Lucien toma novamente o objeto da morta entre as mãos e tenta abri-lo, a princípio sem sucesso. Percebe rapidamente que para levantar a tampa da caixa é preciso mover o camafeu ligeiramente, para que a trava do pequeno fecho interno seja liberada.

Pressiona então primeiramente o centro da nau ali gravada, girando o polegar da direita para a esquerda e da esquerda para a direita. A tampa permanece imóvel. Então Lucien pressiona novamente a nau, atacando-a diretamente na proa, que força para baixo, ao mesmo tempo em que gira o polegar no sentido horário. A caixa se abre e a tampa com o camafeu salta, empurrada por um pequeno engenho.

No interior dourado da peça Lucien encontra um pedaço de papel meticulosamente enrolado e dobrado. Sentindo as mãos úmidas e frias como se estivesse prestes a deixar uma estação ferroviária e embarcar em um trem para bem longe, Lucien apóia a base da caixa outra vez sobre o vidro da mesa de jantar e cuidadosamente destaca com a unha uma ínfima dobra do papel, puxando-a para fora.

O fundo da caixa aparece e nele um nome, que a princípio não lhe diz absolutamente nada: Kate Deolin Hayes. Claro está que o referido nome poderia ser o da mulher que Lucien vira morrer no monumento romano, não fosse pelo fato de que abaixo desse nome aparece: Dublin. E uma data: 1930.

Se de um lado os traços físicos da mulher de xale turquesa se encaixam perfeitamente no tipo irlandês, de outro, a data, que normalmente é indicativa de nascimento, batismo ou outra efeméride, não pode ter qualquer ligação com a morta, pois com toda a certeza do mundo, em 1930 ela sequer havia nascido.

Provavelmente, pensa Lucien desdobrando a pequena flâmula que extraiu da caixa, Kate Deolin Hayes é a mãe ou uma parente da irlandesinha de chapéu, embora não se pudesse descartar a hipótese de que a caixa dourada que caiu das mãos da mulher ao desfalecer tenha sido ganha, comprada, ou mesmo roubada. O que faz com que o nome

grafado possa não ter qualquer relação com a morta.

De qualquer forma, é uma estranha coincidência Lucien se apossar de um objeto que contém em seu secreto interior o nome da cidade em que transcorrerá o jogo promovido pelo missivista com iniciais J. B. H.

Lucien aproxima do seu rosto o pequeno papel enrugado, tentando decifrar a minúscula caligrafia que ocupa todo o espaço da flâmula. Inclina a diminuta folha de papel na direção da luz coada pelo abajur inglês, que um dia estivera no escritório de seu pai, mas não obtém sucesso, mal distinguindo letras e números.

Então Lucien se levanta da cadeira e dá dois passos na direção do abajur e inclina o corpo para frente, de modo a ter o papel diretamente sob a luz da lâmpada, e ao mesmo tempo próximo de seus olhos.

É com indisfarçável e desorientado espanto que Lucien decifra a mensagem contida na flâmula. Em voz alta, como se a audição de sua própria voz pudesse emprestar mais segurança e confiabilidade ao enunciado, Lucien lê:

-- Saint Killian II, April 16, departure: Le Havre: 6 p.m. Arrival: April 17, 2 p.m.

Sem sombra de dúvidas, este seria um simples apontamento de viajante, parecido com as anotações que o próprio Lucien fizera em seu caderninho de bolso, não fosse pela notável coincidência de Lucien *também* embarcar no mesmo Saint Killian II, navio de bandeira irlandesa que serve à empresa Irish Ferries, *justamente* no dia 16 de abril, saindo do porto Le Havre às 18h00 e chegando a Rosslare no dia seguinte, às 14h00. Era em suma como se aquelas anotações, encontradas no fundo da caixa com o camafeu, fossem *suas*.

Lucien afastou-se do abajur, atravessou a sala e se sentou no sofá pérola. Tem nas mãos o papel com os horários da travessia entre o porto Le Havre e Rosslare, no sul da ilha, que encontrara na caixa da irlandesa. Ele se pergunta ainda, amenizado o sentimento de espanto, se apesar de tudo, apesar de todos os indícios, *ainda assim*, tudo não passou de uma fenomenal e surpreendente coincidência, envolvendo dois passageiros do Saint Killian II que poucos dias antes do embarque se cruzam em um lugar de Paris, que também por acaso tem um nome celta e onde um deles vem presumivelmente a falecer.

Lucien coloca a mão direita espalmada sobre o joelho, friccionando-o aflitivamente. Seria possível que aquela mulher o tivesse seguido até ali; seria mesmo possível que ela soubesse de tudo, e que viera até as Arènes de Lutèce para vigiá-lo e segui-lo até o fim? O que desejaria ela, no fundo: informar-se melhor sobre ele para instruir J. B. H., ou se divertir, vivendo *sua* aventura?

Para ele, que jamais experimentou abandonar, como bom francês que era, sua vida pacata e planejada, o que parecia ocorrer à sua volta *já* era demais. E Lucien nem sequer fechara as malas para a viagem à Irlanda.

Lucien conjecturou com ironia que antes daquele dia a maior aventura em que se metera fora sem dúvida experimentar um vinho marroquino que Abdail guardara consigo durante anos, para um momento que considerasse especial. Como os momentos que se sucederam na vida de Abdail desde sua chegada em Paris não lhe parecessem suficientemente especiais, o marroquino decidiu um dia qualquer, quando Lucien o visitava, abrir a garrafa e partilhar a bebida com o amigo, que não deteve o ímpeto de Abdail

nem quando recusou o vinho na primeira oferta, alegando fidelidade absoluta ao produto francês.

Lucien se ergue do sofá e vai até a janela esquerda. Abre a cortina alaranjada que adquirira numa feira de produtos da Polinésia e vê o capô reluzente dos carros sob a chuva.

O aguaceiro varre a calçada em frente, cobre com nós de prata entrelaçados o asfalto da Berthollet. Por instantes consegue a proeza de atenuar o cheiro de curry da inexaurível fonte, que é o sempre respeitável restaurante indiano localizado no rés do chão.

Aparentemente o restaurante acusou o golpe, pois bastou que Lucien abrisse uma das folhas da janela para que o odor se intensificasse, subindo vertiginosamente, invadindo a sala e avançando pela casa adentro como uma bomba de efeito moral. Lucien fechou a folha da janela, mas o malefício já fora causado. Todos os cômodos do apartamento cheiravam ao tempero indiano.

Tornou a reler o pequeno papel, como se uma releitura pudesse extrair dele uma verdade mais profunda. O desconcerto é o mesmo de antes.

Em seu quarto, sentou-se na ponta da cama, retirou o sapato e as meias, desabotoou os punhos de sua camisa, enquanto com certa compaixão examinava as unhas maltratadas de seus pés.

Estava atrasado, muito atrasado, pensou, repassando os telefonemas e outras providências que teria que tomar antes de sair de casa para o jantar com Jacques e Janinne.

Lucien retirou as calças e a camisa, depositando-as sobre uma cadeira dourada Louis XVI, também subtraída da casa paterna, desta feita da sala de jantar.

O único quarto do apartamento da Berthollet é amplo,

com uma cama Provençal, dois criados-mudos venezianos, século XVIII, móveis que pertenceram ao espólio de sua tia Millie.

Há ainda no quarto de Lucien uma poltrona de palhinha de dois lugares, laqueada na cor areia, com filigranas douradas, estilo Louis XV e um amplo armário também Provençal, comprado por Lucien na mesma loja do Marais que lhe vendera a cadeira de balanço russa.

Apesar da salada de estilos, o quarto de Lucien é atraente, e eventualmente estimulante. Lucien gosta de dizer a seus visitantes que seu quarto é a única peça do apartamento que considera equivocada e definitivamente terminada -- o que torna os elogios moderados, mas evita as críticas mais ácidas.

Despido, Lucien dirige-se ao banheiro, onde abre as cortinas do box e puxa o misturador de água.

Após aguardar alguns instantes, avança a perna direita e invade o box. A água escorre pelos seus cabelos, pela testa, sobre o peito. Lucien fecha os olhos e levanta o queixo, de modo que um feixe de agulhas transparentes tamborila sobre suas pálpebras e maçãs do rosto. Lucien pega o frasco de sabonete líquido Jean-Marie Farina, deitado em um nicho da parede e despeja uma porção sobre a palma da mão; espalha o sabonete sobre os cabelos e fricciona com as duas mãos o couro cabeludo. Espuma e um espesso creme ligeiramente azulado se formam sobre a cabeça, descem pelo pescoço e escorrem pelas costas, dissipando-se ao encontrar os veios de água que encordoam as omoplatas.

O calor e a textura do sabonete de banho dão a impressão de que as pontas dos dedos estão levemente dilatadas e com a sensibilidade reduzida. Um untuoso odor marinho é

destilado, misturando-se aos vapores do box. Lucien toma novamente o frasco de sabonete líquido e desta vez verte um pouco dessa substância graxosa e refrescante diretamente sobre o peito, soltando o ar dos pulmões e projetando os ombros para fora.

Em seguida espalha o creme espumante, ensaboando os braços, as axilas, o ventre, a virilha e as coxas; fricciona o pescoço com a mão direita, e as agulhas transparentes massageiam o dorso de sua mão direita. Ele se inclina de modo a permitir que o jato de água massageie também os ombros e as costas.

Volta-se e faz o mesmo com a parte frontal do corpo. Desce os olhos e percebe o creme azulado diluindo-se e escorrendo por suas pernas até desaparecer no ralo. Lucien se abaixa e ensaboa as pernas e os pés, trabalhando com paciência cada um dos dedos e o peito do pé.

Coloca-se ereto, deixando a água infletir diretamente contra a cartilagem do nariz. Sente agora, ao invés das agulhas sobre a pele, uma espécie de arrebatamento de cachoeira, que se distende por todo o eixo horizontal da face, comprime seus olhos e engurgita seus lábios.

Gira a cabeça para um e a para outro lado, o jato d'água muda de direção e chicoteia a parte posterior de uma e de outra orelha. Lucien inclina a cabeça e a caverna do ouvido se enche de sons. São animais répteis, são sáurios rasgando o silêncio da noite, são batráquios ciciando, são vozes perdidas e a pulsação de folhagens. É o hálito quente, acompanhado de um gemido de prazer, um chamamento da carne. É um eco multiforme de seu próprio corpo comandado pelo caudal cálido e constante que desce do céu, que desaba sobre sua cabeça e neutraliza por instantes sua consciência.

Lucien se apóia contra os azulejos brancos do banheiro. Eles transpiram. Gotículas de essências arbóreas porejam. Gomas e gulosas minúsculas bocas poros pululam vulcânicas e Lucien percebe uma vibração envolvendo-o, eletrizando as vibrissas e aquecendo e esporeando víbices, até que uma campainha distante atravessa a porta do banheiro e a grossa cortina do box.

Encolhido sob a ducha, os braços cruzados sobre o peito, a cabeça baixa e os olhos fechados, Lucien registra o insistente chamamento do telefone.

Lucien fecha o registro do chuveiro, alcança a toalha branca pendurada ao lado da janela, envolve-se nela e atravessa o banheiro quase aos saltos, de modo a não deixar escapar a voz que é provavelmente a de Linda: uma voz portanto urgente e submissa aos ditames da pontualidade mundial.

Talvez, pensa Lucien, seja a voz de Corinne, a quem não bastaria um simples e casual telefonema de Linda, dizendo-lhe para aparecer no L'X. Na melhor das hipóteses, iria ao compromisso se seu irmão, Lucien, lhe telefonasse comunicando-lhe pessoalmente o convite de Jacques -- e desde que a acompanhasse.

Lucien atravessou o carpete azul da sala e pegou o aparelho de telefone que estava sobre o balcão da cozinha. Sentou-se em uma das banquetas e colocou o fone no ouvido.

Seu interlocutor estava impaciente.

-- Oui, je sais que c'étais tois, Corinne, diz Lucien, explorando o cinismo de índole familiar.

-- Quando quiser comunicar-se comigo, faça-o diretamente, diz Corinne, com um provável dedo em riste do

outro lado do fio. Não mande *os outros* telefonarem em seu lugar.

Corinne está sentada no aconchegante escritório do apartamento dos pais e tem um cinzeiro sobre as coxas, na altura do púbis. Com a ponta do cigarro, Corinne revolve as cinzas, empurrando-as de um canto a outro do cinzeiro, como um sísifo displicente.

-- Se você fosse mais capaz para controlar sua xenofobia e mantê-la dentro de limites aceitáveis, eu até a colocaria no meu colo de vez em quando, diz Lucien enrolando o fio do telefone entre os dedos, enquanto acaba de se enxugar e simultaneamente de se penitenciar por haver solicitado a Linda que fosse a portadora da notícia sobre o jantar no L'X.

-- Não comece, Lucien, diz Corinne. Parece que você escolhe as pessoas erradas para *me* provocar.

-- Vou convidar Abdail, também. Farei com que se sente a seu lado durante o jantar, ataca Lucien, provocativo.

Corinne amassa o cigarro no cinzeiro e o empurra para uma mesa inglesa com rodas, que é normalmente utilizada como serviço de chá, e que circula pela casa toda segundo a vontade do anfitrião.

-- Você vem me pegar em meia hora. Estarei esperando no saguão, diz Corinne, exercitando uma ascendência que gostaria de ter sobre o irmão.

-- Não posso. Estou infernalmente atrasado. Além do mais você *sabe* que fiquei de falar com Linda e acertar nosso encontro hoje à noite.

-- Fale a ela que o jantar foi cancelado, Lucien. E fazendo bico:

-- Je t'implore!

-- Ficou louca? Tome um táxi e se encontre comigo aqui.

Isso é o máximo que posso fazer por você, *agora.*

-- E *ela*? insiste Corinne

-- Ela quem? pergunta Lucien quando uma gota renitente, que havia deslizado até a ponta de seu nariz, cai sobre o dorso da mão direita, enclavinhada à altura do peito e segurando as duas pontas da toalha.

-- Ora, quem poderia ser? riposta Corinne. A marroquina, evidentemente. De que outra mulher estamos falando?

-- Ela vem comigo, encerra Lucien, puxando para si uma das pontas da toalha de modo a poder esfregar os cabelos e falar ao telefone simultaneamente.

-- Você é mau, diz Corinne, cruzando as pernas e avançando, com o auxílio de uma das mãos sobre a cintura de vespa, o fino quadril para frente.

-- Estarei pronto em dez minutos, diz Lucien, encerrando a conversação.

-- Estarei em vinte minutos aí, não menos, responde Corinne com uma expressão de presa abatida.

-- Bonita, hein? diz Lucien, com seus cabelos todos eriçados, como se tivesse acabado de ser eletrocutado.

Corinne suspira e desliga.

Lucien desliga o telefone e volta ao banheiro para fazer a barba.

Em frente ao espelho, Lucien espalha a espuma sobre o rosto, com a ponta do dedo indicador retira o creme que cobrira seus lábios e deposita a espuma cuidadosamente no pescoço, abaixo da orelha esquerda.

Depois, desliza o barbeador pelo lado superior direito do rosto. A lâmina avança, fendendo a espuma como um limpador de neve.

Trabalha agora a contrapelo, fazendo a lâmina subir pela

pele do pescoço, que ele pressiona e estica, de modo a conseguir que o atrito da lâmina contra a pele corte os pêlos sem ferir o rosto.

Passa então mais espuma de barba no pescoço e repete a operação no lado direito. Depois desliza a lâmina pela face esquerda, abrindo avenidas através da neve. Uma, duas, três vezes, até que seu rosto ressurge amarelado e cheio de minúsculos pontos vermelhos. Lucien ataca novamente o pescoço, passando lentamente, sem o creme de barba, a lâmina até que, experimentando com a ponta dos dedos a maciez do rosto, dá o trabalho por terminado.

Ele se curva e abre a torneira de água fria, deixando-a jorrar, enquanto com as mãos em cuia represa um punhado da água vertida e mergulha seu rosto na palma das mãos, retirando o excesso de creme e ao mesmo tempo neutralizando a ardência provocada pela lâmina.

Repete várias vezes o gesto, até que sente a pele enrijecida pelo contato com a água gelada.

No quarto, abre a porta do guarda-roupa Provençal e puxa a terceira gaveta, retirando de lá uma camisa azul-clara. Abre a outra porta do armário e examina as calças penduradas nos cabides. Retira uma calça de lã cinza-chumbo, mas em seguida a recoloca no cabide, preferindo uma calça mais leve, de gabardine bege com suspensórios brancos, esquecidos na calça, desde que Lucien a usara dois dias atrás.

Decididamente vai sair com o mocassino azul-marinho e as meias do mesma cor, pensa, enquanto abre a gaveta das meias e mais abaixo a das cuecas.

Retira a toalha que envolvia sua cintura e caminha até o banheiro, pendurando-a novamente ao lado da janela.

De volta ao quarto, revolve a gaveta das cuecas e escolhe a que se encontra em estado menos lamentável. Retira da outa gaveta um par de meias da cor que escolhera e senta na beirada da cama.

Nem bem acabara de vestir a camisa e as calças, o telefone tocou novamente. Desta vez imaginou que seria, com toda certeza, Linda.

Atravessou o quarto e caminhou até o balcão da cozinha, onde estava o telefone.

-- Nos espoirs entreront par les portes ouvertes, en vols de papillons légers aux vastes ailes, diz a voz ao telefone: uma voz pausada e monocórdia, quase melancólica, não fosse o vibrato do plexo solar, que fornecia um timbre afirmativo quase impiedoso.

-- C'est Henri de Régnier, responde Lucien ao ouvir os versos que Sébastien recitara como se fossem uma senha combinada entre eles.

-- Perfeito. Quero vê-lo amanhã às nove, diz Sébastien profissionalmente.

-- Às dez, diz Lucien, profissionalmente de férias. Nós havíamos de fato marcado às onze e meia, argumenta Lucien antecipando qualquer protesto de Sébastien, enquanto abotoa os punhos da camisa de cambraia e olha para as cortinas amarelas como se fossem uma paisagem inesperada.

-- Preciso decidir algumas questões com você, que não podem esperar pelo seu regresso, diz Sébastien. Almoçamos no vieux Polidor depois, e brindamos à Irlanda.

-- Está bem, diz Lucien, recordando-se imediatamente das longas e minuciosas reuniões com Sébastien. Tão longas, minuciosas e tediosas que nem a cômica falta de destreza das garçonetes do Polidor compensava. Contudo, Lucien não

tinha outra alternativa senão aceitar a convocação de Sébastien, cuja relação apresentava marcas evidentes de desgaste.

-- Estarei lá. Mas às dez. Agora tenho que ir. Está bem?

-- Está de saída?

-- Sim. Desligo. Adieu poulet.

Lucien largou o telefone e caminhou até a mesa da sala de jantar, sobre a qual reluzia o camafeu da mulher das Arènes de Lutèce.

Um sinal de alerta soou em seu cérebro e avisou Lucien para tomar cuidado com a irmã. De fato, assim que Corinne entrasse, muito provavelmente seus dedos ágeis e sua mente diletante, desocupada e curiosa entrariam em sintonia direta com a pequena novidade refulgente que descansava sobre o tampo de vidro da mesa da sala de jantar, e Lucien se veria obrigado a dar explicações.

Sua mente imaginou por um segundo Corinne entrando no apartamento e se dirigindo diretamente para a mesa de jantar, imantada por uma urna mortuária sobre ela depositada. Em seu interior, uma jovem irlandesa repousa. Ao ouvir os passos de Corinne, a morta se ergue e cochicha coisas incompreensíveis em seus ouvidos, coisas que Lucien não pode ouvir, mas que o comprometem, haja vista a expressão da irmã.

Não, era por demais ridículo tudo aquilo, pensou Lucien, afastando o pensamento, dobrando novamente a flâmula que continha os horários do barco, e a recolocando no interior da caixa dourada.

Havendo tomado a decisão de evitar suspeições desnecessárias, cruzou a sala com o objeto nas mãos, abriu uma das gavetas da estante e depositou o relicário no fundo.

Nesse momento, Lucien se recordou de haver aventado a hipótese de escondê-lo atrás dos livros. Subitamente, no entanto, toda essa mobilização pareceu-lhe um exagero. Aflorou nele um racionalismo francês que o fez concluir que esconder o objeto era uma decisão estúpida, e que o melhor era simplesmente guardá-lo numa gaveta, como um objeto qualquer, como aqueles objetos que se encontram ao acaso; lembranças curiosas das ruas de Paris, sem valor, sem história ou enredo especial. Sem dúvida não havia com que se preocupar. Os incidentes do dia, dizia seu racionalismo de ocasião, já estavam irremediavelmente encarcerados no passado, sem chance mais de assombrar o presente.

Desse modo, a caixa que tinha gravado no fundo o nome de Kate Deolin Hayes ficava onde Lucien a deixara: no fundo de uma simples gaveta, ao menos provisoriamente.

Lucien se afastou da estante.

Nesse momento tocou outra vez o telefone.

-- Eu entendi que íamos a um jantar hoje, diz Linda, com impaciência e gravidade. Liguei no fim da tarde para você diversas vezes, buscando saber o que fazer.

-- Desculpe-me. Estou atrasado. Aconteceram coisas estranhas e incríveis ao mesmo tempo. Coisas que contarei a você depois, se houver oportunidade.

Sentou-se sobre uma banqueta próxima ao fogão elétrico, enquanto imediatamente se dava conta de que a resposta que acabara de dar a Linda fora pouco tranqüilizadora.

Fixou o olhar na placa da direita do fogão elétrico. A espiral o hipnotizava.

-- De fato, tive problemas. Espero que realmente me desculpe. Você pode vir se encontrar comigo aqui?

-- Vamos então ao jantar?

-- Sim, se você quiser, respondeu Lucien tentando se mostrar encantador.

-- Você não pode me pegar? perguntou Linda. Trabalhei até há pouco, contabilizando o estoque do bar.

Após um curto silêncio, em que Lucien se colocou francamente na defensiva, Linda atacou.

-- Aliás, não sei como você contava com minha presença no L'X, se trabalho todas as noites. Você pensa que estou à sua inteira disposição, não é? arrematou Linda, elevando a voz.

-- Não é nada disso. É que adivinhei que você fecharia para balanço. Além do mais, acho que não está compreendendo bem: o convite para o jantar partiu de Jacques. Eu exclusivamente --

-- Exclusivamente, já que não quer de fato minha companhia, transmitiu o recado dele. C'est tout!

-- O que quero dizer *simplesmente* é que não tive tempo de considerar que você trabalha todas as noites, pois Jacques não me deu chance, respondeu Lucien, também elevando a voz e girando o corpo, de modo que seu olhar, antes depositado no fogão elétrico, agora focalizava a cadeira de balanço russa e a bicicleta Peugeot 1920. Sua mudança de posição ao telefone significava um retomar de fôlego.

-- Como ficamos então? insistiu Linda, que por nada deste mundo ficaria sozinha naquela rara folga noturna.

-- Corinne está chegando aqui em poucos minutos. Acho melhor você parar de brigar e vir se encontrar comigo, pois já estamos atrasados.

-- Está bem, concordou Linda, agora abaixando sensivelmente o tom da voz e se mostrando resignada.

Lucien desligou o telefone e foi até o quarto, escolher

uma gravata.

Linda está de calcinha e sutiã e seu corpo hígido e africano recende a lavanda. Linda sai da poltrona em seu apartamento no quarto andar do número 46 da Vieille du Temple, no Marais e entra em seu quarto.

Um modelo inspirado em Courèges, com calças de seda e um corpete de lamé estava já estendido sobre a cama antes mesmo de Linda telefonar a Lucien -- prova cabal de que ele não precisava ter o trabalho de convencê-la a acompanhá-lo ao jantar daquela noite.

A cama de Linda era de vime, ladeada por luminárias japonesas redondas, lembrando balões meteorológicos. Os criados-mudos, também de vime, tinham potes marroquinos com miçangas e contas de vidro. Sobre o tampo de vidro de cada um deles dois minúsculos tapetes feitos a mão, mas não por ela.

Ela não apreciava seus móveis, adquiridos num piscar de olhos em um mercado de pulgas suburbano, mas não tivera tempo desde então para pensar em mudanças, embora vez por outra, como agora, torça o nariz para o que vê ao redor, talvez devido ao contraste de gosto entre a mobília de sua casa e o traje que escolheu para aquela noite.

Veste-se rapidamente, com a segurança de seus 20 anos; confiante como uma modelo tarimbada, e atleticamente displicente como alguém que conhece perfeitamente o poder encantatório de seus dotes físicos e sabe que não é preciso se aplicar muito para obter bons efeitos.

A campainha do apartamento 32 do número 7 da Berthollet tocou e Lucien foi até a porta atender.

-- Ça va, disse a irmã, erguendo os braços e puxando o

pescoço de Lucien.

-- Bécot, disse ainda Corinne como se isso pudesse fazer o tronco pouco flexível de Lucien ceder mais rapidamente, de modo que seus lábios alcançassem as bochechas barbeadas do irmão.

Lucien retribuiu o beijo sem grande entusiasmo e pediu que Corinne entrasse com um gesto também pouco estimulante.

Ao perceber que não havia mais ninguém *com* Lucien, ela indagou:

-- O quê estamos esperando?

A irmã de Lucien nutria a ingênua expectativa de que Linda estivesse como de hábito muito ocupada naquela noite, servindo seus bebedores de cerveja, para acompanhar Lucien ao jantar de Jacques e Janinne.

-- Estamos esperando alguém mais: uma convidada de Jacques e também minha, respondeu Lucien, virando as costas para se dirigir ao sofá. As esperanças de Corinne foram baldadas.

-- Gosta? perguntou Corinne, girando sua silhueta delgada sobre os calcanhares, fazendo esvoaçar o vestido amarelo de organza.

Corinne deixou a estola deslizar de seus ombros e roçar sua cintura. Ato contínuo, soltou uma das pontas da pele de modo que tocasse o chão de leve.

-- Nada mau. O que é *isto* desta vez? perguntou Lucien, apontando o vestido de Corinne como se fosse uma aberração.

-- Um Versace de segunda. Talvez de terceira, respondeu, parando de girar e assentando o antebraço direito sobre sua linha de cintura.

-- Desistiu dos Cardin? perguntou o irmão demonstrando interesse.

-- Não era Cardin. Era Chanel. Cardin *era* há muito tempo atrás, antes de Scherrer, respondeu Corinne com um infantil ar de agradecimento.

-- Ah! exclamou Lucien. Claro, como poderia ter-me esquecido?

A campainha tocou e Corinne, não dando importância ao fato de que Lucien se levantara, foi atender.

-- C'est vous? disse Corinne, esbanjando uma frieza ártica.

Linda não respondeu. Cumprimentou com igual frieza a irmã de Lucien e atravessou o pequeno lobby.

Lucien estava postado a meio caminho entre o sofá e o corredor. Linda se aproximou e sua exuberância fez Corinne parecer raquítica, com suas pernas finas à mostra, equilibradas sobre os altíssimos e reluzentes saltos de metal de seus sapatos, que eram, diga-se, amarelos como o vestido.

Linda beijou Lucien e se postou a seu lado, como se fosse a anfitriã, assim buscando enfraquecer a posição estatégica defendida por Corinne.

-- Bebem alguma coisa? perguntou Lucien, colocando a ponta de seus dedos na cintura de Linda.

-- Um scotch, respondeu a marroquina.

-- Tem certeza de que não prefere uma cerveja? perguntou Corinne, apresentando as armas.

Linda não acusou o golpe, mas em contrapartida Lucien fuzilou a irmã com um olhar de fera faminta. Corinne recuou, escondendo a lâmina.

-- Acho que vou beber o mesmo que Linda, disse Corinne, um pouco cansada de si mesma.

Linda deixou sua bolsa em um canto do sofá e atravessou

a sala em busca da cadeira de balanço russa.

O anfitrião abriu o freezer e retirou uma caixa de gelo. Corinne abriu uma porta da estante branca e fisgou uma garrafa de Jameson.

-- É whiskey mas não é scotch. É irish, disse Corinne, titubeante, sem saber se aprovava ou não, mas se dirigindo professoralmente a Linda.

-- É agradável e discreto, definiu Linda, com seu ar de bartender.

-- É próprio para noites chuvosas, disse Lucien, trazendo três copos baixos e começando a servir o whiskey irlandês.

-- Acho que vou preferir o Dimple, refletiu Corinne, quando Lucien despejava o gelo no último dos copos.

-- Dois irlandeses e um escocês, disse Lucien, servindo o copo de Corinne, e devolvendo as duas garrrafas ao bar. Corinne percebeu imediatamente que continuava em desvantagem.

-- Apesar de tudo, à Irlanda, disse Corinne, examinando a cor intensa de seu scotch.

-- À Irlanda, brindou Lucien, lembrando-se de sua viagem, do camafeu, da mulher morta no circo luteciano e sobretudo do jogo de Dublin; um jogo talvez misterioso demais para quem tem o hábito de planejar meticulosamente sua vida.

A cadeira russa rangia no ritmo abdominal de Linda. Suas pernas estavam encolhidas e cruzadas. Seus pés nus têm as solas viradas para cima.

Corinne tirou os olhos da parede entre as janelas e eles repentinamente se encheram com a visão expressivamente sensual e jovem de Linda. Percebeu também que a nova amiga de Lucien segurava o copo de bebida com firmeza,

como se estivesse testando a resistência do material. Era estranho e ao mesmo tempo lascivo, pensou ela, imaginando entre os dedos de Linda primeiramente um sorvete de morango, depois um sorvete de chocolate e depois um pênis ereto.

Corinne colocou os lábios no copo de Dimple e molhou a ponta da língua no líquido gelado.

Linda esticou os braços e fez menção de entregar o copo a Lucien.

-- Quero outra dose.

A irmã de Lucien mostrou a ponta da língua novamente, executando movimentos sincopados, alguns mais largos, outros mais curtos, no assalto ao gelo boiando no mar escocês.

Lucien olhou as pernas de Linda cruzadas sobre a cadeira de balanço e Linda sorriu, sem se voltar para Lucien, adivinhando o que ele tinha em mente quando seus olhos pareciam meias de náilon afagando.

Corinne escondeu seu rosto atrás do copo de scotch, mas seus olhos claros e verdes encontraram o rosto de Linda e seus olhos solares.

Lucien afastou o olhar de Linda e fixou-se na cortina amarela da janela da sala. Atraído pelo também amarelo traje de Corinne, Lucien voltou a observar a irmã, sua pele alva sob a organza e a seda, levemente brilhante como a Sininho de Peter Pan, com suas longas e finas pernas -- mas torneadas -- e mais longas, muito mais longas que o tronco, como justamente as pernas de Sininho eram em sua memória. Faltava-lhe um escarpim com pompom, que dava à amiguinha de Peter Pan um ar de caprichosa donzela sobrevoando a alcova. Não, Corinne não estava usando

escarpins daquele tipo. Os dela eram levemente cruéis, porque metálicos, e amarelos, como o vestido de organza e a cortina, mas não tinham o tamanho do desejo que os escarpins de Sininho estimulavam na memória de Lucien, ao menos não naquele momento.

A garrafa de whiskey está no interior do bar, incrustrado na estante. Lucien desceu a tampa do bar e alcançou a garrafa. Inclinou-se depois na direção de Linda, para lhe servir nova dose, fazendo retornar a garrafa à prateleira.

-- Un petit peu, disse Corinne, entregando seu copo a Lucien, que o extraiu de suas mãos.

Lucien voltou ao bar e ergueu a garrafa de Dimple.

-- Está na hora de irmos, disse Lucien, servindo o scotch e adicionando, por sua conta e risco, uma minúscula pedra de gelo que restara sobre o balcão.

Linda olhou os braços de Corinne levemente arcados interceptando o copo que Lucien transportava. Observou também as pernas de Corinne, suas meias brancas brilhantes, e por um instante imaginou que gostaria de ter pernas assim, e as pernas de Corinne se tornaram aos olhos de Linda uma espécie de petrecho de viagem, útil e prático. Fácil de guardar e vestir. Fácil de trocar, esconder e esquentar. Linda achou a idéia engraçada, e própria para ocupar sua mente durante a embriaguez, embora estivesse totalmente sóbria e radicalmente competitiva.

O antebraço direito de Corinne estava cruzado sobre seu peito, pressionando seu franzino mas arredondado busto.

A adversária cruzou as pernas, calçou os sapatos e se colocou de pé, aparentemente reagindo à provocação de Corinne pressionando o seio. Sua resposta não passou desapercebida. Corinne se manifestou:

-- Não devemos ir? perguntou e inclinou o tronco sobre os joelhos como se quisesse abraçá-los. Enquanto isso fez seus dedos deslizarem por suas pernas até os calcanhares, estreitando-os e comprimindo ainda mais os pequeninos seios.

Linda decidiu contra-atacar. Abandonou seu corpo sobre o carpete azul da sala, fingindo-se às vezes intrigada com o tapete persa sob a cadeira de balanço, às vezes atenta ao froufrou de sua calça de seda agarrada às coxas, ruído combinado ao de milhares de entrechoques da urdidura metálica de seu corpete prateado.

-- Meu carro está em frente, avisou Linda, com um perceptível vibrato na voz, depois de rolar na mente de Lucien e de Corinne.

A outra organizou suas idéias rapidamente. Decidiu sugerir que todos utilizassem o carro de Lucien. Desse modo, poderia controlar melhor o começo, meio e fim da noite.

-- Negativo, disse ele. Meu carro mudou de dono. É de Sébastien, agora.

-- Vamos de táxi, é mais prático, sugeriu Corinne, quase em pânico, pronunciando as palavras como se cada sílaba estivesse prestes a se dissolver no ar e fosse preciso pronunciá-las cerrando os dentes, revolvendo-as na boca lentamente, com toda a cautela.

-- Meu carro está parado na porta, disse Linda, absolutamente confiante de que o comando da noite estava nas suas duas mãos.

Lucien, Linda e Corinne estão de pé, no centro da sala. Os copos são abandonados sobre o balcão da cozinha. Corinne pega a estola, enquanto Lucien revolve e apalpa os bolsos, certificando-se de que não esqueceu de levar o essencial.

Linda pega sua pequena bolsa de prata, que deixara a um canto do sofá. As duas mulheres se dirigem para a porta, Lucien desliga a luz do abajur inglês, enquanto Corinne mantém a porta do hall aberta.

O Renault Supercinq manobra com facilidade, deixando a pequena vaga entre um velho Axel e um Volvo 340 GLE com o pára-lama esquerdo dianteiro amassado e o farol correspondente em estilhaços.

Corinne está no assento traseiro, vendo a chuva batendo sobre o vidro lateral. O carro deixa a Berthollet.

Após despedir-se de Maria de Fátima e desligar o aparelho, Manoel ainda permaneceu imóvel na beira da cama. Do seu corpo subia um odor desagradável de cebola, alho e fritura proveniente da cozinha do restaurante, embora ele não tivesse fritado, ou mesmo acompanhado uma única fritura durante todo o tempo em que estivera a serviço do bar naquela tarde.

Contudo, o cheiro que o incomodava agora não era tanto aquele que tinha como origem os utensílios engordurados e encardidos da cozinha do estabelecimento, cozinha que por mais que Dona Maria Luíza zelasse ainda assim continuava a ser uma cozinha de restaurante, com seu asseio que não ia além do senso de medida profissional. Incomodava-o, isto sim, certo odor quase metafísico, que subia pelo esôfago e se instalava nas fossas nasais à medida que ele respirava, envolvendo-o como um halo de luz mortiça em torno de uma lamparina, e que por cúmulo se misturava ao inexplicável

perfume adocicado de flores mortas (seriam as flores pintadas no forro do armário?) que o cômodo exalava.

Por quanto tempo morara naquele quarto, onde crescera e amadurecera presenciado por aquelas paredes e aquela mobília? Quantas vezes, e por quanto tempo a cada vez, permanecera no bar da família, ora trabalhando, ora fazendo companhia a seus pais, até que crescesse para decidir sua vida e seu rumo? Foram décadas de um tempo imutável.

No entanto, parece que só agora Manoel sentira quão intensamente aquela rotina o impregnara e condicionara sua existência, a despeito de haver morado fora do país e de tudo o mais que ocorreu em sua vida de futebolista.

Recuperando naqueles curtos momentos, como numa centelha, a consciência do peso massacrante do viver em família, tão bem simbolizado por aquele cômodo que nem sequer lhe fora reservado, que era de outrem, parecia a Manoel que toda sua infância e adolescência desabavam sobre ele concentradas numa única e indivisível dor.

Sentia-se fenecer por antecipação. Era como se tivesse repentinamente envelhecido e se dado conta de que boa parte de sua vida se fora, embalada por desafetos e carências insatisfeitas, gastando-se como aquela casa velha e carcomida.

Projetando-se para fora de si, via a si mesmo como a um outro, e odiava esse outro a quem via, porque roubara-lhe os melhores tempos, os melhores dias, nada dando em troca.

Para escapar dessa sensação, teria de livrar-se do velho corpo, fabricar uma nova pele, abrigar-se em um novo casulo, vivenciar um tempo diverso daquele que nele penetrara e se fixara em cada recanto do cômodo do meio do corredor. Talvez assim aniquilasse esse estranho sentimento

que estava experimentando. Talvez aplacasse essa pungente consciência que o invadira agora. Mas haveria tempo e maneiras de o fazer, ainda?

E o futuro?

O que quer que fosse que viesse a resolver acerca dele, tinha de viver cada hora a seu tempo e vez, sem precipitação, de modo a conseguir somar cada vivência como coisa concreta que amealhara, num aprendizado de vida que não nascesse subjugado pelo passado.

Seu corpo todo doía, doíam ainda as articulações da mão, doía a dor que descobriu dentro de si, esmigalhada pelo tempo.

Não queria prosseguir pensando nisso. Agora, desejava simplesmente um banho, um singelo banho, e mais nada. Depois viria Maria de Fátima, a viagem para a Irlanda, seu futuro como colunista esportivo do *Diário de Notícias*, seus amigos de infância, seu afastamento do futebol; agora, tudo, absolutamente tudo, podia esperar até que Manoel tomasse um banho; não um banho como nos banheiros coletivos dos clubes em que jogou, onde evolam junto com os vapores da água os dramas inauditos de cada homem, não; tinha de ser um banho solitário, que fosse realizado quase como uma liturgia; sim, tudo podia ficar em suspenso, até que a água, cortina fluente a protegê-lo de si mesmo e de sua história pessoal, parasse de escorrer, cálida e limpa, sobre suas pálpebras e sobre seu rosto.

Aquela casa inteira precisava de uma lavagem também, uma lavagem em regra, se possível fosse; e que viesse acompanhada de um jato de luz e de um sopro limpo e fresco de ar puro; que chegasse do frio norte, embebido em silêncio, em economia de palavras, em alguma espécie de

magia que apagasse os dados da história e da biografia de seus habitantes, mas Manoel não seria capaz de concretizar essa tarefa. Talvez ela se realizasse sozinha, quando todos já não estivessem mais ali, e a casa fosse apenas uma casa desabitada à espera do próximo ocupante, que iria recomeçar a escrever do nada uma história que impregnaria novamente a cantaria das paredes, os móveis, os cantos obscuros, os desvãos e a porosidade da madeira ressecada.

Contudo, um banho comezinho, concreto e material; um banho simples, como o que ele estava prestes a tomar agora, com o simples propósito de lavar os suores e as gorduras excedentes do corpo; um banho, em suma, com água e sabonete, um banho trivial, isso ele poderia fazer, e mergulhar na água como se mergulha no abismo, mas esse cerimonial não daria conta do que se impregnara na memória das células de sua mente, nas traças que vicejaram nos recantos mais acanhados do seu espírito. Essa sujeira incorpórea, sabia-o Manoel, encontrava-se colada, plasmada, entrincheirada em seu corpo, nas paredes internas, nos mananciais de graxa e de calor de seu ser; entranhara-se no processo da fala, contaminara o tato, o paladar, a visão. Ademais parecia-lhe que essa sujidade metafísica de seu ser se confundia e se mesclara ao encardido das paredes; um era como se fosse o prolongamento do outro, um era a própria doença do outro. Afastar-se dali, em definitivo, seria um caminho de cura, ou ao menos e apenas o início da recuperação.

Faria algum sentido ir ter com Maria de Fátima? Desnecessário dizer: Manoel sabia que a menina que ele encontrara na sala de jantar daquela mesma casa, com um chocalho nas mãos em um final de domingo, muitos anos

atrás, não é a Maria de Fátima com quem ele conversou há pouco.

O que permanecera nele, como memória, do que ela fora um dia, era matéria morta, em putrefação, porque sem sentido ou correspondência com o presente, e talvez tivesse aquele mesmo odor, quase nauseabundo, que o estar ali provocava. Ela encontrava-se portanto nesses dois mundos, e tivera sido um erro o ter-se decidido a convidá-la a sair; porque não havia em que se apegar agora para construir um relacionamento com aquela desconhecida; erro semelhante ao que o trouxera de novo àquela casa, como habitante provisório, e semelhante ainda ao que o levara a voltar a trabalhar no bar dos Ayres, sabendo como sempre soube que logo se desentenderia com o pai. Agora, contudo, o que poderia fazer para corrigir o que fizera e o que estava em vias de fazer? Já se demitira do bar; em menos de dois dias estaria longe dali. Se o pai não o quisesse mais em casa, ele iria para um residencial ou para uma pensão. No entanto, se cancelasse simplesmente o encontro com Maria de Fátima, inventando alguma justificativa convincente, sentir-se-ia ainda pior do que estava se sentindo agora. E com a agravante de não vislumbrar outra perspectiva para as próximas horas, além de permanecer imóvel em seu antigo quarto, inalando os aromas e miasmas daquela casa.

Concluíra, então, que no que dizia respeito ao seu encontro noturno de ali a instantes, não havia outra saída. E não seria fácil, de qualquer modo, dissuadir Maria de Fátima de sair; antes de ferir seus brios, uma mudança de planos esbarraria na intolerância da jovem, que se magoaria muito com ele. Não, nem pensar. A futura médica esperava-o ansiosa, ele sabia, com seus planos e suas maneiras

afrancesadas, com seu jeito de atirar os quadris para diante ao falar, como se fosse seu próprio troféu; com seu traço característico, de umedecer os lábios superiores com a ponta da língua, antes de apartear seu interlocutor, como se estivesse extremamente necessitada de saciar uma antiga sede.

Seus modos, que ele de imediato pressentira, antes mesmo de conhecer a pessoa de Maria de Fátima, em certo sentido desconcertavam-no e até mesmo, poder-se-ia dizer não sem um certo exagero, o embriagavam, muito embora Manoel tivesse feito alguma força para resistir quando a reencontrou depois de tantos anos, e tivesse evitado experimentar esse sentimento logo às vesperas de sua viagem, quando não queria ter pena de si mesmo, ou pena de deixar pelo caminho algo que talvez não fosse possível guardar para um momento mais propício. Não, Maria de Fátima não era um doce ou uma reserva de hotel.

Era tarde demais para retroceder. Cabia-lhe agora aprontar-se e ir ao seu encontro; ter com ela um momento inaugural, como se este fosse anterior a todos os demais momentos que passaram os dois, que foram casuais, superficiais e sem significação, sobretudo porque foram encontros sempre sob a égide das famílias, a dele e a dela, famílias que, ao longo da vida, poder-se-ia dizer, presenciaram uma a outra.

Manoel despiu-se, envolveu uma toalha na cintura e atravessou o corredor até o banheiro, batendo no soalho uns tamancos velhos, que encontrou adormecidos debaixo da cama.

À medida que Manoel avançava pelo corredor e a madeira dos seus tamancos se chocava contra as tábuas secas, uma

seqüência de estampidos atroava pela casa vazia; era como se verdadeiramente o coração da própria casa, doente, descompassado, debilitado, batesse com esforço sob os pés do ex-jogador, que se sentiu repentinamente cansado e tenso.

Ao chegar ao fim do corredor, alcançou às apalpadelas a maçaneta da porta do banheiro, e ainda às apalpadelas buscou o comutador de luz. A louça do banheiro e a cortina branca se iluminaram, como uma sala cirúrgica de um velho hospital e Manoel pendurou a toalha em um gancho ao lado do espelho, fechando a porta.

Para trás, ficou o quarto com a fraca lâmpada pendente do teto, oscilando intermitentemente. Abaixo dela, a cama com a colcha floral, com os dois registros distintos, em baixo-relevo, da passagem dele. Um, longitudinal, assinalando seu corpo em decúbito e, desafiando o entendimento da forma, o relevo sobreposto do arranco de seu corpo, que deformara o tecido e dissipara as linhas do desenho; o outro, cavo, humanamente glúteo, impresso na beirada da cama, ao lado do telefone.

-- Demorei? perguntou ela ao encontrar Manoel em frente à porta da rua.

-- Não, de modo algum. Fui eu quem chegou antes do horário combinado.

-- E o que fazemos agora? indagou ela, não contendo seu habitual estado de excitação. Vamos no seu carro ou no meu?

-- No seu, disse ele. Mas eu dirijo.

Maria de Fátima não aceitou a segunda parte da proposta.

O Opel azul-marinho saiu da vaga e pôs-se a rolar.

-- Aonde vamos?

-- Não queres mesmo que dirija? perguntou Manoel, sentindo-se desconfortável com ela no comando.

-- Ainda sei andar pelas ruas de Lisboa, afiançou ela. Será que o seu problema é uma natural insegurança, ou, pior, uma circunstancial desconfiança?

Manoel, que nos últimos tempos estivera pouco afeito a jogos de palavras, não compreendeu o sentido dessa frase. Preferiu contudo calar-se e examinar discretamente a futura médica ao volante.

Maria de Fátima mudara o perfume, trazia algo mais marcante e apropriado para a noite. Seu rosto, muito alvo, parecia ainda mais pálido quando contrastado com os lábios de um vermelho intenso e sangüíneo. A capa de chuva, cujo forro de lã se entrevia, dava-lhe um ar parisiense. Sob a capa, uma blusa de gola alta de cashmere, enfiada em uma saia curta de alpaca.

-- O que estás olhando? Sim, eu sei, acrescentou ela, sem dar tempo a Manoel de responder, estou embrulhada para presente, e não está tão frio assim.

-- Não disse nada. Escuta, o melhor é ires na direção do Belvedere de Santa Catarina, sabes onde fica?

Maria de Fátima não respondeu, na certa desdobrando mentalmente a carta da cidade, os portulanos de sua vida pregressa.

-- Fica abaixo da Calçada do Combro, diagnosticou.

-- Resposta certa. Mas escuta, o mais acertado é tomares agora à direita e seguires até a Calçada da Estrela, e depois desceres pela Rua da Misericórdia.

-- Não, deixa-me pensar. O melhor mesmo é continuar até o Rato, tomar a D. Pedro V e descer a Rua da Rosa ou a do Século, até o fim e pronto; logo chegamos lá.

-- Ora, então não estás tão perdida como parecia, observou Manoel vendo os joelhos de Maria de Fátima despontando nervosos da capa.

Não havia lubricidade nesse olhar, mas uma terna intimidade, fruto de estarem muito próximos um do outro, em um casulo exíguo e fechado, e separados do mundo exterior pela chuva que ia mansamente de encontro ao vidro do Opel, escorrendo e diluindo as formas da cidade, e tornando aquele ambiente mais exclusivo.

O quebra-vento do lado de Maria de Fátima estava ligeiramente aberto e um sopro frio invadia o carro, misturando-se aos odores do estofamento e ao perfume da motorista.

A chuva miúda e o vento gelado e, claro está, a gabardine à francesa que Maria de Fátima usava, fizeram-no lembrar-se de uma menina de pouco mais de sete anos, com cabelos volumosos como os dela, e que estava vestida com uma gabardine parecida, e que tinha sido vista em um dia de São Martinho. Manoel quis contar-lhe a recordação: fora em um álgido e úmido outono, anos atrás, e a menina estava ao lado do pai, em uma mercearia.

-- O homem acabara de pagar umas garrafinhas de aguapé, e o fazia como se cometesse um crime inafiançável. Encontrava-me pouco atrás dele e da menina, e pude ver quando o sujeito entregou a ela uma das garrafas, para segurar, enquanto recebia o troco do merceeiro. Sem perder tempo, a miúda de gabardina e que se vestia, de resto, impecavelmente, arrancou com os pequeninos dentes a rolha da garrafa e levou o gargalo à boca, para espanto meu e, acredito, do merceeiro.

-- Aí, o homem virou-se e arrancou, muito bravo a

garrafa da mão da pequena alcoólatra, não foi?

-- Nada disso, explicou-lhe Manoel. De fato, o comprador de aguapé virou-se, como tu falaste, e naturalmente viu a menina entretida com a garrafa, mas nada fez. Deixou-a consumir o vinhinho até que se sentisse, a pequena, inteiramente saciada. Só aí foi que o sujeito liberal retirou a garrafa das mãos da menina, fê-la subir ao colo e saiu com ela para a rua. Chovia como hoje. Nunca me esqueço disso.

-- E tu aprovaste?

-- Jamais consegui fazer um juízo correto do que aconteceu, talvez porque a atitude dele, tão natural como se ela estivesse a mastigar uma guloseima, transformou seu ato em algo também adequado, correto, corriqueiro; algo em perfeita conformidade com tudo o mais, compreendes?

Maria de Fátima respondeu que sim, e acrescentou que achara a história um interessante teste moral, além de tudo. Sobretudo porque principiava com uma questão ético-moral que não passara desapercebida.

-- É que o homem, apesar do que fizera, sentia-se culpado por comprar o aguapé, portanto depreende-se daí que era um homem comprometido com a moralidade e a ética da sociedade.

-- Talvez apenas com a ética, não?

-- Sim, de qualquer modo causa espanto que um respeitador de regras, cuja consciência é abalada pelo simples fato de comprar uma bebida proibida seja a mesma pessoa que entrega à sua filha pequena uma garrafa de vinho para beber o quanto queira. Teu personagem talvez fosse mesmo um grande depravado, concluiu ela. Talvez mesmo nem pai dela fosse, mas seu amante, ironizou ela.

Manoel sorriu.

O carro rodava pela D. Pedro V. Antes da altura da Rua da Rosa, Maria de Fátima perguntou:

-- Mas porque é que tu te lembraste disso, digo, da história da menina? Terá sido por causa da minha capa de chuva, que tu não páras de olhar?

-- A chuva, e também tua capa, não sei.

-- E mais alguma coisa? Quero saber, insistiu ela.

Manoel desconversou. E como de fato estivera examinando a estudante de medicina desde que saíram, retirou as lunetas, como alguém que dá por findo seu trabalho, massageou os flancos do nariz com a ponta dos dedos, acomodou-se melhor no assento e fechou um instante os olhos. Daí a um minuto, disse:

-- Se quiseres, podes deixar o carro por aqui, e caminhamos até o restaurante. Não fica longe, e além disso é sempre a descer.

-- Sim, sim, estou vendo uma vaga adiante daquele restaurante japonês, estás vendo também?

Manoel disse-lhe que não, até porque retirara os óculos, mas sendo assim, que Maria de Fátima não perdesse tempo; encontrar uma vaga em Lisboa era tarefa ingrata, quase impossível naqueles dias de crédito fácil, a perder de vista; dias em que a classe média se endividava com o dinheiro da Comunidade Européia. Dinheiro, aliás, que entrava a rodo, como benesse do céu, mas que não era de graça.

-- A estúpida classe média o que fizera com ele? perguntou Manoel, retoricamente. Comprara os carros que tu vês, mas que ao final das contas não podia pagar. Fizera-o por luxo, por estupidez, por desfastio, para exibi-los aos amigos, aos vizinhos; no Algarve, ou onde mais lhe

apetecesse; endividava-se também em financiamentos de aparelhos eletrônicos dispendiosos; entrava enfim, muito atrasada e já com a corda no pescoço, no século XX.

-- E o Manoel não concorda, pois não, com a atual situação, aferiu ela.

-- Claro está que só um idiota concordaria. Não sou entendido em economia, mas o povo português está perdendo postos, fechando fábricas; os pescadores estão já de braços cruzados, passando fome, porque temos de comer o pescado espanhol; a tirania da Comunidade Européia nos obriga a entregar nosso mercado de consumo a quem tem menos competência, mas está sob a proteção da Comunidade. Portugal é a válvula de escape do excedente de comércio dos países acima, que são todos. Os holandeses, tu sabes, vendem o excedente de batatas aos espanhóis, que por sua vez obrigam, segundo a política de cotas de produção e exportação da Comunidade, os portugueses a comprar-lhes as batatas. Esses últimos, que somos nós, não temos a quem vender o que produzimos; nossas batatas, que são, é bom que se diga, melhores que as deles, e nossas frutas, caso idêntico, são então atiradas ao Atlântico, que é nosso vizinho europeu mais abaixo.

Manoel engoliu a saliva e em seguida desfechou com arrebatamento, enquanto Maria de Fátima não sabia que expressão ostentar em seu belo rosto, se de sarcasmo ou afronta:

-- Esse dinheiro que vem de lá é o dinheiro mais caro do mundo, Maria de Fátima. Tu logo verás! E incontinenti enfiou os óculos, talvez para vislumbrar melhor a catástrofe que prenunciava.

A jovem estudante de medicina saboreou surpresa, aos

bocados, o discurso do companheiro; fez seus cálculos, tirou suas próprias conclusões e respirou fundo, finalmente encontrando uma apropriada expressão desoladora. O que Manoel acabara de dizer coincidia, em essência, refletiu ela, com o que Seu Alípio, seu pai, também pensava. Por acaso, essa era uma das raras questões em que pai e filha se punham de acordo.

-- Ficamos bem aqui, não? perguntou Maria de Fátima, logo que terminou de estacionar seu carro na vaga.

Manoel concordou. Ambos saltaram do carro e foram caminhando sem pressa, como se fossem turistas, pela Rua da Rosa. A chuva cessara de cair em Lisboa.

Posto que tivessem estacionado relativamente próximos da Pedro V, Maria de Fátima e Manoel tinham à frente todo um percurso em acentuado declive, com calçadas de pedriscos, escorregadios e irregulares, como ocorria, aliás em quase toda a cidade. Por essa razão, avançavam sem pressa, investigando criteriosamente o piso à frente. Manoel temia que Maria de Fátima escorregasse, machucando-se e estragando sua bela roupa; Maria de Fátima temia que a má visão do amigo lhe pregasse uma peça. De qualquer modo, avançavam, segurando-se um ao outro.

De raro em raro, erguiam os olhos, como se procurassem referências geográficas. Nessas ocasiões, podiam vislumbrar parte da rua, circundada por um comboio de luzes de intensidade diversa, quer proveniente das casas à margem, quer da iluminação pública. Esse par de réstias de luz, uma em cada lado da calçada, desaparecia ladeira abaixo, como que afundando no negrume, e se confundia com a negra faixa de água do Tejo, mais pressentido que entrevisto àquela hora. Tinha-se pois a impressão (sobretudo Maria de

Fátima, que estivera ausente de Lisboa, e que por isso mais facilmente se deixava enredar pelas armadilhas da velha cidade) de que a Rua da Rosa afundava no Tejo, ou o atravessava para os lados de Almada, por um túnel sob o leito do rio; impressão corriqueira em Lisboa, cidade empoleirada, com dezenas de ruas desabando ávidas na direção do rio, como se tivessem pressa de desfazer-se de sua carga heterogênea. Nem por isso, contudo, essa impressão era menos desconfortante. Bem ao contrário, parecia até que as pessoas evitavam falar dela, por um temor generalizado e compartilhado em silêncio por todos os habitantes. O plano inclinado das ruas que apontam para o Tejo, e Maria de Fátima com súbita intranqüilidade de algum modo pressentira, sem ter, contudo, consciência disso, era um aviso e simultaneamente uma forma de representação em três dimensões da sombra próxima, sempre próxima, do terremoto. A própria topografia da cidade, sinuosa, oblíqua, inclinada, derramando-se sobre o rio, não deixava de ser uma metáfora da catástofre. Como estar tranqüilo em Lisboa, quando tudo, ou quase tudo, parece querer desabar sobre o Tejo; quando tudo parecia condenado ao triste final?

A certa altura do trajeto, Maria de Fátima, amparando-se em um assunto que ficara para trás, virou-se para Manoel e disse, como quem pronuncia qualquer coisa que lhe vem primeiro à mente, no intuito de desalojar um pensamento grave:

-- Não sabia que além de dar teus chutos à bola, tu te interessavas por economia e política.

Ele, que se pusera nos últimos instantes, também inconscientemente, a sonhar com sua viagem, foi obrigado a estancar o ferry-boat em plena travessia entre o porto do

Havre e Rosslare e desembarcar na Rua da Rosa, onde após certa natural hesitação, respondeu:

-- Justamente pelo fato de não mais dar meus chutos, como tu disseste, foi que acabei me interessando por outras coisas.

Para Maria de Fátima, as palavras de Manoel, naquele momento, pareciam ter o condão de afastar seus súbitos receios. Estreitando o braço do companheiro, ela o estimulou a continuar a falar, talvez mesmo para não ter de experimentar a sensação, naquele momento sem conexão com a realidade dos fatos, de que o chão de Lisboa acusava uma diminuta vibração intermitente, anunciadora de outra, muitas vezes maior.

-- Tu queres saber a verdade? perguntou ele, meu interesse por economia não tem qualquer relação com o fato de haver abandonado o futebol. Acho mesmo que sempre, desde que me pagaram o primeiro salário, interessei-me por essas questões.

-- E quando foi? insistiu ela, atabalhoadamente, para fazer com que Manoel continuasse a falar.

-- Quando foi o quê? Não compreendi, disse ele.

-- Queria saber quando tu começaste a trabalhar. Quando tu recebeste o primeiro salário.

Manoel não se fez de rogado, mas antes indagou brandamente por que Maria de Fátima sempre fazia tantas perguntas a cada vez que o aparteava. Ela explicou-lhe que ele não era a primeira pessoa que reparava nisso; não sabia, contudo, o que a fazia desorientar seus interlocutores, talvez fosse sua natural ansiedade. Ele retrucou então que não se sentia de modo algum desorientado com aquilo, e que até achava um tanto divertida a forma como ela alinhava as

perguntas, erguendo as sobrancelhas e abrindo bem os olhos verdes, para dar ênfase às perguntas. Ela replicara que Manoel era muito observador, com o que ele também concordava, modestamente, passando em seguida a satisfazer a curiosidade da estudante.

-- Meu primeiro patrão foi justamente meu pai. Eu tinha 11 anos e por castigo fui obrigado a aprender o ofício de padeiro. Esqueci-me de dizer-te que houve uma época em que fazíamos o próprio pão do restaurante. Depois, essa tarefa ficou estafante demais para todos e o forno foi vendido. Mas as marcas deixadas no azulejo estão ainda lá, ao fundo da cozinha. Mostrar-te-ei um dia.

-- E tu foste castigado por quê?

-- Por haver dito a verdade, respondeu ele.

-- Como assim? perguntou Maria de Fátima, erguendo a gola do casaco para se proteger do vento, ou talvez dos olhares das rameiras que fazem ponto às portas das casas e night-clubs da Rua da Rosa e imediações.

-- É que me sentira mal no liceu, tinha a testa a arder, de forma que chamaram minha mãe para me buscar. Quando ela lá chegou, a febre já havia arrefecido; sentia-me quase bem. À noite, meu pai castigou-me, por estar convencido de que eu mentira no liceu, inventando tudo para faltar aos estudos.

-- E teu primeiro salário?

-- Foi justamente como aprendiz de padeiro. E foi uma paga miserável.

-- Explorava-te teu pai, pobre Manoel! disse Maria de Fátima com gozadora afetação.

-- Nem tanto, nem tanto. Ele queria dar-me lições de vida, mas às vezes, muitas vezes, equivocava-se.

-- E hoje? Tu sabes fazer pães, ainda?

-- Nunca os fiz bem, porque sempre os fiz com má vontade, por obrigação. Mas é possível que ainda hoje soubesse preparar a massa. Contudo é mais seguro comprar as buchas ao padeiro profissional. E mais econômico, também.

Chegaram finalmente à porta do restaurante. Velas acesas aqui e ali projetavam seu brilho instável na vidraça, por onde Manoel a custo descobria sombras de casais, alguns garçons e, mais ao fundo, apenas os círios, como se brilhassem solitariamente sobre as mesas vazias, dando a impressão de que o restaurante estava quase vazio. Mas não era verdade. A escuridão, mais intensa ao fundo, escondia as figuras humanas, esbatia os contornos, diluía os perfis, mas os comensais lá estavam, sentados uns defronte dos outros, discretamente, quase escondidos; e os candelabros iluminados ao centro das mesas interceptavam mãos e olhares, mesmo que não fossem de um homem e de uma mulher. Suas chamas bruxuleavam com o pronunciamento de uma palavra mais imperiosa e direta ou quebrantada pelo frescor de um hors d'oeuvre, ou de um prato fumegante.

Manoel, que se inclinara, aproximando o rosto da vidraça, empertigou-se, segurando o braço de Maria de Fátima quando um homem, com uma camisa de mangas estufadas e uma tira de cetim verde na cintura, veio recebê-los à porta, executando ininterruptamente, como um mímico, exagerados ademanes.

Maria de Fátima e Manoel foram conduzidos até um pequeno vestíbulo lateral, onde deixaram seus casacos. Em seguida surgiu outro funcionário, talvez mais graduado que o primeiro, mas vestido do mesmo modo, que os encaminhou através do interior do restaurante.

-- Uma cave, que interessante! exclamou Maria de Fátima, quando começaram a descer os degraus que levavam à primeira das exíguas salas de refeições, sob uma das abóbadas do edifício subterrâneo.

O garçom os acomodou junto a uma mesa de canto, próxima a um console, sobre o qual se encontrava um velho gramofone. No aparelho, havia um disco que, pelo estado, deveria estar ali há anos, à espera de que alguém girasse a manivela da máquina e deixasse tocar a música que estava guardada em suas ranhuras. No entanto, não havia qualquer coisa naquele local que lembrasse música; apenas se ouviam vozes em diversas gradações e tonalidades, resvalando nos arcos e ogivas e se precipitando sobre as toalhas -- amarelas, algumas, cinzas, outras -- das mesas.

Maria de Fátima interessou-se vivamente pelo gramofone, que se encontrava justamente às costas de Manoel; chegando a sugerir que o disco empoeirado seria o de um fado, um fado muito antigo, já esquecido, doído e desconsolado, como o rosto, lavrado pela vida, de uma lavadeira alentejana.

-- Sim, um fado que não fez sucesso algum, que não ganhou fama ou notoriedade, mas muito bonito. Tu gostas de fado?

Manoel não teve tempo de responder, porque um garçom muito decidido enfiou entre eles dois imensos cardápios e sem perder tempo desfiou uma dezena de sugestões de primeira ordem. Os dois se entreolharam, ambos como que reconhecendo que não se haviam concentrado muito no que o rapaz dissera, mas não ganharam moratória.

-- O que vai ser? indagou logo o garçom, sem qualquer relutância, franzindo o cenho, picando, em seguida, com a ponta do lápis o meio da língua, como se esse gesto afiasse

mais sua escrita. Com a outra mão, segurava com um fervor quase litúrgico o bloco de pedidos.

Capítulo 5

A primeira pessoa que Lucien enxergou ao abrir a porta de vidro repleta de cartazes do L'X foi Mireille, cujo rosto

sardento e lionês meio que se escondia atrás de um talo de aipo. Mireille ruminava o cânulo estriado verde-claro com evidente inapetência. Não que Mireille sonhasse com algo mais requintado que um *apium graveolens* para beliscar, pois a despeito de seu rosto francamente gastronômico, e de sua origem, Mireille desafiava a matéria esbranquiçada de seu corpo vivendo de ar, eventualmente acompanhado de um legume, e de Bernard.

Mireille tem a seu lado, na mesa, Marcel, companheiro de Claudette, e à frente o próprio Bernard, que neste momento dirige toda sua atenção para o copo ouro-pálido de Château-Châlon debaixo de seu nariz.

À direita de Bernard, Claudette, indiscretamente perplexa com a chegada de Linda, a quem denominaria, se articulasse o verbo com menos timidez, de carnuda namoradinha de Lucien, e a quem por seu turno Claudette jamais fora apresentada antes, mas de cujo currículo social a partner de Marcel ouvira falar.

Jacques cumprimenta Lucien à entrada, beija paternalmente o rosto de Corinne e oscula a mão de Linda, dirigindo-a para o lugar que havia reservado, e que justamente se situava em frente ao seu, hélas!

Corinne acomoda-se à direita de Jacques, em frente a Janinne. Lucien ladeia Linda e a anfitriã. Menos mal, pensa ele, tocando com a palma da mão o joelho de Linda.

À direita da irmã de Lucien, está sentado Marcel, de quem Lucien ouvira falar e que se levanta atabalhoadamente para cumprimentar os retardatários, esticando seu braço com uma poderosa manopla por cima das cabeças dos comensais.

Marcel possui uma vinha às margens do Vienne, onde sua família desenvolveu com competência a cepagem Chinon e

mais recentemente a Ligré. Pouco entusiasmado com o negócio que herdou há pouco, Marcel pensa em deixar tudo nas mãos de um administrador e correr o mundo, como gosta de dizer logo que sente alguma receptividade e simpatia em seu interlocutor.

Para desgosto de Jacques, Marcel bebe um scotch, que enfia apressadamente goela adentro, enquanto seu coração palpita descompassado na ponta de um garfinho que acabara de fisgar uma porção de cervelas.

Claudette, ubérrima companheira do herdeiro das vinhas de Monsieur Fournier, conheceu Marcel quando era a adolescente de seios mais generosos que Azay-le-Rideau tivera notícia. Marcel, imediatamente após travar conhecimento com ela, decidiu privatizar os dotes leiteiros de Mademoiselle Claudette Roche, arrebatando-a escandalosamente das mãos e bolsos protetores e camponeses de sua família.

Nessa noite, Claudete brinda a pequena platéia dos convivas de Jacques e Janinne com um espartilho e short Gaultier de phyton, botas baixas de couro de cobra e lábios esverdeados. Ela mordisca uma fatia de pain Poilâne da du Cherche Midi, barrada com um foie gras, fabricado por Janinne para uso exclusivamente familiar, o que não deixava de ser um pequeno privilégio, visto que o acepipe era mais comentado que visto sobre a mesa.

Enquanto Claudette mastiga como um coelho, cuidando para que o esverdado de seus lábios se mantenha infenso às migalhas do pão, o que não é tarefa fácil -- e concomitantemente preocupada com a possibilidade de manchar o esmalte de seus aguçados dentes frontais com a comida, seus seios chacoalham, sobem e descem, enfunam-

se e arqueiam, trabalhando às vezes alternadamente, às vezes simulta- neamente.

Jacques, ocupado com Linda, perde significativos momentos propiciados pela camponesa e só se dá conta do pequeno espetáculo quando se inclina para o lado de Claudette para passar a Bernard uma nova garrafa de Château-Châlon.

-- Sirva Mireille, diz Jacques, provocando Bernard.

-- Não, obrigada, apressa-se Mireille em responder, um pouco ruborizada.

Marcel se diverte, ao perceber que Jacques perdeu por um curto instante o fôlego ao enfrentar o panorama oferecido pela vizinha de assento.

Corinne, informada sobre o rodovalho que Janinne irá servir nesta noite, conta-lhe que havia comido há dias um turbot com molho framboesa ao qual faltava um qualquer toque especial.

-- O turbot de hoje será acompanhado de sauce Marguery. Espero que gostem, diz Janinne modestamente.

-- Posso imaginar, responde Corinne, sorvendo um gole de vinho e lavando da mente o sabor adocicado e enjoativo do *outro* turbot.

Claudette explica a Mireille que vira na televisão uma reportagem com jovens costureiros do mundo inteiro que a deixara muito impressionada.

-- Havia costureiros da Finlândia, da Nova Zelândia, de Portugal e até da Rússia, não é incrível?

-- Como quem, por exemplo, pergunta Mireille, apenas procurando ser amável.

-- Ora, não me lembro mais. Havia um Best, americano, uma Lopes, de Portugal, o nome da russa eu não guardei.

Mas havia uma Claire, uma Tita e um Stefano. Esse eu acho que era da Itália.

Desrespeitando o aviso *fermé*, estampado em um pequeno quadro de acrílico com uma corrrente dourada, pendurado no centro da porta de vidro por intermédio de um fixador de borracha, um freguês enfia o nariz dentro do restaurante, e logo atrás dele, um pouco abaixo, surge o rosto de uma jovem de cabelos encaracolados, com longos brincos de madeira.

-- C'est fermé pendant toute la soirée. Excusez-nous, diz Janinne, de pronto.

Corinne não deixa a oportunidade passar.

-- Muito profissional, de fato.

Janinne sorri e as duas cabeças desaparecem atrás da porta, que se fecha logo a seguir, de modo tão automático que Lucien não poderia deixar de pensar em um imenso e macabro relógio-cuco, encerrando as duas figuras prisioneiras.

Seu pensamento é interrompido pela voz estridente de Bernard que estruge na outra ponta da mesa.

-- Ah! o cinema francês. Não me venham perguntar coisa alguma sobre o cinema francês durante o jantar. Se nossa equipe não estivesse envolvida com a produção de documentários e reportagens para a televisão sobre a miséria do mundo, já teríamos fechado as portas.

-- O que há de errado com a televisão? pergunta Marcel sem convicção.

Bernard ajeita seus quadris de toureiro sobre a cadeira, segura com três dedos a haste de sua taça de vinho e faz o copo deslizar na direção do centro da mesa, abandonando-o e inclinando o corpo para trás.

-- Tudo está errado com o cinema francês. Pouco me importa o que a televisão faz ou deixa de fazer. Estou preocupado com as perspectivas a longo prazo do cinema francês. Com a atualização dos quadros profissionais, com novas idéias e roteiros, com a atualização tecnológica do cinema em bases realistas, com a capacidade técnica dos realizadores, com a resistência financeira do cinema. A televisão é outra coisa. Não digo que não deva merecer seu lugar. Mas não vivo para a televisão. Vivo e respiro cinema. C'est tout! Merde.

Jacques deixa a mesa e caminha até o balcão, sobre o qual algumas garrafas de Meursault descansam sobre uma tina de madeira com gelo e água. Jacqques ergue lentamente uma das garrafas, depositando-a sobre um pano estendido sobre o balcão. A seguir, envolve a garrafa com uma toalha, de modo que o tecido absorva a água que escorre pela superfície do vidro. Coloca a garrafa sobre o tampo do balcão, fora do quadrilátero de pano e retira o saca-rolhas do bolso do avental.

Ao ouvir o ruído da rolha livrando-se do gargalo da garrafa, Janinne se ergue da mesa.

-- O rodovalho sairá em alguns minutos.

-Eu adoro o Turbot, diz Claudette. E seu peito semi-encoberto se agita sob o phyton como se estivesse sendo estreitado firmemente por uma cobra.

Bernard continua empolgado com o mesmo assunto, embora Marcel já se tenha arrependido de o haver interpelado.

-- Temos também que viver, merde! Temos que continuar recebendo know-how e trocando know-how. A televisão busca a qualidade que o cinema já possui, e consegue às

vezes, e a um custo muito menor. A computação, por exemplo, está muito mais presente na televisão européia que no cinema europeu. Eu não estou falando do cinema americano, não senhores, pois aí a coisa é outra. E o nouveau cinéma nos ensinou que tecnologia era coisa de americanos, que tinham dinheiro e pouca cabeça. E que os cineastas franceses tinham que se ocupar da arte, e fazer arte no cinema era transformar uma foto de arte em movimento, som e surpresa estética, mas com pouco dinheiro e muita imaginação.

-- Então as coisas não são estanques, diz Marcel, que entendeu o princípio, mas não captou o fim da explicação de Bernard.

Sem dar ouvidos ao que Marcel balbuciara, Bernard continuava no mesmo tom.

-- Era olhar atores sobre um palco de teatro através de uma fechadura.

-- Que pecaminoso, brada Corinne, que perdera a companhia de Janinne, atarefada com o rodovalho, e se sentia pior que nunca, depois que bebera de estômago vazio três taças de vinho branco, que somadas ao scotch da casa de Lucien deixara-a em situação de lamentável desamparo topográfico.

-- Deixe-o concluir, diz Lucien, que na verdade não estava minimamente interessado em presenciar a saraivada de palavras que Bernard despejava sobre o despreparado Judas à sua frente.

De fato, Lucien gostaria de poder confessar a todos o que vira naquele dia. Gostaria de falar especialmente sobre o temor que sentia quando pensava que dentro de pouco tempo abandonaria sua rotina, e que isto, ao contrário do que

poderia parecer, não lhe estava desagradando. Gostaria, ademais, de contar aos convidados de Jacques e Janinne que vira um homem ser esfaqueado nas Arènes de Lutèce e que tocara poucos minutos depois o corpo de uma mulher desfalecida, de chapéu e xale turquesa, que provavelmente *sabia* seu itinerário de viagem -- e, finalmente, que se apossou de um pequeno objeto dourado que a tal mulher deixara cair de sua mão quando perdeu os sentidos.

-- Você quer dizer que cinema é teatro filmado? diz Marcel, buscando uma rota de conciliação.

-- De maneira alguma! O cinema está muito mais próximo do romance épico do que do teatro, diz Bernard. A lente da câmera executa uma função narrativa de modo idêntico a que encontramos na ficção. Em um filme, um espaço sem movimento ou som cumpre uma função narrativa. No teatro, um cenário vazio não é nada. Não há no teatro o foco narrativo; nós vemos o que queremos ver. O espectador é independente. No cinema, o espectador vê através do olho da câmera. Por esse motivo o cinema pertence inteiramente ao cineasta.. Ele é um pequeno deus com a máquina na mão.

-- Para mim, não há diferença, diz Marcel, olhando para os lados em busca de um apoio que não veio.

Linda, sentada à sua esquerda, olha inexpressivamente para a garrafa de Château-Châlon vazia, sob o queixo de Bernard. Seus joelhos tocam a perna de Lucien.

Ninguém se manifesta, pois todos preferem acompanhar à distância a derrocada do mais forte. É a lei natural. Todavia, imprudentemente, Marcel insiste, para gáudio de Bernard que esfrega as mãos de júbilo quando percebe que Marcel não depôs as armas.

-- E o que me diz dos atores? Vai me dizer que são

diferentes entre si, os que fazem teatro dos que fazem cinema? Para seu governo, acrescenta Marcel, a única diferença entre eles é que os do cinema ganham mais do que os outros.

Alguns risinhos são ouvidos, de autoria de Claudette e Linda. Corinne não está de modo algum ouvindo, vendo ou sentindo o que se passa na mesa.

Jacques auxilia Janine com o turbot. Bernard enrodilha a presa em seu próprio discurso:

-- Os atores não estão em julgamento. Nossa relação como espectadores é que é diferente. Quando assistimos a um filme, vemos o que a câmera quer que vejamos. Quando estamos no teatro, temos a liberdade de decidir se vamos dirigir nossa atenção para o canto mais iluminado do palco, para o rosto do ator ou simplesmente vagar pelo cenário enquanto os diálogos são pronunciados. Somos, no teatro, enquanto espectadores, um pouco a câmera, pois estão nas mãos dos espectadores do drama alguns apetrechos típicos da função narrativa. Somos uma câmera tosca, é verdade.

Suspendeu sua exposição por alguns instantes e ficou desconsolado quando percebeu que a garrafa de vinho estava vazia. Não obstante, retomou:

-- Os personagens teatrais são seus modos de estar, seus gestos e suas falas. Sem falas, no entanto, carecem de expressividade no mais das vezes. Sabe por quê? Porque nosso olhar não tem o aparato de foco e luz que a câmera do cineasta tem; nem sua capacidade analítico-descritiva. Olhamos espontaneamente, enquanto a câmera olha de modo estudado, planejado nos mínimos detalhes. Entendeu o perigo de se fazer teatro sem ação?

-- Mas os atores são iguais, insiste Marcel

inapelavelmente perdido e atolado em dúvidas. Por cortesia, Bernard se recorda de que também é um dos anfitriões, e resolve não responder.

-- Alguém quer fumar? pergunta Marcel, percebendo o rostinho de Claudette em fogo, como um astro declinante entre dois montes gêmeos.

Marcel retira do bolso externo do paletó o maço de Philip Morris e do bolso interno, o isqueiro, oferecendo-o a Bernard. Claudette suspira.

Bernard apanha o maço de cigarros e o isqueiro, desvia os olhos de Marcel e se volta para Mireille, que boceja, absorta, com seus neurônios, todos eles cultivados sob uma férrea bandeira de saúde, também sonolentos e entorpecidos.

-- Está com fome? pergunta-lhe Bernard, à falta de outra indagação mais apropriada para fazer à esposa inapetente.

-- E a televisão? lembra Claudette, desenterrando o mote da discussão e recobrando a cor enquanto realicerçava novamente a craveira acima do delicioso par de acidentes geográficos de seu peito.

Essa última pergunta, atirada de qualquer jeito sobre o pano xadrez da mesa, não causou a mais leve comoção. Nenhum dos presentes de imediato demonstrou haver registrado a passagem da pequena seta envenenada que fora atirada por Claudette. Apenas Mireille soltou um suspiro, naturalmente de protesto, posto que o costume de argumentar não lhe parecia de modo algum saudável para a pele do rosto.

Com um certo retardamento, decorrente de uma absoluta falta de espírito, Marcel por fim se dá conta da deixa que Claudette lhe oferecia.

-- Sim, e a televisão? indaga ele frouxamente, buscando

uma saída honrosa, estimulado pelo fato de nesse instante Bernard concentrar sua atenção no mecanismo acendedor do isqueiro americano.

Apesar disso, Bernard avança para definir a porfia:

-- Paga meu aluguel, responde, após a primeira e longa baforada no cigarro, olhando diretamente para sua mulher e fazendo desabar a linha dos ombros do adversário.

O cinema e a televisão, ao menos como assunto, estavam enterrados, sem remissão.

-- Et voilà, le turbot sauce Marguery.

Janinne deposita uma generosa travessa de cobre sobre o centro da mesa, em frente a Linda e se volta para Jacques, que se agita sobre o balcão, enchendo pequenas cestas de vime com fatias de pão.

-- Jacques: les boissons, s'il te plaît.

-- Não há nada como um cricket, diz Bernard, reabrindo com uma espécie de repulsa a tampa do isqueiro de Marcel e fechando-a em seguida, extraindo do artefato um som cavo de metal triscado. Ato contínuo, Bernard devolve com sua habitual e displicente deselegância o objeto a Marcel, que o recolhe apressadamente como se corresse o risco de Bernard mudar de idéia e atirá-lo ao mar.

-- E então? insiste Bernard, interpelando novamente a esposa. Tem fome, ou não?

-- Sim, estou morta de fome. E de sede, asseverou ela, explorando seu modesto estoque de ironia. Acho que vou me embebedar com Corinne, acrescentou, quase sussurrando.

Janinne finalmente volta a se sentar, ao lado de Lucien. Os turbots escoltados por frutos do mar e camarões têm um aroma encantatório. Jacques coloca dois castiçais sobre a mesa e apaga as luzes do restaurante.

A mudança súbita na luminosidade da sala de certo modo enche de pompa o ambiente. Corinne reabre os olhos que mantinha semicerrados e se empertiga na cadeira para melhor participar do ritual.

Um ruído de rolha arrancada do gargalo faz Bernard regozijar-se, emitindo um audível gemido de prazer.

O espocar da bebida provoca diferentes reações em cada um dos demais presentes. Claudette, por exemplo, bate os cílios com vigor, enquanto os mamilos dos seus seios espevitam o tecido réptil da blusa decotada. Linda cruza os dedos, deslizando os cotovelos sobre o tampo da mesa, como se esperasse alguma surpresa. Lucien examina com atenção cada movimento de Jacques com a garrafa, e a sombra do velho restaurateur se projeta do outro lado da sala.

Jacques serve uma rodada de Meursault e sorri para Lucien, que por seu turno recorda agora que certa vez Jacques falara de um viticultor seu amigo, nas encostas ao longo do Vienne. Esse homem era o pai daquele sujeito corpulento e de bigodes que discutira com Bernard. Isso explicava em parte a presença um tanto esdrúxula de Marcel Fournier e de sua cleopátrica companheira. De fato, Jacques era um homem brioso e um conservador no que dizia respeito a amizades. Em nome de sua relação com o velho Fournier, e que se estendeu por longos anos até sua morte, o anfitrião corria o risco de propiciar a seus convidados habituais uma noite enfadonha, na qual a obrigatória e suportável companhia de Mireille não era o único senão.

Lucien corresponde ao sorriso de Jacques, enquanto Janinne serve com rapidez e eficiência os pratos.

Do lado de fora do L'X, os raros passantes retardam o passo na calçada defronte do bistrô, vendo a custo, por entre

as dezenas de cartazes colados na vidraria do estabelecimento, uns rostos abrasados de comensais, entre vapores de comida.

-- Façamos um brinde, diz Jacques solenemente. E todos acompanham o gesto do anfitrião erguendo o braço, empunhando a taça como um troféu de guerra.

Corinne tem os olhos vermelhos e o rosto um pouco inchado. Um súbito desejo de chorar e de abraçar o irmão toma conta dela. À sua frente, a porcelana branca com um delicado cordão vermelho-escuro. No centro do prato a lâmina de peixe, que parece escorregar lentamente como se preparasse um certeiro bote contra o vestido de organza amarelo de Corinne.

Ela tenta agora lobrigar através da semi-escuridão do bistrô e decifrar os quadros com desenhos e charges de Bernard, que cobrem parcialmente a parede do fundo, em emulação com as testadas gravadas das caixas de vinho, fixadas umas ao lado das outras, desde o alto da parede até a altura do encosto vermelho dos bancos.

Cartazes e mais testadas com famosos nomes se espalham na outra parede, sobre a cave. Corinne tange com seu ombro o ombro de Jacques e tem um leve sobressalto. Jacques toca de leve em seu pulso.

-- Quer um pouco de água, poulette?

-- Corinne vira lentamente o rosto e esboça um sorriso.

-- Non, merci.

-- O que há com o peixinho em seu prato? diz Jacques, vendo que Corinne não parece ter forças para enfrentar o rodovalho de Janinne. Não gostou?

-- Magnifique, superbe, mais il bouge beaucoup, diz Corinne, deliciosamente embriagada.

-- Et toi? diz Jacques, examinando Linda com olhos bem pouco paternais. Apreciando o vinho?

-- O vinho e o turbot, diz Linda, com um recato que se desmancha em um movimento labial e em um erguer de sobrancelhas no mínimo malicioso.

Jacques aprecia o estilo de Linda. Mulher e no entanto com feitios de menina.

-- Eu apaguei as luzes para fazer sua estrela brilhar mais à vontade. Você fica espantosa nesse traje cintilante. Parece o mar no pôr do sol.

-- Gosta de nadar? pergunta Linda, estreitando o braço de Lucien e olhando fixamente para o velho e feliz Jacques.

Lucien não prestara atenção à conversa entre Linda e Jacques, embora os olhos do anfitrião, atrás das meias lentes, dissessem praticamente tudo o que Lucien precisaria saber.

-- Você está provocando o vieux Jacques; mon frère Jacques?

Linda enfia o nariz no pescoço de Lucien.

-- Jacques me fez um galanteio com as palavras e outro com o olhar. Gostei mais do último. Mas também gostei muito do que ele disse.

-- E o que ele disse? perguntou Lucien.

-- Que eu cintilava como um mar no pôr do sol, respondeu Linda abaixando o queixo.

-- É claro que eu gosto de nadar, alinhavou Lucien. Mesmo em noites chuvosas como as de hoje.

-- C'est tout perdu, protesta Jacques, que ouvira o que Linda e Lucien conversaram.

Jacques enche o copo de Linda com o Meursault, depois serve Lucien. Finalmente preenche sua taça até a metade, deixando o cálice sobre a toalha e retirando os óculos para

limpá-lo com um pequeno pedaço de flanela que retirou do bolso da camisa.

Corinne resolve enfrentar o assado. Fixa sua atenção no que seu cérebro designa como a focinheira do peixe. O rodovalho parece-lhe ter sido passado a ferro. Com seus dois olhos no mesmo lado da cabeça ressequida, o peixe parece realçar o estado de embriaguez de Corinne. Ela sente uma leve tontura ao tentar focalizar o par de azeitonas negras grudadas às cavidades oculares do rodovalho.

Enquanto Corinne avança seu garfo timidamente contra a barriga branca do pequeno exemplar sobre seu prato, o anfitrião Jacques organiza o restante do jantar, inspecionando os vinhos e queijos que reservara logo após a saída de Lucien na tarde daquele dia.

Para acompanhar o Livarot, o Soumaintrain, o Brie de Melun e o Tommes, Jacques separou um Pommard 1949, Bourgogne de sua estima. Para o Olivet, o Valençay, o St. Maure e o Chevrotin, Jacques ficou entre duas garrafas: a primeira, um Lavardin e a segunda, um Cour Cheverny. Ambos os vinhos eram jovens, comprados por ele próprio. O Lavardin em uma adega em Amboise, o outro diretamente da cuvée em Cour Cheverny.

Resolve por fim abrir as duas garrafas e ainda um Muscat.

Enquanto Jacques cuidava dos queijos, Janinne apressava-se em dar andamento à sua invenção: beignets Antonin Carème, feitos com mirtilos, cerejas, ameixas e framboesas ao Grand Marnier e licor de menta. Este último ingrediente dava à sobremesa de Janinne uma surpreendente leveza digestiva.

Durante a sobremesa de Janinne, Jacques ofereceria ainda outra garrafa de Muscat e por fim uma de Cremant St.

Urbain Brut, que não era do agrado de Bernard, mas que satisfazia o gosto de Janinne, cujas raízes alsacianas ela sempre valorizou. Cognac e café arrematariam o jantar.

Bernard torna-se agitado e mais disponível, e deixa seu lugar para prestar auxílio aos pais. Com esse intuito, aproxima-se de Corinne e faz menção de retirar seu prato.

-- Temos doces e uns fantásticos beignets que poderiam ter sido feitos pelo legendário Antonin Carème, mas que foram criados por mamãe Janinne.

-- Não, obrigada, responde Corinne, que ainda estava hipnotizada pelas escuras azeitonas fixadas às cavidades oculares do rodovalho.

Lucien está decidido a contar a Linda o episódio dessa tarde, e a lhe mostrar o camafeu irlandês. Segura canhestramente com as duas mãos o copo de bourgogne e busca adivinhar a reação de Linda quando lhe contar o surpreendente episódio que se deu nas Arènes de Lutèce.

-- Um Tommes, um Brie? indaga Jacques a Lucien.

-- Sim, uma fatia de Tommes e uma de Brie. Vou experimentar também o Soumaintrain.

-- O Livarot, não? pergunta mais uma vez Jacques, se aproximando de Lucien. O restaurateur aproxima o plateau de queijos de Lucien.

-- Vai recusar o perfume deste pedaço?

-- Estou reservando espaço para o Chevrotin que vejo daqui. E para os beignets que Janinne está preparando na cozinha.

-- Quem lhe disse que temos beignets? pergunta Jacques.

-- Seu filho acaba de arrancar o véu da cozinha, diz Lucien.

-- Ah! então é assim?

Jacques se afasta de Lucien e caminha até a ponta da mesa, onde Mireille dormita.

-- Posso lhe oferecer um queijo. Veja que belo plateau, diz Jacques, tentanto persuadi-la a entrar na confraria familiar pelo lado certo.

A luz das velas no rosto do anfitrião e o vinho ingerido dão-lhe um ar apalhaçado, lautrequiano, mas que não lhe rouba a simpatia e a confiança que Jacques inspira na maioria das pessoas que cruzam seu caminho. A própria Mireille se sente por vezes ligeiramente enfeitiçada pelo sogro.

Mireille subitamente arregala os olhos.

-- Que queijo é aquele com algo em volta que se parece a bagas amassadas de uvas? pergunta Mireille, mostrando um interesse nada usual.

-- Tommes, cherry. Feitos na Savoie especialmente para mim, responde Jacques. Mas o Livarot está muito melhor. Prove um pedacinho. Sirva-se de mais pão.

-- Tive um dia absurdamente estranho, diz Lucien, colocando o cotovelo esquerdo sobre a mesa e girando o corpo para sua direita.

-- O que aconteceu? pergunta Linda, sorvendo um gole minúsculo de Bourgogne e enfiando aponta da faca em um Brie de Melun.

-- Quase fui preso por homicídio nas Arènes de Lutèce, diz Lucien nos ouvidos da 'menina de Rabat', que é como Abdail a chama uma ou outra vez.

Sem acreditar em uma só palavra, Linda indaga:

-- Quem foi que você matou?

-- Não é uma piada. Estou falando a sério, diz Lucien. Conversaremos mais tarde. Se você tiver interesse.

-- Mais tarde, então, diz Linda, com uma ponta de angústia.

Mireille acaba cedendo à persuasão de Jacques e experimenta agora o Tommes, após haver assediado timidamente a iguaria como se esta estivesse prestes a contra-atacar com arma mais poderosa.

A mulher de Bernard quebra a casca de uma fatia de pão e sobre ela instala um naco de queijo, que imediatamente se parte em dois e a banda oriental acaba caindo novamente no prato. Mireille alça o tridente de sobremesa e investe aflitivamente contra a parte gastronômica evasiva, fazendo-a voltar à casca frágil e insegura do pão.

Desta vez é o pão que resiste, rompendo-se em dois pedaços alados, um dos quais vindo a cair sobre a perna direita de Marcel, escondida sob uma calça de alpaca penugenta e imprópria para a estação.

Quando Marcel se dá conta, já o pão emborcara sobre sua coxa, liberando a carga perfumada do bocado de Tommes. Marcel faz desabar sua mão direita sobre a pasta com bagos escuros de uva e a recolhe como pode, largando-a sobre o cinzeiro onde fumegava um toco de Philip Morris com uma marca de batom avermelhada na piteira.

-- Oh! sinto muito, diz Mireille, com um guardanapo entre os dedos pronto para agir sobre a calça de Marcel.

Ao ver o estrago em sua roupa, Marcel enrubesce e um surdo furor sobe pelo seu esôfago e esbate em suas têmporas, onde duas grossas veias azuladas se encarniçavam, comprimidas entre a pouca carne e o osso occipital. Ao mesmo tempo, o zigoma parece ceder sob a face, e as bochechas de Marcel, mais afundadas que de hábito, ganham uma palidez boêmia.

Jacques vem em socorro da calça de Marcel, trazendo um pano úmido. Marcel balbucia qualquer coisa ininteligível, em sinal de agradecimento, e acomete com vigor a mancha esbranquiçada, com frisos acinzentados, da calça.

Lucien que permutava olhares magnéticos com Linda, ao mesmo tempo que degustava o Muscat que Jacques oferecera, considera a oportunidade excelente para um chiste.

-- Quero todos comendo com as mãos sobre a mesa. E nada de levar comida para casa.

-- Acho que a mancha desapareceu, diz Jacques postado imediatamente atrás de Marcel, examinando clinicamente, por cima dos ombros do convidado, a batalha do filho do vinhateiro com sua calça de lã.

-- Sim, parece que sim, concorda Mireille, ainda com o guardanapo em riste.

-- Afinal, você gostou ou não do Tommes? indaga Jacques. Eu bem que havia sugerido o Livarot, acrescenta com humor.

Mireille faz um movimento afirmativo de cabeça, esperando que Jacques compreenda que não se arrependera de tentar o Tommes.

-- Então prove agora o segundo plateau. São queijos do centro do país, à base de leite de cabra. Experimente, insiste Jacques, ao menos uma fatia do Olivet ou do Valençay, com um copo de Lavardin ou de Cour Cheverny. São feitos um para o outro.

-- Meu estômago é pequeno, responde Mireille.

-- Vamos aumentá-lo um pouco esta noite. Mesmo porque os beignets de Janinne vêm aí e ainda não nasceu um verdadeiro francês com ousadia bastante para rejeitá-los.

-- Está bem, papá, responde Mireille, que naquela noite finalmente tomara um pouco de vinho e se sentia amorosa.

-- Estou com calor, diz Lucien a Linda.

-- Eu também.

-- Deixemos seu carro aí e sigamos a pé sob a chuva. Depois vamos para a minha casa, propõe Lucien.

-- E Corinne? temos que acompanhá-la. Além disso Abdail deve passar em meu apartamento amanhã bem cedo, respondeu ela.

-- Quer dizer que nos despedimos logo após o jantar? pergunta Lucien provocativamente.

-- Penso que sim, responde Linda, também provocativamente.

-- Abrimos de uma vez o Cremant St. Urbain Brut, instiga Bernard. Se temos que enfrentá-lo, que seja agora.

-- Ainda não, diz Jacques. E erguendo os olhos por cima dos óculos de meias-lentes acrescenta:

-- Aqui está, finalmente. A sobremesa favorita da família.

E voltando-se para o filho:

-- Bernard, troque as velas da mesa. Precisamos de mais luz aqui.

-- Já vou, papá, respondeu Bernard, pondo-se de pé com agilidade.

Bernard sobrevoa as mesas vazias do restaurante e executa mesuras afetadas para imaginários clientes:

-- Desculpe-me Monsieur, mas estamos precisando de mais velas. Se não gosta do escuro, espirre daqui.

-- Vamos, Bernard, diz Jacques. Estamos com pressa. Não queremos servir os beignets gelados, s'il te plaît.

-- J'arrive, j'arrive tout'suite, responde Bernard com dois candelabros de madeira, um em cada mão, agitando-os como

se segurasse o pescoço de duas codornas vivas.

Lucien ergue o cotovelo de modo a fazer passar por trás sua mão direita. Com ela comprime o pulso esquerdo de Linda.

-- Então, nos despedimos logo mais?

-- Não, nada disso, responde ela. Tenho uma idéia muito, muito melhor, *mon assassin*.

-- Pare com isso, diz Lucien sem grande convicção. Esta noite seus familiares em Rabat irão chorar por sua cabeça decapitada.

-- A única cabeça que corre perigo *esta* noite não é a minha, diz Linda. E não seja macabro. Ao menos não muito. Está bem?

-- Oui, respondeu Lucien, prelibando o prazer que o aguardava mais tarde.

Corinne abriu levemente os braços para receber os beignets flambados de Janinne. Uma chama azulada se ergue sobre os sonhos, torna-se alaranjada na base do fogo e esverdeada junto à borda do prato. O aroma de laranja do Grand Marnier se funde ao do licor de Menta. Corinne inala os perfumes que evolam da invenção gastronômica de Janinne.

-- Meu copo de Muscat está vazio, reclama.

-- Não quer esperar o Cremant? pergunta Jacques, sem obter resposta.

-- Vamos ao temível Cremant, insiste Bernard, emborcando sua taça de vinho Muscat.

-- Brindemos o fim do cinema e a vitória final da televisão, diz Claudette, enfiando com ironia e convicção a ponta do cotovelo esquerdo nas costelas de Bernard.

-- Protesto, responde ele.

-- Não há nada para protestar. O purismo formal é inibitório e letal para a Arte, e você é um exemplo acabado do purismo do cinema deste país, dispara Claudette, aparentemente sóbria e convicta.

-- Você não sabe do que está falando. Pois se eu mesmo disse há pouco que tinha negócios com a televisão --

-- Negócios, você falou, retruca Claudette, cassando a palavra de Bernard. E com o cinema o que é que você tinha e não tem mais? Um caso de amor? Um incesto?

Claudette ataca sem perda de tempo um beignet de cereja.

-- A televisão é uma merda, diz Corinne do outro lado da mesa, dirigindo-se a ninguém em especial.

-- Esse gênero de discussão interrompe minha atividade gastronômica, protesta Jacques, demonstrando seu habitual bom senso.

-- Os beignets estão divinos, brada Linda, erguendo a taça de vinho numa das mãos e um garfo com um beignet na ponta, na outra mão.

-- É apenas um negócio, insiste Bernard, dirigindo-se ainda a Claudette. Não há purismo algum nisso.

-- Você já disse. E esse é justamente o ponto. Se você não consegue se aliar ao mais forte e extrair dele toda a sua força, você está escrevendo sua sentença de morte, argumenta Claudette, renovando seu ataque contra Bernard e contra mais um beignets de cereja.

Ao ouvir a palavra fatal, Linda estreita seus dedos aos de Lucien. Ele afasta sua mão, demonstrando leve irritação.

-- Temos uma estrategista em casa, diz Jacques, que se surpreendeu sinceramente com a carga de cavalaria de Claudette sobre Bernard.

-- Vous continuez avec le cinéma? Je suis desolé, diz

Corinne, que de fato preferiria que todos parassem de uma vez de zumbir em seus ouvidos e fossem para suas casas.

-- Eu já estou com o mais forte: a televisão, replica Bernard. Não tenho culpa se não gosto muito da aliança.

-- Está definitivamente casado com a tevê, mas deseja o cinema. Está casado com uma mulher que é feia, mas o sustenta, e cobiça outra, que é bela, mas tem luxos que você não pode pagar.

Todos riem, exceto Corinne, que começa a ter engulhos.

-- Do que é que você está rindo? Não é verdadeiro isso que acabo de falar? A analogia é vulgar, concordo, mas muito eficiente, tanto é que todos a compreenderam, diz Claudette.

-- Alguém quer mais beignets? pergunta Janinne que já demonstra um ar fatigado.

-- Acho que vou repetir o doce, diz Marcel, considerando ousado e divertido o cerco inesperado de Claudette ao reduto de Bernard. Por um instante, Marcel pensou que Claudette, de fato, representava bem o nome da família.

-- Pode ser que não entenda nada de televisão, nem de cinema, mas entendi que cinema e literatura estão *indissoluvelmente* ligados, como você deu a entender.

Claudette joga a franja do cabelo para o lado e continua:

-- Então, basta um bom romance, de onde se extraia um bom roteiro e, logicamente, um fotógrafo e um sujeito que seja capaz de tourner le film sem gastar muito dinheiro. Não parece difícil.

-- Bernard sorve a taça de Cremant.

-- De modo simplificado, naturalmente, podemos --

-- Acho até que a produção pode economizar os direitos pagos ao editor e ao romancista. Basta que contratem um

bom escritor como roteirista, e que o incumbam de desenvolver uma idéia toda original. Basta, em suma, que o roteiro seja literário o bastante para ser cinematográfico.

-- Bravo! diz Marcel, inspirando o perfume de laranja e menta dos beignets sobre seu prato.

-- Claudette acrescenta:

-- A regra é simples: um bom roteiro literário, uma boa direção, boa foto e teremos bom cinema. Quando a matéria-prima é de primeira e se tem o que você falou: know-how.

-- É fácil, faça você mesmo um bom filme.

-- Eu não me acertaria com uma câmera nas mãos.

-- E não se esqueça de conseguir muito dinheiro, acrescenta Bernard, que se viu em desvantagem com a lógica infantil, mas persuasiva e volátil, de Claudette.

-- Dinheiro demais não significa talento demais. Ou estou enganada? pergunta retoricamente Claudette. Quando o impedimento financeiro se torna um impedimento artístico, um impedimento de realização, é porque na verdade falta talento, no caso, cinematográfico.

-- Viva o retorno do Nouveau Cinéma Français, diz Jacques.

-- O Nouveau Cinéma poderia ter ido mais longe, se tivesse mais dinheiro, observa Bernard, atirando no vazio.

-- Sim, é verdade. Poderia ter ido *mais* longe, se tivesse *ainda mais* talento cinematográfico, que é também o talento de tornar exeqüível a empresa cinematográfica.

Os pratos de sobremesa são recolhidos por Janinne e Jacques. Linda se oferece para auxiliar com as xícaras de café.

Corinne, que oscilava entre o sono e a vigília desde que colocaram defronte dela um prato de turbot, ou seja, há duas

horas atrás, agora está acordada, embora não passe nada bem do estômago.

Ela observa os modos e o traje de Claudette e escuta suas palavras. Conclui comicamente que Claudette está provisoriamente ocupando a mente de outrem. Ou, o que é igualmente cômico, que Claudette é uma mente que tomou conta de uma fútil interiorana de mau gosto, à falta de outra carcaça mais adequada e harmonizada com o espírito.

Claudette pára de falar e olha para Marcel, que brinca com seu isqueiro americano, girando-o nos dedos como um prestidigitador de cartas. Ela se enternece com isso, sem no entanto perder de vista a ameaça que pessoas como Bernard representavam para ela. Pois em seu ponto de vista, Bernard era um típico exemplar dessa espécie afetada, frustrada e superficial a que chamam parisiense. A própria cidade parecia-lhe uma grande e fatal armadilha do passado, embotando as possibilidades de cada um no presente. Debaixo dessa terrível e temida herança cultural, o francês de hoje se debate, imprimindo em tudo o que faz a marca de alguém que nasceu derrotado sob o peso e os grilhões do espírito de seus antepassados.

A máquina de café expresso despeja vapores na atmosfera; em frente dela, Janinne e Linda comandam energicamente a operação, transferindo xícaras e pires de um lado para outro.

Linda pensa que logo mais, de uma forma ou de outra, terá Lucien em seus braços, e ninguém mais ao redor. Ela vê o mundo de Lucien como o mundo dos que se alimentam do passado; mundo de velhos com longas histórias para contar. A voz e o corpo de Lucien, para ela, assemelham-se a um sax tocando na surdina, atrás de um cortinado que se agita à

passagem do vento. A constância das notas, prolongando-se em um sopro devastante de energia, até o infinito, confere maturidade a Lucien Sorel. A cortina erguida pelo vento, como uma gaze que inutilmente tenta escamotear a verdade e a luz corresponde ao Lucien criança, ao Lucien frágil e por vezes engraçado e triste. Linda queria ficar a meio caminho entre o Lucien velho e o Lucien criança, mas talvez a vida entre eles viesse a se tornar, dessa forma, um tanto monótona.

O aroma do café sobe por suas narinas e Linda vê um copo de cognac à frente, ao lado da xícara de café. O que terá Lucien visto nas Arènes de Lutèce de tão grave a ponto de fazer com que ele se mantivesse praticamente calado toda a noite?

O silêncio evasivo de Lucien era a coisa que mais a incomodava. Nessas horas em que o tempo de convivência se esgarçava molemente, frouxamente, e Linda ouvia com nitidez assustadora o som de seu coração e de suas artérias -- e em que capturava, no mundo exterior, do outro lado do mundo construído para ela e Lucien, sons desconexos e alheios, e em que se via mergulhada na espera que uma palavra dele desmoronasse o labirinto, nessas horas, ele era o vulto tocando o sax, o adulto desgastado pela vida, e Linda sentia medo, porque se sentia velha.

Por outro lado, o Lucien criança perturbava-a. Porque reduzia o relacionamento entre eles a algo fortuito, a um ocasional jogo afetuoso. E Linda ambicionava um pouco mais do que isso.

Em que medida o que acontecera há pouco a Lucien nas Arènes de Lutèce, e que Lucien mantinha em sigilo, teria importância fundamental na vida deles? Em que medida

aquele jantar no Bar L'X assinalava o final de uma fase na relação deles e inaugurava outra? Abdail não dissera a ela uma vez que um segredo partilhado é capaz de unir os destinos de duas pessoas? Linda se pergunta, ainda, se estava disposta a partilhar com Lucien estratos mais nebulosos da relação a dois, onde os juízos de valores era a moeda corrente, e onde a apreciação não era um mero resultado de um capricho, de um gosto, mas estava embasada em algo mais profundo; algo como um compromisso selado.

Deveria ela, enfim, entrelaçar suas raízes africanas com as dele? Mas era tão conveniente experimentar uma relação em que ambos se entretinham como servos da caquética deusa da libido, sem nada mais além. Ela, marroquina, com seus fundos olhos negros, com sua pele tostada, seu perfil espadaúdo. Ele com seus traços tão franceses, os braços delgados, o andar problemático de andarilho urbano.

O sol devastador, as palmeiras cobertas de luz, crepitando silenciosamente nas areias, o mar azul e oleaginoso, a família e seus projetos para mantê-la a todo custo em Rabat, interessada nos assuntos dos tios e primos, tudo isso não fora forte o bastante para retê-la no Marrocos. A Europa que a menina de Rabat viera conquistar, ainda uma adolescente, *era* Lucien, *era* a terra em que as estações do ano se sucediam sem violentos contrastes, mas consoante uma gradual sobreposição de climas e onde não havia lugar para surpresas. Diferentemente do norte da África, em que tudo podia acontecer em um único dia; em que em meio a uma tarde modorrenta e inercial, os elementos se manifestavam sem aviso, uma torrente de calor intenso agrupava nuvens, em seguida uma onda álgida de baixa pressão erguia as folhagens e o que surgira como uma brisa aprazível, vindo

quebrar o mormaço e o sopro cálido do ar pesado, cambiava e se transformava em um vendaval que cortava as paredes das edificações esparsas, como lâminas de gelo. O dia então mergulhava em trevas e o aguaceiro despencava por instantes, -- para logo depois dar lugar novamente à tarde inclemente, onde o sol crestava tudo e onde a umidade sobre as telhas e sobre o asfalto se volatilizava, devolvendo a aridez ao cenário.

Ofegante e cansada, após a ingestão de cognac, Linda cogitava sobre seus dois mundos: o do passado familiar, e o do presente, em que se encontrava sozinha e estrangeira. Sim, pois transferindo-se para a França, não conquistara uma nova pátria. Perdera a sua, ao menos o pouco que a memória resguardara, mas não se achava estúpida o bastante para assumir a nacionalidade francesa. Quando muito, Linda se sabia uma exilada em Paris, um pouco, talvez, como todo mundo, mas sem dúvida diferentemente de Lucien, posto que para ele o exílio parisiense era cumprido no interior de uma nacionalidade que lhe dizia respeito e à sua família.

Para Linda, o sentimento que a fazia um pouco parecida com os demais habitantes daquela cidade se esfumava na fronteira física e existencial de Paris, para além da qual não havia um país que fosse seu, como acontecia com Lucien e os outros franceses, mas apenas um mundo estrangeiro e inamistoso.

-- Vamos embora daqui, diz Linda a Lucien.

-- Sim, após o café. Está bem?

-- Meu apartamento? pergunta Linda.

Lucien responde afirmativamente.

O café à italiana solta um olor rico de resina e selva. Linda ergue a taça de café e seus lábios tocam a espessa

espuma que se aglutina na superfície e marca as bordas da xícara. Pensa, para parar de se afligir, que deixara Rabat definitivamente para trás. Lá ficaram sua mãe, seus dois irmãos menores e o cadáver de seu pai, do qual Linda guardara detalhes, pormenores descosidos, mas esquecera o essencial: seu temperamento e seu caráter.

Seu pai morreu quando contava nove anos de idade. Fora sua mãe, Celeste, que a introduzira nos aposentos em que jazia Abdul. Ali, a primeira coisa que vira e da qual se recorda até hoje mais do que todo o resto eram os sapatos de sola grossa amarelada e a biqueira dura e cheia de furinhos à guisa de enfeite, que o morto calçava. Seu rosto quase chegou a tocar a ponta daqueles pés enormes e desconhecidos e ela não teve coragem para rodear o corpo e avançar até a cabeceira da cama, para ver o rosto de seu pai desfigurado. Lembra-se que fora sua mãe que a tocou de leve, empurrando-a e a obrigando a enfrentar o rosto impassível e azulado de Abdul. Ao chegar perto do morto, cerrou fortemente os olhos, até que instantes depois Celeste puxou Linda pela mão e a retirou do aposento. Em seguida, entraram alguns homens conduzindo um caixão. Um deles que vinha por último trazia uma maleta de madeira com arremates de latão dourado. Recorda-se de que os sapatos daquele homem eram parecidos com os de seu pai.

Sorve o café, mas agora o odor que impregna suas narinas é proveniente da memória: Linda está sendo abraçada por uma velha parente de sua mãe. Seria uma prima distante? Uma amiga da família? Seu nariz toca o pescoço encarquilhado e cheio de enormes verrugas negras da mulher. Sente um cheiro semelhante ao da naftalina, que para ela era o cheiro de gavetas abandonadas. Dá-se conta de

que seu rosto está sendo tocado pelas verrugas da visitante. Linda empurra energicamente a mulher e sai correndo do alpendre da casa, onde pessoas com ar reservado fumavam, à espera de que o cortejo tivesse início. Do lado de fora da casa, Linda sentiu certo alívio, ergueu seus olhos para o céu, mas não viu o sol. O céu estava nublado e na rua passava um homem sobre uma bicicleta. Linda recorda o ruído da correia, trazendo a roda dentada para trás, enquanto a bicicleta mantinha velocidade aproveitando o plano inclinado da rua. Quando o ruído da correia cessou de todo, a bicicleta já não estava mais no raio de visão da menina de Rabat. Linda começou a chorar, se perguntando onde se encontrava a bicicleta de seu pai, que não estava encostada junto ao alpendre da casa.

No fundo da xícara de café de Linda, resta uma borra opaca, cujos sedimentos se fixam na parede interna da porcelana como cristais negros, que lembram uma carreira de formigas varrida pela água barrenta da chuva.

Do outro lado da mesa, dois braços se agitam e se ouve um tilintar de copos. Mirelle tem seu desbotado antebraço erguido até a altura da cabeça. Seu copo de cognac acaba de colidir com o Cremant que Bernard ainda bebe. Em seguida, surgem os braços de Janinne, de Marcel e de Claudette. Estes últimos brindam sem espalhafato.

Jacques, que estava colocando a louça do jantar na máquina de lavar, se surpreende ao ver a abstêmia mulher de Bernard dando um passo decisivo na direção da civilização. Pensa com prazer que agora o próximo passo é arrancar a cenoura de seus dentes.

Linda abandona a xícara sobre a mesa e a lembrança de Rabat, de seu pai e do homem de bicicleta sob um céu

acinzentado recua para os escaninhos da memória. Ela está de regresso a Paris.

Os copos estão erguidos, a luz das velas empresta aos olhos das pessoas um brilho de funambulesca sensualidade. O longo jantar convida ao esquecimento e ao torpor; ao mesmo tempo seu término põe em destaque um paradoxo francês: os momentos frívolos são os únicos, verdadeiramente, que valem a pena ser vividos -- justamente porque apaziguam o espírito beligerante e amortecem o sentimento de frustração perante a vida. São uma prova cabal de que podemos ser generosos com os outros, escondendo nossa dor mais funda da vista dos comensais ao nosso lado.

A marroquina entorna de uma vez o resto de cognac que restara em seu copo. Um arrepio percorre sua espinha e sente uma ardência desagradável nos cantos da boca, que se alastra como um eco até os ouvidos. Pega o guardanapo que tem sobre o colo, aperta-o entre os dedos e deposita sua mão sobre a perna de Lucien, cravando a seguir suas unhas. Lucien acusa audivelmente o toque.

-- Temos grandes mudanças nesta mesa, diz Jacques, firmando a palma da mão sobre os ombros de Mireille.

-- Eu disse que era questão de tempo, intercepta Bernard. Doravante, Mireille terá aqui uma conta de bar aberta por tempo indefinido e com despesas ilimitadas, subvencionada naturalmente pelo seu corruptor: Monsieur Jacques Raynal. E Bernard aponta na direção do pai.

-- Podemos acertar isso, por que não? diz Jacques. O bom gosto deve ser disseminado na sociedade, a começar pela nossa própria família.

Jacques olha para a nuca de Marcel, dá um passo para o lado e firma as mãos sobre os ombros do visitante, da mesma

forma como fizera há pouco com Mireille.

-- Marcel enviará todo o vinho que for preciso. Não é verdade, Marcel?

Corinne apruma o tronco, limpa a garganta com o aguardente, ao ouvir falar em *caixas* de vinho.

-- Será mais fácil, Monsieur Marcel Fournier, enviá-las diretamente para a Georges Mandel, diz Corinne.

-- Quem reside lá? pergunta Marcel, amistosamente.

-- Eu, é claro, diz Corinne.

-- O que temos aqui, afinal? pergunta Marcel mudando o tom. Sabotadores da economia de mercado e da iniciativa privada? Todos nesta mesa querem que eu doe à caridade meus vinhos! É inadmissível!

-- Isso não é verdade. Do grupo, apenas dois se candidataram, retruca Jacques. Os demais *ainda* não se pronunciaram a respeito, o que salva a honra geral.

-- Vamos logo com esse vinho que o mundo é a fonte de angústia, como dizia meu professor heideggeriano. E no fim do *Dasein* se encontra a morte, diz Bernard.

-- Meus vinhos devem envelhecer lentamente, pois duram mais que a vida, retruca Marcel, aparentemente satisfeito com sua resposta.

-- O *Dasein* é também liberdade, porque se constitui a si mesmo como uma transcendência em projeto. Ou, ao contrário, por ser um projeto de transcendência, é também liberdade, diz Jacques, que acrescenta:

-- Do ponto de vista de *seu* professor, a angústia de que trata Heidegger é sintoma de vida. Vivamos a vida com paixão, apesar de nossos mortos. Eu, ou melhor, os homens da minha idade, contabilizamos nossos defuntos todos os dias. Após os cinqüenta anos, a vida é parecida a um campo

de batalha, onde os companheiros tombam e um pedaço de nossa energia e de nossa história se vai com eles. É um lugar comum, bem sei, mas paciência. Os que caem, levam consigo partes de nós, as melhores partes de nós, tornando nosso porvir cada vez mais opaco e medíocre. Pronto, aí está, meu filho. Também sei ser pessimista.

-- Jacques sente-se ligeiramente comovido. Janinne suspira fundo a seu lado.

-- Devemos então, continua Jacques, nos contaminar intensamente com o quinhão de vida que temos para viver e gastar. E cada vez que um amigo tomba e eu resisto, digo a ele para descansar em paz, para se tranqüilizar, que logo estarei com ele, e que sua vida inteira por ora seguirá no meu coração, no tempo que me resta. E depois de tudo, depois que todo o meu ser escoar, transmitirei minha vida e a dele a quem tiver suficiência para agarrá-las, capacidade para suportar a angústia heideggeriana e sabedoria para enfrentar a existência, com a alegria dos deuses.

-- Bravo! diz Lucien.

-- Eu me sinto um pouco assim, hoje, com vocês, meus companheiros vivos.

Jacques simula perscrutar ao redor, passando os olhos sobre as cabeças dos comensais e acrescenta, fazendo uma alusão direta à bebedeira de Corinne:

-- Alguns companheiros, no entanto, olhando bem, não parecem muito *vivos*, mas dão para o gasto.

Jacques se interrompe por instantes e continua:

-- Nesta noite quero lembrar e brindar alguém que me é muito querido: René, meu irmão tombado na Résistance, que foi ídolo da minha infância e carrasco na minha adolescência, porque sua imagem me fazia pequeno e

inseguro.

As velas desmanchavam-se sobre a toalha da mesa. Em frente ao lugar de Jacques, o candelabro de cera se desfazia. Uma língua branca e convexa se projetava da zona de queima do pavio como uma cachoeira imobilizada.

-- Foram, continua Jacques, olhando fixamente para a luz quente e monástica da vela, anos de paciência suportando a forma drástica com que René interferia na minha vida, como uma espécie de herói sem medalha, sempre apto a trucidar minhas fraquezas.

-- Eu compreendo o que você está querendo dizer, arrisca Lucien, ao ouvir a revelação de Jacques.

-- Não, acho que não, retruca Jacques. Mas não importa agora.

-- E se vivêssemos o futuro somente, diz Corinne, levantando uma taça de Cremant até a altura do busto e parecendo emergir de um longo e profundo sono.

Jacques ergue sua taça, alguns fazem o mesmo. Os braços estão erguidos, nas mãos brilha, como um dístico de fogo, a bebida espumante da Alsácia. Com ela vencem a guerra irreal, o nada nadificante de Heidegger, a limitação da palavra, a dor íntima e intransferível -- e a modesta glória dos que assistiram a guerra sem ousadia.

-- Está bem, diz Jacques. Brindemos ao futuro; brindemos à viagem de Lucien! Brindemos à beleza de Linda, e aos nossos laços e compromissos.

-- Aos nossos mortos, diz Linda, vendo Lucien regressar para seu lugar.

-- De fato, não interessa que René pensasse minha existência como gêmea da sua, levemente retardada em alguns anos, mas já no curso, rodando firmemente sobre os

trilhos, seguindo as pegadas do herói, que ele queria que eu fosse, mesmo sabendo no íntimo que o meu tempo não era idêntico ao seu tempo. Eu era para ele uma espécie de estandarte infantil, pelo qual devesse sempre lutar até as últimas conseqüências. Eu era sua justificativa para a guerra, seu motivo íntimo, seu apanágio, mas nada disso ficou evidente para mim naquela época, diz Jacques. E conclui:

-- Eu não ousava imaginar que tivesse algo a ver com a obstinação de René.

-- René precisava de você mais do que você pensa, diz Janinne. Ele era no fundo um homem fraco, sugando energias de um adolescente indefeso, que o admirava.

-- Não é bem assim, interpõe Jacques.

-- Era *bem* assim, retruca Janinne. Seu irmão jamais compreendeu a guerra, a não ser pela evidência desconcertada da presença de alguém que precisava da proteção dele. E esse alguém era evidentemente você.

Jacques toca a cera quente do candelabro, que se desfaz.

-- No fundo, acrescenta Janinne, René não passava de um saltimbanco armado, que queria chegar em casa e depositar seu coração solitário e exausto de cantar nas mãos de alguém que não lhe fizesse perguntas inconvenientes e inoportunas. Quando você foi também lutar, René ficou muito decepcionado. Diria que seu irmão se desesperou quando percebeu que não poderia mais lutar *por* você, pois você o faria.

-- Você nunca apreciou René, ripostou Jacques, secamente.

-- Eu nunca apreciei o que ele causou a você, respondeu Janinne, em tom quase maternal.

Corinne resolveu intervir:

-- Enterremos de uma vez nossos mortos. A França detesta sangue, a não ser de ganso e de pato, porque é o país da comida e do raciocínio. O esforço bélico perde todo o encanto quando sai da prancheta dos militares e se materializa em armamentos, combatentes, tanques e estradas poeirentas. Como diz Baudelaire, a França ama o esforço do espírito. Este é o único esforço que conta. E acrescenta:

-- Brindemos aos nossos sábios e aos nosso poetas!

-- É um juízo perigoso esse seu, intervém Marcel. Como explicar a era napoleônica, usando seu raciocínio?

Corinne se levanta provocativamente, contaminando a mesa com sua hipérbole gestual. Lucien percebe que a bebedeira de Corinne tomara novo rumo, e que ela agora estava sendo inoportuna, intrometendo-se em um assunto tão delicado para Janinne e Jacques como os sentimentos que cada um deles alimentava acerca de René.

-- Napoleão era um glutão, objeta Corinne, sentenciosamente. E não era francês. E se senta outra vez.

Jacques parece desanuviado e agradecido pela boa presença de espírito de Corinne. Janinne respira fundo. René é uma história que não tem fim, que irá acompanhar a vida dos dois enquanto houver ali uma voz para falar e ouvidos para escutar.

Janinne serve-se de vinho, moderadamente; toca o copo como se este estivesse em brasa, ergue-o e bebe o líquido vagarosamente, como se não quisesse fazê-lo.. O interesse geral se dispersa. Ela aproveita o pequeno hiato para ainda outra vez recordar do desespero de René com a decisão de Jacques de entrar para a Résistance. Ela acabara de conhecer os dois irmãos; Jacques tinha ainda feições infantis, embora da mesma idade que ela. E saía com uma carabina mais

pesada do que ele, com ar de colegial fazendo gazeta. Seu olhar se perde na vidraça mais próxima.

-- Não está explicado, ainda, diz Marcel sem efusividade, apontando para o peito de Corinne. Como você consegue justificar a era napoleônica quando a França, segundo você, detesta sangue?

Marcel acende um Philip Morris.

-- Eu repito, diz ele, que este é um argumento muito perigoso; porque alguém poderia pensar que você está chamando a França de país de covardes.

-- Napoleão é um vírus passageiro na história, insiste Corinne com uma voz emplastrada. Um vírus glutão que queria comer países, comer e crescer sempre.

Seus olhos já vermelhos procuram a taça de Cremant sobre a mesa.

-- Por outro lado, e visto de outro ângulo, um país que detesta sangue e ama o esforço do espírito é um país adulto, porque conseguiu erradicar o vírus da barbárie, aquela terrível fome ancestral só saciada quando países inteiros são engolidos por outros mais fortes.

-- Por favor, parem de comer, diz Lucien em tom de chalaça. Estou começando a passar mal.

Jacques, que se encontrava de pé, recostado contra o balcão, emudecera. O brilho de seus olhos declinava e uma forte sonolência tomava conta dele.

Era a hora da náusea, como ele dizia quando a noite alta fazia despertar os estados melancólicos. E Jacques não apreciava de modo algum a melancolia noturna. Ela era uma espécie de intransigência para com o presente e um descrédito para com o futuro. A melancolia da noite tornava o rosto dos comensais opacos e o perfume das mulheres

intragável.

Das vidraças do L'X escorria uma gordura com filigranas azuladas e douradas, mesclada a vapores densos. Jacques escuta vozes de outros tempos mescladas às vozes de agora. Escuta sua própria voz, formulando uma frase que Jacques na verdade jamais pronunciara:

-- "Je voudrais une guerre ouverte, allons y, façons la guerre, René".

As imagens da guerra surgem nítidas.

Um estilhaço de bomba deixa o jovem resistente aturdido. O metal aloja-se na parede, um pouco acima de seu ombro esquerdo; a cantaria cede, uma poalha esbranquiçada desliza sobre a superfície vertical e salpica sua nuca, seus ombros e seu peito. Um estrondo mais violento arranca as telhas e parte do forro da fortificação abandonada. Jacques está sem munição. A um canto, uma bazuca abandonada, estraçalhada por alguma carga com defeito. Jacques tem o sabre, mas de nada adianta o aço silencioso e cirúrgico de sua arma quando as bombas voam; voam bombas como pombas, voam pombas como bombas. São pássaros de aço. Seu professor do liceu obrigou sua classe a decorar os nomes das aves do Seine: Mouette Pieuse, Goéland Argenté, Poule D'eau, Cigne Tuberculé, Foulque, Canard Colvert, Petit Gravelot, Bergeronnette Grise, Martin-Pêcheur, Chevalier Guignette, Fuliguele Morillon, Grèbe Castagneux. Os pássaros de aço caem sobre o telhado, ou passam zunindo, fazendo vibrar como cordas tesas o que restou das vidraças. Os vidros do L'X são veias transpirando cores. Os cartazes estão negros, e Jacques apóia o corpo contra o balcão. Sua âncora. O professor desenha o pescoço de um cisne, suas asas junto aos flancos. Dois Focke Wulfs equipados com Mausers MG-151

de 2O mm. vêm sobre ele, acertam sua fuselagem. O Spitfire perde altitude. Um dos Fockes retoma o ataque, disparando com êxito contra o cockpit. O Spitfire mergulha para a morte. O professor desenha depois uma coruja, com seu estranho nariz e sua enorme e desproporcional cabeça. O professor de Jacques se chama Monsieur Girard. Ele desenha no quadro negro, copiando as figuras de umas fichas encardidas que ele tem no bolso do guarda-pó. Junto com as fichas, Monsieur Girard carrega um lenço que parece nunca ter sido lavado. As aves de metal sobrevoam a cabeça de Jacques.

Janinne toca o braço do marido, que está suando frio.

Lucien, que ainda fingia comoventes estertores gastronômicos após engolir os países que Napoleão abocanhou, rapidamente se dá conta do estado de Jacques, indo em socorro do amigo.

Discretamente Lucien abraça Jacques pela cintura, enquanto sorri para os que ficaram na mesa. Bernard nesse momento salta da cadeira, mas é desestimulado pela mãe, que com um gesto enérgico praticamente obriga-o a se sentar novamente.

Janinne aplica uma toalha sobre o peito, a testa e depois a nuca de Jacques. Os pulsos de Jacques também estão frios. René corre por uma vereda a seu lado. As carapaças de metal esverdeadas dos alemães ressaltam nas moitas e urzes, por detrás dos pinheiros, dos amieiros, dos choupos. Gansos em fila cortam a passagem dos homens de René. Os alemães não atiram, já que o grupo está totalmente cercado: a estrada declina para um valado que abriga castanheiros e teixos. A luz atravessa a folhagem, colunas de luz de diversos diâmetros, semelhantes a troncos de árvores, tornam a

perspectiva de fuga do valado quase irreal. Árvores opacas e árvores de luz formam então uma barrreira dourada e castanha. Um sono e um torpor incontrolável fazem a carabina de Jacques escorregar por entre seus dedos até o solo, lentamente. Jacques fixa seu olhar na arma afundando na terra, até desaparecer. René não está mais a seu lado. Provavelmente teve êxito e conseguiu escapar, discernindo corretamente sobre o rumo entre os troncos verdadeiros e aqueles feitos de luz. Jacques, todavia, não consegue efetuar a escolha correta. A barreira natural agora parece incandescente, e os capacetes dos inimigos flutuam sobre as moitas, a poucos centímetros do solo. Janinne segura as mãos de Jacques, que tem o rosto crispado. Os gansos fogem ao fundo e suas formas lembram os desenhos medonhos de Monsieur Girard. Poule D'eau, Cigne Tuberculé, Petit Gravelot, Bergeronnette Grise.

-- Ele está melhor, avisa Lucien, vendo que Jacques está agora sorrindo para Janinne, de modo a tranqüilizá-la.

-- Claro que sim, diz Janinne.

-- "Eles não atiram, René. Corra, Malakoff! Corra!"

No entanto Malakoff não escuta a voz de René, permanecendo com seu ombro esquerdo apoiado sobre o tronco de um teixo. O fuzil apoiado sobre o outro, em posição de ataque, enquanto mais e mais capacetes surgem por detrás da mata, ao redor do valado.

-- Ele está transpirando muito, diz Corinne, retirando um lenço do bolso e o entregando a Janinne.

Os gansos cruzam novamente o valado, retornando na direção da cerca de onde se divisam os contornos imprecisos de um barracão de paredes avermelhadas e teto de zinco, à direita do acesso para o baixio onde os companheiros de

René e Jacques estão cercados. A mente de Jacques trabalha rápido. Se voltarmos na direção da estrada pelo lado oposto, mas seguindo sempre ao longo da cerca, atravessaremos o flanco inimigo menos recomendável, mas se o efeito surpresa nos favorecer, chegaremos à pequena fortificação de pedra em segundos.

Seu raciocínio estava correto. Jacques chama Gilbert e Toulon (cujo nome verdadeiro era Maurice Le Hoc, mas que nascera em Marselha, apesar de ter ganho o apelido da cidade vizinha).

Sem René, que se perdera à frente, o jovem Jacques toma a iniciativa de fazer o grupo desviar pelo flanco e tomar a edificação pelas traseiras. Jacques imaginava que sem armas pesadas os alemães se dispersariam, refazendo posições ao largo do pontilhão da estrada, assim se oferecendo como alvo fácil para os fuzileiros americanos que estavam para chegar. Estes, avisados pelo rádio por René há uma boa meia hora, teriam apenas que emboscar os alemães e caçá-los como presas indefesas.

Bernard finalmente deixa seu lugar, não resistindo à compulsão de ser útil.

-- Vamos deitá-lo de uma vez. Ele não está bem acomodado, diz Bernard.

Um estilhaço de bomba explode contra a parede de pedra, nem bem a ala de Jacques invadiu a fortificação. Jacques está aturdido. Toulon afirmara que não vira armamento pesado; que os alemães estavam com pouca ou nenhuma munição. Não podia acreditar, portanto, no que ouvia: balaços zuniam sem cessar e o telhado desabara, entulhando a escada que dava para o topo. O resto dos homens havia permanecido embaixo, fechando a entrada principal. A munição de

Jacques acabara, e ele se dava conta disso tarde demais. Havia uma bazuca encostada a uma janela, mas imprestável. Um projétil defeituoso, provavelmente, explodira no cano. Havia pedaços de dedos ao lado do tripé da arma. Se algum inimigo entrasse de surpresa, através de uma das janelas, utilizando-se de cordas, Jacques estaria complicado, pois não poderia galgar a escada. Apenas descer. Isto se seus companheiros ainda estivessem guardando posição, o que era quase impossível.

Um novo balaço explode, um pouco acima de sua cabeça. Uma minúscula lâmina incandescente de metal afunda em seu couro cabeludo. Jacques tem a impressão de que foi duramente atingido por uma bala perdida ou um estilhaço.

-- "Minha cabeça! Acho que vou morrer!".

Os dedos de Jacques pressionam os de Janinne. Jacques desprende seus dedos dos de sua mulher e coloca a mão sobre a testa.

-- "Estou sangrando. E sem munição. É o fim!"

Jacques escuta ao longe o som de morteiros. São finalmente os americanos atacando as cercanias do valado. Em pouco tempo, romperão o cerco dos inimigos e tomarão o pontilhão, pensa Jacques, que resolve abandonar seu posto e descer por medida de segurança. Escorre muito sangue de seu ferimento e Jacques tem a visão embaçada pelo choque do projétil.

Sua decisão fora acertada, uma vez mais. Quando chega ao andar inferior, encontra cinco companheiros guarnecendo as laterais e o pontilhão. Os franceses não contam mais com qualquer munição, mas os inimigos se voltaram contra os americanos no valado e debandaram dali. Os morteiros dos aliados fazem uma festa e algumas árvores se incendeiam na

mata.

-- "Tivemos sorte! Muita sorte!", diz uma voz coagulada de emoção, mas que não esconde a dor causada pelo ferimento na cabeça. Janinne agora escuta claramente o que o diafragma de Jacques emite e amplifica.

Ao ouvir aquelas palavras, Janinne sabia bem do que se tratava. Havia ouvido diversas vezes episódios de guerra e algumas vezes, em especial, aquele. Durante os anos de sua convivência com o marido, apalpou centenas de vezes, ora por orgulho pessoal, ora por uma súbita autopiedade, aquela cicatriz que Jacques ostentava alguns centímetros acima da têmpora direita, e que se alastrava até o alto da cabeça, em ziguezague.

Jacques sorri ao pronunciar aquelas palavras tão definitivas e procura distribuir esse sorriso entre os companheiros que o socorrem.

Toulon segura os braços de Jacques e Floquet obriga o garoto a ceder, a largar o corpo margo, para que possa ser estendido no chão. Gilbert avisa da soleira da porta de entrada que os inimigos evaporaram, mas se mantém a postos como um cão obediente, sem nem mesmo se voltar para verificar se o mais jovem do grupo estava ferido com gravidade, ou apenas assustado com tanto sangue.

Repentinamente o rosto de Jacques se endurece, as cordas de seu pescoço se retesam, sua testa poreja e uma mancha vermelha se espalha pelo rosto de maneira desigual, até as têmporas, semeando algumas ilhas esbranquiçadas aqui e ali.

-- "Acho que ele vai desmaiar", avisa Toulon.

-- "Ele apenas está excitado e um pouco enjoado com tanto sangue", retruca Floquet com sua espantosa tranqüilidade.

Taupe, o quarto homem, está de pé, olhando o sangue escorrendo pelo rosto de Jacques. Fuma um cigarro lentamente. Não fala, não pensa, não vibra. Segue seu próprio instinto, não obedece a ninguém. Taupe empunha a carabina ao ouvir passos: é Fontaine, o quinto companheiro, que havia saído para repassar os costados da edificação. Mas não havia nada de novo.

-- "O que tem ele?", pergunta Fontaine ao entrar.

-- "Não tenho nada, só um arranhão", diz Jacques recobrando suas energias e seu autocontrole.

-- O Leviatã foi vencido, diz Jacques, olhando agora para o teto do bar. Seus olhos estão da cor de um coágulo de sangue. Eles se voltam para Lucien.

-- Vamos começar tudo outra vez, diz Corinne, muito nervosa, mas ainda embebida em álcool.

Linda abraça Lucien e Marcel desiste de fumar, aproximando-se mais do grupo. Bernard auxilia o pai a se erguer e Mireille puxa uma poltrona de assento e encosto de palhinha.

-- Quer um pouco de água? pergunta Janinne, auxiliando Jacques a se sentar.

-- Água, não. Sirva mais vinho. As crianças merecem, diz Jacques, estilhaçando o esmalte doentio da pele do rosto e dando movimento aos sulcos da face. As veias de seu pescoço pulsam agora vigorosas.

-- As crianças já beberam demais, avisa Janinne, em tom amigável.

-- Mas eu não. Vamos beber a vitória sobre o Leviatã, brada Corinne. Avante, soldadesca! Abaixo os conservadores. Viva o Partido Socialista, *mas* fora com os estrangeiros!

-- Acho que é hora de partirmos, diz Lucien, estreitando a cintura de Linda.

-- Jacques deve descansar, concorda Marcel que, não conseguindo se manter decentemente sem um cigarro entre os dedos, recua até seu lugar na mesa, para alcançar seus petrechos.

-- Vamos todos embora, diz Corinne, encarando agora, debochadamene, primeiro as pernas de Linda, depois seu busto. Linda percebe, mas não se sente incomodada, pois está com um certo fastio do ambiente e tenciona sair dali o mais breve possível.

-- Quem era Malakoff? pergunta Corinne, com entonação infantil, dirigindo-se a Jacques.

O restaurateur está com os cotovelos apoiados sobre os braços da poltrona. Ao ouvir o nome de Malakoff, põe-se de pé, evidentemente estremecido pelo fato de haver revelado o nome do companheiro em seu transe.

Jacques examina o pequeno rosto redondo e esfogueado da irmã de Lucien e tem, ao vê-la naquele instante, a sensação de estar defronte de alguém muito próximo, quase como se Corinne fizesse parte de sua família. Mas também tem a sensação de que os anos correram céleres e que se há poucos anos a irmã de Lucien era uma menina, agora era uma atraente mulher, cheia de poderes femininos; uma figura encantadora e benigna, mesmo quando era inoportura: e agradável mesmo quando seu discurso descambava para alguma banalidade parisiense.

Jacques se sente penalizada pelo estado em que Corinne se encontra e se vê forçado a responder:

-- Malakoff era um tipo careca, completamente careca, que usava uma pesada pulseira de prata e pedrarias no pulso

esquerdo. Baixinho e com uma barriga protuberante, o que não era empecilho para que se movimentasse como uma lebre.

-- E o que mais? insiste Corinne.

Jacques enfia as mãos nos bolsos e começa a falar como se contasse um caso sem importância.

-- Malakoff era um especialista em armas e munições. Especialmente munições. Dos melhores.

Jacques retira do bolso sua mão esquerda e gesticula.

-- Os ingleses utilizaram sua técnica na dinamitação de pontes. Era o segundo homem de René; aquele que René escolhia para acompanhá-lo em situações onde o sangue-frio era essencial.

Ao mesmo tempo em que dizia essas coisas, quase como se pensasse em voz alta, Jacques buscava rapidamente preencher os vazios deixados pela semiconsciência do transe, de modo a se certificar de *quanto* dissera.

No entanto, seu empenho era inútil, Jacques conseguia se recordar de alguns cenários daquele dia em que a sorte mais do que nunca o auxiliara: conseguia mesmo evocar detalhes dispersos, relembrar das feições de vários companheiros, mas não sabia ao certo o que viera à tona em seu momento de transe.

Sabia, porém, que o nome Malakoff havia sido pronunciado claramente por seus lábios e que todos que estavam ao seu redor ouviram. E isto, revelado sob o domínio de uma força inconsciente à deriva de sua vontade, incomodava-o como se tivesse acabado de trair seu grupo, revelado um segredo militar.

Jacques sabia, o que reduzia sua sensação de culpa, que o dilema oriundo de haver pronunciado o nome de Malakoff --

e talvez alguma outra coisa mais -- era absurdo, descabido. Que o nome Malakoff, sua maneira extravagante, suas habilidades e traços físicos não significavam absolutamente nada para os presentes; não eram mais do que lembranças de um ex-combatente e que não têm valor algum.

-- Isto foi há tanto tempo! Malakoff deve estar morto, já. Enterrado com sua bravura, sua técnica e sua pulseira de pirata. E a mão direita de Jacques desenhou um arabesco vertiginoso de andorinha no ar.

-- Você gostava dele? pergunta Corinne com a voz pastosa, quase vulgar.

-- É hora de partirmos, diz Claudette, retirando do cabideiro, à entrada do bistrô, seu mantô azulão, antídoto para qualquer cena onde sejam necessários o glamour e o bom- gosto.

Lucien se aproxima da irmã. Sua silhueta oscilante flutua e o vestido de organza amarelo farfalha ao contado dos dedos de Lucien. A cintura de Corinne desarticula-se ao toque, como um edifício prestes a desmoronar. Suas meias cintilantes soltam fagulhas e minúsculos corpos luminosos esvoaçam ao redor dos joelhos e das canelas. Os fótons sobem depois por baixo de seu vestido e saltam pela cavidade formada entre os volumes de seus pequenos seios. Lucien olha o rosto levemente esverdeado de Corinne, mas não percebe os fótons em espiral ascendente ao redor das maçãs do rosto, e das narinas amplificadas da irmã. Uma grossa e densa camada deles fixa-se no calcanhar metálico dos sapatos amarelos de Corinne, parecendo a qualquer momento querer elevá-la no ar.

Os fótons de Corinne espalham-se agora pelo chão, adelgaçam como ponteiras venenosas quando resvalam na

calça de seda de Linda, repelem a lâmina belicosa do seu corpete de prata e rolam mansamente até se estabilizarem e apagarem a um palmo dos pés de Jacques.

Alguns fótons erguem por brincadeira uma ponta do cordão do sapato direito de Jacques. Divertindo-se em plena noite, eles reluzem e cintilam com uma energia solar de reserva. Sobem, elevam-se de uma vez, volteando o pescoço de Linda. Os cílios longos, fortes e africanos de seus olhos trazem por causa disso uma aura de fogo.

-- Vamos todos embora, diz Lucien, ainda pressionando com seus dedos a cintura cheia de nós de Corinne.

-- Sim, está bem, concorda ela. E nesse momento sua cintura ganha flexibilidade. Seu corpo ondula e Corinne não pensa mais no desconforto espiritual de voltar para casa no carro de Linda.

Aos poucos o sentido imediato e prático das coisas se esvai. Como se uma espécie de aura maligna repentinamente se desfizesse, e ao mesmo tempo surgisse entre Corinne e o resto do mundo um espaço neutro, onde combater não era mais preciso e necessário. Onde a guerra de Jacques jamais existiu, e onde havia apenas seu corpo, os fótons tornando-a bela e única -- e os dedos do irmão, transformando-a em algo real e querido.

Os comensais se despedem. Bernard como um urso atropela Marcel e tem agora a espevitante Claudette a seu lado. Marcel recebe um frio ademane de Linda, cujo colo moreno ele vê se distanciar na direção de Lucien que, segurando o braço de Corinne da maneira mais digna possível, sussurra uma palavra doce nos ouvidos de Jacques, que tem seu queixo seguro estranhamente por Janinne, que com a mão livre aperta os dedos de Marcel, que está prestes

a se despedir de Mireille, embora esta esteja agora beijando o rosto de Corinne, dizendo-lhe algo óbvio em seu ouvido, do tipo 'cuide-se bem', enquanto Lucien olha para Bernard buscando a antiga cumplicidade, já há muito tempo desfeita, em vista do que, Bernard desvia o olhar de Lucien e olha para seu pai, que agora se levanta com dificuldade, toca com a ponta dos dedos as bochechas de Linda, beija Corinne e com o punho cerrado toca fraternalmente o abdômen de Lucien, que recebe o afago, compreendendo o que existe no subterrâneo do gesto de Jacques.

Lucien, Linda e Corinne saem em primeiro lugar. As unhas afiadas de Linda pinçam o molho de chaves na pequena bolsa de prata, mas ao ver o estado de Corinne, como que se retraem, perdendo uma espécie de brilho de fera protegendo seu território.

Manoel pousou o cardápio sobre o prato e encarou Maria de Fátima.

-- Ainda aceitas minha sugestão?

-- Qual? A do bacalhau com natas?

-- Pois é claro. Queres experimentar?

Como ela acenasse afirmativamente com um entusiasmo infantil, Manoel repetiu a sugestão ao garcom, entregando-lhe o cardápio.

-- E para beber? pergunta o rapaz, após enfiar sob as axilas a ementa.

-- Bucelas branco.

-- Não temos.

-- João Pires.

-- Não temos.

-- Branco do Douro, qualquer um, desde que maduro, seco e bem fresco.

-- Vou ver o que podemos conseguir, respondeu-lhe o outro, retirando-se de cena.

A luz das velas mudava a tez da pele de Maria de Fátima, que se tornava ligeiramente avermelhada e adulterava a cor de seus olhos, que por vezes pareciam azuis e mais úmidos do que o habitual.

-- Estou com calor, ela diz, pinçando com as unhas a gola do cashmere. Acho que me esqueci de que não estou no Porto.

-- Lisboa é infinitamente mais quente que o Norte, infelizmente, ponderou Manoel, examinando o desenho dos ombros da estudante.

-- Poderias sair com algo bem decotado, e ainda assim não sentirias frio aqui, acrescentou ele.

-- Tu querias que eu viesse com um decote imenso?

Manoel apenas sorriu. Entre o seu sorriso e o olhar de Maria de Fátima foi repentinamente interposta uma garrafa esverdeada, apresentada com afetação despropositada pelo garçom, que segurava com dois dedos da mão direita o gargalo, e dois dedos da esquerda a base, mantendo os demais em leque.

-- É do Douro, como o senhor pediu, e está fresco, mas assim mesmo vou trazer um balde de gelo. Pode-se abrir?

-- Faça o favor de abrir e servir, respondeu Manoel. sem no entanto esconder que os modos do garçom o incomodavam; deixavam-no mesmo tenso e contrafeito.

-- Saio pouco, tu sabes, diz o ex-jogador, como se

quisesse desculpar-se pela impaciência. De alguns anos para cá busquei simplificar a minha vida ao máximo. Uma boca de fogão, duas panelas, um facão, alguns talheres, uma pequena mesa, um prato fundo e outro raso, e uma chávena são mais que suficientes para uma refeição satisfatória.

-- Só isso te basta?

-- Acho que não, mas ao menos não existiria o rapaz impertinente, a nos tratar desse modo.

-- E talvez eu própria também não coubesse nessa tua mesa despojada. Tu estarias jantando sozinho, agora, talvez tendo à frente uma lata de atum ou de sardinhas, temperada com extrato de tomates. E beberias um vinho ordinário, de tonel.

-- Não se pode ter tudo, mas viver com pouco é uma grande conquista, conquista de si mesmo, observa Manoel. Tirar as coisas inúteis do caminho, e "regressar a mim profundamente, e ser o que já fui no meu delírio", diz certo poeta; regressar, pois, desde que o regresso signifique ir até o fundo, e lá no fundo delirar para esquecer a estupidez da vida.

O garçom voltara, agora com o balde de gelo. Nele colocara, com sua costumeira afetação, a garrafa, fazendo-a girar lentamente. Quando se retirou, os olhos verdes, agora levemente ensombrecidos de Maria de Fátima, se fixaram em Manoel.

-- Ainda nem provaste o vinho e já estás melancólico, disse Maria de Fátima, com meiguice.

Dando-se conta disso, e para seguir o script traçado por Maria de Fátima, Manoel ergue sua taça; ela responde com o mesmo gesto.

-- Aos milagres que um fogão de uma boca é capaz de

realizar, diz ela com senso de humor.

-- Ao regresso de qualquer um a si mesmo, retruca Manoel.

A despeito da planejada escuridão da cave aquele lugar era, ainda assim, um restaurante, e tal fato não deixava Manoel esquecer que discutira com Albano no estabelecimento familiar, e que fora despedido injustamente. Provavelmente seu pagamento encontrava-se em um envelope, sobre seu travesseiro, o que sempre o humilhava. O fato é que ele gostaria de não tocar naquele envelope e muito menos de voltar à casa paterna. Gostaria que aquele dia fosse seu último dia em Lisboa, que estivesse com as malas feitas, pronto para partir em questão de horas.

-- Posso fazer-te uma pergunta?

Manoel, que estivera olhando fixamente o líquido dourado do copo, ergue os olhos para a companheira e diz que sim.

-- O rapaz que nos atendeu aqui porventura lembra-te que trabalhas com os pais e que não és mais jogador de futebol?

-- Com certeza. Mas mesmo que jamais tivesse trabalhado com bares e restaurantes, o que me incomoda nele, para ser exato, é justamente o que o faz tão diferente de mim, não o contrário.

-- Compreendo. Essa foi de fato uma bela resposta. Mas onde foi parar o jogador de futebol?

-- O jogador de futebol aposentou-se, e está em vias de se tornar cronista futebolístico de um jornal.

-- Presumo que é uma boa nova, diz Maria de Fátima francamente interessada.

-- Penso que sim. Para dizer-te a verdade, não contei ainda a ninguém isso; talvez por falta de oportunidade,

porque foi justamente hoje, ao almoço, que recebi esse convite do Diário de Notícias.

-- Mas tu aceitaste, não?

-- Sim, aceitei, agora é aguardar o chamado do jornal, que poderá ocorrer em algumas semanas.

-- E tua viagem? E se te chamarem antes de regressares? indaga Maria de Fátima atirando uma mecha de cabelos para trás.

- Tu estás deveras preocupada, o que me deixa encabulado. Escuta: quando eu colocar os pés na Irlanda e já tiver um endereço fixo, mando um bilhete ao Paiva, que é o sujeito do jornal, informando-o de meu paradeiro. De qualquer maneira, essas coisas não se resolvem antes de um mês. Jornais são coisas complicadas; há muitos a mandar e a desmandar.

Houve um breve silêncio, em que ambos deram cabo do vinho em seus copos e novamente se serviram. Manoel olhava para o gramofone silente, descobrindo nele, agora que se habituara à penumbra, ranhuras e detalhes que não suspeitara.

Enquanto isso, os braços compridos de Maria de Fátima se movimentavam sobre a mesa. Seus movimentos eram seguros e firmes, como os de um cirurgião.

Ela acabara de subtrair do prato uma pequena lasca de pão e se servira de manteiga. Em seguida, servira-se de vinho novamente.

Manoel disse-lhe:

-- Então tu estás com fome, não estás?

-- Um pouco, mas o fato é que não posso deixar de mordiscar um pãozinho, quando vejo um. E sou alucinada por manteiga.

-- Oh, Maria de Fátima, sinto não poder ser esta noite a companhia que tu esperavas. Estamos aqui, à espera do delicioso bacalhau com natas, mas nem mesmo sei em que sítio vou depor as armas esta noite.

-- É um convite? perguntou ela entre irônica e maliciosa.

-- Escuta, deixa-me confessar-te o seguinte: realmente não sei onde vou dormir hoje; chego mesmo a pensar que deveria abandonar Lisboa logo mais. Não tenho mais nada que fazer aqui, posso trocar os escudos no aeroporto.

A cabeça de Manoel começou repentinamente a maquinar alternativas.

-- Pensas em ir esta noite para a Irlanda?

-- Não. Penso apenas em deixar o país, ademais, tenho cabine no barco que sai da França para a Irlanda dia 16.

-- Dia 16, repetiu ela, como se isso fosse uma senha que devesse guardar na memória.

-- Saio do porto do Havre às seis da tarde, rumo a Rosslare, num barco chamado Saint Killian II.

-- Deve ser bonito.

-- Deve ser. Espero que seja, disse Manoel, fixando os olhos outra vez nas ranhuras do mudo gramofone.

-- E quantas horas de viagem tu levarás na travessia?

-- Muitas horas, quase um dia inteiro.

-- Achas mesmo que o melhor é ires logo mais?

-- Confesso que não sei. De qualquer modo, tenho que ir à casa, pegar minhas coisas, o dinheiro, despedir-me, ligar para o aeroporto.

-- Por que é que não ligas daqui? Assim tu te acalmas.

Manoel concordou prontamente com a sugestão de Maria de Fátima. Pediu licença, levantou-se e foi até o fundo do restaurante, à procura de um telefone.

Quando regressou, já havia resolvido tudo.

-- Pretendo viajar hoje mesmo. Consegui um vôo charter para Paris.

-- Vais a Paris?

-- Sim, é a melhor alternativa. Depois sigo de trem até o Havre. E sai mais em conta, também.

-- Então sempre vais hoje à noite.

-- Sim, devo estar no aeroporto às quatro da manhã.

Maria de Fátima moveu para frente e para trás seus ombros, primeiro um, depois o outro, em seguida o primeiro. Respirou fundo e disse:

-- O que estás a pensar quando me olhas desse jeito?

-- É que em tua companhia tudo subitamente se tornou mais fácil.

-- Mas temos muito tempo ainda, não?

-- Claro que sim. Podemos jantar calmamente. Minhas malas já estão quase prontas.

-- Acho que estou com vontade de ir a Paris contigo. Mas talvez não seja desta vez.

-- Já imaginaste o que teus pais diriam? Eles não gostariam nenhum pouco de saber que tu fugiste comigo para Paris, disse Manoel que finalmente resolvera sorrir.

-- Não seria uma fuga; fuga do quê? Fuga para quê? Seria mais um passeio não programado, retrucou ela, buscando revelar segurança e independência.

-- De qualquer modo, não gostariam, pois não? Além do mais não me esqueci de que vieste para o aniversário de tua mãe, que será amanhã. Tu já imaginaste se no dia de seus anos, ao abrir a porta de teu quarto, ela viesse a descobrir que tu havias partido?

-- Tu sabes pouco de meus pais, ripostou ela. Em nossa

casa as coisas são colocadas sobre a mesa. Se me aprouvesse viajar antes do aniversário de minha mãe, diria a ela, explicar-lhe-ia tudo; ela entenderia, estou certa.

O garçom traz o jantar que chega numa travessa fumegante.

Os copos se enchem mais uma vez.

-- Com relação à senhora sua mãe, eu sempre soube que te defende tanto quanto pode. Lembro-me de que quando tu fincaste pé para estudar medicina no Porto, e teu pai não aceitou. Tua mãe apoiou-te. Mas teu pai, Maria de Fátima, teu pai é outra história, disse Manoel com certa ironia. E acrescentou:

-- Tu sabes que Seu Alípio e Dona Eurídice são vizinhos de comércio de minha família há muitos anos, e de vizinhos quase tudo se fica sabendo, não é verdade?

-- O que queres dizer?

-- Quero dizer que sei muito bem que teu pai é intransigente, um pouco como o meu, apenas ligeiramente mais maleável. Quero também dizer-te que se tu desaparecesses, ou mesmo viajasses com um homem para a cidade mais próxima, apenas por razões de ordem prática, teu pai das duas, uma: ou iria atrás com uma espingarda de grosso calibre, para acertar as contas contigo e com o tipo que fosse quem fosse, fizesse o que fizesse, seria considerado por teu pai como um desorientador de menores, um sedutor, um Dom Juan. Se todavia teu pai não empunhasse armas contra o conquistador, por certo nunca mais falaria contigo.

O rosto de Manoel, avermelhado e um pouco sinistro se desenhou à frente de Maria de Fátima, semi-encoberto pela taça de vinho, que o ex-jogador voltara a erguer até os lábios.

-- Tu não precisavas de tantas advertências, argumentou ela, fazendo um gesto no ar como se apagasse um inútil período do quadro negro. E acrescentou:

-- Se estás com medo, descansa, que não vou viajar contigo, com ou sem o consentimento de meu pai. Mas se tu quiseres, levo-te com muito prazer ao aeroporto. E chegando lá dou-te um beijo na hora de partires.

-- Tu farias isso, Maria de Fátima?

-- O quê? Dar-te um beijo?

-- Levar-me ao aeroporto, quero dizer.

-- Claro que sim, com muito gosto, respondeu ela. Além do mais, aeroportos fazem ferver meu sangue, não sei explicar qual a razão. Digo-te uma coisa: se tivesse coragem, seria um andarilho, mas infelizmente sou do tipo de mulher comportada e responsável. E acrescentou:

-- Sabes de uma coisa? Se meus pais soubessem como sou realmente, dormiriam tranqüilos como anjinhos.

Dizendo isso, Maria de Fátima repetiu o gesto habitual de mover para adiante e para trás os ombros, alternadamente, como se testasse suas articulações. Manoel apercebeu-se disso, mais uma vez, e notou também que todo o tórax, e não apenas os ombros dela, pareciam mais volumosos sob o cashmere. Manoel retivera, por fim, a impressão de que Maria de Fátima ostentava um ar mais maduro e firme com aquele traje.

Abriu-se uma segunda garrafa de vinho branco, mais rapidamente consumida que a primeira. Em dado momento, Manoel e Maria de Fátima ouviram as sugestões de sobremesa, transmitidas a galope pelo mesmo garçom de sempre: queijo da Serra, pastéis de coco, pastéis de Belém, ovos moles, laranjinhas de casca, doce de chila, doce de

zimbro, papos de anjo, castanhas de ovos e doce de castanhas.

Os comensais se entreolharam. Não tinham apetite para mais nada. Em seguida, perscrutando ao redor, se aperceberam de que eram os últimos fregueses. Reconhecida essa insofismável verdade, decidem abrir mão da sobremesa e pedir simplesmente um café. Manoel reluta, no entanto, entre uma bagaceira e um brandy, como acompanhamento.

-- Acho que o melhor seria não beberes mais nada. Tu ainda vais fazer as malas e pegar um avião. Além do mais, tu vês, já estão a fechar.

-- Tu és sempre lógica e coerente, assim?

-- Quase sempre, responde ela com um ar maternal.

Manoel pede o café, a conta e, a despeito da sugestão de Maria de Fátima, encomenda uma bagaceira velha. Ao volver os olhos para Maria de Fátima, seu olhar é o de quem convida à conivência. A companheira resiste, mas afinal de contas, pensa ela de modo prático, se a Manoel apetecia beber todo o aguardente do restaurante, até que o colocassem para fora, isso era problema dele. Ela, depois do café, iria embora.

-- Vejo que tu estás a maquinar coisinhas, novamente, sondou ele. Não aprovas meus modos, pois não?

-- Acho melhor irmos embora, está bem?

Como Manuel não respondesse de pronto, ela voltou à carga:

-- Tu ficas ou vens comigo? perguntou ela, com alguma dureza na voz, apoiando as mãos espalmadas sobre o tampo da mesa, como quem se sente apto a dobrar seu opositor.

À saída, vestiram os casacos e subiram a Rua da Rosa, em busca do Opel azul-marinho.

-- Para dizer a verdade, estou um pouco bêbada, disse ela com afabilidade, tentando dissipar o mal-estar que se criara entre eles.

-- Estás? Nem notei, exceto pelo fato de teres vestido a capa ao contrário.

-- Se tu pensas que vou cair nessa e parar para conferir o que alegas, estás enganado, disse ela, rindo.

-- Está bem, a capa está posta do lado certo, apenas que de trás para frente.

Como Maria de Fátima nada dissesse, Manoel acrescentou:

-- Estamos ambos um pouco alterados, não estamos?

Em seguida, perguntou, tocando-lhe o braço:

-- Sempre diriges?

-- Claro que sim, os copinhos fazem-me dirigir melhor, respondeu Maria de Fátima. Para onde, então? À tua casa, certo?

Manoel disse que sim e se acomodou no assento direito. No trajeto de volta pouco falaram. O carro desceu a Rua da Rosa e depois tomou a Calçada da Estrela, na direção da Ferreira Borges.

Maria de Fátima esforçava-se por esconder que tinha dificuldades em dirigir. O mundo fugia-lhe sob os pés, o bacalhau com natas crescia em seu estômago e em sua boca, sentia um enorme peso nas pernas, de sorte que a custo dominava os pedais do carro. A despeito do frio da madrugada, Maria de Fátima abriu a janela, para respirar melhor. Por fim, decidiu parar o carro, desligar o motor e descer.

-- Definitivamente não estou bem, disse ela, ao abrir a porta e sair do carro.

-- Queres que dirija?

-- Fiquemos aqui alguns minutos. Logo estarei melhor.

Voltara a chover miudamente em Lisboa. Poucos carros circulavam àquela hora, a maioria táxis, recolhendo vazios e em velocidade como se quisessem escapulir de algum incauto passageiro em potencial.

Manoel decidiu pôr-se de pé. Ergueu as vistas para o alto, vislumbrando os casarões e as luminárias da cidade. As lentes de seus óculos coavam uma luz gordurosa e cada vez mais difusa, à medida que as gotas da chuva escorriam por elas; parecia que a realidade era entrevista através de bolhas de diversos tamanhos, sempre em movimento descendente.

Às suas costas, Maria de Fátima lentamente se movia, de um lado a outro, ora engolfando o ar a plenos pulmões, ora exalando-o como um fole. A espaços, erguia os braços e baixava-os em seguida, numa estranha ginástica noturna. Estaria ela melhor? Manoel ouvia o ruído do salto alto de Maria de Fátima chocando-se contra o calçamento, como um relógio descompassado.

Ouvir essa orquestração tipicamente feminina, sobretudo naquela madrugada úmida e alcoolizada, de certo modo o excitava, o atraía, a despeito do fato de Manoel querer manter-se à distância, até porque sentia que a amiga gostaria de superar sua indisposição sozinha e sem testemunhas oculares.

Então, com ares de avaliador imobiliário, Manuel enfiara as mãos nos bolsos e caminhava em um raio de ação estreito, discretamente, para cá e para lá, do outro lado do carro, atirando as pernas a esmo vagarosamente, esforçando-se para não colocar os olhos na estudante.

Comparava coisas e proporções, como se estivesse

naquele momento construindo demoradas especulações sobre o real valor da paisagem urbana que tinha à frente.

Passados alguns minutos, ela já se sentia melhor. Em vista disso, convocou Manuel a entrar novamente no Opel e prosseguir viagem.

Manoel sentou-se a seu lado. No caminho, ele sugeriu que a amiga ficasse na casa de seus pais, ao invés de levá-lo ao aeroporto.No entanto, ela permaneceu irredutível.

-- Tu não imaginas como me sinto melhor. Seria capaz de beber outra garrafa de vinho, disse ela enfática. Não que pretenda fazê-lo. Mas levo-te ao aeroporto. Não tenhas dúvida.

Ao chegar em seu antigo quarto, Manoel abriu a porta do guarda-roupas e dele extraiu sua mala de viagem. O ranger de tábuas do corredor, o barulho da porta do armário, girando sobre os caixilhos, talvez mesmo o barulho do zíper da mala se abrindo, toda essa orquestração de sons acabou por fazer despertar Dona Maria Luíza, que tinha sono leve.

-- O que é que tu pretendes fazer, meu filho? indagou ela, estremunhada de sono, da porta do quarto, ao ver a mala sobre a cama.

-- Decidi partir mais cedo, não há mais nada que me prenda em Lisboa.

-- Vais a esta hora? E sem falar com ninguém?

-- Sim, vou. Devo tomar um avião. Mas não ia sair sem despedir-me de ti. Estava apenas organizando minha bagagem e logo mais iria bater à tua porta. Mas lamento não poder conversar muito, pois já estou atrasado.

-- E teu pai? Não vais falar com ele?

-- Para quê? Acho que já falamos o que era preciso.

Guardarei para sempre as últimas palavras do pai; "estás despe- dido".

-- Não fales assim! Tu sabes que teu pai é difícil e genioso.

-- E muito injusto e ingrato, também. Escuta, mãe, dá-me um abraço, e pronto, está bem? De fato, tenho de partir imediatamente.

Manoel recolheu atabalhoadamente seus pertences, enfiou-os na mala e em uma maleta de mão gasta e velha, que era do tempo em que jogava na Inglaterra; atravessou o corredor em direção à saída, seguido de perto por Dona Maria Luíza.

Ela trajava, como sempre, um velho roupão de mangas largas. Como sentisse sempre muito frio nas mãos, as enfiava sob a manga, o que lhe dava ares de oriental.

-- Tu escreves dizendo onde estás?

-- Claro que sim, mas não te preocupes que serão apenas alguns dias, talvez uma semana ou duas.

De repente, Manoel se encontrava fora do apartamento da Almeida e Souza. Sua mãe não quis esperar pelo elevador; abraçou o filho à porta de saída e se retirou. Manoel ainda ouviu sua mãe se afastando celeremente para que o filho não ouvisse seu choro convulsivo, mas não houve jeito.

As engrenagens do elevador parecem estertorar a cada esforço ascensional. Finalmente pára no terceiro andar, Manoel abre a porta de seu transporte, empurra a porta pantográfica e desloca a bagagem para dentro do cubículo. Uma luz amarelenta ilumina mal as paredes de madeira gasta. O ex-jogador preme um botão e, após um curto tremor, as engrenagens se põem em movimento novamente, desta feita para fazer o elevador descer. A lâmpada começa a

piscar, ávida talvez pela energia que os engonços mecânicos consomem e desperdiçam. Com efeito, parecem dois titãs prestes a desfalecer, um tirando o alimento salvador da boca do outro.

A descida é lenta; os ferros rilham rumorejam triscam rosnam rompem ralam rascantemente, ruidosamente ruminam, trituram travam trovejam abafadamente. Qualquer pessoa, que acreditasse em forças do destino ou coisa parecida, sentiria que havia chegado a sua hora, pois o sinal era evidente. Em questão de segundos, o madeirame envelhecido e podre despencaria para o poço negro do elevador. Uma duríssima mola de aço atravessaria o piso da caixa e estilhaçaria tudo o que tivesse em seu caminho; as engrenagens a essa altura já estariam rompidas e despenhariam sobre os destroços do elevador, servindo como campa e lápide.

No entanto, a máquina ainda parecia viva; em seu estado fatal, ela contudo era capaz de reter em suas entranhas a ponta do cabo de aço que sustentava o cubículo onde Manoel e as malas se encontravam. Lentamente, com brevíssimos surtos de consciência, a máquina obedecia ao comando original; o elevador a custo descia. Ao passar pelo piso do segundo andar, porém, talvez porque a impaciência de Manoel para chegar logo ao térreo fosse crescente, o elevador dera a impressão de que o último sopro da máquina estava próximo; de que ela enfim estertorava.

Decorreu então um longo tempo mental, em que Manoel repassou momentos de sua infância naquele apartamento, momentos em que se via sempre a correr naquele longo e escuro corredor.

Aos cinco anos, por exemplo, nas proximidades do Natal,

a voz de sua mãe, que cantarolava no banheiro, o atraíra de tal modo que ele se precipitou em disparada até a porta, gritando por ela. Depois, como sua mãe não respondesse de pronto, caiu num berreiro.

Aos sete anos, Manoel empurrava em velocidade, com uma longa vara de pesca que conseguira, um carrinho que amarrara à ponta, enquanto fabricava sons de motores com os lábios apertados. Entretinha-se de tal modo com o que fazia que acabou batendo a testa contra um batente de porta, o que lhe causou enormes dores, e um corte que se não era profundo abalou toda a família pela quantidade de sangue que fizera jorrar, além do gigantesco galo, que ornou por muitos dias sua alva testa; aos onze, numa clara manhã de verão, correu assustado porque ouvira um estrondo na cozinha e pensara que alguém se machucara. Nessa correria, tropeçou nas próprias pernas e foi novamente ao chão, agora abrindo o beiço inferior. Certa feita, ainda, aos quinze, em um mês de verão -- só podia ser em um mês de verão --, Manoel, nu em pêlo, após haver vertido às escondidas alguns copos de brandy, correu no encalço de uma copeirinha, de idade igual, que Dona Maria Luíza acabara de contratar e que ostentava inegáveis predicados físicos. Maria de Lurdes chamava-se ela. Após o ocorrido acabou sendo imediatamente transferida para uma casa de conhecidos, no intuito de abafar o incidente. É sabido, no entanto, que seu Albano, em conversas desregradas aqui e ali, entre homens, foi ouvido alardeando orgulhosamente as proezas sexuais do filho, chegando mesmo a dizer que a copeirinha se apaixonara pelo menino, e que, ao ser mandada embora, ameaçara se matar. Ao menos isso, pensou Manoel; ao menos ficavam como qualidades, do ponto de vista paterno, as proezas sexuais

cediças do filho.

Finalmente o elevador agonizante se imobilizou, parou arrefeceu silenciou emudeceu se aquietou se acalmou mumificou-se petrificou-se, embora quase um degrau abaixo do nível em que deveria parar. Maria de Fátima esperava Manoel no átrio do edifício. Apesar do adiantado da hora, e de ter passado mal há pouco tempo, seu rosto era o de uma jovem que acabara de acordar, após uma boa noite de sono.

-- Imaginei que fosses demorar mais. Ainda temos mais de duas horas para chegares ao aeroporto no horário, diz ela consultando seu relógio de pulso.

-- Vamos aos copos, então, diz Manoel.

-- Mais copos?

-- Só mais o suficiente. Mas se não te importas, deixa-me guiar, sim?

-- E onde é que encontrarás quem te sirva a essa hora?

-- No Galeto, onde mais?

Maria de Fátima e Manoel foram ao restaurante, beberam uma garrafa de vinho tinto, Manoel falou insistentemente sobre fatos da infância.

Ela, por seu turno, desviava o assunto, sempre que podia, para a vida afetiva. Finalmente conseguiu. Falou de si, do primeiro homem que a atraiu, e confessou que chegara a sentir qualquer coisa por Manoel, mas há muitos anos atrás. Em contrapartida, Manoel confessara que em verdade jamais prestou muita atenção na filha do farmacêutico, exceto há algumas horas atrás, quando a vira entrar no Bar e Tabacaria da Quarta Parada. Maria de Fátima queixara-se de que foram necessários vários anos para que ela finalmente fosse vista por ele, mas que ele estaria perdoado, desde que a impressão recentíssima que tinha dela fosse lisonjeira. Manoel dissera-

lhe que não podia restar qualquer dúvida de que a impressão causada por ela, a primeira impressão dos tempos atuais, digamos assim, fora muito, muito intensa e positiva. Maria de Fátima quisera saber o que Manoel entendia como impressão muito, muito intensa e positiva. Manoel não soubera explicar imediatamente, mas dissera que no fundo dos próximos copitos talvez encontrasse a resposta.

Maria de Fátima por fim quis saber ainda porque razão só agora ele reparara nela. Manoel respondeu-lhe, em tom de blague, que só agora ela havia alcançado o tamanho adequado para ser detectada pela sua visão.

Maria de Fátima riu, sorveu o fundo do copo e logo em seguida o encheu novamente. Manoel fez o mesmo, embora seu copo estivesse pela metade. Buscando ser simpático, disse que se lembrava certa feita de tê-la visto entrando na farmácia, vindo provavelmente da praia. Maria de Fátima carregava uma imensa bóia, tinha talvez uns doze anos e suas pernas prometiam ser o que hoje eram; e seu corpo também, e seus cabelos também. Maria de Fátima lembrou-se de que encontrara Manoel há três anos; Manoel disse-lhe que de fato era verdade, e que não se esquecera, mas que a menina com a imensa bóia fizera-lhe mais impressão. Ela o chamou de pervertido; ele a chamou de mimada; ela o chamou de atrevido, ele a chamou de sapeca, mas cativante e sedutora.

-- Tu achas, mesmo?

-- Acho.

-- Então jamais serei uma boa médica. Uma boa médica deve antes de mais nada inspirar confiança.

Ele replicou que uma pessoa, mesmo que muito comum, inspira muitas coisas a outras, dependendo do momento e da circunstância. Ela treplicou dizendo que Manoel acabara de

reeditar um clichê gasto e pobre de espírito; que para seu bem ele deveria evitar de dizer coisas desse tipo. Ele prometeu que buscaria ser mais inteligente e original dali para frente. Então, a despeito de tudo o que de original poderia ocorrer, pediram a conta, pagaram cada centavo e foram para o aeroporto. Ela estava novamente ao volante.

No caminho, Maria de Fátima voltou à carga:

-- E sobre a afirmativa de que tua primeira impressão a meu respeito era "muito, muito intensa e positiva", o que é que definitivamente queres dizer com isso?

-- Quero dizer que não pode haver mortal sobre o planeta que fique indiferente ao ver-te passar. Digo-te apesar de seres vaidosa e mimada.

-- Não sei se beijo-te ou espanco-te, respondeu ela.

Tomadas todas as providências quanto à passagem, câmbio de escudos em dinheiro francês, e embarque de bagagem, restava a Manoel aguardar pela chamada do vôo. Eram 4h30 quando foi ouvido o primeiro aviso de embarque. Maria de Fátima desistira de esperar que o novo amigo entrasse no avião. Estava cansada e novamente bêbada, só que desta vez não se sentia enjoada.

Manoel cansara-se de estar em companhia de alguém. Não porque esse alguém era Maria de Fátima, mas porque perdera o hábito de passar longas horas ao lado de quem quer que fosse; ademais, tinha de expurgar algumas dores portuguesas que só poderiam ser expurgadas quando ainda em território pátrio, e de preferência em solidão.

Quando ela deu a entender que não o acompanharia até o embarque, Manuel agradeceu muito polidamente a carona, os copos, o jantar, a conversa. Deu-lhe um beijo insosso, insípido, desestimulante, inadequado e impróprio, no rosto.

Em contrapartida, em resposta, em desagravo; ou para afrontá-lo, Maria de Fátima segurou o rosto de Manoel com as duas mãos e retribuiu o beijo mordendo vagarosamente os lábios dele, em seguida fez deslizar sua língua pela linha da boca de Manuel, depois a introduziu fazendo-a enredar-se com a dele, no receptáculo exíguo, úmido e quente da cavidade bucal.

Depois, despegou os lábios, olhou nos olhos dele de uma maneira que nunca havia feito antes, e voltou a beijá-lo com distensão. Após o que, soltou-se abruptamente dos braços do viajante, apartou os corpos, deu-lhe as costas e partiu.

Manoel viu-se repentinamente só, e por sua própria conta e risco. Por uma fração de segundo pensou em chamar por ela aos altos brados, para convencê-la a viajar com ele. Mas a deixou ir-se embora.

Depois, respirou fundo e atravessou o aeroporto, que àquela hora da madrugada tinha seus corredores semidesérticos, nos quais apenas se via o pessoal uniformizado da limpeza, uma dispersa milícia sonolenta, e de raro em raro um passageiro.

Foi só então que ocorreu a ele que não havia pedido a Maria de Fatima seu endereço no Porto; o endereço e o telefone. Mas já era tarde.

Era tarde e inadequado o momento também para refletir sobre o que acabara de acontecer, que fora pouco, mas que talvez, ainda assim, fora pior do que nada, sob o ponto de vista de quem não quer complicações sentimentais; mas que fora talvez muito pior do que uma relação sexual completa -- da qual aquele beijo efetivamente era uma espécie de hors-d'oeuvre, uma pequena amostra, ou simplesmente uma triste paródia do que porventura nunca aconteceria.

Maria de Fátima fora inconseqüente, pensa Manoel, embora sua vaidade masculina sussurrasse outra coisa em seu cérebro.

Repassou o acontecido entre eles: estavam ambos repartindo aqueles momentos de boemia como velhos amigos, quando a filha do farmacêutico Alípio e de Dona Eurídice, que ele conhecera desde pequena, salta-lhe ao pescoço, rouba-lhe aquele beijo e se retira sem se voltar para trás, provo- cativamente, decerto, mas provavelmente como alguém que se desfaz de algo de que não necessita mais, de algo que se gastou completamente, e que agora tem pouco ou nenhuma importância. Ou, ao contrário, o gesto de Maria de Fátima de não se voltar e acenar para Manoel, à saída, podia significar algo inteiramente diferente, como, por exemplo, que ela pretendia arquivar em sua mente, pele, lábios e corpo o contato físico com aquele homem, ao invés do derradeiro e melancólico fotograma de sua presença humana no saguão do aeroporto. De qualquer modo, o que quer que tenha sido o significado daquele desenlace, ele ocorreu de uma maneira que não deveria ter ocorrido. Mais uma idiotice em sua vida. Pronto. Basta.

-- Vosso passaporte, e cartão de embarque, faz favor.

Manoel não quer se ocupar mais desse assunto naqueles derradeiros instantes em solo pátrio. E não fazia diferença para Manoel o fato de que ele poderia estar de volta em poucos dias. Mesmo que isso acontecesse, ele com certeza não voltaria para a casa paterna, nem para nenhum dos outros lugares em que morou. Talvez, se voltasse para Portugal, decidiria permanecer no norte, em Caldas do Gerês, e cuidar de seu pequeno negócio em sociedade com José Maria Fernandes. Poderia residir na pensão, ajudar o

sócio, ampliar as instalações. Procurar, pela primeira vez, ganhar dinheiro com aquele empreendimento desastroso.

Mesmo que acertasse os ponteiros com o jornal, Manoel não precisaria ficar em Lisboa. Podia viver em Sintra, por exemplo; talvez mesmo fosse possível enviar seus trabalhos desde o Gerês, e acumular duas atividades: a hotelaria e a de imprensa, por que não?

De qualquer ângulo, por conseguinte, sua viagem significava um rompimento com tudo ou quase tudo o que fizera até ali. Mesmo sua volta ao cenário esportivo, agora como cronista, Manoel não entendia como uma retomada, um regresso. Seu futuro trabalho era ao contrário um forte indício de que jogara uma terra por cima de seu passado de jogador.

Ao recolher sua bagagem de mão do outro lado da esteira de inspeção alfandegária, no entanto, passa serelepe em sua mente a lembrança do atrevimento de Maria de Fátima, o jantar à luz de velas na Baixa, os derradeiros copos no Galeto.

Não, definitivamente não eram essas memórias recentes as que Manuel gostaria de ruminar agora, quando está a poucos metros do portão de embarque e à frente do número de seu vôo, nos monitores do aeroporto, uma luz pisca nervosa.

Maria de Fátima é experiência recente; é substância de pensar ainda desconhecida e sem disciplina. É preciso tato e cautela para se apartar de sua lembrança; para fazê-la ir-se embora, e deixar espaço para as coisas mais familiares, os odores mais habituais, as frases e cenas já muitas vezes reprisadas, mas que no momento da partida ganham um sentido quase heróico.

Há, com efeito, tanto o que pensar, tanto o que rever, e repassar nessas horas desabituais, mas não obstante Maria de Fátima está ali, povoando a mente de Manoel com seu rosto amplo, seus modos à mesa e ao volante do Opel, seu perfume, seu jeito de segurar o cálice, o timbre de sua voz, seus ombros salientes, para diante e para trás, como uma centopéia desarticulada. Manoel quer despojar-se da presença inconveniente dela, quer agora relembrar algo saboroso, ameno, definitivo; algo enraizado como uma relíquia, como por exemplo alguma das muitas conversas que tivera com o sócio e amigo, o minhoto José Maria, por quem nutria sólida afeição e inestimável confiança. Talvez aquela, tão marcante, em que o sócio lhe dizia logo que Manoel chegara à pensão, vindo de carro de Lisboa, nem bem, ainda, saíra de dentro do carro, que a moça de limpeza fora acusada de furtar umas notas da carteira de um hóspede. Não era possível, acrescentara no entanto José Maria, estorcendo um pano de cozinha, pois todos a conheciam bem. Rosalva não seria capaz, ainda mais ela, filha do Marcondes. Contudo, aduzira o sócio, o hóspede parecia seguro de que, depois da arrumação em seu quarto, sumiram-lhe algumas centenas de escudos. Esquecera a carteira? perguntara-lhe José Maria. O homem dissera que não; saíra a passeio antes da arrumação em seu apartamento e levara a carteira e o dinheiro consigo. Como era possível a Rosalva subtrair-lhe o dinheiro sem deitar a mão à carteira? indagou o bom José Maria, que ao relatar a Manoel o colóquio que tivera com o hóspede, e apesar de rude camponês, dramatizava muito apropriadamente a acareação, sacudindo as mãos com os dedos unidos, atirando o pano de cozinha às costas e movendo o antebraço como um napolitano

autêntico, que não era. Onde teria José Maria aprendido isso? indagara tantas vezes Manoel. No entanto, subitamente, antes do desfecho da conversa com o sócio, ressurgem o rosto e os ombros centopéicos de Maria de Fátima, esfumando as imagens.

Manoel insiste, quer expurgar a lembrança de Maria de Fátima, quer ouvir pela centésima vez o que seu sócio dissera naquela oportunidade. É dos fundos de algum absconso depósito mental que Manoel consegue fazer aflorar a voz tíbia de José Maria -- e junto com ela o corpanzil do minhoto, que como uma fantasmagoria perpassa os fumos de carne de Maria de Fátima e ganha o primeiro plano no palco mental de Manoel. Ora, senhor, dizia ele, se assim é, se de fato não esqueceu o dinheiro no hotel, foi porque o perdeu na rua, e não aqui, a menos que queira afirmar que a nossa empregada o seguiu pelos socalcos dos montes por aí fora, e extraiu, sem que o senhor percebesse, as notas da carteira. E estamos conversados. A gaja fica. O senhor sai.

E assim foi.

José Maria, em seguida, muito humildemente, perguntou ao sócio se este não se aborrecera com ele, que se Manoel pensava diferente poderiam rever o caso, mas que em sua opinião o hóspede era um safardana. O minhoto parecia agora um mímico; enquanto falava, recolhera o pano da cozinha das costas e o torcia novamente, com firmeza, mas muito condoidamente, como se tudo na vida fosse um pesado martírio. Tudo isso exasperava e ao mesmo tempo era um convite ao riso. Manoel respondeu ao sócio que, se tivesse em seu lugar, teria feito a mesma coisa; que para ele o assunto estava encerrado e muito bem, e que não se devia mais falar nisso.

Os dois entraram abraçados porta adentro. A primeira pessoa que viram, logo que puseram os pés na sala da pensão, foi justamente a menina Rosalva que, muito cerimoniosa, veio cumprimentar o patrãozinho.

Como poderiam aqueles olhos infantis e doces resvalar numa carteira suja de dinheiro? pensou Manoel, ao entregar o cartão de embarque à aeromoça, que o devolveu após indicar a localização de seu assento. Manoel teve sorte, a seu lado ninguém se sentou.

O dia em breve irá amanhecer nos céus de Lisboa. Umas tintas alaranjadas muito tênues escorrem da paleta do céu, e se misturam à cor de borra escura de café que recobre o horizonte e a cidade inteira. Uns vapores de friagem rolam pela pista, ovelhas sem cabeça, nem rabo, saçaricando sobre as faixas de rolagem dos aviões. O ex-jogador está comovido. Mas talvez seja o cansaço e a bebida em excesso. É dia 14 de abril de 1990. Manoel vai partir.

Avenida Ribeira das Naus, Avenida da Liberdade, Rua do Salitre, Rua do Sol ao Rato, Rua Alexandre Herculano, Avenida Duque de Loulé, Parque Eduardo VII, Rua do Alecrim, Rua da Escola Politécnica, Rua Saraiva de Carvalho, Avenida de Berna, Calçada da Ajuda, Estrada de Chelas, Avenida Fontes Pereira de Melo, Avenida Sacadura Cabral, Avenida de Roma, Avenida do Brasil, Avenida Almirante Gago, Rua da Graça, Rua do Sol, Rua da Verônica, Rua do Limoeiro, Rua da Vitória, Rua do Comércio, Rua dos Fanqueiros, Praça dos Restauradores, Rua Primeiro de Dezembro, Rua do Arsenal, Praça de Camões, Costa do Castelo, Rua Actor João Rosa, Rua Barão de Sabrosa, Avenida Almirante Reis, Rua Ferreira Borges, Calçada da Estrela, Rua Almeida e Souza, Rua Entre Muros,

Cais do Sodré, Rua Braancamp, Rua dos Sete Moinhos, Rua do Século, Rua Eduardo Coelho, Rua Almeida e Souza, Rua Almeida e Souza, Calçada da Estrela, Rua Almeida e Souza, Av. Professor Egas Muniz, Rua de Entrecampos, Estrada de Benfica, Calçada da Estrela, Rua Almeida e Souza, Praça da Quarta Parada, Praça da Quarta Parada, Rua Almeida e Souza, Calçada da Estrela, Rua Almeida e Souza, Avenida Infante D. Pedro, Avenida das Forças Armadas, Rua de Campo de Ourique, Rua Coelho da Rocha, Rua Almeida e Souza, Charneca, Odivelas, Moscavide, Sete Rios, Belém, Calhariz, Lumiar, Campo Grande, Bairro Alto, Estrela, Lapa, Campo de Ourique, Areeiro, Baixa, Campolide, Alvalade, Sapadores, Graça, Penha de França, Chelas, Caselas, Ajuda, Restelo, Alcântara, Sintra, Oeiras, Loures, Vila Franca de Xira, Estremoz, Portalegre, Santarém, Alenquer, Caldas da Rainha, Torres Vedras, Mafra, Nazaré, Figueira da Foz, Coimbra, Serra do Buçaco, Serra da Estrela, Gouveia, Guarda, Covilhã, Manteigas, Penhas Douradas, Mangualde, Aveiro, Celorico da Beira, Serra de Marvão, Serra do Marão, Alcobaça, Amarante, Viseu, Vila Real, Vila Nova de Gaia, Porto, Vila Nova de Famalicão, Póvoa de Varzim, Vila do Conte, Guimarães, Braga, Fafe, Penafiel, Barcelos, Esposende, Vila Verde, Terras do Bouro, Caldas do Gerês, Serra do Gerês, Ruivães, Viana de Castelo, Melgaço, Paredes, Torres Novas, Felgueiras, Mondim de Basto, Bragança, Miranda do Douro, Évora, Reguengos de Monsaraz, Viana do Alentejo, Vidigueira, Moura, Mourão, Torre dos Coelheiros, Olhão, Tavira, Albufeira, Vila do Bispo, Cabo de São Vicente, Beja, Avis, Castelo de Vide, Marvão, Alegrete, Lisboa, adeus.

-- Senhor, o encosto na vertical, por favor.

Manoel, que cochilara, abre os olhos a custo, ajeita-se sobre o exíguo espaço de sua poltrona, toca o cinto de segurança, toca suas próprias pernas, amortecidas pelo desconforto; o avião trepida na pista; as junções do solo passam sob os pneus cada vez mais depressa, cataput, cataput, cataput, cataput, cataput, cataput, cataputcataputcataput. Os flaps sobem, o bico do avião se levanta do chão, uma vibração sacode a estrutura da aeronave, como se esta estivesse esgrimindo contra a gravidade. Copos, latas, garrafas, malas e caixas se entrechocam nos respectivos compartimentos; crescente compressão nos ouvidos; os passageiros são empurrados contra suas poltronas sob a força de empuxo; as luzes de bordo são reduzidas ao mínimo quando a aeronave arremete, alumiando debilmente a geometria das poltronas. Por fim a aeronave despega do solo, alçando degraus imaginários, resfolegando, mas resoluta. Na proa, o aço reluzente da nave mergulha em definitivo na manhã; seu bico arredondado de delfim parece querer espicaçar, intrépido, a seda alaranjada do horizonte; para trás fica a borra escura do céu. Mas Manoel nada vê, ou pressente, pois agora volta a dormir.

Não se dá conta também do momento em que o avião atravessa a fronteira entre Portugal e Espanha, e uma insípida refeição começa a ser servida. Só se apercebe parcialmente do que ocorreu em seu redor quando uma aeromoça toca seu ombro.

-- Manoelzinho, Manoelzinho, queres comer algo?

Manoel, estremunhado, abre os olhos, e se retorce na poltrona; mas não demora muito para compreender o que ouvira e para identificar o que via.

Era a Lucinha, minúscula mas ubérrima, que foi sua namorada e que certa feita encabeçou um fã-clube muito ativo, que de certo modo colaborou no sentido de promover tanto o nome do goleiro, quanto seu retorno para Portugal.

Não havia dúvida, aquele rosto míudo como o de um sagüí, mas muito bem desenhado era o dela. Mesmo sonolento e sem seus óculos, que deixara sobre o peito, não havia como não reconhecer. E, se não fosse pelas feições, de que bem se lembrava, e que pareciam ignorar a passagem do tempo, as proporções frontais e a voz ligeiramente rouca da aeromoça eram definitivamente inconfundíveis.

-- Então tu te aposentaste e agora gozas a vida, disse ela, dando-lhe um beijo e lhe entregando um guardanapo e um pacotinho de amendoim.

Manoel, surpreso, como se estivesse sendo acordado em seu próprio quarto, não sabia bem o que dizer. Passou as mãos no rosto, retorceu-se novamente sobre o assento, recolocou os óculos e segurou o braço de Lucinha, trazendo-a para si. Quis retribuir-lhe o cumprimento.

-- Vais ficar em Paris? perguntou ela, quando ele a beijou.

-- Não, estou de passagem. Prossigo para a Irlanda. E tu, voas para onde?

-- Fico em Paris dois dias, depois vou para Budapeste. Mas dize-me lá: esta noite o que fazes? Ficas em Paris?

-- Sim, penso que sim.

Manoel sorriu.

-- Mas conta lá como conseguiste que a empresa aérea te contratasse, se não chegas a meio metro de altura, disse Manoel em tom de blague.

-- É que sou simpática, a empresa não é grande coisa e, além do mais, uso saltos altíssimos, para disfarçar meu

tamanho. Vês?

Lucinha beliscou a saia, puxando-a e descobrindo o joelho, e ergueu o pé, para que Manoel visse. Manoel viu e gostou.

-- Deus meu, tu estás quase fora do avião com esses saltos, opinou ele, ainda sonolento.

-- Continuas exagerado. Escuta, vou trazer-te um champagne francês, para comemorarmos nosso reencontro.

-- E tu podes beber em serviço?

-- Escondido, posso. Dou-te o champagne, tu me dás uns goles, está bem? Mas ouve lá: não te percas depois de mim. E fica desde já acertado que nos encontraremos no terminal de bagagem.

Manoel concordou, espalmou as costas de Lucinha com seus dedos largos. A chapa de sua mão cobria quase que inteiramente a superfície das costas da aeromoça. Ao toque, sentira as diminutas omoplatas de Lucinha. Lembrou-se de quando fazia amor com ela na pensão em Gerês, ou naquela vez em que foram a Roma e se amaram muito. Puxou-a pela roupa. Ela retrocedeu. Ele deu-lhe outro beijo.

-- Já trago tua bebida, disse ela.

Instantes depois, Lúcia voltou com uma bandeja contendo um sanduíche hermeticamente embrulhado, um copo de plástico, uma garrafa de champagne, e um papel, com seu nome e o telefone de seu hotel de Paris. Ela o cercava por todos os lados.

Antes que Manoel dissesse algo, Lúcia se afastou com o carro de serviço pelo corredor.

O primeiro trago do espumante francês fê-lo despertar e olhar com certa curiosidade pela janela. As asas da ave de aço cintilavam sob os raios de sol da manhã nascente.

Manoel estava realmente cansado, mas não se sentia em condições, naquele momento, de tentar dormir outra vez.

Serviu-se de um segundo copo quando Lucinha se aproximou, inclinando-se sobre ele e subtraindo sutilmente o copo, que levou à boca, sorvendo praticamente todo o líquido.

-- Toma, segura um instante, que já regresso, disse ela.

Manoel depositou o copo sobre o tampo da mesa retrátil e ficou a olhar novamente as asas prateadas do avião, que agora cortavam as nuvens muito alvas como facas em um bolo.

Lucinha regressou com outra garrafa.

-- Lembras-te de nossa viagem à Itália?

-- Estava agora mesmo a pensar nisso.

-- E o que pensavas?

-- Pensava muita coisa, disse ele evasivamente.

Lucinha riu, abriu ela mesma a pequena garrafa de champagne e serviu.

-- E o que foi que aconteceu entre nós? Por que é que tu te afastaste de mim? Será que tu tens a resposta? perguntou ela, falando-lhe ao pé do ouvido, por causa do ruído dos motores do avião.

Manoel virou o rosto para o lado, para ganhar tempo. Depois, quase tocando seus lábios na orelha de Lucinha, armou o gatilho e atirou:

-- Tenho, e tu também tens, pois é bem simples: tu gostavas do jogador, do guarda-redes. Quando este deixou de existir, tudo se acabou.

-- Não foi isso, disse ela, novamente falando ao ouvido de Manoel.

-- Foi sim, insistiu ele, voltando a colar seus lábios na

orelha de Lucinha. Quando deixei de jogar, percebi que tu me olhavas de maneira diferente, quase como se tu me desprezasses, compreendes?

O pescoço de Lucinha, próximo do rosto de Manoel, estava teso, duro com um osso. Ela buscava não perder nenhuma palavra do que Manoel dizia.

-- Ficou então muito nítido para mim, continuou ele, que não havia razão para continuarmos a nos ver mais. Além do mais, acrescentou, tu me perdoas dizer-te uma verdade: eras muito volúvel, sabes disso, não sabes?

-- Não é verdade, sorriu tristemente Lucinha. Tu é que nunca demonstraste segurança. Parecia sempre que estar a meu lado te era desconfortável.

-- É possível, é possível. E acrescentou: e tu, ainda és louca por futebol?

-- Depois que tu desististe de jogar, também desisti do fã-clube; além do mais comecei a me sentir ridícula no papel. E digo-te mais: depois que tu te afastaste do Benfica, nunca mais fui a estádios, vez ou outra paro à frente da televisão, quando há jogo, mas vejo pouco.

-- Teu erro foi que escolheste o gajo errado, disse Manoel condescendente, eximindo-se de alguma culpa imputável, e fabricando no rosto um sorriso amarelo.

-- Tu é que mudaste com o passar da fama. Perdeste a confiança, a segurança, insistiu ela ainda outra vez.

O ex-jogador quis responder de pronto, mas Lucinha se afastou novamente, atendendo ao aceno de um passageiro. Quando voltou, Manoel brincou:

-- Não te disse há pouco que eras volúvel? Aí tens a prova. E apontou na direção do aceno ao qual a aeromoça atendera.

-- Devo recolher as bandejas. Depois falamos, disse ela, tocando-lhe o ombro antes de se dirigir para a parte frontal do avião. Este ia como que em direção ao sol, deixando-se penetrar por uma luz forte e radiante.

Rutilante ave. Raios alaranjados, carmins e amarelos fendiam o ar, fazendo cintilar as partículas em suspensão. Às vezes, a uma mudança de curso e altitude, nuvens cinzentas filtravam por instantes a luminosidade, que se esbatia láctea sobre o espaço interno da nave. Quando o avião alterava o curso, ou quando se precipitava em um vácuo, copos tremeluziam, talheres e garfos triscavam; vozes abafadas pelo som dos motores se destacavam íngremes; alguém gemia de angústia, alguém sentia um frio sensual na barriga e soprava um uivo inaudível, e na cabeça de outro passava a idéia da fragilidade da vida. Em um lavabo liliputiano, alguém desmoronava contra a parede, desequilibrado. Carros de bebida e comida deslizavam em rebelião, até serem aparados e presos, e os ouvidos dos rolamentos em liberdade soava como uma casa de aço se desmantelando.

Esse desencadear de sons, gestos, expressões se repetia em todos os vôos; poder-se-ia dizer que eram sempre as mesmas orquestrações humanas acontecendo monótonas sobre as nuvens, talvez a confirmar que os céus não são a melhor hospedaria para o homem.

Súbito, as nuvens alvas e translúcidas ressurgiam. O sol dardejava-as impiedosamente. E mais fulgurante pareciam os espasmos de luz sobre o avião.

Numa dessas ocasiões, surgiu, no assento contíguo ao de Manoel, do outro lado do corredor, um rosto de menina no qual ele não havia reparado antes. Vestia-se de marinheiro e tinha o rosto inchado de tanto dormir. Mordiscava um

biscoito com geléia, talvez uma madeleine, e parte do conteúdo escorria por suas bochechas. Ela se voltara para Manoel, mas logo se desinteressara dele; seus olhos negros piscavam, ao encontro da luz natural, convidativa, aliciante, que vinha da janela ao lado da qual Manoel se encontrava.

Em dado momento, Manoel fechou a cortina a seu lado, sem perceber que desapontara a menina, que ensaiava desgarrar-se da provável mãe para se projetar na direção da luz. Com a mudança ambiental, a menina recuou, apossou-se da manga da blusa da acompanhante e agarrou mais uma madeleine de um pacotinho de celofane que tinha sobre a barriga.

Manoel desinteressou-se do que ocorria à sua volta, cerrou os olhos com obstinação, resolvido que estava em descansar alguns momentos mais, para chegar em Paris com novo espírito.

No entanto, o que faria com o convite subentendido no bilhete de Lucinha? Sairia com ela de Orly, indo diretamente a seu hotel, ou telefonaria para ela depois que se instalasse? As últimas palavras trocadas entre eles há pouco sugeriam, por outro lado, que qualquer nova aproximação seria um projeto desaconselhável.

Manoel girou o corpo, buscando uma posição mais cômoda na poltrona. Dentro de pouco mais de uma hora estaria pousando, e isso era o que de mais palpável existia em sua vida naquele momento; a única coisa concreta em que poderia de imediato se agarrar: 60 minutos de imobilidade e espera. Ao cabo desses minutos, Orly, com ou sem Lucinha, e o preâmbulo do jogo de Dublin.

Manoel pensa na carta, com as iniciais J. B. H. Lembra-se do texto do documento quase de cór, tantas vezes o

consultara desde que chegara a suas mãos, mas ansiava por esclarecimentos que aquelas poucas linhas não podiam fornecer como, por exemplo, que tipo de charadas teria que enfrentar para se sair vitorioso no jogo? Quantos participantes teria que derrotar? Que atributos pesariam mais durante a partida: a paciência, a força, a inteligência, a obstinação, ou tudo era uma questão de sorte? De qualquer modo, sua viagem estava paga. Se perdesse, perderia se divertindo. Se ganhasse, ficaria com o prêmio dado por J. B. H. Se não se divertisse, nem ganhasse coisa alguma, teria gasto o tempo de maneira inabitual; e se tudo o decepcionasse, esse sentimento de decepção seria, ainda assim, novo, posto que tendo por origem acontecimentos jamais vivenciados antes.

-- Queres um? pergunta-lhe a vizinha vestida de marinheiro.

Manoel apruma-se na poltrona e se volta para a menina.

-- Como te chamas?

-- Queres um? insiste ela.

Quando Manoel viu o estado do pacote e de seu respectivo conteúdo, teve a imediata certeza de que não gostaria de experimentar as madeleines pisoteadas da marinheira. Agradeceu a oferta, insistiu em seguida para que a menina lhe dissesse o nome.

-- Sofia, disse ela.

-- Chamo-me Manoel. E agora tu vais me deixar descansar um pouco, está bem?

Menina e pacote recuaram. Manoel concentrou-se acirradamente na tarefa de adormecer. Parecia agora um ponto de honra.

Quando, momentos depois, Lucinha passou por ele,

percebeu que Manoelzinho ressonava, agarrado a um travesseiro diminuto, sua envergadura vigorosa encolhida, retesada, contida no paletó social e na camisa-de-força do recolhimento de seus braços. Lucinha estancou sua caminhada à altura da poltrona do ex-jogador e abandonou seu olhar na contemplação primeiro do homem em embate com a falta de espaço, depois de seu rosto contraído, parte dele comprimindo o travesseirinho contra o encosto da poltrona.

Sentiu pena dele e de si mesma, teve vontade de chamar Manoelzinho mais uma vez, fazê-lo conversar, tocá-lo. Ansiava por ouvir sua voz, vivenciar novamente, ainda que fosse através de um palavrório carcomido pelo tempo e pelo uso, alguma situação semelhante às partilhadas por ambos no passado, para assim acordar dentro dela sentimentos amortecidos. Mesmo que se desentendessem, e por certo o fariam. Mas não ousou fazê-lo, ao menos naquele momento.

Seguiu em frente através do corredor, atirando suas ancas para um lado e para outro, o conjunto todo espetado em dois palmos de salto, parecendo que fora erguida no ar por meio de tirantes invisíveis e avançava sem tocar o chão.

Em dado instante, Lucinha chegara mesmo a rir consigo mesma, considerando com algum prazer que talvez agora, com sua experiência de dormir um dia em Londres, outro em Milão, outro em Paris, tivesse finalmente conseguido perder o grave traço lusitano, que parecia sempre coagi-la a falar, a gritar, quando o melhor era calar; calar e meditar, e que talvez agora ela estivesse mais preparada para o amor.

Com pensamentos tão oportunos e razoáveis, atravessou o corredor do avião de um extremo a outro, fez seus deveres de aeromoça, recolheu as derradeiras bandejas, foi à cabine,

trocou palavras com a supervisora e o comandante; ficou sabendo que chovia em Paris, que havia possibilidade de neve no período da tarde na capital francesa; que Le Bourget estava no caminho de um vendaval; que a área do Charles de Gaulle não apresentava boa visibilidade, por causa de uma espessa neblina, e que a operação aérea se atrasara; soubera também que o engenheiro de vôo, o sempre alegre Patrick Wright, estava com dor de dente, mas era suportável; e que o comandante Bob Sinclair ia ser avô pela primeira vez, mas estava calmo; por fim, como decorrência de alguns desses fatores combinados, ficou sabendo que o tráfego aéreo em Orly estava sobrecarregado, o que resultaria num atraso de 30 minutos. Ao passar por Maria de Lurdes, segredou-lhe ao ouvido que não iria mais partilhar com ela o quarto de hotel. Desta vez decidira alojar-se em seu apartamento parisiense. Maria de Lurdes não se incomodou, até se sentiu aliviada, pois poderia fumar à vontade em seu quarto, sem a presença de Lucinha.

Faltavam trinta e cinco minutos para a hora prevista de pouso quando os passageiros foram oficialmente notificados, em duas línguas, de que haveria um atraso de aproximadamente 30 minutos, de forma que chegariam a Orly em pouco mais de uma hora.

Tudo isso posto, Lucinha retornou pelo corredor aparentemente calma, com seus passinhos de curtas estocadas, e chegou até a poltrona de Manoelzinho, que dormia o sono dos justos. Contudo, ao vê-lo entregue, não se conteve, sacudiu o ombro do ex-jogador, com a intenção de continuar a conversar sobre o assunto que havia deixado em suspenso: a separação ocorrida anos atrás. O sangue lusitano, infelizmente, vencera.

-- Manoelzinho, preciso falar-te. Perdoe-me, mas devemos falar.

Manoel não respondeu de imediato. Do fundo de suas vísceras aflorou um protesto tênue, de quem não está seguro se vive um pesadelo ou se foi devolvido à realidade. Tal fato, todavia, não abalou os propósitos da portuguesa que, aproveitando a situação de franca desvantagem de seu oponente, já o empurrara para o assento vago, à janela, e se sentara a seu lado.

-- É só para aclararmos algumas cousas, Manoel. Responde lá, vamos aproveitar a ocasião.

As pálpebras do ex-jogador então se retraíram, duas órbitas cansadas e sanguinolentas saltaram de sua caveira cansada, apontando raivosas para a direção de onde viera a convocação. Manoelzinho arrancou do rosto as lentes, como se quisesse se descartar de tudo o que ouvia. Não chegou a destruir seu par de óculos, porque se conteve, embora seu rosto revelasse uma forte disposição para fazê-lo. Ainda assim, Lucinha não se sentiu intimidada:

-- O que tens? Será que não mereço uma palavra tua, Manoelzinho? Ouve: entendo que fui severa demais contigo, ainda há pouco. Mas o que querias?

Manoelzinho bufava, soprando dos pulmões como que uma enorme insatisfação comprimida. Ele não queria nada naquele momento, apenas usufruir do tempo de vôo que lhe restava e dormir. Sua mímica não a convenceu. Então, Manoel fez uso das palavras, as gastas palavras. Arregimentou-as como pôde, sonolento, mas irritado. Enfiou os óculos nas orelhas e, como um missionário tresvariado, procurou dissuadir Lucinha de prosseguir na estupidez e na ignorância. Por fim, conseguiu demovê-la da abordagem,

convencendo-a a esperar a chegada a Paris; argumentou, ainda, já se entregando a uma persistente sonolência, que se sentia mal e que precisava se recompor e que àquela altura, ademais, não se recordava em que ponto a conversação fora interrompida e essa interposição de Lucinha não fazia muito sentido.

Embora Lucinha protestasse vivamente contra o fato de que Manoel já se esquecera do que acabaram de falar, o que era sinal evidente do pouco caso que fazia do relacionamento entre ambos, a aeromoça finalmente acatou a sugestão, recolheu as garras, soprou os louros cabelos que emaranhados recobriam seu rosto e ventas, e retrocedeu, talvez apenas porque se dera conta de que no quarto do hotel, com tempo e boas armas, a batalha seria muito melhor; para quê desperdiçar os trunfos naquela acanhada guerrilha aérea, quando um amplo e discreto quarto de hotel prometia muito mais?

-- Continuamos a conversar em Paris, está bem, Manoel-zinho?

Como ele não respondesse, acrescentou:

-- Se tu quiseres falar disso, bem entendido. Até já.

Como uma mola, Lucinha ergueu-se da poltrona, amealhando as duas garrafas de champagne vazias e o copo, que ficaram enfiados na bolsa do encosto da poltrona da frente.

Assim que Lucinha deixou livre o assento, o corpo de Manoel voltou para a posição de repouso imediatamente anterior. A aeromoça enveredou para os fundos da aeronave e se trancou em um lavabo, para ver suas lágrimas escorrendo do rosto ao espelho; nelas, indo direto para o ralo, provavelmente o melhor do caráter e da sensibilidade

de Lucinha. Enquanto ela se exasperava, contemplando a metáfora de sua dor e toda sua bondade não partilhada, Manoelzinho já ressonava, sem que tivesse ficado sabendo que ganhara, com o congestionamento de Orly, mais alguns preciosos minutos de repouso.

Sonho, sonho dentro do sonho, entrelaçamento de sonhos. Manoel sonhava que dormia na casa dos pais, na Almeida e Souza, seu sonho tinha a princípio cheiro de macela, por causa do travesseiro da casa dos pais, que no sonho o ex-jogador enfiara o rosto. No sonho de seu sonho, Manoel dirige seu Morris verde-claro na estrada entre Covilhã e Manteigas, ou será a direção oposta, sempre a descer, entre Manteigas e Covilhã, não importa, o que importa é que no sonho de seu sonho, ele dirige, as coisas passam por ele, quase resvalando em seu rosto e em seus braços e ombros; passam por ele pinheiros e tojos de forte coloração amarela. Por dentro do cheiro de macela do travesseiro da casa paterna brotam sabores de pinho e de flores silvestres, misturados a fumo de lareiras e de trempes aquecidas para fazer o cabrito e cozer as trutas. Brotam também fotogramas de distantes horizontes em contraste com ramas agitadas, muito próximas ao rosto; seu olhar solitário debruça-se do alto de penhascos, em que se desenham serras em azulada vertigem, pedras lembrando imensas formas humanas, lagoas de imóveis águas negras, vegetação raquítica e flores crespas e roxas e brancas, e paredões de pedra, ulmos refolhando, pejados de folhas em frufru, castanheiros reverdescendo, e uma serra elétrica fabricando lenha e outros disparates, escondida em alguma herdade decadente, e uns tipos alourados com mochila às costas, subindo sempre em fila indiana, os braços vermelhos, desacostumados do fogo lento

que arde sobre os campos, e no campo um homem e um alforje e um cão de rabo longo e uma tigela branca de vinho verde próxima aos lábios; o carro de Manoel passa, seu corpo passa, e o homem ergue a cabeça, mas logo mergulha no letargo de sua solidão, embriagado pela retomada de posse do mundo, posse agora plena, sem testemunhas ou concorrentes. O cão espaneja o ar, o dono desengancha do ombro um cantil e extrai de um saco uma cuia, enche-a com água e fornece ao cachorro. No sonho dentro do sonho, de alguma maneira, Manoel, mesmo passando, distanciando-se para o alto, ainda assim consegue ver esse homem solitário e esse cão. Seu rosto está agora próximo do de Manoel, suas rugas são nítidas como sulcos de arado, e ele tem catarata em um dos olhos; Manoel reconhece o homem, é Afonso, escondido em uma barba ruça e rala, mas é ele, não há duvida, o servente que sempre o protegeu, e que há anos morreu; Afonso move os lábios, diz algo, que Manoel não ouve, ou ouve de outra forma, e sorri, e da boca de Afonso saem ananás em fatias, morangos, peros e laranjas. Manoel quer dizer-lhe coisas, mas está sufocado, os ramos de macela entram em seu nariz, em sua boca, mas para quê falar? Basta que Afonso e ele se abraçem longamente, felizes com a certeza de que um não morreu para o outro, e é o que fazem. No entanto, ao invés do corpo magro do servente, sente nos dedos o volante nervoso do carro, subindo sempre. Afonso sentou-se a seu lado; Afonso acomodou o cão no assento de trás do Morris, mas o bicho intromete o focinho entre os bancos da frente. Manoel agora está bem no cimo, quase no último lanço da estrada, que logo termina, embicando nas raras nuvens de um céu azul quase material, que no lugar do sonho está perto, mas impossível de tocar com as mãos.

Manoel pára o carro. Desapareceu Afonso, desapareceu seu cão, o motor do carro ruge, como se fosse explodir. É preciso pô-lo novamente em marcha, e para tanto Manoel dá meia-volta, rola vagarosamente pela estrada abaixo. Pára pouco adiante, em frente a uma tabuleta onde está escrito: "é partir sem temor contra a montanha, cingidos de quimera e de irreal; brandir a espada fulva e medieval, a cada aurora acastelando em Espanha". O texto, impresso na tabuleta como se prosa fosse, não engana Manoel. É um trecho de um poema de Sá-Carneiro. Aliás é ele quem sai de trás da placa com seu chapéu inclinado, seu terno com botões trespassados, a pele alvacenta, seus lábios grossos e vermelhos, e uma pérola na gravata azul. Ao ver o carro estacionado defronte a placa, Mário não se faz de rogado e recita:

> Sei a Distância, compreendo o ar:
> Sou chuva de ouro e sou espasmo de luz;
> Sou taça de cristal lançada ao mar,
> Diadema e timbre, elmo real e cruz!...

Novamente ruge fortíssimo o motor do carro, Manoel se coloca em marcha e, numa curva, vislumbra outro trecho da estrada, bem abaixo, por onde agora passam aqueles tipos estrangeiros; a essa distância, lembram formigas se movendo, minúsculas, diligentes, sem graça. Na Rua 1º de Maio, a principal de Manteigas, Manoel caminha sem pressa, sente seus pés empurrando com leves toques uma bola de couro, parece a mesma que recebeu quando fez cinco anos, a bola desliza e repica no lajedo, às vezes, escapa de seu controle. Tudo isso parece outro sonho dentro do sonho, mas

não houve descontinuidade, como se dois filmes diferentes, o do poeta recitando seus versos, e o do menino chutando a bola, tivessem sido emendados aleatoriamente um no outro; como se fossem planos de representação de uma mesma essência. Manoel deixa a bola fugir-lhe dos pés, mas logo saltita até ela, como se não tivesse peso e a prende com a sola do sapato; é simples, e fácil, como é para qualquer criança dar chutes à bola. Não há ninguém nas ruas, nem olhar esquivo das janelas, as portadas todas fechadas, como se a população, toda ela, tivesse se mudado para outro lugar. Nos restaurantes sempre ávidos de turistas não há também ninguém de serviço. Manteigas parece uma cena congelada em um tempo morto, onde apenas Manoel efetivamente existe, mas o Manoel que joga com a bola no sonho do sonho não parece estar se importando com isso; ele continua tocando de leve a bola, porque a bola é seu mundo e mais o poder de transformá-lo; como criança que é, imagina esse poder como infinito -- aliás não o imagina, sabe-o de algum modo; mais um chute à bola, e ela se desloca, sempre de maneira irregular e imprevisível, já que as gretas do chão mudam sua direção; é como se a bola fosse o instrumento aferidor de toda a realidade que circunda o menino dentro do sonho; agora ela se desvia para os degraus de uma casa; a bola pinga no primeiro degrau, no segundo, no quarto, choca-se contra um gradil, continua descendo e vai de encontro a um portão; Manoel corre atrás, e sente um cheiro intenso de macela no ar; tem medo que alguém abra a porta e lhe tome a bola para sempre; ele salta alvoroçado os degraus da escada e agarra com as mãos a bola. Felizmente ninguém apareceu para castigá-lo. Manoel abraça a bola contra o tórax. Sente-se melhor, olha ao redor e só agora se dá conta

de que é o único sobrevivente no mundo. Sobe os degraus da escada novamente e chega à calçada. Com leves toques vai fazendo a bola de couro projetar-se para diante. Caminha pela Rua 1o. de maio, mas no sentido inverso, fazendo o mesmo percurso que fizera há pouco. A bola sempre à sua frente. Por um instante, o menino dentro do sonho pensou ter ouvido uma voz de mulher dizendo-lhe coisas como Paris, cinto de segurança, até breve, mas não deu importância. O carro prossegue, Sameiro para um lado, Sabugueiro para outro

Capítulo 6

Linda salta para dentro do Renault Supercinq e destrava a porta da direita. Do outro lado da praça, Marcel acende os faróis do Citroën. Uma esteira dourada aparece sobre a rua molhada e vazia.

Corinne entra com dificuldade no carro de Linda. Finalmente Lucien se acomoda no assento e bate a porta. São 23h45.

O Renault de Linda entra na contramão na Clovis, contorna a Place Ste. Geneviève, passa ao largo do Panthéon, invade alguns metros a Soufflot, entra na Saint Jacques à direita. Agora, finalmente experimentando trafegar na mão

de direção correta, chega à Gay Lussac e entra no Boulevard St. Michel.

-- Tu es folle! À quoi bon tout ça? exclama Lucien enfure- cido com a forma de Linda dirigir o carro.

-- Droga! diz Corinne. Temos que voltar. Esqueci o presente de Jacques para papai.

-- Esqueceu um Château Grillet 49 sobre a mesa! Nada mal, diz Lucien, ironicamente.

-- É para papai. Não é para você, diz Corinne, como se tivesse acabado de arrancar a preciosa garrafa das mãos do irmão.

Linda atinge o Cais des Grands Augustins e ruma na direção do Voltaire. Continua pelo Cais Anatole France, deixa para trás o Museu D'Orsay, a Assembléia Nacional, a Estação des Invalides e toma a Ponte Alexandre III.

O Grand Palais cresce sob as luzes da noite. Corinne, dormita no fundo do assento traseiro e nada vê.

Linda entra na Winston Churchill em direção à Avenue des Champs Elysées.

-- Você poderia ter continuado até a Président Wilson. Atravessaria depois a Place D'Iéna, o Trocadéro e tomaria a Georges Mandel, o que seria mais simples, diz Lucien poli- damente.

As calças de seda de Linda fazem um froufrou íntimo quando ela troca de marchas. O corpete de lamé que Linda veste ganha um tom azulado e viperino.

-- Vou pela Champs Elysées até o fim porque é mais bonito.

-- E depois? indaga Lucien.

-- Avenue Victor Hugo, Spontini, ou de la Pompe, et voilà: Georges Mandel.

-- Chegamos? pergunta Corinne erguendo-se do banco em que se encontrava deitada e procurando aprumar o tronco.

-- Não, diz Lucien. Fazíamos apenas um exercício intelectual sem importância. Linda descobriu um caminho para levar você que passa por Puteaux.

-- Não quero ir a Puteaux, diz o beicinho etilizado de Corinne. Je deteste La Défense.

-- Já estamos chegando, tranqüiliza Linda.

O Renault Supercinq de Linda dá um salto brusco para frente, como se tivesse superado algum obstáculo. Corinne é projetada contra o encosto do banco e desaba para o lado. O carro de Linda atravessa dois sinais vermelhos na Champs Elysées, e avança com velocidade crescente.

O Arco do Triunfo parece debruçar-se sobre a avenida para engolir o pequeno carro. Suas lápides vetustas e guerreiras crescem como cidadelas infernais. O monumento cresce à frente deles rapidamente.

-- Imagina um vôo aéreo por dentro do arco? Se esse é seu intento, diz Lucien, terá que empreender ainda maior velocidade ao carrinho.

Lucien não está disposto a demonstrar o medo que sente com a condução de Linda.

-- Vamos logo, tenho pressa, diz ele com nervosismo, enquanto o Renault, atendendo a seu pedido, parece querer decolar com as quatro rodas.

-- Agora, Avenue Victor Hugo, diz Linda, curvando os ombros para frente e encolhendo o pescoço.

O Supercing contorna o monumento: Avenue Friedland, Avenue Hoche, Avenue de Wagram; Mac Mahon, Carnot, de la Grande Armée, Foch e finalmente Avenue Victor Hugo.

O carro completa o semicírculo em volta do arco. A força

centrífuga atira Corinne para o fundo do carro, logo atrás do assento de Lucien. O ruído do motor não deixa que os ouvidos de Linda e de Lucien registrem o grunhido dolorido de Corinne, parecido a um longo e abafado miado de gato, quando bate a cabeça no chão do veículo.

Linda toma a de la Pompe e dobra à esquerda na Georges Mandel.

-- Em casa, diz Linda, vitoriosa e espumante, voltando seu queixo para o assento traseiro, à procura do que restara de Corinne.

A irmã de Lucien permanecera no chão do carro, imóvel, enrolada na organza amarela de seu vestido, como uma trouxa malfeita de lavanderia.

Lucien inclina o encosto do banco para frente. O assento articulado à alavanca acompanha o movimento, de modo que sob um certo ângulo de visão, a estrutura metálica do banco lembra uma peça de guilhotina. Um pouco abaixo dela, num recôncavo de ferro e couro, estavam enfiados os joelhos amortecidos de Corinne, que colados a seu rosto davam uma demonstração de capacidade contorcionista sem precedentes.

-- O que tem ela afinal? pergunta impiedosamente Linda, apenas para manifestar seu sadismo.

-- Ela já está saindo, avisa Lucien, arrancando os cotovelos da irmã de sob as ferragens.

-- Corinne, pelo amor de Deus, concentre-se! diz Lucien.

-- Meus joelhos estão presos e meu calcanhar também, balbucia ela, cerrando o punho esquerdo e despejando um soco contra o fundo do banco que fora erguido.

-- Lucien, segure-a por favor. Ainda não acabei de pagar o carro, diz Linda.

-- Ça va mieux. Oui, très bien. Toujours comme ça, diz

Lucien. Finalmente Corinne é desembaraçada de si mesma e retirada do carro, sufocada pela estola.

-- Cuidado ao tirar a roupa para dormir. Não vá se enforcar, diz Linda, se sentindo definitivamente má, mas relaxada, após o pequeno treino para o rali Paris-Dakar.

-- E o vinho de papá? pergunta Corinne, alertada por uma vozinha débil, mas diligente, que vigia do inconsciente seus descaminhos.

-- Você bebeu a garrafa no carro. Não se lembra? diz Lucien, rindo, enquanto literalmente carregava o pequeno fardo amarelo pela calçada.

-- Adieu, diz Corinne, fazendo flutuar a estola que quase a enforcara.

-- Seu Versace estava adorável, grita Linda de dentro do carro.

Em seguida, os dois irmãos desapareceram atrás da pesada porta de entrada do n. 40 da Georges Mandel.

-- Fique comigo, sussurrou ainda Corinne, antes que sua nave de fótons perdesse contato com o planeta Terra.

Lucien utilizou sua velha chave para entrar no apartamento. Arrastou cautelosamente a irmã pelo corredor adentro, ao fundo do qual uma arandela se encontrava acesa.

Com o cotovelo, empurrou a porta do quarto de Corinne, que ficava ao lado do aposento que fora seu um dia.

Suavemente, Lucien colocou a irmã sobre a cama, jogou a estola e a bolsa de Corinne sobre uma poltrona e retirou seus sapatos.

Lucien saiu do quarto da irmã, tomou à esquerda o corredor e se encaminhou para o hall. Não conseguiu evitar de recordar do tempo em que morara ali; de suas sortidas noturnas e das ocasiões em que, ao passar defronte a porta

sempre entreaberta do quarto de Corinne, altas horas da noite, podia ouvi-la dizer coisas incompreensíveis, coisas que brotavam do argumento do sonho, frases desconexas que esbatiam contra a solidão do quarto e que ele buscava inutilmente decifrar.

Abriu a porta do elevador, esperou um instante até que a folha de aço encontrasse os batentes, fechou a porta pantográfica e pressionou o botão RC.

Lucien sentia-se estafado após esse dia tão cheio de acontecimentos e de surpresas. Mais uma vez recordou-se da caixa com o camafeu, a nau de muitas velas enfunadas; e do nome gravado: Kate Deolin Hayes -- e da pequenina flâmula com o nome Saint Killian II escrito, o nome de seu navio -- e com a data de 16 de abril.

Repassou mentalmente o assassinato do jogador de pétanque nas Arènes de Lutece, e o momento exato em que a mulher de xale turquesa deixara cair a caixa com o camafeu. Lembrou-se da data inscrita no objeto: 1930 e considerou vertiginosamente os inúmeros aspectos do enigma. Imaginou-se por instantes num beco sem saída, incapaz de compreender o sentido do que parecia ser, *já*, o primeiro movimento do jogo que o espera na terra de Parnell. Valeria a pena desistir agora?

O elevador chegou ao rés-do-chão. Lucien não abriu a porta imediatamente. Sentia-se amortecido, o peito opresso com tais indagações.

Regressou ao carro.

-- Onde você estava? perguntou Linda.

-- É uma pergunta difícil, bastante difícil. Posso no entanto dizer que Corinne dorme profundamente. Como uma criança bêbada que tem estômago resistente.

Linda ligou o motor do automóvel, engatou a primeira marcha e rumou na direção da Place D'Iéna, passando defronte do Trocadéro ainda povoado de casais encapotados, sob as luzes da cidade.

Seguiu pela Président Wilson, Cours Albert, Cours La Reine, deixa para trás a Place de la Concorde, sobre a qual se depositara uma bruma espectral que ondulava sob os postes de iluminação, e ao redor do obelisco do templo de Luksor. Rente ao solo a bruma se contorcia; novelos aquáticos de lã tênue e uma palha etérea, fina e rural, rolavam sobre o piso brilhante e suado das pedras do leito carroçável.

O Renault de Linda deslizava agora sem pressa, lentamente, pelo Quai des Tuilleries, prosseguia pelo Quai du Louvre, Quai de la Mégisserie, Quai de Gesvres, deixando também para trás a Place du Châtelet, onde nas proximidades parecia arder em fogo fátuo a tour Saint Jacques, debruçada sobre a ardósia dos telhados do casario, ostentando sua concretude de ruína e morte.

O carro avizinha-se do Hôtel de Ville, ultrapassa-o e continua sempre ao longo do cais.

Lucien observa a Ponte Sully apoiada sobre uma banda da Île de St. Louis, à frente, ligeiramente à direita. Gira o pescoço na direção de Linda, ainda mergulhada em sua compulsão de conduzir o mundo.

Observa primeiro desapaixonadamente, mas logo a seguir com vivo interesse, os braços de Linda ao volante. O braço direito da marroquina solta a direção, descamba até que o cotovelo toque o flanco. Sobe novamente, segurando firme o volante, para fazer o Renault girar à esquerda, tomar a St. Paul e depois novamente à esquerda, para tomar a Rue de Rivoli.

-- Estamos voltando ao bar de Jacques? perguntou Lucien, que tinha outro itinerário em mente, e considerou oportuno deixar Linda menos confortável.

-- Ferme tes yeux! respondeu Linda, dando novo alento ao acelerador.

-- Você poderia ter seguido por dentro do Châtelet, o que seria mais lógico e prático, disse Lucien, sem intenção de querer agastar Linda. Ela fingiu não ouvir, seguindo inabalavelmente o roteiro que havia previsto.

Ele se calou até o destino.

-- Et, voilà: 46, Vieille du Temple, où j'habite depuis quelquer siècles, au 4éme. étage.

-- Pas mal, disse Lucien, por dizer. Estou mesmo muito cansado e gostaria de dormir.

Ela não respondeu. Retirou a chave da ignição e projetou seu corpo para fora do carro. As ponteiras dos saltos triscaram o piso, tamborilando sobre a pedra do chão. Ela girou seu corpo postando-se em frente à janela. Curvou o tronco, e seus seios invadiram o esquadro de vidro. O lamé ricocheteou na moldura da porta.

Lucien está imóvel sobre o banco, como um obstinado co-piloto à espera de novas ordens.

-- Quer dormir aí mesmo? Eu vou subir, disse ela.

Lucien parecia esperar que alguma coisa surpreendente acontecesse. Seu olhar estava imobilizado, fixo no restaurante Au Gamin de Paris, que se encontrava às escuras, exceto por uma discreta lâmpada acesa ao fundo, emitindo uma luz fraca e baça, como a de um farol marítimo perdido na neblina. Lucien fixara seu olhar naquele ponto luminoso, ali tão inútil e sem sentido.

O lamé da blusa de Linda triscou novamente o vidro da porta; reluziu como uma onda esverdeada do oceano de encontro ao atracadouro. Lucien despertou do letargo, lembrou-se do mar de Calais, do canal da Mancha distendendo-se sob a bruma em todas as direções.

Sua impressão mais forte do porto de Calais fora sempre a de sua primeira viagem através do canal. Essa memória toma de assalto a mente de Lucien. Seu pai dirige o velho Citroën, Corinne está a seu lado, no banco traseiro, na janela da direita. Ela está chorando, sua mãe discute com ela, o carro aos solavancos entra no ferry-boat. Um odor nauseabundo de maresia e combustível queimado invade o ar. A embarcação se agita, as águas do canal explodem contra o casco. Lucien vê a espuma branca se formando com o choque da água, que sobe a uma grande alura, e desce sobre o ferry-boat como se fosse esmagá-lo. O farfalhar do lamé da blusa de Linda tem o mesmo som daquela onda surpreendente, irrompendo do nada, alertando a tripulação e os viajantes para o rigor da travessia.

Lucien mira a lâmpada imóvel e mortiça do restaurante adormecido, tem agora a impressão de que a lâmpada oscila de um lado para outro, lentamente, como a luz de um barco. Escuta com nitidez o choro de Corinne. Todos resolvem sair do carro e se dirigir ao convés. Uma onda maior varre o barco, abafando o choro da irmã. Assim mesmo, o pai de Lucien abre a porta do Citroën e faz menção de abandonar o carro. Lucien fecha os olhos, sente nos lábios o gosto de salitre, sabor misturado ao morno paladar do álcool e do vinho. A mãe de Lucien se encontra ainda sentada à direita do volante, e Monsieur Sorel dirige-se a todos, indistintamente, concitando-os a abandonar o carro e a passar

o resto do percurso em local mais aquecido, em frente a uma xícara de chá. Lucien sabe que o mau tempo abrandará, que todos se sentirão melhor na cafeteria do ferry-boat e que a viagem transcorrerá sem outros sobressaltos -- e que inclusive Corinne parará de vez de chorar e até esquecerá por completo de que se desentendera com a mãe. Mas apesar da memória do passado tranqüilizá-lo, a visão que suas lembranças fazem descortinar é a de um impasse inexplicável, que surge no seio da família; uma espécie de representação teatral de gosto duvidoso em que os atores não sabem mais para onde ir. Nessa nova e impiedosa formação, Lucien vê seu pai já fora do carro, e seus lábios se movem com incrível rapidez, de modo que embora tudo indique que sua mãe esteja compreendendo o que o marido está falando, Lucien apenas capta sons guturais e sem sentido, como se Monsieur Sorel falasse em um dialeto indo-germânico. Lucien olha para sua irmã, que tem o rosto coberto pelas mãos. Penalizado com tudo o que está vendo e ouvindo, coloca sua mão direita levemente sobre os cabelos longos de Corinne, enquanto seu pai fabrica sons surpreendentes, cada vez mais surpreendentes, movendo os lábios com rapidez. Sua mãe parece vexada e suplica para que o marido entre novamente no carro e encerre a pantomima. Monsieur Sorel, não obstante, não desiste. Agora começa a urrar e a bater os pés. Sua mãe desvia os olhos da cena e começa a chorar. Algumas pessoas agarram os braços de seu pai, procurando acalmá-lo.

Lucien abriu os olhos e não viu mais a luz do restaurante.

-- Você não está se sentindo bem? perguntou Linda, vendo que a cabeça de Lucien descambara para o lado.

Lucien voltou-se para Linda e seus olhos vaguearam pelo

interior do carro, parando na altura de seus joelhos. Lucien ergueu a cabeça e encarou a marroquina.

-- Estou bem, disse. Não se preocupe.

-- Quer dormir aí mesmo? disse ela, repetindo, com uma modulação mais terna que da outra vez, a pergunta que fizera há poucos instantes.

-- Não. É claro que não. Eu estava aguardando que a luz do Gamin se apagasse, vê? E apontou para o restaurante. Agora posso dormir.

-- Vem, disse Linda. Eu arrasto você até o quarto andar.

Vendo que Linda tinha as mãos sobre os quadris como se esperasse uma ordem para retirá-lo de lá, Lucien tragou fundo o ar e saiu do carro.

Linda trancou a porta do Renault e contornou o carro indo na direção de Lucien; os dois se afastaram do veículo e caminharam até o portão de entrada do edifício onde ela residia.

-- Afinal, ainda está vivo, disse, vendo que o companheiro parecia bem.

Linda digitou o código de abertura da porta e os dois empurraram a maçaneta dourada. A porta cedeu lentamente e se ouviu, como uma espoleta detonada, o salto do sapato de Linda adentrando o corredor e se chocando contra o piso de pedra.

Imediatamente ouviu-se uma seqüência de tiros, o chapinhar da sola de borracha dos sapatos de Lucien movimentando-se no corredor, o farfalhar suspeito do lamé do corpete de Linda e o insuspeitado e sutilíssimo rumor rocegante das meias de lã no frisson de seu avanço gingante e ainda o cicio sibilante das calças de Lucien interatritadas em decorrência da expansão da musculatura em intermitentes

e curtos espasmos titubeantes.

São quatro andares até o apartamento de Linda. Em trancos curtos, mantendo sempre os cotovelos junto aos flancos, ela alça seu corpo, todo sonoridade.

Na estreita escada em caracol sufocante o lamé agitado pela impulsão de Linda lembra um suave solo de escovas de percussão sobre um prato de bateria. Os saltos sodomizantes de seus sapatos dardejam os degraus, atritam a pedra ligeiramente, batem com vigor, atritam novamente, enquanto seus calcanhares assomam e se firmam, assomam e se firmam, deslocando o ar, numa espécie de sinalização que surge na neblina dos olhos de Lucien.

A esteira sonora alcança o quarto andar. As chaves são guizos, logo abafados. Um túnel de luz e odores e formas pressentidas avança na direção de Lucien, que cerra os olhos, apertando as pálpebras, logo as abrindo, cautelosamente, demonstrando receio de ser alvejado por alguma evidência indesejável.

Linda entra rapidamente em casa, como se tomasse estrategicamente de assalto o apartamento e dependesse do efeito surpresa para ter sucesso.

Esse seu traço, tão marcante e particular, ao mesmo tempo que atraía Lucien, gerava nele uma espécie de constante intranqüilidade; como se Linda tivesse recebido, por algum desígnio secreto, uma porção de vida que excedia a que coubera a ele.

Já no quarto, Linda arrancou o Courèges e caminhou na direção do banheiro, derradeiro bastião a ser subjugado por seu ímpeto invasor.

Ele permaneceu na sala. Seu olhar vagueando entre os poucos móveis.

Paris dormia e uma chuva fina voltara a cair. Lucien abriu um das janelas da sala e inspirou o ar fresco e úmido da noite. Fechou-a novamente, para melhor pressentir a figura felina que habitava aquele lugar. Em outro compartimento ela se banhava, emitia sons, deixando escapar um monossílabo, uma palavra, que podia ser um trecho de música, um canto de amor, um uivo.

Lucien deixou-se ficar ainda alguns instantes ali; passou a palma das mãos e os dedos sobre o tampo gasto de uma mesa laqueada com motivos orientais.

Ao redor dela, duas cadeiras austríacas, uma com assento de madeira, a outra de palhinha -- e uma terceira cadeira contemporânea, de pinho na cor natural. Uma banqueta de plástico alaranjada está metida entre os pés da mesa, na última face do quadrilátero. Logo atrás dela, uma velha geladeira pintada de azul-marinho e do outro lado uma discretíssima bergère em tecido cru.

O apartamento de Linda pouco dizia de Linda, entendia Lucien, a não ser pelo fato de evidenciar improvisação e certo deboche, talvez proveniente de uma ambição material frustrada. Ao entrar ali o francês tinha amiúde a impressão de que entrara no apartamento de outra pessoa, e que logo viriam adverti-lo do fato.

Ergueu uma cortina e se pôs a olhar novamente pela janela.

Ouviu ruídos no quarto. Voltou-se e viu a porta entreaberta, emoldurada por um friso de luz amarela.

Lucien abriu essa porta e avançou um passo, postando-se sob o arco dos batentes. Passeou os olhos pelo cômodo, pela cabeceira de vime da cama, pelas luminárias japonesas à direita e à esquerda, e sobre os criados-mudos, sobre os quais

havia pequenos tapetes provavelmente marroquinos. Apenas uma delas encontrava-se acesa.

Lembrou-se de momentos de cálida intimidade naquele quarto. Buscou então no ar um som que identificasse a presença da mulher. Ouviu apenas a água do chuveiro escorrendo. Em seguida esse ruído cessou, e Lucien ouviu o movimento de pés chapinhando no box do banheiro.

Voltou à sala, que agora parecia mais escura. Um tufo de linho emergia de um vaso estreito e longo de cerâmica rústica. Pequenas peças de latão encontravam-se ao lado do vaso, sobre uma mesa quadrada, com tampo de fórmica.

Sobre o móvel, Lucien encontrou ainda pequenos objetos. Havia ali um cão, um bezerro, um pescador, uma menina com um cesto, todos de porcelana. No centro de tudo, um minúsculo queimador de incenso.

Nesse momento, a porta do banheiro se abriu.

Linda entrou no quarto, deixando atrás de si uma esteira de vapor. Lucien despiu sua camisa e a atirou sobre a mesa laqueada; afrouxou o cinto e desabotoou a calça, atirando-a também de encontro à mesa de jantar.

Do banheiro, transbordavam odores frescos que foram trazidos pela espiral de vapor que emergira do box, no encalço de Linda. Os vapores, muito perfumados, giravam lentamente um pouco abaixo do teto, como se movidos por invisíveis pás.

O francês fixou os olhos na bola de luz da cabeceira da cama.

Para Lucien, aquela solitária esfera de luz fazia pensar no aleph borgeano, onde se escondiam em tumulto as mais severas verdades do espírito. Paradoxalmente a luminária transmitia calor, intimidade, propiciando uma sensação de

doce aliciamento. Atraía o olhar e os sentidos como se pretextasse um compromisso firme, duradouro e sem sobressaltos. Razão e profundidade, sensibilidade e afeição.

Desvencilhando-se do restante de suas roupas, mas ainda com os olhos postos naquela luminária, Lucien tocou os lençóis e o édredon que cobriam o corpo de Linda. Deitou-se à sua esquerda e comprimiu o flanco da marroquina contra o seu. Ela se voltou. Estava chorando.

-- O que aconteceu? perguntou Lucien, já sabendo de antemão a resposta.

Linda voltou seu rosto na direção da luminária japonesa. Retirou o braço direito das cobertas e o esticou na direção da bola, como se quisesse tocá-la.

-- A que horas sai seu trem de Paris?

-- Às 10h30, mas somente depois de amanhã.

Alguns instantes escoaram até que Lucien falasse novamente.

-- Você sabe muito bem, pois já lhe contei isso.

-- Não em detalhes, protestou ela, entre soluços.

-- Que mais detalhes precisa saber? disse Lucien, tocando no ombro da marroquina.

-- Quero saber por que é que você está indo tão misteriosamente para Dublin. Quero saber tudo, disse Linda, como uma criança intransigente.

-- É apenas um jogo que resolvi jogar e que não posso revelar inteiramente, mesmo porque não sei de tudo.

-- Como assim? perguntou Linda.

-- É um jogo que como tal deve mudar continuamente,trazer situações inesperadas, dependendo do andamento e da forma de jogar dos participantes.

-- Todos os jogos são assim, disse Linda. Você não está

dizendo nada de novo.

-- Eu não sei ao certo muita coisa, insistiu Lucien.

-- E o que você vai ganhar ao final? perguntou Linda, deitando-se na cama.

-- Não sei, respondeu Lucien. Há um interesse pecuniário nisso, mas não é o mais importante.

-- E o que é o mais importante?

-- O importante é simplesmente jogar, correr riscos, sei lá.

-- E o que aconteceu hoje nas Arènes de Lutèce?

-- Provavelmente duas mortes e um enigma em uma caixa dourada com um camafeu.

-- Isso tem a ver com a Irlanda? perguntou Linda. E as mortes? O que é que você tem com elas?

-- Eu de fato ainda não sei, respondeu evasivamente Lucien.

Linda emudeceu e pouco depois apagou o balão japonês.

Recomeçou a chorar.

-- Está bem. Vou contar tudo o que sei até agora, disse Lucien, vencido pelas lágrimas da marroquina, que pareciam ainda mais confrangedoras no cômodo às escuras.

Após haver exigido que Linda prometesse guardar segredo sobre tudo o que iria ouvir, Lucien relatou a ela, o mais detalhadamente possível, o que sabia e o que esperava conseguir saindo da França. Falou-lhe sobre a carta de J. B. H. e sobre o voucher da Irish Ferries, percurso Le Havre--Rosslare, que o irlandês lhe enviara.

Não deixou de lado suas questões mais pessoais, que estavam intimamente ligadas à viagem, ao afastamento de Paris naquele momento. Falou de suas frustrações e ambições. Falou-lhe de sua vida familiar; confidenciou que nutria uma vontade de mudar seu estilo de vida, a começar

por seus objetivos profissionais de curto e longo prazos.

Linda sentia-se ainda nervosa depois do que Lucien dissera, mas mais valorizada, uma vez que ele partilhara coisas de sua vida -- e o lado infantil da marroquina, ainda dominante, reverenciava com grande fervor os gestos de confiança e lealdade.

Depois de haver dito tudo o que disse, Lucien teve uma ponta de arrependimento. Não esperava que seria tão fácil arrancar de seu coração aquelas palavras, ditas em voz alta sem terem passado uma única vez pelo crivo exigente da censura. Ao menos conseguira fazê-la parar de chorar, o que já era um grande benefício, sobretudo encarado sob o ponto de vista de alguém que não suportava lágrimas.

Linda acendeu novamente o balão japonês. O aleph se iluminara outra vez.

Talvez pelo cansaço de Lucien, talvez pela tensão das últimas horas, ou talvez mesmo pela bebida, o fato é que ao olhar fixamente a esfera iluminada, notara nela estrias sangüíneas por toda parte, que pareciam querer se dilatar cada vez mais à medida que ele a observava; o balão parecia querer dizer-lhe coisas que certamente nada tinham a ver com o espírito.

O francês aparentemente entendeu; trouxe o corpo de Linda para próximo de si, tocou em seu rosto com a palma das mãos e enfiou depois os dedos na cabeleira volumosa da marroquina.

Em princípio ela apenas consentiu que os braços dele a envolvessem, que seus dedos a tocassem, mas logo em seguida retribuiu, expandindo sua energia represada na direção dele.

O homem trouxe o plexo da mulher até a altura da boca, sugou-o e girou a cabeça para o lado, alcançando o seio, a mama, depois as dobras da carne, os braços, a cintura, as ancas e a vulva. O corpo dela alçara-se como uma presa -- melhor: como uma ave mágica estancando seu vôo. Mas logo a seguir a mulher caiu sobre o homem, girando e atraindo-o para junto de si, seus dedos se firmando sobre os quadris dele. Pequenos movimentos, tempo não linear. E uma nova realidade, mais sensível, foi sendo coagulada e gestada no meio deles, até que o eixo das ações novamente se inverteu e Lucien, erguendo-a outra vez, introduziu seu corpo inteiro no corpo da menina de Rabat. Eram então como uma sílaba compacta solta no ar.

O relógio marcava 5h00 quando o queixo de Linda finalmente descambou sobre o peito de Lucien, ou teria sido justamente o inverso.

Os olhos de Lucien se abrem. Encontra-se no acolhedor albergue em Le Betex. Abre os olhos do sonho e encontra Su Ian segurando uma vela entre as duas mãos, um olhar vincado e grave. Ali estavam também Wolf e Adèle, vestidos como se fossem esquiar. Seus vultos um pouco atrás da oriental. Mais ao fundo, ainda, Andrés. Este, embora parecesse estar no interior do quarto, tinha logo atrás de si o maciço do Mont-Blanc, como numa imagem montada, dando a impressão, num primeiro relance, de estar ao ar livre. Uma luz prateada iluminava seu rosto; Andrés, ali, sob aquela luz, parecia-se incrivelmente com Antoine. Melhor, as feições entre- vistas no sonho eram uma mistura das feições de um e de outro espectralmente fundidas. Teria um dos dois morrido? indaga Lucien em seu sonho.

Lucien ergue os olhos e não vê mais o baixo forro de madeira do albergue. É subitamente dia, e ele está no Renault de Linda; a marroquina dirige em alta velocidade, como fizera há pouco à saída do Bar L'X, e tem adiante a Estação de Esqui de Hirmentaz. O carro atravessa a área hoteleira e prossegue. As placas indicativas se sucedem vertiginosamente, à direita e à esquerda da estrada: Chumety, Onion, Saint Jeory, Poully, Sallanches, Chamonix Mont-Blanc, La Fayet, Passy, Saint Gervais-Les Plagnes. Está novamente em Le Betex, no albergue plantado numa pequena elevação do terreno, ao lado de uma rua tranqüila, todo revestido de madeira na cor natural, com suas duas chaminés de pedra contíguas, os beirais pintados de branco, as janelas com os cortinados xadrez. O carro arranca, deixa o albergue e o Mont Jolly para trás, bolhas vermelhas flutuam à frente de Lucien, ele se dá conta de que se encontra no interior de uma delas; flutua sem tocar o chão. O carro de Linda tornado bolha? Para onde rumam agora? Não há tempo para formular a pergunta, pois o Renault de Linda atravessa já um vilarejo. Sim, ele reconhece, é Bellevaux, e da porta do chalet La Clusaz, os hospedeiros Pasquier acenam lentamente, com suas roupas encardidas pela lida diária; um cheiro acre de capril invade suas narinas e ao mesmo tempo um vento frio sacode as abas de seu casaco de couro, dispersando o odor nauseabundo do lugar. O carro vermelho se afasta; deixa para trás as placas de Lullin, e Vailly, prosseguindo na direção de Thonon; cruza Lavernaz, com seu belo torreão de igreja; e continua, agora descendo por uma estrada estreita e sinuosa, rodeada de pinheiros e despenhadeiros, em que pedras se infirmam e acabam por desabar sobre os carros à frente. Lucien sente uma neve fina

cair sobre suas têmporas. Sente seu rosto congelar. O Renault de Linda avança, sobe em espiral, passa pela placa indicativa de Vacheresse, segue na direção de Abondance, entra na rua principal, com suas lojas de produtos regionais, seus presuntos, sua salsicharia, seus queijos e vinhos brancos. Linda dá meia volta, seu carro cruza a agência de correios, retoma a estrada, passa em frente ao posto de gasolina e segue em direção a Richebourg. O carro sobe, sobe sempre, até Chatel. As edificações povoam as margens da rodovia, que parece mais estreita e ensombreada. São hotéis, albergues, restaurantes, bistrôs, locadores de material para a neve e cafés. Uma multidão de esquiadores passa junto ao carro, que não consegue mais subir, patinando sobre o gelo. Linda, impassível, pisa fundo no acelerador. O carro permanece no mesmo lugar, os luminosos dos bistrôs e lojas de conveniência piscam por sobre os gorros dos esquiadores, que continuam passando rente ao carro, batendo seus esquis contra a lateral do veículo talvez por provocação. Linda finalmente consegue que o veículo saia do lugar. O automóvel gira e inverte a direção, apontando novamente para Richebourg. Os esquiadores empurram o carro, que encontra uma trilha mais apropriada de rodagem e desliza para diante. Abondance passa à esquerda, Linda toma em seguida a direção de Évian, cruza a região de Gavot, passa ao largo de Bernex, ruma para Visieux, deixa Larringes à esquerda, cruza Lyonnet, alcança Saint Paul, um pouco acima da borda do lago Léman, com seu ar de mansuetude, suas edificações sóbrias e seus gramados pintalgados de neve. Dali já se avista o lago, que emerge da longa noite, parcialmente coberto por uma cortina de bruma. No horizonte um óculo tímido de luz se deixa a custo entrever. É

o sol da manhã, entrando sem esplendor pelos estores do quarto de Linda. Lucien aproxima seus lábios dos dela, rasgados e carnudos. O hálito de Linda entra pelas narinas de Lucien, que não resiste e morde seus lábios. Linda geme. O hálito de Linda entra pelas narinas de Lucien, ele morde mais seus lábios. Linda geme, o hálito de Linda é quente e doce. Lucien morde seus lábios.

Lugrin, Maxilly, Évian, Thonon, Saint Gingolph

Famalicão da Serra, Valhelhas, Teixoso, Caldas de Manteigas, Torre, Aldeia da Serra. No sonho do sonho, o carro de Manoel deixa para trás a Pousada de São Lourenço, todo o fascínio da construção de pedra flutuando na névoa da manhã, e segue rumo a Manteigas, baixando sempre pela serpente de asfalto. Depois o rio Zézere, a Fonte de Paulo Martins, Penhas da Saúde e finalmente Covilhã. Manoel move a cabeça sobre o travesseiro de macela. O carro deixa para trás a Pousada de São Lourenço, toda de pedra, apoiada no socalco do terreno, e ruma na direção de Gouveia, passando pela encruzilhada das Penhas Douradas, pela do Sabugueiro, e passando em frente da Cabeça do Velho; continua a descer sempre, em espiral, ladeando a vegetação enfezada das regiões altas, como o tojo, com suas flores amarelas embriagantes, belas, resistentes ao mais intenso frio, e cheio de espinhos longos, entrecruzados, enastrados uns nos outros, lembrando às vezes a mulher portuguesa. O carro alcança Gouveia, e bem junto a uma placa que indica Mangualde, Viseu e Moimenta da Serra, Manoel imobiliza o

velho Morris verde-claro. Não, Manoel imobiliza o velho Morris verde-claro na entrada de Covilhã. Sua cabeça se inclina para baixo, o queixo truculento de Manoel comprime o peito. Alguns jogadores do Benfica, uniformizados como se fossem entrar em campo, estão à porta de um banco. Manoel acena para eles diversas vezes, mas não obtém resposta. Deixa o carro e atravessa a rua correndo, buscando alcançar seus ex-companheiros. Quando finalmente está a um passo do grupo, não pode reconhecer as feições, porque os jogadores viram-lhe as costas; é quando Manoel se dá conta de que as camisas não trazem números. Estaria ele com a vista em estado assim tão lastimável? Por pouco toma a iniciativa de atirar o par de óculos contra a calçada, mas retém o gesto a tempo, recordando-se de que não possui um par sobressalente. O único recurso é falar-lhes, até mesmo gritar-lhes, para que se apercebam de que ele é o Manoelzinho. Mas como poderão reconhecê-lo, se já se passaram mais de três anos desde que envergou a camisola do Benfica pela última vez; depois disso, seu rosto se transformara, seu corpo era outro corpo; mesmo sua voz não era mais a mesma. Um dos rapazes uniformizados finalmente se volta para trás, entre surpreso e aborrecido. Manoel se aproxima mais, buscando se fazer reconhecer; é inútil. O jovem futebolista que parecia observá-lo usa óculos escuros e uma bengala branca, como fazem os cegos. Manoel se afasta dali, volta a cruzar a rua na direção de seu carro, alcançando a maçaneta; contudo, a porta que se abre é a porta verde do pub da Rua de "O Século", em Lisboa.

Atravessando o umbral do bar, mergulha numa nuvem espessa de fumo e vozes. É levado para uma mesa logo à direita da entrada. Ajeita-se sob as cobertas e parece afundar

mais seu crânio no travesseiro de marsala. Sentado em sua pequena mesa, Manoel entrevê uma coluna forrada de pinho de riga, da qual pende uma lanterna de latão com uma cúpula esférica, que sua visão limitada concebe como uma espécie de lua artificial, imóvel e vigilante sobre uma paisagem desfigurada pela fumaça. Sua luz realça as veias do pinho de riga que reveste o ambiente, as prateleiras verdes das vitrines de bebidas. Bancos de sólida madeira e macios estofos de couro conferem a tudo um ar de club inglês decadente, formal, provinciano e confiável. À frente de Manoel, um pouco à esquerda, um balcão de serviço triagonal, circundado por uma barra dourada que empresta solidez ao móvel. Sobre ele, há dois abajures ingleses verde-escuros com bordas douradas, um em cada extremidade, despejando uma luz mortiça e sensual e criando uma unidade de ambiente com as mesas revestidas de feltro verde, que também ostentam abajures semelhantes. À frente de Manoel está sentado um homem que se parece muitíssimo com seu antigo treinador. O homem tem um copo de cerveja entre os dedos da mão grossa e peluda, e balança negativamente a cabeça, sem que aparentemente Manoel lhe tivesse provocado tal reação.

Descobre tratar-se efetivamente de seu antigo treinador. Manoel interpela-o: "Não vou ter uma segunda chance, é isso, não é?" O treinador continua balançando negativamente a cabeça. Ato contínuo, larga a mão esquerda do copo de cerveja e mostra sua palma lisa como uma tela de cinema. (As imagens que brotam dali o jogador conhece de sobra: após um encontrão violento com o ponta-esquerda do Sporting, em que saltou de seus olhos uma de suas secretas lentes de contato -- sinal evidente de sua obstinação e

ousadia de caráter --, Manoel ficou praticamente impossibilitado de continuar a jogar, mas mesmo assim insistiu, temendo ser descoberto. No lance imediatamente seguinte em que participou, o jogador recebeu uma bola atrasada e procurou fazê-la deslizar alguns metros com o pé direito, para depois, com toda a força, endereçá-la ao ataque, ou, melhor, para tão-somente se ver livre dela. Contudo, Manoel não atingiu objetivo tão simples e corriqueiro. Ao avançar a bola alguns metros adiante, para tomar impulso de modo a erguê-la com força e eficiência para o campo adversário, perdeu-a de vista, ou melhor, de foco e, ato contínuo, de controle. O chute forte que disparou atingiu o gramado, fazendo-o cair ao solo com o peito do pé fraturado. Na seqüência, o mesmo ponta-esquerda, o Costa-Campos, com o qual se chocara instantes atrás, capturou sem pressa a bola, que repousava mansamente ao lado do corpo estendido de Manoel, e sem clemência fê-la deslizar até o fundo das redes. Esse episódio conseguiu a um só tempo dar a vitória ao time adversário e tornar Manoel Souza Aires, o Manoelzinho do Benfica, a chacota da cidade por uma semana. Foi sua última partida oficial. O Clube rescindiu seu contrato, multou-o em 800 mil escudos e o afastou.) Manoel se agita na poltrona do avião. Com os pés reais chuta o encosto da frente; com os pés irreais, arranca as cobertas de cima de si, agita-se, mergulha no sonho do sonho em quase desvario. Corre agora a caminho de casa, a pé, atravessa o Campo Grande; sob a copa das árvores do canteiro central da avenida, Manoel vai recebendo infusões de sombra e luz. Por vezes, dardos amarelos golpeando diretamente a retina, por vezes lanços de sombra, quando sobre sua testa se desenham as ramagens do arvoredo. Corre ainda o atleta, como se não

soubesse do que corre; seus pés afundando na terra socada e lavada do passeio central. À sua esquerda e à sua direita carros cruzam a avenida com pressa. Mais alguns instantes de caminhada e já ultrapassa a Cidade Universitária, a Biblioteca Nacional de Lisboa, chegando a Entrecampos.

Ao se aproximar das primeiras barracas de vendedores ambulantes que se acotovelam no terminal rodoviário de Entrecampos; ao ver o magote de vendedores e as bichas dos autocarros que se destinam à periferia, Manoel sente um forte aperto no coração, como se só a partir da visão da azáfama da cidade, como se só a partir da audição do pregão de pequenos comerciantes, cansados de espera, feridos de insatisfação -- lembrando o ambiente tenso e ruidoso dos estádios --, só assim, a dura realidade de seu afastamento definitivo dos campos de futebol se tivesse então tornado coisa concreta e irreparável.

O ar falta-lhe, o futebolista se contorce em seu imaginário estar no apartamento da Rua Almeida e Souza, contorcendo-se também em seu estar real, agarrado às asas do avião para Paris; no sonho do sonho, um sentimento de orfandade e estranhamento tomam conta dele; novos versos ecoam em seus ouvidos:

> Gostava tanto de mexer na vida,
> De ser quem sou -- mas de poder tocar-lhe...
> E não há forma: cada vez perdida
> Mais a destreza de saber pegar-lhe...

Ecoam com a voz de Mário, uma voz tão desalentada, como a de Mário no final da vida, antes de se suicidar em Paris. No sonho de Manoel, a luz da manhã invade o

aposento da Rua Almeida e Souza, tingindo de cores o rosto do ex-jogador, que retira das cobertas, com enorme e despropositado esforço, um dos braços, e com os dedos grossos agarra o travesseiro de macela, atirando-o longe, tal como se quisesse efetuar um lançamento para o zagueiro mais bem colocado; simultaneamente, no plano real, agarra o travesseiro de bordo, alçando-o sobre as cabeças dos passageiros das poltronas da frente, para assim encontrar um meio de respirar.

[fim da primeira parte]

Parte 2

Capítulo 7

Imaginar que Stephen estava enterrado logo ali, debaixo daquela cruz, sombreada a meio por um carvalho ancião, sempre fora uma evidência implausível para Joe Byrne Hayes. Ainda mais Stephen, tão compulsivamente agitado, e sempre tão envolvido com as coisas vivas; sempre tão arrebatado pelos grandes espaços verdes. Mas assim era. Como um guizo de cobra as folhas nascentes do carvalho farfalham nervosas com a passagem do vento, mostrando em giros rápidos suas duas faces: a que se volta para a luz, e colhe sua energia vital, e a que, repleta de ranhuras, se volta para baixo, lamuriando-se talvez pela dor do homem, ou por sua breve existência. Sob os pés de Joe, folhas secas temporãs dão cambalhotas sobre a grama, saracoteando por entre as lápides e suas inscrições, enquanto um casal de tordos cisca flores plantadas em um vaso de latão.

Joe ainda não viu os pássaros, e sua atenção ainda não foi assaltada pela triste vibração causada pelo rolar da folhagem seca sobre a relva. Seu coração bate com um fervor que não é religioso, como o de quem se sente ainda culpado e não concede a si mesmo uma chance para um perdão, apesar de Stephen ter morrido há tantos anos. A cruz de cimento armado sobre o túmulo de Stephen já apresenta inclusive sinais de desgaste devido à exposição longa ao tempo; sua superfície, acossada pela intermitência daquele mesmo vento que atravessa agora o cemitério de Rahoon, apresenta a característica reticulada das coisas expostas ao relento. Mas ainda assim se lê claramente o nome do menino, morto

naquele acidente de automóvel causado por um descuido de seu pai, e as datas de nascimento e morte: January 8, 1958, April 14, 1970. Embaixo, lê-se também:

We very soon will be all together again,
beloved son and most dear brother.

Ao pé da cruz, Joe colocara um maço de tulipas amarelas, como fazia uma vez ao ano, no dia 14 de abril. Agora, ao dobrar seus joelhos e curvar seu corpo sobre a úmida grama, sentia o perfume adocicado das flores e da terra. Chegara mesmo a sentir o toque e o cheiro peculiar dos loiros cabelos do filho passando pelo seu rosto, mas admitira, como o faz amiúde, sobretudo quando o pessimismo tomava conta dele, que essa impressão, conquanto confirmada pelos sentidos mais primitivos, podia ser apenas um devaneio de velho. Talvez tivesse sido uma folha ou uma pétala de flor do campo, resvalando ligeira em suas narinas, talvez apenas o cansaço da viagem.

Os anos escoaram, pensa Joe, tirando seu puído chapéu de caça de sua cabeça grisalha, e ele, Kate Deolin e Kathleen: pai, mãe e irmã, estão vivos e bem, tanto quanto podiam estar, a despeito dos anos difíceis após a morte do primogênito, a despeito do diabetes de Kathleen, e a despeito do desencontro entre ele e a mulher, acentuado com a morte de Stephen. De qualquer maneira, diz Joe para si mesmo, o pequeno Stephy, que é como o apelidavam, infelizmente ainda deverá aguardar um bom tempo para ter a família a seu lado outra vez. Só resta ao menino esperar, coisa que nunca soube fazer quando vivo. Contudo agora, depois que seu espírito contemplara por vinte anos a imobilidade de seu ser,

já tivesse aprendido muito bem que o homem passa a maior parte do tempo a ansiar por um lance de magia em meio a uma vida quase inteiramente insípida, e que a morte não é pior do que a vida.

Joe toca de leve o nome do filho, gravado sob a cruz em baixo relevo, e pensa com amargor que há sempre o consolo de Stephy estar próximo dos avós -- e das raízes mais primitivas do país.

O pai de Stephen nascera em Galway, como seus pais, numa casa perto dali. Seus pais e avós também foram enterrados em Rahoon. A despeito da distância e de outros inconvenientes, além da forte oposição de Kate, que muito justamente queria o filho enterrado perto de seus olhos, em Dubli, Joe firmara posição sobre a matéria.

Fora, portanto, exclusivamente em respeito à tradição de sua família que Joe Byrne Hayes fizera enterrar seu filho ali, embora certa feita tivesse dito a seu ex-chefe, George Blackwood, depois de muitos copos de Guinness em um pub de Dublin, e com o único intuito de afetar erudição literária -- e tendo no dia seguinte se arrependido profundamente da estúpida mentira -- que Stephen fora enterrado no cemitério de Rahoon por duas razões aparentemente inconciliáveis. A primeira, para homenagear Michael Bodkin, primeiro namorado de Nora Barnacle, que fora enterrado ali, assim celebrando canhestramente, ou ao menor invocando, embora indiretamente, James Joyce. A segunda, por causa de Yeats.

O vento parece soprar mais intensamente, depois que Joe retirou o chapéu. Seus cabelos ralos sobre o topo do crânio empinam-se a contrapelo; uma folha de carvalho raspa suas narinas e uma sensação de veludo e um perfume intensamente adocicado invade suas narinas, como se o

gargalo de um vidro de xarope para bronquite estivesse perto de seu rosto. O toque aveludado prolonga-se, ora quente, ora morno, ora frio, e dos poros da rósea testa de Joe brotam gotículas foscas de suor frio, que engrossam e escorrem pelas têmporas e nariz. Seus óculos de fino aro de metal dourado e lentes facetadas se embaçam. A mente de Joe afunda em um túnel de névoa.

Recorda-se do campo de golfe de Bray e do pequeno Stephy. Seus ouvidos sentem a aspereza do clima em forma de uma dor aguda que se dilata, mas que arrefece, espasmódica, ocasião em que comprime com constância a parede do tímpano; em seguida, cessa, mas imeditamente a dor retorna mais aguda e mais dilatada, como se fosse perfurar a cabeça, a garganta, e os olhos por detrás das órbitas; depois, como um zumbido que se afasta, desaparece, para novamente deixar espaço para a compressão constante sobre o tímpano. O toque persiste sobre seu rosto enregelado, agora é quase como se estivesse fisicamente em Bray, ensinando Stephy a empunhar o taco. Joe segura suas mãos sem calos, firma-as ao redor do instrumento; de uma das mãos pequenas e alvas faz saltar o dedo indicador, posicionando-o ao longo do taco. Balança de um lado para outro o corpo daquele menino que deveria ter uns dez anos, para ensinar-lhe como bater na bola; Stephy quase desaparece envolvido pelo corpo do pai. Agora era preciso que Stephy mentalizasse o exato lugar do buraco, firmasse o corpo e o taco, girasse os braços e o tronco, erguesse a base de madeira do instrumento e golpeasse sem hesitação a bola, num único movimento pendular descendente. "Vou fazer a bola chegar a Wicklow", disse-lhe Stephen, com a voz embargada pela excitação. "Claro que sim. Claro que sim,

mas se concentre", aconselhou Joe.

Do interior do túnel de névoa, Joe sente ainda o toque macio sobre o rosto. Como um trem que emerge de um túnel, a mente de Joe sai da névoa para a luz de certo dia luminoso de primavera, quando fazia o percurso entre Galway e Rossaveal. Stephy ia no banco detrás do velho Jaguar. Pouco antes do final do percurso, com o intuito de acordar o filho, Joe cantarolara a balada The yellow ale:

> As I was going the road one fine day.
> (O the brown and the yellow ale!)
> I met with a man that was no right man.
> (O love of my heart!)
>
> He asked was the woman with me my daughter
> (O the brown and the yellow ale!)
> And I said that she was my married wife.
> (O love of my heart!)
>
> He asked would I lend her for an hour and a day
> And I said I would do anything that was fair.

Por fim, como Joe cantasse cada vez mais alto e debochadamente, Stephy finalmente acordou, de pronto mostrando seu descontentamento pela música, sobretudo porque o sarcasmo do pai o incomodava. Joe ajudou o filho a sair do banco de trás, ergueu-o até o colo e foi com ele em seus braços na direção do cais de atracação. Lembra-se do toque do rosto de Stephy tocando o seu e de um sabor de salsugem misturado a xarope para bronquite, talvez proveniente das roupas ou do hálito do menino. Sim, o

cheiro, as mãos de Stephy frias e quentes, ou estas últimas estavam frias, e o rosto quente, ou o contrário, o que produzia uma sensação térmica indefinida, exatamente como sentia agora na solitária quietude do cemitério de Rahoon.

Já no barco, Stephen aninhou-se sob o casaco de lã de carneiro de Joe Byrne, que se manteve do lado de fora da pequena cabine de passageiros, a maior parte da travessia de duas horas até as Ilhas Aran. Durante a travessia, o menino guardou um silêncio entre amuado e respeitoso, o que não tinha absolutamente relação com o fato de serem aquelas ilhas um símbolo e baluarte do primitivismo e da tradição telúrica irlandeses. Ele era muito pequeno para compreender essas coisas, e o mais provável era que Stephen, ou porque acordara há pouco, ou porque se sentira mal, aparentemente não se deixara empolgar pelo primeiro passeio náutico, como erradamente previra o pai.

Quando a primeira gaivota sobrevoou o barco, Stephen pôs a cabeça para fora do casaco do pai e acompanhou suas asas em movimento contra o cinza e a névoa do céu. Joe fizera o mesmo, mantendo a atenção simultaneamente sobre a ave e sobre a criança. A ave logo desapareceu, até que vieram outras, mas estas não atraíram mais a atenção de Stephen, que agora olhava fixamente, como hipnotizado, o corrimão carcomido do tombadilho. O pai advertiu-o de que em viagem marítima não era aconselhável fixar a vista como ele estava fazendo; poderia enjoar. Stephy cerrou fortemente os olhos e voltou seu rosto contra o peito de Joe.

O que teria o menino pensado naquele instante?

Agora, que Stephy não estava mais entre eles, havia tantos gestos e coisas e sinais e sintomas a serem decifrados. Só assim aqueles curtos doze anos de vida de Stephy

poderiam valer por uma vida inteira. Pacientemente Joe, desde que o filho se fora, adquirira o hábito de refazer mentalmente a história do cotidiano do bebê, do menino, e do quase adolescente. Joe queria entender tudo, reconstruir pequenas cenas mal resolvidas, infundindo à realidade partilhada com o filho um sopro de lucilante genialidade que talvez jamais tivesse existido no meio deles. Mas era desse modo que Joe minorava sua dor e sua culpa. Assim, qualquer silêncio vulgar, despretencioso, que testemunhara em Stephen, deveria forçosamente representar um mais além complexo e sutil; uma comunicação que de tão delicada esgarçava-se quase que por completo nem bem era engendrada no cérebro do filho. Era então preciso pinçar essa verdade moribunda antes do momento de sua fatal dissipação; entendê-la bem, e refazer o entendimento e a cadeia de eventos interdependentes dessa verdade recuperada. O que acontecera de errado naquele princípio de viagem para Kilronan? Sim, porque o sono, ou o cansaço, ou o enjôo, ou todos eles juntos eram uma resposta demasiado simplória.

Joe atravessa o túnel de sua mente, e seus olhos vêem a cruz sobre a campa de Stephen, agora mais sombreada pelo carvalho. O vento parece ter mudado de direção e de intensidade. Agora manifesta-se através de curtos e densos sopros, redemoinhando as folhas como se estas fossem uma serpentina intermitentemente empolgada por mãos infantis, uma serpentina de tons cobreados e verdes, ora sendo agitada, ora tombando placidamente sobre o chão. O ar se tornara mais frio e Joe hauria com dificuldade naquele campo de morte e vida. Os finos e loiros cabelos de Stephen empinaram-se, como se quisessem penetrar suas narinas e,

amparando a cabeça de Stephy, um pouco atrás, seus avós, Ellen e Adams, com grandes mãos de luz espalmadas apoiando as melenas do neto e arcando com o corpo etéreo do menino. Joe mais sentia do que via tudo aquilo, no entanto o que seus sentidos registravam tornara-o subitamente apacentado.

Ergue-se e cresce à frente, outra vez, o túnel de névoa, que o envolve como uma sombra poderosa. São 8h30 da manhã de um dia muito especial, em que pai e filho passeiam. Envolta em delicada gaze, como sugestivo presente, a grande Ilha Kilronan deixa-se entrever aos poucos. Ao fundo, a áspera mole castanha do cais e pequenos barcos de pesca atracados. Dispersas na opaca luz matinal, choupanas rústicas, rodeadas de muros feitos de um paciente quebra-cabeça de pedras. Casotas cobertas de palha, caiadas de branco, com janelas e portas coloridas. Ao redor, o verde eterno dos prados, e o mar, às vezes azulado, mas quase sempre cinzento, como agora. Fumos claros, papais, sobem das chaminés. O desenho caprichoso dos baixos muros de pedra ao redor das searas e dos terreiros, delimitando a serventia e protegendo os terrenos do vento marinho, sugere uma colcha de retalhos espraiada ao acaso sobre a ilha. "É só isso?" pergunta finalmente Stephen, tirando do bolso do casaco um cavalo alado, de madeira, que o pai construíra. "Não, há mais coisas, você verá."

Pai e filho se movimentam pelo tombadilho. O primeiro traz o outro pela mão até a proa. Gepeto, que é como o apelidaram, por causa da grande habilidade manual, suspende o corpo de Stephy, e coloca o filho sobre o ombro direito, para que o menino possa ver melhor a manobra de atracação. O menino se curva para a frente e agita o cavalo,

que ondula, ora tocando um solo imaginário, ora subindo vertiginosamente. Gepeto não esconde a satisfação de ver seu artefato nas mãos de Stephy. Nesse exato momento, entre os ciprestes, olmos e carvalhos do cemitério, o cavalo alado passeia, enorme pássaro solitário. Mas Gepeto, todo ele inteiro, está com sua mente e espírito voltados para o ritual de abordagem. Ele explica pacientemente ao filho os procedimentos náuticos. A reversão de motor vibra então em sua espinha dorsal, como um afago antigo. Um leme imaginário gira seguro em seu espírito, enquanto a quilha se alinha com a mole e a embarcação passa a se mover lateralmente. Stephy boceja com taciturna complacência; o mar é seu rival no carinho do pai. Os cabos, lançados por mãos enluvadas, cruzam os ares, estirando-se entre a embarcação e a borda do cais; parecem, nesse súbito movimento, flechas muito longas, desarrumadas, exibindo-se sob o olhar dos turistas. Ao som de pateadas, apitos e vozes de comando, o barco toca mansamente a mole e um eco, percuciente mas débil, de um vazio sonoro, proveniente de um motor que não trabalha mais, dilata-se e estonteia.

Afastam-se da proa, acompanhando a leva de turistas. Gepeto, o menino e o cavalo alado saltam para o cais ladeados por moças e rapazes com grandes mochilas coloridas armadas às costas. Peruas de turismo com as portas escancaradas encontram-se estacionadas a poucos metros do barco, em plena área de circulação do cais. Seus motoristas abordam sem cerimônia os recém-chegados, oferecendo-lhes seus serviços de transporte. Stephy volta-se para o pai, com ares de quem quer saber o que farão. Gepeto caminha indiferente ao pregão turístico; é como se buscasse dissimular que acabara de perder algo extremamente

necessário para seu espírito e temesse revelar isso. Stephy segue pelo cais a seu lado, passos titubeantes de quem busca novamente se acostumar à terra firme. Joe pergunta ao filho se se sentira bem durante a viagem, se não enjoara, se estava com calor. Stephy desgarra-se do pai, ergue o cavalo bem alto, e o faz balançar e se agitar como um avião sob forte tormenta. Pai e filho seguem para a estalagem de Stan, perto dali.

Stephy tinha fome e praticamente engoliu um pedaço de torta de amêndoas. "Beba o chá", insistiu Gepeto. E Stephy agarrou a caneca com as duas mãos, um fio de ouro escorrendo pela comissura dos lábios.

A mente de Joe viaja andarilha pelo tempo. Indo e vindo.

Rahoon, ao longe as faias encharcadas de chuva, grossas veias de água escorrem pela face de Joe Byrne Hayes, os ciprestes arquejam sob os vapores, nas alamedas. As folhas dos carvalhos, alinhados ao longo do trajeto entre a capela e a rua, estão entumescidas. Estarão ali mamãe e papai? Ali, bem atrás daquele tronco? Venham até aqui, falem comigo.

Kilronan, os dedos de Stephy emplastrados de bolo, sorriso de Stan no balcão, o mapa de uma Irlanda imaginária, fictícia, maior do que toda a Europa Ocidental, maior do que todo o Império Britânico, sobre a lareira do bar, inocentemente. Para rir e pensar.

Rahoon, talvez Joe preferisse ser cremado e atirado ao mar, ao invés do cemitério em que jazem Stephy e os avós. Sentir-se-íam traídos se as cinzas de Joe navegassem pelo Mar da Irlanda?

Kilronan, Joe repassa sua vida: permanecera longos anos na marinha irlandesa; após seu desligamento empregara-se na empresa Irish Ferries, primeiro como responsável pela

casa das máquinas, depois como subcomandante. Na época em que Stephy contava pouco mais de cinco anos, Joe fora encostado, devido a desavenças políticas, e ficara exercendo funções administrativas enfadonhas, uma espécie de amargo veneno que o consumia por dentro, e do qual libertou-se logo que surgiu a chance de se aposentar. Por conseguinte, aquele passeio marítimo ao lado de Stephen embora trouxesse amargas lembranças profissionais significava também um reencontro revigorante com o mar. "Mais um pedaço de bolo, Stephy? Vamos, beba o chá, beba. Stan, ele não está um bravo irlandesinho?" Stan serviu mais chá, e aproveitou para sacudir com bonomia os ombros do menino; suas bochechas reluzentes de cerveja cresceram sobre o balcão, infladas por alguma espécie de felicidade simples e indeci- frável. Joe e Stephy estavam com muito calor. Retiraram os casacos.

Rahoon, Joe lembra-se: Kate tinha oito anos menos que Joe; também estava velha. Kate sempre formulara o desejo de ser enterrada em Dublin, porque sempre a considerou sua cidade, embora tivesse nascido em Limerick. Joe aventou a hipótese de que Kate não escolhera Rahoon para enterrar seu filho apenas porque ele o havia feito. No fundo do cemitério, junto a um renque de choupos, um féretro passa em fila dupla, pássaros negros com as asas recolhidas. Para que lado vão? Joe gira sobre os calcanhares, à procura do coveiro. Dois homens com pás, boina e lenço no pescoço passam por ele, indo em direção ao féretro. Na metade do trajeto, os homens param em frente a uma lápide e um terceiro aparece repentinamente erguendo-se do chão. O féretro prossegue ladeando os choupos. Agora se pode ver o caixão, três coroinhas e um padre com um turíbulo. Os coveiros conversam e fumam. O turíbulo oscila, o fumo se dispersa ao

redor do morto. O perfume do incenso, o perfume das flores ressecadas, o cheiro doce da terra, o cheiro agridoce da grama.

Kilronan, a maresia, o mofo das paredes da estalagem, o cheiro de anis, o cheiro de lúpulo, o cheiro de malte, o cheiro de whiskey, o cheiro de lenha no fogo, o cheiro de salmão na grelha, o cheiro de cerveja preta, o cheiro de fumo de cachimbo; uma risada, um triscar de cadeira contra o piso de tábuas ressecadas, novo triscar. "Quer passear agora, Stephen? Quer visitar o forte, quer ver Dun Aengus?" Stephy diz que sim, que sim, que sim. Enfia o chapeu na cabeça, o chapéu com os tapa-orelhas e forro de lã. Joe cobre a cabeça com seu habitual chapéu de caça. Ambos vestem os casacos novamente. Despedida de Stan, prometem voltar mais tarde, para tomar outro chá. Seguem pela rua, em direção ao cais, para pegar um carro de turismo. O guia sorri para Stephy. Chama-se James O' Mahony. "Vinte libras até a base do morro onde está o forte. Depois é galgar até lá, sem pressa; não se preocupem, pois fico aguardando no sopé o tempo que for necessário."

Rahoon, ali à frente do funeral: as portas do Hades. Palavras de consolo, que Joe não pode ouvir, palavras vagas, trocadas entre os pássaros pretos, palavras sem conseqüência; entremeadas a estas, ordens de comando do líder dos coveiros, o mais velho, que é seco e ríspido, mas Joe não as ouve também; palavras em latim atiradas pelo hissope no ar: "Et ne nos inducas in tentationem", contudo Joe não pode ouvir. Mas vê logo adiante alguns pássaros baterem asas, primeiro um par de pegas, depois outro, o que dá quatro, somem atrás de uma moita de tojo. Mal sinal pensa Joe, lembrando-se do dito popular: Magpie, if you see

one, bad luck; two, good for you; three, to a wedding you are going to be invite for a death in the familiy; five, silver; six, lot of gold; seven, a secret never to be told. Os coroinhas respondem, dissonantes, os presentes pigarreiam, mas Joe não pode ouvir.

Kilronan, o céu ganha o azul, o mar ganha o azul, e defronte a casas de palha e pedra impávidas, na estreita estrada que circunda a ilha, passam pescadores e crianças saídas da escola, com suas gravatas mal laçadas no pescoço fino; passa um padre com um cajado. James O'Mahony aponta para as casas, para um crucifixo plantado num entroncamento, fala ininterruptamente. Em dado momento estufa o peito e gorjeia:

> Joseph duelled against la Manche,
> The last duel of all.
> For a piece of nothing they fought
> And the second shot, it was the second shot
> To be called,
> Killed a good irish man,
> No doubt.
> Killed a good irish man.

Joe interrompe o motorista e pergunta de onde ele era. James responde que não era da ilha, viera do sul, de Cork, há poucos anos. Comprara a perua, conseguira a licença de transporte de turismo e se fixara em Kilronan. Possuía uma casa em Galway. E umas ovelhas no outro lado da ilha. Joe e Stephen se despedem do motorista, que permanece impassível ao volante. Pai e filho tomam a trilha e começam a subir em direção ao forte.

Rahoon, quem está chamando dos confins do mundo subterrâneo? Ellen, Adams? Não pode ser, pensa Joe, que reconhece as vozes de seus pais. E desce os olhos mirando os próprios pés, como se o som humano viesse dali. Que Deus se apiede de vossa alma, diz o padre em latim, ao pé do caixão. O hissope vibra e asperge gotículas de água, cristais. Joe não ouve a pregação, e sua vista não alcança os cristais suspensos no ar. Mas sente no rosto um toque suave, quase um sopro, por pouco um beijo. Father, father.

Kilronan, pai e filho, sempre subindo, no princípio lentamente, superando platôs superpostos de terra, parecendo searas abandonadas. Cabras pastam enfiando o focinho com vigor entre os tufos de tojo e as pedras, Joe e Stephy sempre subindo, mas sem pressa; o céu cada vez mais azul. Agora uma escadaria de pedra em parte derruída, e adiante o pórtico de acesso à fortaleza. Através dele, vêem-se nuvens caramelizadas e a tintura anilada do fundo. Celtas espreitam das frinchas. "Disse algo, filho?" "Não, pai, não disse." "Está cansado?" "Um pouco." O limo dos paredões ao relento confere um ar de sinistra memória guerreira a Dun Aengus. O mato atravessa seteiras como dardos verdes. Stephen gostaria de tocar o áspero muro. Mas se detém.

Rahoon, o sacerdote continua aspergindo água benta sobre o caixão, e ao redor da cova. As cruzes celtas do cemitério espreitam impassíveis. Os espíritos malignos entrincheirados recuam. As flores mais frescas agora. Um choro como um uivo eclode, áspero acidente sonoro, e essa manifestação é ouvida e sentida por Joe Byrne Hayes. Os coveiros tocam a madeira rutilante do caixão, agarram as aldravas douradas. O ramalhete sobre o tampo é deposto como um lençol. A madeira adornada, nua sob os olhares.

Hissope incansável aspergindo ao derredor. Palavras, murmúrios, soluços e uivos. A terra espera. A terra espera.

Kilronan, as pedras irregulares das paredes do forte assentam sobre um gigantesco maciço natural de arenito, erguido a pique sobre o mar; o forte e o rochedo perpendicular, descomunal, sobre o qual a fortificação se apruma, parecem fundidos um ao outro. "Quer ver o mar?" pergunta Gepeto, ameaçando embarafustar-se por entre as ruínas do forte. "Quero, mas não agora." "E o que você quer agora?" "Quero brincar com aquela cabra."

Rahoon, Joe não pode ver, mas o caixão vai descendo à medida que as cordas que o sustentam são afrouxadas pelos coveiros. O sacerdote tartamudeia, mas por vezes sua cantilena, de modo deliberado ou não, atira mais longe uma ou outra palavra, que o vento espalha por sobre as cabeças descobertas dos homens, e por sobre o véu que resguarda as madeixas das mulheres. Reino, Deus, portas, mérito.

Kilronan, "Que cabra?" pergunta o pai. "Aquela, aquela ali, que está olhando para cá." "O dono dela não vai gostar da idéia", atalhou Joe. "Não vai? Por que não vai?" "Porque ele pode pensar que você quer machucá-la." "Mas eu não quero fazer isso, eu só quero montar nela e cavalgar."

Rahoon,

Kilronan,

Rahoon, uma voz dentro de Joe proclama: tu descansarás para sempre na terra em que nasceste, viveste, trabalhaste, casaste, procriaste, adoeceste, morreste, disse o sacerdote, aspergindo sua voz rascante como granizo sobre as cabeças cobertas, ulcerando os ouvidos dos presentes e sobretudo dos jovens que não querem realizar o já realizado, mas tu dormes inteiramente original e insurgente, Stephy, porque não

trilhaste as rotas todas que te oferecia a vida. Terra doce seja a que te vela e protege.

Estrada N8, a caminho de Dublin, Welcome to Co. Lavis. Black Spot. Placa de Durrow. O Austin de Joe Byrne Hayes segue caminho afora, embalado por sua voz grandiloqüente e farta:

Then Micky Maloney raised his head,
When a noggin of whiskey flew at him.
It missed and falling on the bed,
The liquor scattered over Tim;
Beded he revives, see how he rises.

Stephy conhece o começo da letra de Finnegan's wake, e canta também, quando a canção recomeça. Às vezes olha para seu pai, que exibe seus dentes amarelos e uma língua esbranquiçada, que ora roça os lábios, apoiando-se sobre a arcada inferior, para melhor vocalização, ora toca o céu da boca:

Tim Finnegan lived in Walking Street,
A gentleman Irish mighty odd.
He had a tongue both rich and sweet.
An'to rise in the world he carried a hod.
.

Rahoon, vou deixar você em breve, filho, diz mentalmente Joe.

Kilronan, gaivotas, vozes de crianças gralhando passam por uma fenda da parede disfarçada pelo musgo.

Estrada N8, "with the love of the liquor he was born", acrescentou Joe, insistindo para que Stephy fizesse a segunda

voz, ligeiramente atrasada. Danger Road Narrows Ahead, diz a placa. Traffic Lights Ahead 300 m. No Overtaking. Não ultrapasse Joe.

Rahoon, o caixão toca o fundo da terra. O sacerdote silencia. Pardais passam.

Kilronan, seguindo o convite de um arranjo de pedras no chão, Joe e Stephy avançam pelos cômodos derruídos da fortaleza, zune o vento pelos vãos como projéteis de artilharia, como setas.

Estrada N8, entrada de Abbeyleix, depois Portlaoise, Estrada N7, Welcome to Co. Kildare, bem-vindo ao condado de Kildare. Depois a placa de Monasterevan, cuidado adiante, Slow Dangerous Bends, curvas perigosas, Joe.

Rahoon, os coveiros começam a atirar a terra, que ao cair fere as pétalas enregeladas das tulipas deixadas sobre o tampo do caixão. Um terço de orações, feito de pedras desiguais, da cor do almíscar, deslizam pelo tampo. Terço de uma mulher, ou de uma filha.

Kilronan, dois outros meninos como que perdidos de seus pais cruzam à frente de Stephy e Joe. Stephy segue-os com os olhos. Eles ultrapassam um umbral e desaparecem.

Estrada N8, ainda. Agora chove. "It missed and falling on the bed, the liquor scattered over Tim; Beded he revives, see how he rises. See how he rises", ainda canta Joe, agora com menos vibração, como se acompanhasse a monotonia dos sons do motor. "Tim voltou a viver por causa da bebida?" pergunta Stephy, amassando com os dedos a ponta do casaco de lã. "Sim, é claro, não é o que a letra da balada diz?"Joe apanha matreiramente o queixo do filho, cerrando em volta dele a mão, fingindo querer arrancá-lo, tal como se faz com um pêssego na ponta do galho de uma árvore, quando se

quer saciar a fome. Stephy escondeu o rosto, Joe ainda assim agarrou a ponta do nariz. Dangerous Junction Ahead, cruzamento perigoso logo adiante, Joe.

Rahoon, a terra continua a cair das pás dos coveiros. Baque como o de um pequeno corpo atirado contra uma cova úmida.

Kilronan, o último umbral, depois um platô de pedra, o precipício, e adiante o mar. Joe e Stephy caminham agora libertos dos muros da fortaleza, desarmados.

N7, placa a poucos metros da encruzilhada: Naas 13 Km, Dublin 43 Km. Joe tira o pé do acelerador e toca o freio uma vez, duas, depois mais forte, até o fundo.

Rahoon, uma guirlanda de flores sobre a terra, próxima de onde ficará a cruz e a inscrição. A mulher que deixara as flores descobre a cabeça, ao se retirar. Seus cabelos vermelhos, da cor do rio Liffey de outrora, quando as tinturarias das margens do rio que corta Dublin ao meio lançavam sua química sobre o leito líquido dos salmões.

Kilronan, céu.

N7, o freio do Austin repentinamente responde. As rodas travam, os pneus flutuam ora sobre a pele gordurosa das poças d'água, ora sobre o piso irregular da estrada. Joe reduz para terceira marcha e depois para segunda; aumentam os giros do motor. O carro continua avançando, inalterável. Joe então puxa a direção para o lado esquerdo, buscando tirá-lo da estrada e evitar o entroncamento. O carro contudo desliza, desliza sempre, agora um pouco de lado, expondo seu flanco esquerdo, mas sempre para diante, até encontrar um Taurus em boa velocidade. Stephy é arremessado contra o vidro. O cristal da vida em estilhaços.

Rahoon, o defunto, a terra acolhedora.

Kilronan, azul; o mar espumante contra a pedra, ondas no sopé chocando-se contra um imenso costado de um imaginário navio de pedra; da gávea de cima, dependurados, Stephy e Joe miram o céu e o mar, o mar e o céu; o navio de pedra geme, o estai de galope esticado; o estai de velacho range, os mastaréus de gávea e de joanete resistem, o vento sacode os ovéns e enfuna as velas-nuvens; no fundo do precipício o mar cede terreno entre espumas brancas e seixos; tudo se encontra em movimento, mas é para o céu que Stephy e Joe miram agora.

Rahoon,

Kilronan,

N7,

Rahoon,

Lucien, é da cor da cevada queimada o couro do grosso solado nos seus pés; sapatos duráveis, de amarrar, que apontam na direção da escada do ônibus. São 13h49 em Deauville. O transporte de Lucien partira da entrada da cidade com um minuto de atraso, e agora, em sua terceira parada, colhia o solitário passageiro com destino a Le Havre, com mais dois minutos de desvantagem em relação ao horário de passagem. Aquela diferença pouco importava ao motorista, que descontaria o atraso no curto trajeto até Honfleur dirigindo mais impetuosamente nas curvas, o que aliás era de seu agrado. Ao ver seu transporte chegar, Lucien se ergueu do banco de madeira localizado a poucos metros do ponto junto à sarjeta da rua, e aprumado, com uma sacola

de couro na mão direita e arrastando uma valise de lona com rodas na esquerda, foi em direção ao veículo e subiu com impaciência os degraus, erguendo a valise do chão até a altura da cintura. Trazia os antebraços contraídos, formando uma angulação de trinta graus, e os cotovelos para fora; os punhos tocavam a ilharga. No último degrau, despejou toda a carga no chão. Sentiu-se naquele momento desajeitado e estúpido. Sacou o dinheiro de uma velha carteira surrada e comprou um bilhete de ida para o porto do Havre.

Manoel, nesse mesmo horário, já se encontrava a caminho do Havre. Deixara St. Lazare às 12h34; nem mesmo o desesperado e farfalhante adeus de Lucinha, agarrando-o e friccionando seu corpo e abdômen contra o corpo e abdômen dela, buscando submetê-lo a uma paixão quase mórbida, fora capaz de retardar o passo do jogador, que espanejando as abas do casaco como se tivesse sido atacado por marimbondos, se desvencilhou dela e pulou para o interior do trem. De St. Lazare o 3141 seguiu diretamente a Rowen-Rive-Droite, sem parar em Mantes-la-Jolie, Vernon, Gaillon-Aubevoye, Val-de-Reuil e Oissel. Provavelmente em Mantes ou talvez em Vernon, Manoel entrevira um rosto de criança, olhando, talvez curiosa e assustada, a imensa estrutura de ferro e aço se aproximar e passar a seu lado em grande velocidade. De que cor seriam seus olhos? Para onde iria ela? Teria a menina entrevisto também que um homem, atrás de uma das janelas do trem, procurara inutilmente capturar suas feições. Ele que talvez como ela experimentava,

também curioso e assustado, aquele momento de solitude?

Lucien, o ruído cavo e intermitente do motor, o sacolejar nas curvas e armadilhas da estreita estrada que liga Deauville a Honfleur produzem uma certa sonolência; ele por vezes cerra os olhos, embora tencione ver e registrar a paisagem vertiginosa que se desenha através da janela. Sua mente oscila entre a retenção imediata, frugal e panorâmica do que a visão apreendia, e a matéria evocatória que a sonolência revolvia e remexia sem disciplina. Com seu sentir mais superficial e automático, mas ainda atento e consciente, vê um renque de abetos, por trás dele um sobrado de pedra, que logo desaparece; ao fundo e adiante um céu acinzentado, talvez se juntando mais adiante ao mar, a cor de um se diluindo na cor do outro; a essência de um contaminando a essência do outro; o aéreo se fundindo ao aquático; talvez, naquele ponto que ficou para trás, uma falésia insinue a possibilidade de um arremesso pindárico, ou se ofereça como o passivo e eterno arcabouço de um proscrito cemitério marinho, templo dos templos, acima do qual na calma abóbada do céu migram pombas, ce toit tranquille, où marchent des colombes. Com o sentir disperso, incontrolado, recorda o dia anterior, no apartamento de Linda, quando uma campainha fê-los abrir a porta e era Abdail. Há uma curva súbita, fechada para a esquerda e outra para a direita, (entre les pins palpite, entre les tombes) que se prolonga mais do que a primeira; e outra para o lado oposto, lentamente evasiva. O chão parece mais áspero, o motorista manobra

com destreza. Cabeças se inclinam para um lado e em seguida para outro, em cômica sincronia. Abdail grita sorridente e ligeiramente alarmado ao surpreender o amigo no apartamento da prima, enrolado em uma toalha felpuda cor de ameixa: "Toi, chien, justamente tu?" Seria ainda um sorriso, pensara Lucien naquela hora, quando deparara o rosto de Abdail, ou fora um esgar de desprezo? Linda aparece em trajes sumários, seu corpo exalando odores noturnos. "Estava para lhe dizer." "Acabou de fazê-lo da pior maneira", respondeu Abdail. Outra fileira de abetos deixa entrever uma fímbria de mar, o ônibus parece querer se atirar despenhadeiro abaixo, mas no último momento o motorista gira o volante com vigor para o lado da estrada. A carroceria se inclina para o precipício, perigosamente, e depois para o lado oposto. Os rostos, antes colados à janela, desgrudam-se das vidraças. A carroceria nivela-se precariamente até o início da curva seguinte; o ônibus outra vez se debruça sobre o precipício, os rostos colam-se novamente à janela, suas feições espremidas; outra nesga de um mar sempre cinzento rebrota entre pinheiros.

Manoel, o trem fica dois minutos imóvel na gare de Rowen. A cidade esplende em imponência, banhada de sol; passageiros entram e saem; o jogador encolhe-se em seu assento, como se desconfiasse dos recém-chegados. Retira os óculos, talvez para não permitir que nenhum passageiro penetre com feições ameaçadoramente definidas, em seu espaço de recolhimento e modorrenta reflexão, no qual

pergunta a si mesmo, continuamente, desde que deixara Paris, logo que se apartaram na Gare St. Lazare, se de fato prometera uma reconciliação com Lucinha. Teria, ao contrário, sido ela, exclusivamente ela, quem na azáfama da plataforma colocara sub-repticiamente em sua boca, olhos, ventre, braços e mãos aquela promessa de retorno, que de fato sequer havia passado pela forja exigente da razão? Essas suspeitas geraram em Manoel um súbito sentimento de culpa, mesmo que atribuísse a Lucinha toda a responsabilidade. Era quase certo que Lúcia tinha e tivera sempre, e até o último instante, consciência de que não seria possível um recomeço. De fato, pensava Manoel, no fundo, tanto ela quanto ele, ou talvez mais do que ele, Lucinha sabia que um regresso seria no mínimo desagregador para ambos; seu apetite para o drama, contudo, era inesgotável; e sua necessidade de construir um tenso e vigoroso edifício verbal era quase ilimitada, daí sua propensão para gerar equívocos. Por outro lado, talvez pretendesse ela desenvolver uma obra de engenharia que os retirasse, por meio de algum estratagema sutil, ou de um sutil atalho, da desgastada estrada velha, encaminhando a relação entre ambos na direção de um rumo inteiramente diverso do anterior; na direção de um acordo original e revolucionário que os libertasse do velho jogo. Não, positivamente não. Nos dois dias em que ficaram juntos no apartamento de Lúcia em Paris Manoel e ela foram os mesmos de sempre, ele conclui. Foram os mesmos quase todo o tempo, apenas mais melindrados pela possibilidade de se magoarem novamente, e por isso mais cautelosos e transigentes. O trem desenreda-se dos últimos retardatários, ademanes e bagagens, deixando a impressão habitual e costumeira no observador de que

alguém, com certeza, não conseguira embarcar, ficando ali, com sua acanhada perplexidade, a gesticular para um maquinista imaginário, implorando-lhe a suprema gentileza de fazer recuar os ponteiros do relógio, que no caso seria também uma espécie de perdão concedido pela máquina do tempo às imperfeições humanas. Mas já são definitiva e inapelavelmente 13h46. Os que partiram e os que ficaram fazem parte de um incorrigível e incorruptível momento do destino humano. "Tu não imaginavas que ainda seria possível acordar comigo mais uma vez, e justamente aqui, fora de Portugal", dissera-lhe Lucinha na primeira manhã em que estiveram juntos. Ela lhe trouxera, no quarto, um croissant e o café em uma bandeja com uma estampa do galo de Barcelos, pequeno gesto revestido de falsa familiaridade e segundas intenções, percebe agora Manoel. Naquele momento, ele nada dissera, apenas inclinara-se sobre a pequena bandeja, deposta sobre os lençóis a seu lado; tresandava um olor de pão quente e café com leite misturados a um resto de perfume que brotara dos póros suados, que ficara no ar, como à espera de impregnar novamente os corpos. Ela se aproximara dele, vigilante, o verbo trancado na garganta, pronto a jorrar. Talvez por causa dessa experiência rara, Lúcia se sentisse nervosa. Seus dedos tocaram o peito de Manoel, que experimentou um incômodo na região do plexo solar. Vê-la esmerar-se, como se aquele encontro fortuito viesse resselar um pacto e reavivar algo que findara na raiz, incomodava-o. Erro seu, indiscutivelmente, haver propiciado aqueles momentos de ilusão, a ponto de quase acreditar que tudo pudesse ser refeito. Erro dela haver encenado tudo quase perfeitamente, alimentando algo que não passava de mera demonstração de fraqueza de caráter. O

trem encosta na plataforma em Yvetot. São 14h07.

Lucien, naquele momento em que Abdail entrava em casa de Linda, interpretara seu meio-sorriso como um esgar de desprezo, embora não descartasse a hipótese de isso ser uma recatada e discreta anuência, ou mesmo uma manifestação pouco evidente do tique nervoso do marroquino, que Lucien já conhecia. O francês ainda tivera tempo, naqueles fugidios instantes, de conjecturar que o amigo estava se sentindo traído, por ser o último a saber; pedira então um mudo socorro à bóia de salvação do pensamento mais ecumênico do marroquino, para que seu rosto vincado e grave voltasse à costumeira suavidade, recuperando a introspectiva doçura de sempre. Nada parecera se modificar. Lucien não conhecia Abdail o suficiente para formular um juízo sobre seu caráter e sua moral. E nem mesmo o conhecia o suficente para estimar quanta confiança o marroquino depositaria nele, nem mesmo para avaliar se essa confiança era suficientemente grande para fazer seu amigo abafar um hipotético mecanismo de alarme racial que parecia sempre prestes a soar em seus nervos. No que diz respeito a esse terreno, Lucien estimava que muito provavelmente Abdail era da opinião de que não poderia haver zelo ou virtude em uma relação em que estivessem presentes um francês e um marroquino, sobretudo quando um e outro eram de classes sociais diferentes. Um paredão de pedra e musgo avança sobre ônibus, que dele se desvia quase no último momento. Após o muro, uma placa, indicando um dos limites de

Honfleur, justamente quando o ângulo de declive é menos acentuado. Lucien poderia não evocar o impressionismo, agora que o casario de pedra, o atracadouro, a grande praça ao lado do mar surgem à frente, como desafio ao pincel menos solar? No meio do esboço de Pissarro e Monet, no entanto, ressurge o vulto de Abdail, muscular como Gauguin, mas árido e ressequido, além de muito mais passional. O marroquino ultimamente olhava-o como se pressentisse um iminente fracasso na relação entre eles; como se a ruptura entre os dois amigos fosse um desfecho inevitável para a amizade de ambos, amizade mantida a custa de um contínuo e inadvertido pulsar heróico, que os fazia superar sempre os impasses mais fundamentais, como se não tivessem eles qualquer importância. Seguindo esse raciocínio, que teve lugar naqueles segundos de indecisão logo após a chegada de Abdail, entendera Lucien que este muito logicamente encararia o fato que acabara de emergir da noite como outra decisiva evidência de que o futuro não reservava aos dois amigos grande coisa, sobretudo levando-se em conta que a recém-descoberta relação do francês com sua prima sem dúvida seria, no entender do próprio Lucien, um acidente insuperável entre ambos, posto que inadmissível, sob qualquer ponto de vista. Ainda mais porque, talvez entendesse Abdail, Lucien, em seu atrevimento sem sentido, de bicho social superior, não se dera ao trabalho sequer de respeitar aquela criatura que Abdail mais prezava na vida, que era como uma irmã de sangue para ele. Lucien e o primo de Linda entreolharam-se à distância. O primeiro com um ar malicioso, que logo se dissipou, fazendo aflorar um ar preocupado, finalmente substituído por uma expressão esfíngica, como a dizer que nada fugira à normalidade; o

segundo, com uma expressão cada vez mais contrafeita. "O que é tudo isso, afinal?" perguntou Abdail fechando a porta da rua atrás de si. "A que vem tudo isso?" insistiu Abdail ainda com os punhos sobre a maçaneta da porta. "Vocês estão se encontrando às escondidas?" voltou a indagar no momento em que seus dedos frios e arroxeados soltaram-se da ferragem. "Estão tendo um caso?" perguntou novamente, Abdail, avançando pela sala com os braços afastados do corpo. "Querem me provocar e deixar perplexo, é isso o que querem?" Em seguida atirou-se repentinamente triste e desanimado na poltrona mais próxima, arrancou um chapéu de feltro da cabeça, fê-lo rolar entre os dedos livres e amarelos de fumo, olhando fixamente para Lucien, até que este saiu da sala, uma vez que não pretendia responder a nenhuma daquelas perguntas. Ao regressar, minutos depois, encontrou os dois primos em silêncio, sentados ambos no sofá. Abdail deixava transparecer, em sua total plenitude, o conhecido tique nervoso, que transformava suas feições, de modo que seu rosto parecia submetido a uma força poderosamente contrativa e imobilizadora. Visto de trás, Abdail tinha as costas compactadas, as omoplatas enclavinhadas, como se estivesse enclausurado contra a vontade em um compartimento menor do que o volume de seu corpo; o ar comprimido dos pulmões de Abdail, quando o tique alcançava o máximo de expressividade, transitava com força para o recinto da boca, que se assemelhava a um pequeno balão inflado, pronto a subir. Abdail sincopadamente soprava com energia o ar, e o fazia tão mais violentamente do que em outras oportunidades que parecia sinalizar, a quem o visse, que estava prestes a dar à luz. Parte o ônibus de Honfleur. Pelas frestas das janelas, penetra um

odor de peixe cozido e ar marinho. O ônibus começa a subir novamente, mas logo voltará a descer, rumo ao Havre. Enquanto isso, Lucien recorda que naquela confusa manhã, na casa da marroquina, decidira, movido por impulso, ao chegar novamente à sala e perceber o estado emocional de seu amigo, sentar-se entre eles e abraçá-los. Foi o que ele fez, mas o silêncio persistiu, como se os primos estivessem submetidos a um juramento militar e nunca mais pudessem falar com ele.

Manoel, o comboio deixa Ivetot, quantas horas mais até que tudo comece a se esclarecer, até que o jogo proposto por J. B. H., em uma carta, comece a fazer sentido na mente do português? Ele tem em seu bolso o voucher do barco; tem também um endereço para onde se dirigir quando chegar a Dublin: um 'pequeno hotel', como dizia a carta do misterioso promotor de tudo aquilo. Angustiava-se por vezes por saber tão pouco? De fato, não. Tudo aquilo espicaçava, como seria natural, sua curiosidade. Sobretudo tendo sido ele um goleiro de futebol, profissão que exigia justamente a submissão absoluta a um conjunto de regras e, mais do que isso, submissão ao arbítrio da sorte. Tampouco incomodava-se Manoel com o deslocamento até a Irlanda, pois aprendera, em seus anos de esportista, a se deslocar entre estações e hotéis sem o desgaste que teria um turista comum. Temia ele perder a partida? Na verdade interessava-se apenas pela possibilidade de jogar, mesmo que viesse a perder. A bem da

verdade, naquele momento Manoel sentia-se muito pouco preparado para derrotar quem quer que fosse seu adversário; temia contudo ferir-se fisicamente, sofrer um dano irreparável, uma decepção forte demais, mas era compensador romper a monótona cadeia de eventos pouco significativos, em que se tansformara sua vida, e experimentar o inesperado. Estação de Bré- auté-Beuzeville. Manoel suspira fundo. A memória de Lúcia, outra vez, agora com o Le Monde aberto sobre as pernas; os seios em franca exibição, os ombros tresandando sais. "Não quiseste mesmo lavar minhas costas na casa de banho", disse ela fingindo profundo desconsolo. Manoel lembra-se de que resistira a entrar na velha banheira do apartamento de Lucinha. Entrar ali significaria inevitavelmente fazer sexo outra vez, e Manoel precisava de um momento de solidão, por mais curto que fosse, de forma a poder suportar as próximas horas, ao lado da antiga amante. "Estás vendo: somos um par novamente: já estou a ler jornais defronte a ti", disse-lhe ela sem retirar os olhos de uma matéria sobre Portugal, estampada no fim de uma página; enquanto falava, Lucinha sorria para si, com seus pequenos dentinhos amarelos despontando entre os lábios; sorria temerosa, como se tivesse receio de perdê-los. Senta-se ao lado de Manoel uma mulher com um chapéu à antiga, com frutas a título de adorno, como se usava outrora. A figura o cumprimenta, falando um francês carregado de sotaque inglês. Ela não o deixa intrigado, contudo. O trem abandona a gare. Manoel encosta a testa no vidro da janela. Sem os óculos, quase nada vê; cerra os olhos, semi-adormece e tem a sensação de penetrar numa bruma em que transitam sombras. Volumes semelhantes a valises flutuam na extremidade de braços. Um

triscar de metais no vagão do trem e Manoel desperta. Estremunhado, relembra Maria de Fátima, à saída do restaurante, caminhando a seu lado pela Rua da Rosa. Cristais de água bolinam sobre o paralelepípedo, refulgem brilhantes, verdes, azuis, amarelos, vermelhos, conforme o reflexo das luzes à volta. "O que estás olhando tão interessado?" perguntou-lhe ela. Manoel tocou em seu braço. "Estava examinando a cidade sob teus pés", disse. "E o que achaste?" "Porreiro." Os pés e os tornozelos de Maria de Fátima; acabara de ouvir claramente a espoleta do salto sapecando a pedra do chão, ou ainda seria o martelar de metais no vagão, ou a folha da porta do vestiário do Benfica a bater de maneira desolada, ele o último jogador a deixar o vestiário. O roupeiro avisa-o de que o aguardavam no ônibus. "Départ pour Le Havre". "Já vou, diga que já vou." Na Rua da Rosa, o Opel azul-marinho de Maria de Fátima, Manoel disse-lhe: "estamos ambos um pouco alterados, não estamos?" E pouco depois: "sempre diriges?" Ela respondeu: "claro que sim, os copinhos fazem-me dirigir melhor. Para onde, então? À tua casa, certo?" O pequeno Opel tomou a Rua da Rosa, a Calçada da Estrela, até a Ferreira Borges. Em seguida, ela parou o carro. "Definitivamente não estou bem." Maria de Fátima abriu a porta e saiu. "Queres que dirija?" perguntou-lhe Manoel. Novamente a chuva, delgada e penetrante. As ombreiras da gabardine de Maria de Fátima mudando de cor com o salpicar da água. Úmido e frio o carro, corais no vidro frontal, línguas de água escorrem, engordam, esmorecem no limpador de pára-brisa. O carro imóvel, esfíngico sob a chuva, Manoel imóvel, esfíngico, dando adeus ao longo corredor do apartamento do 4o. andar da Almeida e Souza. Noite profunda, um parafuso despenca

na laje e alguém escuta. Estalar de um beijo roubado, no saguão do aeroporto; Maria de Fátima girou sobre os calcanhares e se foi, as mãos brancas, os dedos longos de alguém que talvez nunca se torne médica, esforço demais, diz uma voz na cabeça de Manoel, só para contestar o paizinho. Os quadris de Lucinha tocam em seu ombro, ele redesenha com a ponta do lápis da memória os feixes de músculos, a pele, os ossos da bacia, a vulva, os ossos da bacia, o púbis e a vulva; macia mas firme, Lúcia cavalgando-o em seu apartamento, no primeiro dia em Paris; o croissant na bandeja, na primeira manhã, a sessão de fotos da época em que Manoel era fotografado com a camisola de goleiro, fotos de Lúcia e dele no Algarve, no apartamento do pai dela; fotos de ambos em Roma, em Londres, fotos em Viseu, fotos em Amarante, fotos em Braga, fotos em Alcobaça, fotos em Sintra, as unhas de Lúcia arranham o passepartout das fotos, a ponta dos dedos afunda nos pequenos rostos estampados; Lúcia cavalga-o antes do almoço, arroz de coelho, Côtes du Rhône. Lúcia cavalga-o após o almoço, depois foram juntos andar no Quartier Latin. Ostras e vinho branco, Église St. Gervais. No tímpano o rilhar de ferros em algum compartimento do trem. O imenso órgão da igreja toca, uma vibração de borboleta espavorida no centro da alma, difundindo-se até as extremidades, e mais além. Uma porta bate, velas se apagam na nave, as paredes da construção retêm as notas musicais, a sonoridade cresce. O trem encosta na plataforma de Le Havre. Quando Manoel se volta para a esquerda, atraído pelo ruído de uma locomotiva que partia, percebeu que a senhora de chapéu à antiga não estava mais ali. São 14h40. Já de pé, traz no antebraço seu casaco de lã; tem uma mochila nas costas e carrega ainda

uma mala retangular, de cantos arredondados, forrada de pano xadrez e tampa com zíper. Põe-se a andar pela plataforma, acompanhando os que acabaram, como ele, de chegar. Movimento intenso de desembarque. Movimento intenso na alegre feira da Rue Mouffetard. Segundo dia em Paris, Manoel subindo a alameda coalhada de barracas ao lado de Lucinha e uma sacola. "Cogumelos ao vinho e galinha assada, o que tu achas?" Compraram alface, agrião, ovos e queijos, mas em vez de voltarem ao apartamento da aeromoça, quase na esquina da Mouffetard com o Boulevard Port-Royal, foram para um café na Place de la Contrescarpe. "Quatro cervejas e uma sande de gruyère", diz Manoel em bom português, para surpresa de Lucinha. O homem, que era da terra, entendeu, saudou o conhecido, fez um gesto com a bandeja como se fosse lançá-la longe, parecia um discóbolo, e foi providenciar as bebidas. A aeromoça cerrou novamente a boca entreaberta de espanto, mostrou os dentinhos, mas não muito. Manoel tira os óculos. "Então, sempre gostas de morar à porta de feiras, Lucinha?" "Moro é no ar. Mas faz gosto ter uma horta ao pé, para problemas emergenciais, como tu", respondeu ela. "Sou um problema emergencial", repetiu ele. Na saída da estação, perguntou a si mesmo o que fazer. Ir de táxi até o atracadouro, e lá deixar-se ficar por algumas horas até o embarque, ou aguardar em um bar? Empunhou a bagagem e atravessou a praça longitudinalmente, entrando em um café do outro lado da gare.

Lucien, de Honfleur ao Havre são alguns minutos, talvez meia hora, ele ouviu um passageiro dizer a outro. Céu cinzento, brumas assentadas sobre os telhados das casas, despenhadeiro; entrevia-se um mar oleaginoso e cinzento por detrás da paisagem montanhosa. O ônibus a descer, sempre a descer. Indicação de estrada: Le Havre, 5 Km. Abdail ergue-se. Linda, sem dizer uma só palavra, oferece-lhe um café, apontando-lhe uma xícara vazia. O primo recusa com um meneio de cabeça e se despede, dando a entender que precisava de mais algum tempo para refletir sobre o que vira e ouvira. Lucien quis saber o que Abdail dissera a Linda, mas não arrancou dela uma só palavra. O pacto militar de silêncio parecia ainda vigorar. O ônibus de Lucien circula agora pelas ruas da cidade portuária. São 14h40. Tráfego pesado em todas as direções; o motorista não conseguiu recuperar os dois minutos de atraso. No mesmo dia em que Abdail surpreendera Lucien despertando no apartamento de Linda, Lucien foi ter com Sébastien no escritório da GDF Services. Repentinamente, certa cumplicidade intelectual, que parecia haver entre ambos, pareceu-lhe afetação desmesurada e sem sentido. Despojado da obrigação de pensar pela empresa, de falar como se uma fatia mínima da GDF Services se expressasse através dele; com as mãos mergulhadas nos fundos bolsos de sua calça, como um flâneur baudelairiano, Lucien sentia-se como uma ave prestes a voar sobre a copa das árvores do Jardin des Plantes, bastava apenas que se abrisse uma pequena frincha na janela. Lembrou-se de Antoine que, nas vezes em que ia se encontrar com ele nesse mesmo escritório, parecia um animal desgarrado, exatamente como ele se sentia agora. Naquele ambiente de pranchas, com homens engravatados

sobre elas e computadores ladeados por longos canudos espetados para o alto, em lassos feixes semelhantes a arbustos desfolhados, Antoine se punha à distância, como se procurasse evitar o nefasto contágio das coisas, e exibia uma falsa neutralidade de atitudes, talvez da mesma forma como agora Lucien o fazia, colocando-se à margem do redemoinho de vozes e gestos do escritório. Sua mesa na sala contígua àquela ocupada por Sébastien encontrava-se no mesmo lugar, mas estranhamente limpa; e seus objetos pessoais não estavam, como de hábito, espalhados sobre a mesa e arquivos. Era quase como se tivesse morrido, e sua inesperada visita, a despeito de sua morte, não conseguisse abalar a rotina da GDF Services: todos o viam, todos o reconheciam, todos o cumprimentavam, mas ele não estava mais ali. Repentinamente Lucien sente vontade de urinar, quando a idéia de que estava oficialmente entrando em férias se fabricou em sua cabeça. Mas não há tempo para mais nada. Sébastien arrebata-o e ambos descem o elevador. Seguem de carro até a Rue Monsieur le Prince, quase esquina com a Rue Racine. O Polidor fervilha na hora do almoço, com suas longas mesas totalmente ocupadas, mesas que são tradicionalmente partilhadas por pessoas estranhas umas às outras, exatamente como em um refeitório. Sébastien caminha restaurante adentro em busca da gerente Anne. Não encontra porque Anne está na cozinha, dando ordens. Dois comensais deixam seus lugares vagos, um em frente ao outro. Lucien se adianta, esquivan- do-se entre as pilastras brancas do lugar e os fregueses, até que alcança uma das cadeiras e se apropria dos dois lugares. Da outra sala, ressurge Sébastian. "Tu fais donc des miracles", diz, ao puxar a outra cadeira. "Basta ficar à espreita." Espremida

entre o mar cinzento e os íngremes penhascos esbranquiçados da Normandia; congestionada de veículos de carga, e com um plano viário tão caótico que chegava a ser singular, Le Havre causou em Lucien, de imediato, um sentimento de pesada angústia e um forte desejo de embarcar o mais rapidamente possível para a Irlanda; subitamente pensou no camafeu que caíra das mãos da pequena mulher de chapéu, sentada nas arquibancadas das Arènes de Lutèce. Ao invés de abandoná-lo na gaveta da estante, como pretendera inicialmente, trouxera-o consigo. Desde que saíra de Paris, só agora voltara a pensar nele. Em que lugar da valise deixara? Gostaria de tê-lo nas mãos agora, tocar na nau branca em relevo, tendo como fundo o céu triste de Le Havre. Na primeira oportunidade, tirará o camafeu de onde está, fará dele seu amuleto para o jogo de Dublin. Sébastien olha ao redor, com uma expressão vitoriosa. Apreciava o lugar e gostava de levar conhecidos e funcionários da GDF para almoços de negócios. Lucien acompanha a excursão do olhar de Sébastien e faz o mesmo. O Polidor tem as paredes forradas de madeira até a metade. A outra metade é revestida de espelhos, que multiplicam cabeças e movimentos, dando a impressão de que a casa está ainda mais povoada. As finas colunas brancas, que sustentam o piso superior, onde se encontra a cozinha, parecem frágeis para a tarefa, mas são em bom número e resistiram incólumes muitas décadas. Imensas garrafas de champagne, ao fundo da primeira sala, trazem indícios de que foram consumidas na passagem de ano; são talvez um convite sempre atual para os réveillons vindouros. Que espécie de festim tivera lugar sobre aquele piso hidráulico gasto pelo tempo e pelo uso; naquelas mesas toscas e compridas, em que a convivência é forçada e o

sentimento de desprezo mútuo é quase evidente? pensa Lucien. Seu olhar vagueia novamente pelo cortinado xadrez, branco e vermelho, que cobre todas as janelas, inclusive a porta de vidro, protegendo os comensais dos olhares da rua. Lembra-se de que Sébastien folheara o cardápio sem pressa. Sua pressa cessara abruptamente. O chefe de Lucien respira fundo e passa a discorrer sobre o menu com estimulada afetação. Lucien encara tudo com indiferença. Acabara de descobrir que Sébastien era pouco mais que um tipo frívolo e excessivamente encantado consigo mesmo. Pergunta a si mesmo por que razão não se dera conta disso antes, quando de fato o Sébastien que estava à sua frente era o mesmo Sébastien de todos os dias. Talvez fosse porque ele começara a mudar, vendo o que não via antes. Enquanto Sébastien falava, os olhos de Lucien não se fixavam em ponto algum, nem mesmo se dando ao trabalho de encarar seu interlocutor. Essa atitude parecia incomodar Sébastien, que almejava toda a atenção para si, justamente agora que, extremamente afetado, articulava o nome de Maxime du Camp, autor de um livro sobre Paris, publicado em 1886. Sébastien conseguira um exemplar fac-símile da obra de du Camp e agora proclamava tão alto quanto podia a excelência de sua descoberta, naturalmente esperando que o ouvinte se exultasse da mesma forma que ele. Seu gestual e o tom de sua voz, antes afetados, passaram a imperativos, a tal ponto que os ocupantes da mesa viraram-se todos para Lucien, como se esperassem ansiosamente que ele também se deixasse empolgar pelo que Sébastien dizia. O ônibus de Lucien aproxima-se da rodoviária. Venta e chove em Le Havre. Pelas frinchas da janela, esgueira-se um odor de combustível queimado. Pessoas põem-se de pé, na pressa de

alcançar a porta de saída, num froufrou de capas e monossílabos. Sébastien pronuncia o nome de Meryon, comenta sobre sua visão arqueológica da velha Paris, estampada em suas gravuras. Lucien perdera o fio da meada que o ligava a Du Camp, e o nome de Meryon perdia-se como o fumo que evolava dos pratos. Aparentemente, Sébastien não se dera conta desse deslize e continuava. Uma garçonete loura e musculosa aproxima-se então da mesa. Lucien pede quenelle de poisson e um Sauternes para acompanhar. Sébastien escolhe tripas à moda de Cahen, prato muito requisitado ali, e um Médoc Château Vernous. Ele faz questão do ano, 1989, o mesmo que tomara na última vez em que viera ao Polidor. Sébastien sorri complacente para Lucien, quando a garçonete volta com uma garrafa de outro ano. Seu colega não retribui. Ambos começam a comer, cada qual com seu vinho, cada qual com seu mundo diverso; as respectivas rolhas depositadas sobre a mesa, uma em cada lado, como arsenal de uma escaramuça adiada. Viera à baila Haussmann e a Paris do Segundo Império, tema caro a Sébastien. Lucien queria que o amigo demonstrasse algum interesse por sua viagem à Irlanda, mas Sébastien estava siderado por sua própria lumi-nosidade. Não conseguia enxergar o que brilhava fora de sua galáxia. Lucien não se deu, contudo, por vencido; interrompeu-o com energia, impondo ao ouvinte sua história; contou-lhe sobre o acidente nas Arènes de Lutèce, articulando hipóteses sutis, ligando o acontecimento ao jogo de Dublin, e tudo isso a talvez Su Ian e também ao destino. A certa altura, Sébastien espanejou o ar com o guardanapo pendurado na ponta do antebraço, como a apagar borrões de um invisível quadro-negro, dizendo, resumidamente, que tudo não passava de

coincidência, e que o jogo a que Lucien se referia tinha algo de divertimento senil, mais nada. Quanto ao destino dele e da oriental, entendia Sébastien que estava definitivamente selado, já que não possuíam temperamentos conciliáveis. Em outras palavras, suas vidas, de Su Ian e de Lucien, em sua abalizada opinião, não se cruzariam novamente, o que não deixava de ser um bom negócio para ambos. Com essa desastrosa elocução, Sébastien provocara a ruptura do derradeiro liame que existia entre eles. Lucien respirou fundo, sorveu o Sauternes com vigor. Papilas expandidas. Fora-se a insipiente amizade, ficava o vinho, impessoal, mas palpitante, com seu discreto frescor, sua profundidade e contida expansão. Meryon volta à tona, pelos lábios e gestos incisivos de Sébastien. Depois, já quase ao cabo de sua garrafa, recita alguns versos de um poema sobre o Pont Neuf. Lucien detestava quando seu chefe enveredava pelo terreno da poesia, pois Sébastien reduzia o fato literário a um problema de datas, nomes e versos isolados. É fato que Lucien achava-o suportável, não agora, mas ao menos em um passado recente, quando discorria com desenvoltura sobre encanamentos subterrâneos de gás, mas muito menos quando forçadamente introduzia, por exemplo, Eugène Sue na discussão técnica, a título de floreio verbal. Em suma, se Sébastien fora passável quando discutiam a história urbanística de Paris, sobretudo quando exercitava sua memória incomum, não o era mais, sobretudo quando provocava Lucien, como agora, testando a memória do subalterno com versetos tirados do bolso do colete, e indagando com sibilantes frases interrogativas a autoria do poema. Sem pestanejar, Lucien atirou-lhe no rosto, a título de franco revide, uns versos de certo poeta americano,

conhecido de Huysmans e de Mallarmé, que dedicou trabalhos a ambos, e que escrevia versos como estes:

> Par les nocturnes boulingrins
> Les crincrins et les mandolines
> Modulent de demi-chagrins
> Sous la vapeur des mousselines.

Sébastien não atinou com o nome do autor, apesar das indicações de Lucien, provavelmente porque não esperava que o companheiro contra-atacasse por aquele flanco, apenas lamentou que aqueles versos eram uma imitação medíocre do medíocre Verlaine. "Cést Stuart Merrill", atalhou Lucien. O outro procurou não acusar o golpe, abandonou o almanaque literário e disse subitamente, como se já estivesse há tempos com a arma engatilhada, que Lucien era menos atento na rua do que no escritório. Lucien perguntou se era uma crítica ao seu comportamento. "Está vendo? Fora do escritório você fica armado, pronto para o contra-ataque. No trabalho, você é receptivo a tudo. Será por mera obrigação?" "Então você me está atacando?" perguntou Lucien. Sem dar chance a uma resposta, acrescentou dizendo que no escritório ele se sentia forçado a ouvir e a escutar o que seu chefe dizia por razões de hierarquia, mas que fora dali a coisa mudava de figura. Sébastien não percebeu a ironia, buscou afrouxar a tensão entre ambos, mas contraditoriamente disse-lhe que aquele encontro era estritamente profissional, e que por isso esperava que Lucien se empenhasse mais. Lucien retrucou que não percebia onde Sébastien queria chegar com tudo aquilo; ajuntou, com evidente ironia, que havia uma contradição entre os termos empenho e férias e que não se

havia de modo algum dado conta de que estavam tendo uma reunião de trabalho, até porque só discutiram a respeito de generalidades, mas que se Sébastien quisesse, poderiam mudar o rumo da conversa, bastava cancelar imediatamente suas férias. Sébastien, desta vez, acusou claramente o golpe. Vieram os queijos e mais pão. A gorda garçonete, de cabelos amarelos e fartos braços agasalhados ouvira parte da conversa, e percebera, até ela, um certo constrangimento no ar. Conhecia ambos, mas era por Lucien que torcia, e isto só porque ele não a observava com uma régua de cálculo no olhar, como fazia habitualmente o outro. "Une autre bouteille pour chaque un de vous deux?" arriscou, e seus lábios e sua carne alva e gelatinosa tremeluziram. O indicador em movimento pendular, de Sébastien, respondeu que não. O queixo afilado de Lucien fez que sim. Finalmente os pés bem calçados de Lucien pisam o solo argiloso de Le Havre. Apodera-se da bagagem e busca um bureau de informação. "Doca da Irish Ferries, por favor." "É justamente aquele ônibus que está saindo do ponto logo ali. Mas há um outro em poucos instantes." Lucien agradeceu. Olhou ao redor. Não havia outra alternativa senão esperar. Ao menos havia o toldo a proteger sua cabeça da chuva fina.

Manoel, o cardápio sobre a fórmica marmorizada da mesa. Talvez por estar em um café, o fato é que se lembrou novamente de Lucinha, a seu lado, bebendo cerveja na Place de la Contrescarpe. Ele pedira cervejas e uma sande, o garçom as trouxera em dois tempos. Ela o examinava

enquanto Manoel contraía os maxilares para decepar o bocado da baguette que resistira bravamente ao ataque inicial. "Tu não poderias ficar mais um pouquinho, pensas mesmo que não, que não seria possível?" "Ficar como, se tu sabes que estou com o voucher na mão, marcado? Embarco amanhã, haja o que houver." "Não podias adiar?" "Nem pensar. É impossível", respondeu com a boca cheia de pão e cerveja. Chegou o garçom, arrancando-o de suas lembranças. "O que vai ser?" perguntou ele. Manoel retirou os óculos, fechou o cardápio e pediu duas cervejas e um sanduíche de gruyère. O garçom nada anotou; dali mesmo repetiu o que ouvira, aos berros, para o sujeito do balcão, que embora não demonstrasse ter ouvido retirou um prato de uma pilha, a faca cerrilhada e o pão da cesta. O café tinha duas salas interligadas por um arco, e vidros coloridos em todas as janelas. A porta de entrada se encontrava semi-aberta. Manoel pôs os óculos e deparou um fiapo de rua molhado pela chuva e a lateral de um furgão estacionado defronte, descarregando, o que impedia a visão do movimento de ônibus na estação rodoviária. Mesmo assim, a azáfama era pressentida através da sinfonia de motores em funcionamento no páteo. No interior do café, um tipo com unhas negras e folgado macacão verde fazia escorrer de um balde imundo uma água turva e cinzenta sobre o linólio. O cheiro de desinfetante não aumentava o prazer de beber a cerveja gelada, mas Manoel não se fez de rogado e quase em seguida pediu mais duas garrafas. "Tu vais beber mais, oh pá?" inquirira Lucinha naquele outro café, em Paris, como se estivesse sinceramente espantada. Manoel nada respondera. Seu conhecido português trouxera-lhe o pedido em dois tempos. Naquele porto da Normandia, Manoel deixou-se

ficar imóvel, como um marinheiro carente de oceanos, numa muda conversação com as novas garrafas porejantes diante dele. Novamente Lucinha visitava suas recordações. "Se preferes, deixo-te à vontade e espero-te em casa", dissera ela sentindo-se preterida. Sem responder, Manoel alçara o copo que se encontrava à frente dela e o encheu até a boca. Fora um pedido rudimentar para que não se fosse. Agora, repentinamente a solidão o estava incomodando, talvez porque fora pouco estimulante a primeira impressão de Le Havre. Ao fundo um bebedor solitário tosse sofridamente. Manoel não consegue evitar a lembrança da escura Pensão Estrela, com suas paredes encardidas, eternamente mergulhadas numa penumbra coalhada de gemidos e espasmos como aquele; do ruído do elétrico deslizando sobre trilhos e fios; das chinelas de seus pobres residentes, sendo arrastadas noite adentro pelos corredores; dos débeis protestos na fila para o banheiro nos dias frios; dias em que mesmo o ar enclausurado nos cômodos parecia cheirar a mofo; da chuva nas longas noites de inverno, escorrendo torturantemente pelas calhas; do vendedor de cautelas passando perto de sua janela, nos fins de tarde, arrastando-se à beira da calçada, junto ao meio-fio, com ar amargurado, como se planejasse atirar-se debaixo do próximo eléctrico que passasse. O sujeito solitário tosse novamente e isso chega a exasperar o jogador. Manoel retira os óculos, sorve uma golada de cerveja e fecha os olhos como se com isso pudesse ter uma consciência menos dolorida das coisas. O garçom retorna, tresandando fortemente a alho. Quer receber seu dinheiro. Sua insolência francesa chega aos ouvidos e narinas de Manoel, que se sente como que arrancado de um discreto exercício de evasão mental.

Lucien sob o toldo verde, lufadas de vento e chuva erguem chapéus e gabardines. Acaba de encostar outro ônibus mas seu destino não é o das docas. Lucien olha para o cortinado das janelas do Polidor. Não se dá conta de que Sébastien engendra um sorriso profissional no rosto afilado e cheio de sardas, intróito ao pequeno discurso que preparara para aquela ocasião. Esta contudo não transcorrera como Sébastien esperava. De qualquer modo, o funcionário não podia deixar para outra oportunidade, já que Lucien saía de férias naquele dia. Foi direto ao ponto: era iminente a ascensão de Sébastien para a diretoria. Com isso, ficaria vago seu lugar na coordenação geral, que ficaria disponível, em tese, para um membro da equipe. Lucien e Maurice haviam sido apontados como candidatos fortes. Na decisão pesava muito positivamente os laços de Lucien com o corpo técnico, laços esses dos quais Maurice carecia, sobretudo porque fora transferido de Dunquerque para Paris há pouco tempo. Sébastien queria Lucien no posto. Por várias razões. E votaria a favor de seu nome. Mas era preciso, em primeiro lugar, que o próprio Lucien se inclinasse a assumir as novas responsabilidades, o novo desafio; em segundo lugar, evidentemente, era preciso que seu nome fosse abonado pela direção e pelo conselho administrativo, o que não seria uma dificuldade, tendo em vista que o conselho e a cúpula normalmente acatavam o nome indicado pelo antigo ocupante promovido. Lucien ouviu em silêncio a proposta de Sébastien, mas respondeu se- camente que não poderia tomar

uma decisão antes de seu regresso. Confessou ligeiramente constrangido que ultimamente pensara várias vezes em deixar a GDF Services; na verdade, aduziu, vinha planejando trocar seu emprego na estatal por um posto no ensino, embora nada tivesse feito de concreto nesse sentido. De qualquer modo, antes de aceitar uma promoção, teria de se decidir sobre seu rumo profissional. Sébastien não controlou a súbita irritação com aquela inesperada resposta e estapeou a mesa. Seu ônibus não chegava e Lucien ciscava ao redor das bagagens, desviando o rosto da corrente de vento. Pouco vira naqueles curtos momentos em Le Havre, e o que vira não o interessara absolutamente. Seus olhos pervagavam sem curiosidade as formas arquitetônicas ao longe, detendo-se nos ônibus que cruzavam o páteo, chegando ou partindo; e nada absolutamente despertava qualquer reflexão ou sentimento mais duradouro em Lucien, que permaneceria nessa espécie de limbo intelectual até que o ônibus que o levaria às docas se pusesse em movimento. As feições de Sébastien, congestionadas de tensão, tornavam mais salientes suas sardas infantis. Ergueu o copo de vinho e estalou a língua no palato, como um gladiador sedento de sangue. Lucien observava Sébastien sem afeto. Reconhecera quase que imediatamente que fora inoportuno e precipitado, mas não se sentia nada confortável com o convite. Permanecer na GDF e subir de posto significaria convivência política estreita com Sébastien, Gérard e outros de mesma estirpe. E significaria, sobretudo, um cotidiano profissional mais atribulado, porque como coordenador de projetos teria que se empenhar mais, se dedicar mais, e assumir maiores compromissos. Ademais, coordenar, decidir, autorizar, rever, revisar, atividades inerentes ao cargo de coordenador, não o

empolgavam de modo algum; criar, pesquisar e solucionar, estas sim, eram atividades que tinham mais a ver com seu temperamento, índole e formação profissional. Pensou por um instante em explicar melhor sua posição a Sébastien, mas preferiu deixar tudo como estava. Qualquer palavra que pronunciasse a mais sobre isso significaria oferecer o flanco para nova investida de Sébastien. O fato é que Lucien, nem bem começara a usufruir suas primeiras horas de férias, dera-se conta de que o emprego na GDF era mais fácil de abandonar do que imaginara. Sébastien, controlando extraordinariamente bem sua raiva e decepção, ainda procurou fazer com que Lucien pensasse melhor, reavaliasse sua posição em benefício de sua carreira. Apelou para o relacionamento de ambos, afirmando que no momento em que tivesse que indicar formalmente seu sucessor desconsideraria a indecisão profissional de Lucien no que dizia respeito à sua permanência na organização. Assegurou ao subalterno que aquilo que este há pouco dissera ficaria ali, entre eles, como conversa marginal aos assuntos da empresa. Só assim ele teria chances de se sair bem. Lucien estava começando a se divertir com a situação, mas preferira abreviar o almoço com Sébastien. Foi o que ele fez, pedindo a conta quando seu chefe lançava mão dos últimos cartuchos para convencê-lo a ficar: as inúmeras vantagens salariais do posto. O transporte até as docas finalmente encostou no ponto. Lucien era o primeiro da fila. Lembrando-se de sua derradeira conversa com Sébatien esboçou um sorriso de vitória, mas ninguém a seu lado percebeu, uma vez que a gola do casaco estava erguida e cobria parte de seu rosto.

Manoel, o luxo das cores na feira da Mouffetard; o pregão barulhento e sensual; seus dedos e os de Lucinha falavam à cintura um do outro, enquanto caminhavam: repulsa e atração. Sempre fora assim, cogita ele vendo a espuma sumir na borda do copo. O toque de um no corpo do outro funcionava como um acelerador de sentimentos contraditórios. A exemplo de um acelerador de partículas de um laboratório de física, que realizava, no plano da micromatéria, a separação do inseparável, e movia o inamovível, o acelerador de sentimentos, ao contrário, anulava as diferenças de significado entre querer e desquerer, fundindo-os em uma só micromolécula. Desse modo, o toque doía e sanava; curava e contaminava. Talvez todas as relações fossem assim, pensava Manoel, vendo uma jovem de cabelos castanhos, que acabara de chegar, pedir um café na mesa à sua frente. Parecia a Manoel que algo não ia bem com ela. Faltava-lhe talvez um cotovelo que resvalasse no seu, num gesto distraído; faltava-lhe uma mão pressionando seu pulso, uma voz mais grave aplacando a insegurança que ela exibia naquele momento de solidão, ou a ternura de uma amiga da école. Magra e extremamente pálida, ela parecia prestes a se quebrar em duas, quando avançou para a xícara de café diante dela. A jovem também o atraía e o repelia em seu desacerto consigo mesma. Seria possível ter com ela a experiência do silêncio, que sempre faltou na relação com Lúcia? Mentira, nem sempre a aeromoça marcara sua presença com palavras. Naquela manhã luminosa na Rue Mouffetard, uma engrenagem delicada no psiquismo de Lucinha fê-la calar-se; talvez o frenesi de vozes no pregão e

cores e nomes e números e balcões improvisados e sacolas, como se tudo estivesse prestes a ruir e não houvesse tempo a perder, e por isso todos se empenhassem ao máximo naquela espécie de opereta ao ar livre. Talvez tudo isso a intimidasse. O fato é que Lucinha se deixara conduzir pelo clima da feira, por sua face telúrica e momesca, e atravessava o corredor de bancadas segurando-se em Manoel como se ambos representassem um estado de silente levitação. Depois de comprarem a matéria-prima do almoço e mais alguma coisa, foram para aquele café da Contrescarpe. Quando o garçom trouxe, após a primeira rodada, e após o sanduíche de gruyère, as quatro cervejas solicitadas por Manoel, ele se lembra bem que Lucinha se manifestou: "Por que mais quatro e de uma só vez?" "Porque são pequeninas como mamadeiras e pedir tudo de uma vez poupa-me o trabalho de pedir mais em alguns minutos", respondeu ele. Lucinha parecia cansada, não tanto pela subida até a Contrescarpe, mas por tudo o que seus sentidos captaram; e por tudo o que, dito ou não dito, ficara subentendido. Manoel e Lucinha beberam as derradeiras cervejas em silêncio, como duas pessoas confiantes uma na outra. Parecia que ela havia finalmente aceito a viagem de Manoel como algo inevitável; parecia que ele a havia convencido inteiramente disso. Era hora de regressarem. Tinham um assado para fazer e garrafas de vinho para abrir e beber. Manoel pediu a conta ao desterrado garçom português. Em seguida, desistiu e pediu mais cerveja. Lúcia demonstrou impaciência, sentindo-se preterida. Manoel serviu-lhe mais bebida, mas ela demonstrou indiferença, virando o rosto para o lado e dando a entender que queria ir para casa. Ele bebeu o resto que sobrara na derradeira garrafa

sobre a mesa. Quando a última garrafa foi finalmente trazida pelo garçom, ele encheu outra vez seu copo e fez menção de fazer o mesmo com o de Lucinha, suspendendo teatralmente o movimento com a garrafa no ar, já inclinada, embora tivesse notado que ela não mais tocara a bebida. Ingeriu a cerveja em silêncio, olhando o tampo da mesa como se buscasse as extremidades de um fio que acabara de se romper. "Podemos ir, se tu quiseres", proclamou. Manoel pediu a conta ao garçom desconhecido do café em Le Havre. Pôs-se a olhar discretamente a menina de cabelos castanhos; acompanhou com os olhos a francesa recolher os cadernos e livros e abandonar o lugar. Foi então que pagou a conta, chamou um táxi e foi direto para as docas.

Capítulo 8

Joe Byrne Hayes, ou Gepeto, sentira os dedos de Stephy tocar seu coração e seus ombros por instantes, até que a sensação física do toque pareceu haver-se desfeito. Joe afastou-se do jazigo, sem poder arquitetar palavra cabível de despedida em seu cérebro. Pegou o Vauxhall a poucos metros da entrada do cemitério e foi passar a noite no residencial de Mary McNulty, à margem da N17, bem às portas de Galway, lado norte.

Sentia-se cansado e deprimido. Trazia no bolso do paletó um cavalo com grossas e enoveladas crinas e um par de robustas asas, que entalhara, após insistentes pedidos, para o filho da viúva McNulty.

Agora, relutava em lhe entregar o presente, porque sentia no íntimo que aquele pequeno animal, diferente dos outros que esculpira quando ainda Stephen era vivo, jamais teria

força ou elegância para voar, talvez porque nascera reprimido pelo peso da dor.

A morte do filho levara de Joe certo ímpeto criativo, necessário para realizar seu trabalho. Nos últimos e derradeiros anos, não era comum o artesão se entusiasmar com algum projeto, embora jamais se afastasse por inteiro de seu trabalho. Parecia mesmo um paradoxo que no momento de sua vida, em que, aposentado, mais dispunha de tempo para sua arte, Joe não sentisse forças para se entregar a ela inteiramente. Para voar dentro de seu mistério e beleza, como voavam os animais alados que sabia fazer.

Quando Joe finalmente vislumbrou a placa em que se inscrevia o nome Creg Lodge, em homenagem ao falecido marido de Mary, deu-se conta também de que sua amiga se encontrava à entrada do estabelecimento.

Naquele dia, a viúva deixara-se ficar ali ao entardecer, como fazia quase todas as tardes quando o frio não era intenso. Quem a visse pela primeira vez, pensaria que a hospedeira aguardava ansiosa algum novo hóspede. Na verdade, um secreto pressentimento fazia com que obstinadamente se deixasse deambular ao relento, à frente do casarão, como que à espera de que o mesmo mensageiro que trouxera a notícia do desaparecimento de Creg, em um entardecer não muito distante, retornasse com um desmentido. Mary não teve dificuldade em reconhecer de pronto o carro de Gepeto, logo que despontou à entrada do jardim, cujo portão encontrava-se aberto.

Joe apreciava muito rever a viúva, mas gostava ainda mais das coincidências e do acaso; e para Joe aquela singela convergência de eventos: ela à porta, o portão aberto, ele chegando sem um prévio aviso, tudo isso tinha o sabor de

um augúrio; tudo isso, que no fundo não era muito, parecia um sinal furtivo do destino dizendo-lhe que sua estada ali seria diferente das outras vezes em que visitara Mary.

Quando a hospedeira viu o rosto de Joe dentro do automóvel, não se conteve e imediatamente voltou-se para a porta, gritando o nome de Jim, pois queria que o filho estivesse a seu lado para recepcionar o viajante. Foi então que Gepeto resolveu sorrir; foi então que Stephen tirou as imperceptíveis mãos do ombro do pai e partiu novamente. Deveria Joe entregar o cavalo com asas a Jim?

N18, uma manhã fresca, agridoce, o Vauxhall segue sem pressa para Cork, onde Joe iria se entrevistar com dois professores. Era um encontro muito ansiado por ele, para assim poder dirimir certas dúvidas que o atormentavam.

No entanto, a viagem tinha também um gosto amargo, pois para trás ficara o sorriso encantador do filho de Mary McNulty, para trás, mais para trás, ficaram os dias em que Stephy viajava de barco com ele, com seu animal alado na proa, fazendo curvas. Por vezes o animal parecia um avião em meia-pirueta, quando então os lábios avermelhados de Stephy vibravam imitando um motor pipocando no espaço. Joe vira o pequeno Jim fazendo os mesmos movimentos no ar, com o cavalo que ele por fim lhe presenteara. Como Stephy, o rosto de Jim tingira-se de compenetração e rubor, a testa clara franzira-se e o animal quase erguera o menino do solo.

As semelhanças familiares paravam por aí, pois Mary, diferentemente de sua mulher, que desaprovava sempre a maneira como Joe estimulava Stephen, parecia se encantar

ao presenciar o raro excitamento de Jim, correndo pela sala atrelado ao animal de madeira que o amigo de seu pai fabricara para ele.

Uma placa na estrada avisa que a entrada de Gort é logo adiante. Joe suspira. A comparação entre aquela mulher ainda jovem, resistente e severa, mas complacente, com Kate Deolin era inevitável, mas imprópria e infeliz, refletiu ele.

A mãe de Stephen jamais poderia ser considerada uma pessoa encantadora, e seria mesmo uma ilusão pensar que se tornara amarga e intransigente só depois que perdera Stephen; ela de fato sempre fora daquele modo, talvez porque considerasse o casamento com o oficial de marinha um equívoco desde o princípio.

Tabuleta com indicação de Ennis e Limerick.

Durante o jantar, na noite anterior, Mary e Joe se falaram como nos tempos em que Creg estava vivo, mas sua amizade parecia, a partir desse último encontro, começar a transcender o drama da viuvez.

É que aparentemente ambos estavam criando elos próprios, não condicionados pela memória de Creg. Joe fazia bem a ela, e Mary fazia bem a Joe. Sobretudo em dias como aquele, em que Joe vinha do cemitério de Rahoon cheio de nostalgia e pesar, e Mary McNulty exibia com naturalidade algumas de suas grandes qualidades, como seu comportamento receptivo e sua grandeza de alma.

Assim, depois que surpreendeu a alegria de Jim com o presente, Mary não fez por menos: generosamente e por longo tempo deu a entender com o olhar e os gestos que se sentia especialmente obsequiada pelo que Gepeto fizera a Jim. Agindo desse modo, atuando diretamente sobre a auto-estima do artista, de uma maneira ou de outra conseguira

sacudir os alicerces da muralha que impedia o retorno de Gepeto ao trabalho em seu ateliê. Não o suficiente para abrir uma brecha segura até lá, mas sem dúvida as pequenas fendas na base, que o acolhimento de Mary produziram, já eram um bom começo. Joe chegou a considerar, antes de colocar a cabeça no travesseiro naquela noite, a alegria que pudera proporcionar ao pequeno Jim e os enaltecimentos de Mary a seus dons artísticos como pontos relevantes para reavaliar suas longas férias do trabalho. Mas agora era preciso abandonar as divagações, concentrar-se nas placas, evitar a entrada de Limerick, passar ao largo, para não cruzar o centro da cidade em hipótese alguma, caso contrário perderia um tempo considerável; era preciso atenção para não passar do ponto de acesso à N21, seguir por ela até a saída de Patrickswell e dobrar à direita logo depois, para alcançar a N20.

N20, indicação para Croom e Cork. Croom, 19 Km. Slow down. No overtaking. Sebes de tojo e campos de alfafa. Sol, uma bússola de luz apontando rotas sobre os campos; caminhões cruzam pela margem oposta. Carne e leite, pão e frango, embutidos e salmão para a cidade grande. Fábrica de cerveja ao lado, para todos.

A mente de Joe recuou no tempo, até a hora da ceia de Mary: pão feito em casa, panqueca de porco, arroz branco, cerveja, queijo stilton, pudim de leite. O cavalo de Jim traz o focinho sujo; asas encolhidas entre o guardanapo de renda e os talheres de prata da casa.

A campainha toca em seguida e Jim apoiou a cabeça do cavalo na borda do prato, indo abrir a porta, onde estavam um velho e uma moça. Mary se levanta quando o filho

regressa com a confirmação de que os visitantes queriam se hospedar ali. Ambos saem novamente.

Joe fica só, na mesa coberta por uma festiva toalha de renda, com velas altas no candelabro; sente-se por instantes ausente de tudo; seus dedos deslizam pela alça do caneco de cerveja com o rosto de Parnell em relevo. Pertencera a Creg, ao gênio piadista mas belicoso do amigo. A um metro ou nem isso de onde ele se encontrava, uma cristaleira baixa. Sobre ela uma bíblia e um telefone, pequenas molduras com fotos na parede de papel cor de vinho (em algumas delas, Creg e ele; em uma delas ambos com a face caricata e famélica, defronte a um prato de salmão). Odores caseiros, o perfume de Mary, o aroma do porco, o cheiro adocicado da cerveja, os bafios da cozinha, tudo se mescla e se aglutina na pequena sala íntima. Os calefatores sob as janelas, o vaso de flores de papel, e a torta de ruibarbo, coberta por uma redoma de vidro, sobre um aparador com tampo de mármore; os jornais e o tricô atirados sobre a poltrona xadrez, lugar preferido de Mary; a revista antiga, com as folhas desbeiçadas, no porta-jornais, o catálogo de telefones cheio de rabiscos; postais sobre uma mesinha redonda ao lado da poltrona, o tapete verde-cinza com rosas em primeiro plano e uma paisagem de bétulas ao fundo. Patos de louça em vôo simulado, aprisionados acima do par de janelas. Sinal de tempo em suspensão.

Gepeto despejava sobre tudo um olhar urgente e inquieto, pois deseja arrancar dos cheiros, cores e formas alguma confidência, remota e calorosa, algum recorte de tempo que não se repetirá mais, algum sinal do espírito humano que tenha sido impresso nas coisas durante a marcha do esquecimento. A partir de tal mistura de ingredientes, seu

coração almejava realizar uma transfusão de vida; da vida alheia para sua vida; da vida comum para sua vida pequena e cada vez mais solitária.

Reconhece agora, trafegando pela N20, com o caminho livre adiante e nenhuma nuvem no céu, que há muito não vivenciava um clima familiar sem hostilidade, como o que acabara de experimentar em companhia dos McNulty. Mais precisamente desde que sua filha Kathleen fora morar em Paris, onde se casara. Ao beijar Mary e seu filho, no momento da partida, Joe sentiu um desejo persistente de se atrasar para o encontro em Cork; se tivesse na ponta da língua uma desculpa, uma razão inocente para permanecer naquela casa, não teria resistido. Sua voz, contudo, alterada por tais cogitações, apenas exprimiu seus agradecimentos. Em seguida, tomou seu caminho, como planejado.

Traffic lights ahead 300 m. Slow down. Joe lembra-se de que naquele jantar, Jim, após informar sua mãe a respeito da presença dos recém-chegados, acompanhou-a até o hall, pois gostava de testemunhar as formalidades de registro dos novos hóspedes. Logo, porém, dando-se conta de que Gepeto ficara sozinho, regressou estabanadamente a seu lugar na mesa, permanecendo calado, um pouco ofegante e talvez constrangido por terem os negócios da família interrompido o jantar. Joe notara que repentinamente para Jim os talheres e o arranjo da mesa pareciam estranhos, e sua cadeira desconfortável. Calado, o olhar baixo, o menino agarrou-se ao que estava mais à mão: o cavalo com asas, que deixara emborcado sobre a borda do prato. Uma lasca do porco e seu respectivo molho grudaram no focinho mitológico do animal. Jim tirou os olhos da mesa e olhou para Joe, erguendo o cavalo alado à luz do candelabro. Com esse

movimento, o fiapo de carne caiu na toalha de renda, e o molho que ficara na ponta do focinho começou a se desprender, descendo pelos dedos de Jim, e também caindo na toalha. Quando o menino viu o belo trabalho que realizara fez uma careta de auto-reprovação, depois sorriu para Joe. Era seu modo de cativar a audiência.

Mary voltou pouco depois, com as duas mãos no cabelo avermelhado, ajeitando o coque e exibindo seu pescoço alvo e seus longos braços; trazia o rosto esfogueado, pois ajudara a carregar a bagagem dos novos hóspedes até o apartamento dos fundos. Ao sentar-se, bateu os olhos desarmados naquele Parnell de feições rechonchudas, estampado na caneca que Joe segurava, desaprovando talvez pela primeira vez em sua vida o que via. Provavelmente concluíra que o trabalho do ceramista era grosseiro demais para marcar presença junto à boa porcelana da casa, porque logo em seguida indagou se Joe gostaria de trocar a caneca por uma taça de cristal. Ele respondeu que não. Que tudo estava muito bem assim. Muito bem, mesmo.

O Vauxhall roda pela N20 sem pressa, rastros de urzes à frente, brancas, vemelhas e roxas, mas a maior parte da paisagem se compõe de campos de plantio e pastos bem cuidados, onde ovelhas à distância parecem diminutas pedras brancas arredondadas.

Joe deixa Mallow para trás. Pensa que em aproximadamente quarenta minutos poderá alcançar as imediações de Cork.

Por enquanto, porém, o puro ar do campo, carvalhos estremunhando lentamente do inverno que está chegando ao fim, faias com minúsculas e tenras folhas em brotação; sicômoros pejados de brotos; animais de trabalho espreitando

a cerca nos frios baixios próximos à estrada. Campos gradeados e semeados concebendo silenciososamente, sob a superfície, a cevada.

O verde, comum no cenário irlandês, ganha matizes novos sob a luz mais intensa de abril. As sombras abandonam os bosques, dando lugar a estilhaços de luz entre a ramagem negra. Mas ainda está frio e Joe aumenta a temperatura de calefação do Vauxhall para se aquecer.

Mourne Abbey, Halfway House, Whitechurch. De repente, a Leitrim Street à frente. Está em Cork. Os dois braços do Rio Lee envolvendo o centro da cidade.

Chegara antes do horário combinado para o encontro com os dois professores. Estacionou numa alameda dentro do campus da universidade, desligou o motor e retirou do bolso do casaco o texto que deu origem às duas cartas que, com idêntico teor, endereçara a Manoel e Lucien. Tais cartas seriam entregues no barco da Irish Ferries, pelo serviço de passageiros, quando já tivessem zarpado para a Irlanda. Joe acomodou-se melhor em seu Vauxhall e se pôs a reler o que escrevera.

Dublin, 3 de abril de 1990.

*Prezado Senhor ******

O jogo de Dublin está começando agora. Peço-lhe portanto que leia com atenção esta segunda carta, que faço chegar a suas mãos no exato momento em que está abandonando o solo francês. Esta será a segunda de uma série de mensagens; examine detidamente tudo o que lhe

escrever, pois tudo o que disser será vital para seu sucesso.

*Em primeiro lugar, quero que registre o nome *****. Este será seu hotel em Dublin. O endereço pode ser facilmente encontrado no departamento de turismo, localizado no saguão de serviços do porto de Rosslare. Sua reserva foi confirmada. Basta identificar-se no balcão de recepção do hotel. O transporte entre Rosslare Strand e Dublin ficará por sua conta, como combinado. Sugiro que tome um trem. É uma viagem encantadora, que leva aproximadamente 3 horas.*

O senhor deve estar, a essa altura -- e com inteira razão --, repleto de dúvidas e com uma intensa curiosidade quanto a várias coisas, inclusive quanto aos motivos secretos que fizeram com que idealizasse um passatempo tão dispen- dioso.

Vou procurar dirimir algumas dessas dúvidas.

Na primeira carta que recebeu, disse-lhe que era um velho inventor, um artesão estróina, que sentia falta de uma nova juventude, diferente da que tive. O jogo de Dublin devolveria, acrescentara eu, um pouco de ânimo e emoção à minha existência.

Tais foram as justificativas que lhe dei na ocasião.

Entretanto, devo confessar que não fui honesto consigo, não inteiramente. É verdade

que sou um artesão, um inventor; devo ter sido sempre apenas isso, desde a mais tenra idade, pois lembro-me de jamais me ter conformado com o mundo ao meu redor, sempre ou quase sempre defendendo o argumento de que tudo na vida poderia melhorar um pouco, desde cada um imprimisse nas coisas um tanto de cérebro e um tanto de ímpeto e paixão próprios.

Deve parecer-lhe óbvio o que acabo de afirmar, mas a obviedade nem sempre está a serviço da estupidez.

É verdade também que acredito que esse nosso pequeno jogo intelectual se tornará a coisa mais empolgante que jamais experimentei em muitos anos, mas não é propriamente de minha juventude que sinto enorme falta, como aludi naquela carta, mas precisamente da que meu único filho homem não teve, posto que morreu na infância.

Em virtude de seu falecimento -- perdoe-me o discorrer excessivamente literário -- faltam-me aqueles dias futuros que não tive a seu lado. Falta-me ainda, sobremaneira, mais de um quarto de século de paz de espírito e de amor compartilhado. Caso meu filho estivesse vivo, suportaria outra ausência, a de minha filha, que, embora gozando de relativa saúde e felicidade, não reside em minha casa, mas fora de nosso país, ao lado de seu esposo.

Imagino que se encontre cheio de apreensões, temeroso de que este velho matreiro o esteja

conduzindo a alguma situação perigosa e que estas palavras introdutórias sejam já a primeira armadilha do jogo. Jamais direi que não.

Quero lhe assegurar, contudo, que sua anuência a meu convite só deverá afligi-lo enquanto desafio intelectual. Não faz parte de meus planos pôr em risco sua vida, a de outros, ou mesmo a minha própria (digo isso para evitar que pense, por algum momento, que tenciono forçá-lo a dar cabo de mim).

Permita-me autorizá-lo neste momento a segurar a ponta do véu que tudo disfarça e a erguê-lo lentamente, trazendo à luz clara algumas informações que por certo reduzirão sua presumida ansiedade.

Amealhei alguns milhares de libras durante meus 72 anos de existência (se é que de fato tenho todos esses anos sobre meus ombros, como afirmo agora) e fi-lo honestamente e estupidamente. Honestamente, porque com o exclusivo suor de meu rosto -- e estupidamente porque existem maneiras honestas e menos cansativas de amealhar dinheiro, como o senhor já deve saber a essa altura de sua vida.

Juntei, portanto, algumas boas libras, a despeito de dissabores de toda espécie, dissabores que na maior parte guardo comigo. Exceto um, que já é de seu conhecimento: o que teve origem na morte de meu filho Stephen, anos atrás, vitimado por um acidente automobilístico em que fui, em grande parte, responsável.

Provavelmente, se meu filho estivesse vivo, seria destinada a ele a totalidade desse dinheiro economizado. Minha filha, como mencionei no início desta carta, não mora comigo desde que se casou. Para ela, felizmente, minhas librazinhas não causariam mais do que um pequeno constrangimento e desconforto ao recebê-las, uma vez que é rica, muito rica; rica em posses -- seu marido é um afortunado industrial, e rica em qualidades humanas -- ela é uma jovem mulher com formidáveis dotes de caráter.

No que me diz respeito, não pretendia gastar esse dinheiro, porque se após tantos anos de vida deixei de realizar inúmeras e passageiras fantasias de ordem material, tal fato se deu não por falta de tempo, mas provavelmente porque não tivessem grada importância -- e não seria agora o momento apropriado para reanimar antigos sonhos efêmeros.

O senhor me perguntaria -- e o faria muito apropriadamente -- o que a mãe de meus filhos pensa sobre tudo isso. Respondo-lhe.

Minha mulher também não se importa com o destino dessa poupança, menos por desapego ao dinheiro, e mais por desinteresse pela vida.

Tanto quanto eu, Kate considera a morte de Stephen o último acontecimento que partilhamos em conjunto. Creio que ela provavelmente sente que a intransigência mútua e o mútuo desafeto que existem entre nós seriam mais suportáveis se

não tivesse ocorrido aquele trágico acidente.

De minha parte, ao menos, acredito que seria mais tolerável viver com ela tendo Stephen ao nosso lado, não porque considerasse adequado ou justo para um homem viver sem o carinho e a amizade de uma companheira, mas porque a despeito de minha mulher ter sempre estado, de certo modo,ausente de minha vida, essa por certo seria menos decepcionante se não tivéssemos ambos que chorar pela morte de um filho tão jovem, e que hoje teria a sua idade -- como aliás afirmei na primeira correspondência.

Avancemos mais rapidamente para o final da carta.

Não havendo pois um destino imediato para o dinheiro, e considerando extremamente monótono desfazer-me dele através de uma doação a um instituto de caridade, optei pela insensatez de gastá-lo em algo que me causasse emoções duradouras e fortes. Com esse propósito, concebi a competição de Dublin.

Talvez seu cérebro já esteja tecendo cifras, cogitando números que espelhem a fortuna que se encontra no fim do arco-íris. Se o legado em dinheiro era a única fonte que buscava para saciar sua sede, sou forçado a decepcioná-lo.

Não que fosse meu intuito faltar com a verdade sobre esse ponto.

É que desde que lhe escrevi a primeira carta, meses atrás, revisei meus cálculos financeiros, recalculei as despesas que incorreria com tudo

isso, e percebi que muito provavelmente seria obrigado a avançar significativamente no montante do prêmio para poder realizar o certame e mandar cada participante de volta para sua casa, sem obrigá-lo a custear sua participação, de tal sorte que o numerário reservado para o vencedor tornou-se muito, muito pouco expressivo.

Por outro lado, tenho a impressão de que algo mudou dentro de mim, talvez como resultado direto da congeminação do projeto, talvez porque esteja agora refletindo um pouco melhor do que antes.

De qualquer modo se torna saliente aos meus olhos que o prêmio maior não é o dinheiro, mas a oportunidade de jogar um jogo único, que jamais se repetirá.

Sinto muito se o decepcionei. Se no entanto essa pequena frustração não alterou sua vontade de jogar, fico feliz, porque o senhor caminha a passos largos para se tornar um forte concorrente.

Fique atento.

Boa sorte deseja-lhe

J. B. H.

N25, indicativo de Carrigtwohill, Midleton, Youghal e outras localidades. Sim, Joe decidiu alterar seu roteiro de viagem. Ao invés de tomar a N8 e seguir diretamente para Dublin, resolveu passar por Dungarvan para encontrar-se com Jack Heaver, cujo pai era irmão da intrépida Harriett Heaver, que por sua vez foi um dos vários mecenas que acudiram James Joyce ao longo de sua conturbada existência.

Jack é velho conhecido de Joe desde os tempos em que trabalhavam na empresa marítima Irish Ferries. Jack gabava-se de seu espírito dedutivo, e sempre que podia costumava despejar sobre seus colegas um ar azedo de superioridade.

Não era por carência do convívio social com Jack que fez Joe procurá-lo. Decididamente, não, disse Joe para si mesmo, na entrada de Carrigtwohill.

Ocorre que Jack Heaver treinara sua inteligência, que sempre julgara excepcional, para a criação de jogos mentais, charadas e adivinhações. Regularmente enviava colaborações para um jornal influente, dinheiro extra que engordava sua magra aposentadoria e acariciava sua auto-imagem. Heaver desconhecia o prazer do ócio; membro de um clube de charadistas, freqüentava o local impondo-se ares de ocupado estrategista, sempre com um bloco e uma caneta em riste, prontos a dar vazão a novo jorro de armadilhas mentais. Além disso, sendo parente de Mrs. Heaver, o antigo colega de Joe granjeou, merecidamente ou não, e apesar da instrução diletante, a reputação de ser um especialista amador em Joyce, o que o tornava ainda menos suportável.

Era essa última faceta, de literato, associada a seu condicionamento para jogos mentais que fizeram Joe desviar-se de seu caminho, a despeito dos inconvenientes do

reencontro.

Ali estava ele, ao volante, já um pouco cansado após a entrevista em Cork, nem mesmo se dando conta de que a paisagem à beira da rodovia, após Youghal, mudara e que a estrada, antes rodeada de campos com suave ondulação, paisagem de seda e lã, começara, depois da ponte sobre Black River, a subir serpenteando os outeiros de Drum, com seus teixos, abetos e faias debruando a parte alta das faldas, e velando do alto, zelosamente, os campos de alfafa, aveia e pastagens de ovelhas, mais abaixo.

Joe teve vontade de comer uma costela de carneiro, um ensopado de batatas, beber uma ale e repousar uma tarde inteira, mas era preciso chegar a Dungarvan em hora propícia, superar as velhas divergências com Jack, torcer para que o ex-colega de trabalho não se recordasse da farsa que Joe preparara, no passado, envolvendo uma falsificada carta de Joyce falando mal da Sra. Heaver.

A coisa toda, engendrada com o auxílio de Stowell para espezinhar o sentimento de superioridade de Jack, fora descoberta logo depois. Jack fez de conta que o golpe não o ferira, mas por algum tempo, sempre que podia, acusava Joe de lunático irresponsável. O episódio morreu no esquecimento e não se falou mais sobre isso depois.

Pronto, o porto desponta do lado esquerdo da estrada. Chaminés e guindastes surgem ao fundo. A preleção do professor Alfred Gallagher, na falta de seu colega teólogo, fora útil, mas rasa e um pouco óbvia. Certo, emendara Joe a certa altura da entrevista, Aquino reconciliara a religião com a razão, já o dissera Chesterton; os sentidos eram para aquele

as janelas da alma e a razão tem o direito divino de se alimentar dos fatos, sem pudor. Não era justamente, indagava Joe, a visão humanista-racionalista de Aquino que Joyce entendia como a orientação adequada à Igreja irlandesa?

Gallagher não fora convincente sobre esse ponto, alegando por fim que a literatura moderna não era seu forte. Expendera contudo longo tempo falando da fuga de Aquino das garras de seus irmãos, de seu aprendizado aristotélico com Alberto Magno, seu grande mestre. Sobre Joyce, contudo, dissera pouco. Chegara a acusá-lo levianamente de haver virado as costas para seu povo, evadindo-se da Irlanda para poder falar mal da raça, sem o risco de represália. Dissera também, o que pareceu a Joe grave estupidez, que Joyce não se importava com os valores que a religião católica defendia, que almejava apenas o ódio. Gallagher havia dito isso esboçando um sorriso que embora parecesse de pilhéria, deixara evidente que não apreciava o autor de *Ulysses*. Desse ponto em diante, a mente de Joe pouco buscara reter do que Gallagher dissera entre dentes e tiques.

No entanto, há um momento particularmente interessante nesse encontro: foi quando Joe, muito propositadamente, deixara escapar, interrompendo a preleção de seu expositor, que havia indícios de que James Joyce trabalhara discretamente, talvez na época em que estava escrevendo *A portrait of the artist as young man*, talvez pouco depois, em um romance que tinha Aquino como protagonista, e cujo objeto era, naturalmente, o embate entre a Razão, a Beleza e a Fé. Nesse livro, asseverava Joe, as divergências entre Platão e Aristóteles teriam papel preponderante. Sobre tais edifícios filosóficos antagônicos, Joyce haveria construído

poderosas metáforas que pousavam e partiam como pombos nervosos.

Ao ouvir isso, dito com elegância, mas sem rodeios, Alfred Gallagher cuspiu na cesta de papéis, ao lado de sua escrivaninha, o minúsculo bagaço de laranja que sugara discretamente por incontáveis minutos, agarrou as abas de seu guarda-pó com as mãos trêmulas e proclamou que tudo aquilo não passava de uma estúpida e tirânica presunção; e que o consulente fosse se entreter com os especialistas no autor, se tivesse suficiente ousadia.

Joe, sem se deixar contaminar pelo azedume do adversário, embora sentisse certo rubor inconveniente em seu rosto, acrescentou que um certo admirador de Joyce colhera essa informação do antigo dono do Gipsy Bar, junto ao Panthéon, em Paris, que por sua vez deduzira tal fato a partir do que entendera de uma ou duas conversações entre o próprio Joyce, Wyndham Lewis e duas putas, freqüentadoras assíduas do lugar, nos idos de 20. Era uma meia-verdade.

Depois, mais cauteloso, Joe apontou, num tom de voz brando, quase suave, a influência inclusive estética de Aquino sobre Joyce, citando como argumento decisivo um trecho de carta que este último escrevera, também nos anos 20, a Carlos Linati, e em que Joyce rendera notável tributo a Aquino, e sugeria sibilinamente que interesses constantes acabam inevitavelmente sendo incorporados pelo artista em sua obra. Claro, era uma obviedade sem muita significação, e Gallagher replicou dizendo exatamente isso ao visitante, acrescentando que não se pode a todo momento contentar o atirador de iscas.

Joe manteve sobre esse ponto uma falsa serenidade até o fim do encontro, quando reafirmou sua convicção de que a

obra era real; os originais de *Aquinas* existiam, bastava que os encontrassem.

Tendo em vista os argumentos de Joe Byrne Hayes, essa era, por assim dizer, outra frágil ilação, que naquela altura da entrevista soava aos ouvidos do professor universitário como um desfecho lamentável daquele colóquio. Ao se despedir de Gallagher, Joe tirou do bolso um cervo que esculpira, dizendo ao acadêmico que o animal fazia-o lembrar-se do episódio Proteu, do *Ulysses*.

Desta vez o professor desarmou finalmente os ânimos, talvez porque logo se veria livre da inoportuna presença de Joe. Ambos trocaram um aperto de mãos constrangedor e disseram adeus.

Ao volante, Joe sorriu amargamente ao dar-se conta de que o encontro fora uma perda de tempo, não fosse pelo fato de que ficara evidente que Gallagher e seus pares, de Cork ou de qualquer outro lugar, sequer estavam inclinados a especular sobre a existência de uma obra secreta e inédita de Joyce, tratasse ela de Aquino ou não.

Era portanto certo que Lucien e Manoel, já de início, não teriam qualquer acolhida nos meios universitários, sendo provavelmente rechaçados na primeira oportunidade, quando buscassem aconselhamento, exatamente como Gallagher fizera com ele. De outra parte, e isso era o mais significativo e importante, o fato de Joe os conduzir, através dos meandros de seu jogo, a levantarem ambos as mesmas indagações e suspeições acerca do inédito de Joyce, junto aos nomes indicados por ele, deixaria no ar, ou ao menos no círculo joyceano, mais do que uma indagação sem fundamento. E era essa centelha de dúvida que mais importava a Joe. Uma centelha que prepararia seu bote final,

devastador, que seria desferido no derradeiro lance do jogo de Dublin.

Dungarvan, ruas. Agora Joe deixava para trás as instalações do atracadouro, e já trafegava na direção da zona central da cidade.

Teria ele a sorte de encontrar Jack? A paisagem urbana, com seus sobrados e portas coloridas, com seus velhos armazéns de tijolos, suas casas de comércio, suas agências de viagem, suas lojas de material náutico, seus pubs e sinistras autarquias públicas, desfilava à sua frente. Porto seguro, céu de brigadeiro sobre as cabeças dos transeuntes; mas não sobre a de Joe, que se sentia comprimido no assento de seu carro, como se todo aquele azul fosse um bloco de aço prestes a esmagá-lo junto com as ferragens do Vauxhall. Havia muita gente nas ruas, esquinas congestionadas, um mundo desordenado e inamistoso, funcionando a um ritmo que o perturbava devido ao cansaço. Tudo isso e mais o odor de maresia entrando pelo quebra-vento, misturado aos gazes dos automóveis, revolviam seu estômago e deixavam-no em péssimo estado. Saíra de Cork às 11h00. A estrada e o panorama placidamente o transportaram sem sobressaltos até ali. Fora uma viagem perturbada apenas pela tensão intelectual decorrente da conversa com Gallagher, mas sem incidentes ou contratempos de percurso.

Tudo mudara, no entanto.

São agora 14h30, Joe sente-se atirado com violência em meio ao turbilhão de vida e de negócios de uma cidade portuária, está desgastado, intranqüilo e de estômago vazio. Uma multitude de alfinetadas ao longo de suas pernas e braços, além de suores frios porejando em sua testa estimulam nele um incômodo sentimento de fragilidade

física, como também de desapontamento consigo mesmo. O que fazer? Talvez fosse mais prudente parar, proteger-se do dia, tomar um chá, alugar um quarto nas cercanias, descansar algumas horas antes de ir ter com Jack. Que diferença faria, já que o conhecido de qualquer modo não o aguardava? Daria no mesmo aparecer no meio da tarde ou no princípio da noite em sua casa. Nenhuma hora era boa ou má naquelas circunstâncias.

Joe parou o carro, abaixou a cabeça como se inspecionasse seu coração. Deveria ir agora, de uma vez, descansaria lá mesmo, pensou; que mal havia nisso? Sentar-se-ia em uma boa poltrona, fecharia os olhos e fingiria estar ouvindo as bravatas de Jack. Não, não queria que Heaver o encontrasse naquele estado deplorável. Ele se aproveitaria da situação, seria mais desagradável do que de costume. Seria mesmo um desastre. Joe colocou novamente o carro em movimento. Não obstante todas as ponderações em contrário, decidiu ir até a casa de Jack. Se ele não estivesse lá, aí então procuraria uma pensão. Assim era melhor. Ou não? O que fazer, Stephy? Não, era melhor ir até lá.

Em dois tempos encontra-se frente à porta de Heaver. As cortinas da casa de Jack estão cerradas, e isso é o bastante para exasperá-lo ainda mais. Gerânios despontam em pequenos capítulos debaixo da janela da sala. A brisa é muito tênue para fazer com que a folhagem se mexa, Joe no entanto tem a impressão de que tudo se expande e se contrai, como se as coisas respirassem ao redor dele, inalando e exalando a um compasso semelhante ao de seu pulso acelerado e desigual. As próprias paredes brancas da casa do conhecido parecem arfar, alucinadamente. A porta se abre no exato momento em que Joe sente que não suportará mais ficar de

pé sob aquele céu intensamente azul e opressor. "Vamos entrando", diz-lhe uma voz irreconhecível, ainda de dentro da casa, mergulhada na penumbra; voz de alguém que dele se aproxima sem pressa. O visitante agarra-se ao braço inerte do conhecido, que gira o corpo, oferecendo-lhe o outro braço. "Como descobriu que eu estava aqui?" balbuciou Joe. "Foi por puro acaso", respondeu Jack com uma dicção empastada. "Você não deveria pensar nem por um momento que eu estivesse esperando ansiosamente por sua visita, insistiu. Você sabe muito bem que tenho muitas ocupações." "Sim, eu sei, Jack", atalhou Joe, com um fiapo de voz, no momento em que ambos, tropegamente, venceram a soleira da porta e alcançaram a sala. A custo, Joe despencou em um sofá. Quando se recompôs e ergueu o rosto, viu por inteiro o conhecido à sua frente, em pé. "Você está bem mais velho do que eu", disse-lhe o outro, desafiante. Joe ouviu sem reação a provocação do sujeito. A luz que vinha da janela cegava a visão de Joe, que não conseguia num primeiro momento perscrutar as feições de Jack. Notou apenas que seu ombro esquerdo parecia mais curto que o direito, e que esse se encontrava um pouco mais erguido também. Em seguida, viu que o braço daquele mesmo lado não se movia, e que a mão e os dedos pareciam entorpecidos, paralisados.

Tomado por um súbito e intrigado fascínio, acompanhou o deslocamento do antigo colega de trabalho até uma poltrona mais ao fundo da sala, numa região em que não havia luz. Escapando à claridade e ajustando sua visão à pouca luminosidade do fundo do aposento, Joe foi capaz de captar as feições envelhecidas daquele sujeito com o qual conviveu por longo tempo.

Nesse instante, Jack ofereceu-lhe algo para beber,

pronunciando as palavras com notável dificuldade, uma vez que seu cérebro não tinha mais pleno comando dos lábios, ou mesmo da voz, que saía anasalada e pífia. Joe notara ainda que a metade esquerda do rosto de Jack parecia revestida por uma espessa e opaca camada de cera. Naquela região facial reluzia macabramente um olho vítreo. Este, embora reverberasse, exibia um brilho constante, quase melancólico, sinal mais evidente da impotência de expressão. "Estou melhor, acho que me sinto melhor", disse Joe, sem saber ao certo se havia melhorado em vista das condições ambientais da sala, ou por reconhecer que se encontrava, a despeito de tudo, em melhor estado do que o outro; ou ainda porque Jack naquelas condições não o intimidasse como outrora. Joe tirou um lenço do bolso e cobriu por instantes seu rosto. Uma longínqua fragrância de lavanda penetrou suas narinas e o fez lembrar-se de Mary McNulty e de seus discretos gestos de atenção, como por exemplo o de introduzir sorrateiramente na valise de um amigo um frasco de perfume para após a barba. Sim, sentia-se um pouco melhor. Joe aprumou-se no encosto do sofá, guardou o lenço no bolso do paletó, procurando controlar a respiração e dominar o mal-estar. Do outro lado, Jack observava-o interdito e impassível, como se dispusesse de apenas mais alguns segundos até o próximo inadiável compromisso. "Então, posso lhe oferecer algo para beber?" insistiu o anfitrião. Mesmo naquele estado, Jack conseguia confundir o interlocutor com um tom de voz que contradizia o que proclamava. Joe percebeu que Jack queria dirigir a resposta; queria que Joe declinasse do chá e que fosse embora. Joe não se incomodou com a mise en scène de Jack Heaver e optou por ficar e beber o que quer que fosse que o anfitrião lhe oferecesse.

Seria sua sede mais intensa do que o desejo de ver como se sairia Jack com a incumbência?

De qualquer modo, os dois velhos estavam ali, um defronte ao outro, ambos repentinamente humilhados, enquanto a tarde se espreguiçava sobre as casas e as cores metálicas do dia esmaeciam. Sem esperar mais, Joe resolveu lançar um torpedo exploratório. "Quando foi o derrame? Confesso que não sabia absolutamente de nada até há poucos instantes". O anfitrião já se pusera de pé, caminhando lentamente em direção à cozinha, com a ajuda de uma bengala. Quando ouviu o que Joe acabara de dizer, segurou a bengala no ar e respondeu: "Que importância tem isso? Mais dia menos dia iremos todos para a mesa dos vermes. Quanto pior formos, pior será o repasto deles. Ao menos é o que eu presumo". "Talvez seja justamente o contrário", aventou Joe. "Trouxe-lhe um presente", acrescentou. "Mostre-me." "Ainda não. Um pouco mais tarde." Quando Jack voltou, empurrando um carrinho de chá com enorme dificuldade, Joe pensou por um instante em como era difícil o cotidiano de um homem que era quase hemiplégico, não fosse pelo fato de Heaver conseguir ainda arrastar a perna esquerda e mantê-la esticada sob o peso do corpo.

O chá com creme e os biscoitos foram ingeridos quase em silêncio. Joe ainda estava sedento quando viu o fundo da xícara, e a encheu novamente, desta vez apenas com chá. Sorveu um gole nervoso e sôfrego da infusão. Sua cor de ouro velho plasmada na retina de Joe-Gepeto era como um horizonte incendiado pelo pôr-do-sol.

O estofado com listas ocre, laranja e verde onde Joe se acomodara contrastava com sua tez esbranquiçada. Essas mesmas cores pareciam se reproduzir no fundo do olho

vítreo de Jack, como se estivessem incorporadas a um pequeno firmamento, que fazia às vezes de pano de fundo ocular. Seu olho imóvel, bola de gude boiando na caveira, parecia uma bomba-relógio cujas sutilíssimas vibrações acusavam que o tempo estava se escoando irreparavelmente e que a vida, a palavra, o logos, e seu derrame seriam varridos junto com o fenecimento de sua memória vivente, a qualquer momento.

Quando Joe pronunciou o nome de Tomás de Aquino, ao fazer referência a seu colóquio com o professor de Cork, o antebraço direito de Jack recuou e seus dedos se fecharam contra a palma da mão, crispados em um automatismo semelhante ao do motorista que puxa a alavanca do câmbio em sua direção. Joe não deu por isso, teceu diversas apreciações a respeito de Aquino e de seu embate contra o platonismo. Fez uso de palavras de Chesterton, de razoável efeito, pinçadas e reelaboradas a partir da conversa com Gallagher, frases altissonantes e por vezes de hermético entendimento.

Um e outro sentido penosamente se salvavam em seu discurso, que se foi tornando, contudo, mais articulado e compreensível à medida que Joe se empolgava e se desinibia, estimulado pela palavra cada vez mais fácil.

De início, Heaver estava de acordo sobre alguns pontos, a julgar por sua expressão facial, que no entanto ainda revelavam dúvida e ceticismo.

Joe não desistia. "O que fez a revolução aristotélica realmente revolucionária, já disse Chesterton, foi o fato de que era profundamente religiosa. Aquino percebeu que a

doutrina e a disciplina católica haviam esmorecido após tantos séculos, e que precisava renovar-se, o que só conseguiria com Aristóteles; só com ele."

"Alberto Magno. Está se esquecendo dele."

"De modo algum."

O visitante rejeitou o aparte, pois entendia que Tomás representava um avanço no pensamento humanista e no aristotelismo de Alberto Magno. Seu humanismo estabelecia, não devemos nos esquecer, que o homem não pode ser compreendido apenas por sua alma; que é preciso chegar a seu corpo; que apenas a junção de ambos permite conhecer integralmente o que é humano na humanidade. Santo Agostinho, que o antecedeu, ocupara-se da alma, mas esquecera-se de que uma alma não faz um homem inteiro. Magno tampouco avançara no desvendamento do homem.

Ao contrário deles, Aquino, centrando-se no próprio homem, acreditando em suas potencialidades, nas de seu espírito, que pensa; nas de seu corpo, que se constrói como tempo e aperfeiçoamento, atinge a via sublime do processo espiritual e sobretudo intelectual, via essa que conflui para a Revelação -- nome que perdera o brilho nas mãos do idealismo platônico, mas que agora era recuperado como indagação para o homem. Através de um processo racional intenso, a Revelação, com erre em maiúscula, era novamente acessível. O homem estava mais perto de Deus, o homem estava em Deus.

Tomás era um pensador positivo e confiante; acreditava no humano, e no fato de que os homens ouvirão a razão mais cedo ou mais tarde. Por causa de tudo isso, representava uma superação dramática do pensar religioso de Santo Agostinho, como também de Magno, não pode haver dúvidas sobre isso.

Gepeto, tomado pela idéia fixa de explicar Aquino e preparar o terreno para introduzir Joyce, torcia e retorcia os conceitos, até que finalmente o escritor irlandês foi assentado lado a lado com Tomás de Aquino e Aristóteles.

"Joyce fora sempre profundamente dominado por uma religiosidade natural e ao mesmo tempo racionalista -- e casava secretamente sua concepção de religião com a de Tomás de Aquino, nos mínimos detalhes, atrevo-me a afirmar, o que é tanto mais evidente quanto mais forem relidos os trechos de sua obra destinados a salvaguardar o embrião aristotélico-tomista de suas crenças."

Depois, sem dar tempo a uma contestação, Gepeto introduziu o assunto do provável romance, que o autor irlandês teria escrito sobre Aquino. Jack o olhava alarmado, como se pela primeira vez em sua vida Joe mostrasse por inteiro sua constangedora angústia intelectual.

Ele contudo falava sério, convicto; seria difícil para qualquer um separar de seu discurso o que eram suposições e o que eram fatos reais. Jack, os beiços eletrocutados de súbito rancor, queria interromper a fala de seu oponente, mas sentia que a sílaba, a palavra, a frase não alcançavam a ordenação e a sonoridade desejadas.

O visitante acabou percebendo que o estava irritando profundamente, o que era mais um excelente motivo para prosseguir. Contou-lhe então a respeito do teor da carta de Joyce a Linati, tratando o documento como prova cabal da existência de um romance não apenas tomista, em essência, mas que tinha Aquino como protagonista. E o fez menosprezando o fato de que Jack tivera acesso à correspondência de Joyce.

Foi quando seu anfitrião, tomando fôlego e se

aproveitando do fato de que Gepeto denotava cansaço, conseguiu finalmente interrompê-lo. Disse-lhe que não havia como supor a existência de um romance joyceano fundamentado em Aquino a partir dos documentos até o momento compilados, e que tudo eram suposições sem fundamento de um desocupado. E que se a visita de Joe tinha como objetivo arrancar dele, Jack Heaver, sobrinho de alguém tão próximo de Joyce como sua tia, um endosso para tamanho despautério, dava pouco valor a seu tempo. Aludiu a Jolas, Frank Budgen, Mario Nordio, Paul Léon, James Spoerri, Pound, Ellmann e a outros depoimentos de peso equivalente. Fê-lo com dolorosa dificuldade, como se uma bola de fogo ardesse em seu peito e em sua laringe.

Joe fechou os olhos enquanto Jack falava, imaginou o rosto de seu interlocutor defronte a uma hipótética estante empoeirada no momento em que deparava nela, entre outras obras, um conjunto de cadernos amarrados por um laçarote com as iniciais J. J. E, em grandes letras, *AQUINAS.* Pinçou ainda, de sua memória, a título de trunfo argumentativo para eventual uso mais adiante, o subsídio de que o protagonista de *A portrait of the artist as young man*, que emprestara seu nome a Stephen, buscara, numa passagem bastante elucidativa, entender o significado que Tomás de Aquino emprestava à imaginação no processo artístico e à beleza como emanação:

> I thought he [trata-se de Aquino] might mean that claritas is the artistic discovery and representation of the divine purpose in anything or a force of generalisation which would make the

> esthetic image a universal one. The supreme quality is felt by the artist when the esthetic image is first conceived in his imagination.

A imaginação era um sólido ponto de contato entre Joyce e Tomás, como era o princípio da claridade, sítio de encontro entre o mágico e o divino, entre o feiticeiro da luz, que é o artista, e Deus, que é fons et origo da inspiração propiciatória. Mas o mais impressionante era o que Stephen entendia como traços imprescindíveis ao belo, que eram completude, harmonia e radiação, o que coadunava inteiramente com o pensamento tomista. *Ulysses* derivava naturalmente de *Aquinas*, que renascia em *Ulysses*, num movimento circular que ia da luz à treva, da treva à luz, do pessimismo ao otimismo, da redenção ao aniquilamento, e deste à redenção novamente, num processo de crescente aperfeiçoamento, palavra que é fundamental para a compreensão das semelhanças entre ambos. Para Aquino, o fim de uma coisa não significava sua destruição, mas seu cumprimento, o término da escalada na direção do aperfeiçamento. Mudança e aperfeiçoamento eram a base ética do pensamento joyceano.

Quando finalmente Joe encontrou uma chance de proferir o que congeminara, recebeu em troca palavras enfurecidas do charadista. Ele recuou. Estava cansado e tinha vontade de dizer coisas das quais talvez se arrependesse depois. Por pouco contou-lhe tudo, para humilhá-lo e se ver livre do peso do segredo, mas controlou-se.

Aos poucos, foi se alheando, resguardando-se no conforto de sua imaginação. Como entender as palavras que Jack expelia por entre a babugem de seus lábios, quando era

muito mais aprazível a liberdade do pensamento, sobretudo quando o pensar é tão confortador?

Foi assim que Joe dormiu no sofá tricolor sem que Jack, em luta com o verbo, do outro lado do cômodo, se desse conta. Gepeto viu em seu sonho o rosto largo e sincero de Tomás, como em um fotograma, sentiu seu hálito dominicano sobre suas têmporas. Apenas não era capaz de discernir o que o santo filósofo dizia, pois embora seus lábios não se movessem, era certo que diziam alguma coisa para que Joe entendesse. O fotograma desapareceu e subitamente ali está, em carne e osso, a poucos passos de Gepeto, Tomás de Aquino. Onde precisamente se encontravam ambos? Uma voz responde que se encontravam em uma capela, na Sorbonne, em Paris. Aquino cobre seu rosto com suas grandes mãos e ora em voz alta; interrompe-se e interpela o próprio Cristo, ali pregado na cruz. Explica-lhe que escrevera uma tese por demanda dos sábios doutores daquela universidade, com o intuito de ampliar o entendimento sobre questões relativas à natureza mística dos elementos do Santíssimo Sacramento, mas que ao cabo de um grande esforço intelectual não se sentia seguro de haver realizado sua tarefa a contento.

Dito isso, Aquino coloca seus escritos ao pé do crucifixo, implorando pelo juízo divino. Um frisson passa então pelo corpo de Joe e dos frades presentes na ocasião. Foi quando Cristo, desprendendo-se da cruz, mas sem descer ao chão, fez com que Aquino e seus escritos se erguessem do solo, elevando-os à sua altura. "Tomás, escreveste muito bem sobre mim, acerca do Sacramento de meu corpo". Em seguida, depois de dizer isso, elevou-se ainda um pouco mais, conduzindo Tomás e seus escritos até uma altura

considerável. Dali, Cristo alçou-se ainda mais, até atravessar a cúpula da capela. Tomás e sua tese baixaram lentamente, depois que Cristo se fora, como se uma imaginária roldana, à qual estivessem amarrados, os fizesse descer.

Já no solo, Joe reparou que ambos, Tomás e tese, haviam regressado ao exato local onde se encontravam antes. Joe deu-se conta, logo em seguida, de que não havendo Cristo retornado ao crucifixo, mas subido aos céus, a cruz e o crucificado que os homens adoravam eram objetos vazios, petrechos desprovidos de espiritualidade, pois o culto, queria dizer o Deus ao abandonar o crucifixo, ascendendo aos céus, deveria prescindir de imagens, para se tornar uma comunhão intelectual e imaterial do ser com o Sagrado. Seria mesmo assim? Interroga-se Gepeto em seu sonho. Não fora o próprio Aquino quem tanta importância dava ao que via e sentia? Não fora ele quem afirmava tão amiúde que a razão se alimentava dos sentidos todos do homem, e que sem razão a Fé ficava menor? Como então poderia o homem recusar a visão das imagens nos nichos de oração, se justamente eram essas imagens que empolgavam seus sentidos, alimentando sua razão e alicerçando sua Fé? Tomás não titubeou em vir em socorro de Gepeto. Com sua manopla direita sobre o ombro do irlandês, explicou-lhe que sentiam e raciocinavam melhor e mais fundamente os fiéis que viam a Deus com os sentidos interiores, que eram o coração e os nervos, do que aqueles que precisavam de estímulos banais feitos de argila, madeira e ferro, para assim socorrer o mais usado e mais estúpido dos sentidos: a visão. Com isso, Tomás de Aquino abençoou Gepeto e foi embora pelo mesmo caminho etéreo através do qual Cristo ascendera.

Quando Joe se virou para os lados, procurando avaliar a

reação da audiência de frades ao que acabara de acontecer, viu-se só, inteiramente só no sofá tricolor da casa de Jack. Para onde fora o sujeito?

Instantes depois reapareceu Heaver, com um papel amarfanhado nas mãos. "Sua carta dizia que queria me consultar a respeito de uma competição de adivinhações que pretende promover, se bem compreendi. É isso?"

Joe resumiu o que pretendia, sem entrar no mérito e nos propósitos do jogo de Dublin. "E por que razão não me avisou que viria?" "De fato não pretendia vir. Esperava que me respondesse. No caminho para casa mudei de idéia, e aqui estou." "Em sua carta, você também diz que está arcando com a viagem dos participantes, e que os fará buscar certos objetivos em Dublin e deslindar certas charadas. Parece uma idéia abominável. De qualquer modo não vejo impedimento em ajudá-lo, desde que não envolva meu nome nisso." Joe concordou.

Jack Heaver voltou a sentar-se no canto mais escuro da sala, cruzou os dedos da mão direita sobre o cinto da calça, o que era um hábito seu de quando jovem, mas que agora parecia mais um tique torturante, e ordenou que Joe falasse tudo o que tinha em mente. Joe disse-lhe muito, mas não o principal. Não o essencial.

N25, subindo sempre para o norte, direção de Waterford e New Ross. Os faróis do Vauxhall de Joe lançam uma luz amarelada sobre o asfalto irregular da estrada, que o fim de tarde escamoteia. Stephy ficava cada vez mais longe. Stephy sob a terra úmida do cemitério de Rahoon, Mary McNulty, à margem da N17, bem às portas de Galway, com seu filho

encantador, marcado com traços de Creg, sobretudo com seu rosto um pouco jocoso, um pouco impertinente e atrevido, mas também um pouco doce, como o rosto e os modos de Mary. A conversa matinal com Gallagher, a conversa vesperal, truncada, surpreendente e decepcionante com Jack, pena e ódio, remorso e indiferença. Inútil visita, extraordinária visita. Quando Joe, já na porta da rua, entregou-lhe o sapo esculpido em madeira, sobre o globo terrestre, que por uma oportuna coincidência trouxera consigo, Jack não teve palavras, mas olhou-o com um olhar de exausta melancolia.

N25, ainda. Abetos erguem-se adiante, carvalhos do outro lado da estrada, em uma fileira respeitosa, afastando-se do asfalto, e enfiando em direção a uma habitação de pedra, gorda como um porco sem as patas, sobre a qual assenta um telhado de palha arrumada em grossos fardos que descem até a metade da parede. Minúsculas janelas negras, um par delas, e uma porta baixa. Acima da casa a chaminé, e, tão pessoal como o hálito humano, um fiapo de fumo imóvel no ar, em volteio discreto, balançado pelo pouco vento e subindo quase na vertical até o mistério. Ficara para trás. Para trás umas tantas ovelhas que o farol iluminou.

Quantas horas dormira na casa de Jack? A visão de Aquino no sono o impressionara. Era como se tivesse partilhado de algo da vida do religioso que nenhum outro ser vivo partilhara. E se tivesse dado a Aquino, no sonho, uma borboleta com imensas asas? Descabido. Como dar a Aquino aquelas asas de madeira, se Aquino era como o fumo da casa na estrada, que mesmo sem o auxílio do vento subia sempre para o infinito? E o que ao certo faria o monge com elas, se sem elas já fora tão longe?

Jack gostara do presente que Gepeto lhe dera quando se despediram. Jack não gostara do presente que Gepeto lhe dera quando se despediram. Seu rosto hemiplégico dizia as duas coisas e não dizia nenhuma delas. Certo, era um sapo com uma imensa língua voraz, mas sob suas patas havia todo o planeta. Se Jack só visse o sapo era pouco e humilhante; se visse o globo era satisfatório e estimulante, desde que não percebesse a velada ironia, tão adequada, sendo o destinatário quem era.

O que havia restado de comum entre os dois velhos, pergunta-se Joe? Talvez somente alguns aspectos do jogo de Dublin e aqueles minutos de fúria partilhados naquela tarde, o que talvez não fosse pouco.

Cuidado agora, é preciso reduzir a velocidade. Entroncamento próximo. Lusco-fusco, o horizonte se refunde em azul muito escuro, arroxeado aqui e ali. Os faróis confundem e embaralham as formas e distâncias. A noite recobre por fim a N25, a luz dos automóveis que cruzam na mão contrária expande-se como ácido na retina de Joe, como balões brancos ofuscantes, atirados de bólidos negros. Seu curto sono em casa de Jack não fizera muito por seu cansaço. Sob a ponte, e sob as rodas do Vauxhall, os rios Nore e Barrow, que acabaram de se encontrar ao norte de New Ross, entrelaçam-se, suas madeixas escuras emaranhadas, indo para o mar e para a morte, fundindo-se numa longa trança sobre as pedras. O corpo de Joe parece ouvir e sentir tudo. Em seu cérebro ecoa dissonante o marulhar daquelas águas turvas desviando-se das pilastras do pontilhão.

N79, Joe segue rumo a Enniscorthy, seu corpo sente os solavancos da estrada, a vibração do motor, as agulhadas doloridas nos pés quando comprime o freio ou a embreagem,

o ir-e-vir dos pistões expulsando calor, as engrenagens incandescentes, os óleos comprimidos entre os ferros, os pequenos ruídos de desgaste e desajuste do Vauxhall. Os amortecedores traseiros emitem intermitentemente o som de um rosquear ferruginoso, que parece aumentar à medida que o cansaço se torna mais intenso; o painel do carro fabrica sons variados, conforme a turbulência da viagem, e a essa altura parece mover-se ligeiramente para um lado e para outro, como se alguém tentasse arrancá-lo, e nesse movimento choca-se contra as laterais do carro. Enquanto isso, a turbina do calefator sopra no peito de Joe uma voz roufenha e irregular, que de certo modo o confortava até o momento em que lembrou-lhe o ronronar anasalado de Kate Deolin, quando dormia logo após o jantar.

Sim, pensa Joe com súbita tristeza, era justamente para os braços frios de Kate que ele estava se dirigindo agora. Deixara a paz branca no centro da qual, como uma pomba, dormia Stephy e se dirigia para sua prisão em Dublin. Era assim, simples como isso, pensara ele massageando os ombros entorpecidos com as pontas dos dedos, enquanto segurava a direção com uma das mãos. Deixara a paz, uma paz que renascia na dor, e ia ao encontro da rotina, da culpa e da dis- simulação.

Sua verdadeira pessoa ganhava uma espécie de disfarce ao chegar em casa, e só desabrochava quando Joe se trancava em seu ateliê, que era sua outra realidade e janela semi-aberta para uma vida da qual Kate não partilhava.

Kate não parecia se importar com isso, e talvez nem se desse conta de que ele a queria longe dali. Em seu vocabulário existencial, reduzira o ateliê do marido a um simples cômodo, vazio de propósitos, a não ser o de abrigá-

lo quando estivesse atarefada na limpeza da casa, ou recebendo alguma senhora da comunidade para o chá. Nessas ocasiões, Kate lembrava-se com gratidão da existência daquele espaço providencial.

O que efetivamente se passava ali dentro, as memórias que aqueles móveis guardavam, as criações de Joe-Gepeto, sua coleção de peças jamais expostas, seus petrechos de trabalho, tudo isso eram coisas que jamais ocuparam a cabeça de Kate. Talvez porque achasse leviano Joe buscar a felicidade depois do que aconteceu a Stephy e preferisse não pensar nisso, ou talvez mesmo porque efetivamente temesse entender o que ali se passava.

Atenção, Joe, seqüência de curvas adiante. Nesse momento, decide desligar o calefator. Ao girar o botão do painel, foi como se afundasse um pesado travesseiro no rosto de Kate, fazendo-a parar de ronronar. Mas não se sente melhor, pois a lembrança da mulher roncando foi sobrepujada pelo ruído do motor, que agora parece muito maior e domina os sentidos de Gepeto, agindo hipnoticamente sobre seus movimentos.

Decide parar por alguns minutos e comer algo.

Entrada de Enniscorthy. Dificuldade de sair do carro. O chão parece dotado de força própria, que impulsiona suas pernas como se caminhasse com pedras atadas aos pés, sobre uma esteira mecânica em movimento.

Alcança por fim o balcão de um pub.

Fatigado e faminto, como se tivesse permanecido longo tempo sob a fúria de um vendaval em pleno mar, abocanha um sanduíche de queijo e presunto e sorve um gole de café. A âncora imaginária acaba finalmente afundando na terra perecível depois de outro gole. A nave e o universo se

imobilizam por instantes. Está salvo. Respira fundo.

N11, direção Gorey, Arklow e Wicklow. Joe inevitavelmente pensa em Kate e em sua casa em Dublin. A mãe de Stephy é uma lembrança quase tão real que parece se fundir à noite em que o Vauxhall mergulha. Joe pensa em Kate e a memória dela agasta-o. Joe aperta os lábios enrugados e ressecados. O rosto dela repousa em um travesseiro, pensa ele, conjecturando ou talvez pressentindo. Ou ainda não. É provável que esteja tomando seu chá noturno, ou fazendo um escalda-pés, ou lendo uma revista de tricô, ou lendo escondida uma carta de Kathleen que fora endereçada ao pai.

Gorey à frente.

Kate tem habitualmente os cabelos em uma touca branca muito justa, que aperta as orelhas quase ao ponto de rompê-las. Há mesmo um vergão no meio da testa da mulher, fruto da tensão extrema do cordão que amarra a touca. Parece uma marca de chicote. Joe pensa em tudo isso com alívio e remorso. Sim, ela está viva, não se incomoda com ele mais do que se incomoda com o aprendizado de um ponto difícil de tricô, mas está viva. Joe está voltando para sua rotina de casado, que talvez seja menos opressora do que a hipótese de seguir sempre, continuamente, sem um paradeiro ou um propósito, numa estrada semelhante àquela.

Era um alívio que ela ainda o aguardasse dentro de casa, para se contrapor a ele, para desentender-se com ele, mesmo que com um simples olhar de desaprovação. Se fossem jovens, dir-se-ia que se exercitavam como faz o lutador frente ao espelho. Mas eram velhos. E essa comparação

talvez fosse infeliz. Sim, era um alívio os dois ainda estarem vivos; serem testemunhas um do outro.

No entanto, a lembrança de Kate com a touca apertada, o rosto comprimido, quase a ponto de ferir a pele, dera-lhe um prazer maligno. Um prazer que vinha acompanhado de um desejo recôndito de vê-la sofrer; de um desejo de apertar seu cérebro até que dele se esvaíssem toda a culpa, que ela lhe imputava pela morte do filho, e mais todos os resquícios de ódio e desconfiança que ela alimentara na longa e penosa convivência.

Arklow, será Arklow, agora? Sim, claro que sim. Em frente, uma bifurcação. A da direita é a R750, segue pela costa. A N11 continua pela esquerda. Afasta-se do litoral à medida que se distancia de Arklow. Joe prossegue na N11. O olhar de uma coruja encontra a luz dos faróis e fica para trás, como uma sentinela pousada sobre uma placa à margem da estrada. À medida que o Vauxhall cruza sua frente, a cabeçorra da coruja gira, acompanhando o carro se distanciar. O rosto de Kate e a cabeça da coruja. Joe os vê a ambos. O primeiro imóvel, os olhos fixos em um ponto do céu. A vermelhidão da testa, as orelhas quase destroçadas. Ela parece mesmo chorar de dor. Os olhos vermelhos da coruja se parecem sempre com minúsculos focos de incêndio na floresta, pensa Joe. Os faróis traseiros do carro de Joe são também dois pontos avermelhados perdendo-se na noite da coruja.

Nova bifurcação. Pela direita a rota passa por Wicklow, Greystones e depois Bray. Joe decide prosseguir na N11, e para tanto toma a pista da esquerda, o que o leva na rota de Rathnew, Bray, Dalkey e Dun Laoghaire, já na baía de Dublin. É um caminho ligeiramente mais curto do que o

outro. Mas agora não tem tanta importância. O cansaço se transforma em morna excitação, repto juvenil. Restam menos de 30 milhas até Dublin. Logo, pensa Gepeto, poderá ouvir Joyce cantando enquanto faz a barba na Torre Martello. É só mais um pouco. E enquanto pensava no escritor se vendo no espelho através de seus óculos frágeis, e cantando, decidiu acompanhá-lo, embora soubesse que a voz de James tinha fama e opulência e a dele era apenas forte e estrondosa:

Tim Finnegan lived in Walking Street,
A gentleman Irish mighty odd.
He had a tongue both rich and sweet.
An' to rise in the world he carried a hod.
Now Tim had a sort of a tipplin' way,
With the love of the liquor he was born,
An' to help him on with his work each day,
He'd a drop of the craythur every morn.

Ao ouvir o som dessas palavras, desceu do cérebro de Joe, espalhando-se por todo o corpo, uma manta de gelo. A expressão 'toda manhã' lembrava-lhe o que menos apreciava: rotina, mesmice, imutabilidade, monotonia. Numa palavra: seu cotidiano com Kate Deolin Hayes. Sim, ela lá estava, vigilante, com o único propósito de fazer com que suas vidas permanecessem inalteradas e sem objetivo. Kate Deolin o aguardava para dividir com ele coisa nenhuma, para fingir que partilhava de suas aflições, moradora estranha e ao mesmo tempo familiar daquela casa vitoriana, naquele bairro vitoriano ou, como lhe ocorrera agora, de seu pequeno mundo em ruínas.

Os olhos de Joe Byrne Hayes ardiam, inflamados pelo

cansaço e pelas luzes dos faróis dos carros que trafegavam na via oposta de direção. Contudo, prosseguia, tateando o caminho. A certa altura, decide alterar seu trajeto e rever a Torre Martello. Abandona então a estrada, entra na Sandicove Road e envereda na direção da praia.

Na Martello Terrace um homem trazia uma rede de pesca às costas, cruzava o gramado em frente, empurrando uma bicicleta por entre os bancos do jardim. Quando o Vauxhall cruzou lentamente seu caminho, o homem levantou a cabeça. Não, não sabia quem era aquele velho que estava ao volante do carro, o rosto quase colado ao vidro, dirigindo com visível dificuldade.

Dali onde Joe estava já se via a torre de Joyce e Gogarthy. Joe girou a direção do carro para o lado da praia, estacionando de frente para o passeio. Deixou-se fica ali, por alguns instantes, como que paralisado de cansaço. Depois, decidiu abrir a porta do carro e ficar de pé, para receber no rosto o vento salgado que vinha do mar. Deixou os faróis acesos, por precaução. Na Marine Parade uma fileira de sobrados, um e outro iluminado, mas a maioria às escuras porque não era época de turistas. Adiante, sempre pela praia, pedras marinhas afloradas, como se fossem ornamentos da torre. Uma tira de luz, cuspida da lua, iluminava o mar. Ao longe, línguas de espuma prateada agitavam-se na direção da areia e das pedras. A lua, presa no espaço, entre a torre e o mar, concedia uma estranha aura mística à mole de pedra que Gogarty alugara um dia por oito libras anuais.

De onde Joe se encontrava, não era possível avistar o castelo Bullock. Não importa, ele estava logo ali, mais adiante. Joe pressentia sua presença atrás da torre. Bastaria apenas descer algumas centenas de metros na direção da

Ulverton Road. O castelo Bullock era uma espécie de miniatura de fortaleza, com suas proporções anormais. Parecia ter brotado da ficção. Agora, secundava a Torre Martello, posto mais avançado na direção do oceano.

Desligou os faróis do carro, para sentir melhor o ambiente. O vento soprava agora com força, e a Torre Martello parecia mais intensamente aureolada pela luminosidade lunar, ainda esperando, belicosa, a frota de Napoleão, que jamais chegou até ali.

Joe tivera a impressão de que um vulto no parapeito da torre gesticulava na direção do porto de Kingstown. Lembrou-se de Stephen (não seu falecido filho, mas a personagem homônima do romance de Joyce) e de Buck Mulligan. Esfregou os olhos, para enxergar melhor. Não havia mesmo ninguém ali, ou em qualquer outra parte. Fora uma ilusão decorrente do cansaço. Joe sentou-se novamente ao volante. Gostaria de pensar um pouco mais em sua vida, mas estava muito cansado para elaborar qualquer projeto redentor. Decidiu que era mais do que tempo de ir para casa, repousar para depois se concentrar nos passos futuros de seu jogo com Manoel e Lucien. O próprio Heaver aconselhara-o a não perder mais tempo. "Se realmente almeja a estupidez, que a busque logo e integralmente", disse-lhe. Apesar de divergir frontalmente de Joe, prestou inestimável auxílio ao projeto, obrigando por vezes o visitante a tomar notas, a grifar uma e outra passagem que considerava promissora. Para quem afirmara que entendera superficialmente o intento de Joe, Jack Heaver fizera um trabalho surpreendente, refletiu ele mais tarde, dizendo para si mesmo que Jack era um farsante. E se o projeto era tão absurdo, por que razão, em certo momento, quando Jack reconheceu que o mais

excitante de tudo aquilo era testemunhar incógnito o esforço, por vezes desesperado, dos concorrentes, pareceu a Joe que seu antigo colega chegara a salivar de mórbido prazer?

Dublin à frente. Poucos minutos depois, Joe subia a O'Connell Street, tomava a Gardiner e logo percorria as ruas de Drumcondra, bairro onde residia. O número 9 da Iona Park tinha o andar superior iluminado. Acesa também estava a lâmpada que pendia do hall de entrada exterior. Ao mesmo tempo em que retirava o molho de chaves do bolso, Joe tocou a campainha, para avisar de sua chegada, como fazia por hábito. Também por hábito, Kate vinha em seu encontro, saindo de onde estivesse, e o fazia menos por interesse e mais para eliminar de uma vez, pela raiz, o temor de um assalto.

Aparentemente, porém, Kate nada ouvira, já que não viera a seu encontro, concluiu Joe. Ao abrir a porta, o viajante ouviu o apito estrídulo do bule de chá fervendo. Concluiu mais uma vez que Kate não descera porque o ruído do bule a impedira de escutar a campainha da rua. Ouviu também, próximo à escada, algo pesado chocando-se naquele exato momento contra o piso, no andar de cima; algo como uma mala de roupas, ou um pacote.

Com efeito, até aquele momento, não passara pela cabeça de Joe a hipótese de que Kate estivesse em dificuldades. Assim sendo, deixou sua bagagem ao pé da escada e foi até a cozinha. Terminou sem pressa a preparação do chá que Kate iniciara, serviu-se de um pedaço de torta de pêssego, protegida por uma redoma de vidro, que estava sobre a pia; lavou os dedos e os lábios com a água da torneira, e subiu com

duas xícaras fumegantes.

Quando Joe entrou no quarto do casal para cumprimentá-la, Kate estava ajoelhada, de costas para a porta, com o braço direito junto ao peito e o outro esticado sobre a cama. "Kate", disse Joe Byrne Hayes, "você está bem? Trouxe seu chá."

Kathleen conversava com o comissário chefe, Mr. Kevin Duffy, que sorriu para ela quando mencionou que era filha de Joe.

Infelizmente, ele não o havia conhecido em pessoa, mas ouvira muitas histórias a seu respeito. Quis saber se Joe continuava com a mania de fazer miniaturas. Kathleen respondeu que aquilo não era uma mania de seu pai, que mais do que nunca era seu trabalho agora. O comissário sorriu novamente. Kathleen não correspondeu, mas ainda assim pediu-lhe o obséquio de chamar pelo serviço de alto-falantes os senhores Manoel Souza Aires e Lucien Sorel e lhes entregar as cartas assim que o navio tivesse zarpado.

Kathleen frisou que era preciso que as cartas chegassem às mãos daqueles senhores só depois do navio partir. Era uma surpresa.

Kevin Duffy fez um sinal com a cabeça dando a entender que compreendera e que faria o que ela lhe pedia. Convidou-a para subir a bordo com ele e a tripulação e prometeu-lhe uma boa cabine. Kathleen agradeceu e o acompanhou até o Saint Killian II.

Enquanto passava pela alfândega em companhia da

tripulação, recordara do episódio das Arènes de Lutèce, quando chegou a ser considerada morta pela polícia, até que descobriram o vidro de insulina e deduziram erradamente que ela tivera tido um coma diabético, quando na verdade apenas desmaiara, embora certamente seu estado de saúde pudesse sem dificuldade e celeremente avançar para um coma caso nada se fizesse.

Medido seu nível de glicose, que se mostrou alterado, e realizados outros exames, inclusive neurocardiológicos, constatou-se que o desmaio nada tinha a ver com a doença. Kate desmaiara porque se esquecera de comer e estava abaixo de seu peso normal. Tratada convenientemente, apesar do diagnóstico inicial equivocado, logo teve alta.

Saiu do hospital, com a promessa de regressar em uma semana para realizar exames e refazer o check-up.

A despeito do frisson que lhe causava o fato de seguir secretamente Lucien Sorel pelas ruas de Paris, prometeu a seu marido, na saída do hospital, que desistiria da tarefa, o que o agradou imensamente.

Paul divertia-se com o sogro e suas idéias, mas receava que Gepeto quisesse ir longe demais com seu brinquedo para adultos, e sobretudo que sua mulher se empolgasse com as loucuras do pai, desestabilizando suas vidas, ou prejudicando sua saúde debilitada.

Quando Kathleen lhe assegurou que não iria mais atrás do concorrente francês, Paul sentiu-se aliviado. Mal sabia ele que Kathleen horas depois, apesar da promessa e de prescrições médicas em contrário, iria ao encalço de Manoel, e que o seguiria de perto em todo o percurso de Paris até Le Havre. Como? Pedindo que sua empregada portuguesa extraísse, com imenso tato, da mãe de Manoel, Dona Maria

Luíza, a informação de que o filho viajara para Paris num vôo charter que decolara de Lisboa às 4h00, em direção a Orly. A foto do tempo em que Manoel era jogador da liga inglesa facilitou o reconhecimento.

Quando o português comprou seu bilhete na estação de St. Lazare, Kathleen estava a alguns passos atrás dele, usando uma peruca com lisos cabelos negros, escondendo seus verdadeiros cabelos castanhos acinzentados; jeans muito justos, realçando seus fortes e roliços tornozelos e quadris; uma malha amarela, de gola rolê, escondendo seu alvo e fino pescoço e destacando seus pequenos seios alteados; um lenço de seda amarrado sobre a gola, disfarçando a linha do rosto, oval; óculos escuros retangulares e grandes, contrastando com nariz e queixo pequenos e frágeis; um jaleco de seda forrado de lã, escondendo a linha intransigente dos ombros; sapatos baixos de camurça, revelando inexoravelmente sua baixa estatura.

Kathleen seguiu-o por toda parte, desfilando roupas e perucas as mais variadas, algumas muito distintas, outras muito discretas; outras, ainda, de evidente mau gosto, até que, por uma questão de justiça, repetiu, no trem para Le Havre, quando atrevidamente sentou-se ao lado dele, a mesma roupa e o mesmo chapéu que usara quando desfalecera nas Arènes de Lutèce.

Paul era paciente, pensou ela, acariciando mentalmente seu rosto e seu sorriso, mas talvez não achasse muita graça no fato de que ela resolvera ir até o fim no jogo, seguindo as pegadas de Lucien e Manoel, e tomando o mesmo barco que eles, exatamente como seu pai intimamente gostaria que fizesse, embora não lhe tivesse expressamente pedido.

"Preciso telefonar, posso?" perguntou ela ao comissário, quando já se encontravam a caminho da sala do comandante, a quem Kevin Duffy queria apresentá-la. "Em um minuto, minha querida", respondeu ele.

Ela não tinha uma defesa muito consistente, mas esgrimiu com Paul ao telefone tanto quanto pôde, exaltando-se por vezes; por vezes traduzindo seu desconsolo em cicios melindrados. Ela não queria viajar sem avisar, mas Paul não lhe dera outra alternativa. Ele lhe respondera que Kate saíra escondida de Paris, como uma ladra. Kate emitiu novos cicios melindrados.

Ao cabo de alguns minutos de conversação, Paul perdoou a mulher, e não apenas isso como também concordou que ficasse alguns dias em Dublin, desde que não se envolvesse diretamente com os dois desconhecidos; e desde que se medicasse corretamente. Em qualquer sinal de perigo, deveria agir com prudência e voltar para Paris no primeiro avião, ou procurar um hospital.

Kathleen uivou de alegria, não porque Paul tivesse qualquer autoridade sobre ela, mas porque amava a arte do convencimento.

Logo que desligou, surgiu o comandante do Saint Killian II, que lhe estendeu a mão. Kathleen, que tinha a mão direita enfiada no bolso do casaco, apertando o tritão que seu pai esculpira para ela, atrapalhou-se para libertar seus dedos do bolso. Os olhos muito claros do comandante olhavam para ela quase com afeto e pareciam estar prestes a se liquefazerem. "Lewis Werner, disse ele". "Kathleen Byrne Hayes Guyot", respondeu ela, com os olhos pregados nas dragonas douradas do comandante, no colarinho

excessivamente bordado e no quepe que trazia sob as axilas.

"A senhora manteve o sobrenome de seu pai. Muito bem", sorriram as pupilas de Herr Werner". Kathleen disse que sim, explicando-lhe que se casara na Irlanda, daí ter colocado o nome de seu marido após o seu.

Desceu os olhos pela jaqueta azul com botões dourados à sua frente, até a calça de camurça branca. Ao chegar aos sapatos reluzentes do comandante suspirou sem ânimo. Sentia-se tomada pela fadiga e nenhum pouco interessada em prolongar aquela conversação fútil.

O comissário chefe de algum modo percebeu isso e resolveu encaminhá-la para sua cabine. Kathleen seguiu-o sem hesitação, mas enquanto seguia, pensava em seu pai, e enquanto pensava em seu pai, voltava a segurar o tritão. Nada como um filho de Netuno e Afrodite para acompanhá-la naquela pequena aventura marítima, pensou ela, embora o pequeno anfíbio feito pelo seu pai só tivesse em comum com o deus grego o nome e a capacidade de sobreviver dentro e fora d'água.

Enquanto descia as escadas e era dirigida gentilmente pelos corredores, Kathleen ouvia o comissário chefe, logo atrás dela, soprar-lhe sobre seus cabelos desalinhados a ficha técnica do Saint Killian II: mais de 10.000 toneladas de peso, 157 metros de comprimento e 19,50 metros de largura, construído em 1973 e reformado nos anos 80. Velocidade: 22,5 nós. De repente o comissário se calou, ponderando consigo mesmo que sendo a jovem passageira filha de um antigo funcionário da empresa de navegação, muito provavelmente aquelas informações já haviam chegado até ela através de seu pai.

Quando a porta da cabine de Kathleen se fechou atrás de

si e se viu sozinha no compartimento, atirou-se na cama e colocou o amuleto sobre o peito. Olhou-o firmemente até que se sentiu um pouco tonta. Conhecia o barco, mas uma cabine era sempre uma novidade. Esta tinha dois beliches, um pequeno aparador com espelho, um criado-mudo e um exíguo banheiro à esquerda, na entrada. A luz ali era fraca e baça como a de um confessionário, notou Kathleen; os pontos de luz eram distribuídos de modo a iluminar apenas o essencial. Um longínquo cheiro de cloro e amoníaco revelava que a cabine havia acabado de ser desinfetada e arrumada. No beliche ao lado, na parte inferior, um conjunto de toalhas, dois cobertores empilhados ao pé da cama e suas duas pequenas malas, arrumadas uma ao lado da outra; na superior, sua caixa de chapéus.

Certa feita, nessa mesma travessia, a porta se abriu e alguém por engano principiou a empurrar pesadas malas para dentro do compartimento. Kathleen, assustada, pôs-se de pé, bloqueando a passagem, até que o passageiro percebeu que se enganara. Kathleen nada dissera, mas sua face ficara intumescida como a de um animal acuado.

Não gostava de viajar em companhia de estranhos, sentia-se de alguma forma ameaçada. Por outro lado, a idéia de travar relações com um desconhecido e dividir com ele um quarto de dormir era até certo ponto excitante, no entanto, entre experimentar o inusitado e resguardar sua intimidade, Kathleen preferiu sempre a solidão.

Mesmo ao lado de Paul, sentia-se mal em quartos de hotel, parecia que até seu marido deixava de ser quem era para ser alguém diferente e estranho. Para ela, Paul era aquele que dormia a seu lado no apartamento de Paris, dividindo com ela odores e perfumes costumeiros; prateleiras

e cabides, escovas e shampoos, espelhos e chinelas fofas, abraçando-a suavemente na cama normanda de pesada cabeceira de carvalho, ou fazendo amor com ela sobre o impecável linho bordado dos lençóis. Com esse homem, sentia-se à vontade em todos os sentidos, mas desde que no ambiente que ambos criaram.

Sobre o grosso tapete de carneiro, que cobria o quarto inteiro, havia um invisível roteiro de gestos, marcas repetidamente assinaladas de seus pés e dos dele, registro de um percurso de vida estável e aprazível. Era preciso que todos os dias, todas as semanas os dois refizessem aquele percurso, que se estendia, é claro, ao restante do apartamento, ao terraço, à adega no subsolo, e desgarrava-se dali em sutis transbordamentos que os dirigia aos restaurantes costumeiros, às casas dos amigos mais chegados, às compras, à boulangerie, ao coiffure, aos assuntos profissionais do marido, ao golfe.

Monotonia? Kathleen tinha competência para a sutil escatologia da realidade sempre que sentia que a culpa de seus bocejos era dela e dele. E Paul parecia entender que havia mil maneiras de ir ao mesmo restaurante, sentar na mesma mesa e pedir a mesma comida ao mesmo garçom. É como se a realidade, para Kathleen, fosse construída em camadas, que se arrancavam do objeto quando não mais valia a pena mantê-las. Descamado o mundo falso, moribundo e fastidioso, uma nova pele reluzente e inexplorada refulgia. Arrancada essa última, aparecia outra mais surpreendente. E ela se comovia com essas pequenas descobertas.

Bastava, por exemplo, abordar o costumeiro e mecânico garçom da maneira certa para arrancar dele mais do que uma

confissão gastronômica. Sim, atrás, logo atrás do cravo salmão da lapela do dinner jacket de certo garçom havia uma quase imperceptível mancha vermelha de batom. Recentemente, talvez naquele mesmo dia em que ela e Paul jantavam, alguém dele se aproximara e resvalara inadvertidamente seus lábios ali. Kathleen olhara fixamente para aquele ponto e depois fixamente para o garçom, que se deu conta de que ela havia percebido. Kathleen tinha os olhos vivos e provocativos, e quase sorria.

O garçom mordeu os lábios, perturbou-se como um colegial, mas retribuiu com um sorriso. Na vez seguinte em que ela e Paul foram ao mesmo restaurante, Kathleen interpelou novamente o garçom sobre a boca avermelhada em seu costume. Ele respondeu simplesmente que depois que sua namorada, em meio a um desentendimento sério, chorara e tocara com sua boca úmida aquela lapela branca, deixando aquele marca, eles fizeram as pazes. Nessa ocasião, ele também disse a Kathleen que se iriam casar. Kathleen ficou, como de hábito, comovida.

Nas vezes subseqüentes, ela continuou a desvendar o mundo afetivo do serviçal, adquirindo, com grande habilidade e economia de recursos de persuasão, um razoável conhecimento acerca da vida sentimental daquele sujeito sempre cordato, sempre vestido de branco com um cravo na lapela. Paul sentia-se por vezes desconcertado com a maneira aliciante com que Kathleen manobrava à frente de seus interlocutores, mas essa era uma das muitas coisas que faziam o viver ao lado dela divertido.

O tritão estava ali, sobre seu peito, imóvel. Ela voltou a

olhá-lo fixamente. Em certo momento parecia querer dizer-lhe algo, como uma criança que sussurrasse para seu bicho de pelúcia, mas seus lábios permaneceram cerrados. Cerrados e frios. Depois Kathleen fechou os olhos buscando não pensar em nada, mas não conseguiu. Enquanto tentava inutilmente enxotar as mil idéias e imagens que passava em re- vista, os motores do Killian II empurravam o barco para fora das docas, a caminho do oceano.

Uma dessas imagens era a de sua mãe, que se encontrava deitada. Havia pessoas semelhantes a espectros circulando ao redor dela; essas pessoas conversavam, mas ela não conseguia ouvir uma úníca palavra do que diziam, eram apenas imagens atiradas contra sua mente.

Seu pai estava lá, mas parecia também um espectro. Kathleen girou o corpo para o lado, expulsou essa última cena da cabeça e conseguiu, apesar de freqüentes sobressaltos, dormir até a hora do jantar.

Lucien, depositada a bagagem ao pé da cama, retirada a roupa pesada de inverno, o cachecol, as luvas, estira-se sobre o beliche da cabine. Cansaço, umidade corrosiva nos ossos, como se estivesse em um claustro. O espaço exíguo da acomodação fê-lo lembrar com força de Su Ian.

Lucien estreitou o travesseiro contra o rosto, ausente o perfume de sândalo que por vezes os cabelos dela exalavam; lembrou-se de seu rosto desenhado na amplitude da neve dos Alpes, como uma verdade inquestionável e eterna e que por causa disso parecia belo; de suas mãos brancas e afiladas,

que sempre desapareciam sob as mangas, no interior dos bolsos, como se ela tivesse algo para esconder do mundo. Exceto daquele vez em que, sentada sobre o estreito parapeito da janela do chalé de Le Betex, tamborilava sobre a vidraça com suas unhas pintadas de escarlate -- e o fazia como se afrontasse o tempo --, enquanto Lucien a observava longa- mente, procurando decifrar o estado de ânimo que aquelas batidas traduziam.

Procurou ouvir novamente Su Ian tamborilando contra o vidro, com suas unhas vermelhas. Discerniu apenas um distante ribombar de um tambor de cristal, cujo ruído logo se confundiu com o de golpes, firmes mas ainda assim longínquos, de um lavrador abatendo um pinheiro na neve.

Quando o barco levantou ferros, Lucien dormitava e em seu sonho exibiam-se igrejas e catedrais, como em uma aula de história da arte do Professor Mirabeau. Eram nomes e detalhes arquitetônicos, plantas baixas e fotos panorâmicas; todo um ano letivo de informações, em que desfilavam Issoire, Moissac, Sens, Paris, Laon, Noyon, Senlis, Saint-Sernin de Toulouse; os portais de Saint-Gilles; os mosaicos de Lescar, os murais de Saint-Plancard, as iluminuras de Saint-Martial de Limoges, as catedrais de Chartres, de Amiens, de Reims, de Rouen, de Bourges, de Beauvais, de Saint-Denis.

O tamborilar dos dedos de Su Ian, que embalou e adentrou o sonho de Lucien, cedeu lugar a uma música de órgão arrebatadora. Os olhos do sonho viram uma multidão espremida entre as colunas e bancos da Notre-Dame de Paris para ouvir Pérotin, a quem um mestre-de-cerimônias

introduzia com respeito e pompa. Com pompa também foram anunciados os arcebispos de Reims, de Rouen, de Sens; os bispos de Auxerre, de Chartres e de Orléans; os condes de Flandres, de Mâcon, de Bar, de Blois e de Champagne; e os duques da Bourgogne e da Bretagne. Todos foram acomodados nas primeiras fileiras, junto à nave. Só faltava a presença magna de Philippe Auguste.

O aviso de que o bar, o free shop e outros serviços já estavam em funcionamento ecoou muito audivelmente pelos corredores do Saint Killian II, fazendo ruir as catedrais, com seus pórticos e vitrais; imediatamente o clero e a nobreza sumiram sob a enodoada entretela do tempo, e por instantes não havia nada, além da música do organista Pérotin. A música e uma escuridão negra. Depois ainda nem mesmo a música subsistia, apenas uma noite que agonizava em pleno mar.

Ele estremunhou dos escombros do sonho, e se deu conta de que o barco oscilava lentamente, cortando as ondas; que estava de fato a caminho da Irlanda. Logo em seguida ouviu seu nome nos alto-falantes, pronunciado uma, duas, três vezes. A convocação se repetiu novamente. Pediam seu comparecimento na recepção, para retirar uma carta que lhe era endereçada.

Manoel, uma ducha no exíguo banheiro da cabine, olhos cerrados para um balanço desordenado do que vira e sentira nos últimos tempos. Calor e frio, umidade e vertigem. Lembranças disparatadas da Rua Almeida e Souza, 33, 4o.

andar; o rosto de Albano Aires, sempre enfurecido; de Dona Maria Luíza ao se despedir dele. Despedir-se para quê? Partir para onde, enfim? Não havia nada mais estúpido do que aquela viagem sem finalidade. E que ocorria num momento inoportuno, quando estava principiando a reorganizar sua vida. Por que não ficara em Paris, no apartamento de Lucinha, levando a vida sem qualquer compromisso com a amante ou com coisa alguma? Teria sido melhor. A viagem de barco incomo- dava-o, impacientava-o. Cerrou ainda mais os olhos, como se com esse gesto pudesse alijar do mundo as coisas mal postas. Fechou o registro de água do banheiro e se recordou de longos momentos de solidão como jogador do Sheffield Wednesday, quando o viver em grupo por vezes se tornava um suplício, porque justamente realçava a inexorável incomunicabilidade fora do campo de futebol.

Do esporte saltou para a entrevista que dera ao Paiva. Sentiu o cheiro da comida do restaurante, ouviu as vozes, viu-se no estádio, posando para as fotos; repassou mentalmente a proposta que o jornalista lhe fizera. Enterneceu-se com ela, mas ao mesmo tempo seu coração bateu mais apressado. Lembrou-se de Maria de Fátima. Fora ela, em suma, quem o estimulara a partir. Se tivesse refletido mais, teria recusado participar do jogo proposto pelo homem com iniciais J. B. H.

Não, não era verdade, refletiu melhor. Ela não tivera nada com isso. Queria jogar; estava em seu sangue. Queria saborear a pequena aventura, decifrar as incógnitas, competir sem ser visto, ganhar nem que fosse uma flâmula de papel, uma moeda sem valor, uma lembrança de mau gosto.

Com a toalha molhada envolta na cintura e o torso nu,

Manoel acabou dormindo.

Sá-Carneiro visitava-o no sonho, amiúde, mas nessa oportunidade não estava ali, à frente, de corpo inteiro, como sempre o fazia, exibindo-se como uma criança delicada e triste. Havia apenas uma voz que saía do estômago de Manoel e chegava à garganta. As palavras que ela dizia sufocavam-no, quase como se fosse o outro e o sentido profundo delas ele próprio fabricasse.

Gostava tanto de mexer na vida,
De ser quem sou -- mas de poder tocar-lhe...
E não há forma: cada vez perdida
Mais a destreza de saber pegar-lhe...

Viver em casa como toda a gente --
Nao ter juízo nos meus livros -- mas
Chegar ao fim do mês sempre com as
Despesas pagas religiosamente...

Não ter receio de seguir pequenas
E convidá-las para me pôr nelas --
A minha Torre ebúrnea abrir janelas,
Numa palavra, e não fazer mais cenas.

Ter força num dia pra quebrar as roscas
Desta engrenagem que empenando vai.
-- Não mandar telegramas ao meu Pai,
-- Não andar por Paris, como ando, às moscas.

Seu pai bateu à porta de seu quarto, ordenando-lhe que se

levantasse, pois já eram horas de homem se pôr a trabalhar. Dona Maria Luíza apareceu em seu socorro:

-- "O que é que tu pretendes fazer, meu filho?" indaga docemente, ao ver a mala sobre a cama.

-- "Decidi partir mais cedo, não há mais nada que me prenda em Lisboa".

O pai virou-lhe as costas e se retirou. Sua mãe, percebeu ele, tinha um chapéu de feltro nas mãos.

-- "Não queres levar para a viagem?"

Joe mal dormira a noite passada, às voltas com a saúde de Kate, que tivera dores terríveis no peito e no braço esquerdo, após ter sabido por Paul que Kathleen desfalecera numa praça em Paris.

A proximidade física com a mulher incomodava-o enormemente, mas devido ao cansaço físico, ou talvez por se sentir de volta ao lar, o fato é que Joe cuidou de sua mulher como se a união de ambos não fosse coisa do passado.

Na manhã seguinte, Huddleston, médico da família, viera examinar Kate bem cedo, o que obrigou Joe a se pôr de pé antes da hora que pretendia, já que havia colocado a cabeça no travesseiro quase ao alvorecer. Depois da consulta, puxou Joe pelo braço e desceu as escadas sem nada dizer. À porta da rua, com seu modo sucinto, adstringente e direto, Huddleston recomendou repouso, exames e soprou nos ouvidos sonolentos de Joe, que trazia uma torrada mordida numa das mãos, que ela provavelmente tivera uma isquemia do miocárdio, mas que só teria condições de avaliar o quadro após um eletrocardiograma, que deveria ser marcado logo que possível. A hipótese de internamento não estava

descartada. Por último, já com a chave de seu carro nas mãos, o médico desejou bom apetite a Joe e se foi.

Tendo Kate sido assistida devidamente; ultrapassado o momento mais agudo, a rotina doméstica voltou ao que sempre fora nos últimos anos, exceto pelo fato de que Joe não ouvia os passos da mulher pela casa.

Mais tarde, Gepeto entrou em seu pequeno ateliê e se pôs a ouvir Mozart, enquanto, sentado em sua escrivaninha, folheava um álbum de fotos de Kathleen e Stephy. Várias das fotos estampavam Kathleen com aproximadamente 10 ou 11 anos, época em que a relação dela com o pai girava ao redor das histórias e lendas que Gepeto lhe contava.

Era com freqüência perturbadora que Kathleen abordava o pai para que lhe contasse histórias. Demonstrava especial predileção pela doce lenda dos filhos de Lir, que se transformavam em cisnes. Stephy, quando tinha a mesma idade da irmã, pouco antes de morrer, preferia histórias em que a violência e a valentia imperavam, como as do guerreiro Finn MacCool. Mesmo depois de casada, Kathleen jamais deixou de gostar daquela narrativa e muito recentemente arrancou do pai a promessa de que esculpiria um par de cisnes imponentes, imensos. Depois, corrrigiu-se. Queria-os pequenos, para deixá-los sobre seu criado-mudo, no apartamento de Paris, para que assim ela sempre se lembrasse dos filhos de Lir.

Gepeto considerou que talvez fosse o momento de cumprir aquela promessa. Ergueu-se da escrivaninha e se dirigiu à estante, em busca de referências sobre os cisnes. Abraçou uma pilha de velhas revistas e um compêndio ilustrado sobre aves européias e os transportou até sua mesa, passando a folhear as primeiras ao acaso.

Contudo, a lembrança do problema físico da filha travava seu espírito, enchia-o de crescente pessimismo e desalento. Então não bastava ao destino levar Stephy? Era preciso sacrificar também mãe e irmã? Joe fechou com violência a revista que tinha à frente e colocou a palma das duas mãos sobre os olhos. Não, a verdade é que Kathleen fora irresponsável. Paul inúmeras vezes alertara-o sobre isso: sua filha não tomava as devidas precauções, embora soubesse que poderia morrer ou ficar cega a qualquer momento, em uma crise mais aguda de diabetes. Bastava um descuido, para que ela perdesse a vida, ou prejudicasse irreparavelmente seu futuro. Quando ficou sabendo do ocorrido, naquela madrugada, pelos lábios trêmulos de Kate, Joe chegou a pensar por um momento em ir ele próprio de avião até Le Havre e em- barcar com Kathleen, aproveitando a demorada travessia entre a costa francesa e Rosslare para conversar com ela sem a interferência da mãe. Entretanto desistiu, considerando que teriam muito tempo para dialogar quando ela chegasse a Dublin, no dia seguinte.

De qualquer modo, a espera passiva pela filha e o estado de Kate o angustiavam. Depois daquele telefonema de Paul, a mãe de Kathleen parecia ter envelhecido ainda mais. Presenciar uma velha alquebrada pela vida, com ares de quem estavas prestes a morrer era um cenário cruel. Mais cruel ainda quando Joe pensava que para que o cenário estivesse completo, faltava apenas sua presença, também moribunda.

Procurou expulsar esse pensamento, voltando-se para o problema de Kathleen.

Estaria ela sofrendo a tal ponto que perdera sua auto-estima? Como poderia ela ter-se esquecido de se alimentar?

Provavelmente a história não estava suficientemente esclarecida. Talvez seu desmaio decorresse exclusivamente do diabetes. Talvez ela tivesse ingerido álcool, excitada como se encontrava com a anônima perseguição de Lucien pelas ruas.

Por que não, pensar que Paul não dissera a verdade sobre a saúde de Kathleen, com o fito de suavizar o impacto da notícia? Que graves problemas enfrentava ela a ponto de desprezar sua própria saúde? Não, estava conjecturando para além da conta. Estava tirando conclusões apressadas. Kathleen era estouvada e melodramática, mas era uma jovem feliz. Fora uma fatalidade, uma imprudência, excesso de autoconfiança, apenas isso.

Joe apoiou os cotovelos na mesa e olhou para a janela, através da qual se avistava um carvalho iluminado até a vertigem, coalhado de pequenas folhas nascentes imóveis, como à espera de uma definição.

Nesse instante, Joe ouviu Kate chamando seu nome, no quarto vizinho. Ergueu-se da escrivaninha e foi ter com ela. "Sabia que nossa filha perdeu meu camafeu quando desmaiou?" indagou Kate. "Sim, você já disse isso", respondeu ele. "Disse?" "Sim, mas que importância tem isso, no final das contas?" questionou Joe demonstrando impaciência, embora soubesse que Kate dissera aquilo porque estava à procura de um subterfúgio qualquer que propiciasse uma conversação, uma troca de palavras, com quem quer que fosse, no intuito de afastar de seu coração o velho sentimento de morte rondando.

Depois o silêncio desabou sobre os dois, estendendo-se pelo piso de tábuas, pela parede úmida, pelos móveis, até que a certa altura, no princípio da tarde, uma chaleira começou a

apitar na cozinha da casa.

Kathleen, de olhos bem abertos, olhava para o tritão de esteatita esverdeada e raiada de nervuras brancas luminosas. O pequeno anfíbio parecia ter acabado de emergir do oceano, tal a textura do material, cujas ranhuras pareciam filetes de água escorrendo pelo corpo liso ao toque, mas de aparência rugosa, quando visto à distância.

Seu pai tinha realmente engenho e sorte para encontrar materiais adequados a suas criações; sabia fazer aflorar toda a complexidade dos minerais em seu estado natural; da madeira e das ligas metálicas.

Certa vez, dissera ele em tom secreto e mofino, com o braço à volta da cintura da filha, enquanto cruzavam o jardim olhando distraidamente as paredes de tijolo vermelho da casa, que antes de mais nada era um alquimista. Kathleen intranqüilizara-se com essa declaração; era como se algo fundamental, ligado a seu pai, lhe escapasse pelos dedos sem que ela pudesse decifrar.

Incomodara-a também a maneira com que Gepeto afirmara aquilo, que soara como um disfarce que escamoteava o que de fato não disse, talvez porque não queria que fosse revelado.

Haveria algum elo mental secreto entre o artesão e a idéia, que não pudesse ser explicado através de simples palavras? Seria isso o que seu pai queria lhe dizer com toda aquela nonchalance? Com certeza, seu discurso íngreme não podia ser entendido ao pé da letra. Kathleen tinha consciência

disso, mas não atinava com o significado recôndito do que Gepeto dissera.

Só meses depois, quando já em Paris, e se recordando desse dia, lembrou-se ela muito oportunamente de que o sinônimo de alquimia, espagíria, proveniente do grego, era uma palavra construída a partir da combinação de dois verbos: arrancar e juntar. O sentido que seu pai dera não podia ser outro: arrancar da pedra ou do metal a coesão e organização fatais. Era isso o que o artesão-alquimista sabia fazer: libertar da pedra o ser que estava escondido nela. A forma (eidos) já está na coisa, também sua essência (ousia). Isso era o bom Aristóteles, concluíra Kathleen tempos atrás.

E ali, naquela cabine de barco, espiando com os olhos vermelhos de dormir aquele tritão muito bem acomodado sobre a região intermediária dos seios, aquelas cogitações aristotélicas refluíram misturadas com outras lembranças e pensamentos desordenados, entre os quais o mais doloroso era o que mais amiúde aflorava: o de saber que não poderia gerar filhos.

Quando casou-se com Paul, ficou assente entre ambos que não falariam em gravidez nos primeiros anos, pois eram muito jovens. Quando finalmente o assunto rebrotou, Kathleen firmou sua posição argumentando que não gostaria de ter um filho com os mesmos problemas de saúde que ela. A essa altura, ela talvez já temesse investigar a fundo a questão, com receio da verdade. Paul não se curvou à vontade da mulher, até que a convenceu a realizar exames. Foi diagnosticada sua incapacidade de gerar filhos, devido ao diabetes. Um segundo médico confirmou o diagnóstico do primeiro. Paul conformou-se, mas Kathleen não.

A esterilidade não era mais uma opção; passara a ser um

destino. E ela não o queria aceitar. Contudo, guardou seu segredo a sete chaves, obrigando Paul a fazer o mesmo, de modo que seus pais jamais suspeitaram que Kathleen fosse estéril, atribuindo a ausência de filhos a um capricho passageiro da filha.

Certa feita, em uma noite de Natal, esse assunto veio à mesa e Kate acusou-a de agir com crueldade, recusando-se a lhe dar netos, mas nem mesmo após tão desconcertante acusação Kathleen revelou seu segredo. Manter a verdade escondida das vistas de todos era um ônus pesado para ela e Paul.

Durante aquela travessia de pouco mais de vinte horas, Kathleen pretendia repensar sua posição, pois sentia não poder mais se calar. Seria justo para ela carregar o fardo sozinha? Seria justo para seus pais ouvirem toda a verdade, num momento de sua vidas em que praticamente nada mais restava daquilo que as pessoas chamam de futuro, ou de planos?

Seu pai, ao menos seu pai, deveria saber a verdade, ele entenderia, mas talvez não resistisse a ela. Viver com a lembrança da morte de Stephen já era demais para ele, como exigir mais de seu coração e nervos?

O tritão está ali, domesticado sobre seu peito, Kathleen tem a mão direita sobre o dorso do animal, aninha-o sobre seu regaço macio.

A costa francesa desapareceu completamente de vista. Por todos os lados o mar.

Fechou os olhos, viu-se mergulhada em um vidro de insulina, no interior do qual, apesar de tudo, respirava

normalmente, como um batráquio, mas desde que não se excitasse com coisa alguma. Fora dali, a vida era atraente, mas perigosa, uma vez que convocava Kathleen para uma aventura que seria sabidamente fatal.

Se acatasse a convocação da vida, viveria pouco, e a tristeza de se saber sempre sob o risco de vir a morrer não a deixaria gozar dos momentos de súbita liberdade. Se se recusasse; se optasse pelo rumo da moderação, estava escravizada a uma vida em que o teor de glicose em seu sangue seria sempre, forçosamente, o centro de interesse de cada uma de suas horas. Era como viver em um laboratório ambulante, e tudo o mais, inclusive seu casamento, ficasse numa sala de espera contígua, aguardando o próximo relatório clínico.

Lucien, vestido com uma grossa malha de lã, voltou da recepção com a carta de J. B. H. nas mãos. Dirigiu-se ao bar do navio e solicitou uma Guinness. Não notou que a poucos metros dali um homem de óculos tinha um envelope igual ao dele sobre a bancada.

Foi preciso que Lucien lesse mais uma vez seu nome no sobrescrito, e relesse as iniciais de Joe gravadas no lado esquerdo do envelope, acima do número de uma caixa postal em Dublin, para que se construísse definitivamente em seu cérebro uma verdade insofismável doravante: o jogo de fato existia.

Abriu então a carta:

Dublin, 3 de abril de 1990.

Prezado Senhor Lucien Sorel

O jogo de Dublin está começando agora. Peço-lhe portanto que leia com atenção esta segunda carta que faço chegar a suas mãos no exato momento em que está abandonando o solo francês. Esta será a segunda de uma série de mensagens; leia com atenção tudo o que lhe escrever, pois tudo o que disser será vital para seu sucesso.

Em primeiro lugar, quero que registre o nome Iona House. Este será seu hotel em Dublin.

Sua primeira impressão fora até certo ponto desnorteante, não porque imaginara que iria competir por um baú de pedras preciosas, mas porque esperava que o patrocinador o abordasse em um tom menos ambíguo, ainda que aliciante e conciliador.

Parecia uma carta de um velho tio distante, apresentando-se e buscando uma aproximação, um reatamento de relações perdidas sob a pátina do tempo. Incomodava-o também o fato de que àquela altura, estando já a caminho da Irlanda, ainda desconhecesse que espécie de jogo teria que jogar. Lucien dobrou o envelope, pagou a cerveja e saiu. Apesar de tudo sentia-se bem, e com as duas mãos para trás avançava sem pressa pelos corredores, como um general em vilegiatura.

Ao bater os olhos no cardápio do restaurante, exposto à entrada, imaginou-se por um momento como um turista despreocupado, devotado ao merecido ócio. Não empurrou a porta de vidro, apenas olhou através dela as mesas redondas, muito próximas umas das outras, guarnecidas com toalhas do mais puro linho irlandês, e com uma porcelana branca e azul, sobre a qual se equilibravam guardanapos em formato de chapéu. Taças de cristal facetado, candelabros e um discreto arranjo de acácias compunham as mesas, na grande maioria ainda desocupadas. Havia apenas um casal de idade, bem ao centro do salão, manuseando sem pressa o cardápio, supervisionados pelo maître a uma conveniente distância.

Lucien afastou seu rosto do vidro e prosseguiu em seu passeio, que acabou novamente no balcão do pub. A essa altura, as banquetas em volta do balcão estavam todas ocupadas. Casais provavelmente de irlandeses bebiam numa ponta, enquanto um menino de aproximadamente oito anos negociava duramente com sua mãe um passeio longe dali, chutando com o bico do sapato a banqueta em que ela se acomodara. Nos assentos subseqüentes, jovens com mochilas coloridas, de procedência inglesa ou talvez francesa, debruçavam-se sobre copos, cinzeiros e folhetos de viagem. Na outra ponta, homens corpulentos, escondidos sob espessa cortina de fumaça, comportavam-se como velhos freqüentadores do local.

Lucien forçou com o corpo uma abertura suficiente junto ao balcão, para que pudesse introduzir um de seus ombros. Quando teve sucesso, atirou um dos braços pela fenda e gesticulou com ênfase de modo a chamar a atenção do barman.

Instantes depois, já servido, ficou vago um assento a seu

lado. Lucien antecipou-se aos demais interessados e tomou posse dele.

Manoel deu-se conta, logo ao acordar, de que seu nome, muito mal pronunciado, era insistentemente repetido pelo serviço de comunicação de bordo. Já sabia do que se tratava. Assentou os óculos sobre o nariz, arrancou novas roupas da mala, vestiu-se e foi até a recepção, enfiando no bolso da calça larga de veludo o envelope que lhe foi entregue. Não teve pressa em abri-lo. Ingeriu antes dois copos de Banks's. Só depois é que abriu com vigor sua correspondência e leu apressadamente a carta de J. B. H. Dobrou-a, olhou ao redor, procurando adivinhar a presença de algum rival. Ia colocá-la no bolso para lê-la mais tarde, na calma e segurança de sua cabine, mas não resistiu. Susteve o movimento, recolheu o antebraço e ergueu a aba do envelope, de onde extraiu três folhas azuis. Estendeu-as em seguida sobre o balcão, desamassando-as impacientemente com o dorso da mão.

Releu então a carta, retirando e recolocando os óculos, como sempre fazia quando brotava nele uma pontada de ansiedade ou aflição. Por vezes o dedo indicador deslizava sobre uma ou outra passagem mais intrigante. Vez ou outra erguia o papel a favor da luz, para decifrar melhor o que J. B. H. escrevera. Pobre homem, pensou Manoel repentinamente, depondo os óculos. A carta tresandava a solidão; era a mais acabada expressão do ocaso de uma vida. Colocou novamente os óculos, mas em seguida desviou os olhos do papel, servindo-se de mais cerveja.

Tentou imaginar a voz do homem que a escrevera, e que alegava ter 72 anos. Seu timbre era provavelmente grave, mas trêmulo, quase inseguro; seu ritmo, compassado e ligeiramente solene. Em seguida imaginou um rosto de criança preso entre as ferragens de um carro; o pai ferido, arrancando dos destroços o filho inconsciente ou já morto. Depois injetou naquele homem um descomunal sentimento de culpa, de quem matou o que mais amou na vida, e acrescentou a tudo isso, ainda, injunções familiares adversas, como a filha distante e as atordoantes recriminações da mulher.

Sentiu-se por um momento desconfortável, em meio a tanta dor pessoal. Seria justo, nessas condições, usufruir do dinheiro que o tal sujeito amealhara em vida? Sim, entendera que não haveria prêmio ao vencedor, mas a viagem, a estadia, tudo eram despesas. E se o velho estivesse delirando e não pudesse de fato arcar com o ônus financeiro de seu projeto e viesse a morrer por causa desse novo desgosto? Não, isso era ir longe demais.

Manoel abandonou novamente os óculos sobre a mesa. Sem eles, o mundo imediato se turvava, ganhando a aparência de um magma informe. Desse magma extraiu a hipótese de que talvez tudo não passasse de um ardil verbal para desarmar seu espírito. Sim, era mais sensato não se deixar levar pela primeira impressão. Fora J. B. H. honesto em sua carta?

Manoel voltou a recolocar os óculos, agarrando novamente as folhas de papel, como se delas pudesse extrair a von- tade secreta do missivista. Só fez, contudo, borrar as folhas com seus dedos úmidos de cerveja. De todos os modos, que diferença fazia? O sujeito explorou o partido da

franqueza. De uma franqueza que talvez fosse real, mas talvez fosse um embuste. E se assim fora, que mal faria? insistiu Manoel consigo mesmo, atirando argumentos ao acaso.

Pensando de outro modo, teria ele razão para escamotear sua verdadeira história? Se disse o que disse foi porque não se sentia mais em condições de ocultar sua dor. Talvez o motivo íntimo do jogo fosse o de simplesmente propiciar ao velho irlandês um ambiente confessional seguro, exatamente como o de uma igreja em que o pároco e o pecador mantêm relações convencionais, e onde o ato da confissão é velado e impessoal, e em que confessor e penitente não se vêem no momento crucial da exposição da culpa, justamente como ocorria naquele momento entre Manoel e o irlandês. Talvez o sujeito buscasse uma válvula de escape para seu silencioso sofrimento, imolando sua tristeza e solidão. De qualquer modo, Mr. J. B. H., ou quaisquer que fossem as verdadeiras iniciais de seu nome, não precisava ter escrito nos termos em que escreveu, não no que dizia respeito exclusivamente ao jogo. Para isso, bastaria ater-se ao essencial.

De qualquer maneira, o que haveria de mal em satisfazer a vontade do sujeito e simplesmente jogar seu jogo, sem se importar com os motivos verdadeiros que o fizeram engendrá-lo?

Afastadas, mas não dissipadas as nuvens; tomada a decisão de avançar às apalpadelas, em um jogo cujas regras ainda eram uma incógnita, Manoel retirou uma caneta do bolso interno do paletó. Com ela fez um círculo ao redor do nome do hotel em que deveria se hospedar quando chegasse a Dublin: Park Hotel. Moveu lentamente os lábios duas vezes, soletrando o nome do lugar, como se pudesse assim

adivinhar como e onde seria.

Ocorreu a Manoel que aquele era um nome muito comum. Em quase toda grande cidade do mundo de fala inglesa havia um hotel ou casa de hóspedes com aquele nome. Ele próprio já se hospedara diversas vezes em hotéis com essa denominação, alguns bons, outros nem tanto. Muitos sequer se situavam próximos a qualquer parque. Na grande maioria, ao contrário, eram hotéis mal conservados, em zonas decadentes. Cômodos pequenos, com janelas dando para paredões encardidos, ou para uma área interna, muito sombria, com pequenos vitrôs basculantes cerrados, parapeitos sujos, pombos impacientes eternamente defecando. Também eles desapontados com as acomodações. Ninguém jamais debruçado sobre as janelas, fumando um cigarro sem pressa; apenas vozes verberando de todos os lados, palavras desgovernadas, atiradas no desespero, povoando uma região limítrofe do próprio mundo. Como seria esse Park Hotel?

Guardou em seguida os papéis em seu bolso, saiu do espaço do pub, cruzou a pista de dança contígua, com suas luzes de diversas cores já acesas, à espera da música, para então girarem, apagarem e acenderem conforme o ritmo, e foi até ao fundo do salão. As luzes que deixara para trás se refletiam nos espessos vidros que davam para o exterior da embarcação; pareciam pequenos astros imóveis, multicoloridos, de uma galáxia antes insuspeitada.

Capítulo 9

Joe não conseguia fixar-se em seu trabalho. A conversa que tivera ao telefone, com Paul, há uma hora, tampouco o estimulara. Na opinião de seu genro, externada com uma franqueza que por pouco denotava rispidez, Kathleen se tornara um exemplo alarmante de irresponsabilidade. De modo algum Paul concordara com tudo aquilo, ou aceitara passivamente a idéia da mulher viajar, em tal estado de

debilidade. Por certo que a recomendação médica era repouso, dieta reforçada, atenção ao diabetes e respeito a uma rotina de vida que não incluiria por exemplo aquela aventura em alto mar. Não poderia haver dúvida sobre isso, insistiu ele. Por fim queixou-se de que Kathleen era incontrolável.

Joe sabia disso, e por um momento apiedou-se do genro, a quem habitualmente considerava excessivamente afetado. Paul perguntou-lhe se ela conversara com o pai depois do incidente. Joe protestou que não. Paul comprometeu-se a ligar para a empresa de navegação, e a buscar um meio de contato com o Saint Killian II. Joe disse que pensara em fazer o mesmo, mas que se Paul preferisse ele lhe daria as coordenadas. Joe quis mais detalhes sobre o que acontecera com a filha nas Arènes de Lutèce. Como Paul ficara sabendo? Para onde ela fora levada? Quem a atendera? E seu médico pessoal, onde estava na ocasião e o que dissera e fizera? Estaria totalmente descartada a possibilidade de ter sido um coma diabético? Caso contrário, em que medida o diabetes colaborou para o incidente. Que precauções deveriam tomar quando ela chegasse a Dublin. Joe queria franqueza

Paul buscou controlar-se. A saraivada de perguntas de seu sogro davam a ele o sentimento de que o pai de Kathleen não o tinha em grande conta e por isso nã00o confiava em seu tirocínio, o que não era de todo inverdade.

Joe deu-se conta de que estava acuando Paul e gerando um constrangimento desnecessário. Corrigiu-se logo que percebeu isso, dizendo a Paul que o perdoasse pelo interrogatório, mas era preciso que ele não se esquecesse de que Kathleen era sua filha, e que além do mais não era

saudável.

Paul foi obrigado a dizer ao sogro que não se havia esquecido de ambas as coisas. Joe recuou, houve um silêncio de amuado respeito. Paul disse que daria notícias frescas mais tarde, bastava que Joe lhe dissesse como falar com o barco. Joe abriu uma agenda e lhe explicou a quem se dirigir. Em seguida, Paul perguntou polidamente sobre o ânimo da sogra. Joe respondeu evasivamente que Kate tivera certo mal-estar, ao saber do que acontecera à filha, mas que já estava conformada e mais calma. Paul demonstrou alívio. Joe demonstrou alívio. Ficaram de conversar mais tarde, caso o genro tivesse o que contar. Desligaram ambos.

Joe depôs o telefone, apanhou um lápis de ponta extremamente delgada e permaneceu algum tempo no vazio exercício de fazê-lo passar entre os dedos, como um cão amestrado de circo enlaçado nas pernas do instrutor. O que fazer, se tanto havia para fazer e Joe não conseguia concentrar-se em nada por mais tempo do que o necessário para perceber que não estava suficientemente atento? Esperar o telefone de Paul em absoluto estado inercial só faria aumentar sua angústia. Retomar o estudo sobre os cisnes era coisa que exigia um estado de espírito diverso.

Havia também muito o que preparar para o jogo de Dublin. Não era possível, todavia, retardar mais certas decisões. Parte do que engendrara nos últimos dias estava em um bloco que guardava a sete chaves. As anotações mais recentes encontravam-se em outro bloco, que trouxera consigo da reunião com Heaver. Era urgente que concluísse o mais tardar pela manhã a lista de tarefas de Lucien e Manoel, para que a recebessem quando chegassem a seus respectivos hotéis na noite do dia seguinte.

Por outro lado, os últimos dias alimentaram nele alguns sentimentos contraditórios com relação ao jogo, talvez porque tivesse ido visitar Stephy no cemitério, talvez porque temia agora perder sua filha, talvez porque tivesse pena de Kate, e o jogo, face a tudo isso parecia um capricho desmesurado.

Veio-lhe outra vez o nome de Aquino, sempre associado ao de Joyce. Em seguida lembrou-se, também por associação, de Moisés ben Maimon, ou Maimônides, um judeu, contemporâneo de Aquino, que também labutou pela conci- liação da fé com a razão; incontinenti lembrou-se de outro nome, o de Ibn-Rusd, ou Averróis, aristotélico como os outros, só que muçulmano. Três homens, um cristão, um judeu e um muçulmano, todos contemporâneos.

O lápis que Joe tinha nas mãos se partiu. Chegara a alguma coisa, provavelmente, mas ainda não dava por ela. O que existia para além daquelas coincidências, e do fato, de magna importância, de haverem aqueles três pensadores, cada um a seu modo, introduzido Aristóteles no mundo ocidental, e dado novo rumo à Escolástica? Averróis viveu no al-Andalus, terras ibéricas em poder dos muçulmanos; Aquino tinha várias nacionalidades e nenhuma; tornou-se afamado na França, embora tivesse nascido nos domínios do Santo Império; fugiu da casa paterna acossado pelos irmãos. Maimônides nascera em Córdoba, dali emigrando, perseguido pelos almôadas, que queriam forçá-lo a trocar o judaísmo pelo islamismo. Três homens, todos da Idade Média, todos aristo- télicos, todos ocupados com investigar a relação entre verdade filosófica e religiosa, todos de certa maneira exilados, arrancados de suas mais fundas raízes, vivendo enormes contradições do ponto de vista social e

religioso.

Aquele traço comum biográfico entre eles, aquele elo, a vivência no exílio, resultara na revelação para o mundo de um dinamismo mental que cada um possuía, e modificara magicamente suas vidas; além disso, não era menos importante constatar que embora o exílio não explicasse as coincidências históricas, o estado de revelação que propiciou uniu-os como homens de carne e osso. O viver desenraizado, avaliou Joe, embora talvez não provocasse necessariamente sofrimento, poderia vir a ser uma experiência cumulativa de fortes conseqüências, porque se sedimentava sobre a vivência anterior, transformando seu sentido e aumentando muitas vezes a potência da vivência derradeira. Era como viver em dobro; como um arbusto da tundra, transplantado para o meridiano europeu, ou uma ave tropical empurrada para o Ártico, ambos sobreviventes, ambos trazendo para sua nova vida a memória e os condicionamentos biológico-estruturais da vida pregressa, dando por isso origem a um ser com uma natureza mais complexa e perfeita. O exílio poderia, com efeito, ser uma experiência existencial única e profunda, uma força motriz a impulsionar o espírito; a conduzir o indivíduo a projetar para fora de si a dimensão desconhecida de si mesmo, como ocorreu a Averróis, a Aquino, a Joyce, a Maimônides. Modificara essencialmente aqueles três escolásticos; mudara Joyce, preparara-o para o *Ulysses*. Pulj, antiga Pola, Roma, Trieste, Zurich e Paris revigoraram sua sensibilidade para melhor ver Dublin e o mundo. Joyce: judeu errante, católico perverso, realizando arte no limite de sua radicalidade pessoal; superando-a por vezes.

Talvez, respeitadas as inúmeras e enormes diferenças

entre ele e aqueles três grandes homens, devesse se exilar. Fugir, romper as correntes que o mantinham ali, e por exemplo ir viver seus últimos anos de vida em Paris, junto de sua filha; ou mudar-se para perto de Mary McNulty. Alugaria uma casa junto ao mar. Com isso, ficaria também próximo do cemitério de Rahoon, de Stephy.

Quando o telefone tocou, parecia que uma arma afiada e fatal acabara de cortar com violência o tecido de idéias que Joe alinhava no tear mental. O artesão depôs desordenadamente em um socavão do espírito o que vinha urdindo e atendeu. Era Paul, novamente.

Não conseguira falar com Kathleen, mas chegara a conversar com o comissário chefe, Mr. Kevin Duffy, que assegurou tê-la visto, conversado com ela por alguns instantes, garantindo ainda que ela parecia bem, apenas um pouco pálida e cansada. Ficaria de sobreaviso. Qualquer imprevisto, Kevin Duffy comprometia-se a telefonar imediatamente para Paris, ou avisaria o pai em Dublin.

No entanto, Paul deixou claro que estava alarmado com o fato de Mr. Duffy não a ter encontrado depois disso. Pediu-lhe que a procurasse no pub, na cafeteria ou no restaurante do barco, pois tinha certeza de que Kathleen tramava algo contra si própria, e o melhor meio de fazê-lo era ingerindo o que lhe era vedado. O comissário prometeu revirar o barco até encontrá-la. Joe agradeceu e ambos desligaram.

Então, como ele supunha, sua filha não era feliz. Havia mais alguma coisa a respeito dela que Paul sabia, mas que não queria revelar.

O artesão sentiu-se ainda mais angustiado com tudo aquilo. Teve ímpetos de se levantar, tomar o carro e ir até Rosslare, para ali ficar à espera do ferry-boat que traria sua

filha da França.

Mas de quê adiantaria isso agora, se o barco só chegaria no meio da tarde de amanhã? E Kate? Teria ele coragem de deixá-la sozinha naquele estado?

Era preciso acalmar-se, apesar de tudo.

Instantes depois, já resignado, Joe começou a folhear o primeiro dos blocos de anotações sobre o jogo. Leu as primeiras linhas rascunhadas: 'um homem, uma torre, o início da vida. Onde fica esse lugar, quem é o homem?'

Parecia excessivamente óbvio; o autor era o mais contestado do país, a torre era Martello. Joe riscou com um lápis vermelho as primeiras linhas, eliminando-as, e continuou: 'sob o móvel em que se encontra o mais raro e belo livro irlandês há uma folha de papel dobrada oito vezes. Abra-a, leia e decifre o endereço que ali se encontra'.

Essa charada pareceu-lhe também muito evidente, já que o mais belo livro irlandês, qualquer um sabia disso, só poderia ser o *Book of Kells*, exibido em uma vitrine no interior da mais antiga das bibliotecas da Trinity College.

No entanto decidiu que a utilizaria. O endereço, que era o passo seguinte, estava sob uma forma velada e talvez representasse alguma dificuldade compatível com o jogo. Aquele que decifrasse iria ao lugar certo: Davy Byrne's, na 21, Duke Street, onde procuraria em uma das três salas uma escultura de parede lembrando uma colméia gigante. 'No sétimo favo, contando-se a partir do mais alto à esquerda, na linha vertical, há um novo bilhete, e uma nova adivinhação, que deve ser lida e abandonada no mesmo lugar, para que o outro concorrente tenha iguais chances.' Não descartaria essa

nova adivinhação, também.

Kate, que passara o dia todo na cama, onde fizera uma leve refeição no fim do dia, subitamente interrompeu as reflexões de Joe no ateliê. Quando abriu a porta, Joe cobriu com as mãos, instintivamente, como um colegial, o que estava lendo. "Sinto-me fraca", disse ela, com compungida solenidade, não deixando transparecer que se sentira desconcertada ao perceber mais uma vez que o marido, apesar das inúmeras vicissitudes da vida, sabia socorrer-se de seu mundo, preenchido quase sempre por sua arte e por suas divagações insuspeitadas.

Foi portanto com falsa neutralidade e afetada deferência que disse, tão logo percebeu que sua declaração de fragilidade não o sensibilizara de modo algum: "se souber de alguma coisa de nossa filha, não deixe de me avisar", acrescentando logo em seguida: "a qualquer hora".

Joe fez um sinal com a cabeça, que poderia significar várias coisas, dentre elas que Kate o deixasse em paz, ou simples que não tencionava colocar a mulher ao corrrente dos fatos.

Kathleen abriu os olhos, buscou o interruptor, acendeu todas as luzes da cabine, tirou uma seringa da valise e mecanicamente injetou em seu braço esquerdo uma dose de insulina. Somente depois de fazê-lo é que se deu conta de que não havia medido o nível de glicose. Poderia ficar hipoglicêmica, pensou desalentada; e isso era quase tão ruim quanto o inverso.

Não agüentava mais tudo aquilo. Parecia que sozinha o fardo do diabetes se tornava ainda pior de suportar. Era estúpido e dramático ao mesmo tempo: a insulina aprisionava-a a uma rotina insustentável.

Que horas seriam? Deveria ter ligado para Paul e para seu pai, mas não o fez por puro desejo de praticar uma contravenção familiar. A certa altura do sono pensou ter ouvido claramente seu nome, e depois, ou antes, o som de batidas à porta da cabine; ou terão sido os cabides do armário, cujas portas insistem em não permanecer fechadas. Sua cabeça gira, negras manchas encobrem sua visão, e o aquecimento da cabine lança no ar um bafio enjoativo. Sua testa está fria, ou quente. Não, são suores frios, mas um calor insuportável sobe pelas axilas, enquanto um fio gélido escorre pela panturrilha, agitando seu corpo e fazendo seus joelhos tremerem. Seu corpo dói; desde que a levaram para o hospital sente que seu corpo não é mais o mesmo. Talvez devesse ter ficado em repouso, mas não queria perder a chance de fazer algo por ela mesma. Se pudesse, dividir-se-ia em duas, em quatro, talvez. A primeira seria boazinha e cuidaria de si com zelo; a segunda repensaria com afinco sua existência de mulher estéril, faria com que enfrentasse o problema de uma vez por todas; a terceira desceria até o bar, beberia e dançaria com um desconhecido, a quarta se incumbiria de fazer o que combinara com seu pai, e o faria com perfeição inesperada, conseguindo ao mesmo tempo relacionar-se com os competidores e manter absolutamente a salvo sua identidade.

Não, não era o bastante; era preciso uma quinta, que desse atenção a Paul, e uma sexta que fizesse o mesmo com seu pai, e uma sétima, que lhe explicasse porque nunca ousou

medir a profundidade da dor que fora a perda do irmão mais velho. Positivamente sentia-se tonta. Talvez estivesse somente com fome. Resolveu por via das dúvidas medir o nível de glicose. O resultado era esperado: hipoglicemia. Precisava de cautela, regime e repouso. Decidiu pelo jogo, pelo bar, pelo movimento; decidiu que não falaria nem com Paul, nem com seu pai.

Entendera ela que aquele telefonema que dera ao marido, logo que subira no barco, fora o bastante. Paul estava desarmado e por isso Kathleen conseguira dobrar e subjugar sua vontade.

Agora seria diferente. Paul muito provavelmente já falara com seu pai, arregimentando suas tropas vorazes de lógica e senso, e a emboscaria. Se ligasse para ele, talvez Paul exigisse que tomasse o primeiro avião e voltasse para Paris. Talvez a ameaçasse, pensou Kathleen, apenas para esconder-se atrás de hipóteses que já de antemão sabia improváveis. Paul jamais a obrigaria a nada, não era esse seu feitio. Nesse momento, porém, isso pouco importava. Qualquer subterfúgio valia para que Kathleen se mantivesse segura em sua provisória solidão.

Queria muito, naquelas horas que a separavam de seu país de nascimento, adotar uma postura grave para consigo mesma; pensar na vida e na morte como se fossem ambas entidades com as quais mantinha um relacionamento íntimo. Mas queria também, inegavelmente, diluir seus impulsos vitais na expectativa do jogo que seu pai inventara. Decidiu que vida e morte aguardariam um instante de recolhimento mais propício. Kathleen então se pôs de pé, lavou o rosto com uma água gélida que caía debilmente da torneira. Em seguida, experimentou uma peruca ruiva que trouxera. No

espelho, viu suas feições pálidas e cansadas, mas já não via mais com nitidez sua história. Enfiou um par de calças vermelhas, muito justas, uma blusa de gola branca, de grossa lã, para enfrentar a eventualidade de alguma escotilha mal vedada, ou de algum compartimento não aquecido. Sobre a peruca, uma boina azul, que entretanto não escondia os fios de cabelos ruivos, caindo perpendiculares como moldura frisada ao redor de seu rosto. Pintou os lábios da cor da calça, em volta do pescoço colocou um colar de pedras da cor da peruca; sobre as costas um clássico lenço de seda com as iniciais de St. Laurent. Por precaução, levou uma ampola de insulina e uma seringa consigo, enfiando-os em uma bolsa com generosas alças. Da mesma bolsa extraiu um pequeno frasco de perfume. Aspergiu seu aroma seco e selvagem, que polinizou o ar, deixando uma teia de mínimos cristais em suspensão. Kathleen deu um passo adiante e atravessou a teia, capturando o perfume, que penetrou nas tramas de sua roupa e nos poros de seu rosto e de suas mãos. Depois fechou sua cabine e foi para o pub. O tritão ficou sobre a cama desarrumada, como um triste brinquedo sem corda.

Lucien, nova stout entre os dedos. Leva a bebida aos lábios, que ficam marcados por uma espuma da cor da areia queimada. A música na pista de dança tem início, a camada sonora ergue-se sobre as cabeças, amplifica-se, e se expande pelo salão, sacudindo as escotilhas e gerando uma espécie de onda de calor.

Alguns jovens se aproximam da pista, fascinados pelo

jogo de luzes piscando e pelo piso iluminado. O grupo de freqüentadores habituais sente-se atraído pela movimentação que tem lugar no centro do salão. São senhores anafados, pequenos negociantes, gente que tem assuntos a resolver nos portos, fornecedores de peças náuticas.

Devoram com os olhos, através da nuvem de fumaça de seus cigarros, a movimentação ainda tímida dos jovens ensaiando os primeiros passos na pista.

Lucien olha para um e para outro grupo. Exercita seu senso estético. Compara o acervo de estatuária da pista ao do bar. Com um cinzel imaginário desbasta os anos dos últimos, lapida suas feições, afila seus troncos, acentua suas cinturas, fortalece pernas e braços, adensa suas cabeleiras, até que uns e outros não se dinstinguem mais.

Décadas atrás, os rechonchudos comerciantes talvez estivessem naquela pista, serelepes, provocativos em sua juventude.

Recorda-se do amigo desaparecido no tempo, Antoine. Já estaria ele pensando com rancor e despeito sobre o processo natural de degenerescência, como ele o fazia ultimamente? Seria essa a obsessão mental do homem depois que começa a contar os anos de vida que lhe faltam? Estaria ele adiantando-se, queimando etapas ao experimentar com pouco mais de trinta anos esse mudo sofrimento, que deriva da cotidiana constatação de que a consumação da vida é uma inexorável caminhada rumo à imperfeição física; rumo ao mais limitado? Onde estava Antoine que não podia auxiliá-lo a responder a essas perguntas? Onde estava sua franqueza, que chegava a ser interpretada por muitos como falta de tato?

Na certa, Antoine lhe diria que evitasse a retórica do envelhecimento, que era um treino supostamente necessário

para preparar o homem para se desligar do mundo material. Mas como fugir disso, se a força da morte era tão grande? O autodesprezo, inerente ao sentimento de conformismo em relação ao fatal decaímento físico, e peça integrante dessa retórica, era um exercício para levar o homem à condição de indiferença para com o mundo circundante. Isto sabia-o Lucien. Daí a aceitar a decrepitude pessoal e a morte decorrente dela era um passo; um passo inevitável.

A atitude preconizada foi e será sempre a de rejeitar o que se cobiça, para não se cobiçar mais o que cada vez menos se pode possuir e reter. Sofrer sempre um pouco, até a morte, para com a proximidade dela imaginar-se livre da mesquinha dor. Talvez ao cabo de tudo só restasse a tola etiqueta social, mil vezes repetida, mil vezes transgredida, mas ainda assim presente, arsenal inútil de gestos, falas e equívocos.

Voltou os olhos para a pista. Os jovens dançavam compenetrados, preocupados quase que exclusivamente com a geometria de seus movimentos. Seria mais fácil se pudessem copular no ar, como os flamingos. Les flamandes dansent sans rien dire, disse baixinho Lucien, sentindo em seu espírito um sabor acre de versos velhos. Jacques Brel, autor da letra e da música, ele também envelhecera.

A essa altura, pensou Lucien, a própria noite já não era a mesma; começara a dar sinais de cansaço. O pub esvaziava-se lentamente, embora uma pequena e fiel clientela permanecesse em seus postos, indecisa quanto a partir ou ficar. Era preciso fazer algo, era preciso fazer o sangue fluir mais rapidamente. Mas como?

Lucien simplesmente pediu mais uma stout. Seus mais ásperos embates com a vida terminavam sempre mais ou menos assim: Lucien pedindo a conta mais cedo, Lucien

descendo do ponto do ônibus um pouco antes; Lucien despedindo-se dos donos da casa e deixando a festa antes do que os outros; Lucien pedindo outra bebida, e ficando à espera; Lucien desviando-se de si próprio.

Sentiu remorso por não poder pensar em outra coisa mais drástica, além de pedir mais uma cerveja.

Em parte tudo aquilo tinha origem no seu conhecido autodesprezo.

A cerveja também envelhecera, deixando na boca o mesmo sabor de há mil anos. Seria sempre assim, lamentou-se Lucien. O próprio barco nesse momento parecia se mover em um círculo intransponível, máquina ferida pelo lento redemoinhar da noite.

Manoel deixou o salão e saiu caminhando pelos corredores do barco. Desceu, subiu escadas; esquadrinhou a embarcação de um lado a outro, com o pretexto de encontrar lugar onde comprar mapas de Dublin e da Irlanda. Não os encontrou em lugar algum.

Em dado momento sentiu-se asfixiado naqueles corredores atapetados, cheirando a cigarro, já àquela altura coalhado de papéis de celefone de balas e de chocolates arremessados por descaso pelos passageiros, mas que sua visão confundia com os arabescos do próprio tapete.

Procurou uma saída para o deque. Encontrou um portaló. Empurrou-o, vencendo com dificuldade a força do vento, que esbatia contra a estrutura do navio em fortes rajadas, carregando consigo a água do mar misturada à água da

chuva.

Era impossível permanecer fora: a temperatura e a velocidade do vento não permitiam; o portaló forçava-o a recuar, empurrando-o para o interior da embarcação. Ademais, de onde estava não podia ver grande coisa devido às condições do tempo.

Enquanto segurava firmemente o portaló com um dos braços e o tronco, Manoel cobriu parcialmente o rosto com a mão, para se proteger e evitar que os óculos fossem jogados longe.

Através das lentes molhadas vislumbrou à esquerda apenas algumas luzes vigilantes e tímidas, tremeluzindo sob a voracidade dos elementos. À frente, na direção dos costados do ferry-boat, nada além do convés quase espectral e da escuridão dilatada, tão próxima e ao mesmo tempo tão plena de imaterialidade.

Tudo fazia Manoel recordar-se de certo pesadelo infantil, que por muitos anos o visitara, e em que suas mãos e seus braços, por mais que tentassem, nunca conseguiam agarrar a maçaneta de um armário que parecia sempre, ilusioriamente, ao alcance, mas que se afastava na razão direta do ímpeto de Manoel. Era como se ele fosse sendo puxado por uma vontade resoluta na direção contrária. Isso, certamente, o fazia desejar mais alcançar a porta e desvendar o conteúdo do armário.

Ao acordar, lembra-se ainda, Manoelzinho lamuriava-se ao lembrar de seu insucesso; chegava mesmo a chorar de tristeza, não aceitando a impossibilidade de ir além, de avançar no sonho e descobrir a verdade guardada naquele móvel. O fato é que o jogador nunca soube o que havia nele; que simbologia ele escondia, que indecifrável necessidade

ele censurava.

Enquanto recordava do pesadelo antigo, passou por ele, não se sabe vindo de onde, um homem de macacão, provavelmente designado para a casa das máquinas.

Aquela presença humana inesperada fora o bastante para que a recordação do pesadelo se esvaecesse.

Manoel soltou então a pesada porta de ferro que segurava a custo, pisou mais uma vez os corredores atapetados do Saint Killian II e pela primeira vez, desde que deixara Lisboa, temeu por seu futuro.

Joe trouxera uma fatia de pão de banha e uns ovos com toucinho para seu ateliê. Comia mecanicamente, empurrando com o pão os bocados de comida, mastigando-os molemente e sem empenho, a mente sobrevoando o Saint Killian II, vasculhando cabines, em busca de notícias da filha. Nem mesmo ocorreu a ele precaver-se contra o blackout na cidade inteira, organizado pelos eletricitários como forma de pressionar o governo por melhores salários.

Quando as luzes se foram, pontualmente às 20h00, como haviam alertado os meios de comunicação, Joe se tornou provavelmente o único habitante de Dublin a não ter à mão uma vela, uma lamparina de querosene ou outro expediente semelhante, para fazer frente ao problema.

Joe afastou o prato com as mãos, grunhiu qualquer coisa ininteligível, e às apalpadelas chegou até a bancada de trabalho de aço inoxidável, sobre a qual deveria haver um candelabro de estanho com um toco de vela. Inútil. Nenhum

vestígio, apenas uma caixa de fósforos vazia. Joe foi até a janela. A única luz vinha da lua, escondida atrás das edificações fronteiriças: tênue e esgarçado véu diluindo o firmamento limpo e perpendicular, em contraste com o vulto geométrico das casas.

O carvalho à frente da janela era agora um espectro enegrecido. Seria preciso que a lua já tivesse alcançado seu apogeu no horizonte, para que se pudesse, à distância, apreciar as folhas diminutas, em brotação, anunciando a primavera.

Joe regressou à escrivaninha. De onde estava, a janela parecia a superfície aquática azul-escura de um poço, por baixo do qual um mundo imóvel se escondia. No interior do ateliê, para além do retábulo da janela, apenas o negrume das paredes ósseas, e um existir quase que apenas para dentro, mas imemorial e atemporal, porque constrangido pela impossibilidade de medir e avaliar o mundo físico ao redor. Sem a luz, sem a profundidade, sem a noção de volume, e de forma, a mente só pode ver para dentro do ser, e naquelas condições Joe só via dentro de si uma janela que parecia a superfície aquática azul-escura de um poço.

Joe permaneceu assim uma hora, talvez mais. Como saber ao certo quando tudo parecia em suspensão? O fato é que suas juntas doíam; doíam já suas costas e seu pescoço; sentia as mãos amortecidas e os pés enregelados. A calefação não era boa naquele cômodo, era preciso reparar isso um dia, pensou por um momento, colhido de surpresa por seu próprio mal-estar, sem desviar, entretanto, seus olhos do retábulo da janela, para o qual mirava quase hipnotizado. Chegara a sentir que seu corpo se expandia, que seus sentidos atravessavam a janela e penetravam no azul-escuro

da noite.

Naquelas condições, era mais do que justificado seu sobressalto quando o telefone tocou.

Foi com dificuldade que alcançou o fone. Era o próprio Duffy do outro lado, que após se apresentar muito polidamente, passou a lhe explicar que conhecera sua adorável filha, que conversara com o francês, seu genro, também muito simpático, e que este demonstrara preocupação quanto ao estado de saúde da jovem esposa. Duffy achou por bem loca- lizar o telefone de Joe junto à empresa e dar ele próprio, em primeira mão, notícias sobre sua filha, sem detrimento do fato de que ligaria logo em seguida para Monsieur Paul Guyot, como havia prometido ao homem.

Joe agradeceu a atenção, mas não podia esperar mais para ouvir do próprio comissário notícias frescas sobre sua filha. Duffy não se fez de rogado, explicou-lhe que Mme. Guyot foi encontrada no restaurante do barco por puro acaso, devido ao fato de que o maître, por costumeira precaução, anotara em sua comanda o número da cabine da solitária senhora, e seu nome. Quando Duffy vistoriou o lugar, evidentemente não reconheceu a filha de Joe, já que Mme. Guyot, ou Kathleen, estava muito diferente naquela noite, inclusive por causa da roupa e dos cabelos, de outra cor. Só depois, quando interpelou o maître é que se certificou de que aquela jovem, sentada ao fundo, era incontestavelmente Kathleen Byrne Hayes, ou melhor, Mme. Guyot.

Joe sentiu-se parcialmente aliviado, mas queria detalhes, queria saber como de fato se encontrava sua filha, e por que razão ela não entrara em contato. Duffy ia principiar a dar suas explicações quando a ligação foi abruptamente cortada.

Joe permaneceu com o fone no ar, em plena escuridão, por alguns segundos, dando evidentes sinais de que custava a crer que tudo aquilo estava realmente acontecendo em sua vida. Livrou-se do fone com exasperação e voltou a olhar para a janela. O panorama não mudara. O mundo continuava imerso sob a pele escura da água do poço. Tudo estava inerte. Pensou em Stephy com redobrada tristeza, talvez seu filho se sentisse assim onde estava, talvez esse fosse o único e verdadeiro destino do homem, seu mais duradouro inferno: o de saber que nada mais cambiará ao seu redor, que tudo o que existe se esconderá, para sempre inacessível, do outro lado das pálpebras.

Kathleen, todavia, ainda não chegou ao restaurante; encontra-se no pub. Por conseguinte, não forneceu ainda o número de sua cabine ao maître; pela mesma razão, não foi até o momento perturbada pela presença do diligente comissário chefe Duffy.

Sentara-se em uma banqueta próxima à saida. Que mal havia em beber um bom whiskey irlandês? disse para si mesma, enquanto sorvia o primeiro gole e seus lábios tocavam a superfície da pedra de gelo, sentindo um súbito amortecimento. Quando devolveu o copo ao balcão, ergueu os olhos e viu Lucien Sorel quase a seu lado, bebendo cerveja. Não conteve o riso, que atraiu a atenção do francês. Atração fluida, entretanto, de quem enxerga sem medir e olha sem ver, ou lembrar. Lucien não a reconheceu, não porque Kathleen usasse um disfarce convincente, mas

porque não estava interessado em ver coisa alguma. Kathleen seguiu o olhar difuso de Lucien, pela primeira vez pôde avaliar sua linguagem corporal, seu gosto e maneiras, como se o francês fosse uma presa prestes a ser capturada.

Sua guerra íntima, contudo, era com o copo de bebida à frente. O primeiro gole provocara uma espécie de alívio, como alguém que se atira em um abismo e percebe que seu corpo, ao invés de ir de encontro às pedras e se estilhaçar, paira empurrado por milagrosa corrente de ar. Esse alívio, contudo, viera acompanhado de uma desagradável sensação proveniente de haver tomado consciência de que cometera um delito imperdoável.

Kathleen queria safar-se dessa culpa e esquecer seu delito. Pediu água, para diluir a concentração de álcool, conforme prescreveu aquela parcela de seu espírito que tinha o condão de zelar por sua vida. Mas de quê adiantava enfraquecer a bebida se esta ainda assim era absolutamente incompatível com seu estado de saúde? Não, não era ainda a hora da Kathleen responsável aflorar e estragar a festa. Era preciso dar espaço para que aquela terceira entidade ressurgisse e tomasse a cena; era preciso que a Kathleen jocosa e irresponsável crescesse dentro dela, tomando-a por completo.

O barman estava com o jarro de água à frente, esperando que Kathleen confirmasse o pedido e dissesse quanto de água desejava em seu drink. Ela entretanto não o via, pensava em sua esterilidade, pensava na insulina e nas limitações de seu cotidiano; pensava em Paul. Queria culpá-lo por alguma coisa que fosse, pois alguém tinha que se responsabilizar junto com ela pelo que ela fez e deixou de fazer; pelo que era e pelos limites e contingências de sua vida. O barman voltou

a formular a pergunta, agora impaciente. Sua voz vibrava contra o rosto de Kathleen, enquanto exibia um jarro de plástico com algumas escassas pedras de gelo boiando. Kathleen se deu conta de que alguém à sua frente esperava que ela fizesse algo. Era preciso, era imprescindível resolver o impasse. O Saint Killian II avançava, a noite no meio do mar era inóspita e tenebrosa; ela mal se atrevera a espreitar pela escotilha o mundo áspero e invisível no qual o barco penetrava; ela estava a muitos quilômetros de casa, onde quer que estivesse aquilo que preenchia amplamente o significado dessa palavra. Não, Kathleen não sabia ao certo se de fato sua casa ficara para sempre soterrada sob os escombros de sua família de origem, ou se sua casa era o teto sob o qual ela e Paul viviam.

Naquele momento, sentia-se como quem não tem um lugar definitivo para viver. Sentia-se em súbito exílio, mas vazia de objetivos e razões. Naquele momento agarrava-se ao balcão reluzente e aos maneirismos do bar, mais nada. Tinha sob sua tutela um pequeno guardanapo de papel, já amarfanhado, com a marca de seus lábios; ao lado dele algumas moedas irlandesas, troco da bebida. À frente o copo proibido.

Fora desse território mínimo, mas agora sim reconhecível e ao alcance da vista desavisada, encontra-se um sujeito de branco, com forte cheiro de cigarro, empunhando um objeto translúcido e disforme, como se fosse um escudo de armas. Ele agora agita o outro braço, que tem uma toalha na extremidade, em sinal de protesto. "Water, mam? Water? Have you asked for water, haven't you, mam?"

Kathleen interrogou-se também. Queria ela água? Para quê, afinal? O barman estava sendo solicitado na outra ponta

do bar. Deixou o jarro de água à frente de Kathleen, e foi atender outro freguês.

Quando voltou, trazia uma vasilha com pequenos biscoitos salgados. Deixou-a ao alcance de Kathleen. Foi então que reparou que ela não se servira de água, e que pouco bebera de seu whiskey.

Desta feita ela percebeu de imediato que o intruso se aproximara novamente de seu território. O que queria ele afinal? Já não recebera seu dinheiro? Já não estava tudo acertado?

Antes que o barman se apoderasse do jarro de água, Kathleen agarrou a alça e despejou um pouco da água em seu copo, levando-o depois com vigor até a altura dos lábios.

Enquanto sorvia com evidente dificuldade seu drink, embora o fizesse lenta e continuamente, como quem precisa beber para se salvar, Kathleen percebeu que o barman acompanhava atentamente seus movimentos. Sentiu-se então como que espionada pelo intruso. O que significava aquela expressão imóvel e resignada do barman? Sabia ele o que era carregar dentro de si a impossibilidade de gerar um filho? Espetava-se ele todos os dias com uma agulha hipodérmica, para assim conquistar o direito de viver como um vegetal? Queria ele, ainda assim, salvá-la?

Resolveu deixar o bar. Quando se ergueu, quase derrubou Lucien, que naquele momento passava por ela em direção ao restaurante.

Lucien, é agora a sua vez de medir com seus passos o

convés do Saint Killian II, e de o fazer sem precipitação, desprezo ou arrogância. A noite torna as palavras mais contundentes e as lembranças mais dolorosas. O que a mente retira do alçapão do tempo são fiapos esgarçados. O que é voz se torna perfume; o que é cor se torna espaço, e o que o silêncio evoca são ângulos e curvas de um labirinto.

O perfume que transita da memória para os sentidos olfativos é o de Linda; o labirinto é Su Ian. A primeira atravessa a memória com seu rastro de aromas e odores; é como uma corrente de ar batendo uma porta inadvertidamente; atrás dela pequenos cristais e gotículas projetadas de seu corpo, que penetram nas papilas gustativas, nas gengivas, entranhando-se nos poros de Lucien. A outra tem a lógica da morte. Com ela constrói ângulos e paredes de pedra, ora em linha reta, ora para a direita, ora para a esquerda, ora em curva, ora para o alto, ora para baixo. Precipício.

Ali está ele novamente à porta do restaurante. Não seria melhor desistir de entrar naquele lugar austero e quase vazio e comer algo rapidamente na cafeteria? O maître o observa com um olhar profissional. Vem em sua direção e abre a porta de vidro, projetando a cabeça ligeiramente para frente. Lucien entra como que empurrado por uma mão invisível. Sem tempo para refletir, sem espírito para engendrar uma frase de recusa, Lucien é colocado em uma mesa próxima à porta.

Recebe o cardápio do maître que, antes de despejar sua habitual prosápia gastronômica, arranca de Lucien seu nome e número da cabine.

Lucien encontra-se ainda disperso. Acabara de se sentir mais uma vez iludido por Su Ian; fora novamente ludibriado por sua própria memória, capaz de verter para o tempo presente apenas o silêncio esquivo da oriental. Onde seu rosto, a alvura de sua presença, o som de diminutos sinos abafados de seus pés, amassando as folhas dos plátanos no outono? Onde a extremidade alarmada de seus dedos finos deslizando pelos seios? Onde ele em tudo isso?

Empenhado em arrancar do viajante um pedido que refletisse sua concordância face a algumas das várias sugestões que formulara, o maître se aproxima mais do comensal. Sua presença física e meneios são o derradeiro recurso para concluir o delicado processo de submissão do cliente a seu gosto e conveniências. É preciso empurrar o peixe fresco, adver- tira-o o chef; é preciso insinuar os crustáceos. É preciso e absolutamente necessário que as coquilles St. Jacques não sejam desperdiçadas. As vieiras já estão perdendo a consis- tência firme e o brilho.

Com tais advertências em mente, o maître esmera-se na negociação. Lucien por fim aceita o linguado e as coquilles de entrada. Cerveja ou vinho? O maître continua ali, quase roçando os punhos de seu dinner jacket no ombro de Lucien. Sua roupa tresanda a fritura, suas mãos trazem um grande anel dourado com uma pedra retangular vermelha. O sujeito esconde as unhas sujas. Quando movimenta os braços, passando de um lado para outro o cardápio, deixa no ar um cheiro de sabonete barato, que se mistura ao de fritura. As luzes do barco oscilam, como velas sopradas pelo vento. Lucien sente um arrepio de morte percorrendo-lhe a espinha.

"Vinho, senhor? Montrachet, Barsac blanc, Bordeaux blanc, Chablis, Pouilly, Chenonceaux, Loche, Chinon.

Temos como pode ver bons brancos do Loire, de Touraine, de Yonne, de Beaune, de Bordeaux. O senhor é francês, não é verdade?" pergunta o maître muito confiante, apesar das luzes voltarem a piscar novamente, o que não é agradável em um recinto público e péssimo em um navio em pleno oceano.

Lucien fez um sinal pouco convincente com a cabeça. "Uma garrafa de Barsac", disse com dificuldade, procurando encerrar a conversação.

"Muito bem, vou trazer velas, por precaução."

Retornou em seguida com uma caixa de fósforos e um castiçal, depondo-os sobre a mesa de Lucien, que por sinal era a única desprovida de velas. "Un apéritif, monsieur? arriscou, ainda. Como Lucien recusasse, o sujeito retirou-se novamente.

A caminho da cozinha, alçou o telefone da parede e ligou para a ponte de comando, em busca de informações sobre a falha da energia.

Lucien retirou o guardanapo de linho branco, que estava aninhado sobre o prato como um chapéu esquecido. Segurou-o e deslizou a ponta dos dedos sobre seu tecido, antes de deixá-lo sobre o colo.

A porcelana azul e branca refulge sobre a toalha alva, apesar de desbeiçada e gasta. E o arranjo de acácias, no centro da mesa, parece agora palpite de velha cortesã. Lucien olha ao redor e respira fundo.

Novos comensais chegam sem pressa. O maître, sempre solícito, desliga o telefone com presteza e os intercepta a caminho de uma mesa.

Através das vidraças do restaurante via-se o convés, onde algumas pessoas passavam de um lado para outro, como se estivessem à procura de um objeto pessoal extraviado.

Os alto-falantes informam que dentro de instantes terá início a projeção de um filme na sala de cinema.

A vida no ferry-boat, ponderou Lucien consigo mesmo, era um simulacro medíocre do cotidiano, mas compactamente opressivo, em sua rotina de liberdade vigiada e estreitas fronteiras inexpugnáveis.

Alguém acima de todos comandava aquela exploração náutica a seu bel-prazer, e a pobre vida noturna da embarcação era um berço feito para embalar crianças estúpidas e nar- cotizadas.

Vieram as coquilles, viera o vinho. As coquilles gratinadas e quentes e o dourado translúcido do vinho. Os talheres rutilantes como jóias. Era preciso romper delicadamente a película de creme esbraseado depositado em cada coquille e colher sua promessa oculta de sabor, sua antipérola. Agora sim, subitamente, Linda, os vapores e líquens de seu corpo vêm à lembrança. Era preciso saboreá-los com cuidado, para que não escorressem pelo canto dos lábios.

Manoel viera pelo convés. Quando as luzes piscaram, estancou no meio da travessia para o restaurante. Fechou os olhos como para se adaptar ao que poderia acontecer e permaneceu ali, imóvel, como um busto de santo sobre uma peanha. Com os nervos aguçados pela instabilidade da luz, sentiu na sola dos pés uma tremura abafada sob o carpete e ao mesmo tempo o piso inclinar-se. Concluiu logo que fora enganado por uma impressão equivocada. Moveu-se para

frente, então, quase atropelando à porta do restaurante um grupo de comensais que chegava.

Era inevitável que nessas condições o maître o considerasse um integrante do grupo, e em virtude disso delicadamente o conduzisse para a mesa em que esses já se acomodavam. Foi preciso que reiterasse enfaticamente o contrário para que pudesse libertar-se da cadeira que o maître lhe impingia.

Desfeito o engano, Manoel deliberou que se acomodaria à esquerda da entrada, a um canto, de tal sorte que o flanco esquerdo de Lucien aparecia bem à frente. Pareciam ambos pensionistas enfadados à espera da sopa. Manoel observava-o, vendo-se um pouco como o outro, já que os dois solitários pareciam representar certo dandismo de ocasião, mas mal encenado, posto que ambos não conseguiam dissimular certa autocomiseração.

O maître foi até a mesa de Lucien, serviu-lhe o vinho, trocou com ele algumas palavras em tom reservado e avançou na direção de Manoel, interpelando-o sobre a escolha da mesa. Sim, estava perfeita. Claro que não havia necessidade de mudar. Estava muito bem assim. Não, nada de peixes. Nada de camarões, nada de coquilles. Queria um tournedos, batatas fritas, uma macedônia de legumes e uma bitter. Qualquer marca. Em seguida forneceu ao maître o número de sua cabine e seu nome. Soletrou-o vagarosamente, vendo através dos óculos de espessas lentes o olhar muito concentrado do maître por cima do aro negro de seus pequenos óculos de leitura.

O sujeito de dinner jacket não se dava por vencido, insistindo para que Manoel experimentasse uma entrada leve. Manoel arrancou os óculos da cara. Não, não queria

entrada, nem mesmo a referida maionese de salmão com alcaparras. Queria apenas o bife sangrando, e ponto final.

O maître recuou como que ferido por uma verdade insofismável e cruel e foi transmitir ordens na cozinha.

Manoel remontou os óculos sobre o nariz, recolocando também a realidade a seu alcance. Voltou a olhar seu vizinho de mesa e com uma simplicidade pagã pensou na falta que fazia uma mulher em certas ocasiões.

Através da espessa vidraria de seus óculos ainda se atreveu a medir as proporções faciais de uma jovem comensal silente, que destoava do ruidoso grupo que acabara de se abanquetar ao redor dela, mas desistiu do empreendimento. Chegava sua bebida, e chegava também uma moça de cabelos ruivos, calça carmesim, boina azul, uma blusa branca de lã. O colar sobre o peito dava-lhe um ar ligeiramente boêmio, que o lenço de seda, sobre os ombros, muito tradicional, contradizia. Manoel mediu-a de alto a baixo, enquanto ela passava rente a ele, dirigindo-se para um canto ao fundo do restaurante.

As luzes tremelicaram moribundas por curtíssimo tempo. Quando a energia voltou ao normal, Manoel reparou no rosto subitamente avermelhado do maître. Haveria motivo para preocupações?

Antes que Manoel encontrasse uma resposta satisfatória para essa pergunta, ouviu o maître repetir altissonantemente, enquanto anotava, o nome da jovem de boina, nome esse que esqueceu tão logo deu por ele. De qualquer modo, interessou-se em saber o que ela e o maître conversavam. De onde estava, contudo, não podia ver diretamente a mulher, mas via seu reflexo miúdo no vidro do restaurante, desde que inclinasse sua poltrona para trás e girasse a cabeça para a

direita. O maître, nesse instante, gesticulava, reflexo também apequenado no vidro, com o fervor dos mercadores desenganados.

Na certa queria impingir-lhe o mesmo cardápio que procurou, sem sucesso, impingir a ele, pensa Manoel, lembrando-se, ressalvadas as proporções, do restaurante de seus pais na Praça da Quarta Parada.

Ali também chegava o momento em que um peixinho já temperado e frito não podia esperar mais para ir para a mesa. Nessas horas, valia o poder da persuasão.

Lisboa estava longe, pensou Manoel, reconhecendo a obviedade irrefutável. Longe ficara, também, a intransigência paterna, a vida estreita em família, a surpreendente Maria de Fátima, que vira nascer, mas de quem só se deu conta horas antes de partir. Longe ficara o Benfica, com outra espécie de intransigência que no fundo não se distinguia muito da de seu pai, e que o levou a largar o futebol. Longe ficaram o Fonsequinha, e o mundo que fez os cabelos de seu Afonso encanecerem. Lá ficaram as ruas de Lisboa, com seus cheiros e bolores. E mais o Paiva e a proposta do jornal. Será mesmo assim?

Ecoam subitamente em seus ouvidos os soluços abafados de sua mãe na despedida, até certo ponto incompreensíveis, já que ela estava mais do que acostumada com a vida do filho, sempre cheia de viagens e sobressaltos. Lembra-se agora de que ao se despedir, antes de tomar o avião para Paris, pressentiu que ela queria lhe dizer algo, mas que ele não lhe dera tempo, escapulindo como um filho pródigo, das malhas invisíveis da família.

O maître despacha-se novamente para a cozinha. O pensamento de Manoel se volta para a solitária mulher de

boina azul. Perdera os lances mais importantes do colóquio entre ela e o maître. Teria ele conseguido convencê-la a engolir a maionese? Só saberá em alguns minutos, quando ela for servida. Por ora, só pode observá-la através do vidro. Como ela está distante e o vidro tem baixa reflexão, Manoel pouco vê, apenas pressente seus movimentos sobre o tecido de linho; são lances cheios de cautela, parcialmente escondidos pelo arranjo de acácias no centro da mesa. É como se ela temesse tocar em tudo; como se adivinhasse que ia ser ferida em breve.

Volta seu interesse para o lado dos comensais ruidosos. A jovem silente apóia seus dedos alvos no ombro do vizinho. Não é mais possível olhar para ela como quem olha para um anjo acorrentado. Seu gesto reintegrou-a novamente ao mundo material e imediato. Manoel pede outra cerveja. O maître oferece petit-fours ao jogador, cortesia do restaurante. Sem pensar, o jogador quebra com os dentes um deles e mastiga sem vontade.

A luz volta a falhar, mantendo-se apagada por alguns breves segundos; a escuridão inoportuna chega a vibrar nos seus ouvidos como um longo silvo ecoando no vazio.

Joe, nada de Duffy, que diabo fazia o comissário chefe de tão importante a ponto de não encontrar tempo para chamá-lo novamente e concluir o relato que havia começado? O frio em seu ateliê parece aumentar mais sob a laje inteiriça e sem remendos da noite sem luz. Desistira de procurar uma vela; desistira de procurar outra caixa de fósforos. Tinha muitas

vezes a correta impressão de que alguns de seus sentidos trabalhavam melhor sem o concurso da visão.

Como agora, por exemplo, em que a escuridão parecia estimular seu espírito, do mesmo modo que libertava a imaginação de uma criança assustada.

O quarto às escuras, agora, abrigava uma orquestra minimalista e espontânea, uma câmara escura de sons sutis que envolviam seu corpo e reverberavam cavamente ao redor do sopro de seu coração.

Junto com essa música pouco audível, que vinha do farfalhar da cortina, do estridular da madeira seca, do ribombar do coração, dos pés arrastados sobre o soalho, evolavam odores combinados de álcoois, terebentina, nanquim; de tintas à base de óleo; de acetatos e argila fresca; de pó de gesso, aguarrás e cola; de pincéis velhos e frias espátulas; de lápis de cera e grafite; de papéis, de folhas de carbono, de tintas de impressão, de tintas acrílicas, de escovas de aço e entintadores pegajosos; de livros e mapas e marcadores de página azinhavrados e envelopes entreabertos e jornais velhos e obras de referência e opúsculos deteriorados pelo tempo e encadernações dizimadas pela umidade, pela traça e pelos cupins; e de ferramentas e buris e estopas e panos; de resinas várias e do mofo, cheiros todos misturados ao que trescalava do resquício de ovos e toucinho grudados no fundo do prato e na solitária migalha de pão de banha não ingerida; ao da borra já fria do chá matinal da Bewley's, que Joe bebera sem vontade.

Coração mais apressado, as veias palpitantes na linha do pescoço, sede e falta de ar, horas inúteis esvaídas pelo ralo do esquecimento? Onde o cheiro de lavanda dos cabelos de Stephy? Onde a amora, a geléia de groselha e a torta de

ruibarbo no canto dos lábios de Stephy? Onde suas indagações a desoras?

Joe-Gepeto cerra os olhos, a lembrança é uma córnea ensangüentada que é preciso espremer apesar da dor. No mundo sem luz e sem forma que Joe-Gepeto experimentava, começa lentamente a brotar o movimento, também sem forma e sem direção, do cisne planeado, mas ainda não nascido. Seu vôo, que é só vôo, e ainda não ave, parece surgir de algum lugar próximo ao plexo solar do artesão. Fende a noite seu vôo. Que acha, Stephy, Kathleen vai gostar? É provável que diga que sim.

Pelo rosto de Joe passa uma aragem macia e rodopiante, que estremece os músculos da face. O vôo que é só vôo, sem matéria ou forma, é o de dois cisnes, não apenas de um. São os filhos de Lir ensaiando para se libertarem do jugo do artesão. É ainda a idéia em busca de seu corpo físico, ou, melhor, é o corpo exigindo sua forma própria e não outra qualquer.

Joe deixa a escrivaninha e abre, tateando em busca da maçaneta, um pesado gaveteiro no interior do qual repousam, fingindo-se de mortas, pedras de diversa procedência, do granito à pedra calcária.

Na última das gavetas, o toque do artesão estremece asas, bicos, pernas e músculos. Ali estão. O arcabouço peitoral, a cabeça, o tamanho do pescoço e o volume do corpo guardando já proporções precisas, que derivam de relações numéricas universais. Sem obediência a essa regra, os cisnes jamais voariam, sabe Gepeto. E se não voarem, seu corpo não cantará. Tudo isso parece mais evidente para o artesão a cada novo trabalho.

É na gaveta mais baixa do móvel, não há dúvida agora,

que ele finalmente encontra os dois cisnes que buscava para presentear Kathleen, ainda unidos em um sonho profundo, ainda imóveis, cobiçando o vôo que lhes pertence, ainda só pedra antes de ser.

Kathleen, havia um cubo de gelo no fundo do copo. Agora, já não há mais. Apenas um líquido oleoso, da cor da urina. Homo demens, pensou ela, pensando também na fúria dos deuses, vendo-a brincar com a morte daquele jeito tão frívolo. Não, ela não abandonou o bar, seguindo em direção ao restaurante logo atrás de Lucien, como deu a entender quando se ergueu num impulso vital, quase derrubando o francês.

Ao contrário, talvez por ter-se assustado, recuou e voltou a sentar-se naquela banqueta instável, sentindo no corpo agulhadas, que não sabia se provinham da música que tocava na pista de dança perto dali, ou se eram resultado da ingestão do whiskey, ou ainda do movimento brusco que fizera.

Tudo acontecia como se o sangue fluísse todo ele para o cérebro, pressionando as têmporas e logo em seguida refluindo para lugar algum. Assim, seca, petrificada, a nuca gélida, os tímpanos sensíveis, a penugem das coxas e dos braços eriçada, Kathleen admitiu por um momento que começava a perder o controle sobre si mesma.

Umas estranhas asas de fina pluma e pesada ossatura começavam imaginariamente a se agitar, atadas diretamente à espinha dorsal, provocando em toda a sua extensão um estremecimento dos nervos próximos à medula. Sentia-se

prestes a voar e ao mesmo tempo soterrada; os pés pequenos, de irlandesa, embora finamente calçados com as melhores botas que o franco francês podia comprar, pareciam impróprios e impotentes ao comprimirem o arco de metal que circundava a parte intermediária da banqueta. É preciso ir ao restaurante, balbuciou ela, buscando comandar com a voz o caos de seus sentidos; é preciso ir até lá e comer, disse outra vez, pronunciando baixinho, com os lábios amortecidos, carentes de sangue.

Um passo após o outro, ordens do cérebro ditadas pausadamente para todo o sistema nervoso danificado do corpo. "Não me olhe assim, bartender", disse, sem se fazer entender. Sabe que estou envenenada e quase morta de tanta vida, pensou mas não disse. Estou infeliz de tanta felicidade. A infelicidade dá o braço para a felicidade, diz Lao Tsé. Lao, Lao Tsé. Morri agora para viver. Vivi agora para me deixar morrer. Eis meu corpo, eis meu sexo, minhas memórias e minha doença, Paul, pai, quem quer que seja. "Pare de me olhar, bartender", bradou. Mas não havia mais quem a escutasse. Já estou saindo, disse para si mesma.

Os estiletes imaginários aguçam seu espírito, como uma tortura desejada. O simples tocar com os pés o tapete faz seus ouvidos doerem. Sobe por suas pernas um formigamento aliciante mas doloroso. Penetra-a um mundo que não quer saber de sua consciência. Duendes cruéis espicaçam-na. Que parte de seu corpo o diabetes levará primeiro? Seus pés. Não, primeiramente os dedos, que ficarão roxos. Por último levará o coração.

É patético, Paul. E tu não sabes o que isso tudo quer dizer, tu não tens nomes para essas coisas que acontecem agora. Um hiato prolongado em que a inconsciência impera, em que

as estrelas no firmamento estão apagadas, em que os joelhos estão frios e mortos, insensíveis como um par de muletas. Um instante indefinido, longo ou breve, em que se pode sem receio passear de mãos dadas com a morte sobre um campo de trigo.

As luzes do barco se apagam. Já se apagaram antes, não? O que terá havido? Uma noite dentro da noite, uma escuridão prenhe de escuridão. A negação da negação, a antiviagem, a antimatéria. Onde estou? pergunta ela com os lábios cerrados de torpor.

É um milagre alcançar sozinha a porta envidraçada do restaurante, com sua lista de pratos afixada, seu ar familiar, mas ainda assim de falso requinte.

Kathleen não tinha mais condições de fazer nenhum juízo crítico. Aí está o paraíso, foi o que pensou, um pouco surpresa, enquanto era conduzida até uma mesa.

Ao sentar-se, sentiu o chão escapar sob seus pés, as formas das coisas ficarem distorcidas, como quando se vê o mundo através do fundo de um vidro de garrafa. O que estava acontecendo?

A luz falhara outra vez. Mau indício. O maître a interroga, ela no princípio não entende o que ele quer dizer. "Nome? Quer saber o meu nome? É isso?" O maître fez um sinal afirmativo com a cabeça, enquanto erguia a caneta no ar. "Como não sabe, se tudo sabem no paraíso?" "I beg your pardon" respondeu o maître, vergando o pescoço para a direita, oferecendo-lhe a orelha esquerda, a do ouvido mais apurado. "Kathleen Byrne Hayes Guyot", disse. E repetiu, até que seu nome fosse apropriadamente registrado.

Em seguida, o maître pediu que ela fornecesse o número de sua cabine. Kathleen abriu a bolsa, vasculhou-a como se

tivesse receio de ali encontrar uma ratoeira armada, mas logo encontrou um cartão, exibindo-o. O maître, por seu turno, inspecionou o documento à distância, como quem contempla desolado uma pústula no peito de um assassino. Tomou suas notas, deixou o cardápio nas mãos da passageira e se retirou.

Nesse momento, ela sentia novamente, e de maneira mais intensa, uma série de agulhadas por todo o corpo. Abriu os dedos frios das mãos, deslizou com eles por sobre os objetos da mesa sem tocá-los. Era como se uma espessa névoa separasse seus sentidos da realidade. O que via próximo de seus dedos não parecia real, mas apenas projeção, sobre um fundo infinito, das coisas verdadeiras. Seria esse preâmbulo da morte mais cheio de vida que a própria vida? Seria tudo isso, que era tão pouco, mais suportável do que viver apenas para escapar ao sofrimento? Vem doença, abre-te inferno.

Lucien, alguém próximo acende um isqueiro e aproxima a chama do pavio de uma vela que se apagara. Um rolo delgado de fumo escuro se distende, afila e sobe em caracol, na ponta de um lume amarelado e castanho nas bordas, sobre- posto pela chama do isqueiro, azulada e curta, que logo desa- parece.

Um rosto se ilumina; um rosto novo, de jovem que ainda não é mulher, mas deixou de ser menina. Seus prováveis pais a circundam na mesa. A luz voltara a apagar e a língua de fogo brando, amarelenta, ilumina seu rosto, que parece boiar um pouco acima do arranjo de acácias da mesa.

Chega um garçom, que retira o prato de coquilles. Lucien

esfrega a boca no guardanapo de linho. Ao balançar a cabeça e os ombros, sente a fixidez daquele rosto infantil, emoldurado pela noite, a tez incendiada pela vela mortiça, como uma virgem em um nicho de igreja. Olha ao redor e depara outros rostos iluminados pelo facho das velas. Um museu vivo, uma fantasmagoria, um teatro de fantoches.

Teve pensamentos maus: e se ficássemos todos à deriva, em pleno mar? Seriam essas constantes falhas da energia elétrica uma advertência de que corriam todos perigo de vida? Era mais sensato jantar e indagar depois.

Súbita saudade dos pais, do heroísmo de Jacques Raynal e Janinne de Proly, até mesmo de Bernard. Sentiu imensa falta de Corinne, que o ensinou sobre as mulheres, despojadamente.

Lucien, além de provinciano e muito apegado às coisas, era um conservador, e um misantropo insatisfeito com sua solidão planejada. Se a menina quase mulher, da outra mesa, movesse os lábios vagarosamente, soprando na sua direção uma palavra de incentivo ele provavelmente nada faria, ou nem mesmo se aperceberia, não por causa da pouca luz, mas porque neutralizava o fascínio dos momentos epifânicos por precaução.

Como um animal assustado, que se encolhia e escondia as garras sob a carapaça do corpo, Lucien reprimia qualquer possibilidade de desdobramento, quando uma volição primitiva dava sinais de querer se manifestar. Nessas ocasiões, despojava-se de seu élan vital como quem atira ao chão uma meia usada.

Pronto. Estava ele ali novamente, mesquinhamente curado, novamente infenso ao que não fora planejado, cerrando as portas ao que não era apropriado.

Erguidas as defesas, Lucien nem mesmo se apercebera de que a jovem à sua frente desejava algo que seus acompanhantes não poderiam lhe dar. Passara, contudo, seu desconforto; ficara abafada por mais algum tempo a sublevação de seu espírito. Entre a luz que a vela de sua mesa projetava ao redor e aquela que iluminava o rosto da jovem, nada mais existia que merecesse menção. Os minúsculos filamentos avermelhados, que turbavam seu olhar no momento em que se sentiu desconcertado com a súbita visão da mulher, apagaram-se. Ficara um ardência indefinida nos olhos, que aumentou quando um garçom depositou, sob a distante supervisão do maître de sempre, o linguado sobre sua mesa.

Lucien resolveu não esperar o fim da refeição para pedir satisfações. Interpelou o garçom sobre a falta de luz. O rapaz respondeu que tudo se normalizaria dentro em pouco. Lucien na primeira oportunidade em que o olhar do maître cruzou o seu, chamou-o, fazendo-lhe a mesma pergunta.

O maître lamentou pelo incômodo; garantiu que a situação se normalizaria; informou que até o momento não havia nada que pudesse alarmar os passageiros. O ferry-boat seguia como planejado para Rosslare. Talvez um pequeno atraso, em virtude de fortes correntes, que obrigariam, caso persistissem, o barco a mudar ligeiramente o curso, mas não passaria disso. "Atraso?" repetiu Lucien. "Sim, talvez, acontece às vezes, mas nada para causar preocupação."

O maître prosseguia, revelando evidentes sinais de desconforto e nervosismo. Lucien recebia em silêncio a enxurrada verbal do sujeito, enquanto destrinçava o peixe e bebericava o Barsac. Sentia-se sufocado com tantas explicações. Era como se tivessem atirado nele um punhado

de lama, com o fito de impedi-lo de ver a realidade tal como ela era.

Depositou os talheres após algumas garfadas. Não tinha mais fome. Quando entrou ali, há pouco, não sentia apetite de espécie alguma. Pôs-se à mesa, reconhece agora, apenas porque entendeu que era a hora adequada de fazê-lo. Perguntou a si mesmo se algum dia seria capaz de romper com os hábitos e a rotina em sua vida. Sentia-se desolado. Estaria já perdendo o ânimo nem bem começara a viagem? O calor a comida e o vinho acabaram fazendo Lucien transpirar. O restaurante tornara-se um caldeirão em que se coziam aromas os mais diversos, que por fim se misturavam ao cheiro da estearina das velas queimando e escorrendo pelos castiçais.

Manoel limpou as lentes dos óculos com o guardanapo e os colocou. Chegava o bife alto, circundado por batatas. Em um prato lateral, os legumes cozidos. O jogador bebeu a bitter até a metade do copo. A bebida castanha refrescava com timidez; sua combinação de sabores conseguia aliciar mansamente, convocando sem estardalhaço o bebedor para mais um gole. Manoel bebeu novamente e deu conta do copo. Em seguida segurou os talheres e começou vagarosamente, sem pressa, a cortar a carne. Feita a primeira incisão no grelhado, o sangue escuro brotou por entre as fibras, empapando as batatas. Ficou subitamente satisfeito ao descobrir que a carne viera como ele queria, o que nem sempre acontecia. Esse era, de fato, o ponto da carne que

considerava ideal, costumava dizer sempre que não comia só, como se precisasse justificar sua preferência. No refeitório do Benfica, lembrou-se agora, sua fama era a de que seria capaz de arrancar com os dentes um naco de carne de um borrego ainda vivo e comê-lo com prazer. Essa notoriedade não o incomodava.

Fez várias bolas de diversos tamanhos com o miolo do pão que viera com o couvert. Escolheu a que lhe parecia a mais bem feita. Entre uma garfada e outra, fazia-a rolar com curtos petelecos sobre a superfície do imaginário gramado; empurrava-a por entre os talheres e o arranjo floral, como se avançasse com ela, com rapidez e habilidade, por entre uma defesa atoleimada. Ao redor desse cenário, uma multidão de rostos irreconhecíveis, assistindo das arquibancadas do estádio, multidão essa representada pelo apanhado de flores do arranjo de mesa. A luz, que falhara inúmeras vezes, novamente se apagava no momento em que Manoel, já desinteressado do brinquedo, comprimira com o polegar várias bolotas de pão, umas contra as outras, pondo tudo de lado.

Retirou os óculos, ergueu o queixo, ciscou ao redor, com sua visão limitada, e agora, com as acanhadas velas a iluminar o salão, e sem os óculos, as pessoas às mesas pareciam ora espectros em vias de serem sugados por um redemoinho, ora reflexos de um imenso cristal multifacetado. Pôs-se a pensar: fizera diversas vezes a travessia entre o continente e a costa inglesa, e jamais presenciara um problema daquela espécie.

O que parecia ainda mais estranho é que o comando da embarcação tivesse adotado uma atitude extremamente reservada a respeito da falha elétrica. É como se estivessem

escondendo alguma coisa dos passageiros. Ocorreu a Manoel a hipótese de que os transportadores marítimos tivessem de alguma forma aderido à série de greves que tomara conta da Irlanda nas últimas semanas.

Encavalou os óculos sobre o nariz. Tartamudeou algumas palavras em voz baixa, numa conversação consigo mesmo. Parecia que ouvir sua própria voz pronunciar aquelas palavras fazia com que se sentisse menos afrontado com tudo aquilo. Então os passageiros não mereciam maiores explicações? O barco entrava em pane elétrica, as luzes piscavam como se o barco inteiro fosse uma pista de dança, de lés a lés, e ninguém do comando da embarcação se dignava de prestar contas sobre o que estava acontecendo.

As lâmpadas se acenderam novamente, mas a luminosidade era fraca, mortiça. Manoel abocanhou com vigor outro naco de carne, perfurou dois gomos graúdos de batata e os enfiou na boca, ostensivamente irritado. O maître veio socorrê-lo, pois tivera a impressão de que Manoel estava entalado com um bocado de comida. Quando viu o homem de dinner jacket se aproximar, mastigou ainda mais vorazmente o que estava em sua boca, para poder mais rapidamente expressar-se. "Que diabos, afinal, estava a acontecer?" indagou Manoel. "Pois então os senhores deixam-nos a todos desorientados, sem sabermos o que se passa com as luzes do barco. Estão a brincar, não resta dúvida!"

"De modo algum, senhor, de modo algum. Posso assegurar que o incêndio está controlado, totalmente controlado", deixou escapar o maître. "Ocorre que apenas uma das turbinas agora funciona; mas está sobrecarregada demais, daí a oscilação da energia."

A palavra incêndio explodiu em seus ouvidos e em seu cérebro como um coice. Manoel fez menção de se erguer e agarrar o maître pelos colarinhos de seda de sua jaqueta, mas apenas bufou como um touro, arrancou os óculos de cima do nariz e exclamou, atônito, que não podia acreditar no que acabara de ouvir. Então estavam todos correndo o risco de irem a pique e não havia ninguém da tripulação para avisá-los do que estava prestes a acontecer a suas vidas? Isto era demais.

O maître concordou inteiramente com os argumentos de seu cliente, pediu-lhe calma, implorou-lhe para que não divulgasse a informação, de modo a não gerar pânico. Com o rosto cheio de gordura, próximo ao de Manoel, encareceu discrição.

Manoel acedeu a custo. O maître agitou nervosamente para um garçom que passava, ordenando que servisse outra cerveja ao viajante. Depositou ele mesmo um punhado de legumes em seu prato; num gesto inútil, mas normalmente eficaz, depois simulou com a ponta dos dedos que arrumava o arranjo de flores; afastou-se o equivalente a um passo miúdo de onde estava, e em seguida ergueu filosoficamente a sobrancelha direita, avaliando o resultado. Depois disso, recuou, como se estivesse com medo de levar um tiro pelas costas.

Manoel abaixou a cabeça, consternado com tudo aquilo. Repôs o par de óculos. A comida esfriara, o tempo exato das coisas, conjecturou, parecia já ter passado. Era como se estivesse irremediavelmente atrasado para alguma coisa que já não estava mais reservada para ele.

Pensou em Lucinha. Como evitar de pensar nela, quando quase morrera queimado em pleno mar? Ninguém no mundo

seria mais adequadamente patético do que Lucinha para dar-lhe as mãos num momento como aquele. Ela adoraria sofrer a seu lado nos últimos instantes de vida, pensou, agastado, mas sendo injusto.

Chegou novamente ao fundo do copo de cerveja, ao fundo do oceano. Não havia nada ali para se ver ou descobrir, apenas o encardido dos copos mal lavados.

Joe, quantos minutos mais para as luzes voltarem? A cidade de Dublin finge que dorme, esperando como uma criança nervosa sua hora de avançar no bolo da festa. Os corações parecem mais próximos uns dos outros, escuta-se o respirar aflito e angustiado por trás das paredes, pressente-se o enovelar incontrolado de dedos sob as toalhas, sobre as mesas, sob as colchas, acima dos livros e jornais, entrelaçados, segurando lenços, óculos, maços de cigarro, cachimbos, tesouras, colheres, facas, xícaras. Todos esperam.

Joe, que se chama também Gepeto, avança lentamente em seu trabalho às escuras. Medo senil de se cortar com os instrumentos afiados com os quais trabalha. Por isso segura-os de outra maneira, premindo cada cinzel com as duas mãos sobre a pedra, para que a lâmina não saia do trilho imaginário que deve percorrer para liberar a forma, da vontade aprisionada. O mais rudimentar já estava feito e concluído. As grandes linhas já demarcadas. Era preciso agora que encontrasse alguma luz, para expor ao sentido da visão o que emergira das trevas do pensamento e da idéia.

Ele vasculha com mais ímpeto as gavetas em busca de fósforos. Desta vez os encontra. Como também encontra, no fundo do gaveteiro das pedras, uma velha lamparina. Verte em seu recipiente alguns dedos de um frasco de querosene que estava à mão e logo uma luz amarelenta se projeta sobre um círculo estreito de objetos, entre os quais se encontram também os dois cisnes, ainda em estado de pedra, grotescos e inermes. Mas já é possível distinguir as asas, os longos pescoços tristes, e aquele desproporcional sentimento de solidão, armazenado em algum lugar imaterial de seu corpo, prestes já a ser vertido nas águas mais ensolaradas dos lagos. Joe-Gepeto arranca os óculos, esfrega seu rosto com a barba de dois dias por fazer, ergue os dois cisnes até a altura dos olhos, aproxima-os da lamparina, gira-os para um lado e para outro, primeiro o ligeiramente maior, depois o menor, medindo-os, avaliando-os. O artesão sente que suas articulações doem. As pontas de seus dedos estão grossas e ultimamente sempre inchadas e por vezes insensíveis ao tato, sobretudo quando faz frio como naquela noite. Seus dedos, cortados em todas as direções pelo contínuo trabalho manual, quando vistos sob a luz parecem cada um deles exibir um mapa de uma cidade caótica diferente. Provavelmente suas impressões digitais são ilegíveis. Caso algum dia o encontrem morto em uma ruela de Dublin, sem documentos, jamais conseguirão saber de quem se trata, a menos que convoquem todos os dentistas da cidade, inclusive o velho e também aposentado O'Keeffe. Não, é macabro demais pensar nisso agora, com tantas coisas ainda a fazer e a decidir.

Pensa outra vez na filha, e na conversação telefônica com Duffy, misteriosamente interrompida e não reatada. Em seu tempo a companhia de navegação tinha um serviço de

comunicação mais confiável, embora fosse, já naquela época, bastante antiquado. Joe-Gepeto aproxima mais uma vez um dos cisnes da luz da lamparina; faz o mesmo com o outro. São diferentes entre si; a vontade de viver e de voar do maior não é tão urgente quanto a do menor. De onde vem essa percepção, se a pedra, mesmo sob a luz, é tão fria e indiferente?

Prossegue com seu trabalho. A luz do lampião de alguma maneira inexplicável o excita, é como se um ser ancestral dentro dele acordasse sob o convite da noite tibiamente iluminada. Ao mesmo tempo em que esculpe, ao mesmo tempo em que pensa em Kathleen, recorda-se também, certamente devido à luz, de um óleo de Goya que pertence ao The National Gallery of Ireland.

É justamente uma tela que retrata uma jovem e voluptuosa mulher a dormir; suas formas se revelam sob a veste quase translúcida de um peignoir, e toda a luminosidade do quadro parece se concentrar, numa primeira mirada, em uma parte de seu corpo entre o ombro e o seio direitos, como se uma única vela acesa, já débil e definhante, testemunhasse seu sonho. Contudo, um olhar mais prolongado sobre o quadro revela a Joe que um fiapo insignificante de luz salta por sobre a penumbra circundante e se fixa com tal intensidade numa mecha de cabelo, incendiando de um vivo alourado alguns poucos fios, que quase parece um acontecimento ótico improvável. Isso basta para confundir o sentimento de conformidade do espectador, roubando sua tranqüilidade. Como resultado disso, sua atenção passa a oscilar sem repouso entre a mecha iluminada e o colo, em busca de apontar o intruso, aquele que penetrou no quarto da sonhadora, talvez com um lume entre os dedos,

roubando a privacidade da adormecida e a exclusividade do olhar.

Claro está que o intruso é o próprio Goya, discerniu Joe. Goya que, invadindo sua tela, retoca de luz os cabelos reais da sonhadora, instalando-se na escuridão, de onde assiste em um plano mais confortável do que o espectador do museu. Os seios da sonhadora arfam sob a gaze do tempo mental, em poucos instantes seus lábios se entreabrirão e sua cabeça penderá para o lado. Há um movimento perpétuo em tudo. Os cisnes também querem a penumbra, consideram-na mais apropriada do que a luz da lamparina.

Kathleen, ela não se recorda mais do que pedira para comer. Nem mesmo se lembra se já havia encomendado algo, embora o garçom acabasse de depositar à sua frente uma sopa de ervilhas. O homem ali adiante não é o comissário chefe, de cujo nome já também não se lembra mais? Não está segura disso.

O sujeito e o maître conversam, examinam papéis. O primeiro ergue o queixo por sobre os ombros do outro, que discretamente aponta na direção de Kathleen. Em seguida, se dirige-se até a mesa ocupada por ela. Sob as axilas, o quepe. Não traz condecorações no peito, mas exibe o tórax como um galo sobre um poleiro, prestes a cantar. Informa que não a havia reconhecido antes, que trazia recomendações de seu marido e de seu pai. Queria saber como ela ia passando. Pergunta o que achara da travessia até ali. Dá indicações de como chegar à enfermaria, caso necessitasse. Explica-lhe

como proceder, caso não consiga ir até lá por conta própria. Procura, durante seu curto monólogo entremeado de suspiros, ser o mais paternal possível, tendo em vista que a jovem senhora era filha de um funcionário querido. Desculpa-se do que chamou de pequena falha técnica da iluminação. Insiste para acompanhá-la até a cabine; oferece-lhe os préstimos médicos de um clínico geral, que viajava na qualidade de passageiro, mas que se dispôs a atendê-la.

Com os olhos baixos, um pouco surpresos, fixara sua atenção no líquido da sopa, que parecia a miniatura de um pântano. De algum lugar daquelas águas brotara a voz de alguém, voz essa que ela não fora capaz de reconhecer, e cujo sentido vagamente compreendia.

Em meio à preleção de Duffy, uma sensação de incontrolável vertigem foi tomando conta de Kathleen. O pântano de ervilhas atraía como um abismo, como uma noite sem volta. Duffy teve a presença de espírito de segurar os ombros de Kathleen no momento em que seu corpo se projetava para frente e sua cabeça pendia na direção do prato de sopa. Devolveu-a à posição original, atabalhoadamente. Seu quepe escapou da axila e rolou por entre as mesas do restaurante.

Nessa altura, tanto Manoel quanto Lucien já se haviam dado conta de que alguma coisa não ia bem com a ruivinha da mesa ao fundo. Quando o primeiro deles fez menção de se levantar e ir ajudar, o garçom já se havia adiantado.

"Perdeu os sentidos", disse ao atônito Duffy. Ambos a ergueram da mesa e a carregaram dali.

Lucien lembrou-se da mulher que vira nas Arènes de Lutèce, lembrou-se também do camafeu. E faltou muito pouco para se dar conta de que as duas mulheres eram uma

só. Manoel a viu passar nos braços dos dois homens; fez menção de se levantar, mas permaneceu imóvel em seu lugar.

O pântano no qual Kathleen pretendera se atirar desapareceu por um passe de mágica do cenário de suas sensações. O que estava acontecendo com ela? Do verde pantanoso brotara agora o tritão de esteatita esverdeada que Joe lhe dera. Sua boca era imensa como a de um dragão. Sufocada, Kathleen desejava realizar ardentemente o gesto salvador e alçar-se dali para um lugar mais seguro, mas seu corpo, e seus membros e seus músculos não obedeciam.

Lucien, circunavegação do olhar e dos sentidos. A gaze de odores melindrando as narinas. Talheres entalados em tortinhas, espinhas de peixe nas bordas das porcelanas, cristais com marcas de lábios, dedos, manoplas. O restaurante do Saint Killian II, a despeito de se parecer com qualquer outro restaurante ocidental, assemelhava-se agora, para Lucien, a uma quase mórbida sala de espera de coisa alguma. A luz voltará a iluminar a noite insone, como antes? devem perguntar os comensais para si mesmos; e essa pergunta como que evoca muitas outras mais graves e solenes. O maître aproximou-se da mesa de Lucien, verteu em seu cálice mais alguns centilitros do Barsac. O vinho não apetecia mais. Nem parecia ser o mesmo que tomara semanas atrás com Sébastien. Naquela ocasião, o impasse de sua promoção não havia surgido ainda; e seu destino profissional, fora da berlinda, parecia mais seguro e definido do que agora. Provavelmente, em vista de tudo isso, Lucien

conseguisse com mais sucesso amenizar o costumeiro sentimento de insatisfação e de infelicidade com subterfúgios, que nesse exato momento não pareciam mais disponíveis. Não que seu racionalismo estivesse em risco de descarrilar, ou que uma força insuspeitada estivesse em vias de se insurgir em seu espírito, na ânsia de uma vez na vida sacralizar o caos e a desordem rimbaudianos. Contudo, quando Lucien pôs os pés naquele barco foi como se o efeito de um intenso narcótico, que corria em suas veias há décadas, começasse a perder a força. Aquelas horas no meio do mar, em que repentinamente os complexos andaimes de seu cotidiano foram escamoteados ou recolhidos, e em que se instaurara um outro, despojado dos artifícios do primeiro, começavam a intranqüilizar o espírito de Lucien como jamais ocorrera antes, talvez exceto em sua adolescência. Sentia-se agora extremamente infeliz, com o copo indesejado de Barsac entre os dedos, tendo sob sua cabeça, como uma espada de Démocles, a evidência de que a casca de ovo de sua vida, falsamente segura, e nisso assemelhava-se um pouco ao ferry-boat, parecia ameaçada de não resistir, e essa evidência propagava-se pelo seu espírito toda vez que a luz oscilava ou se extinguia.

Não, não eram propriamente as oscilações de transmissão de energia, enquanto fenômeno físico, que mais o incomodavam, mas a indisposição metafísica que tudo isso acarretava. Naquele momento a origem ou extensão da falha técnica não causavam em Lucien qualquer sentimento de pânico ou temor grave; ele possuía uma confiança responsável nas máquinas, mesmo não sendo francesas. Contudo, a oscilação inesperada e descontrolada da luz parecia contribuir para alterar a radiação das coisas ao redor,

alterando seu peso, sua textura, sua densidade. Aquele mundo de bordo, desvinculado do contexto da vida comezinha em terra, e por isso mais pobre, chegava a parecer quase inóspito, aterrorizante e irreal, com o concurso desse novo elemento. Ao mesmo tempo a oscilação da energia provocava uma insólita desarrrumação nos escaninhos mentais de Lucien, onde estatutos, premissas e valores estavam resguardados. Via agora passar por ele, carregada para fora do restaurante, a jovem mulher de cabelos vermelhos. Esse episódio inesperado agravava seu estado.

Em seu espírito, a presença da pobre mulher e a oscilação da luz no ferry-boat passavam a fazer parte de uma mesma conjunção nefasta, agindo sobre ele, agitando-o, fazendo-o presenciar a face rudimentar e não calculada da vida. Em virtude disso, sentia-se posto à prova, como se os fluidos do seu corpo, seus nervos e cérebro fossem submetidos a uma solicitação exterior que se assemelhava a uma provocação. Experimentando esse tumulto interno, e talvez justamente por causa dele, acompanhou com o olhar a ruiva afastar-se de modo mais lentamente do que seria de se esperar, como se todos pretendessem mantê-la em cena por mais tempo, para afligi-lo um pouco mais.

Por fim, após longos instantes ela desapareceu, sempre arrastada por um comissário muito desajeitado e um coadjuvante não menos inábil; seus calcanhares apontados para cima, seu queixo voltado para baixo, os pés mal tocando o solo. Ave oceânica capturada, depois de longa batalha.

Manoel, era mesmo ridículo, pensou, Lucinha com uma mangueira de incêndio debaixo dos sovacos, quase nuazinha, com um capacete reluzente e um casaco de amianto, desabotoado, deixando à mostra os seios, sem vestido, sem calças, sem calções de rendado, sem mais nada além do casaco. Pediu outra bitter. Coisa mais estúpida: o barco incendeia-se quase, arrasta-se como um moribundo pelas vagas caudalosas do Atlântico, e nada se fica a saber. Danem-se todos! Para que continuar a pensar nisso?

Contudo, a lembrança de Lucinha persistia, jocosa e um pouco lúbrica, sobrepondo-se à imagem dantesca do incêndio, cujas proporções e conseqüências variavam a cada nova visitação ao tema. Numa delas, estavam todos ao mar, os tripulantes escapavam nos botes, passageiros afogavam-se ou simplesmente morriam de hipotermia. Em outra, havia um sabotador infiltrado no setor das máquinas. Este tentara atear fogo em uma das turbinas, mas foi flagrado por quatro tri- pulantes, que o prenderam após luta feroz. Parecia-se com o Bombarda, e tinha mãos calosas e grandes. Em seguida apagaram o incêndio, desligaram a turbina danificada, por precaução, e agora as luzes piscavam, piscavam, mas nada de mais grave se podia esperar disso. Das inúmeras hipóteses de explicação para o incêndio, Manoel saltou para a lembrança passageira de Bombarda. Agora não mais o facínora sabotador, mas o Bombarda ex-colega, vendedor de ferragens, quase poeta. É possível que o amigo jamais chegasse a construir bons versos, ponderou Manoel, mas talvez fosse competente no seu negócio. E ele? Contentar-se-ia doravante com ser um jovem aposentado, escrevendo uma vez por semana uma coluna desportiva de um jornal alfacinha? E aquela combustão poética que o

assolava enquanto dormia? Por quanto tempo ainda fingiria que aqueles versos de Mário de Sá-Carneiro, que o visitavam com uma freqüência assustadora, não passavam de um torto capricho do mundo do subconsciente? Indício de quê? Que espécie de revelação se escondia sob o timbre da voz do modernista? Eram essas as perguntas que deveria fazer a si mesmo, para encontrar as respostas que procurava.

Viera sua nova bitter. Talvez devesse contar a alguém que sonhava desesperadamente com versos que jamais escreveu, embora os tivesse lido. Talvez devesse ir a um médico, dizer-lhe que era um futebolista aposentado, mas que sofria de inexplicáveis delíquios líricos quando dormia. No entanto, bastava acordar para que seu ser se tornasse bruto como uma rocha e seu sentir tão pouco aguçado quanto sua visão sem as lunetas. Essas conjecturas aturdiam-no. Ergueu o copo e bebeu; buscou em seguida o reflexo da jovem de cabelos avermelhados no vidro. Algo acontecia com ela. Girou o corpo para vê-la diretamente. Nesse momento, aproximavam-se um garçom e um sujeito com ares de comandante. O garçom disse ao outro: "perdeu os sentidos". Os dois sujeitos ergueram a ruiva da cadeira e a levaram, sob os ombros, para fora do recinto. Manoel indagou a si mesmo se deveria ter-se oferecido para auxiliá-los, já que um deles, o garçom, parecia muito franzino, mas nada fez.

Quando a porta de vidro do restaurante se fechou atrás deles, Manoel acenou nervosamente para o maître, pedindo a conta. Queria dormir, e vencer a noite. Mas ao mesmo tempo não queria dormir, porque não queria sonhar o mesmo sonho de todas as vezes. Não teve sucesso algum em seu pedido. Acenou mais uma vez, batendo a armação dos óculos com força sobre a mesa, como se atraísse o oponente para uma

luta franca.

Capítulo 10

Joe-Gepeto

Os cisnes estremunham morosamente, desapegam-se aos poucos do domínio do criador e se movimentam em busca de um abrigo. A luz da lamparina intimida-os.

Gepeto retira os óculos, esfrega os olhos, vislumbra sua pequena obra, seu pequeno presente para Kathleen. A essa altura, pensa ele buscando ao mesmo tempo reconfortar-se, ou, por que não, iludir-se com esse bom pensamento, ela já deve estar deitada em sua cabine, a meio caminho das águas da Irlanda.

Joe volta a rever mentalmente a tela de Goya, transferindo a placidez sensual da figura humana ali retratada para uma cabine qualquer do ferry-boat. Algo insiste em lhe dizer que as coisas, no entanto, não caminham assim tão placidamente na vida real quanto no sonho do pintor. Sente agora mais intensamente seus ossos doerem, o que o leva a conjecturar que se aproxima uma tempestade talvez trazida do sul, talvez de além-mar. Essa intuição é passageira, mas o incomoda.

É preciso concatenar as idéias, arregimentar forças, organizar parcimoniosamente suas energias.

Debruça-se sobre os cisnes de Kathleen, quase concluídos. Sorri. Mostrará a ela quando a encontrar e se comprometerá a terminá-los antes que regresse a Paris.

Os próximos passos do jogo de Dublin ainda estavam mal encaminhados. Era necessário preparar muito bem os

próximos lances, não restava dúvida. Mas havia a questão da saúde de Kathleen. E isso tinha absoluta prioridade. Considerou novamente a hipótese de ir até Rosslare e buscá-la. Se fosse, teria que repousar imediatamente, caso contrário não teria forças para se levantar cedo, chamar alguém para ficar com Kate, preparar seu desjejum e viajar para Rosslare. O que fazer?

Não havia opção mais sensata do que ir ao encontro da filha, concluiu, enquanto manuseava as notas que havia preparado para o jogo.

Decidiu também que faria o percurso de trem, para poder regressar com ela em uma ambulância, se acontecesse o pior.

Era preciso arrefecer os ânimos, ir dormir e no dia seguinte providenciar tudo bem cedo, para chegar na Connolly Station antes das 10h00. Mas não, espera: era melhor organizar as coisas domésticas desde já, para que Kate não passasse o dia sozinha.

Pensando nisso, Joe enfiou as fichas no paletó, trancou as gavetas, alçou a lamparina e se dirigiu ao andar inferior, em busca do caderno de telefones.

Regressou com eles ao ateliê e localizou o telefone de Mrs. Breen, para quem logo em seguida discou, arranjando as coisas. Mrs. Breen atendeu muito assustada, por causa do adiantado da hora, mas compreendeu o problema. Assegurou-lhe que estaria lá antes das 9h00. Joe agradeceu e desligou.

Já deitado em seu quarto, ouvindo a respiração difícil de Kate Deolin Hayes, e com a lamparina na cabeceira da cama, Joe não resiste e manuseia seus apontamentos, repassando-os, sempre com a certeza de que a mulher não se aperceberá de nada.

De fato, Kate dorme profundamente, já que convenientemente medicada. E nem por sombra registra o momento em que os blocos de notas do marido escapam por entre seus dedos, e caem no fofo tapete que recobre o chão.

Nesse momento o artesão já sonhava que percorria as galerias superiores do museu, saboreando ainda o aroma do chá que acabara de sorver no restaurante situado no andar térreo, e seus olhos fechados imaginavam rever, à direita e ao fundo da quarta galeria, de quem sobe ao primeiro andar pelo elevador, a tela de Goya.

Enquanto tudo isso acontece, seu queixo desliza para o outro lado, muito lentamente, muito lentamente, e quase toca a mão entreaberta de Kate. Da compressão de seus lábios e do esforço de seu peito para respirar surge um zumbido monótono, como se uma abelha estapeasse suas mínusculas e frenéticas asas contra o vidro de uma janela, em busca de liberdade.

Stephy se aproxima dele, como se quisesse também entender o que o pai tanto admirava naquele quadro monótono e escuro; agarra com a mão direita um pedaço do tecido da calça de Joe, à altura do bolso, e ficam os dois ali, unidos, estáticos, na frente do trabalho do pintor espanhol.

Passados alguns instantes, Stephy puxa com mais força a calça do pai. Está com sono, quer ir embora. Joe, para acordá-lo, animá-lo um pouco, estimulá-lo, pergunta a Stephy qual o trabalho que ele gostava mais. Stephy diz:

-- "It was one called 'The Liffey swim', I reckon".

Joe, que conhece bem o acervo de obras ali expostas, lembra-se da tela de Jack B. Yeats, muito clara, trazendo ao fundo, à direita, um conjunto arquitetônico de edifícios de Dublin próximos à margem do Liffey, e em um primeiro

plano, à esquerda, um grupo de jovens, sobre uma amurada, acompanhando com interesse alguns nadadores cruzando o rio. A tela é pujante, esportiva, matinal, muito diferente daquela de Goya. Joe é obrigado a aceitar a preferência do filho, mas adverte que é preciso apreciar ambas, cada uma por uma razão diferente. Ainda assim Stephy diz que não gosta nenhum pouco da mulher dormindo, de Goya.

-- "She looks dead. Look at her. Maybe she is. How can you like it?"

A luz da lamparina definha e altas horas da noite se extingue. Kate sente-se incomodada com a proximidade do corpo de Joe. Vira-se para o lado oposto e se ajeita no seu canto da cama.

Joe avança para a galeria seguinte, sempre arrastando Stephy consigo. O filho reluta, até que força Joe a se sentar em um banco de madeira. Sob tais bancos, pesados e profundos, existem lugares onde se pode com segurança introduzir uma folha de papel dobrada, com alguma mensagem. Dificilmente o serviço de limpeza do museu irá descobrir algo aninhado sob aqueles bancos em anos. Joe considera a hipótese. Stephy puxa agora com força o pai pela mão, quer ir brincar no jardim. Ambos atravessam novamente a galeria em que o Goya está exposto. Joe pára novamente à frente da tela, senta-se em um banco. Stephy desaparece do sonho. Joe abre um pequeno bloco de notas e escreve: "o competidor deve procurar a tela mais sensual de Goya, localizada em um dos vários museus de Dublin. Debaixo de um banco desse museu, defronte ao quadro, localize uma senha, escrita em um pequeno pedaço de papel que foi dobrado oito vezes. Leia e deixe no lugar".

A senha que Joe concebera no sonho levava os

competidores novamente ao mesmo velho pub na 21, Duke Street. Só que a tarefa do sonho era diversa da que Joe engendrara anteriormente. Exigia que o competidor fosse até a colméia da sala do fundo do pub e deixasse no quarto favo, contando-se do mais baixo ao mais alto, a partir do último mais à direita, em um bilhete com as iniciais J. B. H., suas impressões sobre a tela do pintor espanhol. E que em seguida voltasse para seu hotel e aguardasse ali novas instruções.

No meio do sonho, Joe se pergunta: o que é que Goya tem a ver com Aquino e Joyce? Aonde pretendo chegar com tudo isso?

Stephy ressurge em seu sonho:

-- "Go to Davy Byrne's, 21, Duke Street. Code: gorgonzola, burgundy, Leopold. Explain".

Joe repele a sugestão de Stephy, menos pelo conteúdo, mais por se sentir extremamente mal ao ouvir sair da boca de seu filho palavras pronunciadas por outra voz que não a dele. Stephy puxa novamente a calça de Joe, que acaba desviando os olhos da tela e dando atenção a ele. O que você quer, filho?

Stephy pede para o pai incluir Goya em seu jogo.

Joe pergunta a Stephy como é que ele sabe que estava acontecendo um jogo? Como é que ele podia entender disso com apenas 12 anos? Como é que ele podia participar daquilo, se morrera há anos, em um acidente automobilístico?

Joe ainda pergunta: como é que Stephy quer incluir Goya, se essa é justamente uma tela que o desagrada?

Stephy limita-se a insistir para que o pai use o sonho de Goya, ou a morte de Goya, não importa. A questão toda era a seguinte: Joyce, Aquino e Goya explicavam as trevas pela

luz, e vice-versa, dando a entender que ambas se pertenciam mutuamente. Razão (luz) e intuição (noite), para eles, eram coisas interdependentes; uma brotando da afirmação da potencialidade da outra. Uma se emancipando através da emancipação da verdade da outra.

Joe calou-se, estupefacto com o que o filho dizia. Ao se calar, calou-se a voz que dizia tudo aquilo. Ficara agora evidente que a voz que saía do peito de Stephy era a do próprio Joe. Como é que ele não havia percebido isso antes? Como é que ele não havia ouvido sua própria voz?

O cenário onírico muda. Joe desce agora pela O'Connell Street com Kathleen, Kate e Stephen, num dia ensolarado. Kathleen está no colo da mãe, Stephen quer ir para o colo do pai, mas já está grande e pode perfeitamente andar sozinho. O sol é no entanto pequeno, parece um pequeno prato de bateria. Pousa na estátua de O'Connell, e do alto espalha uma poeira de luz. Depois segue sem se deter até a estátua de John Gray, mais abaixo, e saracoteando ora para a direita, ora para a esquerda, continua descendo até o Pilar de Nelson, contra o qual se choca, dispersando múltiplos pequenos astros, que caem sobre as largas calçadas da O'Connell. Por que será que Kate está consultando nervosamente a lista de hospitais de Dublin? Joe procura formular a pergunta em voz alta. Kate aparentemente entendeu outra coisa, porque se volta para Joe e lhe responde que é hora de levar as crianças à sorveteria, como estava prometido, e depois regressar para casa. Joe insiste na mesma pergunta. Kate entrega-lhe a lista: Adelaide, Beaumont, Blackrock Clinic, Bloomfield Mental Hospital, Bon Secours, Central Mental Hospital, Cheeerstown, Cherry Orchard, Children's Hospital. A mão fria de Kate atravessa a corpo de Joe e seu dedo indicador

aponta para esse último nome.

-- "This is where our son lies", diz ela.

Joe não aceita. Diz que é impossível.

-- "Stephen está aqui comigo, agarrado às minhas costas", e ergue um dos braços, movimentando-o para trás para alcançar a cabeça de Stephy, que está coberta por um chapéu azul-marinho com uma longa aba frontal.

Kate limita-se a dizer que o hospital para crianças em que seu filho está fica na Temple Street, e que deveriam ir até lá para remover o corpo. Joe fica enfurecido, diz que não fará o que ela pede, pois isso não tem cabimento, além do mais acaba de se lembrar que há meses prometera levar Stephen e Kathleen ao jardim zoológico, em Phoenix Park, e que se andassem rápido ainda chegariam a tempo para aproveitar algumas boas horas, já que o parque fecha às 18h00. Stephen quer ver os leões em liberdade, a pequena Kathleen também, sobretudo depois que viu o desenho de um, argumenta Joe.

A essa altura, ele está junto ao Pilar de Nelson. Kate recusa-se terminantemente a atravessar a cidade para ir ao zoo. Adverte que é um programa para um dia inteiro, não para um final de tarde. Propõe como alternativa irem todos a pé ao Saint Stephen's Green Park. Poderiam ficar por lá uma ou duas horas, apreciando as flores e os patos selvagens do lago. Depois todos iriam para casa, e comeriam torta. A palavra 'torta' era mais apreciável do que a palavra 'leões', tendo isso em vista, Kathleen soltou uma gargalhada eufórica.

Joe vislumbra por instantes a mão rechonchuda de Kathleen próxima ao espelho d'água do parque. Alguns patos circulam temerosos e famintos. Escuta nitidamente uma segunda risada da filha, que está no colo da mãe, mas não se

encontram mais no Saint Stephen's Green Park. Estão de volta à O'Connell, ou talvez jamais tenham saído dela.

O rosto de Kate, escondido parcialmente pelo corpo de Kathleen, sempre em seu colo, mantinha-se contudo inalterável. Como se fizesse parte da estatuária da O'Connell Street. Até mesmo a pele de seu rosto, nessa época rósea e fresca, lembra-se Joe, tinha naquele momento a cor do bronze azinhavrado pelo tempo. O próprio rosto de Stephy não parecia de carne e osso, apercebia-se Joe, e o pesadelo sufocava-o. Tudo isto sem falar no fato de que o Pilar de Nelson, com sua coluna dórica com pouco mais de quarenta metros de altura, feita para ostentar, no topo, a figura de Thomas Kirk, não poderia estar onde estava, naquele domingo de março de 1968, pois havia sido demolido numa madrugada do mesmo mês, dois anos antes, por desconhecidos. Mas esse detalhe passaria totalmente desapercebido.

Acordou, no entanto, e os fios que ligavam seu subsconsciente àqueles distorcidos episódios foram cortados. Joe abriu os olhos, e se deu conta de que a luz havia voltado, o que dava a impressão a Joe, desabituado a isso, de que parecia haver ali dentro do quarto, agora, uma centena de holofotes acesos. A seu lado, com a boca semi-aberta, agarrada a um pequeno travesseiro de pena de ganso, Kate ronronava, e as marcas da velhice, sob a luz direta, se tornavam mais salientes.

De fato, parecia ter envelhecido um pouco mais, desde que Joe a vira pela última vez. Talvez porque o sono, segundo os antigos, fosse um exercício para a libertação da alma, e a de Kate já estivesse fatigada de acompanhar aquele corpo e desse suas escapulidas à noite, deixando a carne

ainda mais bestial e desprovidade de espiritualidade; talvez porque o sono destilasse sentimentos e temores difíceis de suportar com os olhos abertos, e por isso as feições daquele que dorme ficassem marcadas de gravidade e rancor ao presenciarem tudo aquilo, como as de Kate, agora; ou talvez, ainda, porque os olhos de sua alma vissem durante o sono o que não poderia ser mostrado à luz do dia, e por isso as feições se tornassem envilecidas e mesquinhas, como as de alguém que esconde de si mesmo a verdade que deveria revelar aos outros.

Joe ainda ficou mirando o rosto de Kate por mais algum tempo. Era contra a dona daquele rosto fatigado que ele gastava suas energias, num embate sem fim que já durava décadas? Não parecia ser verdade. Não parecia ser mesmo possível. De certo ela também o via como ele a via agora: exaurido, depauperado fisicamente, como alguém que se esqueceu de morrer.

Levantou-se e foi apagar as luzes da casa. Quando chegou ao andar inferior, viu manchas de sangue contra a vidraça da janela da sala, como se alguém tivesse feito deslizar um animal morto contra a superfície do vidro. A mancha assemelhava-se a um rastro de tinta vermelha feito com pincel grosso, cruzando a gelosia do canto superior direito ao canto inferior esquerdo.

Quando se aproximou mais da janela, viu estirado sobre o calçamento externo um pato selvagem com o pescoço curvado para baixo. Lembrou-se subitamente de que havia sonhado com uma visita que fizera, ele e toda a família, ao lago do Saint Stephen's Green Park, e considerou uma coincidência trágica o ter sonhado que alimentava com migalhas de pão os patos do parque, enquanto um deles

morria à entrada de sua casa. Na dúvida sobre o que fazer naquele momento, com relação ao animal morto, decidiu simplesmente apagar as luzes do andar de baixo e voltar ao quarto. No dia seguinte, antes de viajar, removeria o animal.

Antes de entrar no quarto, subiu para o ateliê e consultou o horário dos trens, embora não tivesse dúvida alguma sobre isso. É como se o gesto fizesse parte do ritual de viagem, sem o qual nada daria certo. Seu trem saía da Connolly Station às 10h25, com previsão de chegada no porto de Rosslare às 13h15, certificou-se. Havia um outro horário, um pouco mais tarde, mas Joe queria chegar ao porto com tempo, para conversar com o comissariado, e tentar mais uma vez saber notícias de sua filha; se possível conversar com ela pelo telefone.

Voltou a se deitar. Embora exausto, o sono demorava a chegar. A lembrança do pequeno animal morto à porta de sua casa o incomodava. Com certeza o pato não se chocara contra a vidraça, pois se o fizesse muito certamente a teria quebrado. Provavelmente quem o encontrou, talvez já moribundo, estonteado ou envenenado, o sacrificou e esfregou a parte de seu corpo ferida contra a vidraça. Mas quem faria isso. Quem seria capaz de regozijar-se com isso?

Joe cobriu-se com o edredom, estirou-se na cama de barriga para cima e a palma das mãos voltadas contra o colchão. Em poucos segundos estava dormindo novamente.

Logo se acha esbaforido, quase sem fôlego, demonstrando grande aflição por ter de esperar do lado de fora do Byrne's. Devem ser umas sete horas da tarde, talvez mais, e o estabelecimento se encontra apinhado de gente. À frente de Joe, algumas pessoas encapotadas e mais altas que ele formam uma muralha humana intransponível. Os que

chegam, depois de Joe, também têm pressa e empurram o da frente e se acotovelam, de modo que Joe se vê cada vez mais comprimido pela massa de bebedores.

Em dado momento, Joe se sente como que erguido acima das cabeças, e desse modo inusitado chega até ao balcão da primeira das três salas do pub, onde uma série de falsas clarabóias decô dão um toque de mau gosto. A segunda sala traz um teto amarelo e espelhos nas paredes. Os espelhos amplificam o caos e as espirais de fumaça que sobem dos cigarros. O amarelo dourado do teto vai sendo paulatinamente coberto por uma névoa de fumo cada vez mais espessa, cada vez mais próxima da cabeça das pessoas. Joe empurra a multidão à sua frente e escapa dali. Dirige-se até a sala do fundo, que fica atrás do balcão de serviço do bar, em busca de mais espaço para respirar. Parece que uma parte das pessoas que estavam na outra sala resolveu acompanhar Joe, de forma que ele ficou espremido contra a colméia estili- zada, feita à guisa de escultura, que ocupa uma parte da parede lateral do bar que um dia foi de Byrne.

Numa cadeira próxima à colméia, encontra-se Kate, vestida de caçadora, com um pato ferido nos braços. Embala-o como a um bebê. Algumas pessoas a rodeiam, buscando consolá-la, enquanto ela enuncia em tom monocórdio:

-- "Cherry Orchard, em Ballyfermot, Children's Hospital na Temple Street, Children's National Hospital na Harcourt, City of Dublin Skin & Cancer na Hume, Clonskeagh em Vergemount, Cluain Mhuire na Newtown Park Avenue, Coombe Hospital, em Dolphin's Barn, Drumcondra na Whitworth Road, Eye & Ear na Adelaide Road, Garda Siochána Hospital no Phoenix Park, Gascoigne Home, na Camden Street, Hampstead Mental, em Glasnevin, Highfield

em Druncondra, James Connolly Memorial Hospital em Blanchardstown, Linden Convalescent Home em Blackrock, Mater Misericordiae na Eccles Street, Meath na Heytesbury Street, Mount Carmel em Braemor Park, National Maternity na Holles, Orthopaedic Hospital of Ireland em Clontarf, Our Lady's Hospital for Sick Children em Crumlin, Our Lady's Hospice na Harold's Cross, Our Lady of Lourdes Hospital em Dún Laoghaire, Pembroke Private, na Pembroke Upper, Rotunda em Maternity, Royal City of Dublin na Baggot Street, Royal Hospital em Donnybrook".

E continua:

-- "Poderíamos levá-lo também para outros hospitais, muitos outros. Mas isso não tem mais importância, porque descobri que está morto, e não há nada mais que se possa fazer por ele. Motivo da morte: um pai motorista. Portanto o que devemos resolver agora é em que cemitério devemos enterrar nosso Stephy, para que ele descanse em paz e venha um dia a perdoar o que fizeram com ele. Não quero meu filho enterrado onde não possa vê-lo quando quiser; visitar a terra sob a qual descansa. Odeio a idéia de levá-lo para Rahoon. O mais apropriado seria enterrá-lo ao lado de Parnell, que é tão grande que em sua tumba apenas está escrito, 'the Chief's Grave'. Será tão difícil assim conseguir deixar o menino ao lado de Parnell, no cemitério de Glasnevin, junto com as demais celebridades nacionais? Nada de Rahoon, Joe, por favor. Vamos enterrá-lo com Parnell e escrever seu primeiro nome em um pedaço de granito de Wicklow. E depois os seguintes dizeres: 'He who lived in purity of mind and heart rarely equalled receives the blessing of Lord'".

Enquanto falava isso, Kate passava o sangue do pato no

rosto e na toalha da mesa mais próxima. Joe cerrou os pulsos e os mostrou para Kate. Seu corpo tremia, como tremiam suas mãos e mesmo a pele enrugada de seu rosto encardido pela vida. Joe voltou à sala dos espelhos e viu sua face dezenas de vezes parcialmente refletida por entre os ombros dos fregueses, ora um lado do rosto, ora os olhos e o chapéu, ora a orelha esquerda e a costeleta. Ele também tinha sangue no rosto e nas mãos e tinha a cabeça do pato cravada no bolso da lapela. Concluiu que Kate ficara com o corpo do pato, talvez para comê-lo depois às escondidas. O garçom passou por ele com dificuldade, trocando cotoveladas com todo mundo, e deixando no ar um odor de gorgonzola. Devia ser muito difícil trabalhar num lugar tão apertado assim, pensou Joe, com falta de ar.

Sua figura no espelho, a demonstração de que ele e Kate jamais se entenderiam a respeito do cemitério, as velhas acusações, o cheiro de gorgonzola, o odor de cigarro e de cerveja, as rugas faciais de Kate, tudo o desagradava, tudo parecia incompatível, tudo parecia um despropósito. Por que é que viera parar naquele lugar, se nem mesmo gostava de fre- qüentar pubs? O que é que Kate fazia com o pato que Stephy alimentara com migalhas de pão há poucas horas? Não fora ainda há pouco que passearam ao redor do Pilar de Nelson, na O'Connell? Não é possível mais ficar no Byrne's.

-- "Vem Stephy, vamos só nos dois visitar a girafa no zoo, subir pelo seu pescoço e estapear três vezes sua pequena cabeça. Está bem, trazemos Kathleen conosco. Mas tem cuidado. Kathleen é muito pequena. E a girafa é muito grande, além disso sua irmã é doente".

-- "Vamos levá-la assim mesmo", disse Stephen de dentro dos tímpanos de Joe.

-- "Será batizado na Igreja de Saint Andrew", disse Kate com o fígado do pato nas mãos. A carne do pato saltita na ponta engordurada e brilhante de seus dedos.

-- "Será batizado na Igreja Saint Francis Xavier, ou não me chamo Joe Byrne Hayes".

-- "Eu te batizo em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo", diz Pe. Doyle, com uma cerveja nas mãos.

-- "Eu te batizo em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo", diz Pe. Doyle, com a testa vincada, porejada de suor. Nunca houve um verão como aquele na Irlanda.

-- "Eu te batizo em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo", diz Pe. Doyle, e sua última palavra retumba na igreja vazia.

Joe percebe que traja a jaqueta da Irish Ferries, embora na época em que Stephy fora batizado, Joe estivesse na marinha. Joe se vê muito jovem, ainda, vivendo numa época em que se sentia mais vibrante e esperançoso do que nos dias de hoje. Kate protesta a respeito do traje, assim que tem uma oportunidade: queria que ele se vestisse apropriadamente para a cerimônia de batismo, mas Joe desculpa-se, e diz que o nome da empresa no paletó não afeta a cerimônia, pior se viesse de pijama.

Novamente Joe caminha pela igreja, agora efetivamente exibe seu velho pijama de listras. Não há ninguém na nave. Não há ninguém em parte alguma. Joe aflige-se, corre até a sacristia. Não há uma só alma ali. Ouve ruídos provenientes de uma pequena sala do fundo. Joe vai até lá, bate na porta. Pe. Doyle, já todo paramentado, abre a porta, demonstrando indisfarçável impaciência:

-- "O serviço de Deus não pode esperar".

Joe esforça-se para encontrar uma explicação, dizer algo,

mas nada diz. Limita-se a encarar os presentes. Pe. Doyle manda que se acendam as velas. As testemunhas obedecem.

Pe. Doyle dirige-se até um aparador e alcança uma bandeja de prata com o sal, o hissope a água benta e a cuia, também de prata. Deposita tudo isso sobre uma peanha vazia, ao lado da pia batismal, e ordena que todos se aproximem com o menino. As testemunhas e Kate seguram as velas já acesas. Pe. Doyle pede que ela desabotoe a roupa de Stephen. O sacerdote abre um volume, cruza os dedos e diz a que veio.

Joe busca reconhecer as pessoas que estão ao redor do padre e do pequeno Stephy. É inútil. Onde teria Kate encontrado aqueles tipos? Por que é que o casal Dudley não está presente? E Walsh, e Cathy? Joe reconhece, ou pensa reconhecer, ao fundo, o demônio, que espia tudo muito desolado por detrás de uma coluna. Joe vê lágrimas em seus olhos de fogo. O vil deplora a perda de mais uma ovelhinha, que está prestes a engrossar o rebanho de Deus. A cada golpe do hissope, o enrustido solta gemidos fundos de dor, mas aparentemente nenhum dos presentes se dá conta disso, exceto Joe.

No transcorrer do batismo, Stephen agita-se mais do que nunca. Chega a urinar copiosamente na pia batismal, sobretudo depois que Pe. Doyle benzeu-o com sal e molhou seu peito, suas costas, sua cabeça e seus pés com água benta, fazendo em todos esses lugares, com seu frio polegar, o sinal da cruz. Joe olha para o filho, acompanha atentamente seus movimentos desencontrados e sua agitação. Apieda-se pelo fato de Stephen se encontrar à mercê do mundo adulto, que o força a se submeter sistematicamente, indo contra sua própria natureza animal. Joe observa seu filho embrutecido,

tomado por uma raiva que jamais demonstrara antes; a musculatura de seus braços e de suas pernas travada como se o tivessem empurrando para o cadafalso; o olhar congestionado de inconformismo e pânico, como se Stephen pudesse pensar tudo isso. Jamais Joe vira tão claramente, como naquele pesadelo, o malefício da norma social agindo corrosivamente sobre a índole de uma criança. E quanto mais Stephen se enervava e resistia, mais impiedosamente agia o mundo adulto sobre ele. Pe. Doyle chegou a arrancar um dos botões de sua camiseta bordada. Lanhos de unha e arroxeados vão aparecendo na carne rósea do rebento. Kate sustém-no; segura-o, enfrenta-o, arrosta-o, desdobra-se para abafar a expressão da vontade do filho. Pe. Doyle secunda-a, segura a rês com força, iracundo, medonho.

-- "Não há merecimento sem fé".

-- "Não se chega até a luz sem antes atingir a consciência do padecimento".

-- "Mas é demais para uma criança de quatro meses de idade", protesta inutilmente Joe, e acrescenta:

-- "Por que não a luz, sem nada em troca, sem promessa, sem compromisso, como um crédito bancário ilimitado concedido sem a correspondente garantia hipotecária? Por que é que antes devemos pagar para depois receber? Por que é que não recebemos um pouco, primeiro, depois pagamos um pouco, também; em seguida recebemos outro tanto, e pagamos mais um pouco? Por que é que a Santa Madre Igreja não deixa meu filho se ocupar de seu egoísmo e de seu crescimento, de seus prazeres pequenos, de suas gulas? Por que não o deixa livre para julgar? Por que é que tudo funciona desse modo no seio da Santa Madre Igreja, Pe. Doyle?"

Stephen começa a espirrar e a tossir. Ele está pálido e parece mais franzino do que já é. Joe pára de falar. Penaliza-se com o estado de seu filho. É preciso salvá-lo, retirá-lo dali. Mas não será um contrasenso querer escapar com o pequeno Stephen para assim salvá-lo, se para ali o levaram para naquele dia e hora começar a galgar os degraus íngremes de sua própria salvação?

Joe arranca o paletó de seu pijama de listras. Sente-se confuso e só. Stephy sobre a pia batismal cerra os punhos, parece compreeender o que seu pai está querendo lhe dizer.

Os braços de Joe, não obstante, estão pesados, muito pesados e endurecidos para arrebatar o filho do sacrifício. A cerimônia prossegue.

-- "Por que é que os fiéis não confiam na Palavra Dele e se tornam impacientes, insolentes, contestadores?" diz Doyle.

-- "Por que é que os homens não se espelham na perseverança e na coragem Dele, que soube distribuir o bem sem medida e suportar o mal desmedido?"

-- "Por que é que os fiéis, ao invés de depositar plena confiança nos desígnios Dele, preferem a dúvida, a pecha, a calúnia?"

-- "Por que é que os homens não se calam para ouvir e preferem falar, esbravejar, acoimar, chamando cada um desses atos de liberdade?"

-- "Eu te exorcizo, degradado, para que doravante e sempre saibas que tu vales a razão de teu sofrimento".

-- "Eu te batizo, infeliz, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Como filho de Deus tu irás perpetuar tua dor e tua raça nessa terra de desencontrados".

-- "Eu te batizo, indesejado, com o nome de Stephen

Marcus Lucas Mateus Petrus Iohanes Michael Gabriel Samiel Raphael Sachael Anael Cassiel Patricius Byrne Hayes", brada colérico Doyle, chutando a peanha com a bandeja de prata, sobre a qual repousavam o hissope, o saleirinho com sua colherinha, o frascozinho de água benta e a cuiazinha.

Será Aquino vindo em seu socorro? pergunta Joe, vendo o santo atravessar a mesma porta que Joe cruzara há pouco. Doyle se desorienta ainda mais ao vê-lo; ergue a batina, as coxas alvas à mostra. Exibe como defesa o punhal de estanho extraído de uma bainha presa à panturrilha. Está prestes a sacrificar a presa. Aquino impede que Doyle prossiga.

-- "A fé não pode prescindir da razão, e tudo isto aqui não passa de um engodo", adverte Aquino, apoderando-se do punhal de Doyle.

-- "Liberta o insubmisso, deixa suas asas baterem na direção que desejar, como uma ave na tundra, até que se dê conta do amor que existe em seu peito, e da responsabilidade equivalente".

Joe coloca Stephen sobre seus ombros. Mesmo assim é difícil imaginar que seja possível subir no lombo da girafa, atracar-se em seu pescoço e subir por ele como se fosse uma escada, uma vertente de montanha. Kate, sentada em um banco de jardim, pede para que Joe faça Stephen descer e liberte a girafa. Insiste na argumentação de que ir ao zoo àquela hora era mesmo perda de tempo; que deveriam, não há dúvida alguma agora, ter escolhido outra ocasião, um dia, enfim, em que pudessem acordar bem cedo e ir ao Phoenix Park com toda manhã e toda a tarde livres. Mas Joe insistiu, Stephen insistiu, e ei-los no parque, os animais ariscos, cansados, o sol com pressa para se pôr, as estrelas nervosas

para sair, tulipas brancas plantadas no firmamento. A girafa não quer cavalgar com Stephy sobre ela. E ademais os leões estão soltos e famintos. Os disfarces do zoo caem por terra. Os animais mostram as garras, as línguas ásperas, os dorsos fétidos; moscardos sobre eles, erguendo a capa de pêlos para comer os furúnculos e o que ficou depositado sobre a pele. É muito melhor, pensa o sonhador, ficar no Saint Stephen Green Park, alugar um barco, deslizar sobre o espelho d'água, ver as folhas dos carvalhos caindo na grama.

Tudo desfila lentamente por ele; são estranhos seres e objetos, atravessando um longo corredor na penumbra: os patos atabalhoados, os domingueiros do parque, com suas roupas claras, os pintores com suas telas e malas de madeira; risadas e vozes misturadas são trazidas pelo vento. Os olhos de Joe estão bem abertos, para ver bem.

À frente do Saint Stephen Green, que se desenrola como um tapete metade verde, metade água, uma carruagem puxada por uma parelha de cavalos brancos desloca-se atravessando uma parede, ora do lado em que Joe está, ora do outro. Um bonde cruza o corredor, faíscas saem dos trilhos na curva; no final de um arco de ouro a O'Connell Bridge; Joe segue pela calçada até encontrar um carrinho vendendo bolos Banbury. Qual a criança que não aprecia bolos Banbury? Mas Joe não tem um único pence no fundo dos largos bolsos de suas calças curtas. Encontra uma pedra na calçada. Apanhá-la e guardá-la ou chutá-la e esquecê-la? Decide chutá-la sem muita força. A pedra se desloca no ar, depois toca a calçada e rola, girando ao redor de si mesma. Um lado é mais esbranquiçado, o outro é mais esverdeado.

Resolve regressar pela ponte, subir a O'Connell. Joe olha para trás e a pedra continua rolando lentamente, ganhando

volume e se tornando avermelhada. Joe tira o relógio de bolso que ganhou de seu pai quando completou treze anos. Põe a mão no rosto. Não tem ainda nem sinal de barba, mas já tem um relógio. Olha o mostrador que marca meio-dia em ponto. O The Gresham Hotel está vazio, frio, austero e silencioso. O porteiro expõe à luz amarela do dia um molho de chaves, procura encontrar a que precisa naquele momento, e não vê Joe atravessar a porta giratória. O funcionário da recepção, que fica à esquerda da entrada, folheia um jornal furtivamente, talvez confira os páreos do fim-de-semana, e por essa razão também não se apercebe da presença do intruso.

No salão de chá do hotel, algumas pessoas deixam-se ficar sobre as mesas, inertes, imóveis, como se aguardassem sem esperança alguma coisa. Um som de cordas e piano ecoa no restaurante, que fica mais ao fundo. Joe atravessa o umbral da porta e de repente começa a ventar muito forte; lufadas poderosas empurram-no para trás. Joe se debate, como que engolfado pela corrente úmida. Finalmente consegue recuperar terreno. Ressurge o mesmo corredor de antes, mas agora este parece definitivamente com um dos corrredores do Gresham, com sua passadeira vermelha, sua iluminação discreta, seu lambri de madeira escura até a metade da parede. Joe vê uma porta entreaberta. Com cautela ele a empurra, até poder ver melhor o que há ali dentro. Sobre um canapé adamascado, todo ele circundado por uma serpente dourada com cabeça de dragão, encontra-se uma mulher com vestes diáfanas. Não há muita luz ali, além de um par de velas, mas a luz coada por uma fresta na cortina é suficiente para deixar entrever o corpo deitado, seus cabelos em cachos, seu perfil, seus seios fartos, sua pele ligeiramente

azulada.

O vento passa pela fresta da porta e ergue com um toque invisível o tecido colado a seu corpo, tornando-a ainda mais insinuante. Em uma poltrona, um homem corpulento parece em vigília, zelando imóvel por sua segurança. Joe sente nas narinas um odor forte de flores mortas se desprendendo daquele quarto e recua. De repente estremece com o sopro da morte.

Antes de fechar inteiramente a porta, porém, Joe reconhece seus pais, Adams e Ellen, sentados próximos ao canapé e empurra outra vez a folha de madeira. Assusta-se com isso. Precisa entender agora, mais do que nunca, o que se passa. Quem é aquela mulher morta? O que fazem seus pais ali, velando alguém que ele jamais vira antes? Ellen se volta para a porta, fixa um olhar de repreensão no filho; é um olhar seguro, firme, mas ao mesmo distante e frio, quase como se não fosse uma grande surpresa a presença do menino ali; quase como se estranhamente já soubesse que ele viria, para contrariá-la.

-- "Mas o que é tudo isto afinal?" pergunta Adams de repente colérico, indo na direção de Joe. O sujeito corpulento que estava ao lado da mulher deitada assusta-se e se levanta também.

Quando se dá conta de que seu pai vem em sua direção, Joe sai correndo dali; sempre correndo atravessa corredores e desce escadas, cruza o saguão do hotel, empurra a porta giratória, que lentamente vai cedendo, até que finalmente alcança a O'Connell. O porteiro o examina com indiferença. Joe pisa a calçada e segue de volta por onde veio. À medida que avança, sente a presença aquática do Liffey cada vez mais forte.

O rio chama por ele, com uma voz que é um sopro frio mas inebriante. Joe prossegue, avança pela ponte até o meio, e se debruça sobre a murada.

Por alguns minutos olha as águas do rio correndo. Do caudal brota uma névoa acinzentada que rola sobre a pele da água, de um lado para outro, como se o sopro de uma boca invisível a conduzisse caprichosamente.

Joe se pergunta para onde vai, por que é que descera novamente a O'Connell, por que é que seus pais não o impediram de sair correndo e o puseram de castigo, como seria esperado. Quem era afinal aquela mulher jovem? Quem era seu acompanhante?

Começa a chorar. Sente-se só, sentado em um longo corredor cheio de coisas estranhas acontecendo, de parelhas de animais que atravessam paredes, de gente em roupa domingueira subindo e descendo o corredor como se estivessem em um parque. Estava cansado de sonhar. Estava cansado de ser criança. Queria que não ventasse mais, mas isso parecia um desejo cada vez mais difícil de ser realizado. Por sobre sua cabeça coisas voavam; chapéus, guarda-chuvas abertos, bolos Banbury, folhas de jornais. As nuvens passavam rasantes sobre sua cabeça como monolitos atirados por uma catapulta. Os patos do Saint Stephen Green seguiam o rumo do vento, ou eram arrastados por ele, desajeitadamente, as asas batendo desencontradas, o corpo retorcido.

Uma maca de hospital atravessa à frente de Joe, empurrada por dois apressados enfermeiros. Um deles segura um frasco com um líquido injetável. Não é contudo uma maca comum; traz alguns adornos dourados nos pés de metal, inclusive a serpente com cabeça de dragão, que Joe

vira no canapé do quarto do Gresham, enroscando-se aqui e ali. Joe se pergunta se a mulher que está deitada e semi-encoberta por lençóis não seria justamente a mesma que vira no hotel, sendo velada. Corre então atrás da maca para descobrir quem os enfermeiros carregam com tanta pressa.

Alcança-os sem dificuldade, arranca os lençóis de cima do corpo e identifica imediatamente aquele rosto jovem e contraído de dor. É Kate, Kate quando jovem, Kate prestes a dar à luz a Stephen, Kate que tinha um brilho especial nos olhos, que agora já não tem mais; é Kate, com seus cabelos longos e sedosos, ligeiramente ondulados; é Kate, orgulhosa de sua barriga de mãe. É Kate, exibindo segurança. Sim, ela sente dor, mas seus olhos dizem que ela pode suportar muito mais. É Kate, e Stephen está para nascer, força passagem, não quer aguardar mais um minuto, quer o mundo, mas ainda assim, apesar de suas entranhas estarem se rompendo, há duas covinhas nos cantos de seu rosto de futura mãe. É Kate e a pele esticada, sangüínea e túrgida de sua face revela que ela está feliz, eufórica e é a mulher mais saudável a dar entrada na maternidade da Holles Street. É Kate, e seus seios parecem prontos para amamentar todo o berçário dentro de poucas horas. É Kate, e suas mãos, espalmadas sobre a barriga, já parecem embalar o filho. É Kate, que começa a dar à luz antes de chegar à sala de parto, sem nem mesmo esperar que a porta do elevador se abra para que os enfermeiros introduzam nele a maca e façam-na subir para o setor cirúrgico. É Kate, arrancando num frenesi de alegria e dor os panos encobrindo seu corpo. É Kate, nua, lua, esfera, onda,

não, não é Kate, é Stephy, é Stephy envolto em sangue, e não é o líquido amniótico que envolve seu corpo de

nascituro, mas uma pasta de sangue, grudada em seus cabelos, em seu rosto, em seu peito de acidentado. Não é Kate, é Stephy, placa a poucos metros da encruzilhada: N7. Naas 13 Km, Dublin 43 Km. Algumas dessas palavras foram as últimas lidas pelo menino. O vidro do Austin em seguida se quebrou contra sua cabeça, lascas de vidro penetraram em seu rosto, seu corpo atirado contra o asfalto, sua cabeça chocou-se e foi atritada contra o chão. Ainda no ar, mas já muito distante, fiapos da voz de Joe dispersando-se no ar. "Then Micky Maloney raised his head, when a noggin of whiskey flew at him. It missed and falling on the bed, the liquor scattered over Tim; Beded he revives, see how he rises, and Timothy rising from the bed, says, 'whirl your liquor round like blazes, thanam o'n dhoul, do ye think I'm dead?'". É Stephen, a chuva fina e fria empapa sua roupa, Joe cobre com um chapéu seu crânio macerado, quer lhe falar, mas sua voz ficou nas notas da canção. A lâmina da tragédia desceu sobre a melodia, silenciou as cordas vocais. Agora só os carros buzinam ao longe, o tráfego se torna mais intenso e conturbado nas cercanias do acidente. Motoristas descem de seus caminhões, oferecem auxílio, chamam pelo rádio a polícia. Joe é amparado por algumas pessoas.

Não, não é Stephy, não pode ser Stephen, é Kathleen, outra crise de diabetes na certa. Paul chega ao hospital, segura os ombros da mulher, o elevador finalmente, antes tarde do que nunca. A maca é introduzida nele. Um médico se aproxima. Pergunta quem é o responsável. Joe olha para Paul, Paul olha para Joe. É Kathleen, entre a vida e a morte. É Kath-leen, recém-casada, em viagem a Dublin com o marido. É Kathleen, irresponsável, quase maligna, querendo dar cabo da vida de seus pais, infligindo-lhes dor

insuportável. É Ka- thleen, querendo acabar com Paul da mesma forma que quer acabar consigo mesma e com seus pais; é Kathleen, tão fraca, tão pálida, tão pecadora.

-- "O nível de glicose no sangue é um indício de que ela não se medicou corretamente. Talvez tenha ingerido o que sabe que não pode".

É Kathleen, repouso absoluto, insulina e preces. Oração para conservar a santa pureza. "Puríssima Virgem e Mãe, Maria! Vivamente desejo imitar a vossa pureza, tomo a firme resolução de jamais dar entrada em minha alma a pensamento algum ou afeto impuro, nem cometer em parte alguma, nem permitir que na minha presença se cometa cousa contrária à virtude angélica. Rogo-vos, ó Mãe puríssima, me consigais do Cordeiro imaculado, vosso amadíssimo Filho, que execute com as obras o que tenho prometido com as palavras, e purifiqueis o meu coração e o meu corpo pela vossa Santa Virgindade e Conceição Imaculada. Amém". É Kath-leen, não pode ser outra pessoa além de Kathleen, tão adoravelmente imprevidente, tão desconcertante, tão imprevisível, tão dividida, tão inexpugnável, tão contraditória, tão inviolada, tão irlandesa; é Kathleen, com habilidade esgarçou o fio da vida que enrodilhava seu espírito e seu corpo perecível. É Kathleen, sobre a maca; lençóis verdes sobre seu corpo. Ainda no ambulatório aplicaram-lhe insulina.

-- "Ela não deveria se descuidar desse modo. Ninguém pode assegurar que ela não se tornará cega ou estéril, ou ambas as coisas. Poderia mesmo ter morrido".

-- "Quem vai assinar a ficha de internação? É o senhor, Mr. Hayes? É o senhor, Mr. Guyot?"

Não, não é Kathleen. É Kate, só pode ser Kate. É Kate,

desabrochando, multiplicando-se, bola de gude, bola de cera, bola de lã, bola de ar, bola de couro, chocalho, cueiros, mamadeiras, leite, banhos, talcos, panos. É Kate quem pergunta se é homem ou mulher, se é saudável ou doente, se é forte e fero, pleno de vida, ou se é débil e inerme, inane e inerte. É Kate berrando, uivando, mordendo os lábios, o lençol enrolado na boca. É Kate, a energia do mundo mina de sua vagina, da rocha brota a água, da bilha o vinho, da palavra a luz, do corpo o cerne do futuro. É Kate, e seus gritos são ouvidos em toda a Holles Street. É Kate, de repente a dor se transforma em vácuo, a ânsia em fato; a bola, a concha, a cuia, a curva confluem para a planura inalterada. É Kate, cessa o movimento de expulsão, cessa a dor, volta o pundonor; ela abraça o nascituro, que é colocado junto a seu rosto, sobre sua barriga, junto a seus seios, sobre seu coração. Ambos ofegantes. A Holles Street pode dormir em paz, a maternidade pode se ocupar de outros bebês. Stephen, tu não tens nome ainda, teu futuro nome é segredo guardado na mente do pai.

Joe, temeroso, toca os cabelos empapados do filho. As enfermeiras e médicos que circundam a maca de Kate, formando uma parede humana à entrada da sala de cirurgia, mantêm um olho no recém-nascido, outro no pai. Saberá ele honrar a paternidade? Saberá ele sujar-se de bosta com dignidade e altruísmo? Saberá ele conduzir a curiosidade do pequeno pelas veredas certas? Joe toca os cabelos empapados do filho. Mas a maca rola agora mansamente, como se estivesse sendo equilibrada sobre o fio de aço de um trapézio. Quando a porta dupla da sala de cirurgia se abre, já o bebê chorara, já a mãe o vira, já o pai o tocara, já todos o observaram, o estudaram com os olhos. Falta agora limpá-lo

da guerra, medi-lo, pesá-lo, apalpá-lo, mensurá-lo de todas as formas à mão. É preciso que os olhos ingênuos e desarmados que assistem a tudo isso se convençam de que cada um desses maneirismos hospitalares é absolutamente imprescindível para que a vida aconteça, para que o mais fraco vença o convite insistente da morte.

Joe entra com a maca na sala de cirurgia, o bebê é arrancado dos braços da mãe, que esboça um protesto. Joe sentiu as primeiras tonturas; quando presenciou o corte do cordão umbilical foi como se tivessem arrancado seu próprio dedo, suas tripas, seu membro. Um líquido frio brotou naquele momento de algum lugar de seu ser e se espalhou por todas as terminações sensíveis do corpo, na barriga e nos pés. Estava limpa a tesoura? perguntou-se Joe para não desfalecer. Estavam limpas as mãos de quem fez o que fez? Estavam limpos os panos, as pinças, os drenos? Estavam esterilizados os utensílios utilizados? Estava limpo o ar? Estava limpa e pura a luz que ilumina agora a barriga sem viço da mãe, as pinceladas de sangue no lençol, os chumaços de algodão, o vidro de éter? Sobe pelas pernas de Joe, estreitando-as firmemente, uma corrente de gelo. Sua musculatura parece romper-se, a própria pele parece se fender para deixar jorrar o sangue. Há um gosto de clorofórmio em sua boca. A penugem das narinas de Joe está prestes a se incendiar. Uma cadeira seria a solução, mas sentar-se agora em uma cadeira seria impróprio, quase absurdo, justamente quando seu filho chora e contrai as pálpebras; quando o enrolam em panos alvos dando ao futuro Stephen a aparência de um pão de banha mal cozido. Não, não poderia deixar de ver tudo isso bem de perto. Sentar-se agora seria totalmente inadequado, revelaria seu ponto fraco.

O melhor que tinha a fazer era se apoiar em algum móvel, fingir que se sentia exausto e comovido. Se a tontura persistisse, então se distanciaria por um segundo da cena, sempre procurando demonstrar que seu gesto não era nada mais do que uma maneira de exercitar sua alegria, e ao mesmo tempo uma forma de demonstrar que se encontrava a cavaleiro de toda a situação.

Antes porém que pudesse perseguir tal desiderato, mãos e braços acudiram-no e o depuseram em uma cadeira de aço, que fora trazida em seu socorro.

-- "E depois, pai, o que aconteceu?" perguntou Stephen.

-- "Não pense que desmaiei".

Ali sentado, Joe ficou espreitando as feições do filho tanto quanto era possível com todas aquelas pessoas em volta, gesticulando, transportando coisas. Quando não lhe era possível ver o rosto de Stephen, Joe imaginava como ele seria dentro de alguns anos, suas covas, espinhas, sardas, manchas, covas, ritos faciais, cicatrizes, apreensões. Sua cor quando enregelado, o matiz de seu rosto sob intenso calor; a coloração de sua face quando alarmado, quando acalmado; seu desenvolvimento e mudança, a aspereza de sua barba nascente, o pomo de adão despontando, a mudança de voz, a mudança de lar.

-- "E depois, pai, o que vai ser de mim?"

Lá vai Stephen nos braços de uma enfermeira. A mãe, que fora deslocada para a mesa cirúrgica, voltou para a maca. Os trabalhos estavam definitivamente encerrados. Levam Kate agora para o quarto. Esqueceram-se de Joe, plantado na cadeira de aço, justamente quando sua cabeça rodopiante começava a indagar para ninguém, para entidade alguma, sobre seu destino, sobre o futuro dos três, daquele dia em

diante; sobre se agira corretamente ao trazer um filho ao mundo, justamente ele que sempre indagava se o mundo tinha remédio, e que sempre, também, respondia sem titubear que não.

Pronto, Joe, os pés não estão tão enregelados como antes. Apenas a boca está muito seca, e os olhos chegam a arder de tão vermelhos, e a pele toda do corpo parece prestes a se quebrar como biscoito crocante entre os dentes. São as velas ao redor do caixão de Stephy que fazem com que o ar fique assim tão seco. São as flores ao redor do caixão de Stephy que fazem com que o ar fique tão nauseabundo. Tio Arthur na cadeira ao fundo fuma um charuto que faz com que o ar se torne ainda mais irrespirável, quase maligno. Mas ele veio de muito longe para segurar a alça do caixão. Deixem-no fumar. Joe se curva sobre o rosto de Stephen. A luz da manhã atravessa por um rasgo da cortina rota de uma janela, invade o velório e se projeta parcialmente sobre seu corpo, deixando o resto na penumbra. É como se um pedaço de Stephen estivesse prestes a se desgarrar da noite na direção da claridade.

Todos estão cansados, muito cansados, pensa o Joe que sonha. Nem parece mais um suplício imaginar que dentro de poucas horas o corpo de Stephy e o dele estarão separados para sempre. Dentro de poucas horas ele sairá dali, enterrará seu filho. Tudo estará definitivamente terminado. Kate e a pequena Kathleen seguirão para casa; alguém fará a gentileza de levá-las. Quanto a ele, sairá com as mãos enfiadas no bolso da calça pela rua defronte, como um desocupado, um vadio, um desempregado na vida. Tomará um ônibus qualquer, descerá em qualquer parte, andará pela cidade como um cachorro que se desgarrou do dono. Nem sofrerá

com as dores físicas do acidente, com os cortes em seus braços e pernas, com os hematomas do peito e das costas. No fim do dia ainda não terá voltado para casa. Sentir-se-á livre; trará na cabeça apenas fiapos de sua história, trapos esgarçados do passado que farão com que apenas se recorde de acontecimentos em sua vida que não trazem nexo algum entre si. Estará por fim liberto da dor. Sua história não terá mais começo, meio ou fim. Terá apenas perguntas a serem formuladas. Indagações autônomas, isoladas, como se fossem produto de uma operação realizada com olhos vendados, em que se juntassem e desjuntassem mecanicamente trechos de uma vida amorfa e sem sentido. Ter-se-ia mesmo casado um dia? Quantos amigos já enterrara? Que significam esses minutos escoando inutilmente? Parecem graxa escorrendo pelo canto da boca, pelas narinas. Estará sonhando ou vivendo de verdade? Se é um sonho, por que não termina? E essa interminável e monótona pressão nos tímpanos? É quase um zumbido contínuo e hipnótico.

-- "Ela está ligeiramente sedada agora. Precisa descansar. Mas o senhor pode ficar com ela, naturalmente".

Joe se levantou da cadeira de aço, cruzou a porta da sala de cirurgia, e acompanhou a enfermeira pelo corredor, até um quarto no outro extremo do andar.

Kate abriu os olhos quando ouviu ruído de passos e volveu o rosto, vagarosamente. Joe estava plantado à entrada do quarto. Seus olhos procuravam por mais alguém. Queriam saber onde se encontrava o menino que nascera. Será o momento certo para dizer à mãe que ele se chamará Stephen?

-- "Você não tira essa farda de trabalho, Joe? Nem mesmo no dia do nascimento de seu filho?", disse Kate.

-- "E o bebê?"

-- "No bercário, mas logo virá me visitar".

Joe entabulara, quando vinha pelo corredor, algumas frases para dizer a Kate.

Uma delas falava da impressão que tivera ao vê-la dar à luz tão valentemente.

Outra frase, que precisava pronunciar com cautela para alcançar o efeito desejado, dizia que ele jamais ouvira alguém urrar com tanto vigor, como ela ao dar à luz. Joe arremataria dizendo que nunca mais se atreveria a discordar dela.

Outra ainda dizia que o filho parecia saudável e que era bonito, embora tivesse os olhos muito inchados.

Outra dizia que se sentia muito feliz, agora que finalmente era pai. E que pretendia promover um almoço e convidar alguns colegas da marinha, para apresentar seu filho ao mundo.

Outra dizia que pretendia esculpir um cavalo alado de um metro de altura e dá-lo ao filho.

Havia uma cadeira de aço idêntica àquela em que se sentara na sala de cirurgia. Joe abandonou o corpo sobre a cadeira e se deixou ficar olhando as paredes, o chão e o teto. A felicidade estava entalada em sua garganta. Se descobrisse um mecanismo para fazer explodir em volta dele, como alguém que fura uma bexiga de festa, seu profundo e sólido contentamento, ele o faria.

No entanto, seus olhos percorriam os cantos do quarto, as ranhuras e irregularidades da parede, as sombras sobre ela projetadas. E seus ouvidos, atentos a qualquer ruído, registravam o frufru da cortina da janela, o gotejar da água da torneira sobre a pia, no fundo da qual repousava uma cuia

de ágata enferrujada; os passos que iam e vinham de um lado a outro do corredor.

Havia em Joe uma intensa expectativa quanto ao filho que acabara de nascer. Ao mesmo tempo em que queria vê-lo novamente, e logo que possível, para assim confirmar tudo o que conseguira observar da primeira vez que o vira, o que gerava uma crescente ansiedade, por outro lado receava que tudo não passasse de uma ilusão; que o filho não tivesse resistido. Por essa razão chegava a temer por alguma notícia vinda do berçário, qualquer que fosse ela. E para que Kate não revelasse com seu modo insistente de olhar alguma verdade que Joe não desejava saber, ele se limitava a pervagar com os olhos o pé da cama e arredores, evitando sempre olhar diretamente para ela, e não levando em conta que Kate talvez quisesse ouvir algumas daquelas coisas que ele preparara para lhe dizer e não dissera.

Finalmente uma enfermeira trouxe Stephen para o quarto. Joe fez menção de saltar da cadeira e ir a seu encontro, mas não dispunha de forças para fazê-lo, nem de voz para se comunicar com a enfermeira e lhe explicar o que estava acontecendo. Desta feita olhou para Kate, ela movia os lábios como se quisesse dizer-lhe algo, ou estivesse de fato dizendo, mas Joe também não conseguia compreender nem a intenção, nem o que porventura ela dissera.

Capítulo 11

Kathleen

sopa de ervilhas mãe não mãe sim verde afogou-se eu pequena o tritão vai queimar minha língua debaixo dos pés as formigas comendo o resto da sopa vertida pelo babador mãe não quero mais pai me leva daqui o verde mar o verde vinho Lucy and Cynthia told ya told you told ya all para cima o verde céu para baixo o verde chão falta de ar ar mãe moscas na moscas dentro da cabeça batendo com um

chocalho chibatada chibatada Lucy na escola a freira pecado levantar a saia e mostrar o púbis e os seios Lucy já com pêlos eu vi sopa outra vez no nariz quero ar carregada para caixa não quero o terraço zumbido zumbido moscas bato nelas me escondo delas debaixo da mesa da sala de jantar avô Adams gosto mais tio Arthur golfe a bola zunindo rente aos olhos folhas secas avermelhadas e alaranjadas por favor mais sopa não me tire daqui quem é você? gavião tritão dragão sufocando água salobra do mar queijo não sim só um pouco o cheiro me deixa tonta é o whiskey não disse disse se tivesse grávida nada de bebida comida só a que não faz mal sopa de ervilhas Stephen se diverte com meu sofrimento quer ver mom forçar-me a comer não posso mais até a garganta toda a água do mar e água suja do deque a água da latrina a água das flores a água do Seine ervilha um pedaço de ervilha mal amassado tira tira que se não tirar não como já está fria e mofada cai no tapete mom briga cai na roupa nova mom briga stop with that Stephyyy! cai na roupa velha briga também stop I already told ya to stop sopa de ervilha na coxa de Lucy as veias roxas de Lucy intestino ruim castigo mesmo assim se eu tomar mais uma colher eu viro uma bruxa navegando em cima de uma colher de pau whiskey te disse para não beber entrar no meu corpo insulina espadachim será que já morri será que é sonho é pesadelo? ai que frio vou atirar tudo no chão vou ficar de castigo de qualquer jeito com tudo ou com nada com muito ou pouco não como e pronto o verde mar outra vez me engole e minha cabeça as moscas zunem asas uma cauda feia e verde entrando e saindo pelas orelhas largue meu braço comissário como se chama? peito de papagaio vou vomitar mas estou fraca e desligaram a luz do restaurante assim não posso

vigiar assim não posso sento-me na cadeira não provoca Stephy não sinto mais vontade de bater nele com toda a força é só ele me deixar pegar sua bola de plástico e ir para o jardim subir em árvore vai cair melhor que caia não tomo a sopa viro tudo no tapete mas não tomo o balanço agora é meu depois é seu chuva de inverno ardida no rosto alfinetes o cachorro Piggy novelo em volta do carvalho Piggy Piggy! vai buscar busca aqui o disco já vou entrar mais um pouco só vai Piggy vai outra vez a chuva alfinetes no rosto Stephy correu para avisar que eu ainda estava lá do lado de fora chuva no rosto mamãe não vai gostar vem Piggy entra Piggy e Piggy não entrava Stephy da janela do escritório do papai atiçando Piggy eu entrei mas não devia não sei não sei onde foi parar o cachorro eu não vi eu não vi I swear for God levou entre os dentes o disco azul e bege estão me arrastando pensam que não sei que estão me arrastando machucaram meu braço uma espetada de agulha água quente estou caindo num tapete num tapete fofo os pêlos muito altos cheirando a cigarro meu nariz está sangrando sinto que meu nariz está sangrando vem Piggy vem Piggy não é Piggy não é Piggy já vou entrar não sei não sei onde ele se meteu não sei dele ele estava aqui brincando com o disco indo e vindo assustou-se com a chuva saiu correndo na direção da Drum- condra se o ônibus pegar de quem é a culpa minha que não é a culpa é de Stephy que atirou longe demais o disco e o cão- zinho foi atrás não quero mais sopa de ervilhas elas entram e saem do meu nariz não está vendo comissário que estou entupida de sopa de ervilhas vou vomitar na sua farda alfinetes a chuva caindo mais forte quero sair da banheira não quero mais ficar ensaboada na banheira um restinho de torta de nozes e avelãs escondido num pedaço de papel do caderno da escola

ninguém vai descobrir que roubei mom diz que não posso comer doces mas todos comem e eu fico com vontade escondi o pedaço ninguém vai achar ela disse que eu vou morrer se comer não quero mais ficar na banheira já lavei as orelhas já lavei atrás delas está ficando muito frio pai onde é que está o barquinho que você me deu de presente? um barco grande com janelinhas e com pessoas dentro e luzes e fumaça das chaminés já disse que o cachorro foi embora porque Stephy jogou longe o disco ele foi por ali até a Iona Road depois foi para os lados do ponto de ônibus da Drumcondra foi para o centro de ônibus os ônibus que vão para lá descem a Dorset mas estava chovendo e ele vai se resfriar e morrer se ninguém for atrás dele o que estão dizendo? que atropelaram ele na Lindsay Road? não acredito só se mostrarem ele o disco que Piggy segurava com os dentes e não queria devolver a menos que Stephy pedisse com jeito me dá Piggy que te dou um coelho vivo para você morder não me deixem cair estou caindo soltem meu cabelo é uma peruca um disfarce não puxem meu cabelo é um disfarce para não ir à missa aos domingos toda a cidade imóvel todas as igrejas com cantos e sinos cheiro de bacon saindo das cozinhas vem Piggy vem Piggy vem Introibo ad altare Dei não quero ficar ajoelhada mom dói se Deus me entende por que é que tenho que ficar de joelhos na frente dele e comer um pedaço dele eu não quero comer pedaço de ninguém quero ir brincar com o cachorro no parque papai prometeu Stephy não vai porque tem desfile na escola depois desfile na rua vem Piggy pega o disco não fui eu que soltei Piggy não foi não já lavei as orelhas atrás e na frente já tirei a remela dos olhos já lavei os dedos dos pés um a um quero sair da banheira quem deu a você a bicicleta Stephen?

também quero uma igual à sua não quero diferente quero uma bicicleta vermelha com uma cestinha no bagageiro da frente a sopa vai me sufocar mal consigo respirar não posso comer nem mais um pouquinho ervilhas gigantes em cima da minha cabeça Introibo ad altare Dei a que horas termina a missa pai ninguém me responde por que é que é tão comprida? quero ir brincar com Piggy e depois telefonar para a Marjorie e para a Catherine mom disse que posso ir na casa delas amanhã mas eu estou tão tonta bolo de nozes e de avelãs será que eu vou morrer? o transatlântico emborca na banheira não era para colocar o sabonete em cima dele papai disse que é perigoso excesso de carga em um barco peso distribuído carga bem embalada identificada armazenada corretamente Paul nossas vidas eu preferia quando era pequena quem cuidava da casa e de tudo eram meus pais verdade crua agora e sem tempero os vegetais tem gosto de vegetais o transatlântico de novo de pé quantos pés? quantas pernas? vai para Belfast não vai para a América do outro lado muitos dias e a banheira é pequena demais para mostrar como a viagem é longa já vou sair vestidinho de ir à missa azul-marinho gola grande branca saia plissé um casaco de lã grosso cinza bem claro um gorro também azul fiquei feia de repente outra vez a missa? já não fui ontem? ah é que hoje é missa de sétimo dia de Mr. Isaac Knoles colega de papai morreu envenenado papai disse que ele será o próximo mas estava brincando ninguém na companhia ia fazer isso mas ninguém sabe quem matou Mr. Isaac Knoles já vou mom para poder imaginar que o transatlântico vai muito longe tenho de empurrá-lo bem devagar bem devagar e contornar os cantos da banheira e voltar fingindo que ainda está indo embora eu fecho os olhos o bico toca minha perna faço ele

girar e ir embora outra vez apito comprido com a boca até perder o fôlego o transatlântico avisa tem um bloco de gelo imenso na frente e ele vai desviar o bloco de gelo é o baldinho quero de presente um baldinho da cor dos icebergs o transatlântico escapa por pouco já vou sair os fios do tapete no meu nariz cheiro de cigarro e de bala e de comida cheiro de sopa de ervilha na minha roupa Marjorie vai à missa como uma mocinha vai à rua pai quero um um não quero dois cisnes de mármore com olhos verdes de safira e pernas adornadas com pedras da cor do rubi e pés com unhas da cor do marfim deitados em nuvens brancas flutuando sobre as águas mansas e azuis como meu vestido de missa na festa de Catherine If boys don't drink too much prometi levar pelo menos uma dezena de discos novos daddy wants me to buy her a book as a gift should I? Dou a ela meu disco mais novo Catherine vai ficar feliz se Pete for vou ficar mais feliz já vou sair da banheira eu prometo já estou me enxugando mom ninguém em casa? fiquei sozinha de repente foram procurar Piggy e Stephy foi junto metido não gosto de cheiro de velas quando mom fabrica velas fico enjoada e a casa está com cheiro de velas queimando tem cheiro de flores e daqui do andar de cima ouço vozes e passos muitas vozes e passos parece também que alguém está chorando na festa de Catherine os meninos amarraram os braços dela e enfiaram sua cara no bolo ela saiu correndo para os fundos da casa e se jogou na grama acabou rasgando o vestido também foi idéia do Pete e do David estou com sono a missa de Mr.Isaac Knoles não termina nunca o padre fala dele e olha como se alguém ali fosse o assassino não mandei matar Mr. Knoles não tinha nenhum motivo nem sei que veneno se dá veneno de ratos disse Marjorie com idéias disse também que quando

é morte por envenenamento o caixão fica lacrado e se ele estiver vivo? é verão e vamos de carro até Donegal descer a costa oeste até Galway visitar os Mcnulty Mary e Creg onde está Stephy Stephy não está mais conosco meu irmão está enterrado no cemitério de Rahoon pare Stephy quem mandou você entrar no banheiro não vê que estou tomando banho? vou chamar mom se você não sair já você vai ficar de castigo pare Stephy pare de jogar água nos meus olhos vou contar que você foi andar de bicicleta no dia de Saint Patrick do outro lado da Drumcondra se papai ficar sabendo você não anda de bicicleta por um mês quem está aí é Pete? não devia ter ajudado David a estragar a festa de Catherine pensei que você tivesse idéias próprias pensei que fosse mais adulto eu sei muito bem por que é que vocês fizeram isso com ela Catherine não queria namorar nenhum de vocês ela gosta de Francis que se tivesse ido à festa não teria podido evitar o que aconteceu porque é fracote vem cá Piggy vem comer minha sopa de ervilhas que eu não agüento mais olhar para o creme esverdeado escorrendo escorrendo no meu corpo nos meus olhos na minha boca tampando meus tímpanos minha barriga vai transatlântico hoje a viagem é para Madagascar especiarias os viajantes vão ficar envenenados como Mr. Isaac Knoles roubei a bússola do escritório do papai vou colocá-la no navio para o comandante saber para onde vai uma luz forte nas minhas pálpebras calor queimando dor sob os braços onde minhas pernas? fundo mar uma carcaça de barco sobre uma pedra lisa e grande parecendo uma mesa e o barco um bibelô um enfeite Piggy também sabe nadar dizem que nascem sabendo vem Piggy brincar na banheira se mom vir vai ficar brava o cortinado da janela esvoaça e as folhas do carvalho caem muito secas batem na vidraça e se

quebram Pete tocou a campainha da minha casa mas desistiu e foi embora quando cheguei na porta ele é mais estranho que o irmão que é também muito estranho é a segunda vez que ele bate na porta e vai embora o que é que ele quer dizer e não quer dizer? estou brava com ele sim mas pode entrar se quiser se tiver um bolo jogo metade nele a outra metade eu como quem teve a idéia de estragar a festa de Catherine? Pete está voltando pelo outro lado da calçada sabe que estou na porta mas finge que não me viu e segue olhando sempre para frente com o pescoço para diante como se tivesse medo de cair cada dia está ficando pior stop it Stephen it dazzles me pare com a lanterna meus olhos ardem ardem mais agora ardem mais do que quando o sabonete entra nos olhos do que quando a lama espirra neles gruda na retina o cheiro de vela queimando já um enjôo no estômago Stephen vestido de terno branco deitado entre flores o lado direito de seu rosto tem um buraco que mom disfarçou com um pano prefiro ficar do lado esquerdo que mostra o rosto dele como sempre foi parece que vai rir de nós todos quase vejo ele respirar lentamente fingindo que morreu Stephen tinha mania disso aproximo meu rosto do dele o cheiro dele mudou quero sussurrar uma coisinha no ouvido tenho vontade de provocar mas acabo dando um beijo no lado bom do seu rosto agora mom vem tem um terço com contas pretas na mão e sua cabeça está coberta por um véu também preto e seus óculos estão embaçados ela tem pena de mim que estou sofrendo é a primeira vez que vejo ela com pena de mim estarei enganada? todos tomam uma sopa de ervilhas e têm um guardanapo no colo faz frio quase primavera e se deixassem Stephen assim sem enterrar sem mexer como se ele fosse uma estátua uma escultura como as que papai faz diz Stephy

você quer ficar assim? mom pede para eu sair dali para não falar alto as pessoas não vão entender o que está acontecendo atravesso a sala vem Stephy você está sempre comigo nessas horas agora não tem mais Piggy e não tem mais você só tem uma árvore solitária nos fundos e lá você não sobe mais nem atira pedras no Piggy não adiante bater na porta que não vou sair do quarto já disse que não vou sair estou doente não quero ir ao enterro de Stephy por que é que o cemitério é tão longe? fica no outro lado do país em Galway o transatlântico volta de Madagascar e traz os presentes de Natal adiantados parece uma colher muito fria que passam no meu rosto na minha testa as patas do tritão quero voltar para minha cabine quero voltar para Paris Paul vem me pegar no aeroporto este é Pete que quase foi meu namorado andava do outro lado da calçada do lado errado era esse seu problema e gostava de bater em mulher esse era outro problema seu e tinha amigos maus como ele a professora de francês quer que conjugue o verbo avoir e verbo être canelas bem brancas e sardentas eu a vi correr da chuva ou correr atrás de alguém conjugem o verbo avoir o verbo être tinha um violão e contava músicas em francês Paul cante Frère Jacques adeus Stephy é hora de tamparem o caixão pense em nós quando estiver em um bom lugar posso ficar com sua coleção de cavalinhos? e com seu boné vermelho de escoteiro? my colleagues strive for Trinity College para mim tanto faz desde que seja o melhor para mim pode ser Trinity pode ser University College Dublin pode ser Cork desde que seja ciência política pare Martin não vou continuar com isso se vai alugar um apartamento em Man- hattan pode ir sozinho oitocentos dólares por mês não tenho não posso passar sem bisbilhotar as iluminuras do The Book of Kells toda vez que quero bisbilhotar as iluminuras

do The Book of Kells muita sorte o bispo de Meath encontrar e trazer seu achado para Trinity Lucas Mateus João e Marcos tristes e patéticos mas também fulgurantes e superiores é um crime estar no lugar de Yeats na cadeira de Yeats no pub de Yeats e não beber como Yeats cinco anos Stephen faz cinco anos que você foi enterrado e jurei não visitar você em seu jazigo mas agora juro que esta é a ultima vez que olho para essa pedra estúpida e ao invés de ver você vejo gralhas ciscando trouxe sua bola seu canivete as meias escandalosas que você gostava vou levar tudo de volta devia haver uma janelinha para enfiar as coisas indevidamente esquecidas adeus Stephen se há uma coisa que a podre Europa não sabe que existe é o verde da Irlanda verde assassino verde dos cemitérios prados chão das ovelhas e carneiros tio Creg me olha como se eu não fosse mais eu tia Mary percebeu eu acho até onde meus seios vão crescer dentro da blusa não ele não é tio de verdade é um homem e isso começa a me incomodar até papai é um homem que coisa ridícula mas Mirra não pensava assim a menininha não morreu de diabetes mas vai morrer de viver pensando nisso a vida inteira Martin quer me levar à força quer que eu abra à força as pernas e seja dominada para o inferno não vou para Manhattan com você não vou fazer com você Manhattan alguma acabou Martin está indo embora com seu constante guarda-chuva preto não se sabe qual é mais magro subiu no avião cheio de americanos que se curaram na Irlanda da nostalgia pátria ache em Manhattan seu par de pernas e suas tetas Martin me queria depravada mesmo que fingida neguei-lhe tudo até um infinitesimal grama de amor ai tudo gira mais depressa uma agulha fina penetra na bolha do meu mundo infla minha bolha me estufa o peito o oxigênio parece

soprado com força para dentro de mim quando entrei na Lecky Library Martin me abordou com um pretexto vulgar qual era mesmo? queria lamber meus joelhos não não foi isso era um livro que eu lia e ele lera ou que eu iria ler e ele queria ler antes ou algo que no Palace Bar de William Butler Yeats dei a ele a última chance de pensar com seus miolos e me deixar morrer em paz não abusem do meu corpo só porque não sei onde ele está alguém deve saber alguém deve ser responsável pelo meu corpo quando ele desaparece das minhas vistas tenho medo de acordar tenho medo de saber que estou acordada é só me sobrou isso que penso e que vejo ou penso que vejo estou sentindo o cheiro das ervilhas cozidas um cozimento sem fim as conversas fúteis do Bewley's assam and darjeeling tea perfectly blended for a fine breakfast com sortimento selecionado de doces e salgados um carrinho que passa diante dos olhos estaciona junto ao meu flanco mais enfraquecido e contaminado pela falta de virtudes doces não posso salgados posso mas não devo chá devo mas não quero fico com tudo Charlie sua mãe é adorável o rugby o cricket não minha estimável senhora o estudo faz parte da minha revolução pessoal desaprendo cada vez mais sim Trinity é Trinity na verdade Sacra e Indivisível Trindade como o denominou Elizabeth I sua fundadora prefiro o Madigan's um pedaço de presunto legítimo da terra dentro do pão com manteiga o pão bem branco como uma hóstia e saboroso como comê-la às escondidas na sacristia autores? O'Brien e Frank O'Connor sim o contista pintores ingleses jamais só franceses serve Roderic O'Connor ele tem o mesmo sobrenome do outro a senhora vê mas o contista não deve ser parente do pintor ou talvez seja a Irlanda é pequena não Gainsborough não já lhe disse que ingleses não

mas vou apreciar se puder me servir outro petit-beurre da bandeja próxima a seu cotovelo esquerdo passe-me também o chá e o cream que se encontra atrás do bule Charlie por favor me surpreenda não posso ir para casa imaginando que lá vou encontrar algo melhor do que quando estou com você não faz sentido tudo parece um erro apreciável diria sua mãe eu falava de Jack B. Yeats o pintor que estrangula minha depressão apática e ela pensava no poeta filho do pintor pré-rafaelita gosta de Frans Hals? eu pergunto porque é um dos meus preferidos não conhece sim tomo mais um pouco de chá não agora sem o leite jamais com açúcar não acho acertado chá com açúcar na verdade não posso adeus Charlie também só essa vez gosto de fazer parte do trajeto para casa a pé depois tomo um ônibus pode vir comigo mas não quero ir depressa é preciso fazer a digestão do dia e isso se faz andando de preferência devagar aluguei um apartamento na Avenue Charles Floquet aluguei sem ver só vi as fotos uma boa amiga Joan me escreveu de lá garantindo que ia gostar ah! Paul foi na porta do prédio que tropecei nas suas pernas uma neve fina e gordurosa depositada sobre os degraus de mármore meu andar no terceiro o seu no quinto desfiei minha meia na queda nádegas roxas a concierge me olhou desolada depois descobri que é o rosto dela decepcionada com a vida que o destino lhe reservou as unhas roídas pela ansiedade os dedos tira seus dedos do meu rosto comissário os dela eram grossos e encardidos de cigarro ouço sua voz me chamando com falsa familiaridade de mademoiselle como se dissesse coquine maraude putain o sentido das palavras no vibrato da voz e no rilhar quase imper- ceptível dos dentes no modo de fazer as sílabas gotejarem para fora dos lábios passou a me chamar de madame quando me viu

sair de braço dado com Paul pai vou para Paris fazer especialização não não não há mais Charlie nem sua mãe nem seus modos aristocráticos a concierge passou a me chamar de madame mas seus lábios e olhos e o tom de sua voz diziam coquine maraude putain irlandaise não me apertem que sei me defender onde está meu tritão? sim nunca mais Charlie nem Martin always dripping only a dry martini if you do not mind a aurora boreal no fundo do copo dissolvendo-se nas paredes de cristal sinto-me atrevassar sua superfície vítrea a retina agora bem próxima ao tampo do balcão do Madigan's Lesley e Anna uma de cada lado suas palavras atravessam meu corpo e o cigarro que fumam me rodeia como um espectro homens de verde marcianos do dia de Saint Patrick querem a todo custo passar por cima de nós Lesley e Anna continuam a falar the oldest Harp of Ireland had been found in Limmerick será possível bebê-la ainda? comer no Beshoff nem pensar o haddock é cozido demais claro que me lembro da ponte ao entardecer de Osborn tela para ver ao entardecer Lesley Lesley rindo nervosa com as clavículas salientes mom diz que é típico de mulher saudável e confiável quando quer convencer alguém de suas idéias as saboneteiras ficam avermelhadas pintadas de branco pele de cobra quando ama as saboneteiras ficam roxas púrpuras azuis brancas arroxeadas brancas azuladas levemente levemente ah estou vendo o fundo do copo de martini outra vez a aurora boreal é mais intensa agora puseram um pedra de gelo no meu copo a pedra se desloca iceberg Anna tem um irmão pintor que morreu de tanto beber como o irmão das irmãs Brontë na estrada para Malahide tinha um florista coxo que fazia arranjos de flores desiguais não é possível que ainda me lembre disso Anna até a hora da minha morte

já estão querendo cobrir meu rosto apalpam-me toda vou dizer a meu pai que esse jogo está ficando muito perigoso estou com o francês na mira do outro lado da arena no meio uns homens fortes jogando pétanque o francês na minha mira na minha mira Lucien o jogador francês se mom soubesse onde papai está gastando suas economias estou perdendo contato com ele tenho medo de despencar de onde estou e rolar pelas arquibancadas das Arènes de Lutèce tão sujas Lucien me observa do outro lado tenho de fingir que não o vi que não sei quem ele é mas tenho de vigiá-lo não Paul eu nada fiz apenas segui seus passos sei me defender meu pai tem o direito de se divertir nós não nos divertimos também? se eu parar de rodopiar se eu parar de falar o sonho acaba e talvez não haja mais nada quando minha voz se calar doctor Solomon comunica privadamente que Mme. Guyot é absolutamente estéril muito obrigada pela franqueza a lei faculta-me a possibilidade de adotar um sapo e transformá-lo em príncipe farei exatamente isso comprarei um lago Paul compre um lago um banhado onde se encontrem sapos saudáveis com sérias pretensões e propósitos radicais ah doctor se o senhor não se tivesse defendido eu o derrubaria com um terceiro soco o primeiro e o segundo doeram mais pela surpresa pare me larguem a aurora boreal se foi no fundo do copo só a madeira do tampo da mesa Anna pare de fumar no meu rosto pare de me afogar com palavras pare de trespassar meu corpo with pieces of thy sentimental life com pedaços do teu mundo os homens verdes de Saint Patrick são a maioria agora Anna sua voz já quase não me fere mais até Lesley se calou copos para o alto viva Patrick brave Patrick viva a Irlanda vou morrer de tédio um mês sem vir ao Madigan's não será o bastante nessas horas o país fica

imensamente pequeno as areias da costa leste se confundem com os arrecifes da costa oeste não adoto um filho jamais Paul imagine o olhar de interrrogação dele quando despontar o entendimento de sua orfandade dirá por que eu o adotei sem consultá-lo? alguém me perguntou se queria uma família como a sua ou outra família qualquer detesto morar em Paris gosto da província diria ele quando aprendesse a falar eu não saberia o que fazer Paul uma ausência plena é melhor sinto-me mais integrada a minha dor mentira sinto-me mais desintegrada na minha dor o motivo dela não é outro senão esse o esfacelamento ugh há um buraco dentro de mim ceifa-me solapa-me vamos ao Caspers comer um salmão e ver as jovens empinarem os seios por trás dos copos coloridos prometo que não coloco mais Piggy dentro do meu quarto Stephy diz que falta pouco para ele se parecer a um ser humano Piggy seja mais covarde Piggy quem sabe humano assim você se inscreve em Trinity na frente passa o no. 10 Allan insiste que eu tome o 10 e vá até lá vê-lo representar em Belfield o melhor aluno de literatura anglo-irlandesa orientado pelo Doctor Harmon desiste das letras e vai para o palco onde elas são pronunciadas dramaticamente em voz alta um dia eu vou acabei indo Allan saiu-se mal tropeçou nas marcações sua voz falhou nos momentos de maior tensão reclamou quando me viu nos bastidores não era um dia adequado eu deveria ter aparecido em outra ocasião viemos juntos para a cidade e tomamos o 10 todo o tempo discutindo chovia descemos na Trinity e fomos a pé minhas galochas pareciam querer afundar e permanecer nas poças d'água era como se eu própria estivesse me desmanchando nas poças no cimento no solo pátrio Paul o país acaba nos matando a todos de tédio e moralidade jesuítica a cada vez

que volto para a Irlanda sinto que não deveria fazê-lo mais o país e eu não falamos a mesma língua mais Paul ambos estéreis e incomunicáveis andamos por mais de uma hora Allan e eu give thy cause away não quero mais ouvir que não deveria ter vindo minhas galochas tudo o que ouço agora são minhas galochas sinto meus pés meus tornozelos desmancharem-se como gelatina o chão absorve-me there are many events in the womb of time disse-lhe ao me despedir lembrando Iago e Allan odiou-me um pouco mais por causa disso provável que fosse melhor nas letras que no teatro Paul pare de me perguntar éramos apenas duas máquinas de pensar se desentendendo por gosto fiquei só pela rua o ruído das galochas é maior quando se anda sozinha na noite vazia se Piggy estivesse vivo caminhando a meu lado como seria a combinação de sons de suas patas com minhas galochas? Is that jazz? mas Dublin não tem ritmo tem só culpa e combate a culpa com o alcoolismo e a igreja da esquina pai não me puxe pela mão dessa forma não quero colocar meu vestido domingueiro e ir confessar meus pecados não tenho pecado algum como posso ter se não posso viver como qualquer um? Paul não suporto que me mortifique todo o tempo um passeio pelo Luxembourg um olhar prolongado nas vitrines-templos que competem com a Madeleine e estarei curada do desassossego Versace Armani Yves Saint Laurent Gucci Dior ao contrário sirvo-me de Rousseau Cervantes Francisco de Assis Senhor não sou digna de entrar em tua casa mas dize uma só palavra e minha alma será salva eu digo Pernod dois ou três de uma vez aí sim o Luxembourg e suas aves gordas e mulheres ociosas comendo chamuças com as pernas brancas ao sol é preciso estripar bem o corpo de uma é melhor ter à mão uma boa faca de desossar para liberar

postas de carne mais rapidamente atacar nas juntas decepar ligamentos e conquistar a cadeira e poder também repousar ao sol arrancá-la de uma vez nem pensar não posso com o peso ainda mais agora que estou grávida grávida deste sonho que é preciso exorcismar com palavras vis dali até a Place de l'Odéon pela Rue de Médicis silenciosamente na madrugada as livrarias fracamente iluminadas a cada passo os livros escondidos nas prateleiras empoeiradas dizem-me coisas úteis que vou sorvendo até que meus seios se enchem de leite doce e quente um ladrão avança sobre mim atiro-lhe na cara um jorro de leite maternal o órfão desaba sobre o calçamento estou bem assim papai? especial para ir ao confessionário o tecido exala um aroma que apaga da memória do confessor o que acabou de ouvir de mim quero meus segredos para mim quero algo que seja só meu Paul palavras banais as galochas parecem mais pesadas e desconfortáveis acho que corri às cegas e deixei Allan para trás ou foi ele quem me deixou talvez tenha sido levado pela enxurrada chuva e vento lambem-me as pernas desnudas cobras transparentes subindo por minhas coxas de veias azuis desenhadas como no melhor mármore italiano minhas calcinhas estão molhadas não quero que ninguém ponha o dedo nelas quero distância e a porta do quarto fechada Paul quer as portas abertas é exibicionista e inseguro queria ter nele confiança suficiente para brincar de morcego dentro do armário com ele para fingirmos que estamos enterrados juntos para sempre para fingirmos que o mundo acabou numa explosão atômica e só resta nós dois dentro do armário há bastante comida no armário para que não se pense na falta de comida e bastante água para que nunca se pense na sede Paul não vai mais precisar trabalhar nem telefonar nem ler os jornais eu não terei que tomar

remédios e medir a taxa de glicose porque não se pode fazer isso dentro de um armário às escuras já vou pai estou procurando um cinto eu já vou estou procurando meu terço e meu lencinho desço as escadas saltando os degraus tropeço estou no ar prestes a me arrebentar no fim da escada papai está lá plaft papai me segura minhas pernas são atiradas para o lado e para o alto minha boina voa ele me abraça e beija posso levar Piggy? não posso levar Piggy isso é uma injustiça prometo que vigio Piggy não deixo que faça cocô no chão da igreja está bem é proibido a igreja é para os fiéis e Piggy só é fiel a nós que não somos uma igreja mas uma família prefiro ficar com Piggy a ir não posso é uma ordem arrasto-me pelo caminho não trouxe Piggy mas trouxe atado a uma corda o caminhão de madeira que foi e sempre será de Stephy até quando ele renascer de novo vem caminhãozinho vem mom disse que vou sujar e estragar o brinquedo que a rua é suja grama e barro e cocô de cachorro frutas pisoteadas restos de comida poças d'água envenenadas já se foram os passarinhos entrei com o caminhão apertado nos meus braços dentro dele o missal e o terço é desrespeito disse mom deixei tudo do mesmo jeito e sentei longe de mom estou vendo Doctor Solomon no banco da frente o diagnóstico fatal está cuidadosamente dobrado no bolso do paletó de tweed toco-lhe o ombro por favor diga-me de uma vez se posso ou não ter um filho a igreja não é lugar para essas coisas está bem estarei em seu consultório na primeira hora de segunda-feira não quero rodeios vá direto ao ponto e diga que não há qualquer impossibilidade física ou genética para eu ter um filho se não me disser exatamente isso de qualquer modo mas exatamente isso não sei o que farei com seu pescoço pelancudo e a verruga pendurada no lado esquerdo

de sua sobrancelha vou explodi-la como uma bexiga de festa Doctor Solomon não mudei de idéia não vou mais ao consultório visita cancelada sei exatamente o que tenho e agora tenho pouco apetite e vontade de beber um borgonha e andar pela Île Saint Louis tomar sorvete beber poire e ver a cidade se recolher em mentiras Paul volte do escritório mais cedo a reestruturação administrativa de uma simples subsidiária não pode ser mais interessante do que um projeto impossível estamos em pecado porque copulamos sem o objetivo de procriar Paul? nova máquina na fábrica um bilhão de francos franceses de custo Paul ela é mais importante do que a minha máquina a antiga era boa mas não era lucrativa o suficiente por isso a nova eu sou boa mas na boca da minha fornalha não desponta qualquer sinal de que minha usina está em operação é tudo silêncio andamos a cavalo na Andaluzia o sol vigilante minhas nádegas socadas contra o assento do selim da montaria sinto-me fraca o animal se impõe com seu vigor avisa que quer me dominar e me levar por onde almeja você está rindo com os outros homens sou a caça sou a corça minhas pernas doem minhas coxas doem um rubor de exaustão sobe pelo meu corpo cuidado para não ferir o rosto contra um galho de oliveira desvio uma e duas vezes faço o mesmo na terceira vez mas me desequilibro e caio meu pé preso ao estribo sou arrastada o animal atravessa um campo de girassóis os talos das flores passam por baixo de mim flores esmigalhadas uma pedra escondida rasga minha pele de repente um clarão o animal diminui a velocidade e pára o sangue empapa minha blusa os homens não riem mais um deles liberta minha bota do estribo deposita meu pé no chão como se tivesse acabado de despir a última peça de náilon do meu corpo deitado sobre

uma cama sou capaz de chorar na frente dele sinto-me idiota mas não o faço finalmente Paul aparece e me tira do chão estou calada e brava estou ofendida e magoada lenço com água fresca em minha testa estou bem comissário foi só uma bebedeira vem Piggy vem atrás do meu cavalo mas pare de latir vamos correndo até o rio nessa cidade fantasma do meu sonho uma lua gigante rola no calçamento avermelhada no centro é um dia que começa ou um dia que termina? não faz diferença meus pais estão distantes do mesmo jeito fugi às escondidadas da escola entrei sorrateiramente em casa e peguei meu cachorro viemos os dois pela rua Piggy sabia do perigo que corríamos caso eu fosse descoberta como eu segurava a respiração mantinha o focinho quente a bocarra imóvel as mandíbulas cerradas até que na primeira esquina um grunhido de alívio para o centro é só descida fomos embalados até o Liffey onde a lua gigante despencou a caiu como uma imensa bola de fogo e gelo fogo por dentro e gelo por fora quando caiu na água e mergulhou vagarosamente como se estivesse temerosa de morrer afogada levou consigo três outros barcos em um deles estavam os professores da escola menos Mr. Lamar que ficou junto à murada lendo Shakespeare em voz alta como fazia nas aulas às vezes bem alto e grave What is the matter? diz Gratiano e Othello responde Behold I have a weapon às vezes baixinho e comovido I kissed thee ere I killed thee no way but this killing myself to die upon a kiss os adultos sempre falam em morte vamos embora Piggy vamos para longe daqui não quero continuar a ver aqueles homens se afogarem no rio por que será que os professores não sabem nadar? talvez porque não tenham tempo para fazer outra coisa do que preparar suas aulas e corrigir trabalhos na volta papai me esperava na

porta de casa soltei Piggy que entrou correndo e caminhei devagar até ele mas ele não disse o que eu pensava que ele iria dizer disse que eu e cada um escolhia a pessoa que queria ser no futuro naquela noite ele me contou a história do homem que inventou um boneco que falava seu nome era Gepeto o apelido que papai tinha porque fazia bichos com as mãos mas eu nunca vi seus bichos falarem talvez só falassem com ele às escondidas deixe-me sozinha Paul uma justificativa plausível para o meu caso é tudo o que você precisa para dormir bem e acordar bem disposto para ter sucesso nos negócios fique trancado com Doctor Solomon um milhão de anos discutindo os aspectos do meu caso e ainda assim tudo não será suficiente para aplacar a ignorância plena do meu coração e a rejeição do meu espírito sabe o Doctor Solomon quantos rostos eu já vi que lembravam o rosto do filho que eu queria ter? sabe quantos olhos e sobrancelhas e queixos eu surripiei de rostos alheios para estudar a composição definitiva do rosto do meu filho ainda sem nome? e se eu te dissesse que ele se chamaria Stephen em homenagem em lembrança em tributo vem para o meu colo Stephen eu queria muito que você conhecesse um tio seu que tinha o mesmo nome que você morreu cedo não deixou herdeiros não deixou obra apenas um caminhão de madeira foi por causa dele que você se chama assim briguei tanto com seu avô para que ele aceitasse mas ele não aceitou por causa disso brigamos por uns dias mas agora ele já se atreve a chamar você de Stephen talvez dentro de alguns anos ele possa dizer simplesmente Stephy o almoço está na mesa Stephy suba até o meu atelier Stephy faça o que sua avó está pedindo e desça da árvore caso contrário você não vai comer a torta de ruibarbo isso sem falar no jeito de andar

de falar na largura dos ombros no tom da pele no modo de correr e de gritar no modo de pedir e de reclamar roubei tanta coisa de tantas crianças que vi e agora só tenho os retalhos tudo jogado numa caixa de papelão como um quebra-cabeças esquecido incompleto impossível irrealizável Doctor Solomon quer que eu seja razoável pega Piggy morde os calcanhares dele põe Doctor Solomon para correr vou ficar aqui no parque vendo as outras crianças brincando a algaravia de vozes estranhos pássaros em bando desunido o comissário seu hálito perto do meu rosto pensa que estou morrendo estou apenas me deslocando através das palavras no pluriespaço sopa de ervilhas mãe não mãe afogaram-se as moscas eu pequena verde minúsculo animal de que adiantam as asas? o tritão vai queimar minha língua ele caminha sobre o meu peito uma bengala risca o espaço um cigarro atirado no tapete muita fumaça é preciso apagar mom não vai gostar nunca mais outra festa em minha casa bem que você falou Stephy que Mike gostava de queimar tudo as formigas comendo o que sobrou da sopa o verde céu para baixo o verde mar para cima não afunde barquinho não quero morrer afogada como vou esconder o buraco no tapete? Mike nunca mais moscas bato nelas e fico depois debaixo da grande mesa as pernas de avô Adams as pernas das outras pessoas a voz abafada pela toalha da mesa o cheiro de bebida me deixa zonza água salgada do mar nos copos o gelo se derretendo os olhos se desmanchando o whiskey me faz pior do que já sou o queijo fétido que os adultos gostam é elegante mas tem que se comer com a boca bem fechada minha língua está em brasa e Stephy se diverte toda vez que me magôo gosta de me ver sofrer e se desisto de comer mom logo aparece não posso mais a água suja do mar está tomando todo o buraco

do meu estômago engoli barcos e conchas e pedrinhas e musgozinhos e peixes prateados não posso mais não posso não posso mais não posso and as the worlds all parts wither away and passe eu também vou ficar murcha e velha como eles não adiante esconderem as caras e os braços seus sapatos já dizem tudo antes que eu ganhe a primeira ruga estarão todos debaixo da terra por causa disso não gostam das crianças querem que fiquemos velhas como eles não podemos ser o que eles não podem mais ser é essa a simples questão só há um lugar debaixo da mesa e esse lugar agora é meu Stephy que venha com as suas ele pode ser mais velho mas não teve a idéia de espiar daqui a noite inteira a festa sem ser notado ele foi dormir no cemitério e deve ter gostado de lá porque nunca mais voltou para casa e nem se despediu de mim papai disse que ele gostava de mim e que não sabia que não ia mais voltar ele é um ingrato a fome podia me fazer desistir mas eu me preveni e comi pão de banha com ovo foram dois ovos que sobraram do café da manhã e uma lasca de bacon que fiquei chupando como falam eles não param de falar o tempo todo por que é que gostam tanto de falar? quando ficar velha como eles já terei gasto todas as palavras e não terei mais o que dizer tenho medo de que isso aconteça logo quando as palavras acabarem vou ficar triste mas vou ficar aliviada e as pessoas vão me deixar em paz dirão coitada ela perdeu a língua não falem com ela o padre enfia a hóstia na minha boca não pode morder tem que deixar derreter cuidado para não triscar sem querer a hóstia é seca e demora a desmanchar tenho vontade de vomitar o padre come uma grande quebra em três pedaços por que é que eu também não posso quebrar a minha? e a boca dele é maior é maior do que a minha e ele ainda toma vinho e eu

não tomo nada a hóstia em cima da minha língua uma menina engasgou e ficou roxa bateram nas costas a hóstia voou longe ela vai para o inferno por causa disso tinha que haver hóstia pequena para criança e grande para gente maior e devia poder mastigar devagarinho pedindo desculpas que diferença faz se vai para a barriga do mesmo jeito? comungou comunguei comungamos eu comungo tu comungas ele comunga nós comungamos nós comungamos vem Piggy guardei um pedaço para você experimentar mamãe do que é feita a hóstia? não sei o que é que Piggy está comendo eu não dei nada vai ver encontrou alguma coisa no chão e pegou um pedaço de jornal uma folha de papel um barbante hóstia tem açúcar? se tiver eu não posso comungar o médico disse que não posso comer açúcar sopa de ervilha na coxa de Lucy as veias roxas de Lucy os pêlos do púbis nem dá para contar são muitos e eu não tenho nenhum prefiro assim acho mais limpinha a freira disse que ela é suja e pecadora mostrou os seios crescendo os botões da blusa abertos a madre deu razão disse que ela seria expulsa se repetisse Lucy repetiu mas a madre não ficou sabendo Steephyyy se você contar que estraguei o tapete eu te mato vou dizer que foi o vento que derrubou a brasa e que queimou vou dizer que não vi que não estava na sala na hora em que tudo aconteceu não quero mais sopa vou virar bruxa como aquela mulher que nós vimos Stephy na estrada com os cabelos grudados de barro e um cachorro atrás fazendo sinais esquisitos para os carros mom disse para não olhar mas eu queria ver e descobrir o que queriam dizer aqueles sinais lembra-se Stephy lembra-se disso? quando passamos de volta ela já tinha saído da estrada deve ser bom dormir na relva no verão é melhor do que na cama se uma estrela cair

na cabeça a gente morre e pronto se uma estrela chorar a gente se molha não como e pronto o verde mar se mexe dentro de mim as moscas uma cauda feia mosca não tem calda as moscas uma cauda de lagartixa verde entrando e saindo pelas orelhas de Piggy um pus branco era berne largue meu braço comissário vou vomitar a luz do restaurante está apagada ninguém ainda chegou para jantar eu nem sei o que vou querer prometo que não bato mais no Stephy não bato mais com toda a força é só me deixar jogar com a bola de plástico e me deixar ficar na casinha no topo da árvore a sopa não tomo derrubo tudo no tapete mas não tomo o balanço fico com ele com ele chuva fria no rosto alfinetada alfinetada o balancinho up and down se no último minuto da subida eu saltasse Stephy queria apostar não salto porque posso quebrar o pescoço mentira que Catherine voou de um balanço e foi parar numa árvore bem alta e não se machucou invenção da Lucy que além de mentirosa é peluda nas partes o disco azul e bege o Piggy levou não sei para onde ele foi não tenho culpa ele não gostava de devolver o disco era preciso fazer força para arrancar o disco das mandíbulas mandíbulas mandíbulas dele Piggy tinha medo de tomar injeção e mrosnava para qualquer um que se vestisse de branco ficava aflito na porta de hospitais estão me arrastando querem me enganar mas eu sei que estão fazendo a coisa errada eu não estou mais doente onde é que se enfiou Piggy? Drumcondra será? ele foi para lá não sei estava chovendo e a chuva não deixava eu ver direito se o ônibus passar por cima dele ele também não vai querer ir ao hospital se curar não tenho culpa de nada foi Stephen que jogou o disco queria mostrar que sabia jogar o disco bem longe Piggy é burro e foi atrás o disco rolando pela calçada e

depois pela rua e depois desapareceu chovia muito meus cabelos ficaram encharcados minhas meias também pisei numa poça mas nesse dia estava com galochas eu ficava com as pernas muito finas com as galochas ficava com as pernas grossas com meias brancas no primeiro baile fui com meias brancas quero sair da banheira o sabão entrou nos meus olhos está ardendo quero ver se consigo ver Piggy no meio da chuva mas não consigo tirar o sabão poderiam ter enterrado ele em Mount Jerome é um bom cemitério não deveriam ter mandado Stephen para tão longe papai não quis ouvir ninguém quero sair da banheira um pedaço pedaço pedacinho de torta de nozes e avelãs embrulhado com papel de caderno ninguém vai descobrir é só entrar no banheiro no intervalo e comer com a porta fechada vou mastigando o bolo devagar para durar mais e pensando no Piggy será que ele vai voltar? mom disse que eu vou morrer se comer estou comendo e ainda não morri como será morrer de bolo? o bolo enfia uma faca na minha barriga de onde ele tira a faca se eu comi e não vi faca nenhuma só avelãs e nozes já lavei as orelhas já lavei está ficando muito frio pai onde é que está o barquinho que você me deu? um barco com pilha elétrica que acende as luzes e com uma hélice que faz ele ir para frente um barco com gente dentro e fumaça saindo das chaminés que são duas Piggy foi buscar o disco que Stephy atirou Piggy foi por ali até a Iona Road acho que foi para o centro pela Dorset pegou um ônibus na Drumcondra todos os ônibus que descem seguem pela Dorset estava chovendo muito acho que Piggy vai se resfriar e morrer não disse mataram ele na Lindsay Road passaram por cima com força depois veio outro carro atrás e fez a mesma coisa isso é o que me disseram mas eu não acredito Piggy era mais rápido que

os carros era mais rápido que os ônibus parecia um coelho só que as orelhas eram caídas com elas cobria os ouvidos para não entrar água ou bicho mostra Stephy o disco mordido de Piggy se você pegou o disco viu o que aconteceu com ele se não sabe onde foi o disco está inventando vou deixar a janela do meu quarto aberta ele vai entrar por ela vai pegar um coelho de pelúcia que dorme comigo e vai querer morder e arrancar os olhos ele pensa que é um outro cachorro que tomou seu lugar um invasor Piggy vai acabar com ele em dois tempos ele é muito esperto e os ônibus são muito lentos se eu descesse de bicicleta a Drumcondra era capaz de ir mais depressa que os ônibus estão segurando meu cabelo é uma peruca uma peruca comprada em Paris eu sempre quis ser ruiva ser outra coisa Paul mesmo quando nos abraçamos na Place de la Concorde perto do obelisco carros em todas as direções como nossas vidas e agora o que devemos fazer em que apartamento devemos morar? é muito cedo para pensar nisso os carros parecem querer nos atropelar tubarões girando em volta de nosso barco luzes vermelhas e verdes administram o fluxo e o apetite estou tonta com o cheiro do escapamento dos carros é um sábado e todos os motoristas têm uma garrafa de vinho entre as pernas você trouxe uma bebemos no carro depois compramos outra acho que vou morrer de tanto beber bebemos no carro e pusemos o nariz para fora você com seus dentinhos de rato decantava as belezas da cidade sinto-me estúpida seguindo seu dedo muito branco sob as luzes da cidade quero entrar no carro pacatamente como alguém que foi até ali comprar os jornais e rodar não me mostre o Maxim's vou fechar os olhos na frente da Madeleine vou esconder o rosto quando cruzarmos pela Place du Théatre Français um quarteirão de Paris

reverbera mais do que toda a Dublin é preciso ir devagar comigo não tire os olhos de mim procure alguma sujeirinha nas ombreiras do meu casaco não se sinta orgulhoso de morar aqui diga-me o que há dentro de sua caixa de ferramentas diga-me onde manda lavar sua roupa e quem faz seu café da manhã e onde o toma quando não o faz em casa não comigo é diferente você traz uma bandeja na cama quando estamos em sua casa ou eu trago uma bandeja na cama quando estamos na minha na sua casa chegam dois jornais você os desdobra meticulosamente Paul eu sei que a empresa é de seu pai e que isso é deprimente para você sua ascensão é discreta você aos poucos se prepara para dirigi-la como faz com seu carro cheio de botões que são apertados em certas horas e quando você faz isso você sopra com mais força o ar dos pulmões como se bufasse devagarinho ligeiramente às escondidas cuidado amor o brioche tem açúcar o croissant tem açúcar mesmos as frutas têm mas as frutas podem ser comidas com moderação quero um cachorro mas você não quer um já que não podemos ter um filho não podemos ter mais nada a que nos afeiçoar não me esbofeteie mas pensei em ter um amante sem açúcar não é mentira é mentira juro pela minha injeção de insulina por sua alma e por todo o poder que dela emana amém pelo poder que dela emana dê mais uma volta ao redor da Concorde ande mais rápido antes que meu coração decida parar estou ficando cansada minhas condolências Mme. Kessel sinto muito por seu marido era um bom homem apenas um bom homem não fazia nada para ajudá-la mas era um bom homem bebia seu salário de concierge ou ao menos a metade dele não gosto de parecer injusta a senhora costurava para fora no tempo que sobrava cerzia roupas copiava vestidos de

revistas de moda e com isso alimentava seu marido e seu cachorro a senhora também gosta de cães tive um também agora só terá que alimentá-lo o que sai mais em conta além do mais seu cão não bebe não fuma e não compra berloques para as fêmeas que cobiça ugh! já me sinto mais parecida com a senhora é só tocar na maçaneta de sua porta é só tocar no corrimão da escadinha que leva ao seu reduto é só ouvi-la se mover pelos cantos zumbindo uma mosca uma mosca zumbindo toda de metal atravessar paredes com as asas perdi o camafeu de mom o camafeu com um barco a vela e os horários da viagem vou perder o Saint Killian vou perder o barco a que horas sai o barco para a Irlanda? não sei qual o que parte do porto de Le Havre e engole carros na sua imensa barriga Jonas e a baleia depois vomita em Rosslare muitas muitas muitas horas depois perdi o barco do camafeu o barco saiu pelo Seine Albertine disparue e desapareceu na foz à noite as luzes iluminam prédios e monumentos um cemitério Stephen só que mais barulhento do que o seu com carros e gente ocupada mas à meia-noite todos estão dentro de garrafas de vinho Paul e eu também vamos nos afogar rostos amarelentos aparecem na Place Saint Michel próximos ao espelho d'água estão drogados como eu drogados de morte todos sentenciados inapelavelmente e isso é o mais difícil de aceitar mas você Paul não sabe porque não cometeu meu crime mas talvez seja cúmplice pergunte ao garçom seu nome Paul ele tem um olhar triste e terno como o de uma ovelha desgarrada a carne assusta-o veja como ele serve o bife na mesa ao lado seus dedos tremem se o prato estivesse um milímetro mais distante de sua bandeja a carne se despregaria do par de colheres que busca segurar tão profissionalmente a carne Paul ficaria no meio do caminho

cairia na toalha branca fiasco mas ele tem sorte seus dedos embora trêmulos ainda mantêm presa a carne que se desgarra no momento em que sobrevoa o prato pergunte-lhe o nome será que ele come carne? será que ele bebe? será que é um refugiado político ou um poeta condenado pelo regime de seu país? Mme. Kessel acordada a essa hora? é de se admirar oh lamento é o velório de seu marido nem percebi que a senhora está usando um véu sobre a cabeça nunca a vi na igreja só a vi praguejar baixinho o cão sobre o capacho à entrada está cansado de velar o dono uma longa ramela desceu pelo canto do olho ao longo do focinho ele ficou toda a noite sem piscar grunhindo não me diga seu estômago aos solavancos como se tivesse engolido uma ratazana sem mastigar é notável a fraternidade entre cães e seus donos não posso mais olhar demoradamente para outro cão que não seja Piggy o vadio se pôs a trotar pelas margens do Liffey é um bom lugar para não fazer nada quando não chove e não faz frio vamos mudar nosso quarto Paul camas separadas assim você deixa de vigiar meus pensamentos ações e palavras sussurradas ao dormir estou agora vendo no interior de mim seus olhos pregados no meu rosto se pudesse abriria os olhos e enfrentaria sua muda perquirição que perguntas está formulando? que mentiras quer que eu revele? o calefator está me sufocando é preciso diminuir minha garganta está uma palha de feno e você ainda por cima tem o péssimo hábito de me cobrir de estreitar o edredom ao redor das minhas curvas sinto suas mãos fazendo isso neste momento deslizando pela minha cintura apalpando meus quadris e minhas costas recortando a linha dos meus ombros e dos meus joelhos estou quase embrulhada para presente da forma como estou poderemos cruzar a Sibéria em um trem de carga

através de suas ripas de pinho vejo uma paisagem branca o chão do vagão cheira a esterco de cabra você levou a sério quando me prometeu uma viagem de núpcias cheia de aventura se Stephen estivesse aqui vem Stephen você gostaria tanto de viajar em um compartimento de carga como este ficaríamos os três bem juntos ao redor de um braseiro improvisado os carvões avermelhados convidam a dormir respiram sobre o meu rosto curtos sopros muito quentes mas minhas orelhas estão geladas e meus pés também Stephen também deve estar gelado vou me aproximar do fogo uma película de vapor circula em volta de mim como é possível isso? estava tão frio há pouco há pouco há pouco quando? meu nariz estava duro de frio e os meus olhos ardiam foi bom ter tapado com sebo as fendas do ripamento de madeira do vagão está difícil respirar mas é melhor assim pelo menos não sentimos frio é melhor o calor do que o frio é melhor é melhor o calor do que o frio melhor o calor do que o frio é melhor é melhor o calor do que o frio melhor o calor do que o frio é melhor é melhor o calor do que o frio melhor o calor do que o frio é melhor é melhor o calor do que o frio.

Capítulo 12

Lucien

Arrastavam-na vagarosamente, com cautela, como se o sucesso da imaginária peça dependesse disso. E Lucien sentia-se subitamente parte da cena, coadjuvante secundário, a quem ordenaram que ficasse a um canto do palco e não fizesse estardalhaço. Em um primeiro momento pensou em se erguer e ir ao encontro do trágico acontecimento; integrar-se a ele, mesmo que tudo não passasse de uma mascarada. Seria útil, interromperia o movimento espiral descendente de seu espírito por alguns preciosos minutos, sentir-se-ia ativo e humanitário e ainda descobriria quem era ela, de onde viera.

Não, ela não possuía o perfume de Linda, faltava-lhe o erotismo franco da menina de Rabat, mas algo invisível e forte descera por seu corpo, alterando as moléculas ao redor, algo que transbordara de sua doença, de seu mal-estar, algo indizível, e que se espalhara ao redor; e à medida que ela se afastava deixava um rastro melancólico mas ainda assim terno. Kathleen está com quase todo o corpo já do outro lado da porta de vidro do restaurante. É um pássaro que já se projeta para fora de sua prisão, não há nada mais para fazer, não há como aprisioná-lo novamente, não há como resgatá-lo

de seu destino, não há como atraí-lo para sua cela minúscula e torturante, pois ele já está prestes a se atirar no espaço. Lucien olha o desenho daquele corpo inerte, com sua plumagem rente, a auréola azul, como um mancha sobre a cabeça ruiva, e retira o guardanapo do colo, deposita-o sobre a mesa, empurra a poltrona para trás, alavanca o corpo e se põe de pé. A gola de sua blusa parece sufocá-la, suas pernas sem energia escondidas sob o brim vermelho das calças lembram a Lucien, de novo, insistentemente, um animal ferido, esvaindo-se em sangue, sendo levado pelo caçador em uma sacola semi-aberta. O comissário chefe e o garçom percebem que o cliente fez menção de vir em socorro. Entreolham-se aflitos, como se não desejassem testemunhas para o crime que estavam a ponto de cometer. As luzes falham novamente, como uma advertência; Lucien não pode deixar de se lembrar das luzes de palco piscando antes do início de um espetáculo. E ao se lembrar disso, recorda-se de que naquela peça imaginária seu papel é ínfimo; dá-se conta de que não pode dar-se ao luxo de demonstrar mais do que deveria fazer um figurante de pouca importância estratégica. Lucien esmorece, está a ponto de fazer seu corpo ceder novamente e se submeter ao princípio dominante da cômoda e polida neutralidade; percebe que alguns comensais ao fundo estão divididos entre presenciar a saída da jovem de boina azul e testemunhar o provável gesto do também jovem rapaz solitário, que insinua que vai acudi-la; que está, ao que parece, prestes a vir em seu encalço, prestes a salvá-la de algo que apesar do consternamento geral não pode ser definido ou adivinhado.

No entanto a luz se fora de vez, as velas, poucas, são insuficientes para iluminar todos os detalhes da cena. Os dois

homens com as palmas da mão enfiadas sob as axilas da passageira levam-na cuidadosamente para fora, mas sob a penumbra chega a ser admissível imaginar que a estão levando à força. Um deles segura com a biqueira de verniz de seu sapato a porta de vidro, que quer se fechar sobre o corpo de Kathleen. Lucien se ergue novamente, dá alguns passos em direção à porta de vidro, pessoas suspiram aliviadas, as velas tremeluzem sob a morna rajada do hálito dos comensais, os soturnos carregadores do corpo de Kathleen assustam-se com a aproximação do curioso; o corpo da passageira está prestes a escapulir pelos dedos do garçom. Nesse momento, Lucien avança com os braços e alcança a cintura da ruiva. A posição não é boa. Os três resolvem virar o corpo, de modo que a cabeça de Kathleen, que antes pendia para frente, agora pende para trás, deixando à mostra seu alvo rosto. Lucien curva-se mais e agarra firmemente a dobra das pernas de Kathleen, ergue uma delas, abaixa a outra e encaixa sua cintura entre elas, para contrabalançar o peso.

O maître, que viera até a porta, e se desculpara por não poder abandonar seu modesto posto, diz algo nos ouvidos do garçom, mas Lucien não consegue ouvir. Seus dentes amarelos despontam profissionais pela frincha dos lábios, numa espécie de consentimento agradecido, embora ainda relutante. Finalmente todos os três se encontram no corredor, avançando por ele vagarosamente. Tudo às escuras, exceto as luzes de emergência no rés do chão, débeis e impotentes para desvendar o círculo de trevas que os rodeia. Alguém mais, que estava no interior do restaurante, finalmente dá o ar de sua presença, oferecendo seus préstimos. O comissário Duffy sente-se aliviado, por encontrar mais alguém para

dividir o fardo, mas agradece com sua habitual e afetada polidez. Nesse momento, desponta no fim do corredor um facho de luz que muda de direção em conformidade com o movimento daquele que o está manejando. Em dado momento o facho estanca, apontando na direção do corpo de Kathleen. Imediatamente o facho se põe novamente em movimento; agora evolui como um pêndulo oscilando em ritmo acelerado, até que o tripulante alcança o grupo. Com sua lanterna, passeia pelos rostos dos presentes, buscando identificá-los, finalmente reconhece as feições do chefe Duffy. Incontinenti, Duffy determina que o tripulante tome o posto do solícito passageiro e ajude a carregar o corpo até a enfermaria. De imediato, o tripulante interpõe-se respeitosa, mas desajeitadamente, entre o corpo de Kathleen e os braços de Lucien, que cede seu lugar, deixando-se ficar no meio do corredor, enquanto o grupo se distancia e logo desaparece na pe- numbra.

A voz de Duffy, contudo, por vezes se ouvia, ainda, exclamativa e peremptória, como bem convinha a uma situação de emergência como aquela. Sem saber o que fazer, Lucien resolveu voltar para o restaurante e se sentar em sua mesa. Ao tomar essa decisão, recordou-se de que ainda não havia pago sua conta, o que era motivo bastante para justificar plenamente seu regresso. De repente, como um tapa com a mão aberta contra suas têmporas, surge por inteiro o rosto da mulher que acabara de socorrer. Não podia ser, a coincidência era impressionante, mas sim, era ela, a mulher das Arènes de Lutèce, a mulher que desfalecera e deixara cair o camafeu, que por seu turno trazia em seu interior, em um papel muito pequeno, dobrado, os horários do barco. Então ela não morrera, pensa Lucien, embora não

soubesse se ainda se encontrava viva agora; então ela o estivera seguindo; logo, evidentemente, ela poderia ser J. B. H. ou pessoa encomendada por este para espionar os jogadores. Lucien chamou o maître, solicitou a conta, estava impaciente, queria sair dali rapidamente, ir até a enfermaria, confirmar suas suposições, perguntar o nome da passageira.

Enquanto se preparava para deixar o restaurante, viu o corpo da jovem ruiva sendo carregado por um comissário e o garçom. Seu rosto, seu queixo, suas sobrancelhas estavam sujas de sopa. Os dois carregavam-na com dificuldade para fora dali, o maître estava muito vermelho e constrangido, foi com eles até a porta, mas não tocou no corpo, embora em certo momento fizesse menção de o fazer. Ela parecia um lutador que houvesse sucumbido na luta pela existência, sendo retirado do ringue, pensou ele. Lucien considerou a hipótese de se levantar e oferecer sua ajuda ao comissário. Tinha entre os dedos a taça de Barsac. Levou o vinho à boca e devolveu-o estabanadamente à mesa, por pouco vertendo o restante da taça sobre o arranjo de acácias.

O maître apercebeu-se do movimento. Se tivesse um bigodinho, teria enrolado sua ponta com os dedos graxosos, fazendo escoar, por meio desse gesto, o transporte crítico inadmissível. Logo em seguida sua carantonha de ovelha saciada ressurgiu em sua face. Não era de modo algum de bom alvitre que o cliente se desse conta do que o pensar crítico do maître elocubrava. Mantida a plácida e inexpugnável aparência, Lucien se apercebeu apenas de que o maître havia desviado o olhar no momento em que sua taça havia emborcado. Com o cenho franzido, Lucien retomou o controle da situação. Será possível, considerou, que boa parte da vida se cristalizasse ao redor de acontecimentos tão

subalternos? Examinou contudo com mais intensidade a hipótese de se erguer.

Se estivesse em companhia de Antoine, perguntaria sem pudor, quase maliciosamente: 'vamos ou ficamos?' Se estivesse com Linda, ela o forçaria a se erguer e a agarrar os cordões dos engonços do mundo. Ela diria: 'o que é que estamos esperando para agir?' Se estivesse com sua irmã Corinne, ela diria: 'não olhe, não olhe mais, até que terminemos de beber essa garrafa de vinho. Não vale a pena'. Se estivesse com Su Ian, ela não diria nada, qualquer coisa que Lucien fizesse teria seu lado positivo e seu lado reprobativo. Comprimido por seu papel histórico, Lucien saltou da cadeira, e foi acudir a ruiva. Era preciso valorizar a medalha da Légion d'Honneur de seu pai, ora; era preciso não descartar as longas e inúteis conversas sobre a importância da raça humana, era preciso evitar os erros, era preciso lidar mansamente com os con- ceitos antropológicos, era preciso fazer algo para não se arrepender depois, era preciso manter a calma, e naquele momento a indiferença era por demais aflitiva.

Arrebatou a cintura da enferma, sentiu suas costas frias sob a malha de lã, mas não pôde deixar de registrar o desenho das ancas, realçado pela roupa firmemente colada. Pensou em perguntar: 'ela vai morrer?' ou então: 'ela está muito mal?' mas desistiu logo que se apercebeu de que o momento não precisava de abordagens retóricas. As luzes se apagaram naquele momento; a casca de aço, às escuras, parecia mover-se sem propósito traçado, sem objetivo definido.

A escuridão da noite marinha tomara o barco, engolfara-o como uma névoa opaca e negra engolfa a vida em seu

interior. O abismo de fora entranhara-se pelos corredores do Saint Killian II como um poderoso corpo estranho se apossando de outro mais fraco; e o fizera num processo sem luta, sem resistência. Que trágica similitude havia entre o barco e aquela mulher inconsciente! Subitamente um forte ruído de ferros rangendo proclama que a natureza está viva do lado de fora, agindo vorazmente sobre a casca de noz; nesse instante, também, como em resposta, os lábios de Kathleen se entreabrem e ela pronuncia algo e parece que o faz com o último resquício de ar de seus pulmões.

Nesse momento, Duffy parece haver dito algo como: 'se ela não chegar logo à enfermaria, não posso afirmar que consiga sobreviver', e o fez empunhando as axilas de Kathleen com mais energia.

Lucien pensou então em perguntar onde ficava a enfermaria, mas deu-se outra vez conta de que estava prestes a formular, novamente, uma pergunta retórica. Aquela situação em que se metera, de falso heroísmo, não se amoldava a seu temperamento. No trajeto ascensional do corpo da ruiva pelas escadarias, Lucien teve pensamentos incompatíveis com a situação. Era como se sua mente o espicaçasse, o provocasse com frivolidades absurdas para neutralizar o pânico oportunista, que poderia, em Lucien, advir do fato de este reconhecer a possibilidade de estar transportando uma morta em seus braços. Tentou juntar saliva em sua boca, precisava umedecer sua garganta, controlar um início de azia, mas sua língua parecia deslizar sobre um estéril banco de areia. Ao menos, à medida que subia a escada, tinha a impressão de que o ar ficava menos quente, talvez porque os calefatores estivessem funcionando mal, talvez porque os compartimentos superiores tivessem

outra arquitetura, ou talvez porque as portas de passagem estivessem todas abertas.

A essa altura, Duffy estava muito cansado, e o grupo avançava muito devagar, pisando demoradamente os degraus finais da escada, e parando diversas vezes para o comissário se recuperar do esforço. Embora as luzes de emergência fossem pouco eficazes para demarcar os degraus, Lucien acabou se aconstumando com a penumbra, de sorte que agora, aquela débil série de eventos luminosos parecia uma fieira de asteróides sinalizando um rumo galático.

Quando chegaram ao topo da escada, e viram à sua frente um tipo com um jaleco branco, Lucien sentiu-se aliviado. Entregou sua carga ao novo integrante da equipe de salvamento, e desceu as escadas em direção ao restaurante.

Lucien olha agora desolado o resto de seu jantar. Lembra-se de que a ficha técnica do barco assinalava que sua velocidade cruzeiro é de 22,5 nós. Tem entretanto a desconfortável impressão de que aquela casca de aço não saía do lugar, apenas balançava e oscilava, como se sistematicamente procurasse um meio de submergir, mas a certa altura desistisse de seu intento, buscando em seguida erguer-se por sobre as ondas.

Sente um tranco em seu ombro. É o comissário e um garçom passando junto a ele, segurando o corpo desfalecido de uma mulher de cabelos avermelhados. Seu lenço de seda, que se encontrava sobre seus ombros, cai aos pés de Lucien. Ele abaixa-se para pegá-lo. Duffy pede ao maître que traga a bolsa da passageira, que ficara para trás, na poltrona ao lado da que Kathleen se sentara há pouco. Lucien acena com o lenço, chamando a atenção do comissário, e na expectativa de que o apanhem também. O comissário, no entanto, ainda

não se deu conta da presença do francês, e muito menos de que a passageira tivera seu lenço de seda arrancado do pescoço.

A um gesto mais brusco de seus salvadores, rompe-se o colar de contas vermelhas de Kathleen. Pequenas e cintilantes, as contas se espalham pelo tapete. São inúmeras, incontáveis, as gotas de sangue coaguladas, agora aninhadas na espessa cama de lã do carpete. O maître pensa confusamente em um modo de resolver o problema. Encontra-se contudo perplexo com tudo o que acabara de acontecer. Duffy e o garçom agem com mais presteza, mas talvez com parca eficiência: decidem canhestramente depositar a jovem semi-inconsciente sobre o carpete, enquanto recolhem as contas. A luz se apaga, uma música de fundo, muito discreta, abafada pelas vozes dos comensais desaparece. Vozes imediatamente sobem de volume, como que libertas do monótono solo de clarineta. Vozes masculinas e femininas destacam-se na baixa luminosidade do restaurante. São ordens imperiosas, apelos incontrolados, queixumes represados.

De repente a passageira que bebera o que não podia beber tornara-se mártir. A competência da companhia marítima é questionada; a qualidade da comida é posta em dúvida, talvez ela tenha se envenado, talvez toda a comida do barco esteja contaminada. Alguém brada em vão pelo nome de Deus; a combinação da falha elétrica com o acidente com a jovem mulher se torna psicologica e emocionalmente insustentável para os presentes; o maître se apercebe de que a situação está prestes a escapulir de seu controle; ergue então os braços como um maestro, buscando apaziguar o excessivo vibrato das cordas, o distoante acorde dos oboés, o

atropelo dos naipes de metal, o confuso arpejo do primeiro violino. Acaba conseguindo seu intento, após alguns tensos instantes. Por fim, enquanto ele abaixava os braços, após o exercício de persuasão, apenas um soluço se ouvia escapar do peito de uma passageira transtornada.

Lucien segura ainda o lenço de Kathleen entre os dedos; o tecido de seda tortura-o, como se o algemasse a alguma verdade insuportável. Era uma sensação similar àquela de ter-se apossado inconseqüentemente do camafeu nas Arènes de Lutèce, poucos dias atrás.

Imóvel, ele assiste ao estúpido trabalho realizado pelo garçom e pelo maître, ambos de cócoras, catando as contas do colar, que por sua vez vão sendo depositadas em uma sopeira que decorava uma cantoneira. A jovem subitamente abriu os olhos, enquanto ainda se encontrava deitada à espera de que seus protetores recolhessem as peças de seu colar, para depois salvá-la. De olhos abertos, mas sem nada ver, Kathleen balbuciou o nome de Paul e em seguida, antes de fechá-los novamente, a palavra 'insulina'. Lucien encarou-a, chegando a ver seus olhos se cerrarem novamente e seu queixo tombar sobre o ombro direito. Mesmo após ver seu rosto por algum tempo, não se deu conta de que Kathleen era a dona do camafeu. Conquanto, a bem da verdade, não seria honesto culpar a luminosidade rarefeita por esse fato. Seria mais justo responsabilizar a emoção dolorida que afligia Lucien nesse instante.

Encontrava-se ele estrategicamente colocado no epicentro da cena. Pouco atrás dele, mais à esquerda, o comissário e o garçom; à frente, mas a alguns metros, o maître; à esquerda e um pouco à frente, postada entre ele e a porta de vidro do restaurante, Kathleen. Tudo aquilo era uma convocação para

agir, uma convocação inadiável. Ela dissera 'insulina', e quando o fizera seus olhos por pouco cruzaram com os dele. Lucien voltou-se para o comissário e balbuciou apenas algo como: 'ela pede insulina, ao que parece'. Imediatamente depois disso, Lucien volveu os olhos para a mulher. Queria mostrar-lhe o lenço, dizer-lhe que tudo estava sob controle, que logo ela estaria repousando convenientemente em sua cabine. As palavras, contudo, congelaram-se em sua garganta.

Duffy e o garçom passam por Lucien e alçam o corpo do chão. Lucien entrega o lenço ao comissário chefe, que o coloca sobre o ombro esquerdo da ruiva de calças vermelhas. O garçom segura a bolsa de Kathleen, o comissário agarra-se a suas espáduas, apóia com o antebraço sua cabeça e ambos arrastam-na para fora. O maître pensou em oferecer-lhes o carrinho de doces, mas isso levaria tempo para se arranjar, e, ademais, os comensais por certo se sentiriam mal impressionados quando reconhecessem, no delicado móvel de generosas rodas com aros de madeira torneada, a maca improvisada para levar a mulher desacordada.

Logo em seguida surge o médico de bordo, que entra alvoroçadamente no restaurante, pretextando que fora informado por um passageiro que passara na frente do restaurante no momento em que Kathleen desabava sobre o prato de sopa. O maître prontamente avisou que a passageira adoentada acabara de ser levada para sua cabine. Deu-lhe em seguida o número que constava de suas anotações. O médico partiu tão alvoroçadamente quanto antes. Lucien sentou-se novamente, e ao fazer isso e puxar a cadeira notou que resvalara numa pedra solitária, que havia ficado junto à sua

mesa. Chamou o maître e lhe disse que guardasse a peça e a entregasse à passageira. O maître nada respondeu, limitando-se a abrir a concha de uma das mãos para recolher a diminuta esfera vermelha. Em seguida, enfiou-a no bolso exterior do paletó. Lucien aproveitou a ocasião para solicitar a conta.

Sentado em sua mesa, à espera do regresso do maître, sorveu o último gole do Barsac. Sentia-se como que atrelado àquele lugar, tendo agora como único foco de interesse o oscilar hipnótico da vela de estearina, queimando lentamente a exígua redoma de oxigênio que lhe dava vida. Em volta dessa luz efêmera, absolutamente nada digno de nota, apenas a lembrança desconfortável da mulher sendo carregada por entre as mesas.

Alguém toca em seu ombro timidamente. É o garçom solicitando que Lucien faça a gentileza de dar socorro a uma mulher que acabara de despencar inconsciente sobre um prato de sopa de ervilhas. O francês se levanta, dá alguns passos e ergue entre os braços, como um autômato, o corpo da mulher. O comissário chefe, que se apresentou como comissário Duffy, agradeceu com comovida ênfase, explicando-lhe que lamentava muito o incômodo, mas que tinha sérios distúbios na coluna e que não tinha condições de erguer semelhante peso. Lucien estreitou o corpo da desconhecida contra o seu, e avançou pelo corredor, seguido pelo comissário chefe e pelo garçom. Uma noite vazia, profunda, de um silêncio de água imóvel, de rocha intocada, se instala como um estampido em seu cérebro. É preciso galgar suas paredes de vidro, estilhaçar a álgida membrana que sufoca as formas ainda vivas. Lucien esforça-se por se concentrar em algo que o faça escapar da armadilha de sua própria sensibilidade. Para tanto, concentra-se na dor física

de seus músculos carregando a passageira escada acima. Pensa ainda com fervor e objetividade na ação de seus dedos tocando aquele corpo inconsciente, pressionando a coxa e as costelas. A jovem vestia uma blusa muito grossa sobre o corpo, mas de alguma forma inexplicável, que nada tinha a ver com o sentido do tato, Lucien advinhara, sob a lã, o fenecimento de seus nervos arroxeados, seu coração frio.

Quando por fim chegaram todos à cabine de Kathleen, o comissário fez uso de uma chave-mestra para franquear a porta a Lucien, que foi o primeiro a entrar. Atrás dele, surgiu um facho de luz que perscrutou o pequeno cômodo. O francês avançou titubeante e deitou o corpo de Kathleen sobre uma das camas, enquanto o garçom retirava dali uma pequena e estranha escultura que ficara sobre a colcha, lembrando um dragão, e erguia os lençóis para aninhar a passageira. Kathleen abriu os olhos e disse 'insulina', disse 'Paul', disse 'não me toquem', disse 'me deixem em paz', disse 'insulina', chamou pelo pai, e seus olhos se cerraram novamente. O garçom repetiu o que ouviu, mas a voz que emitia era ainda a da mulher.

O médico chegou em seguida. Tomou o pulso da passageira, pediu mais luz. O garçom retirou-se à procura de outra lanterna.

O comissário chefe pretendia deixar a cabine de Kathleen, pois necessitava de um justo apaziguamento espiritual, mas permaneceu para assistir o médico.

Lucien evadiu-se da cena, e voltou lentamente para o restaurante, pisando os degraus da escada como se temesse pisar em alguma mina explosiva. No caminho de regresso, a mesma sensação de haver penetrado um território ausente de vida; zona limítrofe em que as reverberações do mundo

físico mutuamente se anulavam. Súbito, seus pés não sentiam mais a geometria dos degraus; era como se avançasse para baixo em um plano inclinado, liso, quase imaterial. Em dado momento, a voz de Duffy se fez ouvir no topo da escada, pedindo-lhe que regressasse à cabine da passageira.

-- "O médico precisa que o auxilie em certos procedimentos".

Lucien tornou a subir, sem questionar a lógica daquela estranha solicitação, e ao voltar pelo mesmo caminho que acabara de percorrer sentiu o que sentira há pouco: o esmalte da escuridão infiltrando-se na pele. Seus braços doíam ainda em função do esforço físico, mas a dor era insignificante e Lucien se via novamente dominado pelo estampido da noite vazia reverberando em seus tímpanos e cérebro. Ao lado disso, o salitre marinho parecia irrromper agora mais ácido pelas escotilhas, irritando as narinas, como que advertindo o francês da presença cada vez mais intensa dos elementos.

Galgou as escadas atapetadas do convés, chegando novamente ao andar onde se encontrava o camarote de Kathleen. Ao entrar nele, encontrou o ambiente intensamente iluminado. Lâmpadas em profusão pendiam do forro e emergiam de soquetes improvisados, espalhados pela cabine, brotando de cada palmo de parede. Um tritão em tamanho natural, que ele ainda assim não soubera identificar como tal, arrastava sua cauda pachorrentamente sobre o lugar em que há pouco estava deitada a passageira. O que teria acontecido? De onde viera a luz, se todo o barco se mantinha às escuras, apenas contando com as lanternas de emergência? Para onde foram todos: o médico, o comissário chefe, a ruiva? Era preciso encontrar um sentido para tudo aquilo. Fora

convocado a regressar àquele camarote para quê?

Ao voltar ao restaurante, reencontrou tudo da forma como estava quando ali entrara pela primeira vez. Em algum momento, quase ao final de seu jantar, Lucien viu um corpo de mulher sendo carregado para fora. Nesse preciso instante deu-se conta de que nada daquilo podia ser verdade; deu-se conta, finalmente, de que estivera -- e ainda se encontrava -- sonhando. Desejava acordar, interromper o círculo vicioso, mas ao mesmo tempo não sabia em que ponto de sua vida real regressaria. Já teria chegado à Irlanda? Já teria partido do Havre? E se ao acordar viesse a descobrir que permanecera no apartamento de Linda e não viajara? Era preciso de qualquer modo acordar, talvez fosse preciso dormir, para saber qual a diferença.

O comissário toca em seu ombro esquerdo, se apresenta, pede que Lucien o acompanhe. O corpo de uma jovem que acabou de morrer será jogado ao mar, para um enterro honroso, e é preciso que Lucien sirva de testemunha, representando os passageiros do barco. A tripulação não pode correr o risco de ser incriminada. Enquanto Duffy falava, Kathleen se aproximara de ambos, reivindicando a palavra. Duffy, inalterável, não parecia surpreso com a presença da filha de Joe Byrne Hayes, e continuava expendendo seus argumentos. O que fazer? indaga Lucien. Cerrar os olhos, abri-los? Por que é que a presença da passageira desfalecida marcara tão fundo seu inconsciente, a ponto de não poder se libertar de sua visão? Lucien se recusa a prosseguir, é preciso reagir. Se tiver um minuto de coragem, atira-se ao mar, desmantela a representação do sonho. Não, é trágico demais. De qualquer forma é preciso sair dali, livrar-se das garras do comissário, abrir a porta de

vidro do restaurante, fugir sem olhar para trás, não ouvir os apelos que parecem vir de todos os lados, ir sem titubear para sua própria cabine, trancar-se nela em silêncio, protegido pela parede de aço de sua mente vigilante. Mas como escapar daquele círculo vicioso, se suas pernas são feitas de rocha, suas mãos, de fogo, a órbita de seus olhos, vazia? De algum ponto fora de seu corpo Lucien se vê e se apieda de si mesmo.

O edifício de sua vida estremecia em suas ferragens, os minaretes e torreões pareciam querer desabar. Mas com que olhos Lucien via tudo isso, se seu corpo e seu ser era o objeto-ser, ou o ser-objeto, visto por sua mente cega? Estava, ou, melhor, sentia-se cego, em meio a uma escuridão que era ao mesmo tempo física e metafísica. Haveria quem no sonho pudesse dormir sem sonhar? Concentrar-se em filigranas sutis, arrancadas dos arquivos de sua memória, poderia amenizar o que agora experimentava como se de fato existisse? Su Ian na janela do pequeno hotel em Le Betex, por exemplo; ou a lembrança de seu pai fumando charuto, muito vermelho devido ao vinho que ingerira no dia em que Corinne fizera dez anos e tinha sido preparada uma festa nos jardins do apartamento do Boulevard Georges Mandel. Quanta inocência cabia ainda dentro dele naquela época? Por que motivo Lucien se sentira nesse dia tão feliz, quando a festa era para ela, não para ele? Su Ian estirada na neve, o púbis estreito e alto, os mamilos escuros, os seios pequenos, o cheiro de cognac no travesseiro em que os dois se encontravam, não, não é possível, o comissário se intromete, pede que o acompanhe até a enfermaria, é seu coração sadio que a moça quer, uma pequena incisão na sola do pé, instala-se aí uma bateria elé- trica que durará uma dezena de anos,

jamais a vida causará mais qualquer dano, é preciso

é preciso limpar as baterias e verificá-las sempre e vestir meias grossas grossas como a blusa de lã da ruiva de calças vermelhas será que nos encontraremos enfim na inconsciência? vou escrever-lhe Abdail logo irá compreender o que houve entre nós não pense que não considerei nossa amizade mas considerei outras coisas mais coisas imprescindíveis inadiáveis insubstituíveis considerei os olhos de azeitona grega de Linda azeitona grega sem caroço macios uma mordida e histórias jorram histórias de uma paisagem imutável me contou de sua viagem para Paris Abdail e contou-me de você e de sua família não me olhe dessa maneira ela disse boas coisas tem saudades dos banhos de mar sei perfeitamente que se ela contou tudo isso é porque achava importante dizê-lo a mim não me pergunte que rumo vou dar a tudo isso é o acontecimento mais recente na minha vida quase tão importante quanto o fato de deixar de trabalhar na GDF quero lhe dizer uma coisa vocês marroquinos sempre serão infelizes em Paris dane-se Abdail não vou abandonar Linda minha relação com Linda contei-lhe de quanto desgostei discutir com ela por incomensuráveis e insuportáveis vinte e quatro horas seguidas? está bem há um certo exagero paramos para comer ou melhor paramos enquanto mastigávamos um hot-dog no Jardin des Plantes Linda atirou o sanduíche na minha cara depois de comer um pedaço estava com fome mas queria mais briga tomamos uns brandies no balcão de um café ao lado da Église Saint-Paul nem bem engolíamos voltávamos a brigar foi a primeira e única vez em que falei mal de você ela atirou um tapa no meu rosto onde você está Abdail? minhas órbitas continuam vazias vou perder meu tempo chafurdando em minhas

entranhas? fui imbecil se tivesse ido até a enfermaria veria quem era ela ouço o soro pingando em suas veias ouço daqui as vozes escuto mal parecem um bando de roedores uma matilha de cães sarnentos esfomeados grunhindo enquanto mastigam devagar não ouço mais nada além disso não é estranho? mas ouço o soro despencando como uma pedra do alto até a corrente de sangue barco imaterial imaterial como jamais ter sido e se for um rato roendo meu rosto enquanto durmo já comeu a gelatina dos meus olhos não vejo para dentro não vejo de dentro para fora de fora me sinto alheio nesse exato instante de não ser perdi pedaços carnudos e salgados da minha vida em França morreu o rei viva o rei perdi as catedrais e os órgãos musicais não têm mais quem os afine a pátina do tempo é uma gosma que escorre pela Tour Eiffel pela ponte Alexandre III pelo túmulo de Napoléon pelos semáforos pelas caixas de correio pelos trilhos do metrô pelos portões do Jardin de Luxembourg pelos portões da Conciergerie e da Assemblée Nationale pelos portões do Palais de Justice pelos portões todos ouço o soro sendo introduzido na veia da ruivinha ela diz conheço aquele homem esperem um pouco quando passei defronte a um espelho tive o nítido pensamento o condicionado reflexo de ter tido uma impressão ótica cruzei o espelho com dúvida e receio de me ter reencontrado novamente também na moldura larga a pátina do tempo obscurecendo um poema de Lamartine letra miúda em alto-relevo no interior da moldura refletido o vazio dos meus olhos o oco absoluto do meu espírito espírito de filósofos enforcados e poetas mudos e historiadores sem memória e engenheiros sem cálculo Professor Mirabeau fico feliz em saber que o senhor morreu sem que lhe contassem a verdade amarga nada aprendi com

o senhor só aprendi a conhecer o senhor e agora que está morto não me serve de nada apenas uma lembrança que logo deixará de existir uma tristeza que se multipla em minhas células tristes em meus devaneios de não querer ser está bem tomamos um dia um café os diapositivos que guardava em um envelope amarfanhado caíram no chão e o senhor respondeu que não fazia mal eram mesmo coisas que a humanidade não queria mais aprender a fazer uma aluna que também estava ali chamou-o de pessimista e o senhor sorriu sem rancor peguei os diapositivos e os coloquei em seu bolso suas mãos sardentas e enrugadas tremiam seu queixo também suas pálpebras seus joelhos seus braços o senhor era a prova viva de que as construções não foram feitas para durar não há estrutura perene e o que fazemos ou nos propomos a fazer é enganar o tempo e os outros era isso o que eu pensei naquele instante seria indelicado se lhe dissesse não sei jamais saberei mas essa frase ficaria perfeita na sua boca não se preocupe pago o café até a próxima semana adeus não espere sempre alimentei a fantasia de que o senhor talvez distraidamente se suicidasse atirando-se dans la Seine acho que se atiraria de sua ponte preferida L'Acropole me enganei? é verdade que nem sempre tomo notas ou quase nunca as tomo a pedra a ardósia os vitrais as gelosias os arcobotantes entram em meu cérebro como diminutos exemplares de pedra ardósia vitrais gelosias arcobotantes lá de um modo ou de outro um minúsculo e laborioso engenheiro reconstrói tudo às pressas e depois empilha os monumentos pontes afrescos cúpulas arcadas fundações telhados uns sobre os outros sem muita preocupação a não ser economizar espaço pois ali no cérebro o espaço é valioso são poucos milímetros quadrados com

vista para o ocaso humano isso também o senhor poderia ter dito mas não disse apenas suspirou e fez o magazine de slides avançar premindo o botão verde do controle certa feita sentei-me a seu lado e o senhor acariciava aquele objeto de plástico enquanto falava parecia que tinha um gato recém-nascido entre os dedos carente de calor e segurança não lhe parece engraçado Antoine que tivéssemos tido o mesmo professor de história da arte? Antoine não atende não responde está de costas falando aos ouvidos de Corinne que está sendo espionada por mamãe que está sendo contemplada por papai que neste momento não é objeto de interesse de mais ninguém além de mim combinamos que o grupo familiar acrescido de Antoine iria fazer uma visita ao Museu de la Ville de Paris iríamos a pé disse que não estava com espírito para os cubistas orfistas abstracionistas se chover eu vou para me abrigar da chuva todas as vezes em que entrei nesse museu chovia e a Avenue du Président Wilson exibia um engarrafamento próprio dos dias pesados e úteis e o asfalto reluzia e os pneus dos carros rodando emitiam uma onda sonora parecida à de mil crianças mascando desesperadamente os chicletes que acabaram de desembrulhar quando ainda as bocas estão cheias de saliva os olhos cintilam como se fossem como se fossem sair da sala de aula para os primeiros minutos das férias de verão como se estivessem doentes e não precisassem ir para a escola fazer a prova como se fossem para o mar pisar na areia como se fossem para a montanha esquiar como se fossem aprender a andar a cavalo como se fossem dormir na casa do melhor amigo porque os pais viajaram uma semana em Marseille três dias em Cannes um jantar em Toulon vento e frio e poisson adolescência em Saint Tropez ,

canalhice em Cannes, velhice em Nice e o que há mais para fazer? as férias terminando a água está cada vez mais fria o verão está indo embora pessoas passam em seus carros com malas transbordando de roupas sujas crianças com feridas nos ombros pelo excesso de sol casais mais pobres prometendo nunca mais fazer outra besteira igual casais tristes prometendo voltar mas fazer tudo diferente o dia de voltar para a cidade parece ser sempre o último dia o sol que se põe só nascerá novamente no primeiro dia depois das férias e será um sol diverso e frio e quando ele chegar uma sineta estridente será ouvida é hora de se levantar é hora de rezar é hora de se banhar é hora de ir trabalhar o Citroën preto de papai cospe uma fuligem escura e pesada que aos poucos se dispersa no ar que tem a cor do céu que é cinzento Corinne vai no banco da frente chorando eu vou no banco de trás se o pneu furasse se a gasolina acabasse se algo acontecesse um engarrafamento um acidente um feriado uma greve uma explosão no céu uma demolição uma guerra um terremoto se uma ou mais dessas coisas acontecessem aí talvez não houvesse aula ou talvez houvesse aula mas eu não precisasse ir ou talvez nunca mais houvesse aula sobretudo se fosse uma guerra das grandes vamos todos nos refugiar na areia voltamos para a casa alugada na praia

-- "Quer mariscos senhora?"

minha mãe diz que só amanhã foram-se os mariscos Corinne quis saber se o pescador devolve ao mar o peixe que não consegue vender e se ele volta a viver quando cai novamente na água eu respondo que o peixe não estava morto estava só fingindo para não assustar os fregueses que têm medo de coisa viva Corinne me belisca

-- "Cale-se" diz ela não não foi Corinne foi mamãe mas

não estava brava sorria a Légion d'Honneur que papai ganhara do governo a medalha refletia nos olhos dela seu peito arqueado com tamanho peso foi emoldurada e ilumina com seus raios a saleta inglesa do apartamento do sixième estou quase acordando

-- "O senhor dormiu sobre a mesa" alguém me diz isso e repete e toca meu ombro um sujeito que nunca vira antes pede que eu saia do restaurante não sabia como me acordar o maître disse que era para me deixar dormindo afinal de contas o barco estava às escuras todos já se haviam recolhido o bar fechara mais cedo que mal havia em me deixar ficar ali? que não me incomodasse com a conta pagaria amanhã quero me lembrar do número de minha cabine para lhe informar mas o sujeito vestido de macacão branco com luvas amarelas e segurando um balde diz que meu número está registrado que eu não devo me preocupar e a jovem pergunto está viva ou morta? o que é que tinha ela? quem era ela? tenho a impressão de que o sujeito está me respondendo mas não estou entendendo o que fala dialeto talvez? é cômico se ao menos eu pudesse sorrir o que havia naquele Barsac? e naqueles tragos tomados há horas? o barco revolve a bebida dentro de mim lentamente como um barman preguiçoso um grande balde varre meus intestinos estômago esôfago espinha dorsal o álcool amarelado escorre por dentro de mim e sobe novamente agita-se de um lado para outro de cima abaixo como um convés sendo lavado pelo sujeito de luvas amarelas amarelas se acordei onde está a luz do sol a manhã dourada o eclipse do medo coletivo o adormecer da dúvida? quem era ela? é inutil não consigo fazê-lo responder o sujeito se afasta de mim avisa que a porta de vidro do restaurante está aberta quando eu estiver me sentindo melhor posso sair

posso? ele faz um sinal amistoso com a cabeça onde está seu boné de marinheiro? perguntei mas ele já não estava mais ali se a viagem é assim tão terrível imagino o país que me espera o sujeito de macacão voltou e me pergunta novamente com o rosto próximo ao meu se estou melhor porque agora quer queira quer não devo sair ele vai empilhar cadeiras empurrar mesas retirar tudo pergunto-lhe se está enxergando alguma coisa para fazer tudo isso ele disse que há anos faz isso e que saberia realizar sua tarefa até de olhos fechados de repente um clarão na linha de escotilhas ao fundo do restaurante depois outro é como se estivéssemos em guerra estão nos bombardeando e não temos como responder ao ataque ofereço aos inimigos uma rodada no pub o comissário reaparece todo desgrenhado os cabelos eriçados bolsas de sangue abaixo dos olhos pede que me recolha que vá me deitar em minha cabine como se não devesse prestar quaisquer esclarecimentos àquele que o auxiliara a carregar o corpo da mulher até os altos do Kilimanjaro súbito a luz retorna e o restaurante dá a impressão de estar intensamente iluminado reparo então que o sujeito com quem falo não é o comissário mas ainda o sujeito de macacão branco mas sem o balde e que provavelmente dera a volta pela cozinha saíra por outra porta qualquer e entrara novamente no restaurante razão porque eu tivera a impressão de que era outra pessoa

--"É realmente preciso que se vá" ele insiste digo-lhe que está bem e que espero notícias da passageira tão logo as tenha algo em seu tom e em seus modos seu dar de ombros ou sei lá me diz que ele não sabe do que estou falando é um sacrifício enorme resgatar da memória os fatos reais que circundam o episódio da passageira ruiva mas ainda assim a vista ardendo de tanta luz chego a imaginar que o sujeito de

macacão sabe mais do que revela através das janelas com cortinado de rendas que dão para o corredor vejo passar um homem de escafandro que ao me ver perde o equilíbrio e cai depois se levanta evade-se arrastando a carapaça colada a seu corpo de lesma será possível que estamos naufragando? ninguém é capaz de avisar? será impressão minha ou aquele homem quis fugir para não ter que dizer que vamos morrer? dez ou quinze minutos na água talvez trinta e o corpo não resistirá à hipotermia ainda posso lhe oferecer um café parece dizer o garçom ei-lo não há dúvida o homem que secundava o comissário quando levamos o corpo da mulher como ela está? o médico está com ela? como ela está? insisto ele balança a cabeça e tudo parece que acompanha esse movimento as cortinas as arandelas os castiçais sinto meu corpo como se tivesse a forma de uma cuia de um lado frio de outro lado quente o estômago na minha boca os cotovelos quase se tocando os ouvidos tampados como se tivessem selado meus ouvidos com chumbo derretido nem mesmo o batimento do meu coração foi uma bela idéia descer o Dordogne os abetos secos das margens tornavam a paisagem ainda mais gélida Linda estava resfriada eu beijava seus olhos suas pálpebras tremiam avermelhadas e carregadas de sangue em pé na proa óculos escuros cachecóis e luvas o vinho na cabeça pois não havia mais espaço para ele no estômago

-- "É mesmo hora de se levantar e sair senhor"

já ouvi já estou me erguendo um trator caminha ao lado da margem, transportando sacos Linda demonstra interesse por tudo rodopia para um lado e para outro as ameixas dos olhos febris ainda assim não querem perder nada um velho muito magro segura uma vara de pesca tem o anzol entre os

dedos dizemos adeus sem nada dizer em que recanto da mente guardamos essa imagem ele a de mim eu a dele? meu barco ficará talvez arquivado no escaninho denominado pequenos barcos em movimento pelo Dordogne numa tarde cinzenta de inverno com ameaça de chuva e cheiro de avelãs maceradas no ar eu o arquivarei como solidão humana junto ao rio piscoso uma chata cruza por nós uma lamparina vermelha balançando regularmente sobre a proa como se regesse um motor pipocando outra idêntica na popa já enfiada na névoa sentamo-nos Linda e eu sentamo-nos Linda e eu Linda e eu muito apertados esmagando a conjunção aditiva espre- mendo-a contra nosso corpo passe bem agradeço ao sujeito de macacão e luvas amarelas agora é subir um lance de escadas e dobrar à direita minha cabine é a última também à direita minha cama é a primeira também à direita a outra está vaga Linda eu tenho quase absoluta certeza de que não viajamos pelo Dordogne mas eu estou vendo Linda sentada em um banco junto à proa suspirando havia esquecido suas luvas no bolso do casaco que ficara no hotel suas mãos estavam roxas e ela as friccionava inutilmente acabei arrancando as minhas luvas e as entreguei mas ela recusou-se a se servir delas sempre seu modo obstinado às vezes o coração crestado pelo sol de Rabat enrugado e áspero olhos injetados quase mórbidos agora talvez já estivesse com um princípio de febre mas resistia à oferta das luvas talvez só tomasse o que não fosse imprescindível a chata cheia de lamparinas vermelhas três à frente duas em cada lado do tombadilho outras duas na popa numa espécie de concerto de sistros nem se via o sol não sem dúvida não era ela no passeio pelo Dordogne ou não era o rio correndo por dentro de nossas vidas o motor do barco

maciamente pipocando pipocando em instantes a cicatriz que o barco deixara sobre a superfície do rio desaparecera e também não deixara vestígio a fumaça cinzenta que a chaminé expirara por sobre o deque e sumira aos poucos como se quisesse ficar e o som de sistros e talvez também o de crótalos percebo agora estou à margem olhando para a pele agitada da água jamais quis ter um barco meu pai me olha intrigado na travessia para a Inglaterra estou chorando dentro do carro por causa da tormenta 'dorme pois é o único remédio para o medo' quase o ouço dizer e sinto raiva por causa disso não tenho medo é engano pai choro porque quero voltar para minha casa os franceses não têm nada o que fazer na Inglaterra meus amigos ficaram em Paris minha escola ficou em Paris minhas férias ficaram em Paris todas as minhas faltas que o mestre-escola entenderia como graves ficaram lá sem punição eu preciso gozar e usufruir desses crimes não choro pelo Canal da Mancha choro pelo exílio forçado um pai não pode ser assim tão injusto se quiser me prender me prende em meu quarto não me prenda no mundo que é muito vasto o que é que Sébastien vem me dizer rangendo os dentes e atirando o toco do cigarro no chafariz da Place Saint Michel? não não estou fugindo das responsabilidades não estou querendo esquivar-me de ser testado ou de avaliar meus limites ou de experimentar meu autocontrole não vou além e tenho agora certeza de que não deveria ter ido tão longe Jacques tinha razão quando me dissera que era preciso saber desistir sem remorso iria lecionar iria para um posto até mesmo fora da França querida Corinne escrevo de além-mar escrevo de uma ilha no Pacífico os nativos acorrentaram-me a uma árvore exigiram-me que parasse de lhes ensinar poesia simbolista proibiram-

me de lhes explicar como se planeja uma rede subterrânea de gás proibiram-me de passar a mão na cabeça dos melhores alunos é parar de lecionar ou morrer preferi morrer o que você acha? querida Corinne sinto falta do cheiro do toucador do seu quarto do cheiro do seu cangote do cheiro da sua boca cheia de vinho quantas vezes tive vontade de deslizar minha língua pelos seus ombros magros só para saber o gosto por favor diz se algo assim se passou também em sua cabeça não é possível que com todas as luzes sobre o meu rosto cegando minha visão eu ainda consiga ver com nitidez seus gestos embrigados no jantar no bar do Jacques faz tão pouco tempo e parece já uma história que não é mais minha exceto por Jacques por Linda e por você quando chegar na cabine vou escrever-lhe uma carta não digo hoje não digo agora está muito tarde a luz vai e vem sinto-me intranqüilo parece que saltei de uma borda para outra de um precipício mas tenho a impressão de que o terreno deste outro lado é ainda mais instável do que o que deixei para trás que idéia estúpida querer me enfiar num país de carolas e fabricantes de bombas domésticas tudo isso não vale os vitrais de Chartres querida irmã conheci uma passageira moribunda uma ruiva que parecia bêbada como você outro dia na festa de Jacques e Janinne ajudei a transportá-la do restaurante do ferry-boat que tomei no Havre para sua cabine segurei-a com força senti suas costelas e a reverberação do resto de energia que a mantinha ao tocar sua nuca seus tornozelos suas costas senti a febre de suas entranhas nem sei e nunca saberei se estava lutando para morrer ou para viver era um sacrilégio pensar no seu corpo com algum tipo de desejo talvez por causa dessa similitude acabei pensando no seu lembro-me de você nua pequena e nua adolescente e nua ainda muito muito

pequena como me sinto nu agora o berço você estava nele estava sempre nele e eu tentava subir também para deitar com você porque isso parecia a melhor coisa a fazer mas as grades eram altas e não permitiam 'larga sua irmã deixe-a dormir em paz' acho que a voz de nossa mãe mas você demorava para dormir e enquanto estava acordada conquistava regalias que jamais ousei desejar assim mesmo ou por causa disso eu queria pular para o seu lado e jamais desisti quem é mais velho perguntei eu ou ela? às vezes pensava que fosse você você era muito menor do que eu mas como era possível se eu nunca conseguia saltar para dentro de sua cama e tantas vezes eu a vi deitada sobre o meu colchão enrolada em panos túrgida de tanto leite ingerido e saciada de tantas atenções descobri que você não falava mesmo quando já podia fazê-lo porque falar atenuaria a força de seu comando absoluto sobre a vida dos adultos comando esse fundado num processo de incitamento à adivinhação e no estímulo à premonição de nossos pais eles se tornaram decifradores de sua vontade e provedores de suas necessidades eu acho isso tão comum mas assim mesmo tão admirável nem bem sua necessidade se insinuava em suas feições infantis ou em seu gestual e era um desperdício comunicar-se com eles como os demais faziam se esse processo adotado por você era tão extraordinariamente eficaz esse privilégio de comunicação você soube usufruir intensa e prazerosamente mesmo depois que sua voz fora introduzida no nosso cotidiano auditivo como arma secundária de persuasão e convencimento mas tudo foi muito lento Corinne você sabia por exemplo como era doloroso para todos que você chorasse testemunhando dor ou descontentamento com parcimônia você usava desse expediente apenas quando

havia esgotado seu arsenal mímico depois em última instância quando nem mesmo o choro parecia suficientemente incisivo insurgia-se também sua voz altissonante e operística estou vendo agora seu rosto de bochechas rubras imensas quase cobrindo a órbita dos olhos sol doméstico que nunca se punha Corinne aprendi que éramos diferentes você e eu e todos os adultos iguais vivi com essa idéia esquisita na minha mente depois Corinne adolescente o protovestido de menina repetindo o nome das estações do metrô nem bem as ouvia pelo alto-falante do vagão La Muette-Rue de la Pompe, Trocadéro-Iéna, Alma-Marceau, Franklin Roosevelt quando chegar à cabine vou escrever-lhe uma carta vou escrever-lhe uma carta mas não esta noite é muito tarde e a luz não inspira confiança há sabotadores por todos os lugares quando a luz do dia vier a escotilha da cabine é pequena estou quase chegando na cabine tenho a impressão de estar em uma cela em uma solitária o lado de fora se torna um mistério somente os pés para dizer se o mundo está vivo se estiver estou também não disse? a luz foi-se novamente durante a escuridão os heróis parecem estar mais distantes uns dos outros e sua valentia se torna menor Jacques você está aí? se você perder a coragem eu não posso assegurar que manterei a minha preciso adaptar-me novamente à penumbra que agora parece mais imperscrutável que nunca mal consigo ver o número das cabines mas não posso errar é seguir em frente pelo corredor no fundo uma escotilha brilha como uma lua cinzenta já não sei mais se estou em minha cabine ou se ainda me encontro a caminho devo estar a caminho porque ainda estou andando ainda estou andando e não dou de encontro a nada parede alguma parede alguma parede alguma.

Capítulo 13

Manoel

Acenou novamente para o maître, já que não tivera

sucesso nas primeiras vezes. Seu braço agitava-se denotando que se encontrava no limite da paciência. O passo seguinte seria certamente desastroso e principiaria pela quebra dos óculos contra alguma superfície sólida disponível. Não era descartável a hipótese de Manoel atirar o arranjo floral contra a porta da cozinha, ou mesmo a leve poltrona italiana em que se sentava contra idêntico alvo. Nem mesmo o incidente com a mulher, que saíra carregada instantes atrás, justificava tamanha demora, disse para si mesmo; e ao dizê-lo ouviu no seu coração uma vozinha balbuciando justamente o contrário. Era preciso ter calma e respeito pela situação. Uma passageira passara mal, o barco passava mal, não se esqueça do que o maître deixou escapar que teria havido um incêndio a bordo; era preciso respirar fundo, conter a animosidade. Aguardar era a melhor conduta, dizia sua consciência. Manoel a ouviu tanto quanto foi possível, mas conter-se e fingir que nada estava acontecendo, isso era outra coisa. Não, era preciso agir com energia; era um grande e inaceitável abuso o maître ignorar seus apelos, quando o restaurante se encontrava praticamente vazio, argumentou consigo mesmo, buscando sufocar qualquer sentimento de indulgência. Uma coisa tão simples, persistiu: uma conta, três fileiras de números em um pedaço de papel. Em um mísero papel. O que havia mais a fazer?

Finalmente o funcionário aproximou-se furtivamente de Manoel, informando que já havia percebido que o cliente tinha urgência em receber a conta, e que esta se encontrava a caminho. Manoel redargüiu que não era uma questão de urgência, a bem da verdade, não tinha para onde ir, disse com uma ponta de ironia. "O fato, continuou ele, é que já havia dado evidentes sinais, há algum tempo, de que queria

se retirar. Os minutos se passaram e nada acontecera." "Estamos com alguns problemas, o senhor sabe", disse o outro, anelante. "Temos uma tripulação nova que embarcou em Rosslare há apenas dois dias e está em treinamento. A companhia tem por hábito fazer isso: mesclar novos e velhos. Fazer com que os velhos treinem em serviço os jovens. O problema foi justamente causado por um deles, a bem da verdade dois", tentava explicar-lhe o maître dando um nó nos próprios dedos. Manoel o interrompeu. Não queria saber de justificativas. Queria tão-somente a conta. Sobre a embarcação, entendia que os responsáveis estavam em débito com os passageiros. Um comunicado teria sido a solução mais adequada. O maître concordou, lamentando apenas que esse assunto não era de sua alçada. Em seguida, recordando-se de que falara mais do que devia uma hora atrás, pediu a Manoel discrição acerca do incêndio. Poderia ter sido muito pior. Labaredas imensas, aquilo ficou uma fornalha jamais vista, deixou escapar.

Ao perceber que novamente falara o que não devia ter falado, delatando a gravidade dos fatos, o funcionário voltou a solicitar discrição, insistindo no ponto, a seu modo de ver fundamental, qual seja o de que tudo estava absolutamente sob controle. Manoel retomou os óculos que quase quebrara, encavalou-os sobre a cartilagem do nariz e olhou fixamente para o funcionário. 'Labaredas imensas, fornalha jamais vista'. A coisa era muito mais grave do que se poderia supor. Pensou em agarrá-lo pelo casaco, fazê-lo sentar-se à força a seu lado, para dizer de uma vez toda a verdade, mas teve medo de ouvir o que talvez o deixasse menos confiante nos acontecimentos; preferiu descartar a hipótese de que a embarcação ainda corria perigo. Sua mente construiu

rapidamente, canhestramente, a casa de máquinas do ferry-boat, onde pincelou aqui e ali ferragens carbonizadas sem muita gravidade e onde aspergiu por toda a parte uns chamuscados leves, tudo porém superficial e indolor. Em seguida concebeu homens experientes numa azáfama de recuperação que inspiraria confiança em qualquer passageiro amedrontado. Depois disso, sentiu-se ligeiramente melhor. Limitou-se então a pedir uma vez mais a conta.

Pela primeira vez olhou de frente o sujeito de dinner jacket. Ele se parecia com um volante do Manchester United, só que mais pálido e gasto. Seus olhos claros e aquosos não inspiravam confiança. Pareciam ter sido plantados naquele rosto com a finalidade precípua de auxiliar na arte de dissimulação. A Manoel ocorreu naquele momento que o sujeito poderia estar mentindo descaradamente, para esconder uma verdade mais grave. Contudo, ainda desta vez não teve coragem de abordar o maître diretamente, e simplesmente repetiu: "a conta, por favor", alongando a sonoridade das palavras de maneira especialmente desagradável. O maître balançou a cabeça, encostando a papada sob o queixo na gravata borboleta e recuou como o passarinho de um relógio de parede.

Aproveitando que a luz voltara, vários comensais acenavam para o maître solicitando a conta. Manoel percebeu o projeto coletivo de retirada, concluindo que as pessoas agem sempre do mesmo modo nas mesmas circunstâncias. Em seguida, examinou seu copo, suado de cerveja. Fixou ao redor dele, na borda, na superfície arredondada e úmida do vidro, o olhar e sobre ele esculpiu sem pressa o clichê: as pessoas agem sempre do mesmo modo nas mesmas circunstâncias. Ele, inclusive, pensou

reprovativo. Não fosse assim, teria saído da posição comodista de aceitar a empulhação do maître, e lutado para extrair dele a temerária verdade sobre as condições de navegação do barco.

E tem mais: não fosse ele como os outros, como todo mundo, e teria sido capaz de frustrar as expectativas de J. B. H. não se metendo naquele ardil. Com certeza, o próprio B. H. conhecia o axioma: as pessoas agem sempre do mesmo modo nas mesmas circunstâncias, e por causa disso sabia que Manoel consentiria em participar do jogo de Dublin, mesmo não sabendo do que exatamente se tratava, nem mesmo em que, afinal, tudo aquilo iria dar.

A luz voltara a apagar e curtos gemidos de desaprovação foram ouvidos no recinto. Os mesmos que aplaudiram o regresso da luz agora socavam com os punhos a palma da mão, como se pretendessem que a severidade da justiça celestial desabasse sobre os criminosos que sabotaram sua viagem.

Manoel não se abalou, seu instinto dizia-lhe que a luz se apagaria ainda muitas outras vezes. Depois de avaliar o que o maître dissera, e a forma como dissera, Manoel chegou à conclusão de que estavam todos sendo iludidos. Ele sabia exatamente o que fazer: depois do jantar, iria procurar o comandante; exigiria diretamente explicações.

Instantes depois, a energia voltou, acompanhada de suspiros de alívio. O barco, aos olhos dos passageiros, parecia uma débil criança tentando aprender as coisas mais simples; E esses, seus pais neófitos e entusiasmados, sempre prontos a aplaudir os mais insignificantes progressos. "Agora temos luz", disse o maître, como se anunciasse uma descoberta. Isto bastou para que um coro entuasiasta

repetisse sua frase mágica, desencadeando tímidas palmas aqui e ali. Havia quem propusesse mais do que isso, para recompensar devidamente o feito dos diligentes e bravos maquinistas, talvez protegidos de Netuno. Em uma mesa longa um escocês de barba vermelha começou a apagar as velas ao seu redor, e só parou porque foi impedido pelos convivas. "Com ou sem luz elétrica, as velas deveriam permanecer acesas", pretextou um deles, menos por romantismo, e mais por conveniência.

"Trouxe-lhe a conta", disse o funcionário com solenidade, olhando defronte de si o português entregue a suas meditações. Manoel ergueu o papel, avaliou o demonstrativo e sobre ele depositou algumas libras. Àquela altura, sentia quase que uma compulsão física para dormir, talvez porque em sua avaliação não lograra qualquer progresso em suas indagações existenciais.

Como um rato esfomeado submetido a um teste de aprendizagem skinneriano, Manoel experimentou durante as últimas horas, ou mais precisamente desde que subira a bordo do Saint Killian II, seguidas frustrações intelectuais ao perquirir sobre sua vida afetiva e profissional. Bastava por exemplo evocar o nome de Lucinha, para que o famélico rato batesse com o focinho em um beco sem saída do labirinto no qual fora colocado, e fosse obrigado a recuar desorientado, quase até o ponto de partida, em busca de nova rota. Quando o binômio Paiva-coluna esportiva se anunciava em seu espírito, novamente se erguia um muro intransponível. O mesmo se dava quando pretendia passar a limpo sua relação com seu pai, ou seus sentimentos com relação ao seu derradeiro clube. Formulando sempre as mesmas perguntas, seu espírito percorria inevitavelmente o mesmo itinerário,

acabando por desembocar no mesmo e árido lugar. Seria preciso, e Manoel ainda não o sabia, que construísse perguntas novas e originais, para que o caminho de investigação percorresse novas paisagens do seu espírito, e assim pudesse, com mais chances, encontrar uma saída e uma resposta. Maria de Fátima era uma variável nova, pressupondo novas perguntas, mas ainda assim, talvez porque Manoel a tratasse como um desdobramento quer de sua relação familiar, quer de seu fracasso com Lucinha, o rato skinneriano que rondava sua mente acabava em um beco sem saída, farejando em vão a úmida base de altos muros de pedra em busca do alimento prometido. O que significara aquele gesto de despedida, aquele beijo despropositado? Da parte dela, poderia ter sido mera atitude provocatória, ou talvez algo mais significativo, como a demonstração de que era inevitável o surgimento de uma relação duradoura.

Aquele beijo poderia simples ecoar no coração e espírito de Manoel como algo divertido, irresponsável, que provavelmente jamais se repetiria, ou talvez como uma coisa mais profunda, da qual não seria fácil escapar. O que, afinal de contas, aquelas horas com Maria de Fátima deixaram como lastro para o futuro, para o dia de amanhã? Será possível que só existissem duas toscas linhas de interpretação, cada uma delas encaminhando para um resultado diametralmente o- posto? Entre esses dois pólos, variações sutis, graus intermediários, nuances deveriam existir, por certo concedendo uma visão mais precisa e uma interpretação mais acurada do que ocorrera e do que se passava em seu espírito. No entanto, essas outras possibilidades combinatórias Manoel descartava em benefício da impaciência e da frouxidão de raciocínio. O

ratinho skinneriano novamente ciscava junto ao sopé de um obstáculo intransponível e voltava, voltava sempre para o ponto inicial.

Não obstante, era preciso que se dissesse que mais do que o beijo no aeroporto, persistia a lembrança da primeira vez em que a vira, após longos anos de afastamento, em frente ao estabelecimento de seus pais. Essa imagem, por um capricho inexplicável da mente, tinha mais frescor e tangibilidade do que os pequenos flashes de seu passeio noturno com ela, culminando com o inesperado arremate na despedida.

E então, como ir além disso? indagava-se ele, enquanto se erguia de sua poltrona e deixava a mesa do restaurante em direção à cabine.

De repente uma fenda imperceptível nesse caminho labiríntico, uma fenda, não bem originada de um planejamento das forças que o escravizavam, mas fruto do acaso, do desgaste do material, do acaso da vida. Eis que o ratinho intromete as barbichas do focinho por uma fenda, depois consegue introduzir o próprio e em seguida, forcejando com as patas, atravessa a parede inexpugnável e morde o queijo, gulosamente. E o faz não como haviam planejado os skinnerianos, como decorrência de um condicionamento, mas por obra e graça da sorte. A razão pela qual a imagem primacial de Maria de Fátima persistira com mais força e insistência na mente de Manoel era porque no exato momento em que se sentiu arrebatado pela presença feminina à porta do bar-restaurante, ela ainda não era a Maria de Fátima, filha do Sr. Alípio e de Dona Eurídice, menina que Manoel vira crescer até a adolescência. Ao contrário, ela era alguém cuja história começava naquele

exato momento, com aquele olhar inaugural, ela era alguém que nem sequer possuía um nome para ser lembrado. Não possuía passado algum, ou laços familiares, ou antigos amores. Era tão-somente o presente sem memória, o presente em vias de se diluir no nada, no éter. À medida que a bela mulher ganhou uma identidade e uma história de vida, o que ocorreu quando ela o interpelou, se revelando -- e sobretudo à medida que sua trajetória pessoal tangenciava a dele em tantos e tão variados pontos: família, nível social, proximidade geográfica, a mulher ganhava contornos sociais e econô- micos precisos, tornava-se concreta e, mais do que isso, perigosamente próxima, por pouco se tornando incômoda não fossem seus dotes de caráter e sua bela figura. E assim permaneceu por todo o tempo em que estiveram juntos naquela noite. Quando comiam o bacalhau com natas naquela cave lisboeta, por exemplo, era como se compartilhassem sorrateiramente do jantar os pais dele e dela, as histórias de anos de compadrio entre as famílias, sua carreira futebolística e muito mais. Era quase como se começassem pelo fim, como se ambos estivessem se dispondo a algo para o qual não havia mais tempo hábil. Não porque houvesse uma diferença de idade razoável entre eles, mas porque tudo já estava dito e escrito.

Pronto, chegara finalmente a algum lugar. Era impossível fazer com que os ponteiros do tempo andassem para trás. Nada mais poderia haver entre ele e a futura médica. Com alívio Manoel enfiou a chave na porta de sua cabine, fechou-a atrás de si e se sentou na ponta da cama. Passados alguns segundos, pôs-se a rever os pontos principais de sua análise. Seguindo o mesmo raciocínio, Lucinha não poderia ser mais do que um passado inteiramente esgotado de perspectivas.

Ora, seu raciocínio pecava no ponto em que adotava como princípio, como regra geral, a negação da possibilidade de que uma superação constante do passado pudesse vir a ser a base de um relacionamento. E qualquer nova relação, segundo esse raciocínio, tão logo tivesse atrás de si um passado do qual já pudesse extrair estatutos para o presente e futuro, fracassaria pela mesma e idêntica falsa razão que tornava impossível o prosseguimento da relação entre Manoel e Maria de Fátima, ou entre ele e Lucinha.

O jogador tirou os óculos, e se deitou sobre a colcha da cama. O ratinho skinneriano voltava pela fresta que encontrara no labirinto. Para além dela, descobriu, só havia mais labirinto, e o queijo que mordeu com gula não era real. Seus ouvidos captam no ar, como que por magia, a voz de Maria de Fátima dizendo-lhe à porta do negócio comercial de seus pais:

-- "Olá, em que mundo andas, afinal?"

Bastou no entanto que a luz do barco falhasse novamente, deixando tudo às escuras, para Manoel mudar o foco de atenção e sintonizar novas lembranças, agora de Lucinha. Lucinha no avião, tocando em seu ombro, fazendo-o despertar com a surpresa de sua voz:

-- "Manoelzinho, Manoelzinho, queres comer algo?"; depois Lucinha erguendo a ponta da saia de aeromoça, mostrando-lhe os pequeninos pés enfiados em um salto descomunal, mais parecendo uma baioneta calada na ponta de um fuzil.

Seria ela o fuzil assassino?

Lembra-se do champagne e do brinde, da discussão no vôo para Paris e do arranjo. Saem juntos do aeroporto. O apartamento de esquina, entre a Mouffetard e o Boulevard

Port-Royal, os dois brincando de casamento.

-- "Cogumelos ao vinho e galinha assada, o que tu achas?" indagava Lucinha, enquanto subiam a Mouffetard.

Manoel naquele momento concordaria com qualquer coisa. Quando a galinha foi apresentada, não poderia estar mais impecável. As verduras e os queijos nunca estiveram tão saborosos. Os estores do quarto arriados no meio da tarde. Lâminas de luz atiradas contra os móveis, ecos desprezados da cidade. Algumas horas coaguladas de calor e sutileza, Manoel e Lucinha suspensos do caleidoscópio da vida. Foram amantes perfeitos naquela tarde, mas naquela tarde não estavam preocupados com definir o que fizeram a dois.

A paz conciliadora não durou muito, é verdade, mas aquelas horas frescas desarmaram-nos. E o mais insensato no modo de conduzir seu raciocínio era o fato de Manoel quase deliberadamente haver menosprezado aqueles momentos, ao realizar o inventário de suas emoções recentes ao lado dela, preferindo admitir que Lucinha e ele teriam sido todo o tempo, sem exceção, os mesmos de outrora, com a única diferença de não estarem mais juntos e por isso usarem de mais cautela um com o outro; como um casal divorciado que após longo tempo se reencontra, e talvez por nostalgia ou temor representa por algumas horas ou dias o que foi em outra época. Não, não era possível iludir-se mais. Havia entre eles algo que não se petrificara, e que os fizera ignorar o mundo inteiro e todo o passado. Aquela tarde parisiense era prova disso.

Onde estaria ela agora? Sim, já por certo se encontrava em Budapeste. Manoel desenhou-a mentalmente, vestiu-a, despiu-a, vestiu-a novamente. Ao cabo de alguns ensaios,

Lucinha acabou com um gorro de pele cobrindo-lhe o coque, uma calça de malha colante por baixo da minissaia de lã, um casaco sem mangas, pop-art, com losangos brancos e pretos por cima de tudo. Imaginariamente ergueu o diminuto queixo de Lucinha e viu sob uma luz também imaginária um rosto cansado, uns olhos vermelhos, com longos cílios desalinhados, por força de terem sido esfregados com o dorso da mão a cada sinal de desconforto.

Manoel teve pena do estado de Lucinha. Acompanhou-a mentalmente por todo o saguão do hotel, foi com ela até a recepção, viu Lucinha recolher a chave de seu quarto impessoal e tomar o elevador. Viu a amante se despir e se deitar; lembrou-se de que Lucinha comentara que em sua profissão ela era obrigada a se disciplinar; a dormir um bom número de horas na véspera de novos vôos, para não parecer cansada, caso contrário receberia uma advertência da companhia. Quando ela, em sua imaginação, fechou os olhos, ele fez o mesmo. Agarrou as hipotéticas mãos de Lucinha, que estavam geladas, e as apertou tenuemente, depois envolveu-as, fazendo-as desaparecer dentro das suas. Eram tão delicadas, apesar das unhas longas, que teve receio de feri-las. Largou-as em seguida, para um instante depois levá-las ao nariz. Cheirou-as longamente; sabiam a muitas coisas familiares: ao perfume que usava, ao limão que tocou no jantar, ao creme que às vezes Lúcia aplicava sobre a pele, à película do esmalte, ao odor do dentifrício, e ao seu cheiro, unicamente seu, intrínseco, intransferível, que estava ali, menos superficial e inconstante que os outros, como um mistério de sua pessoa. Por trás de suas orelhas, em sua nuca, e no canto dos olhos era possível colher esse cheiro, às vezes mais suave, às vezes mais insinuante e persistente. Ele estava

presente também na dobra do braço e mais fortemente ainda na dobra da perna. Ao virar-se de um lado para outro na cama, Lucinha deixava um pouco desse cheiro nos lençóis e na fronha. E quando dormia, o friso dos lábios tinha esse odor, o que talvez fosse menos explicável.

De repente, Manoel suspendeu seu exercício mental, talvez surpreso por se deixar levar tão longe. Deu-se conta de que tudo era ocasionado pelo soporífero do sono agindo lentamente, baralhando a sensibilidade, provocando vertigens de alturas injusticáveis. Que Lucinha ficasse lá, em sua Budapeste provisória. Por um instante seus olhos se abriram como uma advertência. O termômetro de seu corpo reclamou da noite particularmente fria. Talvez porque seu ser por inteiro não pudesse deixar de pensar que o Saint Killian II importava para seu futuro agora mais do que o planeta inteiro, apesar de nem mesmo ser capaz de perscrutar no horizonte referências geográficas visíveis. Por qual desnível da mente deixar então escoar a consciência crítica e conquistar o direito de não mais inibir as fantasias concebíveis pelo inconsciente? Manoel deu um hipotético passo atrás, e mais outro, até colher em seus braços a memória do corpo de Lucinha deitado ao lado do seu. Buscou saborear novamente o que há pouco experimentara, e que fora ao mesmo tempo inusitado e reconfortante. No entanto as sensações chegavam difusas e pouco distintas. O jogador persistiu, alcançou Lucinha na recepção do hotel em Budapeste, subiu com ela até o quarto, abraçou-a fortemente, quando ambos esperavam o elevador chegar. Que maldita fome era aquela de um corpo que recusara mil vezes? De fato não era, absolutamente, uma questão restrita, puramente física; um prazer que desanuviasse os inconvenientes de uma

viagem solitária. Havia algo mais complexo e mais duradouro que isso.

Cada vez mais anestesiado pelo sono, ainda assim ocorreu-lhe relatar o que pensara a Lucinha em uma carta. Não que se dispusesse a erguer as pesadas pálpebras e ordenar que o corpo se erguesse da cama em busca de uma vela, papel e caneta. Deixaria tudo para o dia seguinte. Quando acordasse pela manhã, escreveria, contando-lhe sobre seu ensaio acerca dos odores e sobretudo para dizer-lhe que queria muito vê-la outra vez.

Com tais propósitos, Manoel alinhavou mentalmente, com evidente dificuldade, as primeiras palavras da carta que faria, mas desprezou-as em seguida e congeminou outras; depois substituiu algumas delas no encalço da simplicidade, o que não foi de modo algum tarefa fácil, pois já algumas paisagens bem desenhadas da carta se confundiam com outras, oníricas e vagas, baralhando a autocrítica do ensaísta.

Apesar de tudo, insistiu; azeitou com esforço a sintaxe, pinçou palavras daqui e dali trazendo-as da névoa dos sentidos mal articulados até que tudo parecesse mais fluido e comunicativo. Recolocou tudo novamente na prancheta da mente e transfixou nela de maneira peculiar, para não esquecer mais, umas três ou quatro frases que serviriam de pórtico. Repetiu-as e seus olhos se mexeram sob as pálpebras abaixadas como se as lesse estampadas em um papel imaginário.

Papel? Teria que providenciar logo pela manhã. Compraria um belo envelope e papel de carta antes mesmo de se dirigir à cafeteria.

Um calor agradável e inesperado subiu lenta mas impiedosamente por seu corpo. Manoel ajeitou-se melhor na

estreita cama da cabine, enfiou as pernas por baixo dos lençóis, calçou a cabeça com o travesseiro enclavinhado na omoplata e controlou a respiração. Estava embriagado de sono, e havia ainda tanta coisa a pensar. Entre outras coisas era preciso se certificar de que não se esqueceria do início da carta.

'Querida Lucinha: sou mesmo um idiota.'

Não, está claro que a carta não poderia começar assim. Em que escaninho acabara de enfiar os primeiros parágrafos que aventara? E sua exegese sobre os odores de Lucinha? E sua disposição de reencontrá-la? Como e em que ordem colocar tudo isso? Era preciso novamente retroceder, mas com cuidado, para não esmigalhar o que já havia plantado pelo caminho.

Uma babugem já se formara na comissura dos lábios, fruto do entorpecimento da consciência. À medida que Manoel tateava pelos meandros pouco iluminados de seu cérebro, e deparava algo que lhe parecia de utilidade, balbuciava pala- vras ininteligíveis, eventualmente evidenciando uma e outra imagem acústica cujo paradeiro ele temera haver perdido.

Com o intuito de manter vivo o propósito de recuperar os belos achados de sua teoria dos cheiros de Lucinha, seus lábios persistiam na caça ao tesouro verbal, mesmo que para tanto fosse preciso que chapinhassem na espuma que se formara ao redor da boca. A parte da borra que sobejava escorria para o lado até ser absorvida pela fronha. Minúsculos cristais pareciam ferver ao contato com o tecido, para depois desaparecerem como torrões de açúcar desmanchados. Concomitantemente, o globo ocular movia-se agora muito rapidamente, indo de um lado a outro, subindo e

descendo, engrouvinhando as pálpebras, como um rato sob o tapete roto da sala. Por vezes, as pálpebras permaneciam quase imóveis e apenas eram notáveis algumas curtas vibrações de baixa intensidade no globo ocular, como se Manoel estivesse debaixo de severa comoção. O batimento irregular de seu coração confirmaria essa hipótese.

No entanto, a espaços, Manoel emergia desse processo de progressivo abandono. Indagava-se onde estava, e por vezes dava-se conta de que já era de todo inútil o esforço no sentido de esboçar mentalmente qualquer coisa que se assemelhasse a uma carta afetuosa. Ainda assim o jogador voltava à carga obsessivamente, como uma questão de honra. Numa das sucessivas vezes, particularmente, foi muito infeliz.

'Querida Lucinha: tão logo regresse de Dublin, quero ir às compras contigo em Paris. É que aquela tua cama de molas, embora seja de inestimável valia quando nos amamos, atirando nossos corpos um contra o outro, quer queiramos, quer não, é um suplício nas horas subseqüentes. Ainda agora sinto dores lombares só de lembrar no estado de minhas costas quando acordei a teu lado.'

Em outra, nem por sombra resvalou no que buscava, embora certo lirismo incomum e um traço de abandono denotassem uma disposição maior para fazer da carta o início de uma reconciliação duradoura.

'Lucinha, querida, esquece as coisas que entre nós caminharam mal e aceita o que temos de melhor para dar um ao outro de agora em diante. Neste infame barco sem luz que me transporta para o Hades encontrei-me em horas desocupadas a pensar em ti. Entreteci uma teoria dos cheiros do teu corpo, que gostaria de expor-te detalhadamente. Tu

me ouves, não? Eu te ouço também. É preciso que penses em um novo colchão, já to disse, para ficarmos juntos comendo ananás quando for a estação e bebendo um galão de vinho verde em tua casa, numa tigela branca. Entreteci uma teoria dos cheiros, disse-te, ou bem era uma outra teoria, ocupada com os sabores entranhados na história da tua pele. Não sei mais o que te digo. De qualquer modo podes sempre continuar assinando o mesmo jornal de sempre quando nos juntarmos. Prometo que não te recriminarei mais.'

Poucos instantes depois -- como precisar quando, se no torpor entre vigília e sono, entre a realidade que se sabe e a que atemoriza ou liberta, o tempo é intangível? --, já Manoel tinha para o sustento de seu projeto epistolar apenas uma reminiscência opaca do sentido original de sua mensagem. Era como se múltiplos significados viessem se entrechocar em uma movimentada encruzilhada do espírito.

Nesse estágio, paulatinamente, a figura de Lucinha começara a se diluir como foco de interesse, não porque Manoel tivesse desistido dela, mas porque já era impossível localizar o que quer que fosse no enxame de coisas, fatos e episódios esvoaçantes em sua cabeça.

Foi então que a bola mitológica que freqüentava seus pesadelos aproveitou a oportunidade e não se fez de rogada; reapareceu alguns metros à sua frente, saltitando nos degraus de uma soturna escadaria de uma casa em ruínas. Manoel via-se outra vez sozinho andando pela Rua 1º de Maio, em Manteigas. A cidade desabitada estremecera sob a sonoridade compacta, desafiadora e provocativa da bola chocando-se repetidamente contra a pedra; esse inesperado repicar da esfera de gomos no lajedo tivera o condão de fazer desmoronar uma cortina de silêncio que parecia tão absurda

e improvável quanto incorruptível; ou, talvez, apenas realçara, intensificara o que de silêncio imóvel havia ao redor. Manoel quando a viu, foi a seu encontro, interceptando-a com a sola da chuteira, logo que a bola, esbatendo contra cada degrau da escada como um martelo atirado, alcançou por fim o calçamento no entorno do jardim.

Manoel reteve-a em seu trajeto. Em seguida, recuando a perna, atirou de leve para frente o interior do pé, apenas para tocar a esfera de couro, recolocando-a em suave movimento novamente. Está cheia demais, pensou, ao perceber que a bola fugia a seu controle, quicava nervosamente contra o solo, às vezes mudando de direção. Manoel buscou dominá-la, reorientando seu curso; a bola resistia. Com leves toques da planta dos pés, o jogador acamou a bola sobre a cerâmica carcomida do chão, e empurrou a esfera para frente, trouxe-a mais firmemente junto ao solo e ao mesmo tempo evitando sempre que possível as irregularidades do terreno. Manteve-a junto de si, ora apoiando a perna direita fletida sobre ela, ora empurrando-a para diante com firmeza; estratagema evidente para mantê-la sob controle. Avançou com a esfera quase a seu lado, fazendo com os pés sobre ela o mesmo carinho que as mãos sobre uma cabeça de criança; deslizou com ela até o portão de grade da casa em ruínas, e ganhou outra vez a rua, de onde viera. Súbito Manoel imobilizou a bola. Para onde seguir agora? Descer a 1º de Maio até o ponto de táxi, em frente ao Restaurante Serradalto, ou subir? Ao olhar em volta, em busca de uma definição, a bola sorrateiramente desligou-se de Manoel e rolou aos encontrões, atravessando uma porta semi-aberta. Com ela foram suas chuteiras, ambas, e nelas seus pés. No pesadelo do jogador suas canelas terminavam em dois cotos feridos, mergulhados em uma

poça de sangue e fincados entre os paralelepípedos da rua de Manteigas. Não sentia dor alguma em seu corpo, embora trouxesse as mãos muito frias, e também o rosto, mas doía-lhe a perda dos pés como de um ente querido. Teve vontade de chamar por socorro, para que o tirassem dali e o levassem a um hospital, mas Manoel sabia perfeitamente que estava só, que não havia mais ninguém nas cercanias para acudi-lo. Assim mesmo não conteve o grito, que eclodiu na cabine como se um torpedo tivesse acabado de explodir contra a carcaça do barco. Imediatamente acordou.

Acordou, refletiu dois segundos e descobriu que ainda estava onde deveria estar: na cabine sem luz do Saint Killian II, rumo a Rosslare. Movimentou os dedos amortecidos da mão, os punhos e mais detidamente os pés, tocando um no outro, para se certificar de que nada estava faltando. Ajeitou-se melhor na cama, puxou as cobertas até a altura do queixo, emborcou para o lado da escotilha e pouco depois se encontrava novamente em Manteigas, acompanhando excitado uma bola de couro descendo os degraus da velha escadaria da casa em ruínas, vindo em sua direção como se tivesse marcado um encontro com ele. Bola muito gasta, no entanto, percebeu Manoel; o couro já roto nas costuras esbranquiçadas; gomos inteiros se despregando por todos os lados; pa- recia um pneu furado rodando sob o chassi de um caminhão de carga. Do alto da escada a bola despenhou como um cadáver, rolou escada abaixo, sem pressa, arrastando-se cheia de lama e se enfiou entre os tornozelos do jogador como se tivesse enfim encontrado o descanso final. Atrás dela, perseguindo-a de perto, trovoadas, vento e chuva em grossos pingos caindo em diagonal, como pequenos dardos cintilantes atirados de uma janela do alto.

Manoel desceu os olhos sobre o peito, a barriga saliente de cerveja, as coxas, os joelhos finos e as canelas cravejadas de marcas. Estava descalço, de calções largos, e a bola se aninhara de tal forma entre suas canelas que sua simples presença dava a impressão de causar um efeito de compressão sobre todo o corpo contra o piso. O aguaceiro e a ventania que logo chegaram na esteira da bola colheram Manoel em cheio, ensopando-o, ele que começava a ter a sensação de ter também chegado ao ponto extremo e derradeiro de alguma coisa. Bastaria um sopro do criador para que todo ele se petrificasse no movimento eternamente não concluído. Quem o visse, séculos depois, indagaria: mas que diabo pretendera o escultor? A bola estava em vias de passar por entre suas pernas, ou ele simplesmente a dominara e amortecera para no momento seguinte, já numa circunstância que se encontrava muito além das pretensões do escultor, agarrá-la e recolocá-la em jogo? Manoel com certeza não sabia o que aconteceria com ele e a bola no momento seguinte àquele. Sua vontade, entretanto, era a de livrar-se dela, empurrá-la para o mato que crescia no jardim e correr para um lugar ao abrigo da chuva. Seus pés contudo não logravam descolar-se do chão, nem mesmo arrastar-se para o lado; seus joelhos não obedeciam às ordens cada vez mais veementes de partir, de correr do aguaceiro.

O jogador estava fincado ao pé da escada com uma bola murcha e rota grudada ao corpo, e nada parecia poder mudar isso. Manoel fechou os olhos, sentiu a testa fria e porejante; queria pôr as mãos no rosto, cobri-lo, para pensar melhor, ou simplesmente porque não queria ver o que via, como uma criança que no intuito de se esconder cobre os próprios olhos para que não testemunhem o perigo; no entanto, seus braços

eram já de bronze e seus olhos tudo viam, como que apartados da face. Eles se moviam muito próximos da bola e das canelas do jogador, colhendo a cena de ângulos diversos. Às vezes muito colados, quase rolando sobre a lâmina de bronze que revestia a pele; às vezes a uma distância que permitia ver quase todo o corpo. Estava morto? Havia morrido em Manteigas? Como, se o frio se entranhara em sua pele e ele o sentia queimar? Como, se Manoel ainda sentia o peso das roupas encharcadas, do cabelo empastado; o barro da bola na panturrilha, a laje escorregadia do piso sob as falanges, pedriscos sob a sola dos pés, a boca seca, os olhos ardendo, o coração ainda batendo? E agora, ainda mais agora, uma música nas cercanias, ou o repinicar da chuva nos telhados. Decididamente estava vivo, mas ainda assim não podia libertar-se da imobilidade. Manoel tentou cair para trás, atirando a cabeça e os ombros; tentou em seguida projetar-se para frente, esforçando-se para curvar o tronco para diante. Tentou ainda soltar o corpo sobre a bola, como se tivesse tido um desmaio súbito. Isso só fez aumentar a sensação de que suas energias estavam se esvaindo naquela chuva. A musculatura das pernas doía como se tivesse sido estirada fortemente. O mesmo acontecia com os braços, ombros e pescoço. Ao cabo de inúmeras tentativas, Manoel conseguiu girar a cabeça e depois finalmente o tronco, postando-se de barriga para cima.

Nessa posição principiou a roncar fortemente, o que fez com que acordasse. E dormisse em seguida, não sem antes voltar inconscientemente à posição anterior.

Tinha a bola rota entre os pés, a bola rota no limiar, a bola rota sob o pórtico da vida; um milímetro para diante a esfera atravessa a linha divisória, o goleiro perde, porque o gol é

marcado; um milímetro para trás, o goleiro ainda terá tempo para se salvar, desde que saiba como agir, desde que aja rapidamente, desde que tenha reflexo e sorte.

a chuva encharca até ao fundo dos ossos até ao fundo da alma a bola de couro rota está se desfazendo no solo sob a laje que contorna o jardim da casa em ruínas dissolve-se no solo torna-se terra e húmus o vilarejo dorme a siesta o vilarejo talvez tenha morrido um estágio de futebol vazio os bancos como lápides abandonadas à mercê do tempo o corpo muito leve leve e delgado passando por entre os pingos grossos e sorridentes da chuva os pingos estão rindo pressente Manoel estão inchados de tanto rir a bola dissolve-se um longo prato sumarento prato de carne vermelha escorrendo para as bordas da porcelana é preciso que o povaréu comprima-se como titãs todas as glândulas agressivas tarântula prenhe vertedouro de ódios e traumas flâmulas e bandeiras e nomes fora Manoel tu deves sair como é possível que um cego vista a camisola do Benfica a número 1 ainda mais? os gomos se desmancham nas mãos é inútil agarrar o melhor é deixar a esfera continuar no seu trajeto até o fundo das redes desmancha-se aos poucos apaga a memória do que foi os gomos desfazendo-se em um caldo escuro transbordando para as bordas do prato um bife sangrento no entanto a bola não avança apenas torna-se corpo indefinido os olhos querem mantê-la sob vigilância é ela que faz a história ela é que guarda o destino estúpido e inconcebível que em uma porfia dessa magnitude tenham escolhido

a bola rota e não outra a bola morta e não a certa a bola de couro gasto e não uma encouraçado repinicante luzidia e esférica como a matemática inteira quiseram esta apática e

desmantelada imaginas tu Benfica e Sporting o povaréu nas arquibancadas uma igreja de homens fervorosos destelhada e a esfera desfeita sob a chuva esfera ilhada amaldiçoada outra bola urgente trepidante caminhando de um pé a outro não esta ave transparente voando por sobre as cabeças do povaréu sem ser avistada sem alarde sem anunciar seu fado mas sempre viajante mas com que perigo? com que raiva com que irreverência passa a bola se nova e cantante por baixo do corpo de um desavisado? desviar-se-á de um outro que avançara sobre ela com a biqueira mas a flecha disparada da seteira rente pelo relvado inútil a bola intrépida escolhe seu futuro no erro mas somente a nova ao menos rediviva não a morta a rota a lorpa esta fica e na chuva chora

e dos olhos foge esconde-se deplora o que estou a cantar? a Serra da Estrela está em chamas desde o 25 de abril havia que destruir tudo o que o Estado Burguês possuía enfraquecê-lo para sempre os olhos ardem as labaredas sobem os pinheiros gemem sob o fogo os pinhões estouram com o calor as lebres cozidas no braseiro os estorninhos tombados sobre as cinzas tisnados carbonizados os tojos esturricam muito justo a natureza era do Estado de acordo com a revolução quer-se derruir o Estado destrói-se a natureza por inteiro sinto-me afundar na terra deve existir um modo de escapulir da pedra romper o tempo da rocha insuflar a bola reacender-lhe o ímpeto o fogo o inesperado o fortuito no entanto mal sinto meu corpo respirar no alto fumos negros um sentimento de dor entranhando-se nas poucas nuvens serranas nem mesmo do alto dos montes no topo dos cumes se vê uma só pincelada de azul no céu a vila de Manteigas sufoca sufocam as outras vilas próximas hotéis e quintas faldas e meandros lapas e grutas e gretas tudo tem a

marca da revolução tudo já não é de mais ninguém tudo já não é mais nada um odor fétido no ar murrinha de carne putrefacta pássaros mortos eis o Estado Burguês Estado sem asas ou penas ou folhas ou ninhos ou patas ou garras ou pelame ou sombra raízes poucas nada de flores ou frutos os córregos assoreados a água contaminada a chuva cai sem parar Cordeiro de Deus? mas mesmo assim a floresta ainda arde dias e o espírito dela ainda hoje clama contra o feito fora Manoelzinho tu não vestes mais a camisola do clube tu estás na rua não entras mais no clube não voltas mais nem para pegar tuas coisas no vestiário nós te mandamos para casa com teu pé fraturado e tua falta de vergonha e tua falta de caráter e tua falta de coragem e tua mentira e tua insensatez e tua hipocrisia em uníssono te expulsamos do relvado e da vida não chores no relvado por tua fratura ossos cosem-se de uma maneira ou de outra mas nada se pode fazer para reparar teu caráter e para compensar teu crime vês a bola deste-a ao adversário deste-a justamente ao ponteiro Costa-Campos que não é nenhum Eusébio mas foi amestrado por quem sabia o que ensinava ei-lo passando por ti como se por ti cruzasse numa rua em uma tarde domingueira ei-lo sem urgência conduzindo a bola e fazendo o golo escuta ouve o contato do relvado com o couro a bola distancia-se de ti depois de empurrada por Costa-Campos os gomos desfilam como numa parada mas tu não consegues ver porque perdeste tuas lentes e não consegues ouvir o que a bola te diz porque o povaréu do estádio já urra de raiva contra ti e os do Sporting já urram de alegria e a alegria também é contra ti o que tu pensas? vês a bola que te infligiu o fracasso que causou uma reviravolta em tua vida que te arrastou de dor pela grama? é a mesma bola que ganhaste no

dia em que completaste cinco anos não haveria de ser qualquer uma mas a que tu preferias mais a que tu mais amavas a que era mãe e pai de todas as outras que tu conheceste depois cor de castanha bem assada besuntada de sebo nas costuras os gomos grandes e gordos como a boca da Ernestina que tu beijaste aos oito e não haveria de ser? era a mesma bola a perseguir-te está agora sob teus pés tu não podes exigir dela que supere com sua fácil soberba por cima das cabeças dos jogadores grandes lanços não há como fazê-la voar não há como atirá-la para o alto com o bico enfurecido da chuteira não há como dominá-la e fazê-la deslizar por entre as grandes linhas do relvado não há como agarrá-la firmemente contra o peito bater com ela contra o chão três vezes como fazem os guarda-metas porque é uma bola rota e morta em teu peito o que tu pensavas? não tens o direito de interromper o fluxo do tempo não tens o direito de manejá-lo a teu talante já conseguiste demais dando vida a essas vozes nossas vozes do passado trazendo-as para aqui para justificar teu sofrimento e tua inação mas vê e escuta bem Manoelzinho ouve como as vozes já não vibram como chibatadas já não arrancam de ti o que tu não podes mais dar abre os olhos ao menos os do espírito e busca captar o que aconteceu no dia em que tu foste o sujeito mais ridículo de todo o Portugal vê levam-te numa padiola depois de haveres chutado a crosta terrestre mal aconselhado por tua cegueira e caído com o tornozelo quebrado tuas lentes de contato não as tens mais perderam-se enterradas na pequena área instantes atrás sepultadas na terra nascerão outras em pencas e tu és levado para fora das quatro linhas escoltado por teu médico pelo assistente do teu médico e ao lado deles está teu técnico a vituperar contra ti mas que subitamente se cala

compadecido quando percebe a gravidade da situação e tu também não vês nem pressentes os aficcionados dezenas de milhares agora quase silentes os do Benfica e os do Sporting pois tu desmaiaste de dor e de paúra mas ficas tu sabendo que as vaias cessaram tu não precisas mais de nosso clamor ou de nosso ódio tu podes viver sem nós e também podemos passar sem ti há mesmo uma e outra manifestação de apoio pequenos focos na miríade de cabeças e braços e corações chagados como a dizer que torcem ainda por ti que perdeste esta mas ganhaste outras muitas outras e que o Sporting receberia o que merecia sempre fora assim e quando chegas ao vestiário o que é que tu vês quando teus olhos se abrem o que é que tu vês agora?

paredes brancas caiadas vitrais vasados contra o céu branco à espera de que os artesãos venham colori-los com cenas bíblicas com cenas bucólicas com cenas com magotes de aficcionados à boca do estádio ombro a ombro costa contra peito joelho contra coxa punho contra punho camisolas coladas ao peito estufado é vencer ou morrer a massa humana avança todos os portões escancarados fiéis afoitos adversários desabalada correria pela nave da catedral preces para o alto o calão para os lados lírios faltam porque não existe a paz mas papéis picados e rojões e ali as paredes do vestiário paredes caiadas do vestiário frágeis como açúcar cristalizado sobre um doce de festa por que é que me ofereces a mão Mário de Sá-Carneiro? não sou como tu não vou contigo larga-me asa.

Capítulo 14

No momento em que Joe abriu os olhos, prismas de luz coalhavam o quarto; era como se seus olhos estivessem boiando no interior de uma redoma de celofane amassado.

Ele os esfregou com vigor, para expulsar essa imagem, pegou os óculos que deixara no criado-mudo e voltou a olhar ao redor do quarto, até que voltasse a ver o que habitualmente via: paredes nuas, perpendiculares, as fotos de seus dois filhos em frente, à direita; a penteadeira de Kate mais à esquerda, na mesma parede; o porta-mantô no outro canto, próximo à porta, a cômoda de laca escura na parede da esquerda, que era justamente o lado em que Kate dormia; e a poltrona de veludo próxima à janela, á direita, quase tocando o cortinado amarelo-claro, muito fino, que cobria apenas o vão da janela.

Havia tempo suficiente para Joe tomar seu banho, vestir-se, preparar seu desjejum, dar cabo do cadáver do pato selvagem e ir para a estação ferroviária, chegando ali em tempo de comprar o bilhete e tomar o trem das 10h25 para

Ross- lare.

Apesar de ter plena consciência disso, era como se um alarme invisível tivesse sido acionado no momento em que tomou consciência de que acordara, acelerando seu pulso, e o angustiando com a improvável perspectiva de que se não se apressasse não chegaria a tempo de salvar Kathleen.

Com esse espírito, Joe cumpriu atabalhoadamente sua rotina matinal, apenas zelando para que Kate não acordasse, para não ser obrigado a lhe dizer, novamente, que ia ao porto de Rosslare receber sua filha; e para lembrar-lhe de que Mrs. Breen logo viria para fazer-lhe companhia.

Quando Joe abriu a porta da frente da casa, e se virou na direção da janela em que a carcaça do pato selvagem fora maldosamente impressa, quase atropelou o corpanzil de Mrs. Breen, que se postara inteiramente imóvel, sabe-se lá desde quando, em frente à vidraça ensangüentada, bem próxima ao corpo do animal, enquanto seus olhos não desgrudavam da gelosia borrada de vermelho.

O marido de Kate, tendo às mãos diversos petrechos de limpeza e uma determinação que só as manhãs claras podem testemunhar, quase atropelou a rude mulher da Connemara.

-- Mrs. Breen! disse ele, por pouco levando-a ao chão.

-- Mr. Hayes! respondeu ela, equilibrando-se, com suas roupas escuras como a turfa, para não pisar na ave estirada junto ao parapeito da janela.

-- Quem fez isso, senhor? Que lástima!

-- Se a senhora puder ajudar-me com essas coisas, agradeceria. Infelizmente tenho de partir imediatamente para Ross- lare, encontrar com minha filha.

Joe depôs o rodo, o balde com água, o pano que tinha

sobre o ombro e o frasco de detergente ao lado das pernas protegidas por grossas meias marrons, de Mrs. Breen. Cumprimentou-a com um ligeiro aperto de mãos e em seguida tocou a aba do seu chapéu de tweed com a ponta dos dedos, a título de despedida, e ganhou a rua, não escondendo a pressa.

Antes porém de se ter afastado alguns passos, voltou-se e disse:

-- Kate a está aguardando. Pode subir quando quiser. Até a vista.

-- Is she recovering? perguntou Mrs. Breen, quase berrando.

-- No doubt. But Kate is got to rest. Goodbye.

Ao passar em frente do Vauxhall, cogitou por um minuto na hipótese de ir com seu carro até a estação ferroviária, deixando-o nas proximidades, mas acabou desistindo da idéia. Quando regressasse com a filha, tomariam um táxi para sua casa. Seria mais confortável para Kathleen. Ocorreu-lhe novamente a hipótese que já aventara de que talvez Kathleen precisasse de uma ambulância, e nesse caso, sem o carro, ele poderia ir com ela.

O céu ostentava um azul impecável, de uma coloração forte, quase acessível, mas Joe não tinha olhos para o alto. Estabelecer uma hierarquia para seus pensamentos parecia igualmente fora de questão.

Ao deixar o número 9 da Iona Park, percebeu que além da necessidade de se certificar de que Katlheen estaria fora de perigo, e de trazê-la para sua antiga casa e seu antigo quarto, sentiu uma necessidade ainda mais premente, que era a de evadir-se dali, de fugir ao constrangimento de presenciar a todo instante a marca do tempo agindo sobre ele e Kate.

Nesse sentido, a presença de Mrs. Breen era um salvo-conduto reconfortante para que Joe saísse ainda mais apressadamente de casa, fato de que Joe se deu conta nem bem virou a primeira esquina.

Contudo, seria difícil saber em que ponto, em sua caminhada a passos curtos e rápidos, Joe também se apercebeu de que Mary Mcnulty fazia-lhe uma enorme falta. O certo é que antes de chegar a Drumcondra, Joe tomou consciência de que a viúva de seu amigo Creg era alguém a quem gostaria de ter a seu lado sempre que pudesse, mesmo que essa proximidade não significasse mais do que uma ocasião de partilhar afeição. Se isso não era inteiramente novidade para ele, já que inegavelmente nutria enorme simpatia por ela, o fato é que era a primeira vez na vida em que pensara em Mary dessa forma, não estando ela a seu lado; e era a primeira vez em que sentia sua falta com aquela intensidade.

Assim, antes de fazer sinal para o primeiro táxi que passava, Joe já estava decidido a lhe telefonar, para agradecer a hospitalidade, para perguntar sobre o pequeno Jim, e para lhe dizer que mais cedo do que imaginava ele voltaria.

-- Para onde, sir?

-- Amiens Street, if you please.

-- Connolly Station, sir?

-- Exactly. Thank you so much.

Na altura da Gardiner com a Sumerhill olhou o relógio. Era um disparate. Estava quase uma hora adiantado, e se encontrava a poucos metros da estação.

Pediu ao motorista que parasse ali mesmo, e decidiu

seguir a pé. No caminho encontrou uma cabine telefônica e ligou para sua casa para saber se o comissário Duffy ligara do ferry-boat. Atendeu Mrs. Breen.

-- Nenhuma ligação telefônica, Mr. Hayes. Está tudo calmo em sua casa. Mrs. Hayes ainda está deitada.

Joe agradeceu, em certa medida aliviado, já que se algo de mais grave tivesse acontecido a notícia já teria chegado. Concorda, Stephy?

Quando atravessou o guichê com o bilhete do trem nas mãos e subiu as escadas até a plataforma, não viu absolutamente ninguém pelo caminho além do vendedor de passagens. Olhou os trilhos perdendo-se numa curva, à direita e à esquerda; a brita salpicada de graxa, acamada entre os dormentes apodrecidos, as finas pilastras de ferro fundido trabalhado, terminadas em arcos, plantadas de espaço em espaço, sustentando telhas gastas pela umidade e pelo tempo, e durante alguns momentos recriminou-se por haver escolhido aquele meio de transporte. Se tivesse decidido viajar com seu carro, já estaria a caminho, talvez em Bray, ou mesmo em Greystone.

Seus olhos perseguiram novamente os trilhos, perdendo-se numa curva, para além da qual se descortinava o casario vizinho, com seus baixos prédios, suas chaminés de diversos tamanhos, tipos e cores, e suas calçadas estreitas. Acima de tudo as torres imponentes da estação, que outrora se chamou Amiens Street Station.

Pôs-se à escuta, a concha das mãos ao redor da cavidade auricular, o corpo levemente curvado para diante, como se quisesse contemplar os trilhos do alto e ver seu rosto estampado na tira prateada de rolagem, que se perdia na distância como um estreito espelho de água mergulhando na

terra.

Nem sinal ainda do Expresso. O ar imóvel parecia túmido de tanto anil, e a paisagem urbana dava a impressão de ter sido compactada, também ela, numa cápsula azulada de oxigênio. Nada, absolutamente nada, parecia existir ali, além das edificações e dos passos indecisos de Joe, ecoando no vazio vez ou outra. Onde estavam os pombos da cidade àquela hora?

Ele não se decidia se ficaria de pé, próximo da borda da plataforma principal, aguardando o trem, ou se recuava e se sentava em algum dos bancos de madeira escura encostados ao fundo, próximos à parede externa da edificação.

Decidiu por fim afastar-se da linha dos trilhos e se sentar. A caminho, o ruído de seus passos se confundiram com os de outro. Era o inspetor da estação, chegando à plataforma para se certificar de que tudo estava em ordem e autorizar a aproximação do Expresso para Rosslare Harbour. Os dois homens se olharam com indiferença quase profissional, em seguida o inspetor deu as costas ao outro, descendo as escadas por onde subira e deixando Joe novamente sozinho na es- tação.

Avaliar quantos minutos teria Joe Byrne Hayes permanecido ali, à espera do trem, nem mesmo Joe saberia fazê-lo. O fato é que quando a locomotiva apitou na curva, pouco antes de parar, a mente do pai de Kathleen havia transportara-se para algum ponto no meio do oceano, para acudir sua filha, depois estivera com uma hipotética xícara de chá nas mãos, interposta entre ele e Mary, voara até o cemitério em Rahoon, e ali permanecera algum tempo sob a copa de um carvalho; fora às Ilhas Aran, visitara com Stephy o forte de Dun Aengus, em Kilronan; vivenciara cada

instante do acidente na N7 com seu Austin, todos os detalhes, as rodas travadas, deslizando sobre as poças, até o choque com o Taurus, Stephy atirado com violência contra o vidro. O cristal da vida em estilhaços, Joe. Retornara a Dublin, mais precisamente para seu lar, aí ouvindo nitidamente a voz de Mrs. Breen dizendo que estava tudo bem em sua casa e que Kate dormia ainda, em seu quarto.

Foi preciso que o Expresso apitasse uma segunda vez avisando que em breve partiria para que finalmente seu espírito afoito pousasse na plataforma e o advertisse de que convinha embarcar.

O trem parte de Connolly, irrompe pela estação Tara, sem parar; cruza a Pearse mais lentamente, como se buscasse algum viajante retardatário, e prossegue em seu caminho, deixando para trás Sandymount, Sidney Parade, e Killney, onde o trem parece pairar suspenso sobre o mar e atrai a atenção de banhistas, que mesmo na incipiente primavera já se aventuram nas frias águas da costa irlandesa.

O Expresso só pára em Bray, onde é recepcionado por uma estação inteiramente vazia. Na pradaria defronte, idosos golfistas arrastam seus carrinhos de golfe como bestas de luxo. São 10h45 e o trem, inabalável em sua convicção de que os passageiros virão, abandona-se à gare por 16 minutos contados no cardíaco relógio de Joe. Parece um suplício.

-- "Nunca toque os arminhos, Stephy".

-- "E por quê?" perguntou ele sentado no colo do pai.

-- "Porque a lenda diz que a criança que os tocar não crescerá. Ficará sempre pequena, exatamente do modo em

que se encontrava quando tocou o animalzinho".

-- "Eu não me importo. Não quero crescer. Quero ficar como estou agora, pai".

Joe respondeu-lhe que era preciso crescer, crescer e ficar maduro e forte, e depois envelhecer. Era assim que tudo acontecia. Stephy tinha que se conformar com isso. Logo ele estaria adulto, trabalhando, tendo filhos, como seu pai. Depois de dizer isso, Joe deu um gentil empurrão no filho, que saltou para o chão.

Às 11h01 o trem deixa para trás os golfistas de Bray, e segue um traçado caprichoso como um ponto de tricô, sobre os rochedos.

Penhascos crescem sob as rodas. Despontam à direita, cada vez mais próximos do comboio. Uma densa neblina subitamente engolfa tudo, cobrindo a paisagem marinha que se descortinava à esquerda, e mal permitindo a visão das ondas rolando mansamente sobre as margens de cascalho e areia grossa. O trem penetra por um túnel encravado na rocha e mergulha na escuridão. Joe fecha por um instante os olhos.

-- "É preciso crescer, crescer e envelhecer, Stephen. Logo você estará grande, trabalhará, terá filhos e envelhecerá um pouco cada dia, como eu e sua mãe".

Quando a locomotiva vence o túnel, rebrota uma paisagem cheia de luz, quase alegre. Os penhascos recuam e uma várzea de ramas macias aparece à direita do comboio. Surgem campos de futebol. Traves tomam conta da paisagem. Sobre elas assentam gralhas. Por sobre tudo isso, falcões comandam do alto, sobrevoando o mundo, sua presa.

Às 11h10 a locomotiva reduz a velocidade, entrando em

Greystone lentamente, onde permanece alguns segundos. Em seguida arranca com vigor. Areias muito brancas e uma orla de arabescos desenha-se ao longo dos trilhos. Banhistas acenam. Pescadores de linha, com suas varas e petrechos, entrincheirados, muito próximos uns dos outros, vigiam imóveis, arrostando com perseverança o sonolento marulhar das águas.

Cresce à beira da ferrovia um talude verde, ziguezagueante, flanante: bordadura entre o mar e o caminho de ferro. Garças passam à meia distância da orla, em vôo militar.

Joe imagina o Saint Killian II tomando posição algumas milhas acima do rochedo Tuskar. Consulta seu relógio. Ainda é cedo para que isso aconteça. Conjectura que o barco deve estar ainda bem a boreste desse ponto, a pouco mais de 45 milhas marítimas do porto de Rosslare, se estiver no horário.

Buscando se tranqüilizar, Joe visualizou mentalmente a quilha do barco elevando-se branca e reluzente, por sobre as ondas, e Kathleen sentada em sua cabine, quase inteiramente refeita da noite anterior, onde fora adequadamente assistida. Teria sido assim?

Wicklow às 11h27. Na gare cruzam passageiros atarantados, como se todos sem exceção fossem tomar o trem pela primeira vez. Muitos sobem nos vagões, voltam à gare para se despedir de amigos e parentes, abraçam-nos rapidamente, estreitando-os com força e retornam ao vagão.

Enquanto isso, um homem com um toco de cigarro entre os lábios, a testa franzida e as pernas meio-abertas, como se tivesse entre elas uma valise de mão, espreita as janelas dos vagões. Joe se apercebe dele, quando vagarosamente passa

defronte. O conhecido que aguardava talvez não pudesse vir a seu encontro. Passados alguns instantes, o sujeito deu de ombros, afundou o pescoço no ninho xadrez do cachecol e desapareceu pelo portão da estação.

O trem deixa a orla e cruza por um descampado semi-escondido na bruma. Flocos translúcidos de névoa rolavam a esmo, como bolotas de feno etéreo sopradas, deixando a descoberto porções de mato rasteiro. Adiante, morretes com pinheiros, pastos demarcados por moitas de tojos amarelos. No meio deles, ovelhas inertes, petrificadas, parecendo sofismar sobre a qualidade da forragem.

Rathdrum é o nome que às 11h48 aparece inscrito em um painel colado a uma parede de pedra. O Expresso se detém ali apenas dois minutos.

Se houvesse um telefone ao alcance, Joe ligaria para casa, ligaria para a empresa marítima, ligaria para Paul. Fechou os punhos no bolso da jaqueta, encontrando no fundo deles o embrulho tosco que fizera para abrigar os dois cisnes inacabados, com os quais presentearia Kathleen quando a encontrasse. Depois, passada a emoção do reencontro, quando chegassem a Dublin, Joe tomaria seu presente de volta, para concluí-lo. Faltava qualquer coisa, um arremate, a muscula- tura peitoral mais saliente, a vibratilidade da plumagem das asas, o contorno das garras.

Naquele momento, porém, ao enfeixá-los com força na palma da mão enluvada, não pensava em sua arte. Não pensava nos cisnes que construíra, e que nasceram de uma pedra que tinha dentro de si uma vontade de vôo aprisionada. Comprimia-os com força, apenas isso, não se dando conta do que eram naquele momento, e o fazia para extravasar sua muda revolta contra o tempo, contra o meio de transporte

que escolhera, contra seu destino. Concluíra, convencido por um oportunista sentimento de desânimo, que nos momentos cruciais de sua vida falhara, ou porque tomara a decisão não acertada, ou porque não realizara o que lhe cabia realizar, ou porque executara mal o que poderia sem esforço excepcional fazer bem. Fora assim com os filhos, fora assim com Kate, fora assim na marinha, fora assim depois, na empresa de navegação. Começava a duvidar de que chegaria a tempo para receber sua única filha; pôs em dúvida sua capacidade de dar a ela apoio e segurança; por um instante teve a certeza de que não seria capaz de entender o que se passava com ela. Chegou mesmo a desejar que Paul estivesse ali, a seu lado, partilhando responsabilidades.

O trem deixa Rathdrum, percorre áreas de reflorestamento, cruza regatos escuros e chega em Arklow às 12h04, abandonando a estação três minutos depois. Uma mulher corpulenta descera na estação com um maço de flores nos braços. Viera anunciar a primavera, mas não havia nenhum ser vivente para dar a ambas as boas-vindas.

Joe encostou a cabeça no vidro do trem, e deixou seu olhar pervagar pela paisagem. Campos de cevada e pastos de ovelhas alternavam-se até a chegada em Gorey, com seu ar de subúrbio industrial. A vida parece parar de fluir por dois inúteis minutos, tempo em que a locomotiva se deteve ali, descortinando das janelas dos vagões uma paisagem cinzenta quase sufocante. Joe examina seu relógio.

Às 12h25, como recompensa, o comboio mergulha numa densa vegetação em que predomina o tojo. O rio Slane surge à esquerda, acompanhando os trilhos.

Um minuto em Enniscorthy. Não deveria merecer tanto. Logo sua fábrica de cimento fica para trás, o trem parte com

fúria, o Slane investe contra o trem, como se demonstrasse, também ele, pressa em partir. Passa por baixo dos trilhos de um pontilhão, correndo agora à esquerda; titubeia, regressa para o lado direito, atravessando novo pontilhão e corre ao lado da locomotiva como uma esteira de prata desdobrando-se.

De repente o sol se torna mais tíbio e pálido. O céu se esconde sob uma camada de porcelana cinzenta. O Slane se alarga, em compensação, mas muda o curso, já sem o brilho metálico que ostentara, e desaparece.

Instantes depois ressurge ao lado dos trilhos. Plantações de linho crescem em suas margens, agora lodosas. Barcos lado a lado estão espojados sobre a lama, como lagartos. Uma aldeia viking à frente; a poucos passos um torrete inglês. As épocas se sobrepõem.

O Slane finalmente alcança o mar. Wexford às 13h07. Parada de três minutos. O comboio agora desliza lentamente. Pubs de um lado e piers de madeira do outro. Gaivotas vigiam a fortuna dos pescadores. Joe verifica as horas, busca injetar sua urgência nos ponteiros do relógio.

Às 13h24 o trem alcança Rosslare Strand, uma faixa de terra que liga o continente ao porto. Campos de cevada se estendem até o limite da ilha, até o último quinhão de terra da Irlanda. O Expresso parte às 13h25. Joe enfia os dedos da mão no interior do colarinho, em busca de ar.

Olha novamente o relógio.

Às 13h30 o Expresso, com quinze minutos de atraso, chega finalmente a seu destino. Joe reconhece que apesar do atraso chegara em tempo, e por isso começa a se sentir mais aliviado. Ainda assim, queria urgentes notícias do Saint Killian II, queria falar ao telefone com Duffy, queria tomar

as rédeas dos acontecimentos.

Com esse ânimo, saltou sobre os pés assim que o trem parou. Tinha muita pressa, uma pressa de músculos irrefreados -- e uma necessidade quase insopitável de correr, alimentada por um ímpeto inesperado.

Alcançou um longo corredor envidraçado, à saída da estação, que se estendia ao longo do atracadouro, e caminhou por ele sempre ladeado por passageiros e carregadores.

Por um momento súbito passou por sua mente o fato de que chegara em Rosslare sem uniforme, sem malas, com as mãos vazias. Que liberdade era aquela? perguntou-se Joe enquanto seus passos o conduziam ao balcão da Irish Ferries.

Antes de deixar o corredor de acesso, porém, retardou o passo e se voltou na direção de uma das janelas panorâmicas voltadas para o mar. Nenhum sinal visível no horizonte de que o Saint Killian II se aproximava. Mas ainda era cedo.

-- "Desculpe-me Stephy, o que foi que disse, mesmo?"

-- "Que o pai de Anthony contou que as focas eram náufragos. E que matá-las dá azar".

-- "As focas não merecem morrer de jeito nenhum, filho".

Capítulo 00

Durante aqueles longos 16 minutos em que Joe aguardou na estação de Bray que o trem partisse, teria havido tempo mais do que suficiente para o velho homem se lembrar, dentre muitas outras coisas ocorridas em sua vida, de que há quase um ano, em um pub nada especial de Dublin, fora atraído por uns cadernos largados sobre o balcão por um sujeito a quem jamais vira e a quem jamais veria outra vez. Ele teria tido a chance, se procurasse reavivar o acontecimento em sua memória, de recordar por exemplo da conversa que tivera com o proprietário do pub, e sobretudo do sentimento de euforia que tomou conta dele quando ao folhear os originais de J. J. deu-se conta de quem era o autor.

Entretanto, não lhe fora possível, de imediato, ligar esse acontecimento e o título da obra ao fato de que Joyce, nos idos de 1913, amiúde procurava convencer Boris Furlan, adorador de Nietzsche e Schopenhauer, e seu aluno em Trieste, de que Tomás de Aquino era o maior de todos os filósofos, e de que seu raciocínio era como uma espada com o gume muito afiado. Há ainda testemunhos de que Joyce dissera a seu aluno que costumava ler uma página do pensador católico diariamente.

Naquele dia inusitado de 1989, o antigo funcionário do Irish Ferries deixou o pub com sua nova aquisição, entrou em seu carro e dirigiu pouco mais de quarenta minutos, até se encontrar longe da cidade e a salvo de conhecidos curiosos. Em um ponto qualquer da costa irlandesa parou seu

carro e examinou boquiaberto cada um daqueles cadernos, finalmente estabelecendo a conexão entre o que Joyce dissera a Furlan e a índole quase encomiástica da obra. Esta, por sua vez, não era extensa. Caso viesse a ser editada caberia em um volume de 100 páginas, o que não era muito, mas o suficiente, entendia Joe, para obrigar os críticos e detratores do escritor a rever substancialmente suas posições.

Joe Byrne Hayes jamais teve a menor idéia de como aqueles papéis chegaram até ali. Se soubesse, talvez não fizesse muita diferença, sobretudo porque o percurso daqueles cadernos, sua história, enfim, é algo que parece ainda mais inverossímil do que a existência da obra propriamente.

Em 1913, quando James Joyce morava justamente em Trieste e lecionava na Scuola Superiore di Commercio Revoltella, teve entre seus alunos, além do providencial Furlan, a senhorita Amalia Popper, cujos dotes físicos inspiraram o autor a compor a personagem de Molly Bloom, ao menos na conspícua opinião de Ellmann.

Amalia, certa feita, dera a Lucia, filha de Joyce, uma flor. E ele aproveitou o pretexto para compor uma poema, dentre outros que Amalia inspiraria, que tinha por título "A flower given to my daughter" e que falava das frágeis mãos e da alma pálida da senhorita Popper, fazendo transpirar sentimentos que não eram de mero agradecimento pela dádiva.

Por essa época, o autor, em um de seus encontros com a

pupila, com quem vez por outra discutia seu trabalho, e no intuito de demonstrar sua confiança quase ilimitada na bela jovem, esperando evidentemente que a recíproca fosse verdadeira, entregou-lhe quatro cadernos de um romance de sua autoria intitulado *Aquinas*. Fê-lo num arroubo desajeitado, exigindo meigamente que a aluna manuseasse o trabalho em sigilo absoluto, porque ele, Joyce, não estava seguro de querer revelá-lo ao mundo, ao menos naquele momento.

Não se sabe por que razão esses originais jamais foram devolvidos a Joyce. Amalia, por sua vez, ao que consta jamais buscou tornar público esse segredo, cumprindo até onde lhe foi possível a promessa que fizera a seu mestre.

Quando morreu, viúva e sem herdeiros, seus poucos bens foram a leilão por iniciativa do senhorio credor, que não apurou muita coisa, exceto pela venda de um aparador veneziano do século XVII, arrematado por um alto funcionário de um banco inglês, que deixou nas mãos do referido senhorio um gordo punhado de libras.

O móvel veneziano acompanhou as diversas transferências do alto funcionário, primeiro para Hamburgo, depois para Belfast e por fim para Dublin. Durante longos anos, os quatro cadernos inéditos de James Joyce permaneceram intocados no fundo falso de uma das gavetas do móvel, que a certa altura, já infelizmente carcomido por cupins, foi abandonado no sótão de uma bela casa de aluguel, quando o mesmo alto funcionário aposentou-se e transferiu sua residência para Cardiff.

Na primavera de 1989 o móvel, inteiramente danificado, foi sem piedade posto abaixo a golpes de machado pelo proprietário da casa em que o bancário residira no passado.

Parte do que restou dele transformou-se em lenha para lareira; parte foi parar junto a uma lixeira, na porta da rua. Na noite em que isso se deu, um homem de meia-idade, vestindo uma gabardine de tamanho menor do que o dele, mas em muito bom estado, uma calça de sarja escura e um chapéu castanho, parou em frente àquela lixeira e remexendo alguns pedaços de tábuas carcomidas encontrou também uma pequena gaveta à qual faltava um dos lados. O homem de meia-idade recolheu toda a madeira que pôde, apesar de imprópria para o aquecimento, inclusive a gaveta, e as enfiou em um saco, carregando tudo consigo.

Mais tarde, ao examinar sua coleta, descobriu os cadernos, cujas folhas despontavam do fundo falso, já também atacadas pelo tempo e pela fúria dos cupins, mas ainda legíveis. Durante alguns dias, carregou os cadernos debaixo do braço. Lia trechos aqui e ali, assinalando passagens com um toco de lápis de ponta grossa. Fazia anotações pessoais nas margens e se sentia imaginativo ao fazer isso. Em um final de tarde o homem de meia-idade, sempre com os cadernos debaixo do braço, entrou em um bar modestíssimo, bebeu uma cerveja e depois outra. Como não tivesse dinheiro para pagar, tomou a sábia decisão de evadir-se o mais rapidamente possível do local. Na pressa, os cadernos foram esquecidos sobre o balcão.

No assento vizinho ao do homem que debandara, estava Joe Byrne Hayes. Este, movido por intensa curiosidade, se prontificou a pagar a conta do fujão, desde que o dono do estabelecimento o deixasse ficar com aqueles papéis. O trato foi imeditamente concluído entre as partes.

Joe guardou os cadernos de Joyce sob sua escrivaninha durante meses. Um dia, alugou uma máquina fotocopiadora e os reproduziu, organizando o material em quatro envelopes, cada um correspondendo a um caderno do *Aquinas.*

Quando os jogadores assentiram em participar do jogo de Dublin, Joe decidiu que esconderia cada uma das quatro cópias em pontos diferentes da cidade. Caberia a Manoel localizar as que correspondiam ao primeiro e quarto cadernos; caberia a Lucien achar as cópias restantes. Esse seria o último, o derradeiro lance do jogo. Aquele que conseguisse impactar mais fortemente os meios jornalísticos com seu achado seria o grande vencedor, desde que tivesse cumprido as etapas anteriores.

Com esse plano em mente, Joe esconderia o primeiro envelope, talvez por ironia, atrás de uma imagem de São Custódio, próxima à extremidade esquerda do transepto da igreja de São Francisco Xavier.

Chamou caprichosamente a tarefa de *Grace*, conto de Joyce com o mesmo título, e no qual a igreja é referida.

O segundo envelope seria introduzido na torre Martello, que se havia tornado Museu James Joyce desde 1962, por iniciativa de Sylvia Beach, editora dessa obra. Ali, no último pavimento, Joe localizou uma pedra solta na parede. Retirou-a, depositou no interior da abertura o envelope dobrado e recolocou a pedra, assinalando-a discretamente com uma faixa azul, feita com uma caneta de ponta porosa. Essa tarefa, por razões óbvias, recebeu o nome de *Telemachus*, primeiro episódio do *Ulysses*.

O terceiro, deixado atrás de uma prateleira de comendas militares, no pub The Norseman, antigo bar de O'Neill, na Eustace Street, cuja reputação de falta de higiene era uma

garantia de que o material não seria violado por mãos humanas, até que um dos jogadores o resgatasse, embora pudesse sê-lo por minúsculas garras de roedores. Nome da tarefa: *Counterparts*, título extraído de um conto homônimo.

O último envelope seria deposto no alto do armário de paramentos da sacristia da igreja de St. Andrew, na Westland Road. No *Ulysses* Joyce chamou essa igreja de All Hallows, nome de um antigo monastério que fora localizado no terreno, hoje em poder da instituição Trinity College. Essa tarefa ganhou o nome de *Lotuseaters*, episódio de *Odissey*, segunda parte do *Ulysses*.

Estando tudo isso arquitetado, Joe se pôs a visualizar o que ocorreria quando as primeiras notícias da obra inédita surgissem à tona, e concluiu que a inevitável confusão estabelecida nos meios jornalísticos e acadêmicos, inclusive com o concurso de argumentos contestando a veracidade dos papéis, viria muito a calhar. E argumentos contrários não faltariam, a maioria deles estribados na comezinha lógica de que não era plausível ou mesmo provável que dois sujeitos estrangeiros, de passagem pelo país, realizassem semelhante achado, e muito menos que o fizessem simultaneamente.

Quando o calor da discussão estivesse em seu auge, os originais em poder de Joe finalmente viriam à luz, os espíritos em guerra seriam obrigados a se calar, forçados a rever seus pontos de vista, e a reavaliar tudo novamente, reescrevendo a história literária e intelectual da Irlanda -- a história de seu pensamento -- com os novos fatos encontrados, tornando-a mais rica e verdadeira, e por conseguinte mais perfeita, exatamente como Aquino aconselhava os homens.